

SÉRIE
OS SETE REINOS
VOLUME IV

A COROA ESCARLATE



CÍNDIA WILLIAMS CHIMA

SUMA
de letras

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

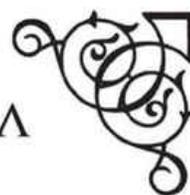
Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



CÍNDIA WILLIAMS CHIMA

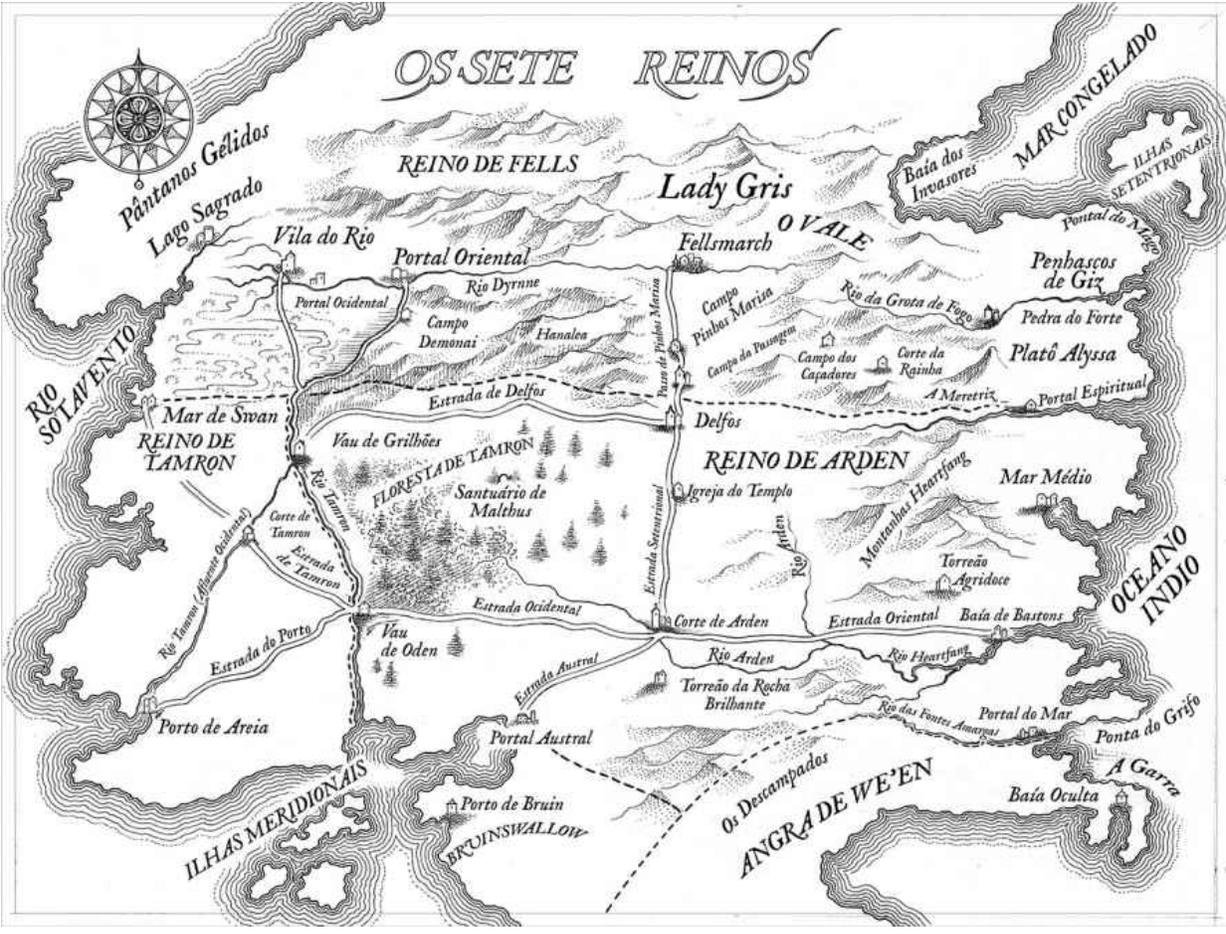


SÉRIE
OS SETE REINOS
VOLUME IV

A COROA ESCARLATE

Tradução
Regiane Winarski





OS SETE REINOS

REINO DE FELLS

Lady Gris

O VALE

MAR CONGELADO

RIO SOLAVENTO

Pântanos Gélidos
Lago Sagrado

Vila do Rio

Portal Oriental

Fellsmarch

Baía dos Invasores

ILHAS SETENTRIONAIS

Portal Ocidental

Río Dyrane

Campo Demonai

Hanalen

Campo Pinhas Maria

Campo da Paçoagem

Campo dos Caçadores

Río da Grata de Fogo

Penhascos de Giz

Pedra do Forte

Plató Alyssa

Portal Espiritual

Estrada de Delfos

Delfos

Mar de Swan

REINO DE TAMRON

Vau de Grilhões

FLORESTA DE TAMRON

Santuário de Malthus

REINO DE ARDEN

Mar Médio

Montanhas Heartfang

Torreão Agridoce

Corte de Tamron

Estrada de Tamron

Vau de Oden

Estrada Ocidental

Igreja do Templo

Estrada Setentrional

Corte de Arden

Estrada Oriental

Baía de Bastões

OCEANO INDIO

Río Tamaron (Alto e Baixo)

Estrada da Porto

Porto de Areia

Torreão da Rocha Brilhante

Río Arden

Río Heartfang

Río das Fontes Amargas

Portal do Mar

Ponta do Grifo

ILHAS MERIDIONAIS

Portal Austral

Porto de Bruin

BRUINSWALLOW

Os Descampados

ANGRA DE WE'EN

Baía Oculta

A Garra

Para meu avô, E. C. Bryan

CAPÍTULO UM

Princesa dos clãs

Era a maior reunião dos clãs das Montanhas Espirituais que Raisa já vira. Eles tinham vindo de toda Fells: do Campo Demonai a oeste, do Campo dos Caçadores a leste, das terras inóspitas do norte e dos vales do rio perto da Muralha Ocidental. Alguns haviam viajado de longe, dos campos de pesca ao longo da Baía dos Invasores. Guerreiros Demonai chegaram a cavalo vindos da selva, pintados, enfeitados com penas, os cabelos trançados com orgulho. Comerciantes queimados pelo sol viajaram pelos Sete Reinos levando mercadorias exóticas e notícias dos reinos ao sul.

Até os idosos disseram que a única comemoração à altura na vida deles fora a do casamento de Marianna, mãe de Raisa, com Averill Demonai; o primeiro casamento de uma rainha Lobo Gris com um integrante da realeza dos clãs desde o começo da Clausura.

Desta vez, eles comemoravam juntos na base das encostas de Hanalea a coroação de uma mulher de seu povo, Raisa *ana'*Marianna, chamada de Rosa Agreste nas terras altas, como rainha de Fells. O Campo estava decorado com guirlandas de espinhosas rosas das terras altas, o símbolo do clã de Raisa, que sempre florescia na época do aniversário dela.

Cada Campo chegou trazendo presentes, competindo nas homenagens e na celebração à nova rainha. Raisa acumulou adornos suficientes para muitos anos. Ferreiros dos clãs a presentearam com uma auréola de rosas e espinhos em ouro batido. Ofereceram peças de prata para suas selas e bridões feitos por artesãos de couro.

O Campo Demonai levou um arco feito sob medida e uma aljava de flechas com penas pretas para substituir as armas que ela tinha perdido quando Micah Bayar a sequestrara em Vau de Oden. O Campo Pinhos Marisa a presenteou com loções, remédios e fragrâncias que a lembrariam das terras altas quando estivesse no palácio.

O Campo dos Caçadores ofereceu carne de cervo, peixes do rio Dyrnne, coelhos e porcos selvagens, que passaram o dia assando em espetos.

Contadores de histórias e músicos encheram Raisa de canções e narrativas, predizendo um reinado longo e glorioso. Esses elogios prematuros a deixaram pouco à vontade. Ela era supersticiosa o bastante para acreditar que era melhor não provocar o destino.

Só não quero ser conhecida como a rainha que herdou um problema e o transformou em desastre, pensou ela. E aquela era uma possibilidade real.

A comemoração foi marcada — alguns disseram estragada — pela presença de magos. Eles haviam sido proibidos de entrar nas Montanhas Espirituais, mil anos antes. Hayden Dançarino de Fogo nascera no Campo Pinhos Marisa, claro, sendo o filho mestiço da matriarca do clã, Willo Canção d'Água. E Han Alister insistira em ir à comemoração como guarda-costas de Raisa.

A presença dele deixou a situação, que já estava tensa, ainda pior.

Não é justo, pensou Raisa. Afinal, haviam sido os Demonai que chamaram Han de volta para casa quando ele estava em Vau de Oden para ajudá-los a lutar contra o Conselho dos Magos.

Raisa estava profundamente consciente da presença dele, incapaz de afastar as lembranças dos beijos e abraços intensos e desesperados. Durante todo o dia ela sentiu a pressão daquele olhar azul. Ardia como um meteoro na visão periférica dela.

Han usava trajes dos clãs: uma calça que deixava evidente as longas pernas e uma jaqueta festiva dada por Willo Canção d'Água, com os amuletos escondidos discretamente por baixo. Han conhecia o Campo Pinhos Marisa. Passara todos os verões lá antes de se tornar mago.

Novas barreiras haviam surgido entre Raisa e Han desde a coroação dela. Os dois sabiam que um ladrão mago e a rainha de Fells não poderiam se casar, mas discordavam sobre o que fazer quanto a isso.

A ideia de Han era que ela abandonasse o trono e fugisse com ele, mas ela dissera não. Raisa propusera, então, que eles se tornassem amantes clandestinos, mas ele dissera não. Agora, ela não conseguia nem interagir com ele. E a multidão constante ao redor de Raisa impedia qualquer conversa em particular.

Ela ainda usava o anel que Han lhe dera na coroação. As pedras da lua e as pérolas cintilavam ao lado do ouro gasto do anel de lobo de Hanalea.

O dia começou com corridas a cavalo e a pé no frio matinal da montanha. Em seguida vieram competições, inclusive um perigoso jogo de bola a cavalo. Depois disso, batalhas encenadas e competições de arquearia.

Sabiá Noturna ganhou a competição de arquearia e Andarilho da Noite ficou em segundo. Raisa venceu uma das corridas mais curtas a cavalo.

— Você cavalga como uma Demonai — disse seu pai com orgulho.

Ele e Elena estavam sempre ao lado dela, apresentando matriarcas e patriarcas de todos os clãs das Espirituais. Elena *Cennestre* desfrutava a glória conferida por Raisa e cumprimentava

antigos amigos e rivais, jogando a cabeça para trás ao soltar sua deliciosa gargalhada.

O prazer de Averill era menos espalhafatoso. Como Raisa, ele ainda estava de luto pela rainha Marianna.

O banquete começou de verdade ao crepúsculo, com todos os convidados sentados a longas mesas sob o céu que escurecia. O pai estava sentado de um lado de Raisa e a avó, do outro; Willo estava ao lado de Averill e Andarilho da Noite, ao lado de Elena, em posição de honra.

Com exceção de Willo, são todos Demonai, pensou Raisa. Aquele clã guerreiro parecia estar ascendendo. Eles haviam se unido à linhagem Lobo Gris por casamento, e agora até a rainha tinha sangue Demonai.

Era uma noite quente, e Andarilho da Noite usava um colete de pele de cervo que deixava à mostra os braços musculosos. O amuleto Demonai brilhava à luz das tochas e os olhos escuros estavam encobertos de sombras provocadas pelos ângulos do rosto esculpido.

Fora os Demonai, a mesa consistia basicamente de matriarcas e patriarcas de outros Campos. Depois de correr os olhos pela clareira, ela viu Han, exilado com Dançarino a uma mesa distante, perto das árvores.

Fogueiras ardiam nos picos ao redor deles, cada chama marcando o local de descanso final de uma das ancestrais de Raisa, as rainhas Lobo Gris. Fagulhas espiralavam para cima e se misturavam às estrelas, um tributo dos habitantes das terras altas para os que não puderam comparecer ao banquete.

Quando os pratos foram retirados, Willo se levantou. As conversas ao redor das mesas cessaram.

— Mais uma vez, bem-vindos ao nosso lar — disse ela. — Hoje, homenageamos Rosa Agreste *ana* Marianna, trigésima terceira da nova linhagem das rainhas Lobo Gris. Ela é a primeira da nova linhagem que também é princesa dos clãs.

Isso foi recebido com murmúrios de aprovação.

— O sangue de todos os povos de Fells corre nas veias de Rosa Agreste — disse Willo. — Vamos esperar que a coroação dela desperte uma nova temporada de paz e cooperação entre os clãs das Espirituais, os que têm o dom e o povo do Vale.

A reação a isso foi mista: alguns gritos de comemoração entre frases de desaprovação. Willo apertou os lábios e deixou os ombros caírem em um gesto decepcionado.

— Lorde Demonai vai falar agora — disse ela, e se sentou.

Averill se ergueu ao som de gritos e palmas, e esperou até que todos fizessem silêncio antes de começar a falar.

— Obrigado, Willo Canção d'Água. Tenho de admitir que a tristeza e a alegria estão em batalha dentro de mim; a tristeza pela perda de minha amada Marianna e a alegria por minha filha Rosa Agreste agora ser rainha. A tristeza complementa a alegria, tornando-a mais intensa pelo contraste, assim como os vales tornam as montanhas mais altas.

Ele apoiou a mão no ombro de Raisa.

— Estamos vivendo tempos difíceis. Os oradores preveem uma descida ao vale da guerra. Mas, hoje, desta altura, vemos acima dos problemas a vitória nos aguardando do outro lado. Jamais aceitaremos menos que isso.

Gritos soaram por entre as árvores. *Muito bem*, pensou Raisa. *Um discurso guerreiro em contraste ao discurso conciliatório de Willo. Meu pai é um verdadeiro Demonai.*

— Não terminei — disse Averill, silenciando a multidão.

Ele esperou até perceber que tinha a atenção de todos e prosseguiu.

— Não vou voltar a me casar. Não sou mais jovem, e a morte dos que amamos nos lembra de nossa própria mortalidade. — Ele fez uma pausa e observou as pessoas por baixo das sobrelhas grossas. — Não que eu pretenda deixar a vida no futuro próximo.

Ela ainda me oferece muitos prazeres. Tenho grande satisfação em provocar a infelicidade de Lorde Bayar.

Gargalhadas se espalharam pela clareira.

Averill apertou o ombro de Raisa.

— Normalmente, Rosa Agreste me sucederia como matriarca do Campo Demonai quando eu fosse me encontrar com o Criador — disse Averill. — Mas parece que ela encontrou outra vocação.

Ele sorriu para ela.

Raisa encarou o pai. Ela não esperava um esclarecimento da sucessão Demonai em sua festa de coroação.

— Tenho outra filha, Lírio do Dia, também chamada Mellony, mas ela não sente o chamado do sangue dos clãs. Não deseja aprender os costumes antigos. Não quer vir para as terras altas.

Mellony resistira a deixar a corte para ser treinada nos campos. A rainha Marianna cedera à vontade da filha, dizendo que não havia necessidade, pois Mellony não era herdeira do trono.

Mas poderia ser, se alguma coisa acontecesse comigo, Raisa pensou. Esse erro seria difícil de remediar agora. Qualquer sugestão de Mellony ir para os campos não seria bem recebida.

As palavras seguintes de Averill trouxeram a atenção de Raisa de volta para o presente.

— Parece sábio nessa época perigosa deixar claras as linhas de sucessão. E assim escolhi um filho para me suceder como patriarca do Campo Demonai.

Isso não era incomum. Adoções em clãs eram atos informais. Podiam acontecer com qualquer idade, para servir às necessidades da família ou do Campo como um todo.

Raisa prendeu a respiração ao perceber quem seria o sucessor de Averill. Ela olhou para Andarilho da Noite, que estava sentado com o corpo relaxado, os olhos fixos nela, como se para medir sua reação.

— Eu nomeio Reid Andarilho da Noite Demonai meu filho e sucessor como patriarca do Campo Demonai — disse Averill.

Houve uma enxurrada de aplausos e gritos. Raisa olhou de rosto em rosto. A notícia parecia ser bem-vinda para a maioria.

Com três exceções: Han e Dançarino observavam tudo com expressões pétreas e depois aproximaram as cabeças e começaram a sussurrar.

E havia Sabiá Noturna. A jovem guerreira Demonai encarou fixamente Averill, os olhos arregalados. Depois balançou a cabeça bem de leve. Em seguida, se levantou, saiu da mesa e desapareceu na escuridão.

Raisa ficou olhando para ela, confusa. Então percebeu que Sabiá Noturna compreendia o que Averill realmente almejava: uma união entre Raisa e Andarilho da Noite. Uma união que Sabiá Noturna talvez quisesse para si. E Averill Demonai era um excelente negociador.

Quando Averill se sentou, Raisa lutou para manter sua expressão de comerciante. *Por que você não me contou?*, pensou ela. Achava que devia ter participado da decisão, ou ao menos ter sido informada antes.

Averill sorriu e tocou a mão dela.

Você também tem uma expressão de comerciante, pensou Raisa. É bom demais em guardar segredos.

As danças começaram com as crianças mais novas, cujo entusiasmo compensava qualquer falta de habilidade enquanto elas exibiam os passos para a rainha Lobo Gris. Em seguida, vieram as danças de verão e algumas tradicionais de rebatizado, para homenagear os que seriam comemorados no dia seguinte.

De repente, o pai de Raisa ficou de pé na frente dela com as mãos estendidas.

— Dance comigo, filha — disse ele, sorrindo. — Faz muito tempo.

E Raisa foi dançar em volta do fogo com o robusto pai Demonai. Apesar de Raisa ser pequena, o pai era só um pouco mais alto do que ela, e eles formavam um bom par de dança. O corpo dela lembrava os movimentos da familiar Dança das Muitas Tranças. O

passo acelerou, e Raisia se permitiu ser levada pela música, com os pés voando nos mocassins novos. Os dançarinos formavam padrões intrincados, se juntavam e se separavam.

Conforme a noite prosseguiu, os mais velhos pararam de dançar, mas os jovens continuaram, gritando pedidos, estimulados pelo vinho das terras altas, parecendo tirar energia uns dos outros. Morcegos passavam voando pelas árvores acima e cantavam suas músicas silenciosas de acasalamento.

Mais e mais, Raisia se viu dançando com Andarilho da Noite, a pulsação acompanhando a cadência dos tambores. O sangue dos clãs latejava nas veias enquanto o suor escorria entre os seios e as saias giravam ao redor das pernas. Eles dançaram a Dança da Lua Vermelha e a Dança da Lua em Flor. Durante a Dança do Lobo Gris, as sombras para além do brilho das tochas foram tomadas de olhos amarelos e corpos delicados e peludos.

— Mulher Demonai! — gritou Shilo Desbravadora.

Era uma tradicional dança de guerra em pares que existia desde as Guerras dos Magos.

Vozes gritaram em apoio. Os Demonai adoravam danças de batalha, simulações estilizadas de confrontos entre magos e Demonai que culminavam em uma matança simbólica daqueles com o dom.

Um leve movimento chamou a atenção de Raisia. Willo Canção d'Água se levantou e saiu do círculo de observadores, deixando Han e Dançarino sentados sozinhos. Han observou Raisia com olhos sombreados e a cabeça inclinada, como se estivesse esperando para ver o que ela faria.

Os Demonai fazerem as danças de batalha entre si era uma coisa. Mas era bem diferente confrontar dois magos com seu passado de derramamento de sangue.

Raisia secou o rosto na manga da roupa.

— Vou ficar de fora — disse ela, virando-se para sair da área de dança.

Mas Elena a impediu.

— Por favor — disse ela, fitando Raisia nos olhos. — Dance conosco, neta. Dançamos as danças das terras baixas ontem. Esta comemoração é para nós.

— Por favor — disse Andarilho da Noite, segurando a mão da rainha. — Dance comigo, Rosa Agreste.

E quando Raisia olhou de novo para Han, ele tinha desaparecido.

— Tudo bem — disse ela. — Só mais algumas.

Quando a dança começou, homens e mulheres se colocaram de frente uns para os outros, balançando as armas, assobiando, gritando desafios e competindo pela honra de enfrentar os exércitos de magos que tinham invadido Fells. Raisia e Andarilho da Noite surgiram juntos em um combate coreografado, se olhando ferozmente nos olhos.

Os homens cantaram:

— Espere junto ao fogo, esposa, e tenha bebês. Seus filhos vão crescer para lutar contra bruxos.

Andarilho da Noite fez uma pose e olhou com desdém para Raisia, com os lábios tremendo enquanto ele lutava para esconder um sorriso.

— Espere junto ao fogo, marido — respondeu Raisia. — E trate meus ferimentos quando eu voltar. Vou lutar com bruxos para que meus filhos não precisem enfrentá-los.

Eles se separaram e dançaram mais um pouco.

— Espere perto do fogo, esposa, e prepare uma refeição para me alimentar quando eu voltar das guerras — disseram os homens.

— Espere perto do fogo, marido — gritou Raisia com as outras. — Aqueça a água para lavar o sangue de bruxos das minhas roupas.

E, finalmente, a última estrofe.

— Cavalgue ao meu lado, esposa, e mate os bruxos que eu deixar passar — disseram os homens.

— Cavalgue ao meu lado, marido, e vamos mandar os bruxos direto para o mar — cantaram as mulheres.

Quando a dança terminou, Raisal estava tremendo e com as pernas bambas. Ela procurou Han de novo, mas ele continuava ausente.

Quando os pedidos pelo Triunfo de Hanalea não puderam mais ser ignorados, Raisal concordou em dançar fazendo o papel de Hanalea, e Andarilho da Noite, claro, escolheu o papel de Demonai. Eles colocaram os amuletos do ritual, que representavam seus papéis, e pegaram as armas cerimoniais. Outras pessoas escolheram papéis de demônios, guerreiros e soldados. Mas ninguém se ofereceu para o papel nada popular de Rei Demônio.

Até que Han Alister se aproximou, saído da escuridão.

— Eu farei o papel do Rei Demônio — disse ele na língua dos clãs. — É apropriado, vocês não acham? — Ele fez uma pequena pausa e, após o silêncio pesado, disse: — Já que sou um dos dois únicos magos aqui.

Ele estava descalço, ainda usando a calça dos clãs, mas agora com uma jaqueta de dança cheia de contas e penas. A pele era pálida em comparação ao couro de cervo escurecido pelo tempo, e o cabelo louro cintilava sob as luzes das tochas. Ele já estava usando os braceletes com desenhos de chamas e o amuleto estilizado de serpente que o identificavam como Rei Demônio.

— Caçador Solitário! — Averill parecia profundamente infeliz. — Você ao menos conhece o papel?

— Tenho um pouco de prática com danças dos clãs — disse Han. — Mas não sou especialista. Assim, vou ficar com o papel que ninguém quer. — Ele sorriu, mas o sorriso não chegou aos olhos. — Vou tentar não pisar no pé de ninguém.

Mas alguma coisa na expressão dele sugeria exatamente o contrário.

CAPÍTULO DOIS

Uma dança no escuro

Por que ele está fazendo isso?

Raisa desejou ter ido para a cama uma hora antes. Desejou que alguém o tivesse impedido.

— Hoje foi um longo dia — disse ela. — Vamos encerrar por aqui.

— Por favor, Vossa Majestade — insistiu Han. — Adoro fazer o papel do vilão. Sou bom nisso.

As palavras dele eram leves, mas o tom ferino e a postura agressiva as contradiziam.

Houve uma salva de palmas dos amigos de Han em Pinhos Marisa.

— Bem — disse Raisa, um pouco tonta depois de tanto vinho e tantas danças. — Acho que você se parece mais com o Rei Demônio do que eu com Hanalea.

As pessoas prenderam a respiração, produzindo um ruído.

Raisa olhou ao redor para tentar entender o que tinha dito de errado. Averill e Elena olhavam com raiva para Han.

O que foi?, pensou Raisa. *Estou tão cansada da briga entre magos e Demonai. Estou cansada de Han Alister tornando minha vida mais complicada do que já é.*

— Tudo bem. Se você insiste, vamos dançar.

Raisa pegou as mãos de Han e o puxou para o centro da clareira.
— Eu guio — disse ela, lembrando-se das aulas de dança em Vau de Oden.

Depois de um momento de hesitação, os tambores começaram, seguidos da flauta. A primeira parte da dança pertencia a Hanalea e ao Rei Demônio. Raisa, como Hanalea, dançava sozinha e sonhava com o casamento. (Os clãs sempre esqueciam convenientemente que seu pretendente era um mago.)

Han entrou na clareira como Rei Demônio, andando nas pontas dos pés atrás de Hanalea, fazendo cara de irritação para a plateia, que gritava alertas. Ele colocou as mãos quentes nos ombros de Raisa e ela se virou, erguendo as mãos em medo fingido.

Em seguida, veio um longo *pas de deux*: a Tentação de Hanalea, na qual o Rei Demônio tentava convencer a rainha a fugir com ele. Hanalea, com a mente confusa por persuasão mágica, entrava na dança por um tempo.

Raisa, na ponta dos pés, tentou aproximar a boca do ouvido de Han. Ele colaborou e se abaixou um pouco.

— O que você pensa que está fazendo? — perguntou Raisa. — Está querendo morrer?

— Provavelmente — sussurrou Han, o hálito quente no ouvido dela. — Mas é o único papel que tenho permissão de fazer. — E então, em voz alta: — Venha para meu belo palácio, onde vou seduzir você com feitiços.

Então eles contornaram a clareira em uma dança sensual, os corpos se curvando juntos depois que o Rei Demônio passou a controlá-la.

As mãos de Han se fecharam ao redor da cintura de Raisa, as pontas dos dedos quase se tocando, e ele a ergueu e girou. As saias dela esvoaçaram, e a fogueira e o povo do clã foram reduzidos a uma mancha de cor e sons abafados. O rosto dele estava a centímetros do dela, havia suor no lábio superior e uma leve sombra avermelhada de barba nas bochechas e no queixo.

Han tinha bebido. Ela sentia o cheiro do vinho das terras altas no hálito dele; as bochechas estavam coradas e os olhos, extremamente brilhantes.

Mesmo assim, ele parecia conhecer os passos muito bem. E também sabia o roteiro.

— Vou carregá-la para minha cama encantada, onde vou fazer o que quiser com você — gritou Han, com a respiração rápida e os olhos azuis reluzindo. — Vou construir para você um palácio no ar, tão resplandecente que o sol vai se recusar a nascer.

Raisa, ainda no papel de Hanalea, desfaleceu em seus braços, dominada temporariamente pelos feitiços do mago. O braço dele se apertou ao redor dela. E a rainha sentiu seu corpo rígido debaixo de todo o tecido e couro entre os dois. Os lábios dele roçaram o pescoço dela: uma, duas, três vezes, criando pequenas chamas a cada novo toque.

Essa parte NÃO estava no roteiro. Ao redor deles, os Demonai começaram a se agitar e cochichar.

— Han! — sibilou Raisa, lutando para se libertar, mas o aperto dele era de ferro. — Tome cuidado. Os Demonai...

— Eu não tenho medo dos Demonai — murmurou Han, de forma que ninguém ouvisse. — Estou cansado de me esgueirar como um abade indo atrás da amante.

Han olhou para Andarilho da Noite e sorriu. O guerreiro estava de pé com os braços cruzados, como se estivesse esperando para matar o Rei Demônio.

— Achei que você não quisesse que pensassem que há alguma coisa entre nós — insistiu Raisa.

— Não se preocupe. Andarilho da Noite acha que estou fazendo isso para irritar o sensível ego Demonai dele.

— Você não acha que já há problemas demais entre vocês dois? Precisa mesmo...

— Não ligo para o que Andarilho da Noite pensa — murmurou Han. — Não estou fazendo isso para irritá-lo.

— Então por que...?

— Talvez eu apenas goste de beijar você — disse Han no ouvido dela.

Os tambores recomeçaram, com urgência, como se para interromper o abraço proibido. Han virou Raisa e a encarou, e a dança prosseguiu, com os corpos pressionados um contra o outro, tornando difícil para Raisa lembrar seu papel.

Quando os tambores pararam, Han a segurou pelos cotovelos com os braços esticados.

— Doce rainha — disse ele em uma voz estranha e grave. Han pôs o cabelo dela atrás da orelha e segurou seu rosto. — Raisa. Eu te amo. Case-se comigo. Por favor. Prometo que vou encontrar um jeito de fazer você feliz.

Ele estava saindo do roteiro, e não havia qualquer sinal em sua expressão de que estivesse brincando.

Raisa estava sem palavras.

— Sua vez — disse ele, baixando as mãos até os ombros dela.

Raisa abriu a boca, mas fechou, distraída pelo formigamento e pela ardência do toque dele.

— *Não* — ajudou Han, sussurrando a cola para ela na língua dos clãs. — *Você não me engana. Você é o maldoso Rei Demônio disfarçado.*

Mecanicamente, Raisa disparou pela Dança da Recusa. Han a perseguiu pela clareira, às vezes ficando na frente dela e fazendo-a recuar, interceptando-a quando ela tentava fugir para as árvores.

Finalmente, convencido de que Hanalea não cederia à persuasão, Han rosnou de frustração e arrastou Raisa para seu calabouço sob a Montanha Lady Gris. Ele rodeou a rainha prisioneira, envolvendo-a com longas fitas que representavam as lendárias correntes que a prenderam. A plateia gritou, aterrorizada.

Quando Hanalea estava devidamente amarrada, Han, no papel de Rei Demônio, andou ao redor dela de novo, atacando-a com chocalhos de penas, que representavam chamas. Raisa se ajoelhou,

com a cabeça jogada para trás e os olhos fechados, ainda resistindo. Penas roçaram-lhe o queixo, a nuca, a parte de trás dos joelhos e das orelhas, despertando arrepios e fazendo seu coração disparar.

Exausto depois de uma longa sessão de tortura, o Rei Demônio se deitou para dormir, apoiando a cabeça nos braços. Raisa se levantou, libertando-se dramaticamente das correntes de fita e jogando-as no chão. Depois de levar um dedo aos lábios, pedindo silêncio à plateia, ela se aproximou do Rei Demônio adormecido. Ao fitar Han, ele abriu os olhos azuis e a observou em um apelo mudo. Tudo que ela queria era se ajoelhar ao lado dele e beijá-lo.

Mas o que fez foi pegar a cerimonial Espada de Hanalea, erguê-la bem alto e cravá-la no peito do Rei Demônio. Han segurou a lâmina com as duas mãos, prendendo-a e olhando para Raisa sem nenhum traço de humor.

— Vossa Majestade — sussurrou ele. — Você perfurou meu coração.

Em seguida, veio uma longa dança em que o Rei Demônio, ferido, corria atrás de Hanalea em círculos. Finalmente, ele caiu de joelhos, ergueu os punhos e prometeu destruir o mundo.

Han caiu para a frente de cara no chão e ali ficou.

Os outros dançarinos rodearam Raisa, batendo em tambores e balançando fitas de tecido brilhante para representar os terremotos e erupções chamejantes que simbolizavam a Cisão. Então, Andarilho da Noite entrou na área iluminada, o emissário dos clãs. Ele e Hanalea iniciaram uma dança elaborada, girando pela clareira enquanto o Rei Demônio permanecia morto no chão, esquecido.

Juntos, o Guerreiro Demonai e Hanalea afastaram as tiras de tecido e mandaram embora os tocadores de tambor. A plateia comemorou quando eles se abraçaram. A dança estava finalmente acabando, com a vitória completa de Hanalea.

Han se levantou e saiu da clareira sem dizer nada, desaparecendo na escuridão.

Mais tarde, Andarilho da Noite acompanhou Raisa até a Cabana da Matriarca. Havia luzes e vozes do lado de dentro. Willo estava recebendo convidados de outros Campos, além de Han e Dançarino.

Já perto da cabana, Andarilho da Noite puxou Raisa para uma trilha lateral.

— Por favor. Não vamos voltar agora — disse ele. — Venha se sentar perto do rio comigo.

— Tudo bem — respondeu Raisa, cautelosa. — Mas só um pouquinho. Foi um longo dia.

Enquanto eles seguiam pelo caminho pedregoso e estreito na direção do rio, Raisa pensou ter ouvido um ruído suave atrás de si, como um passo. Lobos de novo? Ela se virou, mas não viu nada.

Andarilho da Noite também ouviu. Ele franziu o cenho, alerta. Raisa ouvia o sussurro do vento através das copas das árvores.

— Deve ser alguém voltando das danças — disse ele, e fez sinal para que ela seguisse em frente.

Eles se sentaram em uma pedra perto da água. O rio Dyrnne escorria sobre as pedras, uma fita negra pontilhada de espuma.

Andarilho da Noite passou um braço ao redor de Raisa e a puxou para perto.

— Rosa Agreste — sussurrou ele. — Você é uma ótima dançarina.

— Você também é — disse Raisa, ainda distraída pela última dança e preocupada com o significado daquilo. Perguntando-se para onde Han teria fugido.

— Você é uma linda Hanalea — afirmou Andarilho da Noite. — Muito melhor que a original.

— Hummm — respondeu Raisa, tentando se concentrar na conversa. — Poucas pessoas concordariam com você.

— Elas estão erradas. Você é mais forte. Mais... estimulante. Quem escolheria uma pálida habitante das terras baixas em vez de uma princesa dos clãs?

Puxando-a para si, ele a beijou.

— Andarilho da Noite! — Raisa o empurrou. — Não.

O homem respirou fundo, depois soltou o ar lentamente. Ele se acomodou sobre os calcanhares e apoiou as mãos nos joelhos.

— Você mudou desde que foi para as terras baixas. Eu vivo esquecendo que agora é diferente. — Ele deu um sorriso melancólico. — Ainda se parece com a garota de quem me lembro. É fácil cair em antigos hábitos, principalmente aqui. — Ele respirou fundo. — Lembra que nós costumávamos fugir para o bosque e...

— Nós dois mudamos — disse Raisa, interrompendo-o. — Muita coisa aconteceu.

Andarilho da Noite tocou o queixo de Raisa e ergueu um pouco seu rosto.

— Você precisa ser rainha hoje à noite? — perguntou ele, observando a expressão dela.

— Tenho que ser rainha todas as noites de agora em diante — disse Raisa com severidade. Depois de um silêncio constrangedor, acrescentou: — Há quanto tempo você sabe que meu pai o escolheu como sucessor dele?

— Não tem muito tempo — respondeu Andarilho da Noite. — Ele me contou suas intenções algumas semanas atrás. Espero que esteja satisfeita.

Ele observou o rosto dela, como se procurasse um sinal.

Raisa não sabia bem o que dizer.

— Faz sentido. Você é um líder nato, e sei que tem apoio significativo, principalmente entre os guerreiros Demonai. — Ela fez uma pausa, na dúvida se deveria externar seus pensamentos. — Só espero que seu novo papel não aumente os riscos de entrarmos em guerra.

— Por que aumentaria? — perguntou Andarilho da Noite, olhando para os lábios dela.

— Não podemos continuar como estamos, separados e brigando uns com os outros — disse Raisa, tentando decifrar a expressão no rosto dele nas sombras das árvores. — Mas você nunca foi bom em acordos.

— Nós já fizemos um acordo — falou Andarilho da Noite. — Por mil anos, permitimos que invasores bruxos ocupassem as terras que antes pertenciam a nós.

— É disso que estou falando. Ninguém parece disposto a esquecer a história que nos divide. Por quanto tempo os magos terão que estar aqui para vocês aceitarem que eles vieram para ficar?

— Nós lembramos por um bom motivo. É para isso que servem as músicas e as histórias e as danças, para garantir que nunca esqueçamos.

— Então não há esperança? É isso que você está dizendo?

Andarilho da Noite balançou a cabeça.

— Se vai haver guerra ou não está nas mãos do Conselho dos Magos. E nas suas.

— O que isso significa? — perguntou Raisa.

— Você é a rainha agora. Pode escolher com quem vai se casar.

— Quer dizer que posso escolher não me casar com um mago.

— Quero dizer que poderia escolher se casar comigo — disse Andarilho da Noite, segurando as mãos dela.

As palavras soaram pesadas, como se pedras caíssem entre os dois.

Era estranhamente similar ao argumento que Micah Bayar usara no dia em que pedira permissão para cortejá-la.

Por mil anos, vivemos presos no passado. Agora, tem o poder de fazer mudanças. O futuro está em suas mãos, basta agarrá-lo.

— Você está dizendo que vai haver guerra se eu não me casar com você?

Raisa se libertou do toque dele.

— Não foi isso que eu quis dizer — falou Andarilho da Noite, erguendo as mãos. — Por favor. Me escute.

— Estou escutando — disse Raisa, cruzando os braços.

Andarilho olhou ao redor, como se as árvores pudessem ajudá-lo.

— Não sou tão bom com as palavras quanto certas pessoas.

— Concordo — disse Raisa em tom azedo.

— Pense nisso. Os clãs foram os primeiros povos de Fells. Sempre vivemos aqui, por mais tempo até que o pessoal do Vale. Mesmo assim, sempre fomos governados por outros. Primeiro pelo povo do Vale, que ganhou fortuna com os terrenos de plantio. E depois pelos magos, que conquistaram o povo do Vale.

Ele fez uma pausa, como se esperando resposta.

— Prossiga — disse Raisa.

— Magos e clãs são separados por suas naturezas. Até nossas tradições mágicas nos colocam em posições opostas. Magos destroem a terra com suas magias. Nós celebramos o mundo natural. — Andarilho da Noite deu de ombros. — Jamais vamos nos render, Rosa Agreste. Mas isso não quer dizer que precisa haver derramamento de sangue.

Ele tocou na mão de Raisa com cautela, como se soubesse que ela talvez recusasse o gesto.

— Está na hora de os clãs das Espirituais governarem Fells, como sempre deveria ter sido. Vai começar com você.

— Como assim?

— Você é da linhagem Lobo Gris, mas também faz parte da realza dos clãs, por causa de Lorde Demonai. Case-se comigo, e nossos filhos vão ser três quartos clã. Nossos filhos podem se casar com alguém dos outros Campos, o que vai fortalecer ainda mais a linhagem. Juntos, o povo do Vale e os clãs poderão controlar os excessos dos magos.

— De acordo com esse raciocínio, Lorde Bayar diria que, como sou mestiça, deveria me casar com um mago, para unir os magos ao trono.

— Os magos tiveram quinhentos anos de Clausura para misturar a semente deles com a linhagem Lobo Gris — disse Andarilho da Noite, com voz baixa e amarga. — Já basta.

— Casar comigo não vai fazê-lo conquistar o povo do Vale — afirmou Raisa, pensando na atitude do povo das terras baixas em

relação aos clãs das Espirituais. — O que o faz pensar que eles vão se aliar a vocês?

— Eu só preciso de você, Rosa Agreste — disse Andarilho da Noite.

Ele enfiou a mão na bolsa, pegou um embrulho enrolado em pele de cervo e o entregou a Raisa.

Ela o segurou com o coração pesado, sabendo o que era antes mesmo de abrir.

Andarilho da Noite deve ter visto a hesitação nos olhos dela.

— Olhe, pelo menos — pediu ele. — Foi feito em Pinhos Marisa e vem com a bênção de Averill, já sou seu filho adotivo.

Raisa desdobrou o couro e encontrou um cobertor tecido a mão, feito de lã e linho, quente e leve. Era decorado com símbolos bordados e pintados: Lobos Gris, a imagem que os clãs usavam para Hanalea guerreira; o olho sem pálpebra dos Demonai; o pilão e o socador de Pinhos Marisa.

Era um cobertor contratual, usado para oficializar o noivado entre os clãs das Espirituais, a união de dois campos e duas camas.

— Tenho uma pergunta para você — disse Raisa, passando o dedo pelo tecido. — Quem está me oferecendo esse cobertor? O garoto com quem eu caçava ou o herdeiro dos Demonai?

Andarilho da Noite deu de ombros.

— Você não pode deixar de ser rainha e eu não posso deixar de ser Demonai.

— Sinto muito — disse Raisa, dobrando o couro novamente. — Não posso aceitar.

— Você está preocupada com minha reputação entre as cobertas? — questionou Andarilho, tocando a bochecha dela com as pontas dos dedos. — Não sou perfeito, mas não tem ninguém nas terras altas que aqueça meu sangue como você.

— Então devo concluir que, se você sucumbir à tentação, eu também estaria livre para ter outros amantes? — perguntou Raisa com acidez.

— Por favor, não fique com raiva. — Ele se inclinou para a frente. — Não sou poeta para sussurrar mentiras no seu ouvido e fazer o que quiser depois. Você vai ser tão livre quanto quiser. Nada disso importa. O que importa é o que acontecerá entre nós.

— Não é isso — disse Raisa, lamentando que a conversa tivesse tomado aquele rumo. — Não quero que você faça uma promessa que não pode cumprir. Mas é ainda mais importante agora, depois da morte de minha mãe, e considerando a ameaça de Arden, que eu escolha um casamento de forma estratégica. Vai ser uma questão de política, não de paixão. — Ela devolveu o cobertor para Andarilho da Noite. — Não estou descartando a ideia, mas não vou me comprometer com você agora. Preciso tomar uma decisão que seja boa para todo mundo em Fells.

— Você tem um coração ardente — disse Andarilho da Noite. — Não acredito que sua escolha será apenas política.

Se eu me casasse com você, pensou Raisa, seria política, não paixão.

Tanto Micah Bayar quanto Andarilho da Noite pareciam pensar que ela realmente tinha escolha. Então por que se sentia tão presa? Seria porque não podia escolher o par que queria de verdade?

Andarilho da Noite colocou o embrulho de volta na bolsa.

— Este cobertor foi feito para você, Rosa Agreste. Eu vou guardá-lo. No entanto, política devia ser discutida durante o dia. As horas da noite foram feitas para outras atividades. — Ele pressionou os dedos nas costas dela e a puxou para perto. — Estou hospedado na cabana dos visitantes — murmurou ele. — É menos movimentada do que a Cabana da Matriarca. Vamos para lá conversar mais.

— Não — disse Raisa, sabendo que Andarilho da Noite faria o que pudesse para que ela mudasse de ideia. — Foi um longo dia, e estou cansada. — Ela se soltou das mãos dele e ficou de pé. — Boa noite, Andarilho.

Ela se virou e saiu andando, sentindo o olhar dele até a floresta se interpor entre os dois.

No momento nem a própria Hanalea me faria ficar acordada, nem se oferecesse respostas para todas as minhas perguntas, pensou Raisal. *Eu só quero dormir.*

Ela passou pelo salão comum, onde o pai estava sentado conversando com Elena e Willo. Averill ergueu o olhar, surpreso, como se não a esperasse tão cedo. Em seguida, olhou para trás dela, como se achasse que veria Andarilho da Noite também.

— Foi um dia maravilhoso — disse Raisal. — Estou exausta. Vou para a cama. Não se preocupem com o barulho. Eu dormiria mesmo se houvesse um terremoto.

Ela passou pela cortina e entrou no quarto. Queria ir direto para a cama, mas decidiu tirar as roupas de dança primeiro. Quando entrou debaixo das cobertas, alguma coisa estalou sob ela. Ao remexer nos tecidos de lã, encontrou um bilhete.

Ela o desdobrou e levou para perto de um lampião.

Fique longe de Andarilho da Noite, dizia o bilhete em uma caligrafia forte e intensa. Estava escrito na língua dos clãs e não fora assinado.

Raisal se lembrou do ruído na floresta, da sensação de ser observada na beira do rio. Teria alguém os seguido?

Teria sido Han Alister? Sabiá Noturna? Ou outra pessoa?

Ela mordeu o lábio, encostou uma ponta do papel na chama do lampião e observou até que se transformasse em cinzas.

CAPÍTULO TRÊS

Trabalhando para Abelard

Han acordou de repente, suando frio, tateando em busca da faca que sempre deixava embaixo do travesseiro. Sua mente demorou um pouco para ficar lúcida, para se lembrar de onde estava. Para perceber que ele não estava na Cabana da Matriarca em Pinhos Marisa nem no quarto de Vau de Oden. Para lembrar que Rebecca não estava morta, mas transformada em outra pessoa, uma pessoa inatingível.

Ele se mexeu no colchão macio de sangue azul (não era feito de palha e não tinha pulgas) e enrolou a costura do delicado lençol de linho entre o polegar e o indicador. Certo. Ele estava de volta ao quarto do Castelo de Fellsmarch, e tinha alguém batendo na porta.

Ele se levantou, nu, segurando a faca.

— O que foi? — perguntou ele.

— É Darby, meu senhor. Com uma mensagem urgente.

Han se cobriu com o roupão de veludo que tinha deixado ao pé da cama e foi até a porta.

— O que pode ser tão urgente? — perguntou ele ainda com a porta fechada. — O castelo está pegando fogo? A rainha teve filhos demônios gêmeos?

Darby não disse nada por um momento.

— Perdão, meu senhor?

Han apoiou a testa na porta. Ele fora a Feira dos Trapilhos na noite anterior e ficara até muito tarde. Quando aprenderia que era inútil tentar afogar a dor e a preocupação em uma taverna? Isso só piorava as coisas.

— De quem é? — perguntou ele.

— O garoto disse que era urgente, mas não quis dizer de quem era, senhor.

Han abriu uma fresta da porta, o suficiente para ver um dos olhos azuis ansiosos de Darby. Abriu mais um pouco e enfiou a mão pela passagem.

Darby entregou um envelope selado com uma pequena reverência.

— Lamento acordá-lo, meu senhor. Posso... Posso trazer alguma coisa para seu café da manhã? Um pouco de peixe salgado e cerveja? Chouriço? — Talvez por se dar conta do estado do estômago de Han na expressão dele, Darby acrescentou rapidamente: — Ou pão e mingau? Cai bem em um estômago ruim.

Han engoliu em seco.

— Eu... acho que vou esperar — disse ele, e fechou a porta devagar para que não batesse.

Han rasgou o envelope. A mensagem era curta, escrita em uma caligrafia angular e comprida. *Venha me ver imediatamente. Estou na Casa Kendall. M. Abelard.*

Ossos, pensou Han. Ele temia a chegada da reitora. Era mais uma complicação da qual não precisava. Já se sentia fazendo malabarismo com gatos de rua. Estava torcendo para evitar um encontro com ela até a primeira reunião do Conselho.

Agora que o chamado tinha chegado, Han sabia que não devia adiá-lo. Remexendo com desânimo nas roupas novas do armário, ele escolheu o traje menos elegante, um casaco cinza sóbrio e uma calça preta simples. Também não colocou as estolas de mago.

Abelard talvez reconhecesse a insígnia. Ele não queria que ela pensasse que estava tentando parecer ser mais do que era. Ainda.

Ele nunca tivera seis opções de roupa.

Han encarou o espelho acima da cômoda enquanto penteava o cabelo com os dedos, e desejou não estar com os olhos tão fundos. Com Abelard, ele tinha que atuar bem.

Imagens da comemoração em Pinhos Marisa ficavam voltando a sua cabeça: Raisa andando pela luz do fogo, a cabeça jogada para trás e as saias balançando ao redor das pernas torneadas, usando tornozeleiras e braceletes, cantando músicas antigas. Princesa dos clãs, de uma linhagem mais antiga até do que a de Hanalea.

Reid Andarilho da Noite, vestido para dançar. Rodeando o fogo, olhando para Raisa como se ela fosse um cervo e ele, um felino à caça.

Sua imaginação o levou mais longe, para Raisa e Andarilho da Noite debaixo das cobertas, com membros entrelaçados, os olhos verdes de Raisa no rosto de Andarilho e as mãos enfiadas naquelas tranças Demonai. *Aaah!* Han balançou a cabeça e tentou afastar essa imagem. Andarilho da Noite podia até desejar um casamento, mas, ao contrário de Han, não recusaria escapadinhas casuais antes do matrimônio.

O que tinha dado em Han, lá em Pinhos Marisa? O que Raisa devia estar pensando agora? Sem mencionar Averill e Elena.

Quando ouvira que Andarilho da Noite seria o Patriarca do Campo Demonai, percebera o que Averill queria: uma união entre Raisa e Reid, um triunfo decisivo dos clãs sobre os magos. Ele provou as cinzas amargas das esperanças queimadas.

Preciso manter a cabeça no lugar, pensou ele. Não posso perder o controle assim. Não se quiser continuar vivo.

Pensar em Raisa no quarto ao lado quase o fazia desistir de tudo. Mas ele não atravessaria os corredores escondido para manter a cama de Raisa quente para Andarilho da Noite.

A Casa Kendall ficava dentro da área do castelo, perto das muralhas. Abrigava sangues azuis que estavam à margem da afeição da rainha, além dos que exigiam aposentos mais espaçosos do que era possível oferecer dentro do próprio palácio.

A suíte da reitora Abelard era no primeiro andar, um espaço privilegiado que levava ao jardim. Um criado guiou Han a um pátio com um chafariz no centro. Abelard estava sentada a uma pequena mesa de ferro forjado, mexendo em documentos e ocasionalmente rabiscando anotações nas margens. O cabelo liso na altura do queixo, castanho e prateado, obscurecia o rosto inclinado sobre o trabalho. A reitora não estava usando suas vestes de Vau de Oden. Estava tão bem-vestida quanto qualquer sangue azul da corte, com estolas estampadas com livros em chamas.

Han olhou ao redor. Era o local mais apropriado para um encontro. Um lugar aberto, mas com o som do chafariz para impedir que a conversa chegasse aos ouvidos de possíveis xeretas.

Quando Abelard chegou ao fim da pilha de papéis, colocou-os de lado e apontou para uma cadeira em frente.

Han se sentou e apoiou as mãos nos joelhos, com a cabeça um pouco inclinada para trás, na esperança de parecer lúcido e cruel, apesar da dor de cabeça.

Abelard o encarou com o queixo apoiado nos dedos entrelaçados e os cotovelos na mesa.

— Minha nossa, Alister, você andou ocupado — murmurou ela. — Eu estava preocupada em saber como você se sairia entre os predadores da corte, mas acabo descobrindo que você é o maior deles.

Então por que me sinto a presa da história?, pensou Han.

— Não me dê crédito demais. Tenho muita concorrência.

Abelard riu.

— Sim, tem mesmo. Ainda assim. Três meses depois de sair de Vau de Oden, você é o guarda-costas da princesa Raisa e o escolhido dela para o Conselho dos Magos. Ganhou um título e uma

casa no Campo. E, como se não bastasse, foi morar no quarto ao lado do dela. Impressionante.

Han deu de ombros, pensando que a reitora Abelard tinha descoberto muita coisa em poucos dias. Ou talvez ela tivesse alguém à espreita o tempo todo.

— O que mais você anda fazendo? — perguntou Abelard. — O que mais descobriu?

Certo. Han tinha ido para Fells fingindo ser os olhos e ouvidos de Abelard.

— O que eu acho ou o que posso provar? — perguntou Han.

— O que você acha?

— Lorde Bayar tentou várias vezes assassinar a princesa-herdeira, agora rainha. Ela é independente demais para o gosto dele, que apoia a princesa Mellony. Enquanto isso, Micah ainda espera levar a rainha para a cama e se casar com ela. — Han não estava falando nada que Abelard já não soubesse. — Você me disse para impedir que qualquer uma dessas coisas acontecesse. Achei que a melhor forma de conseguir isso fosse me meter entre eles e Sua Majestade, ficando perto dela.

— Muito perto. — Abelard se inclinou para a frente e perguntou: — Você está dormindo com ela?

Han riu com deboche, mas o coração doía intensamente.

— Qual é a probabilidade disso?

— Eu não consideraria impossível para você, Alister — disse Abelard. Ela esticou a mão e tocou o rosto dele. — Você é bonito e tem um charme malicioso. E a nova rainha parece ter herdado o jeito libertino da mãe, Marianna.

Han afastou as lembranças de Raisa dançando com Andarilho da Noite em Pinhos Marisa. Não disse nada e torceu para não demonstrar nada.

— Há um boato de que a princesa estava escondida em Vau de Oden enquanto Micah e Fiona estavam lá.

Abelard manteve os astutos olhos cinza-esverdeados fixos nele.

Han franziu a testa, como se estivesse perplexo.

— É mesmo? Por que ela iria para lá?

— Essa é a pergunta — disse Abelard. — É possível que Micah e a princesa Raisa tenham planejado se encontrar em Vau de Oden?

A mente de Han parou de desenvolver mentiras e se concentrou no que Abelard estava dizendo.

— Como assim?

— Estou me perguntando se a princesa Raisa sucumbiu ao famoso charme de Micah — disse Abelard secamente. — Sei que ela se encontrava com ele antes desse abrupto autoexílio. Talvez eles tenham fugido juntos.

Ela não sabe que Lorde Bayar e a rainha Marianna pretendiam casar Raisa com Micah, pensou Han. Ela supõe que Marianna seria contra a união.

— Não sei — disse Han, com cautela, tentando organizar os pensamentos. — Fiquei de olho em Micah o tempo todo. Entrei e saí do quarto dele umas cem vezes. Micah saía com muitas garotas, mas nunca vi sinal de que ele e a princesa Raisa estivessem enrolados.

— Enrolados? — Os lábios de Abelard se curvaram, achando graça.

— Juntos — disse Han, o tempo todo se perguntando: seria possível? Ele teria sabido. Não teria?

Por outro lado, ele passara vários meses em Vau de Oden antes de começar a ver regularmente a garota que conhecia como Rebecca. E se Micah estivesse atravessando o rio para vê-la? E se ela tivesse feito a Micah a mesma proposta que fizera a Han, de serem amantes clandestinos, e Micah aceitara? Raisa era boa em guardar segredos, mantivera a identidade escondida dele por quase um ano.

Contra sua vontade, as palavras de Fiona lhe voltaram à mente. *A princesa-herdeira concordou em permitir que meu irmão Micah a corteje. Em segredo, claro.*

— Acho que é possível — prosseguiu Han. — Mas ele teria que ter escondido o romance de Fiona, o que não seria fácil. Se ela descobrisse, teria falado para o pai na mesma hora.

Ou matado Raisal ela mesma, pensou ele.

Abelard observou o rosto de Han por mais um instante.

— Você insinuou que há uma divergência na família Bayar, entre Micah e o pai e entre Micah e Fiona.

— Nenhum deles se entende — disse Han. — Fiona não aprova a união entre Micah e a linhagem Lobo Gris, ideia do pai. Ela pensa: por que não eu?

Abelard ergueu uma sobrancelha.

— Como é? Como isso funcionaria?

— Fiona acha que deveríamos esquecer a linhagem Lobo Gris. Ela é a favor de uma rainha maga. E tenho certeza de que a senhora consegue adivinhar quem ela tem em mente para a posição.

— Sem dúvida — murmurou Abelard, esfregando o polegar no indicador, como se já estivesse contando dinheiro. — Mas você não tem prova disso?

Han balançou a cabeça.

— Só o que ela me disse.

— Fiona faz confidências a *você*, então? — Abelard sorriu. — Como isso é possível?

Han não retribuiu o sorriso.

— Ela tem esperanças de me usar contra Micah. Sabe que não nos damos bem.

— Muito bem — disse Abelard, batendo com os dedos no tampo da mesa. — E como isso pode nos favorecer?

— Então você não concorda? — perguntou Han. — Com a ideia de esquecer a linhagem Lobo Gris?

Ele manteve o tom casual, a expressão indiferente, embora muita coisa dependesse da resposta.

Abelard olhou ao redor e se inclinou para mais perto.

— Eu poderia considerar a ideia, Alistar, se soubesse que o banho de sangue mágico resultante valeria a pena. É melhor ter a linhagem de Hanalea no trono do que a dos Bayar. No momento, existem perguntas demais sem resposta. Ainda não sabemos se o Arsenal dos Reis Magos ainda existe, e caso exista, quem está com ele.

Isso de novo, pensou Han, tentando não deixar transparecer seu ceticismo. Ele tinha quase esquecido o arsenal desde o período que passara com o grupo de Abelard em Vau de Oden. Mas a reitora ainda parecia fixada nisso.

— Se existisse e se estivesse com os Bayar, eles já não teriam tomado o poder? — perguntou Han.

— Até agora, a Casa Aerie parecia satisfeita em ser a primeira entre magos, como tem sido desde a Cisão — disse Abelard. — Muitos na assembleia e no Conselho se unem aos Bayar porque eles sempre vencem, e os covardes não querem pagar o preço de apoiar o lado perdedor. — Ela fez uma pausa. — Mesmo assim, você está arriscando a vida para se opor a Lorde Bayar. Por quê? O que espera conseguir?

Han deu de ombros e tentou ignorar o nó nas entranhas.

— Uma coisa leva a outra.

— Eu sugiro que você tranque as portas e contrate um provador para suas comidas e bebidas — disse Abelard secamente. — E leve um exército para Lady Gris, ou não vai chegar lá vivo.

Eu não tenho um exército, pensou Han. *Só tenho Corvo. E talvez nem ele.* Corvo não voltara a Aediion desde que Han o surpreendera com Dançarino de Fogo.

Depois de um momento de silêncio pesado, Abelard prosseguiu:

— Lorde Bayar quer eleger Micah como Grão-Mago no lugar dele. Depois, vai colocar Fiona no Conselho, no assento dos Bayar. Isso vai dar a Micah influência ainda maior sobre a rainha e acesso constante a ela, se é que já não tem. Com o tempo, ele vai convencê-la. Não queremos que isso aconteça.

— Acho que alguma coisa precisa acontecer para derrubar a moral deles — murmurou Han. — Algo que botasse a invencibilidade deles em questão. Algo que afastasse os aliados interesseiros.

A reitora franziu a testa.

— Deixe isso comigo. Não contratei você para planejar estratégias políticas. — Ela jogou o cabelo para trás. — Dolph deVilliers está no Conselho e odeia os Bayar. Tem você e tem eu. Somos três de seis do Conselho. Precisamos conseguir que mais um integrante venha para nosso lado e assim evitar o voto de desempate de Gavan Bayar.

— Nosso lado?

— Eu pretendo ser Grã-Maga.

Bem, pensou Han. É melhor Abelard ao lado de Raisa do que Micah Bayar. Mas preferiria mesmo que fosse eu. Tem algum jeito de fazer isso acontecer? Ele ficou envolto nesses pensamentos até a voz de Abelard o interromper.

— Até sabermos mais, faz sentido manter a rainha Raisa viva e impedir um casamento com Micah. Quero que você investigue a possibilidade de eles estarem se encontrando escondidos. — Ela fez uma pausa. — Se estiverem, você está preparado para eliminar Micah?

Mais preparado do que gostaria de admitir, pensou Han, lembrando-se dos dias vazios e desesperados depois que Raisa desaparecera de Vau de Oden.

— Se você quiser — disse ele, balançando-se na cadeira como se não fizesse diferença. — Se valer a pena.

Abelard assentiu bruscamente, parecendo satisfeita.

— Enquanto isso, vou tentar encontrar outro pretendente para a rainha. Alguém mais ao meu gosto.

Ele limpou a garganta e manteve o corpo relaxado.

— Tem alguém em mente?

— Eu, se fosse homem — disse Abelard com sarcasmo. — O casamento é apenas um exercício político, afinal. A chave é se casar, conceber um herdeiro e depois fazer o que quiser. — Ela considerou a pergunta de Han por um momento. — Eu queria que ela se casasse com alguém inofensivo. Quanto mais cedo, melhor. Pensei que o príncipe Tomlin fosse uma possibilidade, mas isso não está indo bem. O general Klemath não tem dois filhos idiotas?

Sempre chegava um ponto em que Han não conseguia mais aguentar a reitora Abelard. E esse momento tinha chegado. Ele ergueu o rosto, protegeu os olhos e avaliou o ângulo do sol.

— Está ficando tarde. Vão sentir minha falta. Tem alguma coisa...?

— Você encontrou a garota que estava procurando? — perguntou Abelard abruptamente. — A que desapareceu de Vau de Oden? Você achava que os Bayar talvez estivessem envolvidos.

Quando você acha que Abelard não está prestando atenção, na verdade ela está, pensou Han.

Apenas lembre que quando se diz uma coisa, depois não se pode voltar atrás.

— Não — disse ele. — Acho que ela sumiu de vez.

CAPÍTULO QUATRO

Questões de família

Han Alister estava na Torre Mystwerk, em Aediion, o mundo dos sonhos, usando trajes de sangue azul.

— Venha falar comigo, Corvo — chamou ele, batendo o pé. — Estou sozinho desta vez, e preciso de sua ajuda.

O desespero levara Han de volta para lá. Ele mal tinha dormido nos dois dias anteriores, depois do encontro com Abelard. Se nada mudasse, ele corria o risco de perder tudo.

Esperou. O grande sino continuava pendurado acima, mudo.

— Se faz alguma diferença, você me convenceu de que é Alger Waterlow.

Nenhuma resposta.

— Fui nomeado para o Conselho dos Magos. Vamos nos reunir semana que vem. Sem sua ajuda, é improvável que eu sobreviva a minha primeira reunião.

Isso devia tê-lo impressionado. O ar começou a ondular. Corvo apareceu na frente de Han, com a expressão de desprezo habitual e as roupas de sangue azul conjuradas e esfarrapadas devido à confusão mágica.

— Obrigado por vir — disse Han, e estava falando sério.

— Por que eu deveria confiar em você? — Corvo cruzou os braços. — Depois de aparecer com um Bayar disfarçado de cabeça de fogo?

— Hayden Dançarino de Fogo é meu melhor amigo. E é tão inimigo dos Bayar quanto você.

— Rá! Quando houver dinheiro na jogada, ele vai se virar contra você. Ele tem sangue sujo. Assim como a linhagem Lobo Gris.

Han respirou fundo. Era hora de mostrar suas cartas, não importavam as consequências.

— Bem, eu carrego *seu* sangue, quer você goste ou não, e venho pagando por isso a vida toda.

— *Você?* — Corvo olhou Han de cima a baixo. — Parente *meu?* Impossível.

— É mesmo? — Han sustentou o olhar de Corvo e ergueu o queixo com expressão desafiadora.

— Eu não tive filhos — disse Corvo. — Minha linhagem morreu comigo, para imenso alívio de todos. Ah, eu posso ter tido um filho bastardo aqui ou ali, mas não tem como você...

— Você concebeu dois filhos com Hanalea — informou Han. — Gêmeos.

— Você está enganado. Não ficamos casados por muito tempo antes de ela me trair com os Bayar. Imagino que tenha se casado com Kinley Bayar depois. — O rosto dele se contorceu em repulsa. — Então, no que me diz respeito, a linhagem Lobo Gris-Bayar pode murchar e morrer.

— Lucius Fr... Lucas Fraser conta outra história. Ele disse que Hanalea já estava grávida quando você foi levado. Ela teve gêmeos, Alister e Alyssa. Kinley Bayar morreu na Cisão, e Hanalea se casou com Lucas. A paternidade dos gêmeos era um segredo guardado a sete chaves. Todo mundo achou que Lucas fosse o pai, mas ele e Hanalea nunca tiveram herdeiros.

— *Lucas?* — Corvo inclinou a cabeça, o asco virando confusão e depois raiva. — Hanalea se casou com Lucas? Impossível. Eles

jamais...

— É o que dizem os anciãos dos clãs, e eles não teriam razão para mentir.

— Não? — Corvo fez uma expressão de desprezo. — Mentir é como respirar para eles. E para você também, ao que parece. — A imagem dele mudou e se expandiu, até ele ficar bem mais alto do que Han, um pilar de chama e calor insuportável. — Vá embora! — gritou ele, como o Redentor no Dia do Juízo. — Eu prefiro ficar sozinho por mais mil anos a ouvir isso!

Han cambaleou para trás, erguendo os braços para proteger o rosto. Seu cérebro podia até lhe dizer que Corvo não tinha como machucá-lo em Aediion, mas seus instintos gritavam outra coisa.

Ele buscou alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse provar o que dizia. Uma lembrança voltou a ele, uma imagem de infância de uma estátua no Templo de Ponte Austral, uma das poucas que sobreviveram à época da Cisão. Rapidamente, ele a esculpiu no ar. Era Hanalea em trajes de comerciante, portando uma espada, com um garotinho no colo e uma garotinha agarrada às saias. A escultura estava gasta em algumas partes, o mármore estava lascado e manchado, mas ainda brilhava com beleza incandescente.

Por um instante, Corvo reluziu com ainda mais intensidade, e Han precisou cobrir os olhos, mas depois ele voltou ao tamanho de um homem. Corvo encarou a peça conjurada por Han e esticou a mão, como se quisesse tocá-la.

— Hana? — sussurrou ele. — E... e...

Mesmo depois de mil anos, a semelhança entre a garotinha e Corvo era incrível. O garoto se parecia mais com a mãe.

— Chamam de *Hanalea salvando as crianças* — disse Han. — Fica no Templo de Ponte Austral, em Fellsmarch. Deve ter ficado escondida, senão já teria sido destruída há muitos anos.

— Hana. E *nossos* filhos. — Lágrimas escorriam pelo rosto de Corvo. — A semelhança... a semelhança... é incrível. — Ele ficou parado, com os braços estendidos, como um acólito em frente a um

altar, perdido em pensamentos, como se estivesse revendo os fatos por outro ângulo. — Lucas. Com Hanalea — sussurrou ele. — Por que ele faria isso? Por que *ela* faria isso?

— Sei que é difícil acreditar que Lucas ainda está vivo, depois de mil anos — disse Han.

— Isso foi coisa minha. — Corvo apertou as mãos na testa, em uma tentativa de reordenar as lembranças. — Lucas tinha medo de morrer, principalmente no final, quando sabíamos que tínhamos perdido. Ele disse que, se eu o ajudasse a enganar a morte, contaria a verdade sobre o que aconteceu. Tentei convencê-lo a não fazer isso. Era um feitiço que eu nunca tinha feito. Aparentemente, deu certo.

— Aparentemente — disse Han.

— Tudo bem — disse Corvo, secando os olhos. — Supondo que isso não seja algum tipo de piada cruel... o que aconteceu com eles? Com os gêmeos?

— Alyssa fundou a nova linhagem de rainhas. Mas Alister tinha o dom. Ele foi enviado para longe.

— Os Bayar não o mataram?

Corvo tocou a cabeça do garotinho e acariciou os cachos de mármore.

— Os Bayar não ficaram sabendo. Os Demonai queriam matá-lo, mas Hanalea interveio. — Han gesticulou na direção da estátua. — Como você pode ver.

A expressão de Corvo era um misto de esperança crescente e ceticismo.

— Então a linhagem Lobo Gris, as rainhas, também carregam *meu* sangue?

Han assentiu.

— Só traços, depois de mil anos. Mas os Bayar nunca mais se casaram com elas.

Corvo andou de um lado para outro, cintilando, como sempre acontecia quando estava agitado. De repente, ele fez uma pausa e

se virou para Han.

— E a linhagem Alister? Onde você entra?

— Dizem que sou seu único descendente com o dom. Não é uma coisa de que eu ficaria me gabando, se não fosse verdade. Só me arrumou confusão. Tudo que aconteceu comigo, de bom ou de ruim, é resultado dos erros que *você* cometeu mil anos atrás.

Agora, Corvo observava Han com um ar possessivo, os olhos azuis e resplandecentes estreitados em apreciação.

— Há *mesmo* uma semelhança, agora que você falou. Foi Lucas quem contou a você sobre isso? Ele sabe quem você é?

Han assentiu.

— Ele sempre soube, eu acho. Me ajudou algumas vezes. Mas nunca me contou a verdade, só quando os Demonai decidiram tirar vantagem disso, cerca de um ano atrás.

— Por que ele não contaria?

Corvo parecia intrigado.

— Não sei. É provável que achasse que não me ajudaria em nada estar ligado a alguém como você. Hoje em dia, chamam você de Rei Demônio. Supostamente, você sequestrou Hanalea e a levou para seu calabouço; depois torturou a rainha, porque ela rejeitou você.

— O quê? — Corvo balançou a cabeça. — Isso é mentira. *Quem* disse isso?

— Todo mundo. Você quase destruiu o mundo. Hanalea nos salvou ao matar você.

— Se eu era capaz de destruir o mundo, não acha que conseguiria lutar contra a rainha de Fells? — Corvo riu com deboche. — É verdade o que nos dizem, então. A história é escrita pelos vitoriosos.

Apesar de tudo, ou talvez por causa de tudo, Han acreditava nele. Não conseguia deixar de gostar do ancestral arrogante, sarcástico e brilhante que adorava se enfeitar. Muitas mentiras haviam sido contadas sobre Han durante toda a sua vida; por que

não sobre o homem que chamavam de Rei Demônio? Era do interesse de muita gente demonizá-lo.

— Eles a chamam de Hanalea guerreira — disse Han. — Depois que ela destruiu você, negociou a paz que já dura mil anos. Ela é considerada uma santa.

— Hanalea santa e eu, demônio? — Corvo revirou os olhos. — Se Lucas me defende há mil anos, não tem sido muito eficiente.

Han riu.

— Ele não tem mais o dom. Ele disse que foi o preço que pagou por viver para sempre.

Corvo esfregou o queixo.

— É provável que ele utilize todo o *flash* que tem para se manter vivo. É um preço bem alto a se pagar para uma pessoa que nasceu com o dom. Não é uma barganha que eu faria.

— Mas valeu a pena para ele. Como mago, ele não poderia se casar com Hanalea depois da Cisão — disse Han. — Vivemos sob uma nova série de regras e restrições chamada Naéming.

Bem, não tão nova. Mas era nova para Corvo, que antes se chamava Alger Waterlow. E fora criada por causa dele.

Traído pela mulher que amava, torturado pelos inimigos, aprisionado em um amuleto por mil anos, demonizado pela história. Waterlow nunca vira os filhos, nem soubera que os tinha. Não era surpresa que fosse amargo.

Han procurou alguma coisa para dizer.

— Lucas diz que Hanalea amava você. Que nunca deixou de amar. Ele alega que não foi ela quem traiu você.

— Ah, foi ela, só pode ter sido — murmurou Corvo. — Suponho que teve os motivos dela.

— Bem. Talvez ela soubesse que estava grávida — disse Han, se perguntando por que precisava defender Hanalea. Ele não podia desfazer um crime de mil anos. — Talvez ela não tivesse saída, e fez o que fez para salvar os filhos.

— Essa é a questão. Ela não estava tão sem saída — respondeu Corvo. — Estávamos sitiados, mas poderíamos ter aguentado por muito tempo se Hana não tivesse mostrado a eles como entrar... — Ele parou de falar e passou a mão pelo rosto, como se para afastar a lembrança. — Não importa. Ninguém mais liga para isso.

— Você está enganado — disse Han. — O que aconteceu naquela época impacta o que está acontecendo agora. Os Bayar ainda têm esperança de se casar com a linhagem Lobo Gris. — Ele fez uma pausa. — Lembra aquela garota que eu quase morri salvando? Ela é Raisa *ana* Marianna, agora rainha de Fells. Eles querem casá-la com Micah.

Corvo estreitou os olhos.

— Bem, temos que impedir isso.

— Você disse que tinha uma coisa que os Bayar queriam. Uma coisa que eles estão desesperados para conseguir. Algo que você usaria para destruí-los.

Han ergueu as sobrancelhas de forma encorajadora.

— Eu disse isso? — Corvo desviou o olhar. — Vamos falar sobre essa reunião do Conselho dos Magos que você mencionou. A reunião à qual você provavelmente não vai sobreviver.

Ele ainda não confia em mim, pensou Han. Quem pode culpá-lo?

— Se posso perguntar, como uma pessoa como você foi parar no Conselho? Supondo que não tenham guardado uma cadeira para os Waterlow.

— A rainha me indicou como o representante dela no Conselho — disse Han.

— A *rainha* tem um representante no Conselho dos Magos? — Corvo estava estupefato. — Para quê?

— As coisas mudaram. A rainha é quem manda agora.

Corvo murmurou alguma coisa sobre *rainhas* no Conselho *dos Magos*.

— Eles se reúnem em Lady Gris — disse Han. — Na Casa do Conselho dos Magos. Lorde Bayar não me quer lá. Se eu fosse ele,

cuidaria para que eu nunca chegasse a Lady Gris. Preciso achar outro caminho até lá.

— E os túneis?

— Túneis?

— Lady Gris é cheia de túneis, construídos durante a Guerra dos Sete Reinos. Ficaram abandonados durante a Longa Paz, até eu restaurá-los.

— A Guerra dos Sete Reinos? — repetiu Han. — A Longa Paz? O que é isso?

Corvo franziu a testa.

— Você deve ter ouvido sobre a Guerra dos Sete Reinos, quando os que tinham o dom vieram das Ilhas Setentrionais e libertaram Fells. A Longa Paz foi quando os magos governaram os Sete Reinos. Você não estudou história na escola?

Ah.

— Atualmente, chamamos de Guerra de Conquista dos Magos — explicou Han. — O período de governo dos magos se chama Clausura.

— Ha! Como falei, a história é escrita pelos vitoriosos. A verdade é que os vilões eram menos vis e os heróis, menos heroicos do que você ouviu.

Han pegou o mapa de Lady Gris que furtara da Biblioteca Bayar em Vau de Oden na última vez que Corvo o possuía.

— Então este mapa é preciso? — perguntou.

Ele o abriu na mesa e o prendeu com um lampião; depois colocou um mapa moderno ao lado, que o orador Jemson lhe dera. Han reproduziu os dois em Aediion da melhor maneira que conseguiu, de memória.

Estava claro que os dois eram da mesma montanha, mas era aí que a semelhança acabava. O de Corvo era de um estilo estranho e antigo, desenhado a mão e com anotações. Ao contrário do de Jemson, que estava em branco, o mapa de Corvo mostrava um labirinto de passagens e túneis dentro da montanha.

Corvo observou as linhas rabiscadas do mapa mais antigo e passou o indicador por algumas delas para comparar com o de Jemson.

— Parece... diferente — disse ele, enfim.

Ele apontou para o mapa de Han.

— É por aqui que você vai entrar. Acho. — Ele olhou para Han. — Durante meu breve reinado, nós usávamos os túneis para ir e vir de Lady Gris, que estava sob o cerco. Como explodir pedra sólida é um desafio até para magos, eu acho que não deve ter havido muitas mudanças nos túneis em si. Tem uma entrada no lado sul de Lady Gris. Quando você entrar, provavelmente vai seguir sem ser incomodado até quase a Casa do Conselho.

Corvo olhou para o mapa, que mais parecia uma teia de aranha, os olhos brilhando e um músculo do maxilar se contraindo.

Ele está escondendo alguma coisa, pensou Han. No mundo dos sonhos, você tinha que tomar cuidado, senão deixava até mesmo os pensamentos mais profundos transparecerem.

— Eu construí barreiras mágicas durante minha residência, então os túneis ficavam bem escondidos. No entanto, os que me emboscaram foram por esse caminho. — Corvo passou as mãos pelo cabelo louro. — Portanto, há uma chance de estarem bloqueados, vigiados ou ocupados.

— Isso é tranquilizador — disse Han, com um calafrio.

— Mas sejamos otimistas e vamos supor que as barreiras mágicas ainda estejam no lugar. Você vai precisar de chaves para abri-las. Vamos repassá-las agora.

As chaves mágicas eram uma combinação de gestos e feitiços falados. Corvo indicou o trajeto de Han no mapa, marcando os locais em que os feitiços seriam necessários para que ele passasse.

— Aqui. Tente isto. — Corvo entoou uma série de feitiços, e camadas e mais camadas de magia foram surgindo, delicadas como seda tamric. Lindas e mortais. — Agora derrube-as.

Han fez um buraco mágico, e a barreira se acendeu em chamas.

— Não, não, não — resmungou Corvo, apagando o fogo com um gesto. — Uma camada de cada vez, Alister. De novo.

Desta vez, Han foi destruindo camada por camada da parede mágica.

— Isso demora uma eternidade — reclamou ele quando estava derrubada.

— Como é para ser — disse Corvo. — Vai atrasar seus inimigos, se não os matar.

Depois de uma hora trabalhando, a cabeça de Han estava pesada e zunindo.

— Como você se lembra dessas coisas de mil anos atrás?

— Tive pouca coisa para fazer além de treinar encantos e lembrar o passado — respondeu Corvo. — Isso me impediu de perder o último fio de sanidade.

Han acabou conseguindo passar pela sequência corretamente. Mais duas vezes.

— O que acontece se eu errar?

— Você vai ser reduzido a cinzas — disse Corvo, sem rodeios. — Então é melhor estudar. E se mantenha no caminho que tracei para você. Não desvie para túneis laterais, ou você vai se arrepender. — Corvo colocou os mapas de lado, como se estivesse tudo resolvido. — Se chegar à reunião, o que pretende fazer? Suponho que tenha um objetivo em mente, ou não teria pedido o encontro ao Conselho.

— Lorde Bayar é Grão-Mago agora, mas vão precisar eleger um novo para a rainha Raisa — disse Han. — Eu quero essa posição. Senão é provável que Micah Bayar fique com ela, e com a rainha também. — Ele fez uma pausa. — O problema é conseguir os votos.

— Esse é sempre o problema, não é? Quem está no Conselho? Você já pensou sobre isso?

Han assentiu.

— São seis integrantes, mais o Grão-Mago. Como disse, um é indicado pela rainha e um é eleito pela assembleia de todos os

cidadãos de Fells que têm o dom. Quatro são assentos herdados, designados para as casas de magos mais poderosas: os Bayar, os Abelard, os Kinley/deVilliers e os Gryphon/Mathis.

Corvo resmungou.

— É praticamente igual ao que era mil anos atrás, quando tentei mudar. Só que, na minha época, o rei comandava o Conselho.

— Bayar tinha um substituto no Conselho, enquanto esperava que os gêmeos fizessem dezoito anos. Agora, Micah vai ficar com a posição. Lorde Bayar queria que a rainha indicasse Fiona como representante, mas a rainha Raisa me escolheu.

— Qual é o *seu* relacionamento com a rainha?

— Ah. — Como ele devia responder? — Sou o guarda-costas dela.

— Você está dormindo com ela?

— Não é da sua conta — disse Han, pensando que nunca houvera tanta gente xeretando a vida particular dele.

— Não ligo se estiver — disse Corvo. — Só não se apaixone por ela.

— Não estou aqui em busca de conselhos amorosos — respondeu Han, pensando que era meio tarde para isso, de qualquer modo. — Obrigado mesmo assim.

— Como seu tata-avô, sinto que deveria pelo menos colocar minha triste experiência a seu dispor. — Corvo riu da cara feia de Han. — Tudo bem. Voltando ao Conselho.

— Adam Gryphon está no Conselho, agora que Wil Mathis está morto — disse Han. — Gryphon foi meu professor em Vau de Oden.

— Você acha que ele estaria disposto a apoiar você? — perguntou Corvo.

Han balançou a cabeça.

— Pelo que sei, ele me odeia.

— O que ele acha dos Bayar? — perguntou Corvo.

— Eu nunca os vi juntos fora da sala de aula, mas acho que ele gosta de Fiona Bayar.

— Isso é uma pena. Ela talvez o convença a votar no irmão.

A mente de Han batalhou com essa ideia. Talvez houvesse algo que ele pudesse fazer.

— Quem mais? — perguntou Corvo, tirando Han do devaneio.

— Randolph deVilliers representa a Casa Kinley, e Bruno Mander foi eleito pela assembleia. Mander vai votar com os Bayar.

Lady Bayar era originalmente Mander; parecia que as duas famílias se casavam regularmente.

— É como eu disse: algumas coisas não mudam nunca.

— A reitora Abelard tinha um representante no Conselho, pois é a reitora da Casa Mystwerk em Vau de Oden — explicou Han. — Mas agora ela está em casa, e ela odeia os Bayar.

Corvo assentiu.

— Então deVilliers e Abelard são suas melhores apostas.

— Ainda são só três, contando comigo. Além do mais, Abelard tem seus planos. Ela quer tentar ser Grã-Maga, então por que me apoiaria?

— Muito bem, então — disse Corvo. — Você tem alguma coisa contra algum dos outros?

— Depois da primeira reunião, vou ter uma ideia melhor de quem são os jogadores.

— Não sei se eu devia dar conselhos políticos — disse Corvo. — Mas é tão fácil ficar atolado na lama diária da política que não se chega a lugar algum. Não basta estar contra alguma coisa ou alguém. O que você realmente quer?

— O que eu realmente quero? — Han encarou Corvo, respirou fundo e disse em voz alta: — Eu vou me casar com a rainha.

Corvo encarou Han. Sua imagem se iluminou e solidificou, e um sorriso brilhante surgiu em seu rosto. Ele apoiou as mãos nos ombros dele e olhou intensamente em seus olhos.

— Acredito que você possa ser meu descendente, afinal — murmurou Corvo, com os olhos iluminados por uma alegria selvagem.

CAPÍTULO CINCO

Uma reunião nas terras altas

Depois de conversar com Corvo, Han passou a maior parte do dia seguinte observando e escutando, criando estratégias e fazendo planos para a proteção de Raisa enquanto ele estivesse em Lady Gris. Contou seus planos a Amon Byrne e ordenou que Cat ficasse perto da rainha, pois Lorde Bayar saberia que Han estava longe.

Naquela noite, ele estava de plantão nos aposentos de Raisa. Tinha esperanças de uma oportunidade de falar com ela, pois eles não conversavam desde aquela dança desesperada em Pinhos Marisa. Mas ela estava envolvida em uma reunião sem fim com oficiais de Delfos sobre a segurança na fronteira. Delfos estava em uma posição precária, presa entre Fells e Arden, mas o reino não tinha como fornecer a quantidade de dinheiro que o povo de Delfos exigia.

Raisa parecia cansada, os olhos opacos, com olheiras, e os ombros caídos, devido ao peso das múltiplas exigências. Quando as mãos se moveram inquietas na mesa, Han reparou que ela ainda usava o anel dele ao lado do anel de lobos.

Os representantes de Delfos insistiam e ameaçavam, mas Raisa não arredou pé. A reunião foi se arrastando. Han ficou encostado na parede, irritado, com vontade de jogá-los pela janela. No final, ele

teve que sair para Feira dos Trapilhos, onde se encontraria com Dançarino para viajar para Pinhos Marisa.

Na manhã seguinte, Han e Dançarino cavalgaram para fora da cidade horas antes de o sol chegar ao topo da escarpa leste. Era bom cavalgar com Dançarino de novo. Han quase conseguia fingir que todas as tragédias e triunfos do ano anterior não tinham acontecido, que eles eram caçadores em busca de presas menores e menos perigosas.

A estratégia deles era viajar para Lady Gris pelo Campo Pinhos Marisa, partindo um dia antes para evitar possíveis emboscadas. Além do mais, Willo queria vê-los antes da reunião do Conselho.

Eles avançaram em um bom ritmo, ainda no escuro, com a respiração formando nuvens de fumaça e os cavalos seguindo por um oceano cinza de névoa. Estavam viajando havia duas horas quando o sol apareceu acima do Portal Ocidental, espalhando-se pelo Vale abaixo.

Quando a névoa sumiu, o caminho foi tomado por raios brilhantes e sombras frescas, entre áreas lotadas de beijos-de-moça e flores-estrela. Pequeninas verônicas floresciam nas fendas e acônitos e esporas nasciam nos leitos do riacho. Spirea e aquilegia cobriam as encostas das áreas mais ensolaradas. Em dado momento, Dançarino apontou um cervo.

Eles fizeram uma pausa ao meio-dia para os cavalos descansarem e para comerem pão e presunto. Quando passaram pela entrada da casa de Lucius Frowsley, Han pensou em parar e contar ao homem que o amigo Alger Waterlow ainda estava vivo em Aediion. Se é que aquilo podia ser chamado de vida.

Mas o compromisso deles era em Pinhos Marisa, e seguiram em frente.

No fim da tarde, enquanto ainda estavam a alguns quilômetros do destino, Han ouviu o trovejar dos cascos dos cavalos se aproximando. Han e Dançarino trocaram olhares e saíram da trilha para esperar.

Quatro cavaleiros galopavam na direção deles em cavalos altos das terras baixas. Escorria espuma da boca dos animais, mas os cavaleiros faziam as montarias correrem como se estivessem sendo perseguidos por demônios.

Três deles eram jovens, mais jovens do que Han, e um era de meia-idade. Enquanto observavam, um tateou pelo pescoço, se virou e lançou uma explosão de fogo por cima do ombro.

— Magos? Aqui? — Han se inclinou na sela para olhar melhor.

Dois dos cavaleiros tinham passageiros nas selas à frente deles. Crianças com trajes dos clãs, inertes como bonecos de pano.

Cinco guerreiros Demonai saíram galopando das árvores, cavalgando a toda a velocidade. Eles estavam de pé nos estribos, de arcos erguidos, mas pareciam hesitar em atirar, com as crianças tão perto.

Dançarino bateu com os calcanhares no cavalo e entrou direto no caminho dos magos. Han foi atrás e bloqueou a trilha.

Os magos puxaram as rédeas, e os cavalos recuaram e ergueram as patas da frente diante do obstáculo repentino.

Então os arcos Demonai soaram, e os magos que não tinham passageiros caíram das selas. Os guerreiros do clã formaram um círculo ao redor dos magos ainda montados.

Um dos jovens magos que carregava um prisioneiro fez o cavalo parar. Estava usando refinadas roupas de montaria. Ele afastou as mãos do amuleto.

— Não disparem! Eu...

Uma flecha Demonai perfurou a garganta dele. Um guerreiro pulou com leveza no chão e segurou o bridão do cavalo enquanto outro pegava a criança.

O mago que restou, o de meia-idade, ao ver o que acontecera ao companheiro, puxou a cabeça do cavalo para tentar sair da trilha, passando por Han e Dançarino. Infelizmente para ele, havia um despenhadeiro daquele lado. Cavalo, cavaleiro e criança caíram pela ladeira íngreme na ravina.

Han desmontou e pulou na ladeira atrás deles.

A criança tinha voado do cavalo e caíra no leito pedregoso do riacho. O mago estava tentando desesperadamente sair de debaixo do cavalo, que tinha caído em cima dele na água rasa. Acima de Han, na trilha, um arco soou. E outro. Duas flechas perfuraram o peito do mago, e ele escorregou para baixo d'água.

A criança não estava se mexendo. Han a pegou no colo com cuidado e a tirou do riacho. Era uma garota de uns seis anos e estava sangrando na cabeça, com o braço virado em um ângulo impossível. Estava imóvel, com os olhos abertos e lágrimas rolando.

Han se virou para a ladeira, apoiando a cabeça e os ombros dela, para impedir que ela se machucasse ainda mais.

— Preciso de ajuda aqui — gritou ele.

Um dos Demonai deslizou pela ladeira na direção dele e parou bem perto. Era uma guerreira corpulenta, com o rosto coberto de símbolos Demonai. Parecia familiar a Han, mas ele não conseguiu identificá-la.

A guerreira ergueu o arco e apontou para Han.

— Coloque a *lytling* no chão, bruxo.

— Desbravadora! — gritou Dançarino da trilha lá em cima. — Baixe o arco. É Caçador Solitário. Ele está tentando ajudar.

O nome da guerreira despertou a lembrança de Han. Ela era Shilo Desbravadora Demonai. Han a vira pouco tempo antes, na festa de coroação de Raisal, em Pinhos Marisa.

Desbravadora olhou com raiva para Han e colocou o arco no suporte. Juntos, eles conseguiram subir com a garotinha.

Os outros guerreiros estavam com um garotinho deitado no chão, que parecia ter uns quatro anos.

— Ele não está se mexendo, mas não vejo nenhuma marca — disse um deles.

— Eles foram imobilizados — disse Dançarino. — Aqui, deixa comigo.

Ele colocou uma das mãos no peito do garoto, segurou o amuleto com a outra e desarmou o feitiço.

O garoto então segurou as tranças de Dançarino.

— O bruxo me pegou — disse ele.

— Eu sei — respondeu Dançarino. — Mas você está em segurança agora.

Ele já sabe essa palavra, pensou Han. Bruxo. Será que algum dia vamos superar isso?

— Deixe a garota imobilizada até conseguirmos levá-la a Willo — disse Han, direcionando um pouco de poder para a criança a fim de aliviar a dor. — O que aconteceu?

Desbravadora cuspiu no chão.

— Esses quatro bruxos raptaram dois *lytlings* nossos, Pula Pedras e Pescador. Acho que queriam trocá-los por amuletos. — Ela abriu um sorriso cruel. — Agora vão ter que se explicar com o Criador.

— Quem eram? — perguntou Han.

— Eles não se apresentaram — disse Desbravadora, dando de ombros, como se os magos fossem todos iguais.

Os mais jovens talvez fossem alunos em Mystwerk, desesperados devido ao embargo de amuletos feito pelos clãs das Espirituais. Amuletos poderosos estavam cada vez mais difíceis de conseguir, mesmo do tipo temporário. Quando encontrados, eram incrivelmente caros.

— Vamos levar os *lytlings* de volta a Pinhos Marisa — disse Dançarino.

Han montou, e Dançarino lhe entregou a garota ferida, enquanto os Demonai faziam expressões incomodadas.

— Vamos acompanhar vocês até o Campo — disse Desbravadora. — Para garantir que nada aconteça. Os ânimos andam alterados.

— Então vamos — disse Han, preocupado com a garota que tinha nos braços e ansioso para ouvir o que Willo tinha a dizer sobre

essas novidades. Ele fez Ragger começar a andar, abrindo espaço entre os guerreiros.

Quando se aproximaram do Campo, viram sinais de tempos difíceis. Nenhum sinal da barulheira tradicional da recepção que os *lytlings* e os cachorros faziam. Sentinelas de expressão séria montavam guarda na estrada que Han percorrera centenas de vezes na infância. Alguns deles Han conhecia, ao menos de vista. Os Demonai se inclinaram para explicar o resultado da caçada. As sentinelas assentiram para Han e Dançarino quando eles passaram, mas mantiveram as armas em riste.

Han e Dançarino desmontaram em frente à Cabana da Matriarca. O aprendiz de Willo, Mão Hábil, os recebeu na porta. Han entregou Pula Pedras a ele e removeu o feitiço de imobilização.

Willo saiu do aposento dos fundos.

— Traga a menina para cá, Mão Hábil. Estou com uma cama pronta. — Ela olhou para Han e Dançarino. — Compartilhem nossa lareira e tudo que temos. Tem chá fervendo. — E desapareceu no quarto dos fundos.

A infusão das terras altas trouxe uma série de lembranças quando Han tomou um gole. Algum dia voltaria a se sentir em casa ali?

Mais de uma hora se passou até Willo atravessar a cortina de pele de cervo que escondia o quarto de trás.

— Pula Pedras está dormindo agora. Consertei os ossos quebrados, e ela conseguiu tomar um pouco de casca de salgueiro. Estava alerta e falante. Acho que vai ficar bem. Mandei Mão Hábil pegar mais suprimentos. Venham, vamos nos sentar com ela.

Eles seguiram Willo até os fundos, onde certa vez ela curara Han de um veneno que ele absorvera de Raisa. Pula Pedras estava deitada em uma cama perto da lareira, dormindo, o peito magro subindo e descendo.

— Mãe, como isso aconteceu? — perguntou Dançarino, olhando para a garota.

Willo massageou a nuca.

— Pula Pedras e Pescador estavam pescando no rio Dyrnne quando foram capturados. Magos já invadiram nossos vilarejos mais distantes em busca de amuletos, mas essa foi a primeira vez que pegaram crianças. As relações já estavam tensas, agora... estou com medo de alguns guerreiros retaliarem contra alvos magos.

Ela se sentou em uma cadeira ao lado da cama e puxou a cesta de bordado para o colo. Passou a linha por uma agulha e deu nó nas pontas.

— Espero que tomem cuidado, vocês dois — disse ela. — É uma época perigosa para os que têm o dom estarem viajando pelas Espirituais.

Eles murmuraram em concordância, e um silêncio constrangedor se instalou.

Willo respirou fundo e soltou o ar devagar.

— Caçador Solitário, pode nos proteger contra xeretas, por favor?

Han andou por todo o quarto, criando feitiços de privacidade para impedi-los de serem ouvidos, feliz pelos Demonai lá fora não poderem ver o que ele estava fazendo.

Willo apoiou as mãos no colo e seguiu Han com os olhos. Dançarino ficou sentado no tapete, de pernas cruzadas, virado para ela. Quando Han terminou, foi se sentar ao lado do amigo.

Willo baixou a cabeça para a costura.

— Dançarino de Fogo me disse que você pretende viajar para Lady Gris amanhã, para ir a sua primeira reunião do Conselho dos Magos.

— Sim — disse Han.

— Eu queria ter uma conversa antes de você ir. — Ela fez uma pausa e olhou para ele. — Dançarino contou a você sobre o pai dele, certo?

Han assentiu.

— Primeiro, fiquei decepcionada. Quanto mais gente sabe um segredo, menos chance ele tem de permanecer um segredo. — Ela

abriu um sorriso triste para Dançarino. — Eu tinha esperança de que você não fosse se parecer com ele. Eu tinha esperança de você não ter o dom. Eu tinha esperança de você encontrar uma vocação que o mantivesse nas montanhas. — Ela fez uma pausa e acrescentou, com voz baixa e amarga: — Eu tinha esperança de que magos fossem ficar nas terras baixas, onde é o lugar deles.

— Não seria segredo para sempre — respondeu Dançarino. — A semelhança é grande demais. Qualquer pessoa que tivesse uma mera desconfiança descobriria sozinha.

— Agora percebo isso. Andei pensando muito desde que a rainha foi assassinada. Foi um erro esconder o que ele fez durante todos esses anos. Ferimentos assim gangrenam se não são abertos e drenados. Se eu tivesse falado, talvez a morte de Marianna pudesse ter sido evitada.

Willo terminou uma fileira de bordado com contas e cortou a linha. Em seguida, olhou para eles.

— Quero contar para vocês sobre o dia em que encontrei Bayar em Hanalea.

CAPÍTULO SEIS

O que aconteceu em Hanalea

A garota conhecida como Canção d'Água permaneceu à margem do córrego dos curandeiros até bem depois que os amigos voltaram para o Campo, com as cestas cheias de frutas silvestres. Por um tempo, trabalhou em seus desenhos, tentando capturar o brilho da luz na água antes de o sol descer por trás da encosta oeste de Hanalea.

Como estava ficando com sono, ela colocou a prancha de desenho de lado e se recostou em uma árvore, acalentada pela música do rio Dyrnne, aproveitando o sol. De vez em quando, colocava uma framboesa vermelha na boca, e o sumo quente explodia na língua.

Uma voz interrompeu suas fantasias, falando em língua comum.

— Quem é você?

Ela ergueu a cabeça e protegeu os olhos. Era um garoto um pouco mais velho do que ela. Parecia muito alto, principalmente para alguém sentada no chão, e sua figura era meio irregular. Era das terras baixas, obviamente, mas havia alguma coisa... *estranha*... nele.

Ela ficou de pé e espanou a terra da calça.

— Meu nome é Canção d'Água — disse ela, também em língua comum.

— Você é cabeça de fogo — comentou o garoto, parecendo confuso. — Mas... é bonita.

— Não fique tão surpreso — disse Canção d'Água, revirando os olhos. — E não use essa expressão, se quiser se dar bem comigo.

— Que tipo de magia é *essa*? — resmungou o garoto, como se não tivesse ouvido. — Você é enfeitiçante.

Canção d'Água estava ficando cansada daquela conversa esquisita.

— Quem é *você* e o que está fazendo em Hanalea?

— Eu... hã... sou comerciante. Meu nome é Gavan.

Ele deu um passo para o lado e saiu do sol, de forma que ela pôde ver seu rosto. Ele era pálido, como se não passasse muito tempo ao ar livre, e os olhos eram de um azul glacial sob as sobrancelhas escuras e grossas. Bonito, alguns diriam.

A maioria dos comerciantes que Canção d'Água conhecia eram queimados de sol e maltratados pelo vento.

— É mesmo? — questionou ela, com ceticismo. — Não parece. Onde está seu equipamento?

Ele corou.

— Eu sou novato. Acho que me perdi. Deixei meus cavalos a quase dois quilômetros daqui.

É o comerciante mais incompetente que já conheci, pensou Canção d'Água. *Talvez tenha havido algum tipo de erro no Rebatizado dele.*

— Estou procurando a feira de Pinhos Marisa — disse Gavan. — Estou perto?

Canção d'Água assentiu.

— Bem perto. — Ela se virou para apontar. — É por aqui...

— Eu soube que compram peças de metal lá — interrompeu ele, segurando o braço dela.

— Na verdade, quase sempre vendem — disse Canção d'Água, se soltando e dando um passo para trás, de repente alerta ao fato de estar sozinha no bosque com um garoto. Isso nunca a incomodara antes. — Trabalho Demonai, especialmente. Mas eles também compram, se o preço for justo.

— Você... você olharia uma coisa e me diria se dá para vender?

O garoto parecia agitado; nervoso, até.

Bem. Ele disse que era novato. Canção d'Água relaxou um pouco e assentiu.

O comerciante pegou uma bolsinha e a esvaziou na palma da mão de Canção d'Água. De lá, caiu um enorme anel de ouro, com dois falcões entalhados, um de costas para o outro, com as garras estendidas. Ela sentiu o formigamento de magia no metal.

— É um amuleto? — perguntou Canção d'Água.

O garoto assentiu.

— Muito antigo. Feito por cab... pelos clãs.

— Então você deve conseguir um bom preço por ele — disse Canção d'Água, e tentou devolver. — Posso mostrar o caminho...

— Experimente — pediu o comerciante. — Estou me perguntando se é pesado demais para uma mulher.

— Tudo bem — respondeu ela, e colocou o anel no dedo. — Mas você vai precisar falar com... com...

A voz dela morreu quando sua mente ficou enevoada e se recusou a seguir suas ordens.

— Muito bem — disse o comerciante, segurando os braços dela e forçando-a a se deitar no chão. — Vamos ver o que tem debaixo de tanto couro de cervo.

A voz dele mudara, e soou nos ouvidos dela como gelo derretido. Até a forma do rapaz mudou, se alongou, e agora ela via a expressão arrogante do rosto, a curva cruel da boca.

Bruxo, ela quis dizer, mas não conseguiu.

Pula Pedras se mexeu na cama baixa. Willo acariciou a testa dela para acalmá-la, e a menina voltou a dormir.

Tinha escurecido fora da cabana, como se uma sombra maligna tivesse caído sobre eles, embora Han soubesse que era apenas a noite se aproximando. Dançarino acendeu os lampiões perto da cama e eles se acomodaram para ouvir o final da história.

— Ele tentou me matar depois — disse Willo. — Mas os Demonai chegaram, e ele teve que fugir. Quando tirou o anel do meu dedo, eu puxei minha adaga e ataquei a mão dele. — Ela demonstrou, passando os dedos pela palma da mão. — Ele largou o anel e fugiu.

— Os Demonai não o encontraram? — perguntou Han.

Willo fez que não.

— Apesar das famosas habilidades de rastreio, eles o perderam imediatamente, como se ele tivesse sido engolido pela terra. Eu supus que usou magia para fugir. Nunca contei para os Demonai que meu agressor era mago. Nunca mostrei o anel para eles. Eu queria deixar tudo aquilo para trás, encontrar um jeito de esquecer.

“Quando descobri que estava grávida dele, pensei em me matar. Mas me recusei a concluir o trabalho que aquela cobra começou. — Ela sorriu para Dançarino. — E depois, quando você nasceu, percebi quanto eu tinha sorte em tê-lo. Mas rezei para você não ter o dom, porque eu sabia que você seria um pária nesse mundo.”

— Você sabia quem Bayar era? — perguntou Han, com voz baixa e rouca. — Que ele era Grão-Mago?

Willo balançou a cabeça.

— Ele não era, na época. Eu não conhecia magos, de qualquer modo. Vários anos depois, quando me tornei Matriarca, fui a um casamento na cidade. Quando vi Bayar do outro lado de um salão, meu coração quase parou. Ele tinha acabado de ser escolhido Grão-Mago. Eu sabia que ele podia me reconhecer também, fazer perguntas e juntar as peças.

Willo esticou as pernas, e os mocassins surgiram de debaixo da saia.

— Então eu fui embora. Era isso ou matá-lo a facadas ali mesmo.
— Ela ergueu o olhar. — Agora, me arrependo de não ter feito isso. Porque desde aquele dia eu passei a me questionar. Pensei que estava segura em Hanalea. Que podia andar sozinha sem ter que ficar olhando por cima do ombro.

“Depois disso, eu passei a me sentir vulnerável. Parecia que era em parte minha culpa. E, como eu o evitava, ele foi ficando mais poderoso na minha mente. — Ela apertou o punho contra o peito. — Por dentro, eu sentia que, se revelasse tudo, ele encontraria um jeito de me fazer pagar. Por meio de Dançarino de Fogo.”

— Foi por isso que você não foi ao memorial da rainha — disse Han.

Willo assentiu e inclinou a cabeça para observar o rosto dele.

— Você parece decepcionado, Caçador Solitário. Está pensando que eu devia ter confrontado Bayar, ou matado.

— Não. Não é isso. — Han se esforçou para colocar os pensamentos em palavras. — Eu só... É que parece que Bayar devia ter prestado contas há muito tempo. Nunca existem consequências para as coisas que ele faz. Ele matou mamãe e Mari, e o que eu fiz? — Ele hesitou, mas tinha que fazer a pergunta. — Por que está tão convencida de que Bayar mataria Dançarino, se soubesse? Muitos sangues azuis têm filhos por aí.

— Não por Dançarino de Fogo ser um filho bastardo. Dentre os clãs das Espirituais, todos os filhos são uma bênção. Mesmo no Vale, não se faz distinção legal entre crianças bastardas e as concebidas em um casamento.

Como se incapaz de ficar com as mãos paradas, Willo pegou o bordado de contas novamente.

— Os Bayar sempre enfatizaram a importância de linhagens imaculadas. Eles conectam a linhagem deles aos magos que vieram das Ilhas Setentrionais. Tomaram o cuidado de nunca manchar a linhagem, sempre casando entre si, nunca nem mesmo com gente

dos reinos inferiores. Rainhas, povo do Vale e outros magos, só eles são adequados.

“E o mais importante: a aproximação entre magos e os clãs das Espirituais foi estritamente proibida pelo Conselho dos Magos e pela assembleia, desde a invasão. A ideia de um mestiço com o dom da alta magia é apavorante para eles. Coloca em risco todo esse castelo de cartas que chamamos de Fells. Lorde Bayar é um dos fiscais mais rigorosos da proibição. Como Grão-Mago, ele já castigou severamente magos por quebrarem essa regra.”

— Mas eles estão ansiosos para casar o único filho com uma mestiça — disse Han, pensando em Raisa.

— Um sacrifício — respondeu Willo. — Mas que vale a pena, se eles conseguirem recuperar o trono. Os Bayar ficaram escandalizados quando a rainha Marianna se casou com Pés Ligeiros. Odeiam a ideia de que a linhagem Lobo Gris tenha sido contaminada.

Han nunca tinha passado tanto tempo na vida falando sobre linhagens de sangue. Elas nunca eram problema em Feira dos Trapilhos.

— Os Bayar querem impedir uma adulteração ainda maior de uma linhagem com a qual pretendem se casar — prosseguiu Willo. — Acho que isso pode ter alimentado a obsessão atual com o casamento. É isso ou acabar completamente com a linhagem Lobo Gris.

É o que Fiona deseja, pensou Han.

— Então, se for descoberto que Lorde Bayar concebeu um filho com uma cabeça de fogo, ele vai ser visto, no mínimo, como hipócrita — deduziu ele.

Willo assentiu.

— No mínimo. Mas pode também ser visto como traidor dos magos. Pode perder aliados. Isso pode convencer os rivais de que ele é vulnerável a ataques.

A mente de Han disparou enquanto ele considerava as implicações. Risco e oportunidade, as duas coisas.

— Eu também tive que levar em consideração os Demonai — disse Willo. — Já foi bem ruim meu filho ser cria de um mago desconhecido. Mas filho de *Bayar*... eles não teriam tolerado.

— Por que você decidiu nos contar isso agora? — perguntou Han. Lágrimas surgiram nos olhos de Willo.

— O que aconteceu com sua mãe e sua irmã... eu não consegui parar de pensar que, se eu tivesse enfrentado Gavan Bayar anos atrás, talvez não tivesse acontecido. Ao mesmo tempo, isso pareceu comprovar que ele era inatacável.

— E por que nós é que estamos nos sentindo infelizes e culpados e Bayar está tranquilo? — perguntou Dançarino.

— Isso vai mudar — afirmou Han.

A pulsação dele acelerou. Mais uma vez, imaginou o inimigo na sarjeta, com sangue escuro empoçando ao redor. Ele desejava ver a arrogância desaparecer do rosto de Bayar, sendo substituída por medo e choque e depois por um nada vazio. Será que uma vitória política de sangue azul poderia ser tão satisfatória quanto encarar Bayar cara a cara, espada com espada... amuleto com amuleto?

Dançarino interrompeu os pensamentos de Han.

— Você me disse uma vez que ainda tem o anel de Bayar — disse ele para Willo. — Nós podemos ver?

Willo assentiu. Ela se levantou e foi até a lareira. Ergueu uma pedra solta onde a chaminé e a parede se uniam e enfiou a mão ali para pegar um saquinho de linho. Depois de se sentar de volta na cadeira, desamarrou o cordão e virou o que tinha na palma da mão.

Era um pesado anel de ouro, entalhado com dois falcões, um de costas para o outro, com as garras estendidas e esmeraldas no lugar dos olhos. Exatamente como Willo descrevera. As entranhas de Han se retorceram diante da peça.

— Já vi esse desenho. É o mesmo do amuleto de Bayar. É um dos emblemas da Casa Aerie.

— Eu já me perguntei por que o guardei — disse Willo, pesando o anel na mão. — Obviamente, não queria guardar uma lembrança. Mas, de certa forma, senti que me dava poder sobre ele. Porque eu tinha uma prova do que esse homem fez, se decidisse usar contra ele.

— Ele não parece muito preocupado em ser exposto — disse Han —, pois está usando o amuleto do conjunto.

— São peças de legado — explicou Willo. — Ele não ia querer abrir mão de um amuleto poderoso daqueles. A essa altura, ele provavelmente já se considera em segurança.

Willo recolocou o anel na bolsinha e a aninhou nas mãos.

— Estou pensando que seria melhor avaliar a ofensiva, em vez de esperar que Bayar venha atrás de nós. — Ela passou os dedos no cabelo e olhou para Han. — Sou uma artista, não estrategista. Foi por isso que pedi que você viesse. Talvez nós três consigamos elaborar um plano.

Uma responsabilidade imensa recaiu sobre os ombros de Han. Ele não queria ter que responder por mais vidas inocentes.

— Já sabemos os riscos. Acho que precisamos pensar no que você espera ganhar ao expor Bayar. Isso pode ajudar a decidir se vai seguir em frente.

— Eu vou — disse Willo, com franqueza. — Já decidi.

Dançarino ergueu o queixo.

— Eu não vou fugir dele nem vou sair de Fells. Aqui é nosso lar. Isso também está decidido. O que precisamos resolver é o que fazer, quem deve fazer e quando.

Eles ficaram sentados em silêncio, cada um perdido nos próprios pensamentos.

— Bem — disse Willo, por fim. — Se contarmos o que aconteceu em um lugar público e para uma plateia grande o bastante, Bayar não vai ter como nos matar para manter o segredo.

— Precisa ser uma plateia de sangues azuis — afirmou Han. — Principalmente magos. Pessoas que os Bayar não possam eliminar

nem ignorar.

— E precisamos oferecer prova cabal, para que a situação não possa ser negada ou explicada — acrescentou Dançarino.

— Que tal o Castelo de Fellsmarch? — perguntou Willo. — Uma audiência conjunta com a rainha e o Conselho dela.

— Mas o único mago no Conselho é Lorde Bayar — argumentou Han. — A rainha não vê problema no casamento entre gente dos clãs e magos. Quem vai botar Bayar na fogueira são os outros magos. Precisamos falar com eles diretamente, senão Bayar pode contar a história como quiser para Lady Gris. — Uma ideia tomou forma na mente de Han, um plano perigoso, coisa de dono da rua. — Que tal invadirmos o território dele, como Bayar fez em Hanalea? Precisamos mostrar a cara, enfiar uma espada no coração do poder dele. Precisamos provar que não temos medo.

Dançarino se inclinou para a frente.

— O que você está sugerindo?

— Vou levar essa história para o Conselho dos Magos em Lady Gris — disse Han.

— Você tem razão, Caçador Solitário. O Conselho dos Magos precisa ouvir isso — concordou Willo. — Mas quem deveria contar sou eu.

— Não. — Han balançou a cabeça. — Você não pode ir a Lady Gris. É arriscado demais.

Willo apertou os lábios.

— Você acabou de dizer que quer diminuir o poder de Bayar desafiando-o, *mostrando a cara*, como chama. Quer provar que ele não vence sempre. Quem melhor do que eu para fazer isso, a pessoa a quem ele fez mal primeiro?

Han imaginou a reação do Conselho à presença de uma cabeça de fogo no santuário deles.

— Você não vai querer passar por isso.

— Eu concordo — disse Dançarino. — Se confrontar Bayar, tem que ser no Castelo de Fellsmarch, não em Lady Gris.

Willo se virou para Han.

— Mas você acabou de dizer que Lady Gris seria o melhor lugar.

— Eu disse — admitiu Han. — Seria o melhor lugar para *eu* fazer.

Dançarino ficou de pé.

— Você? Você nem está envolvido nisso. Eu vou.

Han também se levantou.

— Eu estou envolvido. Você é meu melhor amigo. Eu tenho mesmo que ir a Lady Gris, por estar no Conselho. Pelo menos, eu teria alguma chance de conseguir entrar.

— E sair? — disse Willo. — Você já disse que Bayar pode montar uma armadilha.

— Sou eu quem devia correr o risco — rebateu Han. — Sou eu quem pode se beneficiar disso.

— Como? — Dançarino endireitou a postura e cruzou os braços. — Achei que estávamos fazendo isso para nos proteger e fazer Bayar pagar.

— Bem. Certo — disse Han. — Mas qualquer coisa que prejudique Bayar me beneficia.

Willo se levantou também, entrando de novo na discussão.

— Bayar me assombra há anos. Não acha que eu mereço um confronto direto com ele? Isso não é sobre política. Nem sobre os conflitos entre vocês. Considere o seguinte: se Bayar matar você, isso incrementa a reputação dele. Se ele me matar, é prejudicado.

— É um preço alto demais a pagar — sussurrou Dançarino, tocando no ombro dela. — Para nós, pelo menos.

— Olhe — disse Han. — Acho que sei um jeito de entrar e sair da Casa do Conselho em Lady Gris. Amanhã, vou levar Dançarino comigo até a entrada, para que ele conheça o caminho. Se isso der certo, vamos todos juntos até lá confrontar Bayar.

Depois de mais um pouco de discussão, eles esboçaram um plano, que se adaptaria ao que Han descobrisse na reunião do Conselho.

Naquela noite, Han ficou rolando na cama estreita, consumido por preocupação. *Não acredito que estamos discutindo sobre quem vai arriscar a pele e encarar Bayar*, pensou ele. De uma coisa não tinha dúvida: se Dançarino ou Willo fossem a Lady Gris e acabasse morrendo, ele jamais se perdoaria.

Tinha que encontrar um jeito de minimizar o perigo.

CAPÍTULO SETE

Uma fenda na montanha

Han e Dançarino saíram de Pinhos Marisa antes do amanhecer seguinte. Willo se despediu deles com um abraço, como se desse uma bênção. Ela ficou olhando até eles sumirem de vista.

Han e Dançarino contornariam a cidade de Fellsmarch e chegariam a Lady Gris pelo lado sul, onde ficava a entrada dos túneis de Corvo, dentro das montanhas.

Han havia transcrito os desenhos que Corvo fizera em Aediion para o mapa que pegara na Biblioteca Bayar. Era como tentar entoar uma canção da qual ele só lembrava alguns trechos. Esperava que estivesse similar o bastante, que os túneis não tivessem sido descobertos e a paisagem da montanha não tivesse mudado. Muita coisa podia acontecer em mil anos.

Em outra página, Han rabiscara os feitiços de abertura para as portas e os corredores de dentro da montanha. Fizera duas cópias, uma para si e uma para Dançarino.

Ele planejava chegar à montanha ao meio-dia, com antecedência suficiente para procurar os túneis e seguir por eles a tempo da reunião, às quatro da tarde. Nos alforjes, carregava a roupa do Conselho, o casaco azul, as estolas de mago que Willo fizera para ele e sua melhor calça de lã preta.

Lady Gris assomara sobre eles a manhã inteira, com o pico melancólico coberto de nuvens e mistério.

Na base da montanha, Han e Dançarino saíram da estrada que levava à Casa do Conselho e atravessaram a vegetação ao redor, sempre subindo. Ficaram de olho no rastro que deixavam, torcendo para que a emboscada tivesse sido montada só no final do caminho.

Chegou uma hora em que eles alcançaram as nuvens. Han atraiu a névoa para si como uma espécie de manto, um complemento aos encantamentos de disfarce que haviam feito naquela manhã.

Outros picos ao redor do Vale eram pontilhados por pequenos sítios, chalés e cabanas dos clãs, plantados nos locais mais altos sempre que a terra era plana o suficiente para que se pudesse construir algo nela. Rebanhos de ovelhas pastavam em todos os lugares, menos nas costas mais íngremes e inóspitas.

Havia poucos sinais de vida humana na fortaleza de Lady Gris. Han e Dançarino atravessaram trilhas de animais e trilhas de cavalos pouco usadas, cobertas com vegetação típica do verão. Mais longe da estrada, passaram por áreas cheias de árvores tortas, com os galhos retorcidos pelos ventos constantes.

Han não conseguia parar de pensar que estava adentrando o território Bayar. *Era isso que você queria*, disse para si mesmo. *Cara a cara e lâmina com lâmina.*

Ele e Dançarino tiveram que deixar os cavalos para trás quando o caminho ficou íngreme demais para os animais. Eles os prenderam em uma pequena campina, perto de grama e água, criando feitiços de proteção contra possíveis predadores.

Depois de colocar os alforjes no ombro, Han seguiu na frente, subindo, às vezes andando ereto, às vezes de quatro, com os alforjes batendo no quadril.

Ele usava a manga para secar névoa e suor do rosto. O cabelo estava grudado na testa. *Minha aparência ótima vai estar na reunião do Conselho*, pensou ele.

— A gente deve estar perto — disse em voz alta, parando em uma pequena plataforma até Dançarino alcançá-lo.

Remexendo nos alforjes, Han pegou as anotações do encontro com Corvo. Colocou uma das mãos no amuleto e esticou a outra em um gesto amplo, falando o primeiro feitiço, direcionado para revelar barreiras mágicas e canais de poder.

Filetes de magia surgiram da lateral da montanha e se iluminaram como fogos de solstício. Teias de feitiço cobriram o chão, camada sobre camada de brilho. Era elegante, belo, frágil como vidro moldado, revelando a obra de um gênio forte e desesperado que estalava de poder. A textura era familiar; já a vira no encontro com Corvo. Incrivelmente eficiente.

Han e Dançarino se entreolharam perplexos.

Han firmou os pés, fechou a mão no amuleto de novo e entoou o primeiro de uma série de feitiços de desmanche. Delicadamente, desfez a magia, camada a camada, com suor brotando na testa, exercitando um nível de paciência que ele não sabia que tinha. Corvo deixara clara a consequência de um erro descuidado.

Aos poucos, uma nova paisagem que não estava visível antes surgiu, uma fissura entre dois pedaços enormes de granito e um caminho pedregoso que levava para cima.

Quando toda a magia tinha sido removida, Han soltou o amuleto e ficou respirando pesadamente, como se tivesse escalado a montanha correndo.

— Acho que está tudo liberado agora — disse ele quando a respiração se regularizou. — Mas meu amuleto já está pela metade. Qualquer pessoa com menos poder estaria acabada pelo resto do dia.

— Será que as barreiras foram feitas com esse objetivo? — perguntou Dançarino. — Para exaurir qualquer mago que tentasse entrar por conta própria?

Eles retomaram a subida com todo o cuidado, Han na frente com as anotações dentro do casaco. De vez em quando, eles

encontravam novas armadilhas mágicas, inteligentemente escondidas em curvas, feitas para derrubá-los de penhascos ou mandá-los para becos sem saída, ou lançá-los por ravinas abaixo. Han desarmou cada uma delas, ciente do estoque de magia cada vez menor. Se tivesse alguma dúvida sobre a identidade de Corvo, já não teria mais. Se tinha algum questionamento sobre seu ancestral ser um gênio da magia, já obtivera uma resposta.

Dançarino olhou para o caminho por onde eles subiram.

— Você reparou? — perguntou ele, apontando. — As barreiras sobem novamente depois que passamos.

E era verdade. A trilha por onde eles haviam passado estava agora obscurecida por um véu de fios mágicos. O que significava que eles precisariam de poder para voltar por onde tinham chegado.

Han trincou os dentes. Não havia nada a fazer além de seguir em frente.

A entrada da caverna poderia passar despercebida com facilidade se eles não estivessem procurando; ficava na sombra de um pedaço enorme de granito com o formato da cabeça de um lobo. Ao contrário do restante do caminho, não havia magia delatora obscurecendo a entrada; só arbustos e árvores que cresceram durante aqueles mil anos.

Han soltou a respiração. Era ali a porta dos fundos para Lady Gris, que ficara escondida por um milênio. Ele esperava que fosse.

Pelo ângulo do sol fora da caverna, Han supôs que fosse meio-dia. Eles tinham quatro horas para percorrer os túneis e chegar à Casa do Conselho. O plano era que Dançarino fosse até lá com Han para estar familiarizado com o sistema do túnel para a viagem de volta.

A abertura em si era pequena e levava a um túnel comprido que eles percorreram de quatro. Han ficou o caminho todo arrepiado e com a boca seca. A qualquer momento, esperava ser explodido em pedacinhos ou incinerado por um feitiço horrendo que Corvo tinha

esquecido de mencionar. De vez em quando, tocava no amuleto para afastar a escuridão total.

Uma claridade à frente indicou que eles estavam chegando ao fim do túnel.

Han saiu primeiro em uma caverna do tamanho da Catedral do Templo, onde Raisa fora coroada rainha. Luzes mágicas ardiavam em suportes nas paredes, refletindo em pilares de quartzo e espirais de calcita de todas as cores. Podiam mesmo estar acesas há mil anos? Ou alguém fora lá para reacendê-las?

Uma cachoeira cascadeava de 30 metros de altura, da entrada de um túnel bem acima, caindo em uma lagoa funda. Vapor adensava o ar.

Alger Waterlow poderia ter reunido um exército ali.

Dançarino saiu do túnel e se levantou. Inclinando a cabeça para trás, ergueu as mãos como um orador dando boas-vindas ao amanhecer.

— Sinto o abraço da montanha — disse ele, fechando os olhos e sorrindo.

Mas Han já estava andando pela área em busca do caminho para continuarem.

Encontrou-o na parede mais distante, escondido debaixo de uma camada de barreiras mágicas. Ele desarmou os feitiços — deixando apenas um intacto, como Corvo instruíra — e achou uma porta que levava à escuridão. *Deixe a última camada no lugar*, dissera Corvo. *Senão você corre o risco de imolação*. Acima da entrada havia uma moldura de pedra, e entalhados nas paredes dos dois lados viam-se corvos Waterlow.

Depois de uma refeição rápida com pão, queijo e água, Han colocou os alforjes nos ombros.

Ele tocou o corvo entalhado na rocha do lado esquerdo da porta.

O último véu de magia ficou transparente.

— Vá em frente — disse ele para Dançarino, mantendo a mão onde estava.

Quando o pé de Dançarino tocou a passagem, ele caiu para trás no chão de pedra.

— Dançarino!

Quando Han se ajoelhou ao lado do amigo, Dançarino se apoiou em um cotovelo e explorou cuidadosamente a nuca com a outra mão.

— Você está bem? — perguntou Han, passando um braço ao redor dos ombros dele.

— Vou ficar com um galo na parte de trás da cabeça, acho — respondeu Dançarino. Ele tocou o talismã de sorveira pendurado no pescoço e afastou a mão rapidamente para sugar os dedos. — Está quente demais. Se não fosse o talismã, eu estaria morto.

Han olhou de novo para o túnel. Mais uma vez, a barreira mágica brilhava pela abertura. Seu ânimo despencou. E agora? O que ele tinha feito de errado?

— Estou bem — disse Dançarino, afastando o braço de Han. — O que você acha que aconteceu? Pode ter cometido algum erro?

Han já estava lendo as anotações.

— “Coloque a palma da mão em cima do corvo entalhado na parede do lado esquerdo da porta. Isso vai identificar você como amigo e deixar a barreira trespassável. Passe pela porta imediatamente, antes que a barreira endureça.” — Ele olhou para Dançarino. — Foi isso que eu fiz. Não vejo por que...

— Você não passou pela porta — observou Dançarino. — Eu passei. Talvez a mesma pessoa tenha que fazer as duas coisas. Ou talvez a pessoa tenha que ser você. E não eu.

— O que quer dizer?

Han estava perdido.

— Você tem o sangue de Corvo. Eu carrego sangue Bayar. Quem Corvo ia querer manter longe? — Dançarino ergueu uma sobrancelha. — Você disse para ele que pretendia me levar junto?

Han balançou a cabeça. Para não criar uma discussão, não dissera nada sobre Dançarino quando Corvo o ensinara como entrar

em Lady Gris.

Talvez Corvo *tivesse* conectado a barreira a seus inimigos. Afinal, ele mostrara a Han como manter os Bayar fora do quarto dele em Vau de Oden.

— Você quer tentar do outro jeito? — perguntou Han, hesitando em pedir a Dançarino que corresse o risco de imolação de novo. — Você mesmo colocar a mão no corvo e passar?

Dançarino balançou a cabeça.

— Vou esperar aqui. Assim, posso preservar meu poder e ir na frente na volta.

— Mas... nós dois vamos precisar vir por aqui, no futuro. Willo também — disse Han, lembrando os planos que haviam feito em Pinhos Marisa.

— Sei que você está acostumado a guardar segredos, mas precisa combinar com Corvo. Dizer a ele o que estamos planejando e ver se tem um jeito. — Com o corpo trêmulo, Dançarino se levantou e andou até Han. — Aqui. Uma doação. — Ele fechou as mãos ao redor do amuleto de Han e despejou poder nele. — Você pode precisar.

Depois de alguns minutos, Han se afastou e libertou o amuleto delicadamente.

— Não fique com pouco. Você vai precisar de poder para sair. — Ele fez uma pausa enquanto pensava. — Me dê até o amanhecer. Se eu não voltar até lá, saia pelo caminho pelo qual entramos. Você se lembra dos feitiços que usamos para entrar?

Dançarino sorriu.

— Não se preocupe tanto — disse ele, deslizando pela parede até se sentar e abraçar as pernas. Ele bateu na jaqueta. — Tenho minhas anotações. É você que vai ficar cara a cara com o Conselho. Aqui é mais seguro.

Mais uma vez, Han se aproximou do túnel, desta vez com cuidado. Colocou a mão em cima do corvo, sentiu uma pontada de magia. Em seguida, deu um passo e passou pela porta.

Nada aconteceu.

Deixando os ombros relaxarem de alívio, Han olhou para Dançarino através de uma camada fina de magia. O amigo fez sinal para ele ir em frente. Han estava por conta própria.

CAPÍTULO OITO

Sangue e política

Raisa andou pela beirada do campo militar tentando se concentrar nos soldados que haviam sido reunidos para ela.

Não era fácil. Era o tipo de dia de verão que inspirava poetas e músicos e transformava amigos em amantes. Abelhas zumbiam acima da campina, pousando em flores e esbarrando umas nas outras quando tentavam levantar voo, como se estivessem embriagadas.

O vento que soprara das Espirituais alguns meses antes tinha se transformado em brisa, que carregava uma lembrança de aroma de jasmim e louro das montanhas. *Hanalea respira*, os poetas dos clãs diriam, e todo mundo sabia que não fazia sentido tentar trabalhar.

Livres, os pensamentos de Raisa se voltaram para Han Alister, para a pergunta que a incomodava desde a coroação, desde aquela dança desesperada em Hanalea: *O que faremos agora?*

Pare. Você não pode pensar nisso agora. Precisa se concentrar, principalmente hoje.

Ela parou no meio do campo militar, com os olhos fixos no espaço à frente. Andorinhas voavam acima e melros de asas vermelhas se agarravam às flores até serem espantados pelo Exército das Terras Altas de Fells, que fazia fila na frente dela.

Só que a maioria não era das terras altas.

Ainda há cães de guerra demais, pensou Raisa, passando o olhar pelos grupos de soldados de uniformes variados. A maioria usava os lenços listrados que indicavam que eram mercenários: um grupo de Delfos com lã marrom, infantaria ardenina de jaquetas escarlate, cavalaria de Bruin swallow de túnicas de batalha cor de areia.

E, aqui e ali, um toque de verde e de marrom, os nativos.

— Que progresso foi feito na substituição dos mercenários? — perguntou Raisa ao general Klemath. — Quantos grupos foram descartados?

— Estou trabalhando nisso, Vossa Majestade — disse Klemath. — Precisa entender que não são só os soldados de linha de frente que precisam ser substituídos. Os oficiais também são dos reinos inferiores. Demora tempo para recrutar e treinar.

— Quantos? — perguntou Raisa.

— Um, Vossa Majestade. — Klemath encarou o exército, sem olhar nos olhos dela, o maxilar contraído com teimosia. — Há vários outros a caminho, apesar de eu achar que, no processo, vamos perder o preparo imediato para a batalha. — O tom dele deixava claro que achava tudo aquilo uma ideia louca e impulsiva de uma rainha jovem e inexperiente que devia se limitar a ir a festas.

Raisa desviou o olhar para Amon, Averill e o orador Jemson, que estavam atrás de Klemath. Eles assentiram de leve.

— Isso não é aceitável — disse Raisa. — Eu esperava bem mais progresso a essa altura.

— Não posso produzir oficiais qualificados com o estalar dos dedos — respondeu Klemath, estalando os dedos para demonstrar.

— Já pensou que *você* pode ser substituído com o estalar dos *meus* dedos? — retorquiu Raisa, estalando os dedos debaixo do nariz do general.

Klemath enrijeceu.

— Isso não seria inteligente — disse ele, ainda olhando para a frente.

— O que isso significa? — A voz de Raisa estava fria como a água do rio Dyrnne. — Isso é uma ameaça, general?

— Significa que agora não é hora de fazer mais uma transição, Vossa Majestade — respondeu Klemath, parecendo lembrar com quem estava falando. — Enquanto as coisas estão tão incertas no sul. Mudança demais de uma vez é difícil.

Não perca o controle, não perca o controle, não, não, não...

— Ninguém disse que seria fácil — disse Raisa. — Mas sei que você vai fazer todos os esforços para adiantar as coisas, agora que sabe o que eu quero. Fui clara?

— Sim, Vossa Majestade — respondeu Klemath, assentindo. Ainda sem sorrir. — É claro.

E, com isso, Raisa dispensou o general e suas tropas.

— Venham comigo — disse ela para os outros.

Entrou na Casa da Guarda com Amon e mais outros dois.

Raisa passou pela sala de serviço e entrou na do sargento. Mawker empurrou a cadeira para trás e cambaleou para se levantar e ficar em posição de sentido com o punho sobre o coração.

— Vossa Majestade! Eu nunca... Isso é um... Ninguém disse...

— Nos dê alguns minutos, por favor, sargento Mawker — disse Raisa, inclinando a cabeça na direção da porta. Ele saiu rapidamente e deixou-a sozinha com Amon, Averill e o orador Jemson.

— Já chega — disse Raisa, sentando-se na beirada da mesa de Mawker. — Klemath sai assim que conseguirmos encontrar um substituto. — Ela estalou os dedos e olhou para eles com irritação. — Não confio nele nem um pouco e não vou aceitar condescendência.

— Se você o substituir, filha, vai precisar agir com muita cautela e discrição — disse Averill. — Ele tem poder considerável no exército.

— Você olhou as folhas de serviço dos candidatos que mandei? — perguntou Amon.

— De alguns. Nem todos — admitiu Raisa. Havia tanta coisa a fazer. — Eu gostaria de ter alguém formado na Academia Wien com experiência real no exército. A maioria dos que você me mandou é da Guarda.

Amon deu de ombros.

— É. São as pessoas que eu conheço melhor. Em quem confio.

— Eu sei, mas vai ser difícil alguém assim ser aceito para comandar o exército.

— E Char Dunedain? — perguntou Amon. — O que você achou dela?

Raisa franziu a testa.

— Não lembro. Me fale dela.

— Ela é originalmente de Penhascos de Giz — disse Amon. — Passou alguns anos na Academia Wien e foi capitã de um grupo de nativos que trabalharam como mercenários em Arden. Lutou lá durante cinco anos, e o fato de ter sobrevivido tanto tempo é impressionante. Voltou para cá e entrou para o Exército das Terras Altas como coronel, com Fletcher no comando. Mas depois que Klemath assumiu, houve atrito entre eles. Por fim, ela procurou meu pai e perguntou sobre ser transferida para a Guarda. Representou uma grande queda de posição, mas mesmo assim ela foi.

— Parece o tipo certo de experiência — respondeu Raisa. — Há quanto tempo ela está na Guarda?

— Seis anos. Meu pai ficou muito impressionado com ela, e ele não é... era fácil de impressionar. Na verdade, foi ela quem ele mandou para a Muralha Ocidental para substituir Gillen. Ele confiou que ela ajeitaria as coisas, e ela fez um bom trabalho.

Raisa se lembrou do que Dimitri Fenwaeter dissera no dia da coroação. *A nova comandante da Muralha Ocidental é uma mulher, mas é surpreendentemente justa e fácil de conversar.*

— Você pode providenciar um encontro meu com ela? — perguntou Raisa. — Quanto tempo demoraria para ela vir até aqui,

da Muralha Ocidental? E poderíamos fazer isso sem despertar desconfianças?

— Na verdade, ela está aqui — explicou Amon. — Na sala de serviço. Passamos por ela quando entramos. Pedi que viesse a Fellsmarch por alguns dias. Eu queria falar com ela sobre as condições atuais naquela fronteira. Estamos prestando tanta atenção ao nosso vizinho do sul que precisamos tomar cuidado para não deixar passar nenhum risco vindo do leste.

Era típico de Amon Byrne prever problemas e cuidar deles antes de crescerem e ficarem difíceis de gerenciar; assumir responsabilidade por questões que não eram exatamente dele.

— Peça a ela que entre, então — disse Raisa. Quando Amon saiu, ela acenou para Averill e Jemson se sentarem em cadeiras encostadas à parede. — Vocês dois escutem e me digam o que acham.

Amon voltou com uma guarda alta e esguia de uniforme camuflado. Ela parou na frente de Raisa e fez uma saudação.

— Vossa Majestade. O capitão Byrne me disse que gostaria de saber a situação de nossos domínios ao longo da escarpa.

Os olhos de Dunedain eram de um cinza surpreendente na pele cor de cobre. O cabelo era castanho com mechas douradas de sol e estava preso com um barbante. O nariz tinha sido quebrado e não fora curado direito.

— Você é mestiça — disse Raisa, de repente.

— Sou, sim — respondeu Dunedain. — Como Vossa Majestade, acredito. Isso é um problema?

A mulher sustentou o olhar de Raisa com franqueza, sem sinal de estar na defensiva.

— Não, sargento, só é inesperado. Não há muita gente dos clãs entre os soldados das terras altas.

— Não, Vossa Majestade — disse Dunedain. — Devia haver mais.

— Por que você acha que não há mais?

Dunedain olhou para Amon como se procurasse orientação.

— Fique tranquila, sargento — disse Amon. — Pode falar o que pensa para a rainha.

— São vários motivos — replicou Dunedain, relaxando um pouco. — Havia mais gente dos clãs entre os soldados das terras altas. Nós somos hábeis em guerra nas montanhas. Mas atualmente o exército passa muito tempo em manobras nas terras baixas. Não gostamos de marchar de um lado para outro em um campo, sem propósito. Nossos inimigos vão chegar pelas montanhas ou pelo mar. Não existe outro jeito de chegar aqui. Seria melhor deter o inimigo antes que ele chegasse ao Vale, pois é lá que levamos vantagem. — Ela parou de falar. — Na minha opinião, Vossa Majestade.

— Mas precisamos saber lutar nas terras baixas também — argumentou Raisa. — Por precaução.

— Os cães de guerra do general Klemath já sabem lutar nas terras baixas, senhora — disse Dunedain. — O que eles precisam é aprender a lutar nas montanhas.

— O que mais? — perguntou Raisa.

— O general Klemath não gosta muito dos clãs das Espirituais — disse Dunedain. — Acho que esse é um dos motivos para ele não querer passar tempo nas montanhas. Eu fui trazida pelo predecessor dele, o general Fletcher. Desde que o general Klemath assumiu o exército, muitos dos nascidos nas montanhas abandonaram o serviço. Conforme as forças nativas diminuem por causa do atrito, ele vai substituindo por cães de guerra. É culpa dele se não consegue encontrar nativos o suficiente.

— Por que você saiu? Considerando que pagou um preço alto, em termos de posto.

— O general Klemath e eu tínhamos diferenças filosóficas. Talvez seja melhor não dizer mais. — Ela olhou de Raisa para Amon e de novo para a rainha. — Agora, Vossa Majestade queria saber sobre a Muralha Ocidental?

— Ah. Sim — disse Raisa. — Por favor.

Dunedain fez uma análise sucinta sobre assuntos políticos, militares e econômicos ao longo da escarpa. O que ela disse casava bem com a lembrança que Raisa tinha do breve período que passara por lá.

— Para resumir, a estrada está consertada, e o comércio deve melhorar junto com a melhora do tempo. Eu sugeriria um investimento maior no apoio aos Andarilhos das Águas, garantindo que eles nos vejam como bons vizinhos. Isso compensaria muito na economia de custos militares, se eles servirem como primeira linha de defesa. Ninguém passa pelos Pântanos se eles não permitirem.

Dunedain fez uma pausa, como se para verificar se Raisa queria saber mais, e prosseguiu quando a rainha fez um sinal.

— Houve uma melhora distinta no rio Dyrnne, e isso ajuda. Os Andarilhos das Águas são do tipo que guarda ressentimento se acham que foram prejudicados ou sentem que não estão sendo respeitados.

— Todos somos desse tipo, sargento Dunedain — disse Raisa. Ela pensou por um momento. — Me diga: como você se relaciona com magos?

— Eu não gosto nem desgosto, senhora — respondeu Dunedain. — Tive pouco contato com eles, para ser sincera. Não sou Demonai, mas poderia ter sido. Fui nomeada para os Demonai, mas preferi ir para a Academia Wien.

— Por quê? — perguntou Raisa, observando Averill. Ele estava sentado com as mãos cruzadas, com uma expressão de comerciante. — A maioria das pessoas consideraria isso uma honra rara, principalmente para alguém mestiço.

— Os Demonai têm a mente muito limitada, são muito concentrados nos interesses do clã. Precisamos de uma visão mais ampla, ou seremos atropelados. — Ela massageou a nuca. — Um soldado sempre consegue encontrar trabalho. É como o mundo funciona. As pessoas sempre lutam umas com as outras.

— Se você fosse general dos exércitos, o que faria de diferente?
— perguntou Raisa. — Se tivesse autoridade para fazer o que quisesse.

— Eu mandaria os cães de guerra de volta para o local de onde vieram — disse Dunedain, erguendo o queixo desafiadoramente. — O exército deveria ser composto da mesma mistura das pessoas de Fells: gente dos clãs, magos e povo do Vale. De gente dos reinos inferiores, só se estiverem aqui de forma permanente. Se os magos não quiserem entrar para o exército, temos que encontrar outro jeito de trabalhar com eles. Eu também cuidaria para que o exército e a guarda cooperassem. Às vezes, acho que agimos com propósitos opostos, Vossa Majestade.

— O que você desejaria de sua rainha — perguntou Raisa —, se comandasse o exército?

— Eu desejaria recursos suficientes para armar e equipar as tropas de forma eficaz. Desejaria alguém que me entendesse e entendesse meu mundo e ouvisse o que tenho a dizer. Desejaria que ela me dissesse quais são nossos objetivos militares. E pediria que confiasse em mim para fazer meu trabalho — disse Dunedain sem rodeios.

Raisa sorriu.

— Obrigada por compartilhar suas opiniões, sargento Dunedain. Agradeço sua boa vontade de falar abertamente.

— Me espere na sala de serviço, sargento — pediu Amon. — Vamos conversar mais um pouco antes de você voltar.

Dunedain cumprimentou os dois, deu meia-volta e saiu.

Raisa se levantou, de cabeça baixa, mordendo o lábio. Depois olhou para Jemson e Averill.

— E então? O que vocês acharam?

— Gostei dela — disse Jemson. — Gostei da forma como pensa e se expressa.

Averill fez uma expressão de desagrado.

— Ela tem opiniões fortes. E você também, Rosa Agreste. Como isso funcionaria?

— Você só não gostou do que ela disse sobre os Demonai — retorquiu Raisa.

— Não gostei mesmo — admitiu Averill. — É ingenuidade pensar que podemos todos nos unir e cantar a mesma música, sem considerar toda a história que temos.

Quando a reunião foi encerrada, Raisa puxou Amon de lado e pediu que ele arrumasse um substituto para Char Dunedain na Muralha Ocidental.

— Quero trazê-la de volta a Fellsmarch — disse Raisa. — Invente um bom motivo.

— Como potencial substituta de Klemath? — perguntou Amon, inclinando-se para falar no ouvido dela.

Raisa assentiu.

— Preciso de alguém em quem eu possa confiar. Quero poder agir com ousadia, se necessário, sem lutar com Klemath a cada passo. Se Dunedain se mostrar competente, vou fazer a troca. Mas não fale nada. A última coisa de que preciso é um general em campo que sabe que vai ser substituído.

Amon assentiu. Continuou de pé olhando para Raisa, com a testa vincada entre as sobrancelhas escuras, até que ela disse com certa rispidez:

— O que foi?

— Você mudou, Rai — disse ele. — Parece tão... tão confiante. Como se soubesse o que está fazendo.

Outro elogio subjetivo de Amon. Alguns meses antes, ela teria rebatido: *Ah, é? Então você está dizendo que antes eu era insegura?*

Mas ela apenas deu de ombros.

— Vamos ver se sei o que estou fazendo. Vou precisar de toda a ajuda que puder para fazer isso.

CAPÍTULO NOVE

Sobre consortes e reis

Han seguiu pela passagem na direção norte, de acordo com sua bússola interior, mais para o fundo da montanha.

O túnel seguiu reto pelo que Han pensou ser um quilômetro e meio, mais ou menos, embora parecesse bem mais, dentro da montanha. Não permitiu que sua luz mágica seguisse mais do que alguns centímetros à frente. Não queria anunciar sua presença para qualquer pessoa que pudesse estar no túnel. O caminho acabou virando para oeste e começou a subir.

Han andou o mais rápido que ousava, sem saber quanto tempo levaria para atravessar a montanha até a encosta oeste de Lady Gris.

Uma vez, uma teia de magia quase transparente apareceu no corredor, e Han quase não conseguiu parar a tempo. Aquela barreira em particular não estava em suas anotações. Parecia diferente, mais rudimentar do que as outras. Ele a desarmou com um feitiço básico.

Dali em diante, o caminho estava livre, com apenas armadilhas e perigos triviais. Ele esperava encontrar barricadas naturais, de desmoronamentos, reflexo dos últimos mil anos, mas os túneis estavam bem-iluminados e livres de poeira e estilhaços de pedra.

Han passou por lagos fumegantes com margens manchadas de minerais, riachos borbulhantes que alimentavam rios subterrâneos, gêiseres de vapor que fediam a enxofre. Não viu ninguém e não encontrou sinais de que qualquer pessoa tivesse passado por ali em um milênio. Correntes de ar fresco sopravam no rosto dele, vindas de fontes desconhecidas.

Alguns dos túneis adjacentes estavam mapeados, outros não, com entradas obscurecidas por véus de magia revelados apenas pelo feitiço que Corvo lhe ensinara. *Para onde vão?*, perguntou-se Han. Ninguém faria um túnel sem motivo.

Mas ele não tinha feitiços para passar por aquelas barreiras, além de não ter tempo.

Conforme o caminho foi subindo delicadamente, os túneis laterais e interseções foram ficando mais frequentes. Barreiras mágicas reapareceram, feitiços mais simples e menos elegantes.

O túnel termina em um aparente beco sem saída, uma câmara grande com uma fonte quente no meio, diziam as anotações de Han. As paredes se abriram e o teto ficou alto quando ele chegou lá.

O lago à frente parecia uma das fontes sem fundo espalhadas por Fells, lugares em que o fogo dentro da terra chegava perto da superfície. Fundo e limpo, borbulhando de calor, parecia capaz de ferver e arrancar a carne de uma carcaça em questão de minutos.

A fonte é uma miragem, diziam as anotações de Han. *Em uma das margens, você vai encontrar uma escada de pedra que desce até a água. No fundo da fonte, há uma porta que leva ao porão da Casa do Conselho.*

Han contornou a fonte. Ao esticar a mão e conjurar mais luz, ele viu degraus descendo até a água límpida. O calor úmido da fonte queimou sua pele exposta. Ele sentia o cheiro de enxofre borbulhando das profundezas, via o vapor subindo da superfície. Se era miragem, era convincente.

Ele mexeu no amuleto, em dúvida. E se *fosse* real? E se as anotações de Han estivessem erradas? E se alguma coisa tivesse mudado nos últimos mil anos?

Ele não tinha tempo para ficar pensando nisso, se queria chegar na hora. Pisou na fonte, fazendo uma oração para qualquer deus que pudesse estar escutando um sujeito como ele, procurando o degrau com o pé, com o coração disparado e todos os nervos em alerta.

Seus olhos lhe diziam que ele estava de pé em uma fonte fervente até os joelhos. Mas não havia dor lancinante, não havia água entrando nas botas feitas por artesãos dos clãs. Ele deu outro passo, e outro, trincando os dentes, se obrigando a seguir. Fechou os olhos para tentar limitar as sensações conflitantes no cérebro.

Então, estava com água até a cintura, depois até o pescoço. Mais dois passos e a água fervente se fechou acima da cabeça. Ele continuou a respirar normalmente, continuou a descer até chegar ao pé da escada.

A miragem se dissolveu, e Han estava em uma câmara de pedra, ainda vivo e totalmente seco. As paredes nem úmidas estavam.

Seu coração batia forte e ele se sentiu tonto e enjoado. Alger Waterlow não podia passar por aquele trauma cada vez que ia e vinha por seu sistema de túneis. *Deve haver outra entrada*, pensou ele.

Uma teia de magia em frente à escada marcava a saída. Quando o coração de Han se acalmou um pouco, ele desfez o feitiço e empurrou delicadamente a porta.

A passagem levava a um porão que fedia a terra e pedra. Han observou o local. Em um canto, a junção entre paredes e o teto estava repleta de feitiços. Ao passar os dedos sensíveis na superfície, Han encontrou duas trancas compridas embutidas na pedra. Quando as deslizou, um alçapão se abriu.

Han pulou, segurou as beiradas da passagem e se ergueu pelo buraco. Estava em um pequeno depósito, repleto de barris e latas

poeirentas.

Sentindo-se imundo e fedorento, Han colocou os alforjes no chão e vestiu as roupas finas de mago, fazendo o melhor possível para alisar as partes amarrotadas com o vapor dos dedos. Terminou com as estolas que Willo fizera para ele, com o brasão dos corvos de Waterlow. Depois de colocar as roupas velhas nos alforjes, ele os largou pelo alçapão e puxou um barril para cobri-lo.

Han seguiu pelo labirinto no que achava ser a direção da saída. Aquele lugar era tão imundo quanto qualquer porão. Ninguém passaria mais tempo ali do que necessário. Cada vez que encontrava uma escada, subia até onde o teto era mais alto e as paredes, menos úmidas. Depois de dobrar uma esquina quase correndo, ele ficou cara a cara com uma garota de bochechas rosadas e o avental cheio de cebolas. Ela o encarou com expressão de espanto.

— Desculpe, querida — disse Han. — Eu me perdi.

Ao passar, ele roçou os dedos na testa dela, apagando delicadamente a lembrança do encontro. Han ficou feliz quando chegou ao andar principal, onde sua presença podia ser explicada com mais facilidade.

Usando os corredores dos criados, ele seguiu para longe das despensas e entrou em áreas mais formais. À frente, ouvia uma confusão de vozes de sangues azuis. Ele viu escadas à direita e seguiu por elas, procurando um lugar para limpar os rastros de sua jornada.

Han passou por um corredor e entrou em uma área com aposentos largos e elegantes, testando as portas dos dois lados. As primeiras que experimentou nem se mexeram, mas encontrou uma porta destrancada e entrou, fechando-a em seguida.

Era um quarto de mulher, e estava claro que tinha sido ocupado recentemente. Um vestido estava caído no chão ao lado da cama e calças e camisas estavam espalhadas como os restos de um desastre de roupas íntimas. Um vestido novo estava sobre a cama.

Um relógio na penteadeira dizia que ele tinha meia hora até a reunião começar. Ele se inclinou e se olhou no espelho. As roupas estavam limpas, mas havia uma mancha de sujeira na bochecha, com pontinhos de sangue seco, obtida em algum ponto de Lady Gris. Ele pegou um pano em uma bacia e esfregou o rosto.

— Quem é você e o que está fazendo aqui? — disse alguém atrás dele, com um tom mortal e gelado.

Ele se virou, ainda segurando o pano.

Fiona Bayar estava ali, usando um roupão de seda e chinelos, com o cabelo branco preso no alto da cabeça. Ele viu a porta aberta atrás dela e percebeu que ela devia ter acabado de sair do banho.

Pelo que Han pôde perceber (e deu para perceber muita coisa), ela não estava usando nada por baixo da seda. *Bem*, pensou ele, *pelo menos ela não está de amuleto.*

— Alister!

Como se tivesse ouvido os pensamentos dele, ela procurou o feitiço, que não estava lá.

— Fiona! Ah... o que você está fazendo aqui?

Não foi a coisa mais inteligente de se dizer, já que fora ele a tomar a vaga dela no Conselho. E ela *era* do tipo que guardava ressentimento.

— O que *eu* estou fazendo aqui? O que *você* está fazendo aqui?

Ela olhou para um ponto atrás de Han, para onde estava o amuleto, na cama, ao lado da muda de roupas.

Fiona pulou na direção do amuleto na hora em que Han se moveu para interceptá-la. Ela se chocou com ele, e os dois caíram na cama, com Fiona por cima. Ele sentia o amuleto dela sob as costas, mas ela estava ocupada tateando o pescoço dele, tentando botar as mãos no amuleto de serpente. Ele segurou as mãos dela com força, o rosto de Fiona a centímetros do nariz dele.

— Eu não faria isso, se fosse você.

— Achei que você estaria na reunião do Conselho — ofegou ela, lutando para se soltar.

— Estou a caminho — disse Han.

E, antes que ele piscasse, Fiona o envolveu com as longas pernas e começou a beijá-lo como se quisesse sugar todo o ar de dentro dele. A seda não era uma grande barreira, e, de qualquer modo, o roupão se abriu. Han não conseguiu evitar uma reação. Ele era humano, afinal.

Fiona finalmente parou para respirar e olhou para ele com olhos cintilando, como se para avaliar o efeito.

— Na verdade, estou feliz em ver você, Alister. Eu planejava procurá-lo depois da reunião. Como me achou tão rápido? Espero que ninguém tenha visto você vir aqui para cima. — Ela o beijou de novo, pressionando o corpo contra o dele. — Eu prometi que teria uma nova proposta para você — murmurou ela no ouvido dele. — Espero que me escute.

Nova proposta? Ah. Certo. Agora ele lembrava. Ela tinha mencionado isso quando dançaram juntos em uma das festas de pré-coroação.

Fiona levou os lábios ao pescoço dele, depois até atrás da orelha, e começou a mexer no fecho do casaco.

Finalmente recuperando a sensatez, Han rolou de debaixo dela e saiu da cama, pegando o amuleto de Fiona no caminho. Ele parou com os pés um pouco afastados e o amuleto dela pendurado na mão, aliviado porque o casaco lhe cobria até a metade das coxas.

Ela se levantou e andou na direção dele, com o roupão aberto na frente. Han lutou para manter o olhar no rosto dela. Fiona devia estar tentando fazer com que ele se atrasasse para a reunião.

— Você disse que tinha uma proposta para mim — disse Han. — Diga logo, senão vou embora. Como você sabe, tenho um compromisso.

Fiona parou a uma distância mínima.

— Eu subestimei você. — disse ela. — Ah, eu sabia que era atraente e inteligente. Pensei que um flerte com você seria... interessante, de uma maneira meio perigosa. Para ser direta, eu

achava que você podia ser útil e divertido e fácil de descartar quando eu não precisasse mais dos seus serviços.

Que lisonjeiro, pensou ele.

— E agora?

— Estou impressionada com o que você conseguiu sozinho. E acho que pode me ajudar a conseguir o que eu quero. Seja meu parceiro e, quando eu for rainha, vou fazer de você meu consorte.

Ela parou na frente dele. Segurou as estolas, puxou a cabeça de Han para baixo e o beijou de novo. Distraído por uma torrente de pensamentos, ele não resistiu.

— Mas temos que agir rápido — sussurrou ela. — Minha família... meu pai pretende me casar para cimentar alianças políticas.

— Quem é o noivo de sorte? — perguntou Han.

Fiona tremeu.

— Adam Gryphon. Consegue imaginar? *Eu*, casada com um aleijado murcho, infeliz e maníaco por livros como Adam? — Ela pressionou o corpo contra o dele. — Não podemos deixar isso acontecer.

Han sentiu uma onda de solidariedade pelo antigo professor.

— Pense bem — murmurou Fiona. — Você é guarda-costas da rainha, está em posição perfeita de eliminá-la junto com aquela irmã pálida dela. Aí, não vai haver escolha além de fazer uma mudança na sucessão. Eu estarei lá para assumir, e você pode me apoiar no Conselho. Quando eu for rainha, meu pai não vai mais dar as ordens.

Assassinar Raisa. Fiona pretendia assassinar Raisa e exigir o trono para si. A pulsação de Han latejou nos ouvidos, tornando difícil a junção de pensamentos.

É você quem precisa ser eliminada, pensou ele.

Ela se afastou e observou o rosto dele, ainda segurando as estolas.

— E então? Temos um acordo?

Seria tão fácil, pensou ele, olhando para o rosto impaciente de Fiona. Ninguém sabia que ele estava na Casa do Conselho. Um feitiço rápido de morte ou uma faca na garganta, e essa ameaça a Raisa estaria resolvida.

Mas era só uma ameaça entre muitas. Ele tinha que fazer o jogo continuar, tinha que jogar com tudo, se queria que Raisa ficasse em segurança.

Não podia prometer que assassinaria Raisa, mas não queria que Fiona contratasse outra pessoa para fazer o serviço. Era melhor estar por dentro daquele plano.

Ele lutou para controlar a fúria na voz e adotar um tom frio e sardônico.

— Você vai estar lá para *me* apoiar quando eu subir no cadafalso e for enforcado por assassinato? — questionou Han. — Parece que vou arriscar bem mais do que você.

Fiona pareceu confusa, como se a oferta de ficar com ela fosse tudo que ele pudesse desejar.

— O que mais você quer?

— Você disse que vai me fazer consorte. Se sou eu quem vai matar, quero mais do que isso.

Ela o encarou, atordoada.

— Mais do que consorte? Você? O que mais você poderia querer?

— Talvez eu queira ser rei. Me ajude e eu faço de *você* a consorte.

Ele nunca tinha visto Fiona Bayar totalmente sem palavras. Era bem mais divertido do que a ouvir falar.

— Você? Rei? — A cor sumiu do rosto dela e deixou-o branco como papel de tanta raiva. — Um ladrão arrogante, criado na sarjeta, filho de uma... uma *catadora de trapos*? Eu faço uma proposta séria e generosa e você me responde com essa proposta estapafúrdia...

Então Han perdeu o controle. Estava cansado de ouvir *quem* você *pensa que é* dos Bayar. E estava com medo, com medo de

cometer um erro e Raisa morrer.

Ele segurou os cotovelos de Fiona com força.

— Estapafúrdia? Acha mesmo? — Ele olhou nos olhos dela. — Você sabe quem eu sou?

Os olhos normalmente frios de Fiona estavam agitados e até um pouco assustados.

— Você é Han Alister. Um... ladrão de rua que virou mago.

— Olhe para mim, Fiona — disse Han. — Olhe de verdade. Você acha que isso é tudo que eu sou?

Magia não canalizada se espalhava por ele e zumbia sob a pele.

Ela balançou a cabeça e ficou olhando para o rosto dele como se procurasse pistas.

— Eu... eu não sei o que você quer que eu diga.

— Vocês, sangues azuis, são obcecados por linhagens de sangue. Eu sou o casamento perfeito entre linhagem real e magia, entre a legitimidade e a magia. Sou herdeiro de um legado ao qual nem os Bayar podem se equiparar, que foi roubado de nós séculos atrás.

— Linhagem real! — Fiona estava tentando parecer desdenhosa, mas sem muito sucesso. — Quem você acha que...

— O que você precisa saber é que não vou parar até conseguir o que quero. Você pode ficar comigo ou contra mim. Mas escolha com cuidado.

Ele jogou o amuleto de Fiona longe, e ela pulou para a frente para pegá-lo.

— Me avise o que decidir.

Han se virou e saiu.

CAPÍTULO DEZ

No ninho de cobras

Han seguiu pelo corredor, voltando por onde tinha vindo, com todos os sentidos em alerta para o caso de Fiona ir atrás dele, fosse para atacar, fosse para aceitar sua proposta.

Enquanto andava, repreendia a si mesmo, lamentando ter perdido o controle e revelado tanta coisa. Quando uma coisa era dita, não podia ser retirada. Como pudera se esquecer disso?

Ele não falara tudo, mas, com o que dera a ela, Fiona podia descobrir o resto. E, se descobrisse, talvez contasse ao pai. Ou talvez não, se estivesse muito envolvida com os próprios planos.

Se Han obtivesse uma resposta dela, isso talvez pudesse manter Raisal em segurança por um tempo, mesmo que Fiona pretendesse renegociar mais tarde, depois que ele apagasse a rainha. Mas se ela não o procurasse...

Ele tinha dez minutos para encontrar a sala da reunião. Não pretendia chegar no último minuto, mas não havia mais como evitar.

Desceu a escada dois degraus de cada vez e deu no patamar do primeiro andar. Não mais ouvia vozes pelo corredor.

Han se encontrou em um saguão grande, com dois andares de altura. Havia uma porta enorme de nogueira em frente à entrada.

Estava bem fechada.

Um criado de aparência nervosa usando um uniforme com o símbolo do Grão-Mago, a espada e a chama, se apressou para interceptá-lo.

— Sinto muito, meu senhor, mas o Conselho está em sessão e não pode ser interrompido. — Ele fez um gesto para um salão na lateral do saguão principal. — Se o senhor puder esperar ali, trago uma bebida. Vinho, talvez?

— O Conselho já está em sessão? — Han olhou para o enorme relógio acima da lareira do salão. — Já? Não está cedo?

O criado assentiu.

— Todo mundo já tinha chegado, e Lorde Bayar deu início à reunião.

— Se o Conselho está em reunião, eu deveria estar lá — disse Han. — Sou Hanson Alister, o representante da rainha.

O criado ficou pálido.

— Lorde Alister? Mas Lorde Bayar disse que o senhor não viria.

Ele ergueu as mãos como se achasse que Han poderia matá-lo ali mesmo.

— Qual é seu nome? — perguntou Han ao homem trêmulo.

— Ha... Hammersmith, meu senhor — disse o criado. — Eu garanto, se soubesse que...

— Não se preocupe, Hammersmith. — Han deu um tapinha no ombro do homem e quase o fez ter uma convulsão. — Você não está encrencado. Lorde Bayar não sabia que meus planos tinham mudado, só isso. Vou apenas entrar.

— M... m... mas a porta, senhor. Tem magia. Qualquer pessoa que entre corre o risco...

— Acredito que eu tenha a chave — disse Han. — Vamos ver.

Ele segurou o amuleto e usou o feitiço de Corvo para revelar a magia cobrindo a porta. Era familiar; Corvo tinha ensinado o contrafeitiço em Vau de Oden.

— Posso cuidar disso. — Han desarmou o feitiço e se virou para o lado. — Você pode me anunciar, por favor?

Hammersmith se aproximou da porta como alguém se aproximaria de fogos de artifício defeituosos. Com cuidado, abriu uma fresta, o suor lhe cobrindo a testa. E sorriu para Han quando nada explodiu.

Abrindo bem as portas, ele deu um passo à frente e falou em voz potente:

— Lorde Hanson Alister, representando Sua Majestade, a rainha Raisa *ana* Marianna.

Han passou pela porta. Cabeças se viraram por toda a sala.

Era um espaço elegante, sem dúvida. Uma parede inteira era de vidro, com vista para o Vale e a cidade de Fellsmarch. Estandartes das Casas dos magos estavam pendurados nas outras três paredes.

A cena era estranhamente festiva, ainda que fúnebre. Havia comidas e bebidas refinadas espalhadas em uma bancada lateral, e cadeiras decoradas com braços entalhados circundavam uma enorme mesa de noqueira. Velas negras brilhavam em lustres do comprimento da mesa, e os que estavam sentados ao redor tinham expressões soturnas e solenes. Fitas pretas decoravam seus amuletos.

Duas cadeiras estavam vazias. Uma estava envolta em crepe preto. Por um momento louco, Han pensou que talvez aquele memorial fosse para ele, que sua morte já tivesse sido anunciada.

Mas então lembrou que ninguém ali ficaria de luto por ele, exceto talvez Abelard.

Lorde Bayar estava sentado em uma plataforma ligeiramente elevada na ponta da mesa, com uma pilha de documentos à frente. Quando botou os olhos em Han, as sobrancelhas escuras se uniram com surpresa e irritação.

Não era para eu conseguir chegar aqui, pensou Han. Então onde a emboscada deveria acontecer? Em algum ponto da estrada? Ou antes mesmo de eu sair da cidade?

A reitora Abelard estava sentada à direita do Grão-Mago, com expressão mal-humorada. Quando viu Han, ela se empertigou e desviou o olhar para Bayar, como se para observar a reação dele. Em seguida, se recostou na cadeira, com os dedos batendo de forma triunfante na mesa.

Acho que ela não estava muito confiante em mim, pensou Han.

Micah Bayar estava sentado em frente a ela, à esquerda do pai, olhando para Han com um desprezo resignado. *Ele* não parecia surpreso. Ou não sabia do plano para emboscar Han ou previra que o rapaz encontraria um jeito de escapar.

Adam Gryphon ocupava o assento mais próximo da porta, com uma expressão confusa no rosto. O antigo professor parecia mais magro e mais pálido do que Han se lembrava, como se o clima do norte não lhe tivesse feito bem.

Outro mago completava o círculo, um homem gorducho de aparência nervosa, com roupas finas de sangue azul.

— Alister — disse Lorde Bayar. — É costumeiro que os integrantes do Conselho cheguem alguns minutos antes para que possamos começar na hora. Como você não chegou, supus que talvez tivesse pensado melhor sobre sua capacidade de representar a rainha neste fórum.

— Eu jamais perderia isto — respondeu Han, rodeando a mesa até a bancada lateral.

Ele colocou queijo e frutas em um pratinho e se serviu de sidra, embora houvesse vinho entre as bebidas. Como não esperavam que ele estivesse ali, achava que era seguro comer.

Han se encaminhou até uma cadeira em frente a Adam Gryphon enquanto o restante do Conselho olhava para ele com um misto de perplexidade e afronta.

— Estou ansioso para aprender mais sobre a política dos magos — disse Han, colocando uma uva na boca.

Gryphon e Abelard lutaram para conter os sorrisos.

— Há quatro assuntos na pauta, Alister — disse o Grão-Mago. — Os assassinatos recentes de magos nas terras altas, os assassinatos de pessoas com dom na cidade, a substituição de Lorde deVilliers no Conselho e a eleição de um novo Grão-Mago para servir junto a nossa rainha recém-coroadada. — Ele fez uma pausa, como se esperasse Han acompanhar sua fala.

Lorde deVilliers?, pensou Han. *Por que Lorde deVilliers precisaria ser substituído?*

— Item um — disse Lorde Bayar. — Eis o que sabemos. Quatro magos foram mortos por selvagens cabeças de fogo em uma briga perto do Campo Pinhos Marisa. Além de Lorde deVilliers, eles assassinaram três estudantes da Academia. Um era o sobrinho de Dolph.

Ossos sangrentos, pensou Han. Então o mago mais velho morto em Hanalea era deVilliers, o integrante do Conselho que Abelard citara como aliado. Por isso ela lhe pareceu tão angustiada. O rosto dela estava duro e branco, como os penhascos que davam no Indio.

— Lorde deVilliers fará muita falta. — Bayar indicou a cadeira vazia coberta de preto. — Os Demonai admitiram a responsabilidade. Eles alegam que os magos foram mortos em terras dos clãs, no ato de rapto de crianças cabeças de fogo. Apesar de as crianças terem sido recuperadas, supostamente uma ficou ferida no incidente.

— Uma *ficou* ferida — afirmou Han. — Ela está se recuperando. É uma garota de seis anos.

— Quem lhe disse isso? — Bayar revirou os olhos.

— Ninguém. Eu estava lá.

— *Você* estava lá? — Abelard olhou para ele como se Han devesse ter contado para ela. — Para quê?

— Eu tinha um compromisso no Campo Pinhos Marisa — explicou Han, decidindo guardar para si seu papel na caçada. — Vi a garota. O nome dela é Pula Pedras.

Se Han achava que o uso do nome dela despertaria qualquer compaixão naquele grupo, estava enganado.

— Bom, eu não acredito — disse o mago gorducho com cara de preocupado. Ele estava usando veludo e renda, com um amuleto tão grande quanto um incensário de templo. — Magos atacando crianças? É claro que Randolph não se envolveria em algo assim.

— Normalmente, eu concordaria com você, Lorde Mander — disse Abelard —, mas os jovens magos andam com os nervos à flor da pele, principalmente os que não têm amuletos de legado para usar. Vários alunos matriculados na Casa Mystwerk não conseguiram amuletos. O sobrinho de Dolph, Jeremy, era um deles. Ele ia para a academia no outono.

Ela fez uma pausa, inclinou a cabeça para trás e olhou para o Grão-Mago.

— Mas talvez a escassez de amuletos não seja problema para os Bayar. O que pode explicar por que este Conselho não foi mais insistente com os cabeças de fogo sobre o assunto.

Lorde Bayar deu de ombros e ignorou a alfinetada.

— Mandei uma mensagem contundente a Lorde Averill dizendo que esses incidentes lamentáveis vão continuar acontecendo enquanto os Demonai interditem a venda de amuletos para quem tem o dom.

— Uma mensagem contundente? — disse Abelard. — Tenho certeza de que eles não estão conseguindo nem dormir. — Ela fez um ruído de deboche. — Vamos para o item número dois. Os assassinatos na capital são um assunto mais urgente. Algumas pessoas na assembleia acreditam que seja necessário tomar ações drásticas. Foi um dos motivos para eu ter voltado. — Ela se recostou e apoiou as palmas das mãos na mesa. — Uma dezena de magos mortos, Gavan. O Conselho precisa agir. É óbvio quem são os responsáveis. Quem teria mais motivos para matar magos e roubar amuletos do que os Demonai?

— Não é possível que outra pessoa esteja cometendo os assassinatos e tentando jogar a culpa neles? — perguntou Han diante da expressão de raiva de Abelard.

— Não é possível que *você* esteja tentando inocentar seus amigos Demonai? — perguntou Micah, com os olhos negros fixos em Han. — Todo mundo sabe que você vive encontrando desculpas para os cabeças de fogo. Parece até que está representando a *e/es* , e não à Sua Majestade.

— Questão interessante — comentou Lorde Bayar, assentindo. — Aprofundando, Alister é um tipo de especialista em assassinatos. E a maioria dos mortos *foi* encontrada em Feira dos Trapilhos.

— O que você está sugerindo, Gavan? — perguntou Abelard, com os olhos brilhando.

— Talvez o jovem Alister saiba mais do que revela — disse Bayar. — Parece provável que ainda tenha contato nas sarjetas podres de onde veio. E, afinal, os assassinatos começaram quando ele voltou a Fells. — Ele fez uma pausa. — Coincidência, talvez.

Um murmúrio se espalhou ao redor da mesa.

Estou aqui há menos de dez minutos e já sou acusado de assassinato , pensou Han. *Pelo maior assassino de todos.*

— Se você tiver algum tipo de prova, sugiro que a apresente agora — disse Han. — Ou contrate um malandro para dar um falso testemunho. Você deve ter uma dezena de mentirosos profissionais a seu serviço.

Bayar o encarou, como se atordoado pela mistura de linguagem de rua e da corte.

— Pode ter certeza de que vamos identificar os responsáveis e puni-los. Enquanto isso, é impróprio que integrantes deste Conselho mantenham relações com cabeças de fogo, considerando a história entre nós. É conflito de interesses.

— Estou aqui como representante da rainha — disse Han. — A rainha Raisa tem que governar todo mundo, o povo dos clãs, o povo do Vale e os magos. Ela quer unir os povos, não separá-los.

— É mesmo? — questionou Micah, com postura rígida e hostil. — Não sabemos quais são as *suas* intenções. Apesar de você ter conseguido obrigar a rainha a nomeá-lo para este Conselho, não há garantia de que represente os interesses dela.

— Olhe — disse Han. — Você esteve nos reinos inferiores recentemente. Viu o que está acontecendo. Nós dois conhecemos Gerard Montaigne. — Ele olhou Micah nos olhos. — Não sei quanto a você, mas ele me impressionou bastante. Temos que formar uma frente unida.

Micah encarou Han com indiferença.

— Então os clãs deveriam acabar com a interdição. Precisamos dos amuletos, se queremos nos proteger contra invasores em potencial.

Essa é sempre a sua solução, pensou Han. Mais armas.

— Eu estive nos Campos nas Montanhas Espirituais — prosseguiu Han. — Os clãs são fortes e determinados. Se vocês entrarem em guerra com eles, vai durar para sempre. O comércio vai ser totalmente interrompido, e vocês não vão poder sair do Vale sem uma dúzia de flechas cravadas nas costas. Mas se os clãs das Espirituais e os magos pudessem colaborar, ninguém nos deteria. — Han passou os olhos pela mesa, e a mensagem estampada em cada rosto era “Até parece que isso vai acontecer”. — Ou podemos continuar brigando até estarmos fracos o bastante para que alguém como Montaigne consiga nos vencer. E vocês sabem o que fazem com magos lá no sul.

Abelard franziu a testa para Han, como se pensasse que sua bela marionete tinha ficado rebelde.

O triunfo brilhou nos olhos azuis de Gavan Bayar.

— Acho que já ouvimos o bastante desse tipo de conversa. Na melhor das hipóteses, os cabeças de fogo são comerciantes supervalorizados, com habilidades manuais. Na pior, são selvagens que oferecem um grave perigo à sociedade que construímos.

Ele suspirou e ajeitou as mangas.

— Em um mundo perfeito, eles forneceria os amuletos de que precisamos sem questionamentos, gratos pelo comércio e pela proteção que oferecemos ao reino. No mundo que temos, o melhor que poderia acontecer seria encontrarmos outra fonte de amuletos, e os cabeças de fogo seriam exterminados. — Ele fez uma pausa, mirou e disparou. — Na minha opinião, qualquer mago que se relacione com cabeças de fogo é suspeito.

Um murmúrio de concordância se espalhou pela mesa.

— É mesmo? — perguntou Han. — Foi por isso que o Conselho proibiu contato íntimo entre magos e os clãs das Espirituais?

— Esse é um motivo — respondeu Gavan Bayar, com a boca se retorcendo, como se a ideia fosse nojenta. — O outro é a possibilidade de produzir uma criança mestiça que tenha o dom. Isso seria um desastre. Sei que você passa bastante tempo nos Campos, Alister. Embora ir para a cama com uma selvagem possa se adequar a algumas de suas inclinações, eu encorajo você a satisfazer seus apetites em outro lugar.

Han olhou nos olhos do Grão-Mago por bastante tempo, abrindo seu sorriso malicioso de rua.

— Parece um bom conselho — disse ele —, para todos nós.

Bayar estreitou os olhos e observou Han por mais um momento antes de mudar de assunto.

— Item três. Nós fizemos contato com a filha de Randolph, Mordra deVilliers, que ficou em Vau de Oden este verão. Ela vai assumir o lugar do pai no Conselho. Está voltando, mas deve demorar algumas semanas, dependendo das condições das terras baixas.

Han se animou. Ele achava que Mordra não seria muito útil para os Bayar, pois Micah e Fiona a tratavam como esgoto de sarjeta em Vau de Oden.

Por outro lado, Mordra podia ser difícil de lidar. Tudo que ela pensava saía direto pela boca, como quando ela dera um sermão em Han por causa de boas maneiras, no Jantar da Reitora. Han

guardara os pensamentos para si, o que significava que eles se davam bem, ao menos pela perspectiva dela.

— Infelizmente — disse Lorde Bayar —, temos assuntos urgentes, assuntos que não podem esperar até a Proficiente deVilliers chegar. A seleção de um Grão-Mago.

Abelard enrijeceu.

— Para que a pressa, Gavan? É melhor tomar uma boa decisão a uma decisão apressada.

— A questão é urgente, Mina — disse Mander. — O reino está em perigo. Como Alister observou, Montaigne é uma ameaça do sul. Ele deixou claro que pretende anexar Fells, mais cedo ou mais tarde. Não só isso, mas houve vários ataques à vida da jovem rainha, embora ela tenha um... um guarda-costas. — Mander umedeceu os lábios e lançou um olhar a Han. — Magos estão sendo assassinados em Fellsmarch e os cabeças de fogo parecem dedicados a arrumar uma briga conosco. Nossa jovem rainha precisa de um Grão-Mago para aconselhá-la.

— Cinco pessoas é quórum suficiente, não? — disse Micah, suavemente.

Eles eram como atores em um palco, cada um com suas falas. Han soube imediatamente aonde aquilo ia dar. Mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Gryphon se pronunciou:

— Sim, cinco pessoas é quórum suficiente. Mas eu preferiria esperar Mordra. Parece justo deixar que ela seja ouvida.

Han olhou para Gryphon com surpresa, teorias girando na mente. *Talvez ele não saiba a posição dos Bayar nisso*, pensou. Ou talvez Han tivesse avaliado mal os sentimentos de Gryphon por Fiona. Ou talvez Adam soubesse que não tinha a menor chance com Fiona, fosse como fosse.

— Concordo com Gryphon — disse Abelard. — O posto de Grão-Mago não está vazio. Se você estiver disposto a ficar até que um novo seja nomeado. — Ela ergueu uma sobrancelha.

Bayar suspirou e mexeu no amuleto com os falcões, que fazia par com o anel que Willo guardara durante todos aqueles anos.

— Agora que a rainha Raisa foi coroada, sinceramente, eu esperava que a questão da escolha do Grão-Mago pudesse ser resolvida com rapidez, para que eu pudesse dedicar mais tempo a meus negócios pessoais, que foram negligenciados ultimamente.

Han se inclinou para a frente.

— Mas não seria melhor manter alguém como você, experiente em lidar com assassinos? — Ele fez uma pausa de um segundo e acrescentou: — Já que há tantos assassinatos acontecendo, é o que quero dizer.

Bayar virou a cabeça lentamente e fitou Han, os olhos azuis transbordando gelo.

— É claro que, se você não puder ficar, podemos indicar outra pessoa para ocupar a posição até Mordra chegar e podermos votar — sugeriu Han, com inocência. — Talvez a reitora Abelard estivesse disposta.

Abelard sorriu, feliz por seu protegido estar de volta ao lado dela.

— Algo assim seria um risco — disse Bayar, tamborilando. — Estou disposto a servir até podermos resolver essa questão de forma satisfatória.

— Muito bem, então, acho que podemos concluir que não há necessidade de apressar as coisas — disse Abelard, com um sorriso tenso. — Podemos esperar Mordra.

— Acho que não podemos pedir a Lorde Bayar para servir indefinidamente — comentou Mander. — Nos reunimos de novo em duas semanas. Sugiro que, se a Proficiente deVilliers não tiver chegado até a próxima reunião, sigamos com a seleção de um novo Grão-Mago.

Gryphon assentiu.

— Faz sentido, eu acho — aceitou ele.

Espero que Mordra tome cuidado no caminho, pensou Han, contando cabeças. Abelard achava que tinha Han na palma da mão.

Provavelmente podia contar com o apoio de Mordra. Abelard precisaria de mais um voto para evitar o empate com Micah para Grão-Mago. Ela podia estar contando com Gryphon, mas Han não apostaria dinheiro nele. Ao menos, ainda não.

Pior ainda, se Han se candidatasse a Grão-Mago, não podia citar ninguém na sala, além de si mesmo, que votaria nele. Não via jeito de vencer. Ele apertou a cabeça, como se isso pudesse fazer os pensamentos pararem de girar.

Depois de mais algumas questões menores, a reunião terminou. Han pretendia ir embora imediatamente, para que não houvesse tempo de armarem uma nova emboscada e ninguém o seguisse até a entrada secreta. Mas Micah se colocou entre ele e a porta antes que Han pudesse sair.

— Espere, Alister. Eu gostaria de dar uma palavrinha com você.

Os outros passaram e saíram, deixando-os sozinhos.

— Como você chegou aqui? — perguntou Micah, inclinando a cabeça em dúvida. — Veio voando?

— O que você quer dizer? — disse Han, firmando a postura e segurando o amuleto.

— Não vi seu cavalo no estábulo. Não vi você em lugar algum no caminho. Muito misterioso.

— Por quê? — perguntou Han. — Você queria vir cavalgando junto? Devia ter me avisado.

— Você pode ser rei dos ladrões, mas aqui não é Feira dos Trapilhos. Seja lá qual for seu jogo, está jogando em nosso campo agora.

— Nunca achei que isso fosse um jogo.

— Não sei que tipo de ameaças fez à rainha Raisa e nem por que ela tolera você, mas, se a trair ou machucar, *eu vou atrás de você*.

— Micah enfatizou as últimas palavras para o caso de Han não ter entendido.

— Não se preocupe, não tenho intenção de machucar ou trair a rainha. — Han fez uma pausa e sustentou o olhar de Micah. — Está

melhor agora?

— Espero me sentir melhor em breve — respondeu ele, sorrindo.
— Cuide-se.

Bayar se virou e saiu.

Han tomou todas as precauções para não ser seguido no caminho de volta aos túneis, embora supusesse que seus inimigos fossem esperar até ele sair da Casa do Conselho para depois agir. Fez um feitiço e percorreu as cozinhas de novo, gerando teias mágicas que segurariam qualquer pessoa atrás dele. Quando estava convencido de que ninguém o seguia, ele desceu até o porão mais fundo. Apagando seus rastros da melhor maneira que conseguiu, ele abriu o alçapão que dava no túnel e desceu, trancando a porta ao passar. Seus alforjes ainda estavam onde ele os tinha deixado.

Depois de colocá-los nos ombros, Han abriu a porta para a câmara de pedra onde ficava a fonte fervente. Não estava ansioso para passar por aquilo de novo, mas se viu em uma câmara de pedra seca. Degraus levavam à câmara acima.

Conforme subia os degraus, sentiu um aroma de enxofre. Mantendo os olhos à frente, chegou ao alto e deixou a câmara de pedra. Quando olhou para trás, viu a fonte azul de novo, fumegando, fedendo e parecendo mortal.

Ele desceu pelo túnel em um leve trote. Tinha acumulado um pouco mais de poder enquanto estava na reunião do Conselho. Uma a uma, ele desarmou as barreiras mágicas, as mesmas que encontrara ao entrar. Enquanto corria, ia mapeando o caminho na mente.

Finalmente, o túnel ficou plano e virou o caminho reto e largo até a entrada da caverna. Havia menos barreiras, e Han progrediu rapidamente.

Quando chegou à abertura da caverna onde deixara Dançarino, o local ainda estava coberto com uma névoa de magia. Havia um corvo entalhado na pedra daquele lado também. Mais uma vez, ele

desarmou camadas de feitiços até restar apenas uma entre ele e o outro lado.

Han encostou no corvo e entoou o feitiço final, para depois atravessar.

Grato, ele inspirou ar frio e fresco. Fora e voltara, e ainda estava vivo. Era algo que merecia sua gratidão.

Já estava escuro do lado de fora e tudo negro como piche dentro da caverna, nas partes em que sua luz mágica não chegava. Só um leve brilho dizia onde ficava a saída.

— Dançarino — chamou ele, baixinho.

Nenhuma resposta.

Ele deu uma volta na caverna e iluminou os cantos escuros. Nada de Dançarino. Andou até a abertura e espiou lá fora.

Dançarino estava deitado de costas no chão, do lado de fora da caverna, o corpo em um contorno brilhante e os olhos fechados. Filetes de hera envolviam suas pernas e seus braços. Se não fosse pelo *flash* que emanava dele, Han talvez não o tivesse visto.

— Dançarino?

O amigo não pareceu ouvir.

A preocupação provocou um nó no estômago de Han. Ele se ajoelhou ao lado de Dançarino e o balançou com força.

— Dançarino! Ei, acorde!

O garoto abriu os olhos e encarou Han. Piscou várias vezes, como se estivesse em transe. Em seguida, seus olhos se concentraram em Alister e ele sorriu de forma sonhadora.

— O que você está fazendo? — perguntou Han, sentando-se sobre os calcanhares. — Eu pensei... Eu não sabia o que pensar.

— Eu estava rastreando você dentro da montanha — sussurrou Dançarino. Ele se sentou, e algumas folhas úmidas ficaram agarradas nas costas. — Estou fazendo experimentos — explicou ele, retirando musgo e galhos do corpo. — Os clãs das Espirituais tiram poder da terra. É o que alimenta a elaboração de amuletos, a cura e o resto. Acontece naturalmente quando estamos nas

Espirituais. Eu me perguntei se seria capaz de acelerar o processo usando alta magia.

— E? — Han inclinou a cabeça.

Dançarino deu de ombros, ainda parecendo estar meio tonto.

— Acho que deu certo, mas não tenho certeza de onde esteja a magia, se no meu amuleto ou... em outro lugar. Não foi... parecido com nada que eu já tivesse experimentado. Eu conseguia sentir a energia fluindo pela terra, como um suprimento de sangue, aumentando a magia que produzo. Eu me senti... abraçado.

Ele abriu um sorriso angelical.

— Humm — disse Han. — Espero que isso queira dizer que você tem *flash* aí, porque eu estou quase sem.

— Não se preocupe — respondeu Dançarino, distraído, batendo no braço de Han. — Tudo vai ficar bem.

Espero que você esteja certo, pensou Han. Neste momento, não consigo acreditar.

CAPÍTULO ONZE

Encontros à meia-noite

Raisa balançou os dados no copo e os jogou contra a parede. Ficou de joelhos e se inclinou para examinar o resultado.

— Você está morta, Vossa Majestade! — gritou Cat alegremente.
— Só ossos. De novo.

Ela recolheu os dados e os colocou de volta no copo.

— Acho que tem alguma coisa errada com esses dados — resmungou Raisa.

— É tudo no pulso — disse Cat, com arrogância. — É natural de quem vem de Feira dos Trapilhos e Ponte Austral.

— É por isso que é impróprio a rainha jogar Cortes e Ossos — disse Magret do canto da lareira, dando um susto nelas. Raisa achou que ela estivesse dormindo. A ama tomara um pouco de xerez por causa dos ossos doloridos novamente. — Caterina, devia pedir à rainha Raisa para ensinar a você Caçadores e Lebres. É mais adequado a uma dama. *E* à criada pessoal da rainha.

Cat deu de ombros.

— Ela *me* pediu que ensinasse a *ela*. Não tenho culpa se ela não tem sorte. Minha mãe dizia que a gente ou tem sorte no jogo ou no amor.

E eu não tenho sorte em nenhuma das duas coisas, pensou Raisa.

— Quer continuar jogando ou está pronta para pagar? — perguntou Cat, sacudindo o copo debaixo do nariz de Raisa, provocando. — Sua sorte pode estar prestes a mudar.

— Vou pagar — disse Raisa, bocejando. — Está tarde, e já morri muitas vezes hoje.

Estava tarde, passava da meia-noite, mas Raisa estava enrolando, esperando que Han Alister voltasse de onde tinha ido se esconder naquela noite. Ela não o via desde a dança peculiar e desesperada em Pinhos Marisa. Ela partira para os Penhascos de Giz antes que Han tivesse voltado da reunião do Conselho dos Magos. Depois de três dias inspecionando as fortificações ao longo do Indio, junto com Amon Byrne e Char Dunedain, ela voltara para uma série impiedosa de reuniões. Apesar de sentir o calor do olhar de Han do outro lado da sala, não houvera chance de conversar em particular. E à noite, quando estava livre, Han sempre sumia.

Será que ele está se encontrando com alguém? Raisa fez o melhor que pôde para sufocar aquele pensamento.

Não podia permitir que ele a evitasse naquela noite. Precisava falar com ele antes da próxima reunião do Conselho dos Magos.

Enquanto contava com mau humor as coroas e cobres, ela ouviu um passo abafado no corredor, um cumprimento baixo dos casacos azuis montando guarda do lado de fora e o estalo da tranca no quarto ao lado.

Magret e Cat olharam para a porta que ligava os quartos de Raisa e Han, depois para a rainha. Magret fez cara feia e Cat deu um sorrisinho debochado, como uma raposa com a boca cheia de penas.

Cansada de criadas debochadas e de cara feia, Raisa disse:

— Vocês duas podem ir para a cama. Lorde Alister parece ter voltado, e não vou precisar de mais nada hoje.

— Eu posso ficar, Vossa Majestade — disseram Magret e Cat, quase ao mesmo tempo, mas provavelmente por motivos diferentes.

— Não. Vou ficar bem. Cat, sei que Hayden Dançarino de Fogo está de volta à cidade. Talvez você queira ir encontrá-lo.

— Se você tiver certeza, Vossa Majestade — disse Cat, sem conseguir esconder a ansiedade. — Ele já deve estar dormindo, de qualquer modo. Aquele lá se levanta e se deita com o sol.

— E você está dormindo de pé, Magret — prosseguiu Raisa. — Tem quatro guardas no corredor. Estou cansada de ter gente no meu pé — acrescentou quando Magret abriu a boca para protestar.

Quando teve certeza de que as duas criadas tinham ido embora, ela bateu na porta de ligação dos quartos.

— Han!

O rapaz a abriu imediatamente, como se estivesse esperando do outro lado, com o ouvido grudado à porta.

— Qual é o problema? — perguntou ele, entrando no quarto dela com a mão no amuleto.

Raisa o encarou, surpresa. A aparência dele era um tanto chocante, depois de semanas vendo-o em trajes da corte. Ele estava descalço e com a camisa aberta, então ela devia tê-lo interrompido quando estava se despindo.

As roupas de Han eram de qualidade, mas estavam rasgadas e sujas. Estragadas, na verdade, como se ele as tivesse usado para limpar a rua. Usava um gorro de veludo por cima do cabelo claro e luvas sem dedos nas mãos. Havia três medalhões no peito nu: o amuleto de serpente, o amuleto do Caçador Solitário e um talismã dos clãs, com a figura de um flautista dançarino entalhada em sorneira.

Ele fedia muito a bebida, e os punhos das mangas estavam manchados com uma substância escura que quase parecia...

— Onde está Cat? — perguntou ele, observando o quarto como se procurasse invasores. — O que aconteceu?

Ele agia e falava como alguém totalmente sóbrio.

— Não aconteceu nada. Eu só precisava... Onde *você* estava?

— Em Feira dos Trapilhos — respondeu ele, quase na defensiva.

Tirou o gorro e enfiou-o no bolso.

— Mas *você* está...

— Maltrapilho — admitiu Han, de um jeito brusco. — Sujo. Eu sei. Não planejava que ninguém me visse. Não esperava que *você* ainda estivesse acordada.

Ele parecia cansado e desgastado. Vulnerável. E não só pelas roupas. Olheiras marcavam os olhos, e o rosto estava sujo. Parecia que o brilho de otimismo que sempre ardia dentro dele estava se apagando.

Impulsivamente, Raisa esticou o braço e tocou a bochecha dele.

— O que houve?

Ele apertou a mão sobre a dela e respirou fundo.

— Encontraram outro mago morto no Beco Pinbury. Uma mulher idosa chamada Hadria Lancaster. *Você* a conhece?

Raisa assentiu.

— Sei quem é. Ela não passava muito tempo na corte. Pelo que sei, ela morava na casa de campo. Não sei como foi parar em Feira dos Trapilhos.

— Essa é a questão, não é? Bem que eu queria saber.

Han olhou diretamente nos olhos dela, como se esperasse por qualquer julgamento que Raisa quisesse fazer. Ela fechou os olhos, mas a imagem dele estava impressa nas pálpebras: o cabelo dourado, com brilhos da luz do lampião, o leve zigue-zague da cicatriz na bochecha, a beleza predatória por baixo das roupas imundas.

Raisa afastou a mão com relutância.

— *Você* tem tempo de conversar agora?

— Agora? — Ele olhou para si e passou a mão nas roupas, como se estivesse constrangido. — Tem certeza? Me desculpe. Eu... estou imundo.

— Sei que está cansado — disse Raisa. — Mas estive fora, e você andou ocupado. Preciso falar com você antes da próxima reunião do Conselho dos Magos, e nem sei quando vai ser isso.

— Posso me lavar primeiro? — perguntou ele, esfregando com vigor o queixo com a base da mão.

— Tudo bem. Mas seja rápido. Também estou cansada.

Cinco minutos depois, ele bateu de leve e empurrou a porta.

Ainda estava descalço, mas tinha colocado uma camisa larga de linho e uma calça limpa. O gorro tinha sumido, o cabelo estava penteado com os dedos e ele tinha lavado o rosto. Parecia quase infantil daquele jeito arrumadinho.

— Você pode criar algumas barreiras para não sermos ouvidos? — perguntou Raisa.

Han deu uma volta pelo quarto, obediente, murmurando encantos e passando a mão por baixo da camisa branca para segurar o amuleto.

Quando terminou, Raisa fez sinal para ele se sentar na cadeira em frente à dela. Ele se sentou e apoiou as mãos na mesa, com expressão controlada e, ainda assim, um tanto vulnerável. Agora que as mãos dele estavam limpas, ela viu que os nós dos dedos estavam arranhados, vermelhos e machucados. Quando Han percebeu que ela estava olhando, colocou-as debaixo da mesa, mas era tarde demais.

— O que aconteceu com suas mãos? — perguntou ela, de repente.

— Entrei em uma briga — disse Han, fazendo uma careta. — Estou meio sem prática.

— Por que você foi lá? É onde vem passando seu tempo?

Han desviou o olhar.

— Só estou tentando descobrir quem está apagando magos; quero pegar alguém no flagra. Tenho olhos e ouvidos por lá, mas se o assassino for um mago, não tem como meu pessoal encarar o

feitiço. E mesmo que testemunhem alguma coisa e sobrevivam, seria a palavra deles contra a do assassino.

— Então você acha que é um mago? — perguntou Raisa. — Não uma gangue de rua?

— Não sei. Mas se fosse uma gangue de Feira dos Trapilhos Cat já saberia. — Ele roeu uma unha. Quando estava exausto, sua expressão de comerciante e os modos da corte às vezes eram esquecidos. — A pessoa só pega o faz-feitiço e deixa o resto das coisas para trás. Por isso acho que poderia ser um mago matando os outros. Seria uma forma de lidar com a falta de amuletos.

Então Raisa compreendeu o que ele estava tentando fazer.

Ela se levantou parcialmente da cadeira com medo e fúria na voz.

— Admita, você fica andando pelas ruas à noite torcendo para o assassino ir atrás de você!

Ele deu de ombros diante do ataque verbal.

— É um bom plano. Alguma hora vou ter sorte.

— É um plano terrível! Eu proíbo você de se transformar em alvo.

Han empinou o queixo, a própria imagem da obstinação.

— Estou falando sério. — Ela procurou alguma coisa que tivesse apelo com ele. — Por favor. Não posso perder você. Você tem que ser meu guarda-costas. Tem que ficar aqui comigo, não... não...

— Tinha mais alguma coisa sobre a qual você queria conversar?

A firmeza do maxilar dele dizia que não adiantava argumentar mais.

Essa conversa não acabou, pensou Raisa. *Mas está tarde.* Ela limpou a garganta.

— Eu queria dar um aviso. Mês que vem, vou nomear a sargento Dunedain como general do Exército das Terras Altas no lugar do general Klemath.

Han pareceu intrigado por um momento, mas sua expressão logo mudou.

— Ah. Certo. Eu a conheci em uma de nossas reuniões matinais. Ela veio com o capitão Byrne. Então... você vai botar uma casaco azul no comando do exército?

Raisa assentiu.

— O capitão Byrne anda revisando as finanças militares. Descobri algumas irregularidades na contabilidade, na área de aquisição, que sugerem que nosso general vem enchendo os bolsos há anos. Além do mais, tem a questão dos mercenários.

— Onde ele também deve levar uns subornos — disse Han.

— Não espero que Klemath aceite a notícia com elegância — prosseguiu Raisa. — Nem os subordinados diretos que são leais a ele, pois a maioria vem dos reinos do sul. O capitão Byrne e a general Dunedain estão desenvolvendo uma lista de candidatos para substituir os oficiais que se recusarem a aceitar a mudança, mas isso vai demorar. Acho que podemos aguardar meses bem difíceis.

— Principalmente porque Klemath esperava casar um dos filhos com você — disse Han.

— Certo — respondeu Raisa, perguntando-se como ele sabia daquilo. Estaria tomando conta de seus pretendentes?

E isso a fez pensar em Pinhos Marisa.

— O que foi aquilo tudo, afinal? Em Pinhos Marisa.

— O que foi o quê? — perguntou Han, franzindo a testa.

— Seu comportamento. Aquela dança.

Han fez uma expressão magoada.

— Ah, ninguém mais se ofereceu, então pensei...

— E o bilhete.

Ele pareceu genuinamente intrigado.

— Que bilhete?

— O bilhete que você botou debaixo do meu travesseiro na Cabana da Matriarca. Me avisando para ficar longe de Andarilho da Noite.

— Eu não coloquei bilhete nenhum debaixo do seu travesseiro — disse Han. Ele fez uma pausa curta e acrescentou: — Mas evitar Andarilho da Noite me parece uma boa ideia.

— É uma união da qual meu pai faz gosto.

— Então seu pai está errado. Andarilho da Noite pensa que o mundo nasceu do rabo dele.

Raisa afastou a imagem com certa dificuldade.

— Então você *deixou* o bilhete!

— Não deixei. Mas parece que tem alguém com a mesma opinião que eu.

— Eu não vou me casar por amor — disse Raisa. — Vou ter que fazer a melhor união política, se quisermos sair dessa situação.

— É o que você sempre diz.

Han inclinou a cabeça para trás e olhou para Raisa.

— O que isso quer dizer? — perguntou ela.

— O quê?

— Essa expressão no seu rosto.

— Estou pensando que você é a rainha. Se alguém pode se casar por amor, deveria ser você.

— Você não entende que eu...

— Tem razão. Não entendo. Sou apenas um ladrão arrogante de casaco de veludo. *Agora* posso ir para a cama?

Ele fez menção de se levantar.

— Ainda não — disse Raisa, pensando. *Temos que mudar de assunto.* — Vamos falar do Conselho dos Magos.

— O que tem? — disse Han, se acomodando de novo na cadeira.

— Como foi a primeira reunião? Como os membros reagiram à morte de Lorde deVilliers? Estão planejando alguma reação aos assassinatos na cidade?

Han olhou para Raisa por um momento, como se tentasse ler o significado por trás das palavras.

— Se estão, é por baixo dos panos. Não foi discutido no Conselho aberto. — Ele fez uma breve pausa e estreitou os olhos. — Lorde

Bayar já está tentando colocar a culpa em mim.

— Em *ocê*? — Raisa se inclinou para a frente. — Por que você sairia matando magos?

— Não ouviu o que dizem sobre mim? — Os olhos de Han pareciam prender Raisa, a cor mudando de safira para lápis-lazúli e para um azul-celeste profundo. — Sou um assassino. Preciso praticar um pouco, de tempos em tempos. E os corpos foram encontrados na minha área. Caso encerrado.

— Alguém acreditou nele? — perguntou Raisa, tomada de preocupação. — Acham que você é responsável?

Han passou os dedos pelo cabelo.

— Os que já me odiavam antes acreditam. Os que odeiam os Bayar pensam que devem ser eles. Ou os Demonai.

— Seria possível que fossem os Demonai?

Han desviou o olhar.

— Não sei o que pensar. *Poderia* ser. É a resposta fácil.

— Poderia ser política de magos? — perguntou Raisa.

— Talvez. Mas parece mais provável que o assassino esteja escolhendo aleatoriamente. Se fossem os Bayar, por exemplo, seria de pensar que eles aproveitariam a oportunidade de apagar os inimigos e botar a culpa em mim.

— Bom, talvez eles saibam que seria óbvio demais.

— Talvez.

Han não pareceu convencido.

— Tem alguém no Conselho que me apoie? — perguntou Raisa.
— Alguém com quem eu possa contar?

Han pensou no assunto.

— Bem. A reitora Abelard prefere você a Mellony como rainha ou Micah Bayar como rei.

— Acho que já é alguma coisa. E Adam Gryphon? Qual é a posição dele?

— Não sei. Os Bayar tentaram insistir na votação para Grão-Mago, mas ele não concordou. Mas acho que Gryphon não iria

contra eles em uma votação importante.

— Quero um Grão-Mago em quem eu possa confiar — disse Raisa sem rodeios.

— Claro que sim. A questão é como conseguir. O Grão-Mago é eleito pelo Conselho, e você sabe como os integrantes do Conselho são escolhidos.

— Não posso ter um Grão-Mago que seja leal apenas aos que têm o dom. Não preciso de mais uma pessoa concentrada em política dos magos do que no bem do reino. Preciso de alguém com quem possa trabalhar.

— Então você quer mudar o papel do Grão-Mago. É isso?

Raisa fez que não.

— Quero que o papel do Grão-Mago seja o que sempre deveria ter sido, o braço mágico do governo. Integrado, não em oposição.

— Concordo, mas há um limite para a quantidade de lutas que você pode travar ao mesmo tempo. — Han suspirou, com expressão sombria. — Agora, estou achando que o novo Grão-Mago vai ser Micah Bayar. Se não for, será Mina Abelard. Qual deles você prefere?

— Nenhum dos dois — disse Raisa. — Quero você.

— Eu? — Han a fitou, como se pego de surpresa. — É sério?

— Por que eu brincaria com isso?

— Acabei de falar que Lorde Bayar me acusou na frente do Conselho de assassinar magos. Pelo menos uma parte do Conselho acredita nele. Não vai ser fácil ser eleito.

— Ninguém disse que seria fácil — disse Raisa, girando o anel de lobo no dedo.

— Não importa como você faça as contas, elas não fecham.

— Então precisa construir alianças com os outros integrantes do Conselho. Foi você quem quis essa posição. Não posso botar pressão direta, isso acabaria gerando o resultado oposto.

— Não! — disse Han, balançando a cabeça de forma decisiva. — Eles não podem saber que você me apoia para Grão-Mago. — Ele

pensou por algum tempo, mordendo o lábio, mexendo no cabelo. Finalmente, olhou para ela. — Vamos ser bem claros. Você quer que eu faça o que for preciso para que isso aconteça? Coisas das quais pode não gostar?

Era como se ele estivesse pedindo perdão incondicional por crimes ainda não cometidos. Não tinha como Raisa concordar com isso.

— Bem — disse ela —, não quero que você mate ninguém.

— Fora isso? — insistiu Han.

Raisa não sabia como responder. Então, não respondeu.

— Preciso conquistar influência sobre o Conselho, se quisermos ter paz no reino algum dia.

— Entendi. — Han pensou mais um pouco, depois olhou para ela, novamente com a expressão de comerciante. — Se eu for eleito Grão-Mago, e não estou dizendo que isso vá acontecer, quero escolher quem vai me substituir no Conselho. — Quando Raisa abriu a boca para protestar, ele levantou a mão. — Nós tínhamos um acordo. Eu aceitei ser seu guarda-costas e você concordou em me colocar no Conselho. Como Grão-Mago, vou perder meu voto, exceto em caso de empate.

— Eu precisaria aprovar sua escolha. Quem é?

— Hayden Dançarino de Fogo — disse Han, como se já tivesse a resposta na ponta da língua.

— Dançarino de Fogo! — Ela o encarou. — Ele nunca vai concordar com isso! Ele odeia a cidade. Mal pode esperar para voltar para as montanhas.

— Ele vai concordar. Vou convencê-lo.

Raisa lembrou o que Micah Bayar tinha dito no dia em que pedira permissão para cortejá-la. No dia que contara que ela estava correndo grave perigo.

Veja essa história de nomear um ladrão de rua para o Conselho dos Magos. O Conselho está enfurecido. Eles encaram como falta de respeito. Acham que a rainha os irrita de propósito.

— E o Conselho? — perguntou Raisa. — Como ele vai reagir? Um mestiço nomeado para o órgão que toma as decisões mais importantes?

— A escolha é sua, não é? Você disse que queria... qual foi a palavra? *Integrar* o Conselho ao seu governo. Dançarino seria um aliado confiável.

— Vão matá-lo — sussurrou Raisa. — Não quero esse peso na minha consciência.

Han se encolheu, e Raisa soube que havia tocado num ponto fraco. Por um momento, ele pareceu desesperadamente solitário. Mas se recompôs.

— Bem, é capaz de me matarem também, mas ainda não aconteceu. — Ele abriu um sorriso torto. — Vou provocar o máximo de confusão que puder antes que isso aconteça.

— Tudo bem. Se você for nomeado Grão-Mago, vou indicar Dançarino de Fogo.

— Posso ter isso por escrito? — pediu Han, empurrando uma folha de papel em branco sobre a mesa na direção dela.

Raisa se empertigou.

— Minha palavra não basta?

— Basta para mim, mas vou precisar de provas para os Bayar, porque eles não vão acreditar na *minha* palavra. Quero ter isso comigo quando for ao Conselho. Só vou usar se ganhar a votação.

Balançando a cabeça, Raisa pegou uma caneta e rabiscou um texto na página.

No caso de Han Alister ser eleito Grão-Mago de Fells ou de não poder dar continuidade a seu dever como meu representante no Conselho dos Magos, eu nomeio Hayden Dançarino de Fogo como seu substituto. SMR Raisa ana Marianna.

Han se inclinou para a frente e leu em voz baixa, com a cabeça quase encostando na dela. Quando Raisa terminou, empurrou o papel para ele.

— Isso basta?

Han bateu com os dedos no papel.

— Obrigado, Vossa Majestade. Eu a mantereí informada.

Espero estar fazendo a coisa certa, pensou Raisa. Por favor, por favor, por favor, que nada aconteça a ele.

Eles ficaram sentados em um silêncio incômodo. Finalmente, Han se levantou.

— Pois então. Se não houver mais nada...

Raisa também se ergueu, subitamente desesperada para fazê-lo ficar mais um pouco.

— Espero que você tome cuidado — disse ela, com a voz rouca traindo-a. — Porque você é muito... importante para mim e...

Então, antes que se desse conta do que estava fazendo, ela passou os braços pela cintura dele e pressionou o corpo contra o de Han.

Primeiro, ele ficou rígido e resistiu, mas depois se rendeu, e seus braços a envolveram e acolheram. Ela ergueu a cabeça, e os lábios dele pousaram nos dela. Raisa abriu a boca e inspirou o aroma dele, uma mistura complexa de suor, fumaça, gim e ar fresco. Mil palavras não ditas fluíram entre eles.

Complicado. Tão complicado. E, ainda assim, simples. Eles eram como dois pedaços de uma estrela caída, atraídos um para o outro por um passado em comum e pela lembrança de beijos roubados.

Ele deslizou as mãos por baixo da blusa dela, e os dedos formigaram sobre a pele, acompanhando a coluna e envolvendo a cintura. Ela beijou o pescoço dele, onde a pulsação era mais forte, depois a clavícula, sentindo o coração disparado sob o tecido.

Han a ergueu do chão, e ela o envolveu com as pernas, pressionando os seios contra o peito dele. As mãos dela exploraram, encontraram aberturas na roupa, acariciaram pele nua. Han estremeceu, e Raisa sentiu o corpo dele se moldando ao dela, quando o desejo sufocou todo o resto que havia em sua mente.

Finalmente, com um suspiro trêmulo, ele fechou as mãos ao redor da cintura dela e a afastou, dando fim ao abraço. Eles se

encararam, os dois respirando pesadamente.

Raisa pegou a mão de Han e o puxou gentilmente na direção do quarto. Por um momento, achou que ele iria, mas ele se firmou no chão, resistindo, e fez que não com a cabeça.

— Por favor — disse ela, puxando-o com as duas mãos, já sem orgulho algum.

A expressão dele era uma mistura de frustração, desejo e aquela obstinação familiar.

— Eu disse antes da coroação. Não vou ser seu amante secreto. Não sou mais um ladrão. Não vou roubar restos da mesa de outra pessoa.

— Eu sei que você disse isso — respondeu Raisa, com vontade de acrescentar “mas não achei que você estava falando sério”. — Mas se isso... se isso for tudo que pudermos ter e... e se você quer e eu quero, então...

— Você não entende — disse Han, baixinho. — Se eu ceder, vai ser fácil demais continuar vivendo assim. Eu preciso disso... — Ele esticou as mãos vazias na direção dela e as fechou em punhos. — Eu *preciso* disso se vou fazer o mais difícil.

— Isso é o mais difícil! — gritou Raisa, então apertou as mãos sobre a boca.

Segurando o queixo dela com as mãos machucadas, ele ergueu seu rosto e a beijou de novo, delicadamente desta vez, de forma doce, como se estivesse memorizando a sensação para depois. Encostou a testa na dela e inspirou fundo. Depois, deu um passo para trás, libertando-se.

— Me diga o que você quer de mim — sussurrou Raisa.

— Boa noite, Vossa Majestade. — A voz de Han tremeu.

Ele pegou a escritura de Raisa, andou suavemente até a porta de ligação, passou por ela e a fechou.

CAPÍTULO DOZE

Encontros ao meio-dia

Averill e Raisa caminhavam pelos jardins, dentro da área do castelo, em um raro momento juntos. Apesar de ela ter oferecido a ele aposentos no palácio, o pai raramente ficava por lá. Mas, naquele dia, ele viera do Campo Demonai, já que tinha negócios a fazer com o supervisor.

— Eu me pergunto se vai chegar o dia em que vou poder pelo menos andar pela área do castelo sem uma comitiva — resmungou Raisa, olhando de canto de olho para a guarda. — Ninguém me disse que ser rainha seria tão... cheio de gente.

Era apenas um sintoma dos problemas que a incomodavam.

— Eu tinha esperanças de que as tensões fossem diminuir depois da coroação — disse Averill. — Mas a ameaça de guerra com Arden e Tamron esquentou os ânimos. E esses assassinatos de magos não ajudam. Não consigo convencer Lorde Bayar de que os Demonai não estão envolvidos.

— Você tem certeza disso? Há gente de cabeça quente dos dois lados.

Averill se encolheu, como se tivesse levado um tapa.

— Você acha mesmo que Elena *Cennestre* e eu apoiaríamos algo que coloca você em perigo, Rosa Agreste?

Raisa passou o braço pelo dele.

— Não. Não acho.

— E se o responsável for Caçador Solitário? — perguntou Averill.
— Você já pensou nisso?

Raisa resistiu à tentação de puxar o braço.

— Ele é mago. Por que mataria magos, aparentemente de forma aleatória?

— Ele pode ver como uma forma de se vingar dos clãs, pois sabe que levaremos a culpa. Os assassinatos aconteceram em áreas que ele costumava frequentar.

— Você está sendo injusto — disse Raisa, lutando para manter a voz firme. — Primeiro, pede a ajuda dele contra o Conselho dos Magos. *Depois*, o acusa de conspirar com magos. *Agora*, o acusa de assassiná-los. — Ela o encarou. — Nunca vi você assim.

— Isso é difícil para mim. — Averill desviou o olhar, o maxilar contraído. — Os magos não são como nós, Rosa Agreste. Eles atacam uns aos outros, além de atacar os inimigos. Você não pode supor que porque *nós* não faríamos uma coisa...

— Ele disse que não foi ele — interrompeu Raisa. — E eu acredito. Por que sempre que algo ruim acontece Han Alister leva a culpa?

Ela lutou para esconder os sentimentos que ameaçavam transparecer em seu rosto.

— Ele é um assassino — disse Averill. — E um ladrão. E um mago.

Ele contou cada defeito nos dedos.

— E, mesmo assim, você fez um acordo com ele — respondeu Raisa.

— Talvez tenha sido um erro.

— Por quê? O que ele fez?

O rosto de Raisa ficou quente, e ela se virou para que o pai não visse.

— É esse o problema. Nós nunca sabemos o que ele vai fazer — respondeu Averill. — De alguma forma, ele convenceu você a escolhê-lo como guarda-costas, depois foi morar no quarto ao lado do seu. Agora, você o indicou para o Conselho dos Magos. — Averill fez uma pausa e acrescentou: — Ele é *ambicioso*.

A palavra estava carregada de significado.

Meu pai não é tolo, pensou Raisa. De alguma forma, sabe que tem alguma coisa entre mim e Han. É isso que está criando animosidade. Será que quando olha para Han, ele se lembra de como Gavan Bayar seduziu Marianna? Se sim, daria no mesmo pintar um alvo nas costas de Han.

— Ele é um homem. Não apenas uma arma que você pode mirar e disparar. Você deu a Alister um trabalho; deveria confiar nele para executá-lo.

Averill balançou a cabeça.

— A questão é esta: nós não confiamos nele. Por enquanto, nossos interesses coincidem, mas não somos ingênuos. Tomamos as medidas necessárias para que ele não nos traia.

Raisa se virou para encarar o pai.

— O que quer dizer com isso? O que vocês fizeram? O que estão planejando fazer?

— É assunto Demonai, filha — respondeu Averill.

— *O que vocês fizeram?*

Raisa olhou com raiva para o pai, os punhos fechados, sabendo que estava revelando demais, mas sem conseguir se controlar.

— Rosa Agreste — disse Averill, segurando as mãos dela e tentando acalmá-la. — Por favor. Só estou dizendo que estamos de olho nele. Enquanto ele fizer o que mandamos, não tem com que se preocupar.

Ele está mentindo para mim, pensou Raisa. Meu pai está mentindo para mim e acha que é para o meu próprio bem. Eles sempre tinham sido próximos, e partiu o coração de Raisa saber que ele não confiava mais nela.

E ela não podia confiar nele.

— Estou feliz em ouvir isso, pai. Só quero lembrar que Caçador Solitário salvou minha vida. Isso tem que contar. E, assim como todo mundo, espero que os Demonai respeitem a lei.

Eles logo retomaram a caminhada, com a guarda de Raisa atrás. Averill olhou para eles, parecendo ansioso para fugir do assunto Han Alister.

— Enquanto você estiver solteira, o Conselho dos Magos vai ter esperanças de casar você com um deles. Um casamento tiraria essa opção da mesa. Talvez deixe você mais segura.

Raisa sabia onde aquilo daria. De certa forma, ainda era sobre Han Alister.

— É possível. Ou, dependendo de com quem eu me casar, pode *me* deixar menos segura. Por exemplo, se eu fosse me casar com alguém dos clãs das Espirituais, os que têm o dom poderiam me assassinar e arriscar a sorte com Mellony. — Ela fez uma pausa. — Falando em Mellony, eu queria que você passasse mais tempo com ela. Ela anda perdida desde que nossa mãe morreu. Ela e Marianna eram muito ligadas.

— Eu sei — respondeu Averill. — Acho que um tempo nas montanhas seria uma espécie de recuperação para ela. Mas Lírio do Dia resiste às minhas propostas. É quase como se me culpasse pela morte de Marianna.

— Continue tentando. Estou preocupada com ela.

— Vou continuar — prometeu Averill, e voltou rapidamente para seu assunto favorito. — Agora, quanto à questão do casamento, espero que você pense com seriedade em Reid Andarilho da Noite. Ele é um líder forte e um guerreiro habilidoso, bem visto em todos os Campos. É de linhagem real nos clãs e meu sucessor.

— Ele é teimoso, você não acha? — perguntou Raisa.

Averill riu.

— Eu também era, na idade dele. Acho que é essa paixão que ele tem que atrai tantos seguidores. E você gosta dele, não gosta?

Houve uma época, quando você estava no Campo Demonai, que...

— Eu gosto dele... a maior parte do tempo — admitiu Raisa.

Houve mesmo uma época em que achei que o amava, pensou ela. O que aconteceu? É a comparação com Han? Ou porque Elena e Averill o empurram para mim? Por outro lado... eles conhecem Reid desde sempre e querem o melhor para mim, certo?

— Você acha que eu deveria fazer uma união como a da minha mãe, então?

Porque não funcionou muito bem para ela, teve vontade de dizer. Mas não disse. Apenas apertou o braço do pai para amenizar um pouco do sarcasmo.

Averill deu mais alguns passos antes de responder.

— Sei que meu casamento com Marianna não foi... tudo que poderia ter sido. Mas eu amei sua mãe de verdade, você deve saber disso. E gosto de pensar que, não fosse por Lorde Bayar, eu poderia ter conquistado o amor dela, apesar de nossa diferença de idade. E você e Lírio do Dia valeram qualquer sofrimento.

— Então tenho que me satisfazer com sofrimento e procriação?
— questionou Raisa, tentando manter o tom leve, mas sua voz falhou. — No caso de Andarilho da Noite, seria eu me perguntando em que cama ele estaria dormindo.

— Ele vai mudar. Isso é algo que Andarilho deseja muito.

— Eu sei. Vou considerar seriamente Andarilho da Noite, mas não consigo deixar de me perguntar se ele quer a mim ou se só quer casar com a rainha.

— Isso importa? — Averill olhou nos olhos dela. — Uma coisa não pode ser separada da outra.

Raisa riu.

— Às vezes, não sei se você é cínico ou romântico.

— Os dois — disse Averill. — É assim que se sobrevive ao amor e à política.

Ele a abraçou e depois se afastou, indo na direção da Casa Factor.

Raisa parou no corredor, em frente à porta de sua suíte. Ouviu a doce música da basilka. *Cat*, pensou ela, sorrindo. Quando abriu a porta, viu *Cat* sentada perto da lareira, com a basilka atravessada no colo e a cabeça escura inclinada sobre as cordas. E, ao lado dela, *Magret* estava esparramada em uma cadeira perto do fogo, a cabeça para trás, os olhos fechados e um pano na testa.

Cat ergueu o rosto e viu *Raisa*, e a música parou abruptamente. Ela ficou de pé e fez uma reverência, segurando a basilka pelo braço.

Quando a música parou, *Magret* abriu os olhos e se sentou ereta, piscando. Ao ver *Raisa*, também deu um pulo, como se elas tivessem sido pegas em atividades criminosas.

— Vossa Majestade! — disse ela, fazendo uma reverência. — Eu não ouvi você entrar.

— Fique à vontade, *Magret* — respondeu *Raisa*. — Parece que você está tendo uma de suas dores de cabeça.

— Estou mesmo, senhora — confirmou *Magret*. Ela limpou a garganta. — Mas a música parece ajudar. A garota que sugeriu. — Ela inclinou a cabeça na direção de *Cat*.

— A garota tem nome — disse *Raisa*, erguendo as sobrancelhas.

— *Caterina* sugeriu — emendou *Magret*, obediente.

— Continuem, se quiserem. Tenho algumas coisas para ler.

— Senhora, se não houver problema, eu gostaria de ir me deitar um pouco — disse *Magret*. — Estarei melhor na hora do jantar, tenho certeza.

— Claro — respondeu *Raisa*, acenando para que ela fosse. — Use o tempo que precisar.

Depois que *Magret* saiu, *Raisa* se sentou na cadeira onde ela estivera e pegou uma papelada em uma pasta. Era uma pesquisa de fortificações de fronteira que ela tinha pedido a *Klemath* para fazer. De acordo com o relatório, as fortificações estavam em bom estado.

Hummm, pensou ela. Pelo que sei, a muralha perto do Passo de Pinhos Marisa está precisando de muitos reparos.

Mas era difícil se concentrar com as acusações contra Han ocupando sua mente.

Enquanto isso, Cat andava de um lado para outro, como se estivesse tentando encontrar alguma coisa para fazer, caminhando ao redor das pilhas de roupas que precisavam ser levadas para a lavanderia ou guardadas.

— Sente-se — ordenou Raisa, apontando na direção da lareira. Cat obedeceu. — Me conte o que está acontecendo em Feira dos Trapilhos e Ponte Austral. O que você anda ouvindo sobre os assassinatos de magos?

O rosto de Cat ficou opaco, como uma janela se enchendo de névoa.

— Nada — disse ela, cutucando um machucado no braço. — Eu teria contado para Algema, Lorde Alister ou para o capitão Byrne, se soubesse de alguma coisa.

Foi uma resposta rápida, rápida demais para ser verdade. Raisa tentou encará-la, mas sua criada/espia se recusava a olhar para ela.

— Você deve ter ouvido alguma coisa — insistiu Raisa. — Boatos, fofocas...

Cat deu de ombros.

— Ninguém viu nada. Ou, se alguém viu, não falou. Não tem feitiço roubado no mercado. E os assassinos não levaram mais nada.

— E então? Você tem alguma teoria? — Raisa estava ficando impaciente.

— Eu pensei que poderia ser alguém se vingando de todos os assassinatos do verão passado, os Austrinos e os Trapilhos. — Cat pigarreou. — Porque foram assassinatos feitos com magia, e agora só magos estão sendo mortos. Mas não sobraram Austrinos, e

também não sobraram Trapilhos, só os que estão trabalhando para você e Lorde Alister.

Uma desconfiança surgiu antes que Raisa pudesse sufocá-la. Cat e o grupo dela poderiam estar envolvidos? Sem o conhecimento de Han? Seria por isso que Cat estava tão irrequieta?

— Você acha que alguém falaria com a Guarda se soubesse alguma coisa sobre os assassinatos? — perguntou Raisa. — Se tivesse visto alguma coisa?

— Provavelmente não. Bruxos não são bem-vindos em Ponte Austral e em Feira dos Trapilhos. A maioria das pessoas fica feliz quando eles morrem. O pessoal não vai correr risco por causa deles. O único de quem gostam é Algema, e só porque ele é do povo. Já o respeitavam antes. Agora, acham que consegue mastigar pedras e cuspir diamantes.

— Você acha que é alguém agindo sozinho?

— Talvez. Se fossem as gangues, alguém saberia de alguma coisa e me contaria. Seja lá quem for, é bom em escapar sem ser visto. — Cat parecia estar escolhendo as palavras com cuidado. Como se estivesse com medo de deixar escapar um grande segredo.

Os pensamentos de Raisa seguiram para a acusação do pai contra Han.

— Poderia ser um mago?

Cat finalmente olhou Raisa nos olhos, com uma expressão infeliz no rosto.

— Acho que poderia ser, porque eles conseguem se esconder. — Ela fez uma pausa. — O que você acha?

— Não sei — disse Raisa, sem saber como interpretar os sinais de Cat. — Afinal, nenhum dos assassinatos foi feito com magia.

— Bem, isso entregaria o assassino, não? — disse Cat, quase para si mesma. — E também facas são mais rápidas do que feitiços. Acho que não seria difícil para um mago furar outro, porque eles devem se achar confiáveis.

Não tento tanta certeza disso, pensou Raisa. Seria possível que a falta de amuletos estivesse levando a isso, magos se matando e roubando uns dos outros? Afinal, alguns estavam dispostos a sequestrar crianças dos clãs com o mesmo objetivo. Seria possível que brigas no Conselho estivessem se espalhando pelas ruas? Mas não fazia sentido. Nenhuma das vítimas era importante. A única coisa que tinham em comum era o fato de serem magos.

— Por que você não toca? — pediu Raisa, indicando a basilka apoiada ao lado da lareira.

Mas, de repente, soou uma batida na porta. Cat foi atender, e pouco tempo depois Raisa ouviu a voz dela se elevando em uma discussão.

— Ela não está — disse Cat. — Volte mais tarde. Ou nunca.

— Quem é, Lady Tyburn? — perguntou Raisa, por trás dela.

Cat se encolheu quando a voz da rainha entregou sua mentira.

— Ninguém. Ninguém que você queira ver.

Não parecia nenhum perigo iminente. Raisa se aproximou e olhou na direção da porta. Atrás de Cat, diante da passagem, estava Micah Bayar, com uma das mãos no amuleto e a outra esticada na direção da criada.

Era um tipo diferente de perigo.

— Acalme seu cão de guarda — disse Micah.

Cat balançou uma faca para Micah.

— Experimente. Vamos ver quem é mais rápido — disse ela, com os olhos brilhando. — É melhor que seja um feitiço veloz.

— Pensei que Alister tivesse matado você — falou Micah para Cat. — Ele me disse que matou.

— Quando o assunto são as pessoas que Lorde Alister quer matar, eu não sou a primeira da fila.

— Pare, Caterina — interrompeu Raisa. — Deixe-o entrar. Eu falei que ele podia me visitar.

— O quê? — A expressão de Cat dizia que Raisa só podia estar louca. — Por quê?

— Isso é assunto meu — disse Raisa.

Micah olhou para Cat e depois para a porta, indicando que Cat deveria se retirar.

— Agora, se você não se importa...

Isso não ia acontecer. Como sempre, Micah estava forçando os limites de Raisa.

— Caterina, você pode tocar enquanto conversamos? — pediu ela, passando os dedos pelo braço da basilka. — Ou você prefere ouvir a harpa? — perguntou a Micah.

— Não estou no clima para música — respondeu Bayar, parecendo furioso.

— acredite, Micah, Lady Tyburn vai fazer você mudar de ideia. — Ela entregou a basilka para a criada, que tinha uma expressão raivosa. — Por que não começa com “O lamento de Hanalea”? É minha música favorita. — Ela fez sinal para as cadeiras em frente ao fogo. — Podemos nos sentar aqui.

Ela se sentou e fez sinal na direção da outra cadeira. Micah se sentou também, contrariado. Cat se ajeitou em um assento atrás deles, perto da porta, com a basilka no colo.

— O que *ela* está fazendo aqui? — perguntou Micah em um sussurro agressivo. — Quando vi a velha sair, achei que você estivesse sozinha.

— Você estava espreitando do lado de fora do meu quarto, Micah? — perguntou Raisa. — Isso é perturbador.

As primeiras notas da música familiar soaram. Em seguida veio uma série de ruídos de afinação, com notas altas e furiosas. Cat tinha talento para falar pelo instrumento.

— Falando em perturbar, você sabe quem sua criada é? — perguntou ele, pegando uma haste de ferro para atizar o fogo com força. — Ela era da gangue de rua de Alister. É ladra e provavelmente assassina. Mas nos últimos tempos essas parecem ser as qualificações que você procura. Espero que suas joias estejam trancadas.

Finalmente, Cat começou a tocar direito. Primeiro “O lamento de Hanalea”, depois “Ares das terras altas”.

Micah suspirou.

— Se não podemos ficar sozinhos, podemos falar do Conselho dos Magos?

— O que tem?

— O que Alister contou a você?

— O que Alister me contou fica entre nós dois — respondeu Raisal com rispidez. — Por que não diz logo o que tem para dizer, Micah? Não vou discutir com você.

Micah passou os dedos pelo cabelo, depois apoiou as mãos no colo.

— Nossa próxima questão no Conselho é a eleição de um Grão-Mago para servi-la. Infelizmente, isso foi adiado para a próxima reunião.

— Imagino que não haja pressa, se seu pai continuar trabalhando.

Micah esticou a mão e tocou a dela, parecendo inseguro sobre qual seria sua reação.

— Escute — disse ele em voz baixa. — Quanto mais cedo meu pai sair, melhor, e mais seguro é para você e sua linhagem. — Ele fez uma pausa, como se estivesse em dúvida se deveria continuar. — Vou concorrer a Grão-Mago, e tenho boa chance de ganhar. Isso vai me colocar em posição melhor de protegê-la. Talvez então você aceite dispensar Alister como seu guarda-costas.

Raisal puxou a mão.

— Por que eu faria isso?

Micah se inclinou para mais perto.

— É que não consigo entender. Não imagino por que permite tanta liberdade a Alister. Se ele ameaçou ou chantageou você, ou está de alguma forma obrigando-a a fazer o que ele quer, me conte. Eu resolvo.

— Eu sei o que estou fazendo — replicou Raisal. — Sua falta de confiança em mim é condescendente.

— Você não é confiante, é incosequente — disse Micah.

— Ah, é? Com quem eu deveria ter cautela? — perguntou Raisal. — Han Alister salvou minha vida em Passo de Pinhos Marisa. E você? Vamos ver: me enfeitiçou em minha festa de rebatizado, tentou me obrigar a casar e depois me sequestrou na academia. Não é um histórico muito bom.

Micah baixou os olhos.

— Eu tentei explicar, mas parece que você não me escuta. — A voz dele tremeu um pouco.

— Eu acredito no que vejo.

— Mesmo? — Micah se empertigou. — Então dê uma boa olhada em Alister. Eu vejo um lado completamente diferente dele. Acho que foi ele quem enfeitiçou você. — Bayar ficou de pé. — É melhor eu ir.

Raisal também se levantou, frustrada com o rumo que a conversa tomara.

— Não tem motivo para agir como se eu estivesse enganando você — disse ela em um sussurro baixo e intenso. — Você me disse que eu ficaria mais segura se permitisse que me cortejasse em público. Eu lhe disse quais seriam as regras quando concordei com esse jogo.

— Não é um jogo. Não para mim. — Ele inclinou a cabeça. — Vossa Majestade.

CAPÍTULO TREZE

Objetivos divergentes

Quando Han se encontrou com Corvo depois da reunião do Conselho dos Magos, ele parecia mal-humorado e nada comunicativo, ainda pior do que de costume. Ficou andando de um lado para outro, passando os dedos pelo cabelo de forma distraída, enquanto Han descrevia seu percurso pelos túneis.

— As passagens estavam intactas, então — disse Corvo, virando-se a fim de olhar para ele. — Não havia evidência de terem sido violadas durante minha ausência?

Han deu de ombros.

— Difícil dizer. Havia algumas barreiras mágicas que você não havia mencionado. Mesmo assim, não vejo como alguém poderia ter entrado ali sem orientação sua. Mesmo com sua ajuda, desarmar as barreiras gasta um monte de poder.

— E era essa a intenção — disse Corvo, parecendo momentaneamente satisfeito, como se os túneis invioláveis fossem uma espécie de legado de uma vida perdida.

— As coisas não estão boas no Conselho — contou Han. — No momento, Bayar tem votos para vencer, já que é ele quem faz o desempate.

Corvo teve que apontar mais uma vez que, se Han tivesse seguido seu plano em Aediion, os dois filhos Bayar estariam mortos e não seriam mais um problema.

Han engoliu uma resposta grosseira. Não estava de muito bom humor também. Sempre tivera certeza de que encontraria um jeito de vencer qualquer briga, mas agora não via um caminho que o levasse a isso. Ele não passava de um obstáculo temporário no caminho das ambições dos Bayar.

Estava duvidando de si mesmo desde que dissera não para Raisa, no quarto dela, duas noites antes. Seu corpo reclamara a noite toda. E uma voz em sua cabeça sussurrava: *Tolo! Quem você pensa que é? Um pouco de diversão em segredo é o melhor que pode esperar de uma rainha sangue azul.*

Para piorar as coisas, ele dissera sim para o impossível: ganhar a votação para Grão-Mago.

— Alister — disse Corvo baixinho, assustando Han e trazendo-o de volta ao presente. Ele ergueu o rosto e deu de cara com uma compaixão inesperada nos olhos do ancestral. — Pense. Deve ter alguma coisa que você deixou passar, algum jeito de vencer.

— Só o que sei é que os Bayar têm muitos inimigos, mas durante séculos ninguém ousou ir contra eles porque eles pareciam invencíveis. Se eu desacreditar Bayar, a armadura fica rachada. Pode bastar para convencer as pessoas a votar a meu favor.

— E como você propõe fazer isso? Desacreditá-lo?

— Preciso levar Dançarino de Fogo e a mãe dele à Casa do Conselho em Lady Gris. Você precisa me dizer como.

— Você vai levar cabeças de fogo a Lady Gris? — Corvo ergueu uma sobrancelha. — Eles nunca vão sair vivos.

— Temos que correr o risco. Vamos confrontar Bayar na frente do Conselho.

— Com que objetivo? — perguntou Corvo. — Tirando a diversão, claro.

— Isso é questão de justiça. É questão de consertar um erro antigo.

Corvo riu.

— Política não tem nada a ver com justiça. Tem a ver com vinganças pessoais sob uma camada fina de civilização. Toda política é pessoal.

— Tudo bem — disse Han. — Isso é pessoal.

— Mesmo que você desacredite os Bayar, mesmo que ganhe o posto de Grão-Mago, eles vão encontrar um jeito de vencer — disse Corvo delicadamente. — O único jeito de eles cederem é se a alternativa for terrível demais. — Ele colocou a mão no ombro de Han. — acredite em mim, eu sei. Fui a última pessoa a enfrentar os Bayar, e veja o que aconteceu comigo. Agora, você tem tanto os clãs das Espirituais quanto o Conselho dos Magos como adversários. Se os magos apoiarem você, os cabeças de fogo vão ser contra. E vice-versa.

No momento, nenhum dos dois me apoia, pensou Han.

— O que você sugere?

— O único jeito de conseguir o que você quer é deixá-los com mais medo de você do que eles têm uns dos outros. Faça uma demonstração. Destrua a Casa do Conselho. Exploda um dos campos dos cabeças de fogo. Mostre que está falando sério.

— Minha prioridade é conquistar a rainha — disse Han. — Ela quer unir as facções de Fells, não separá-las. Explodir pedaços do reino não vai me ajudar em nada.

— Precisa demonstrar que tem poder suficiente para que valha a pena o risco de apoiar você. E que é poderoso demais para alguém se opor — disse Corvo. — acredite em mim, a assembleia vai entrar na linha, e a rainha também.

Corvo está acostumado com magos mandando nas coisas, pensou Han. *Não está acostumado a levar em conta os clãs e a rainha. E não conhece Raisa.*

— Mesmo que quisesse destruí-los, eu não saberia como. A Casa do Conselho é cheia de proteções contra magia. Senão já teria sido destruída há muito tempo.

— Você se subestima. Só precisa de armas melhores. — Ele fez uma pausa, como se estivesse pensando se deveria continuar. — E sei onde estão.

A mente de Han parou de correr como um rato em um labirinto e se concentrou em Corvo.

— O quê? Do que você está falando?

— Primeiro, preciso saber se você está disposto a fazer o que for necessário para vencer.

— Olhe aqui — explodiu Han —, não vou fazer um acordo sem saber o que vou levar! Pare de falar em enigmas, senão vou embora.

Corvo finalmente cedeu.

— Por acaso, tenho algumas armas guardadas — disse ele, cruzando os braços e afastando as pernas, como se esperasse ser questionado.

— Armas? — repetiu Han. — Que armas?

— Você já ouviu falar do Arsenal dos Reis Magos?

Han o encarou com mais firmeza.

— Todo mundo está procurando: os Bayar, a reitora Abelard, talvez até os clãs.

— É mesmo? Todos sabem que existe? — Corvo franziu a testa. — Os Bayar eu esperaria, mas...

— Bom, é mais uma lenda do que qualquer outra coisa. Algumas pessoas não acreditam. Você está dizendo que sabe onde está?

Corvo deu de ombros.

— Quem foi o último dos reis magos? — questionou ele, ajeitando a estola Waterlow que tinha passado a usar desde a grande revelação.

— Onde está? — perguntou Han, com o coração disparado. — Onde está o arsenal?

Ele aprendera na rua que, às vezes, apenas uma enorme demonstração de força podia fazer o inimigo ceder. E, agora, não conseguia pensar em outra forma de sair da encrenca em que estava.

— Calma — disse Corvo, erguendo as mãos como se quisesse manter Han a distância. — Tudo tem um preço.

— O que isso significa? — perguntou Han. — Se eu vencer, os Bayar perdem, e é isso que você quer, não é?

— Eu quero falar com Lucas.

— Com Lucas?

Han balançou a cabeça. Não via Lucius desde que ele e Dançarino haviam conversado com ele, semanas antes.

— Esse é meu preço. Como você diria, é pegar ou largar.

— Mas... como faríamos isso? Você só existe em Aediion.

— Tem um jeito — disse Corvo, os olhos azuis brilhantes fixos em Han. — Você sabe tão bem quanto eu que tem um jeito.

E então, ele entendeu o que Corvo estava sugerindo.

— Não — disse Han, recuando. — Não vou deixar você me possuir de novo. Isso está fora de cogitação.

— Pare com isso. Não seja covarde. Eu possuía você pelo menos duas vezes por semana, e não fez mal nenhum.

— Não — repetiu Han. Ele procurou uma alternativa. — Você pode me passar perguntas, e depois eu trago as respostas.

Corvo balançou a cabeça.

— Não é o suficiente. Quero ver o rosto dele, as reações. Não quero que passe por você como um filtro. Tenho que chegar ao fundo disso tudo.

— Me desculpe — disse Han. — Não quero mais ser usado.

— Entendo. Bem, como você tem uma opinião tão firme... — Corvo deu de ombros e tirou poeira imaginária do casaco. — Que pena. Nunca vai encontrar o arsenal sozinho.

— Não acredito nisso. Você está dizendo que não vai me ajudar porque não quero deixar você...

— Eu preciso falar com Lucas. Essa é a minha condição.

Han gostava de Corvo, estava confiando cada vez mais nele, mas... se aceitasse a proposta, Corvo poderia ficar à solta em Lady Gris com o arsenal à disposição e os inimigos por perto. Será que ele (ou qualquer pessoa) conseguiria resistir à tentação de se vingar? Poderia haver mais uma Cisão. Só que, desta vez, Han levaria a culpa.

Mesmo assim. Devia haver um jeito de ele se proteger.

— Me deixe pensar no assunto.

— Não pense demais — disse Corvo. — Eu pensei que teria tempo de negociar com meus inimigos, e estou pagando o preço desde então.

— Não é a mesma situação.

— Não? — Corvo deu uma gargalhada amarga. — Você já está fadado a uma morte lenta e desagradável, se depender dos Bayar. Falo por experiência própria quando digo que, se você for contra eles, é melhor estar disposto a fazer o que for preciso para vencer. E mesmo isso pode não ser o bastante.

CAPÍTULO CATORZE

Ordens da rainha

Raisa contrai os ombros para tentar aliviar a tensão nos músculos. Estava tarde, já era madrugada, e as palavras nas páginas estavam parecendo borradas sob a luz de um dos lampiões que ela manteve aceso.

A chuva batia na janela, e os trovões reverberavam de pico em pico.

Hanalea fala, pensou Raisa.

Apesar de todo o barulho, Cat dormia um sono agitado no sofá, se mexendo de um lado para outro e murmurando baixinho.

Han ainda estava fora, sem dúvida perambulando pelas ruas de Feira dos Trapilhos, tentando atrair o assassino. Por isso, os ouvidos de Raisa estavam concentrados nos corredores. Cada som a distraía.

Ela não dormiria com tranquilidade enquanto ele não tivesse voltado em segurança.

Finalmente, ela ouviu passos no corredor, mas foi a voz familiar de Amon que cumprimentou os casacos azuis de plantão.

Torcendo para não acordar Cat, Raisa se levantou, e já estava no meio do caminho quando ele bateu na porta.

— Espere! Eu atendo — disse Cat, rolando da cama.

— Está tudo bem, é o capitão Byrne — respondeu Raisa, abrindo a porta.

Amon estava do outro lado, com Talia e Pearlie logo atrás. Estava encharcado, com o cabelo grudado na cabeça e o casaco pingando.

— Desculpe a intrusão, Vossa Majestade. Eu precisava...

Amon olhou por cima do ombro de Raisa e viu Cat. Não pareceu feliz com isso.

— Lady Tyburn — disse ele, inclinando a cabeça.

Fosse lá o que tivesse para dizer, ele não queria que Cat ouvisse.

— Pode ir agora, Cat — disse Raisa. — O capitão Byrne está aqui, e já mantive você acordada por muito tempo. Não tem motivo para passar a noite inteira de pé.

— Eu posso ficar — respondeu Cat, olhando de Amon para Raisa. — Talvez possa ajudar com...

— Não é necessário — interrompeu Amon. — Boa noite.

Ele assentiu em direção à porta.

Cat saiu do quarto, olhando muitas vezes para trás.

Depois de murmurar alguma coisa com Talia e Pearlie, Amon fechou a porta. Voltando-se para Raisa, ele inspirou fundo.

— Sei que está tarde, mas eu precisava falar com você o mais rápido possível.

— Eu ainda estava acordada — disse Raisa, cruzando os braços, sentindo um frio repentino. Alguma coisa na expressão de Amon dizia que ele trazia uma notícia ruim. Bem ruim.

Seu primeiro pensamento foi Han, e seu coração pulou. E se ele finalmente tivesse atraído os assassinos que estava caçando? E se o tivessem pegado de surpresa?

Amon colocou uma trouxa de roupas nas mãos de Raisa.

— Vista isso. Nós vamos sair. — Ele foi até a porta que levava ao quarto de Han, abriu, verificou se havia alguém no cômodo e depois trancou. — Você precisa deixar isso trancado, Rai.

— O que foi? O que aconteceu? Aonde vamos?

Ele balançou a cabeça.

— A Feira dos Trapilhos. Tem uma coisa que preciso mostrar.

Raisa abriu a trouxa. Era um manto com capuz, de uso comum da Guarda da Rainha. Ela o vestiu e puxou a parte de baixo, prendendo na cintura, para que não arrastasse no chão.

— Vamos.

— Vocês, venham conosco — ordenou Amon aos casacos azuis do lado de fora.

Com Talia e Pearlie, eram seis guardas saindo pela porta lateral. Raisa puxou o capuz para se proteger da tempestade. Eles atravessaram a ponte levadiça e passaram pelo portão, até chegarem às ruas lavadas pela água da chuva. As luzes mágicas pareciam poucas e distantes naquela noite tão escura, que só ficava iluminada quando os relâmpagos invadiam as vielas estreitas.

— Fale comigo — pediu Raisa, se aproximando de Amon. — O que está acontecendo?

— Mais dois magos foram encontrados mortos em Feira dos Trapilhos — contou ele, baixando a cabeça para falar quase no ouvido dela. — Iguais aos outros. Gargantas cortadas, amuletos roubados.

— Quem? — sussurrou Raisa, quase sem mover os lábios.

— Farrold e Alexa Gryphon.

Então não era Han. Eram os pais de Adam Gryphon. Raisa suspirou aliviada, mas sentiu vergonha por ter ficado feliz com a perda de outra pessoa.

— O que eles estavam fazendo em Feira dos Trapilhos? — perguntou Raisa, com a garganta seca. — Não imagino os dois andando por aquele bairro.

— Parece que foram mortos em outro lugar e os corpos foram levados a Feira dos Trapilhos.

— Não seria difícil carregar dois corpos pelas ruas de Fellsmarch sem ser visto?

— Talvez não para um mago — respondeu Amon, escolhendo bem as palavras. — Ou alguém que conhecesse bem o bairro.

— Por quê? Você viu alguma coisa ou alguém ou...

Ela parou de falar diante da pressão dos olhos cinzentos de Amon. Seu estômago se contraiu horrivelmente. De repente, Raisa teve vontade de tapar os ouvidos.

Amon olhou para a frente de novo, sem acrescentar mais nada.

Raisa tropeçou, os pés agora pesados de medo. Ele a segurou pelo cotovelo para garantir que não pisasse na capa nem escorregasse nas pedras, nem fugisse para o palácio para se esconder debaixo dos cobertores.

Em pouco tempo, saíram do Caminho das Rainhas, entraram e dobraram em vielas vagamente familiares.

Tudo voltou de repente. Ela andara por aquelas ruelas de pedra na manhã seguinte ao sequestro pelo notório dono da rua Alister Algema, quando fugira do esconderijo dele.

Eles dobraram outra esquina, e ali estava Mick, com a expressão mais infeliz que Raisa já vira no rosto dele.

— Hallie está com os mortos — disse ele, evitando os olhos de Raisa.

Amon ainda segurava o cotovelo da rainha, guiando-a até o fim da viela, onde estavam os Gryphon, protegidos por Hallie e mais alguns outros guardas. Dois lampiões iluminavam a cena, com a luz se espalhando pelas paredes quando as chamas oscilavam ao vento.

Eles estavam de costas, lado a lado, dois magos de meia-idade e bem-vestidos. Reunindo coragem, Raisa olhou os rostos deles. Eram mesmo os Gryphon. Quando era pequena, ela os vira em centenas de reuniões no palácio. Reconheceu as feições sérias, as bocas pequenas e apertadas.

Não pense mal dos mortos, disse para si mesma, fazendo o sinal do Criador.

Havia menos sangue do que ela esperava, mas talvez a chuva tivesse levado boa parte. Ou, como Amon dissera, talvez eles tivessem sido mortos em outro lugar e carregados para lá. Os amuletos tinham sumido, mas as outras joias estavam lá; as mãos em processo de enrijecimento estavam cheias de anéis, e Alexa Gryphon usava brincos que deviam valer uma fortuna.

Raisa começou a se afastar, mas Amon segurou os ombros dela.

— Olhe melhor. Tem uma coisa pintada nas roupas deles. É difícil ver na chuva, mas...

Raisa se ajoelhou e observou a parte da frente do casaco de Farrold Gryphon. Havia alguma coisa rabiscada ali, um símbolo, uma linha reta com um zigue-zague por cima, como um relâmpago. Aquilo perfurou o coração de Raisa como um raio.

Tremendo, ela olhou para Amon, piscando para afastar as gotas de chuva e as lágrimas.

— Estou vendo. Você já viu isso antes?

Amon balançou a cabeça e levantou Raisa.

— Eu estava torcendo para você reconhecer. Foi pintado em todos os corpos. Vamos sair da chuva.

Os guardas tinham tomado a frente de uma loja ali perto, e Amon levou Raisa para dentro. A noite estava quente, mas ela estava encharcada e não conseguia parar de tremer. Amon ajudou-a a retirar a capa molhada, tirou um cobertor de um armário e o colocou nos ombros dela. Mandou os outros guardas saírem do cômodo, exceto Mick e Hallie.

Ele se agachou ao lado dela e entregou uma toalha para que Raisa secasse o rosto.

— Me desculpe por trazer você aqui em uma noite assim — disse ele, baixinho. — Mas eu queria que visse isso.

Ele fez uma pausa, e, como Raisa não disse nada, prosseguiu.

— Botamos patrulhas da guarda todas as noites em Feira dos Trapilhos e em Ponte Austral, que são os locais onde os corpos foram deixados. Esta noite, uma de nossas patrulhas entrou em um

beco e viu uma pessoa ajoelhada ao lado de dois corpos que acabamos descobrindo ser dos Gryphon. Era um mago; deu para ver pelo amuleto brilhando no escuro, mas ele estava todo encapuzado. Estava tocando um dos cadáveres e parecia fazer algum tipo de feitiço.

“Quando ele ouviu a patrulha se aproximando, saiu correndo. Gritaram para que parasse, mas ele fugiu pelo outro lado da viela. Foram atrás dele, mas quando chegaram à rua, ele já tinha desaparecido.”

Amon se virou para Mick e Hallie. Eles estavam inquietos, parecendo desejar estar em outro lugar.

— Contem para a rainha o que vocês viram — disse Amon.

Hallie e Mick se entreolharam como se um esperasse que o outro fosse falar.

Por fim, Hallie começou:

— A gente estava comendo na Taverna Elliott, bem pertinho. Ouvimos uma confusão e saímos rápido a tempo de ver a patrulha passar correndo. Depois que eles foram embora, vimos uma pessoa sair de um beco e ir para o outro lado. Estava agindo de um jeito suspeito, então fomos atrás. Quando ele se virou para pegar o Caminho das Rainhas, conseguimos ver o rosto iluminado pelas luzes mágicas. — Ela tirou uma mecha de cabelo molhado do rosto. — Era Han Alister, com um gorro na cabeça e todo coberto, quase irreconhecível.

Os pensamentos de Raisa foram imediatamente para as condições das vestimentas de Han ao voltar para o castelo, algumas noites antes.

— Ficamos atrás dele, mas o perdemos na confusão de Feira dos Trapilhos. Acho que ele não nos viu — contou Mick.

O coração de Raisa parecia uma pedra no peito enquanto ela lembrava o que Han tinha dito poucos dias antes. *Lorde Bayar já está tentando colocar a culpa em mim.*

— Bem. — Ela limpou a garganta. — Han está tentando descobrir quem é o responsável pelos assassinatos de magos em Feira dos Trapilhos. Por isso anda pelas ruas quase todas as noites.

Amon apertou os lábios.

— Hallie e Mick não souberam o que fazer, porque sabem que Alister dorme no quarto ao lado do seu. Então, foram falar comigo.

— Mas... não temos certeza se era Han quem estava na viela, certo? — perguntou Raisa, olhando para cada rosto em busca de esperança.

— Não — disse Amon. — Não temos certeza, mas parece provável. Nós também... — Ele parou de falar e se virou para Hallie e Mick. — Esperem lá fora.

— Sim, senhor.

Eles saíram, parecendo aliviados por fugirem da presença de Raisa.

Quando a porta se fechou atrás deles, Amon disse:

— Também tem isso. — Ele tirou um saquinho do bolso. — Encontraram debaixo dos corpos. — Ele virou o que tinha dentro na mão dela. — Já viu isso antes?

Raisa levantou o objeto para poder enxergar melhor na luz. Era a imagem de um flautista dos clãs, entalhada em sorveira e carvalho, pendurada em uma corrente prateada. O trabalho era incrível, com detalhes em prata e turquesa.

Ela fechou a mão ao redor da peça como se pudesse escondê-la. Poder formigou na pele dela.

— É artefato dos clãs. Não imagino um mago usando uma coisa assim. — Ela olhou para Amon. — Vou guardar isso. Encontrarei Hayden Dançarino de Fogo amanhã. Vou perguntar a respeito. Ele é discreto.

— Ah. — O olhar de Amon estava perturbado, inseguro. — É uma pista. E Dançarino de Fogo é amigo de Alister.

A implicação era clara: *Temos que seguir aonde quer que leve.*

— Vou tomar cuidado — disse Raisa, guardando o cordão antes que Amon pudesse pedir de volta. — Não vou contar a Dançarino de onde veio.

— Vossa Majestade — chamou Amon, balançando a cabeça. — Seria melhor se eu...

— Han Alister não é um assassino — afirmou Raisa. Então parou. — Não é mais — consertou ela. — Está usando as ligações com a gangue a nosso favor. Ele e Cat recrutaram ajuda em toda Feira dos Trapilhos e em Ponte Austral para que fossem os olhos e ouvidos do reino.

— E se eles recrutaram por outro motivo? Para matar magos, por exemplo.

Raisa balançou a cabeça.

— Não. Eu não acredito.

— Eu também não quero acreditar — admitiu Amon. — Gosto dele. Não consigo evitar. — Depois de um momento de silêncio mortal, completou: — É possível que ele esteja matando magos por vingança e dizendo a si mesmo que está fazendo a seu serviço? Será que poderia estar justificando assim?

— Não.

As gargantas dos magos foram cortadas. E Han Alister é bom com a faca. Assim como centenas de integrantes de gangues de Feira dos Trapilhos. Inclusive Cat Tyburn.

Raisa estava argumentando consigo mesma. Só não sabia quem estava vencendo.

Meu reino é o lugar perfeito para um anarquista, pensou Raisa. É tão fácil jogar as pessoas umas contra as outras. Só é preciso uma pequena fagulha para gerar um incêndio. Até a proposta de Han de colocar Dançarino no Conselho... será que a intenção dele poderia ser levar o Conselho a aprovar atos de violência? E se ele pretendesse destruir o reino que tirara tanta coisa dele?

Não. Não acredito.

Parecia que tudo que Han fazia tinha duplo significado, dependendo do que se estivesse disposto a acreditar sobre ele.

— Certo. E agora? — perguntou Raisa, sentindo-se enjoada e cansada. Desejando que outra pessoa fosse rainha por um tempo.

— Alister não pode continuar no quarto ao lado do seu. É arriscado demais.

— Sabemos que tem alguém querendo me matar. Pelo menos, Han parece querer me manter viva.

— Talvez. Ao menos por enquanto.

— O que você acha mais arriscado? Se Gavan Bayar estiver por trás dos ataques à minha vida, vou ficar indefesa sem um mago ao meu lado. Não tem ninguém no Conselho dos Magos nem na assembleia em quem eu confie. — Ela se apoiou em Amon e encostou a cabeça no peito dele. Depois de um momento de hesitação, ele passou o braço ao redor dela. — Talvez seja essa a ideia: me fazer desconfiar de Han para me isolar, me deixar vulnerável.

— E Cat Tyburn? — perguntou Amon. — E Hayden Dançarino de Fogo? Se Alister estiver matando magos, eles estão envolvidos?

— Pare com isso! Han Alister não está matando magos. — Raisa segurou a mão de Amon e apertou. — Um exército de guarda-costas não vai conseguir me manter em segurança se alguém estiver determinado a me matar. Se todo mundo for responsável por me deixar em segurança, ninguém será. A solução aqui é política, não militar.

— Pode ser, mas meu trabalho é manter você viva para que tenha a chance de resolver os problemas políticos.

Raisa não disse nada. Ficou olhando para a frente, com a mente fervilhando, pesando os riscos.

— E Alister? — perguntou Amon. — Quando podemos mudá-lo de quarto? Podemos inventar uma desculpa e...

— Acho que não devemos — interrompeu Raisa.

Amon se enrijeceu, desacomodando a cabeça dela.

— O quê?

— Ele já teve muitas oportunidades de me matar, se fosse essa a intenção — disse Raisa, lutando para encontrar um argumento que satisfizesse Amon. — Se for ele quem está matando magos, não queremos que fique solto, sem supervisão. É melhor deixá-lo ali, onde você possa observá-lo.

— Posso ficar de olho nele na Casa Kendall. E é mais seguro para você.

— Talvez sim, talvez não. Quer você goste ou não, ele é proteção contra os Bayar.

— Não se estiver andando por Feira dos Trapilhos matando magos — disse Amon sem rodeios. — Vossa Majestade, me perdoe, mas será que perdeu a cabeça? — Ele se virou para ela e a segurou pelos cotovelos, com mais força do que provavelmente pretendia. — Você quer mesmo deixá-lo onde está? Isso tudo foi desperdício do meu fôlego e de horas de sono de nós dois?

— Amon. Não temos provas de que Han seja responsável — disse Raisa, lutando contra as vozes em sua mente.

— Nós não *precisamos* de provas. Não estamos dando uma sentença a ele. Só estamos tomando as devidas precauções. Como qualquer pessoa *sensata* faria.

— Durante toda a vida, Han foi acusado de crimes que não cometeu. Ele é alvo fácil por causa de seu passado.

— Ele é um *suspeito* provável por causa de seu passado — contra-argumentou Amon, com as sobrancelhas unidas acima de olhos tempestuosos.

— Fiz promessas quando ele aceitou este trabalho. Uma delas era que ficaria com o quarto ao lado do meu e teria acesso fácil para poder me proteger melhor.

— Certo. E quando assassinos entraram em seus aposentos, ele não estava por perto.

Raisa mordeu a língua. Tinha prometido a Han que não revelaria o papel dele no episódio. Que ele salvara a vida dela.

— Tenho que dispensá-lo do posto de guarda-costas ou deixá-lo onde está. O mais seguro é deixá-lo onde está, mas ficar de olho nele.

Amon ficou de pé, assomando sobre Raisa.

— Eu queria que você tivesse essa consideração por mim e me ajudasse a fazer meu trabalho tanto quanto ajuda Alister.

— O que mais você quer? — perguntou Raisa, se levantando. — Além de dispensar Alister baseado em provas circunstanciais um tanto tênues?

— Vou colocar uma multidão ao redor de você — disse Amon, com voz baixa e furiosa. — E deixar Alister sob vigilância constante. Quero que seu pai designe guerreiros Demonai para trabalhar com a Guarda, para contrabalançar o risco.

— Tudo bem — respondeu Raisa, pensando que os Demonai adorariam oferecer proteção a ela contra magos. Principalmente um Demonai em particular. Mas algum dos Demonai baixaria a cabeça orgulhosa para Amon Byrne? — Vou falar com meu pai. Ele vai querer escolher.

Ela olhou para Amon, mas o rosto dele estava contra a luz.

— Obrigada, Amon. Sei que isso não é fácil para você.

Mais tarde, deitada na cama, ela não conseguia dormir, apesar de estar exausta. Tinha colocado o talismã entalhado debaixo das roupas, na gaveta mais funda.

Ela pensou em Han Alister, do outro lado de uma porta fina. Perguntou-se se ele também estava deitado acordado.

Ela confiava em Amon Byrne, mas não podia contar a ele a verdade, que reconhecera os símbolos pintados nos corpos. Já os tinha visto antes, nos talismãs que a gangue de Han em Feira dos Trapilhos usava.

E reconheceu o boneco do flautista na mesma hora. Na última vez que o viu, estava pendurado no pescoço de Han Alister, ao lado dos amuletos.

Talvez Raisal fosse tão tola quanto Hanalea fora ao confiar no Rei Demônio.

Estava apaixonada por Han Alister, e isso podia custar sua vida.

CAPÍTULO QUINZE

Regras da rua

Han enfiou a mão no buraco sob o relógio da feira e pegou um bilhete amassado. *Ela está vindo. Meia-noite.* Não tinha assinatura.

Olhou para o relógio. Se não se apressasse, chegaria atrasado. Só que chegar atrasado para aquela reunião não era de todo ruim.

Ele seguiu pelas ruas familiares, devagar, à vontade em seu disfarce maltrapilho. Fez um desvio pelo Beco Pinbury e trocou uma palavra com dois de seus olhos e ouvidos, chamados Gimp e Scuttle. Eles foram tão respeitosos quanto ladrões de rua podiam ser, chamando-o de Lorde Alister e olhando-o com o canto dos olhos. Não, meu Lorde Alister. Nada de novo a relatar.

Ele desceu até a periferia, na direção do ponto de encontro, recriminando-se mentalmente pelas ações de duas noites antes.

Han conhecia as regras da rua. Nunca fuja de um casaco azul, a não ser que saiba que consegue escapar sem deixar rastros. Fugir faz você parecer culpado. Fugir chama a atenção quando você quer passar despercebido.

Ele não devia ter fugido.

Seus informantes o tinham alertado sobre os corpos na viela. Ele estava examinando os dois magos mortos em busca de vestígios de magia, tentando descobrir o que podia ter acontecido. Uma coisa

ele sabia: o desenho do cajado e poder significava que quem tinha apagado os magos conhecia o símbolo de sua gangue e estava tentando incriminá-lo.

Então a patrulha dos casacos azuis o surpreendera. O instinto tomara conta, apesar de uma vida de treinamento nas ruas, e ele saía correndo.

Han *teria* escapado, não fosse o azar de encontrar Hallie e Mick, dois casacos azuis que o reconheceriam, se olhassem direito.

Torcia para que não tivessem olhado direito. Torcia para que os dois o tivessem seguido apenas porque parecia suspeito. Ele estava com o gorro puxado sobre a cabeça, e eles não esperariam vê-lo ali.

Antigamente, ele teria se escondido, sumido por algum tempo, se instalado em um ambiente seguro, com os colegas de gangue ao redor, ou desaparecido nas montanhas. Mas não havia mais refúgio para ele. Han era uma mariposa, atraído eternamente para uma chama que o queimaria até que ele virasse cinzas.

Então ele esperou. Esperou ser expulso de seus aposentos, esperou ser jogado na prisão, esperou um confronto que nunca aconteceu.

Tinha pedido instruções diretas a Raisa: ela queria que ele fizesse o que fosse necessário para que fosse eleito Grão-Mago? Ela não respondera, e mesmo assim a resposta estava clara.

Ele precisava agir imediatamente, antes de Gavan Bayar, mas o momento tinha que ser certo.

Han encontrou Flinn na sala comunal do Cão Sorridente, uma pensão e escola de ladrões, frequentada por chefes de gangues, traficantes de mercadorias roubadas e homens e mulheres dispostos a prestar falso testemunho por determinado preço. E, naquele momento, no local estavam seis membros da gangue de Han, inclusive Flinn.

— Ela está na sala dos fundos — disse Flinn, se inclinando para perto. — Furiosa como um texugo queimado. Nós fizemos ela andar

por toda Ponte Austral e Feira dos Trapilhos. Despistamos três espiões na Feira de Ponte Austral. Agora a barra está limpa.

Han assentiu.

— Que bom. Levem o de sempre, o bastante para dois, e duas canecas de stingo.

Flinn franziu a testa, intrigado.

— Você quer embebedar ela primeiro?

Han balançou a cabeça.

— Só estou com fome.

Ele dispensou Flinn com um aceno.

Quando Han entrou na sala dos fundos, Fiona se virou para olhá-lo, a mão no amuleto. Apesar do calor implacável, ela estava usando couro preto da cabeça aos pés, como se tivesse se preparado para o encontro.

Han também tinha se vestido para a ocasião, com uma calça simples de lã e uma camisa de algodão, as botas feitas pelos clãs sendo a única extravagância. Feira dos Trapilhos era o tipo de lugar onde era melhor não ostentar riqueza.

Ele esperava que as roupas simples diminuíssem as chances de Fiona se lembrar do que ele dissera sobre sua linhagem. Pela milésima vez, Han se xingou pela boca grande. Han Alister, que supostamente era muito bom em guardar segredos.

— Bem-vinda, Lady Bayar — disse ele, sério. — Estou feliz que tenha podido vir tão prontamente. — Han indicou uma cadeira e se sentou na que havia em frente. — Pedi jantar para nós.

Fiona balançou a cabeça, jogando para trás o cabelo claro e cruzando os braços.

— Eu teria que estar morrendo de fome para comer neste estabelecimento.

— A comida é bem gostosa aqui. Aposto que você vai ficar tentada.

Ele deu seu melhor sorriso malicioso. Gostava de encontrá-la em seu próprio terreno, para variar. Pelo menos ali era improvável que

Fiona quisesse levá-lo para a cama.

Fiona o observou, como se estivesse tentando ler nas entrelinhas. Em seguida, se sentou na cadeira vazia.

— Era mesmo necessário me arrastar pelas entranhas imundas da cidade?

— Três espiões seguiram você, depois que saiu do castelo — contou Han. — Sarie tinha ordens de se livrar deles antes de trazer você aqui. Eram muito bons. Demorou um pouco.

— Quem me seguiria? — murmurou Fiona, molhando os lábios e parecendo meio abalada. — E por quê?

— Você tem certeza de que está pronta para jogar esse jogo? — perguntou Han, se recostando.

Isso a irritou.

— Não seja tão arrogante, Alister. Depois de algum sucesso inicial, não tenho visto muita coisa vindo de *você* ultimamente.

Flinn levou a comida e a bebida, olhando fixamente para Fiona antes de sair. Han cortou o pão e fez um sanduíche.

— Quer um? — perguntou ele, mostrando para ela.

Os olhos de Fiona seguiram o sanduíche em movimento.

— Tudo bem — aceitou ela, e o observou prepará-lo. — O que é isso? — perguntou com desconfiança, cheirando o stingo. Tomou um gole cauteloso e arregalou os olhos. — *O que é isso?* — repetiu ela, balbuciando, mas conseguindo não cuspir na mesa.

— Stingo — disse Han, entregando o sanduíche a ela. — É meio forte.

Ela bebeu de novo, mais preparada desta vez, e colocou a caneca na mesa. Pegou o sanduíche e deu uma boa olhada antes de morder.

— Então, essa reunião é sua. O que você quer?

— Eu falei o que eu queria na Casa do Conselho dos Magos — começou Fiona. — Você parece não entender a urgência disso. Acredite, se não agirmos, Micah vai ser Grão-Mago e vai se casar com a rainha.

— O que vai tornar mais difícil para você conseguir o que quer — disse Han, assentindo. — Então é urgente para você. Como tem tanta certeza de que a rainha vai aceitar se casar com ele?

— Micah sempre conseguiu seduzir qualquer garota que quisesse — respondeu Fiona com amargura. — Raisal é um pouco mais resistente do que a maioria, só isso. Não vai resistir para sempre.

— Bem... — disse Han, olhando nos olhos azuis e gelados de Fiona. — Você poderia matar Micah. Aí seu pai não teria escolha além de apoiar você.

— Você *tem* mesmo tanto sangue-frio quanto dizem — comentou Fiona, com admiração. — Isso não resolve o problema de Raisal.

Um problema que você quer que eu resolva, pensou Han.

— Pela nossa última conversa, pensei que a essa altura você já teria matado a rainha e se nomeado rei.

Fiona deu uma mordida no sanduíche e mastigou.

— Não vou fazer seu trabalho sujo por um beijo e uma promessa. Se você quiser trabalhar comigo, vai ter que participar.

Fiona esticou a mão por cima da mesa e tocou o braço dele.

— Eu já falei que acho você atraente — disse ela, com voz baixa e rouca. — Acho que poderíamos ser muito...

— Preciso de sua ajuda com o Conselho dos Magos — falou Han, sem rodeios.

Fiona recolheu a mão, as bochechas vermelhas.

— O quê?

— Eu quero ser Grão-Mago.

— Grão-Mago? — disse Fiona, unindo as sobrancelhas claras. — Você quer ser rei. Por que ia querer ser Grão-Mago?

Han não podia responder "Porque a rainha Raisal e o meu ancestral morto, o Rei Demônio, querem". Nem "Para estragar os planos de seu pai".

Então, disse:

— Para impedir que seu irmão vença. Agora, moro no quarto ao lado do da rainha Raisal, no palácio. Agora, tenho acesso fácil. Se

Micah se tornar Grão-Mago, pode apostar que vai me dar um chute no traseiro. Sem mencionar colocar um monte de proteções ao redor dela. — Ele fez uma pausa. — Além do mais, você quer mesmo que ele tenha uma desculpa para passar tanto tempo com a rainha? Em reuniões aconchegantes na suíte particular e tudo o mais?

Fiona fez cara feia.

— Não, claro que não. Mas ainda não vejo por que você não fez nada até agora, se tem acesso à rainha.

— Eu quero ser rei de todo mundo — explicou Han, fazendo o possível para ser convincente. — Não só do povo do Vale. Isso quer dizer que tenho que lidar com o Conselho dos Magos. Senão vou acabar brigando com todos, depois que a rainha estiver fora da jogada. Principalmente com a *sua* família.

— Entendo seu argumento — disse Fiona, bebendo um gole de stingo. — Mas não estou no Conselho. Não tem muita coisa que eu possa fazer para ajudar você a se tornar Grão-Mago. Parece que meu pai tem votos suficientes para eleger Micah.

— Você não está no Conselho, mas tem influência sobre uma pessoa que está. Adam Gryphon.

— Adam? — Fiona pareceu confusa. — O que faz você pensar que tenho alguma...

— Ele gosta de você, Fiona. Vocês são meio que prometidos. Pode convencê-lo a votar em mim.

— Já falei, Adam Gryphon é patético. Anda atrás de mim há anos. Como se eu fosse considerar... — Fiona franziu a testa, pensando.

Han comeu um pedaço de sanduíche e tomou um gole de stingo, tentando sufocar uma pontada de culpa. Não tinha nada contra o antigo professor, embora Gryphon tivesse sido rude com frequência nas aulas. O fato era que Han precisava do voto dele e não tinha chance de conseguir por outro caminho. Mas odiava jogar Fiona

para cima do mago, principalmente considerando a perda recente de seus pais.

— Que motivo eu poderia dar para pedir a Adam que votasse contra meu próprio irmão?

— Pare com isso, Fiona. Tenho certeza de que você consegue pensar em um motivo sozinha. Diga que quer que *e/e* seja seu consorte, quando você for rainha. Só não conte que está pedindo isso porque gosta de mim, está bem?

Han abriu um sorriso para mostrar que não estava exatamente falando sério.

— Quando você espera que aconteça? — perguntou Fiona. — A votação?

— Nos reunimos de novo em quatro dias. Seu pai vai querer fazer com que Micah seja eleito antes que Mordra deVilliers chegue. Portanto, acho que vamos votar na próxima reunião.

— Você espera que eu convença Adam Gryphon em quatro dias?

— Não deve ser difícil. Ele não gosta muito de Micah, sabe.

— É mesmo? E o que ele pensa de você? — perguntou Fiona com acidez.

Han deu de ombros. Ele realmente não sabia.

— Tudo bem. Vou convencê-lo. — Fiona examinou as próprias mãos e fungou. — Não acho que vou ter problemas com isso.

— Que bom. Mas seja rápida. Preciso ter uma resposta sua antes da reunião, para saber o que esperar quando chegar a hora da votação. Senão vou me botar em risco por nada. — Han terminou o sanduíche e lambeu os dedos. — Mas isso é só o começo. Preciso saber: até onde você está disposta a ir para conseguir o que quer? Para colocar magos no trono de Fells. Você e eu, especificamente.

— Já andei 8 quilômetros em meio a uma favela imunda, arriscando minha vida e integridade para chegar aqui.

— Você vai ter que se esforçar mais. Faço isso todos os dias e duas vezes aos domingos.

Fiona elevou a voz.

— Já *falei* que eu... — Ela olhou ao redor e baixou o tom. — Já aceitei que temos que nos livrar da rainha Raisia e da irmã dela.

— Sei que você está disposta a me deixar matar a rainha — disse Han com ironia. — Mas está disposta a ir contra a sua família?

— Estou me rebelando contra os planos de casamentos deles. Estou me encontrando com você — sibilou Fiona. — Como acha que eles se sentiriam se...

— E, supostamente, está me fazendo de bobo. Você está conquistando minha confiança, certo? Essa é a história. Você não está arriscando muito aqui. Não como eu. — Han fez uma pausa. — Para conseguir o que quero, preciso derrubar seu pai. Quando chegar à parte difícil, você também vai me apoiar?

— Derrubar meu pai? — Fiona olhou ao redor, como se os espiões do pai pudessem estar por perto. — Você quer dizer... matar? Ou...

— Pode chegar a isso. Não vamos ser românticos agora. Como acha que ele vai reagir quando você atrapalhar o plano dele de colocar Micah no trono? Quando se recusar a se casar com Adam? Acha que ele vai ficar feliz da vida? Acha mesmo?

Fiona balançou a cabeça.

— Não.

— Vou fazer uma promessa. Vou destruir seu pai. Vou desgraçá-lo. É o único jeito de ele não ser uma ameaça. Só vou matá-lo se realmente precisar. Mas se chegar a ponto de ter que escolher entre mim e ele, vou matá-lo. E preciso saber que você não vai perder a coragem.

Fiona olhou para Han. Engoliu em seco. Mexeu no cabelo. E assentiu.

— Não — sussurrou ela. — Eu não vou perder a coragem.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Pontas soltas

Quando Han saiu do Cão Sorridente, seguiu pelos telhados por um trecho, para ter certeza de que não estava sendo seguido. Quando se certificou disso, desceu para a rua e seguiu pelo Beco da Roubalheira até seu armazém.

Como sempre, Dançarino de Fogo estava na fundição, no primeiro andar, com pedaços e acessórios de metal espalhados na mesa à frente. Terminava um colar elaborado, cheio de opalas; corações negros faiscando na luz do sol que entrava por uma claraboia acima.

Sarie Dobbs estava entretida em um jogo solitário de dardos no canto. Cuidar de Dançarino de Fogo era um trabalho fácil, mas que podia ficar difícil se magos assassinos aparecessem para matá-lo.

Han se aproximou de Sarie.

— Você viu alguém suspeito por aí? Alguém andou fazendo perguntas sobre o símbolo do cajado e poder?

Sarie o encarou.

— O símbolo da sua gangue é conhecido por toda Feira dos Trapilhos e em Ponte Austral. Era o que você queria, certo?

Sim. Ele quisera. Só não tinha planejado que alguém o roubasse.

Han dispensou Sarie com um aceno, foi até Dançarino e se sentou em frente a ele.

As mãos do amigo pararam o trabalho.

— Caçador Solitário! — Ele olhou para Sarie saindo. E voltou a olhar para Han. — Quais são as novidades? Ainda está tudo certo para quinta-feira?

Han assentiu, mexendo em contas esmaltadas. Havia preocupação pesando em seu estômago. Ou talvez fosse o stingo.

— Vou concorrer a Grão-Mago.

— É mesmo? — Dançarino inclinou a cabeça. — Alguma chance de ganhar?

— Não sei — confessou Han. — Estou tentando conseguir votos, mas não faço a menor ideia se vai dar certo.

— Tenho certeza de que vai — disse Dançarino, com a confiança de alguém que não tinha a responsabilidade de fazer aquilo acontecer.

— Falei com a rainha sobre minha substituição, caso consiga ser eleito. Eu queria uma pessoa com quem posso contar, para me apoiar no Conselho.

Dançarino ergueu uma sobrancelha, ligeiramente curioso.

— E quem seria? Tem algum mago em quem você pode confiar?

Han respirou fundo e pegou no bolso o papel que Raisa escrevera.

— Eu pedi a ela que indicasse você — disse ele, batendo no papel sobre a mesa.

— Não. Arrume outra pessoa.

— Eu preciso desse voto. Sendo Grão-Mago, eu só voto se houver empate. Se eu for substituído por alguém do lado dos Bayar, perco um voto.

Dançarino balançou a cabeça, com teimosia.

— Encontre outra pessoa.

— Como você disse, em quem mais eu posso confiar?

Dançarino fez um gesto indicando o local.

— Eu odeio isso.

— Isso?

— A cidade.

O rapaz se inclinou sobre o colar e alisou o metal com uma lixa.

Han observou Dançarino trabalhar por alguns minutos. Depois de um tempo, o amigo não conseguiu mais aguentar e ergueu o rosto.

— O que foi?

— Você não precisa ficar no Conselho para sempre. Só por tempo suficiente para eu conseguir o que quero. A rainha Raisa pode indicar outra pessoa depois.

— O que você quer vive mudando.

— Não, não é verdade. Não mudou nem um pouco. Só minhas táticas que mudaram.

Dançarino suspirou e desistiu de fingir trabalhar.

— O que quero é voltar para Pinhos Marisa e viver em paz.

— Isso não vai acontecer, se as coisas continuarem como estão. Vai acabar em guerra.

— E você vai impedir? — Dançarino esfregou os olhos. — Acho que é mais fácil você começar uma guerra do que impedir que uma aconteça.

— Eu provavelmente nem vou ser eleito mesmo.

— Não.

— Você quer vingança pelo que Bayar fez com sua mãe ou não? — perguntou Han, lançando mão de sua faca mais afiada. — Lembra o que conversamos em Pinhos Marisa? Alguém tem que fazer com que ele sofra as consequências. Alguém tem que enfrentar o homem.

— Alguém já falou que você é implacável? Tudo bem. Vou aceitar, supondo que você seja eleito e a gente consiga sair vivo de Lady Gris. Falando nisso, é melhor eu terminar isto aqui, para o caso de a gente não conseguir.

— Obrigado. Sinto muito por ter que pedir para você fazer isso.

— É você quem vai ter que contar para Willo. Ela não vai gostar nem um pouco da ideia.

Han assentiu.

— Eu conto. Mas tem mais uma coisa de que preciso, antes de quinta.

— É claro que tem.

— Não sei como foi, mas perdi o talismã do flautista que você me deu. Acho melhor eu não entrar naquela reunião do Conselho sem proteção. Você teria algum pronto?

Dançarino assentiu.

— Tenho os que estou fazendo para seus informantes. Não são tão elaborados, mas... — Ele se inclinou, remexeu em um baú ao lado da mesa e pegou um dos familiares pingentes de cobre batido com o símbolo do Rei Demônio e um amuleto de sorveira. — Aqui. Deve servir.

Han se sentia mais seguro com o talismã no pescoço. Principalmente porque seu próximo encontro seria com a reitora Abelard. Só que ela ainda não sabia.

Duas vezes por semana, a reitora Abelard visitava uma livraria de raridades na rua Regent, perto da entrada do terreno do Castelo. Era lá que ela se encontrava com os informantes que tinha designado para seguir Han. Recentemente, os relatos não estavam sendo muito esclarecedores, pois agora eles trabalhavam para Alister.

Ela estava saindo da loja com os braços carregados de livros quando Han saiu de uma taverna ao lado e lhe deu um susto tão grande que ela quase deixou tudo cair.

— Reitora Abelard! — disse Han, fingindo surpresa. — Mas que sorte! Eu preciso falar com você.

Abelard estreitou os olhos. Deu um passo atrás e olhou de um lado a outro da rua, como se desconfiasse de uma emboscada.

— Não vai demorar — Ele indicou a taverna. — Vamos?

— Eu prefiro conversar aqui — disse Abelard, virando-se e entrando de volta na livraria. Por Han, não tinha problema, pois era exatamente o que ele pretendia.

Aquilo seria complicado. Se Abelard não aceitasse, seus planos estariam arruinados. Sem mencionar o fato de que ela podia perder a cabeça e tentar reduzi-lo a cinzas.

Eles foram para a sala dos fundos, entre pilhas de livros com capas de couro cheirando a umidade. Era lá que ela costumava se encontrar com os espiões. Abelard se sentou na cadeira de sempre enquanto Han se acomodava na escada usada para alcançar as prateleiras mais altas.

— Minha nossa, Alister, estamos desconfiados hoje, não estamos? — disse Abelard, se recuperando rapidamente. — Você está prevendo um ataque? Isso quer dizer que vai me dizer algo de que não vou gostar?

Ela levou a mão ao amuleto.

Han praguejou mentalmente. Ele devia saber que a poderosa reitora conseguiria sentir sua proteção mágica. Bem, pelo menos dava a ele uma deixa fácil para um assunto que era difícil de iniciar.

— É possível — disse ele, fingindo indiferença. — A verdade não cai bem para algumas pessoas.

— Você vai me contar a verdade? Que novidade — disse Abelard, mexendo no cabelo. — Prossiga.

— Não há a menor chance de você vencer uma votação para ser Grã-Maga. Se a votação prosseguir como planejada, Micah Bayar vai vencer.

— É uma previsão bem pessimista, vindo de um de meus apoiadores. — O fato de a reitora não questionar a afirmação de Han dizia que ela esperava o mesmo. — Talvez possamos convencer Lorde Bayar a adiar a votação de novo, até Mordra chegar.

Han balançou a cabeça.

— Improvável. Por que ele adiaria? Até Lorde Gryphon concordou em votar nessa reunião, com ou sem Mordra.

— Eu pensei que Gryphon se ausentaria da reunião — disse Abelard, com expressão irritada. — Você soube dos pais dele?

Ela fixou o olhar intenso em Han.

O rapaz assentiu, perguntando-se se ela sabia mais sobre a morte dos pais de Gryphon do que estava revelando.

— Mas ele vai?

— Vai. — Abelard deu de ombros. — Parece muita frieza, você não acha?

Talvez a reitora tivesse se encontrado com Gryphon, tentado conquistar o voto dele, e tivesse falhado.

Esta era a parte perigosa. Han tinha uma história, mas não sabia se Abelard acreditaria. Não podia dizer a ela que Fiona Bayar era sua aliada.

— Gryphon e eu tínhamos nossas diferenças em Vau de Oden, mas superamos isso depois que ele voltou para casa.

— É mesmo? — disse Abelard com ceticismo. — O mesmo mestre Gryphon que expulsou você da aula?

Certo, pensou Han. O Gryphon que você tratou como lixo, sem saber que acabaria no Conselho. Ele mesmo.

— Ele está diferente. Agora que não está mais no papel de professor, nós nos damos melhor.

Han percebeu, pela expressão da reitora, que ela não estava acreditando. Abelard estava de olho e sabia que Han e Gryphon não tinham se tornado amiguinhos.

— Eu tentei convencê-lo a votar em você. Ele se recusou. Não disse por quê. — Han deu de ombros. — Então eu pensei: não tem como você vencer só com seu voto e o meu. Não quero que Micah Bayar seja eleito, então perguntei se Gryphon estaria disposto a me apoiar.

— E ele disse *sim*?

Han assentiu.

— Acho que ele prefere me ver como Grão-Mago a ver Micah. — Ele fez uma pausa. — Sem Mordra, são cinco votos no total, sem contar Lorde Bayar. Com seu voto, o meu e o de Gryphon, posso vencer e evitar o desempate.

— Você tem tudo planejado, não tem? — murmurou Abelard, com os olhos estreitados como os de um gato.

— Não vejo alternativa. Sou eu ou Micah. Quem você prefere?

Na verdade, ele não tinha certeza absoluta de como ela responderia.

— Não gosto disso — reclamou Abelard, se levantando e andando de um lado para outro. — É um compromisso permanente. Um ladrão de rua chefiando o Conselho. Vivendo lado a lado com a rainha.

— Vai partir o coração de Gavan Bayar — disse Han, inclinando a cabeça para trás e olhando para Abelard. — Ele preferiria *você* nesse papel a mim.

Subitamente, ela riu.

— Acredito que você esteja certo.

Ela se virou e observou uma fileira de lombadas, passando os dedos pelos títulos. Devia ter decidido que ele não a atacaria, se precisava do voto dela.

— O que exatamente você pretende fazer como Grão-Mago?

— Pretendo destruir Gavan Bayar.

Abelard olhou para Han e o sorriso desapareceu.

— Você é uma cobra, Alister, um mentiroso malandro e ladrão. Não confio nem um pouco em você.

— Então que bom que temos os mesmos inimigos, certo?

— É. Por enquanto. — Abelard fez uma pausa. — Se Mordra deVilliers não tiver chegado e se não conseguirmos evitar a votação, vou apoiar você para Grão-Mago. Se não for assim, pode esquecer.

— Obrigado.

— Espero que você tenha razão, que Adam Gryphon vá votar em você — continuou Abelard. — Uma coisa é eu concorrer para Grã-Maga e perder. Bayar e eu somos rivais há anos. Ele espera por isso, e sou poderosa o bastante para me proteger. Tenho aliados. Você, por outro lado, se tentar humilhar os Bayar, se concorrer a Grão-Mago e perder, não vai ter amigo algum. Não vou poder proteger você. Gavan Bayar vai esfaqueá-lo e incinerar o que sobrar.

CAPÍTULO DEZESSETE

Do ninho de cobras às chamas

Foi mais fácil entrar em Lady Gris na segunda vez.

Em vez de uma lista de barreiras e senhas para decorar, Corvo ensinou a Han como detectar uma armadilha, determinar sua natureza e escolher um feitiço para desarmá-la. Ainda deu a ele uma chave permanente que permitiu a Han levar Willo e Dançarino a Lady Gris com ele.

Han os deixou na Casa do Conselho, no porão, ciente de que poderia estar levando os amigos para uma armadilha.

— Vai ser complicado — disse ele, colocando as estolas por cima do casaco elegante. — É crucial escolher o momento certo. Se vocês chegarem antes da votação para Grão-Mago, vão estragar tudo.

— Vou dar meia hora e esperar você em Aediion — disse Dançarino. — Quando a votação acabar, me dê um sinal. Vamos logo em seguida.

— Alguma dúvida sobre como desarmar as trancas da câmara do Conselho? — perguntou Han, colocando as roupas de viagem na bolsa. Quando Dançarino balançou a cabeça, ele acrescentou:

— E lembre-se: use o glamour antes de entrar nos corredores principais.

Dançarino segurou o braço de Han.

— Não vou esquecer.

— Se eu não for para Aediion, tudo está cancelado. Não me esperem. Voltem por onde vieram e saiam da montanha o mais rápido que conseguirem.

— Não se preocupe — disse Willo. — Tudo vai ficar bem, Caçador Solitário, você vai ver.

Ela e Dançarino pareciam confiantes, serenos, determinados.

Só tem um jeito de dar certo, pensou Han enquanto seguia pelos corredores do porão. *Mil jeitos de dar errado*. Preocupações o incomodavam. Ele não tivera notícia de Fiona. Ela fora bem-sucedida ao falar com Gryphon? Ou estava ajudando o pai? Talvez todos os Bayar estivessem rindo dos esquemas patéticos de Han.

Ele tentou tirar o aviso de Abelard da mente.

Gavan Bayar vai esfaляar-lo e incinerar o que sobrar.

Se não tivesse o voto de Gryphon, seria melhor não concorrer a Grão-Mago. Raisia ficaria decepcionada e Han não teria mais nenhuma estratégia. Mas talvez ficasse vivo por mais tempo.

Ele chegou ao corredor largo e elaborado da Casa do Conselho sem incidentes. Desta vez, chegara meia hora adiantado, o que, torcia, serviria para desencorajar qualquer outra armação dos Bayar.

Hammersmith o cumprimentou calorosamente.

— Lorde Alister, é tão bom vê-lo de novo. Lorde Gryphon, a reitora Abelard e os Lordes Bayar já estão sentados. Só esperamos Lorde Mander.

— Obrigado.

Han abriu as portas e todos os olhares se viraram para ele.

A tensão na sala era tão densa quanto mel de fim de verão.

Gryphon estava todo de preto, de luto pelos pais, com expressão impenetrável. A expressão de Abelard parecia dizer “Vamos ver se você é mesmo isso tudo, Alister”. Nem seus supostos aliados pareciam apoiá-lo.

Micah estava esparramado na cadeira, olhando com superioridade para Han, apesar de estar sentado e Han estar de pé.

— Alister — disse Lorde Bayar. — Pontual, estou vendo.

Eu fui pontual da última vez, Han sentiu vontade de dizer, mas não disse. Ao passar por Gryphon, parou ao lado do antigo professor e procurou alguma coisa para dizer.

— Lamento o que houve com Lorde e Lady Gryphon. — Ele limpou a garganta. — Perdi minha mãe um ano atrás. Deve ser ainda mais difícil perder os dois ao mesmo tempo.

Gryphon ergueu os olhos azul-esverdeados para Han, com o rosto pálido duro como mármore.

— Seria de se pensar que sim, não é?

Que diabos isso quer dizer?

Han contornou a mesa até sua cadeira.

Lorde Mander chegou apenas 5 minutos adiantado, surpreso e afobado de ver todos já sentados. Cumprimentou calorosamente o cunhado Gavan, deu um tapinha nas costas do sobrinho Micah e se sentou ao lado dele.

— Vamos dar início à sessão — disse Lorde Bayar. Ele deu uma longa olhada ao redor, para ter certeza de que tinha a atenção de todos. — Em nome do Conselho, Lorde Gryphon, quero expressar nossos sentimentos pelo assassinato trágico e cruel de seus pais. É uma grande perda para o Conselho e para a assembleia. Sua mãe contribuiu muito com o Conselho durante o tempo que passou aqui.

Um murmúrio de concordância se espalhou pela mesa.

— Já toleramos por tempo demais a falta de lei nas periferias da cidade — disse Bayar. — Apesar de não poder trazer seus pais de volta, pode servir de consolo saber que não permitiremos mais que essa atividade criminosa continue.

Seu olhar se dirigiu a cada integrante do Conselho, parando por um momento em Han.

Alister se sentou mais ereto, com uma sensação ruim no estômago.

— Você poderia elaborar, Gavan? — pediu a reitora Abelard.

Bayar olhou com seriedade para o Conselho, como um padre hipócrita dando a má notícia do juízo final.

— Não sabemos quem é responsável pelos assassinatos, apesar de termos nossas suspeitas. Podem ser cabeças de fogo. Pode ser outra pessoa, alguém com mais experiência em violência de rua. — Mais uma vez, ele olhou para Han por tempo suficiente para que todos reparassem. — Ou pode ser uma colaboração entre os dois.

“Mas sabemos o seguinte: todos os magos assassinados foram encontrados em Feira dos Trapilhos. Então, faz sentido que a pessoa responsável tenha como base aquela região. Ou, pelo menos, que esteja sendo protegida e auxiliada por residentes da lá.”

Bayar apoiou os cotovelos na mesa e a cabeça nas mãos.

— No passado, quando a Guarda da Rainha não conseguiu, ou não quis, cuidar efetivamente dos elementos criminosos em Feira dos Trapilhos ou em Ponte Austral, o Conselho interveio. Como alguns de vocês sabem, um ano atrás demos início a uma operação que acabou com as gangues de Feira dos Trapilhos e de Ponte Austral. Foi temporariamente eficiente. A atividade de gangues diminuiu, pelo menos até recentemente.

Cabeças assentiram ao redor da mesa. Inclusive a de Abelard.

Han manteve o rosto impassível, enquanto suas entranhas se reviravam como uma panela fervendo. Ele esperou para falar quando se sentisse confiante de que conseguiria controlar a voz.

E conseguiu. Quando falou, sua voz estava baixa e estável.

— Você está dizendo que a rainha Marianna concordou com aquilo? Quem era o representante dela no Conselho?

— Eu fazia o papel duplo de representante da rainha Marianna e Grão-Mago — disse Lorde Bayar, com voz sedosa como roupas íntimas de sangue azuis. — O que faz mais sentido do que o arranjo atual. É claro que a rainha foi informada. Ela concordou. Alguma coisa precisava ser feita.

Han já desconfiava disso, mas agora estava confirmado. Os demônios que haviam assassinado os Austrinos. Que haviam torturado e assassinado todos os Trapilhos que conseguiram encontrar. Os casacos azuis que tinham botado fogo no estábulo com sua mãe e Mari dentro, em uma operação oficial do Conselho dos Magos e da rainha. Não em campanha secreta dos Bayar.

Os Bayar *eram* o Conselho dos Magos. Aquela era a gangue deles, e eles tomavam as decisões.

A voz de Bayar interrompeu os pensamentos de Han.

— Apesar de termos nos livrado e de termos dispersado integrantes das gangues mais proeminentes há menos de um ano, parece que Ponte Austral e Feira dos Trapilhos já foram infestadas novamente. Não se pode exterminar ratos sem tirá-los de suas tocas. E é exatamente isso que proponho.

Ele olhou diretamente para Han enquanto falava.

— É uma ideia excelente — disse Lorde Mander. — Precisamos de uma solução permanente para esse problema.

Quando Han olhou ao redor da mesa, só viu concordância.

— O que você quer dizer? — perguntou ele, sentindo um gosto metálico na língua. — O que está sugerindo?

Bayar sorriu.

— Se o Conselho aprovar, vou assumir responsabilidade pela tarefa. Acho que quanto menos o Conselho souber, melhor. E assim não vai haver nada a negar.

E nenhum jeito de Han intervir.

Bayar tocou o amuleto de falcão, com a expressão satisfeita de um gato mimado.

— Saibam disso: vamos dar uma lição que eles não vão esquecer.

Han foi tomado por raiva enquanto seus colegas murmuravam em concordância. Bayar sabia que Han não podia apoiar um gesto daqueles, e que isso o deixaria malvisto por todos do Conselho.

Principalmente Gryphon, que veria com bons olhos um plano para vingar quem tinha assassinado seus pais.

Se pensasse um pouco mais fundo a respeito, os corpos em Feira dos Trapilhos e Ponte Austral podiam ter sido deixados lá para garantir justamente aquela conclusão. Era até possível que os Bayar tivessem assassinado os colegas a sangue-frio para levantar suspeitas sobre Han e ter uma desculpa para destruir sua base de poder. A cereja no bolo era que eles fariam uma votação que Han não poderia vencer.

Mas precisava tentar. Senão não havia motivo para estar ali.

— Como representante da rainha Raisa neste Conselho, afirmo agora mesmo que a rainha não vai aprovar. Ela é conhecida por seus programas para alimentar e educar residentes dos bairros que você pretende atacar.

— Não estamos pedindo a aprovação da rainha Raisa — disse Lorde Bayar. — Neste Conselho, todos, exceto você, representam os magos do reino. — Ele fez uma pausa para deixar que isso fosse absorvido. — Nosso dever principal é a proteção dos que nós representamos. Se a Guarda da Rainha não pode nos proteger, vamos cuidar dos problemas com as próprias mãos.

Você está no meu território agora, a expressão dele dizia.

— Não há provas de que gangues de rua são responsáveis pelos assassinatos. Podem ter sido cometidos por... por rivais políticos.

— Pare com isso, Alister — disse Lorde Mander. — Não seja ingênuo. Não é nada provável que os magos estejam sendo atacados por outros magos.

— Quem está sendo ingênuo? — respondeu Han. — Quem ganha com isso?

E quem perde?, acrescentou ele silenciosamente para si mesmo.

Han pensou nos mendigos, nos artistas de rua, nos vendedores da feira. Visualizou os sem-tetos, os artesãos e os músicos de rua; os aprendizes que iam para o Templo de Ponte Austral apesar de também trabalharem o dia inteiro. As mulheres idosas que se

sentavam às portas, fumando e fofocando. Todos tinham sinais das vidas difíceis estampados no rosto, aparentando ser mais velhos do que realmente eram.

— Se estivermos errados, há pouco a perder ao se tomar uma ação agressiva — prosseguiu Mander, persistente. — Se os assassinos forem realmente Demonai, isso vai ficar evidente.

Lorde Bayar assentiu.

— Se os residentes não forem diretamente responsáveis, estão protegendo quem é. Seria proveitoso para o bem público se deixassem o reino. Ninguém sentiria falta deles. E aquela área se tornaria valiosa quando estivesse livre dos maltrapilhos e seus casebres.

Han visualizou os grupos de crianças que corriam pelas ruas, crianças que Jemson lutava para salvar. Cujas vidas desesperadas Raisa tentara mudar.

— E se a rainha disser não? — perguntou Han, deixando as palavras caírem delicadas e mortais no silêncio.

— As rainhas Lobo Gris sempre foram práticas quando era o caso de olhar para o outro lado — respondeu Lorde Bayar.

— Você acha mesmo? — perguntou Han. — Acha que a rainha Raisa vai escolher uma visão prática desta vez, quando eu contar a ela que vocês planejam destruir metade de Fellsmarch e assassinar idosos e crianças?

— Ninguém falou nada sobre assassinato — disse Lorde Mander de repente.

Mas Han estava observando Micah. Lorde Bayar nunca se dera ao trabalho de conhecer Raisa bem o bastante para prever o que ela poderia fazer. Mas Micah tentara conhecê-la melhor. E talvez tivesse conseguido.

Micah estreitou os olhos, e sua expressão revelou um traço de dúvida.

Han seguiu o impulso, sabendo que estava se preparando para um contragolpe.

— O que você acha, Micah? Quão bem você vai ser recebido na próxima vez que bater na porta da rainha? Quanto ela está disposta a perdoar?

O rosto de Micah ficou branco como um lençol e os olhos, negros como carvão.

— Se o Conselho votar a favor, vamos prosseguir — disse Lorde Bayar, com a mesma voz calma e sensata. — Sem dúvida a rainha vai perceber as vantagens de uma solução para esse problema que não envolva sujar as mãos dela.

— Pai — disse Micah, umedecendo os lábios —, isso não pode esperar até nossa próxima reunião? Assim, teríamos tempo para abordar a rainha Raisa e ver o que ela...

— A rainha não tem nada a ver com as deliberações deste grupo — disse Lorde Bayar, lançando um olhar fulminante na direção do filho.

— Eu sei disso. Mas não seria melhor contar a ela sobre nossos planos, para impedir qualquer mal-entendido mais tarde?

— A rainha Raisa não precisa saber a respeito — respondeu Lorde Bayar. — *Isso* vai impedir mal-entendidos. — Desviando o olhar para Han, ele acrescentou: — Se você decidir contar a ela sobre esse projeto, vamos negar que essa discussão tenha acontecido. — Ele sorriu. — Em quem você acha que ela vai acreditar?

Han estava colhendo o que plantou. Convencera os Bayar de que Raisa fora obrigada a colocá-lo no Conselho, e fizera isso para proteger os dois. Conseqüentemente, o Conselho agora supunha que poderia mentir para resolver qualquer problema que ele pudesse causar.

Han não disse nada. Sabia que estava com as mãos atadas.

— Há mais alguma discussão? — Lorde Bayar olhou ao redor. — Não? Então vamos votar.

Houve uma grande surpresa quando chegou a votação. Han votou contra, claro. Abelard, Gryphon e Mander votaram a favor.

Mas quando chegou a vez de Micah, ele também votou contra. Isso o fez ganhar outro olhar fulminante do pai.

Não importava. A proposta venceu de qualquer jeito, por três a dois, e não foi necessário o voto de desempate do Grão-Mago.

— Quando vai acontecer? — perguntou Han, torcendo para ter alguma ideia e pensar em uma estratégia. — E quem vai executar?

Bayar rabiscou algumas anotações na tabuleta à frente.

— Como Grão-Mago, essa operação é minha responsabilidade. Vou relatar ao Conselho quando estiver encerrada.

Han se sentiu enjoado, distraído, desesperado para sair da Casa do Conselho e voltar correndo para o Castelo de Fellsmarch, com o propósito de alertar Raisa e avisar os amigos em Feira dos Trapilhos.

Mas algo ecoou em sua cabeça, algo que Bayar dissera. Como Grão-Mago, Bayar era responsável por executar o plano.

Mas Bayar não seria Grão-Mago por muito tempo. Eles não votariam para mudar isso?

Como se adivinhasse os pensamentos de Han, Bayar foi para o assunto seguinte.

— Nossa segunda questão é a eleição de um Grão-Mago para servir a nossa nova rainha — anunciou Lorde Bayar. — Como vocês devem lembrar, adiamos essa questão em nossa última reunião, na esperança de que Lady deVilliers pudesse se juntar a nós. Mas ela não chegou ainda.

— Então temos que seguir em frente e votar — afirmou Lorde Mander. — Foi o combinado.

Ele conseguiu não olhar para ninguém em particular ao falar.

Adam Gryphon se inclinou para a frente.

— Fico satisfeito com Lorde Bayar como Grão-Mago, por enquanto. Acho que devíamos esperar Lady deVilliers.

A chama de esperança de Han foi apagada pela preocupação. Era estranho que Gryphon dissesse aquilo, se Fiona o tivesse convencido.

Abelard ergueu a cabeça, surpresa, e a expressão sombria no rosto dela diminuiu um pouco.

— Eu concordo. Devíamos esperar até que todos estivessem aqui. Talvez devêssemos votar sobre isso.

Ela contou cabeças e concluiu que daria para esperar a seleção do Grão-Mago, se Han, Gryphon e ela mesma votassem pela espera.

Mas Han não podia esperar. Se eles esperassem a chegada de Mordra, Feira dos Trapilhos e Ponte Austral poderiam já ter sido destruídas. Han precisava ser Grão-Mago imediatamente.

— Acho que devíamos seguir em frente e votar.

Ele surpreendeu todo mundo ao dizer isso. O queixo de Lorde Mander caiu, e ele soltou uma gargalhada alta e nervosa. Micah pareceu surpreso, mas logo estreitou os olhos, como se tentasse entender o que Han estava tramando. Gryphon pareceu decepcionado.

Lorde Bayar abriu um pequeno sorriso.

— Muito bem. Vamos prosseguir. Há candidaturas do Conselho?

Abelard lançou a Han um olhar que dizia: *Vou cuidar de você mais tarde.*

— Eu indico Micah Bayar — anunciou Lorde Mander na mesma hora. — Ele herdou o talento do pai para a feitiçaria e tem sabedoria política, apesar da idade. Como é jovem, vai poder servir junto à rainha por todos os dias dela. E é bem respeitado entre seus semelhantes e entre os mais experientes. Vai guiar com habilidade este grupo nesta época traiçoeira. Servir como Grão-Mago é tradição na família Bayar. O jovem Micah foi criado para isso.

Lorde Bayar olhou com seriedade para Micah.

— Você aceita servir, se for eleito?

— Aceito — respondeu Micah. — Seria uma honra servir ao Conselho e à rainha.

Han se perguntou se Micah seguiria com o plano de destruir Feira dos Trapilhos e Ponte Austral, se fosse Grão-Mago. Mesmo tendo votado contra.

Era provável que o pai cuidasse para que sim. Afinal, a ideia fora aprovada na votação.

— Alguma outra candidatura? — perguntou Lorde Bayar, batendo com os dedos na mesa. — Alguma outra pessoa que deveríamos considerar?

Han esperou. Abelard não disse nada. Ficou sentada, olhando para a frente, com o maxilar latejando. Ela o estava deixando cozinhar no próprio caldo.

Ela permitiria mesmo que Micah fosse escolhido Grão-Mago por unanimidade? Han teria que indicar a si mesmo?

Lorde Bayar ergueu o martelo.

— Bem, se não há mais ninguém...

— Eu indico Han Alister — disse Abelard, cuspiendo as palavras como se tivessem gosto ruim.

Se Han os tivesse surpreendido, não chegaria nem aos pés do que Abelard tinha acabado de fazer.

Micah inclinou a cabeça, franzindo as sobrancelhas escuras para a reitora. Então balançou de leve a cabeça e se recostou, recusando-se a olhar para Han.

Gryphon, por outro lado, encarou Han com a cabeça inclinada, como se um rabo comprido e peludo tivesse nascido em seu ex-aluno. Interessante e merecedor de mais estudo.

Mas Gryphon não devia estar surpreso, pensou Han. Gryphon devia estar esperando por isso. A não ser...

— Mina, isso é sério! — explodiu Lorde Bayar. — Apesar de eu saber que você se opõe a prosseguirmos com a votação, a vontade do Conselho é que...

— Eu sei que é sério — disse Abelard, ajeitando as estolas e lançando um olhar fulminante a Bayar. — Completamente sério.

— Isso é um absurdo — resmungou Lorde Mander, com o queixo tremendo de indignação. — Por que você dilapidaria...

— Eu aceito a indicação — interrompeu Han, alto o bastante para que fosse ouvido por toda a mesa. — Vou servir, se for eleito.

Ele fixou o olhar no de Lorde Bayar, um desafio de dono da rua.

Bayar ficou imóvel por um momento, olhando para Han. Em seguida, puxou as anotações e pegou a caneta.

— Alister aceita servir, se eleito — disse ele, dando um suspiro enquanto anotava outra coisa. — Vamos fazer um breve receso. — Gavan jogou a caneta para o lado. — Mina, por favor, me acompanhe até o escritório.

O Grão-Mago se ergueu e saiu pela porta que levava à sua sala particular, deixando um silêncio constrangedor ao partir.

A reitora Abelard se levantou e foi atrás, as vestes balançando sobre o piso de mármore. A porta se fechou atrás dela. Ninguém se mexeu.

Ansioso para sair da sala sufocante, Han se levantou e foi até a recepção.

— Precisa de alguma coisa, Lorde Alister? — perguntou Hammersmith, com ansiedade. — A comida e a bebida não estão do seu agrado?

— Há quanto tempo começou a sessão? — perguntou Han.

— Uma hora.

— Onde fica o banheiro? Estamos fazendo uma pausa.

Hammersmith apontou.

— Siga por aquele corredor. Vou tocar o sino quando a reunião recomeçar.

Han atravessou o corredor e se perguntou o que estava acontecendo na sala de Bayar, se algum tipo de acordo estava sendo feito contra ele.

Ele entrou no banheiro por uma porta lateral. Não podia passar muito tempo em Aediion, só o bastante para alertar Dançarino.

Sempre havia o risco de Bayar mandar alguém para matá-lo. Ele era o tipo de pessoa que tinha sempre um assassino à mão.

Mas quando Han se materializou na torre do sino, Dançarino não estava lá.

— Dançarino! Não posso ficar muito tempo — avisou ele, mesmo sabendo que ou Dançarino estava lá ou não estava.

Mais um minuto ou dois chamando, e Han teve que voltar à sessão.

Onde estava Dançarino? Teria desistido? *Fora* uma sessão longa, mais longa do que Han esperava, devido ao debate sobre Feira dos Trapilhos.

Quando Han voltou, ouviu os sinos da sessão ecoando pelo corredor.

— Aí está você! — sibilou alguém no ouvido dele.

Ele se virou e pegou a faca. Era Fiona Bayar.

— Onde você esteve? — perguntou ela. — Esperei no estábulo, mas você não apareceu.

— Vim por outro caminho. Olhe, tenho que voltar.

— Eu queria avisar que não falei com Gryphon. Tentei várias vezes, mas ele se recusou a me ver.

— O quê? — Han a encarou enquanto sentia a esperança murchar. — Que ótima hora para me contar isso.

— Não é minha culpa — respondeu Fiona com irritação. — Com a morte dos pais, ele ficou ocupado. Tentei ficar a sós com ele no velório, mas ele insistiu em ficar com a família. — Ela revirou os olhos. — Está recluso, então nem pude interceptá-lo no jardim. Não adianta você se opor a Micah para Grão-Mago, porque não tem como ganhar.

— Tarde demais. Já aceitei a indicação.

— Ah, péssima ideia — disse Fiona, afundando os dedos no braço dele. — Meu pai vai matar você, e tudo por nada.

— Tenho que ir. Conversamos depois.

Han se soltou e deixou Fiona sozinha.

Quantas vezes Lorde Bayar pode me matar?

Quando entrou na sala do Conselho, Lorde Bayar ergueu o rosto, no meio de uma conversa com Lorde Mander.

— Pensei que você talvez tivesse reconsiderado, Alister.

— Só se você tiver conseguido fazer a reitora Abelard mudar de ideia lá dentro.

— Não. Parece que temos que prosseguir com esta farsa. — Lorde Bayar suspirou. — Agora, como o Conselho sabe, a eleição é por maioria simples, voto a voto. Eu só voto em caso de empate. Vamos seguir no sentido horário pela mesa. Lorde Mander?

— Micah Bayar — disse Mander na mesma hora.

— Micah?

— Eu voto em mim mesmo, claro.

— Reitora Abelard?

— Eu voto em Han Alister.

— Alister?

— Eu voto em mim mesmo, claro — disse Han, imitando Micah e pensando: *Pelo menos agora a reunião vai acabar e posso sair daqui.*

— Lorde Gryphon?

Gryphon abriu um sorriso torto.

— Quando vim para esta reunião, não fazia ideia de que teríamos uma escolha... tão interessante. Eu não fazia ideia de que teríamos *qualquer* escolha.

Ele fez uma pausa, apreciando o calor da atenção de todos como um gato perto da lareira.

— Eu voto em Han Alister.

CAPÍTULO DEZOITO

Crimes e delitos passados

Por um longo momento, Han pensou que tivesse ouvido errado. Encarou Adam Gryphon, depois olhou ao redor da mesa para os outros rostos estupefatos. E com isso percebeu que ouvira certo.

— Perdão — disse Lorde Bayar. — O que disse?

— Eu voto em Han Alister para substituir você como Grão-Mago — respondeu Gryphon. — Acredito que isso queira dizer que ele venceu.

— Por que você votaria no bandido que matou seus pais? — exclamou Mander. — Isso não faz sentido!

Este é o papel de Mander no Conselho, pensou Han. Ele diz o que todo mundo está pensando.

Gryphon fixou os olhos gelados em Mander.

— Até agora não tive prova alguma de que Alister esteja envolvido na morte dos meus pais. Se e quando ele for acusado desse crime, imagino que o procedimento judicial habitual será aplicado. Se condenado, ele vai ser substituído, claro.

— Você... você... você votou em uma pessoa sem linhagem de sangue, sem história, sem ligações na corte? — reclamou Mander. — Ele nem é mago há muito tempo. Todo mundo sabe que esse garoto está mancomunado com demônios.

Acho que é verdade, de certa forma, pensou Han. Ele estava impressionado, quase tonto, e mal conseguia acompanhar a conversa.

— Cheguei à conclusão de que acrescentar sangue novo ao Conselho pode ser... revigorante — disse Gryphon.

— Lorde Gryphon — chamou Lorde Bayar, lutando para ser diplomático. — É possível que as mortes recentes de seus pais tenham inspirado uma decisão impetuosa e um tanto tola?

— Ao contrário. Eu chamaria de uma escolha corajosa e criativa — interveio Abelard, com um sorriso alegre. Ela podia não ser a Grã-Maga, mas daria trabalho aos inimigos. Ela e Gryphon eram os únicos que pareciam estar se divertindo.

Abelard, claro, não fazia ideia de que os planos de Han de conquistar Gryphon tinham dado errado.

— Talvez devêssemos suspender a votação até Lorde Gryphon recuperar o bom senso — disse Lorde Mander apressadamente. — Foi um erro permitir que ele viesse a uma reunião em tão pouco tempo.

— Na verdade, nunca estive tão lúcido. E essa discussão está me convencendo de que minha decisão foi sábia.

Gryphon se empertigou e apertou os lábios.

Han finalmente se recuperou.

— Me parece que a votação foi feita de forma justa, e o resultado precisa ser aceito. Temos que deixar de questionar Lorde Gryphon e discutir outros assuntos.

— É claro que *você* diria isso — resmungou Mander com amargura.

— Sugiro que encerremos a reunião agora e esfriemos a cabeça — disse Lorde Bayar, erguendo o martelo. — Podemos reconsiderar isso na nossa próxima reunião.

— Achei que fosse extremamente urgente decidirmos — interrompeu Abelard. — E decidimos. Estou tomando notas do

procedimento, Gavan, e vou cuidar para que sua minuta seja honesta.

— É a vontade do Conselho — afirmou Gryphon, assentindo. — Agora, como procedemos? Você dá seu martelo a Alister, Lorde Bayar, ou ele precisa comprar um?

Os olhos dele brilhavam com discreta alegria.

Han se preparou para desviar caso Lorde Bayar decidisse jogar o martelo nele. Mas o homem tinha recuperado a expressão controlada. E deslizou o martelo pela mesa até Han.

— Obrigado, Lorde Bayar — disse Han. — Fico honrado por sua confiança em mim e farei meu melhor para tranquilizar os que votaram no meu oponente. — Ele indicou Micah, que o fuzilou com o olhar. — Tenho mais uma coisinha a resolver antes de encerrarmos. Primeiro, quanto ao, hã, *projeto* de Feira dos Trapilhos. Como Grão-Mago, vou assumir responsabilidade por isso, Lorde Bayar, e vou relatar meu progresso ao Conselho.

Podia ser imaginação de Han, mas Micah pareceu aliviado.

Mesmo assim, alguma coisa no rosto de Lorde Bayar deixou Han inquieto. Ele não parecia derrotado, nem um pouco. Uma agitação se instalou nos ossos de Han. *Tenho que sair daqui*, pensou ele. *Preciso falar com Raisa.*

A voz amarga de Abelard invadiu seus pensamentos.

— Considerando nosso voto em favor de prosseguirmos, não vamos tolerar embromação quanto a isso, Alister, apesar de seus sentimentos pessoais sobre o assunto. — Ela fez uma pausa. — Se for preciso, daremos a tarefa para outra pessoa.

Estava claro que Abelard pretendia mantê-lo em rédea curta.

— Eu compreendo — disse Han. Ele talvez tivesse adiado a destruição de Feira dos Trapilhos e Ponte Austral, mas tinha que encontrar um jeito de acabar com os assassinatos, senão ficaria em uma posição complicada. — Antes de encerrarmos, eu gostaria de anunciar meu substituto no Conselho.

— Seu substituto? Essa decisão não é da rainha?

Micah finalmente encontrou a voz, embora estivesse rouca e tenha saído com dificuldade.

— Eu discuti com ela antes da reunião, só por precaução — explicou Han. — É claro que eu nunca *sonhei* que fosse realmente acontecer.

— Está dizendo que a rainha já escolheu um substituto para você? — perguntou Micah com ceticismo.

— A rainha Raisa escolheu Hayden Dançarino de Fogo.

— Hayden? — Gryphon o encarou. — Quem é...? — De repente, ele compreendeu. — Ela escolheu um *cabeça de fogo* como representante no Conselho?

Cabeças se agitaram ao redor da mesa. Abelard olhou para Han com raiva, as sobrelanceiras erguidas, como se dissesse *Você enlouqueceu?*

— Raisa realmente escolheu um cabeça de fogo? — questionou Micah com desprezo. — Ou foi você?

— Hayden tem sangue dos clãs, claro — confirmou Han. — Mas também carrega sangue mago. Obviamente.

Han tirou o documento de Raisa de dentro do casaco e empurrou por cima da mesa para Abelard, pois ela parecia a pessoa menos propensa a rasgar o papel.

Abelard rompeu o selo de cera, desdobrou o papel e leu rapidamente.

— Bem — disse ela, jogando a carta na mesa. — Ele tem o pedido por escrito, com a caligrafia da rainha.

Gavan Bayar se levantou, com um brilho triunfante nos olhos, como se visse uma vitória nascendo da derrota.

— Se isso for verdade, e eu duvido, então parece que ou a rainha Raisa perdeu a sanidade ou você, de alguma forma, a está controlando.

Han também se levantou e ajeitou as estolas.

— A rainha Raisa pretende unir os povos de Fells. Que forma melhor de fazer isso do que inserindo diversidade de voz no

Conselho?

— Diversidade é uma coisa — disse Bayar. — *Diversidade* nós temos. *Anormalidade* é outra coisa. — Ele se empertigou. — Nós temos tolerado os deslizes da rainha Raisa, pois sabemos que ela é jovem e ingênua. Apesar de nossa apreensão, recebemos você de braços abertos no Conselho e tentamos instruí-lo sobre nossas tradições e procedimentos.

Ele se virou, e as estolas balançaram em um grande arco.

— Você foi humilde, ouviu aqueles que sabem mais e se dedicou arduamente para conquistar um lugar entre nós? Não. — Ele balançou a cabeça. — Não. Ao que parece, armou um plano para tomar o controle deste grupo na sua, o quê?, segunda reunião.

“Mas isso... isso é intolerável. Pensar que admitiríamos o ato criminoso de um sangue impuro em nosso grupo mais poderoso. Que permitiríamos que ele se sentasse à mesa conosco e participasse como igual aqui... *isso* não pode ser tolerado.”

Han ergueu o martelo. Mas antes que pudesse bater, ouviu vozes no aposento do lado de fora. Era Hammersmith, protestando que o Conselho estava em sessão, que ninguém podia entrar.

Ele ouviu Dançarino dizer:

— Acredito que Lorde Alister esteja me esperando.

Dançarino e Willo tinham vindo. E agora Han precisava agir, tinha que levar o plano adiante, apesar da vontade de voltar para a cidade. Apesar da preocupação de que coisas demais estivessem acontecendo ao mesmo tempo.

Han tentou não olhar para a porta, que esperava que se abrisse a qualquer momento. *Espere, espere, espere*, ele tentou dizer para Dançarino. *Deixe Bayar falar primeiro. Deixe que ele se destrua primeiro. Se houver um deus no céu, espere.*

A voz de Bayar soou de novo da cabeceira da mesa.

— Durante séculos, nossos ancestrais se reuniram aqui, tomando decisões que moldaram a história. E uma das decisões que tomamos era que a união entre magos e cabeças de fogo é

proibida. Traria a nossa danação. Apresenta um perigo à pureza da raça de magos. Esse é o tipo de situação que as regras precisam impedir, regras que são aplicadas há mil anos. Seria melhor se o vira-lata tivesse sido afogado no nascimento.

— Hayden Dançarino de Fogo pode ser um filho bastardo — disse Han —, mas carrega sangue de uma das famílias de magos mais proeminentes do reino.

Por uma fração de segundo, a expressão arrogante de Bayar hesitou. Mas ele se desviou de Han e se virou para o resto do Conselho.

— Eis o que vamos fazer — disse Lorde Bayar. — Vamos declarar Han Alister incapaz de servir neste Conselho e avisar à rainha. Vamos deixar de lado o resultado de nossa votação recente, pois a participação de Alister nela a invalida. Vou continuar servindo como Grão-Mago até Alister ser substituído no Conselho. Posso sugerir uma série de substitutos capazes para...

Hammersmith abriu a porta.

— Lamento muito, Lorde Bayar, mas essas... *pessoas* dizem que Lorde Alister está esperando. Insistiram em entrar.

Dançarino de Fogo e Willo Canção d'Água passaram por ele e entraram na sala.

Willo usava uma saia pregueada de lã bordada, um xale cobrindo os ombros e botas delicadas, pintadas de pontilhado. O cabelo estava preso em uma trança comprida, com penas e talismãs presos. Ela nunca estivera mais bonita e mais serena.

Dançarino estava vestido como um príncipe dos clãs, com as estolas de Falcão dos Bayar sobre os ombros e o amuleto do Caçador Solitário por cima. Eles entraram juntos e pararam a uma curta distância dos atônitos Bayar.

Agora que Dançarino e Lorde Bayar estavam lado a lado, a semelhança entre eles era inconfundível.

— Lorde Bayar — disse Willo, com voz clara e vibrante. — Se lembra de mim?

Ele lembrava. Han percebeu. A expressão neutra desapareceu por um momento e revelou puro medo, desejo e culpa.

— Como ousa? — começou Bayar, mas sua voz tinha perdido parte da força. — Como ousa entrar neste salão sagrado fazendo acusações?

— Eu ainda não fiz nenhuma acusação — respondeu Willo. — Talvez seja a culpa ecoando em seus ouvidos.

Ela se virou para os outros integrantes do Conselho, que estavam boquiabertos.

— Tenho algo a dizer.

Bayar tocou o amuleto e estendeu a outra mão, trêmula, na direção dela.

Dançarino se pôs entre eles, a faca brilhando à luz das tochas.

— Solte esse amuleto — disse ele baixinho. — E deixe minha mãe falar. Senão corto sua garganta.

Lorde Bayar respirou fundo, olhando nos olhos do filho por um longo e tenso momento. Então soltou o faz-feitiço.

Quando Willo começou a falar, até os aliados de Bayar pareceram enfeitiçados. Micah encarou Willo, depois Dançarino, e Willo de novo, balançando a cabeça, e seu rosto era uma mistura de náusea e fúria. Lorde Mander não parava de umedecer os lábios, olhando para a mesa. Gryphon esfregava o queixo, a testa franzida em uma expressão pensativa, sem tirar os olhos de Willo.

Abelard estava recostada na cadeira, a expressão variando entre impressionada e divertida. De vez em quando, lembrava quem era e fazia uma expressão de reprovação horrorizada. Mas qualquer um perceberia que ela era a pessoa mais feliz da sala.

Por fim, Willo terminou.

— Não tenho vergonha de Hayden Dançarino de Fogo — disse Willo. — Apesar de ter recebido um caminho difícil para seguir, ele é a bênção da minha vida. Mas está na hora de Lorde Bayar pagar pelas coisas que fez, um crime dentre muitos, acredito. O que é

particularmente repreensível é o fato de ele culpar outros por atos que ele mesmo cometeu.

Àquela altura, Bayar já parecia ter se controlado. Han desconfiava que ele não tinha nem prestado atenção ao que Willo dissera, pois já conhecia a história, e estava preparando a sua versão.

— Terminou? — perguntou ele com firmeza.

— Eu não terminei — disse Willo —, mas gostaria de ouvir o que você tem a dizer sobre o que acabei de falar.

Bayar olhou ao redor e balançou a cabeça de um jeito sofrido, como se o mundo mais uma vez o tivesse decepcionado.

— Essa... essa *mulher* — disse ele, como se tivesse outra palavra em mente. — Essa mulher teve um filho bastardo e pensa em tirar vantagem de uma leve semelhança entre mim e o garoto e fazer essa alegação absurda.

“Sim, parece provável que esse mestiço tenha tido um mago como pai, ou alguém que tinha sangue de mago. Talvez até alguém com parentesco distante, pois temos laços de sangue com a maioria das famílias proeminentes de magos do reino. Isso explicaria a semelhança. Não me surpreenderia se essa bruxa das terras altas tivesse seduzido um mago com esse propósito. Isso, claro, não absolve o mago da responsabilidade nessa questão. É nosso dever tomar cuidado com esse tipo de armadilha. Todo mundo sabe que os cabeças de fogo se reproduzem como coelhos.”

Dançarino enrijeceu o corpo, e Han colocou a mão no braço do amigo.

— Ele está tentando provocar você. Não dê a ele a desculpa para apagar vocês dois. Deixe que cave um buraco mais fundo.

— Alister e seu amigo cabeça de fogo obviamente inventaram essa história para me desacreditar — prosseguiu Bayar. Finalmente, ele olhou para Dançarino e Willo. — Vocês dois estão cientes de que cabeças de fogo são proibidos de entrar na Casa do Conselho? Saíam ou vou mandar prendê-los.

— Você não tem autoridade para mandar prender ninguém — disse Han. — Não é mais Grão-Mago.

— Não vamos ficar por muito tempo — acrescentou Willo. — Este lugar suga minha magia. — Ela olhou nos olhos de Bayar. — Antes de irmos embora, tenho uma coisa para devolver a você. — Ela tirou uma bolsinha do cinto e se virou para o Conselho. — Este é o faz-feitiço que Gavan Bayar usou para me deixar indefesa.

Ela entregou a bolsinha para Adam Gryphon. Ele soltou o cordão e virou o anel de Bayar na palma da mão, depois a esticou para o centro da mesa e a inclinou, fazendo o anel brilhar sob a luz como um olho acusador. Dois falcões, com as garras esticadas, um de costas para o outro. Com olhos de esmeralda.

— É um faz-feitiço — disse Gryphon, cutucando com o indicador. — E bem poderoso mesmo.

Ele não disse o que todo mundo sabia, que o anel era idêntico ao amuleto que Bayar usava desde seu rebatizado. Ele fechou a mão no amuleto como se pudesse escondê-lo.

— Os guerreiros Demonai dizem que, se você marca os inimigos, sempre consegue reencontrá-los — prosseguiu Willo. — Você me marcou, Bayar. Me deixou com uma cicatriz na alma... e com um filho. — Ela fez uma pausa. — Mas eu também deixei minha marca em você.

— Isso já está se prolongando demais — disse Bayar. — Estávamos prestes a...

— Deixe-a falar, Bayar — interrompeu Gryphon. — Temos tempo para isso.

— Mostre a palma de sua mão direita para o Conselho — disse Willo. — Mostre a marca que deixei em você.

Mas Bayar fechou as mãos.

— Quem seduziu quem, bruxa? — questionou ele, com voz baixa e venenosa. Virando-se com um movimento de tecido, Gavan saiu da sala.

Por um longo momento, ninguém se mexeu. E então, Micah Bayar se levantou e foi atrás do pai. Mas não sem antes lançar um olhar de puro ódio a Han e Dançarino. Seu tio, Lorde Mander, foi logo atrás.

Os que permaneceram à mesa ficaram olhando para o local por onde eles haviam saído.

Han balançou o martelo na mão.

— Bem, parece que perdemos nosso quórum. Portanto, acho que não podemos resolver nenhum outro assunto hoje.

Abelard sorriu e balançou a cabeça.

— Muito bem, Alister. Normalmente, essas reuniões são bem chatas. Sangue novo mesmo. Você deu nova vida a esses procedimentos.

Abelard, dentre todo mundo, parecia disposta a aceitar Dançarino, se isso significasse a desgraça de Gavan Bayar.

Han não se sentia particularmente alegre no momento. Se a panela já estava quente antes, agora ele a fizera ferver. Ele olhou para a enorme lareira na extremidade da sala de reuniões. Um lobo cinza com olhos verdes o encarava, os pelos das costas eriçados.

O que foi?, quis perguntar. O que você está tentando me dizer?

Han tinha pontos fracos demais, muitas pessoas de quem gostava, muitas formas pelas quais os Bayar podiam afetá-lo, com seu grande poder e muitos aliados. Precisava voltar a Fellsmarch.

— Esta reunião está encerrada — disse Han, batendo o martelo.
— Reitora Abelard, você poderia ficar mais um minuto?

Abelard estava tão satisfeita com o resultado da reunião do Conselho que tirou os cavalos de três de seus guardas e os deu a Han e seus amigos sem perguntas. Também deu a eles capas nas cores da Casa Abelard, com o desenho do livro em chamuscas.

Han, Willo e Dançarino colocaram as capas e combinaram de se separar e se encontrar no estábulo em dez minutos, quando tivessem certeza de que não estavam sendo seguidos.

Han saiu primeiro da sala do Conselho e se apressou pelo corredor na direção do estábulo nos fundos da propriedade.

— Alister!

Xingando baixinho, Han se virou. Fiona saiu de trás de uma cortina, segurou o braço dele e o puxou para um local mais escondido.

Ela o olhou de cima a baixo.

— Cores de *Abelard*? Sangue do demônio, Alister, eu queria saber que jogo você está fazendo.

Han se soltou.

— Não tenho tempo para isso agora. Tenho que ir.

Ele tentou passar entre ela e a parede, mas Fiona o impediu.

— Você está trabalhando para Abelard ou para mim? Vi Micah e meu pai, e eles me contaram o que você fez. Está *louco*?

— Provavelmente. Ao que parece, é de família. Agora eu realmente...

— Me escute. — Fiona segurou a capa dele. — Eu concordei em ajudá-lo a se tornar Grão-Mago, e em troca você...

— Mas não me ajudou. Você mesma me disse que não se encontrou com Gryphon. Você falhou, Fiona, e eu não recompenso o fracasso.

— Por que Adam votaria em você? Por que faria isso, se você assassinou os pais dele?

— Talvez ele não ache que sou o culpado. E não sou mesmo.

— De qualquer jeito aconteceu, você conseguiu o que queria. Então por que teve que trazer os cabeças de fogo? — Fiona estava praticamente cuspiando nele. — São o nome e a reputação da minha família que você está sujando com essa história dos Bayar se envolvendo com... com selvagens. Você sabe que não pode ser verdade. E, se for, a bruxa cabeça de fogo deve ter sido a culpada.

Han perdeu a paciência.

— Vocês, Bayar, é que são os selvagens. Eu falei claramente que desgraçaria seu pai, e foi o que fiz. Não diga que não foi avisada.

Agora, saia do meu caminho.

Ele a empurrou e passou pelo corredor.

— Vou procurar meu pai! — gritou Fiona atrás dele. — Você vai pagar por isso!

Provavelmente, pensou Han. Mas tem alguns jogos dos quais não posso mais participar.

CAPÍTULO DEZENOVE

Uma noite quente de verão

— Quantas turmas ainda faltam? — sussurrou Mellony para Raisa, se abanando.

— Mais duas, eu acho — disse Raisa, tirando o cabelo úmido da testa. — As da idade de rebatizado e os artistas adultos.

— Você tinha razão. Eles são muito talentosos. Mas está um forno aqui. — Mellony se virou para Jon Hakkam, que estava sentado atrás delas. — Pode pedir nossa carruagem, para que esteja pronta assim que acabarmos aqui?

— É claro, Vossa Alteza — disse Jon, e seguiu pelo corredor.

Os dançarinos subiram ao palco de novo, e Raisa voltou a olhar para a frente. O Templo de Ponte Austral estava enfeitado com flores, decorado com faixas e bandeiras em homenagem ao Ministério da Rosa Agreste. As fileiras de cadeiras estavam ocupadas pelas famílias e amigos dos artistas, usando as melhores roupas que tinham. A maioria provavelmente nunca havia entrado em um templo, e muito menos comparecido a um recital de dança.

O grupo de Raisa estava sentado em um local de honra, nas fileiras da frente. A comitiva dela aumentava a cada dia. Hoje, incluía os dois irmãos Klemath, que pareciam ter nascido grudados,

pois nenhum dos dois permitia que o outro levasse alguma vantagem nas afeições de Raisa.

Os primos Missy e Jon estavam lá, e, é claro, Cat Tyburn, Sabiá Noturna e a guarda de casacos azuis de sempre, inclusive Hallie Talbot.

Raisa tinha esperanças de que o recital a distraísse das preocupações com Han, mas havia lembretes por todos os lados.

Cumprindo a palavra, Amon e Averill trabalharam juntos para incorporar guerreiros Demonai ao cordão de proteção que cercava Raisa. Seus guarda-costas Demonai costumavam incluir Sabiá Noturna ou Andarilho da Noite, pois Averill confiava neles acima de todos. Andarilho da Noite e Amon continuavam não se misturando, como óleo e água, mas conseguiam cooperar o mínimo necessário.

Os pensamentos de Raisa se desviaram para Han. Ele estaria na reunião do Conselho dos Magos agora. Como as coisas se desenrolariam? Havia mesmo alguma chance de ele ser eleito Grão-Mago? E, se fosse, havia alguma chance de Dançarino de Fogo ser aceito como novo integrante?

Ela tinha dito a Han que precisava de um Grão-Mago em quem pudesse confiar. E confiava em Han Alister. *Ele não é um assassino*, repetiu pela milionésima vez.

Mesmo assim... Raisa não mostrara o talismã do flautista a Dançarino. Não mostrara a ninguém. Ela o escondera, torcendo para que Amon não perguntasse de novo, mas sabendo que acabaria perguntando.

— Vamos ficar para a recepção? — perguntou Mellony, interrompendo os pensamentos sombrios de Raisa. — Micah nos convidou para jogar cartas mais tarde.

— Vamos voltar a tempo, não se preocupe — respondeu Raisa, pensando: *Estou tão distraída quanto Mellony*. Ela indicou o palco. — Veja. Este próximo número é incrível.

Raisa levara Mellony para o recital na esperança de que a irmã se interessasse pelo Ministério da Rosa Agreste, de que quisesse

até dar algumas aulas lá. Mellony era uma musicista e dançarina talentosa, bem melhor do que Raisa jamais seria.

Não deve ajudar o fato de o ministério ter sido batizado em minha homenagem, pensou Raisa. Mellony está se esforçando para conquistar o próprio lugar no mundo.

Quando o recital acabou, Raisa apresentou Mellony ao orador Jemson.

Mellony fez uma reverência para ele.

— Que apresentação fabulosa — disse ela, sorrindo. — Você fez maravilhas com essas crianças.

Jemson puxou um dos principais dançarinos, um garoto na idade do rebatizado, que baixou a cabeça com timidez.

— Hastings é um de nossos astros. Ele acabou de ser admitido na Escola do Templo em Vau de Oden. Parte para lá no outono.

— Isso é maravilhoso, Hastings — disse Raisa, apoiando a mão no ombro dele. — Você vai adorar o lugar.

Hastings não parecia tão certo disso.

— Talvez antes do final do verão possamos receber uma apresentação no castelo de Fellsmarch — sugeriu Mellony. — Eu adoraria que pessoas que nunca visitaram Ponte Austral vissem esse talento todo.

— Que boa ideia, Vossa Alteza — disse Jemson, sorrindo. — Seria inspirador para os alunos visitar o palácio.

— Eu poderia organizar uma recepção para depois — ofereceu Mellony. — Um jantar beneficente para o ministério.

Obrigada, Mellony, pensou Raisa, emocionada. É uma ideia maravilhosa.

Quando elas saíram do templo, Mellony franziu o nariz.

— O ar é sempre tão denso aqui, mas hoje está pior do que o habitual. — Ela fungou. — Não é o rio. Parece fumaça. Quem acenderia uma fogueira em uma noite dessas?

Era verdade: o ar estava denso e irritava os olhos de Raisa.

— Eles queimam madeira para cozinhar — disse ela. — Quando está quente assim, acho que a fumaça não tem para onde ir.

Mas não parecia ser isso. *Havia* uma brisa leve soprando pelo rio, vinda de Feira dos Trapilhos.

Uma fileira de carruagens as esperava. Raisa, Mellony e os dois irmãos Klemath se espremeram em uma, ladeados por guardas montados. Cat e Sabiá Noturna foram em cima.

Eles passaram pela Casa da Guarda de Ponte Austral, o local do primeiro confronto de Raisa com Mac Gillen, e atravessaram a ponte para Feira dos Trapilhos.

Cat Tyburn se inclinou pela lateral da carruagem, agarrada como um carrapicho enquanto eles sacudiam pelas pedras do caminho.

— Tem um incêndio à frente, em algum lugar — disse ela. — Talvez perto da feira. Parece grande. Vamos precisar fazer um desvio.

Mellony segurou o braço de Raisa.

— Incêndio! — exclamou ela, com olhos arregalados e o rosto pálido. — Era esse o cheiro que nós sentimos. Deve ser aqui perto.

— Não se preocupe, Vossa Alteza — disse Keith Klemath, dando um tapinha no joelho de Mellony. — Tenho certeza de que não estamos em perigo.

Típico dos Klemath, pensou Raisa. Você não faz ideia se estamos em perigo ou não.

Raisa tinha o mesmo medo de incêndios que Mellony. Ela e a irmã quase haviam sido queimadas em Hanalea, pouco mais de um ano antes. Haveria alguma coisa nela que atraía as chamas, como aquelas árvores que são atingidas repetidamente por raios? Ela tremeu apesar do calor sufocante.

Elas foram jogadas para o lado quando a carruagem fez uma curva fechada para pegar uma rua menor. Foram sacudindo pela passagem estreita e viraram à direita, na direção do palácio. Raisa ouvia Cat dando instruções acima, gritando para o cocheiro. *Cat*

conhece essas ruas melhor do que ninguém, pensou Raisal. Vai encontrar um caminho.

Eles seguiram por um ou dois quarteirões, então Cat soltou um palavrão. Eles viraram de novo.

Raisal bateu com a cabeça na janela e inspirou fumaça, o que a fez tossir. Uma névoa densa girava ao redor das luzes mágicas que ladeavam as ruas, se contorcendo em corpos lupinos. Os Lobos Gris, o símbolo que profetizava perigo e mudança.

— O que está acontecendo? — perguntou Raisal, com a voz mais ríspida do que pretendia.

Cat se inclinou, parecendo uma bandida com o lenço de Trapilha amarrado sobre a boca e o nariz. Formava um conjunto estranho com o vestido que ela usara na recepção.

— Este caminho também está bloqueado. Ou é um incêndio enorme ou vários incêndios menores.

Vários incêndios menores? Como poderia haver vários incêndios menores?

Alguns quarteirões depois, eles tiveram que virar de novo. Agora, lobos se amontoavam na frente da carruagem, como se para fazê-la mudar o caminho.

Voltem, disse Hanalea, com olhos cinzentos, repuxando os lábios sobre os dentes, os pelos eriçados.

Raisal bateu no teto da carruagem.

— Parem!

O cocheiro puxou as rédeas com certa dificuldade. Cat se inclinou de novo.

— Precisamos dar uma olhada melhor nessa coisa — disse Raisal. — Ver onde é o incêndio e o tamanho dele. Precisamos ir para um lugar alto.

— O lugar mais alto daqui é o Templo de Ponte Austral — disse Cat, dando de ombros.

— Vamos voltar para o rio, então. Senão podemos acabar indo diretamente para o fogo, pois obviamente está entre nós e o

castelo. Avise as outras carruagens. Qualquer pessoa que vocês vejam no caminho, mandem ir para o rio.

Eles dispararam para o rio Dyrnne. Todos ficaram em silêncio, até os Klemath.

A carruagem parou na frente do templo. Todo mundo já sabia que havia um incêndio. Dançarinos e famílias se reuniam, organizados pelos iniciados. Parecia que toda Feira dos Trapilhos e Ponte Austral estavam enfiados na área do templo.

— Tenho que voltar a Feira dos Trapilhos — choramingava uma mulher. — Tudo que tenho está do outro lado do rio. Talvez eu consiga salvar alguma coisa.

— Minha mulher está em casa — implorou um homem. — Não está bem. Tenho que ir atrás dela.

— Não deixem ninguém sair até sabermos o que está acontecendo — mandou Raisa. — Venham, Cat, Hallie, vocês conhecem a cidade melhor do que ninguém. Jemson, como subimos para a torre do sino?

Eles entraram na escuridão do templo. Jemson as levou até a escada. Eles subiram correndo, Raisa puxando o vestido até as coxas para deixar as pernas livres e as vestes de Jemson sacudindo dois lances acima dela.

A escada foi ficando mais estreita e mais íngreme conforme subiam, girando e girando. Finalmente, chegaram à torre, e o vento quente soprou nas roupas deles. Raisa se inclinou pela janela e olhou para a cidade a sudoeste. Cat e Hallie surgiram, uma de cada lado.

Ali, o ar estava mais limpo do que embaixo, mas a visão que os recebeu foi assustadora. Uma linha de fogo furioso, roxo e laranja, contornava Feira dos Trapilhos a sul e a oeste, entre o castelo e a feira. Descia colina abaixo, na direção do rio, levado pelo forte vento oriental.

— A feira já era — disse Cat, amarrando e reamarrando o lenço ao redor do pescoço.

Hallie inspirou fundo.

— Minha filha está lá — sussurrou ela. — Ela fica em Feira dos Trapilhos com a minha mãe.

A filha de Hallie, Asha, só tinha três anos.

— Como um incêndio desses começaria? — murmurou Jemson, olhando por cima das cabeças delas. — Está contornando todo o bairro. As pessoas vão ficar presas entre o fogo e o rio.

Uma recordação fez Raisa tremer. As chamas a lembravam do estranho fogo em Hanalea, intenso e implacável.

— Venham — disse ela, se virando para a escada. — Vamos para o térreo. Temos que deter o fogo no rio, quanto antes. E não vai ser fácil com esse vento.

Eles desceram as escadas, em uma correria louca. Quando chegaram ao pátio do templo, Raisa viu uma figura alta familiar no meio de um grupo de casacos azuis, gritando ordens e organizando o caos.

Era Amon Byrne, com Talia, Pearlie e Mick, entre outros.

— Amon! — gritou Raisa. Ele se virou, e ela viu que uma manga de seu uniforme estava queimada. Ele tinha fuligem no rosto. — Graças ao Criador! De onde você veio? Como chegou aqui?

— Eu estava no castelo. Sabia que você estava aqui, no recital, então...

— Você passou pelo fogo? — interrompeu Cat.

Amon assentiu.

— Vai desde a muralha até embaixo. Já perdemos metade de Feira dos Trapilhos, e o resto vai ser queimado em uma hora.

— Pedindo permissão para ir a Feira dos Trapilhos, senhor — disse Hallie. — E levar as pessoas até a ponte.

Amon olhou para ela, ereta como um poste, com os lábios apertados e olhando firmemente para a frente.

— Talbot, sei que você tem família em Feira dos Trapilhos, mas o fogo está vindo na nossa direção. É imprevisível demais para arriscar...

— Eu e Pearlie vamos com você — disse Talia.

— Pode contar comigo — disse Mick.

— E comigo — disse Raisa.

— Não, Vossa Majestade, você *não* vai a Feira dos Trapilhos, pode esquecer. — Amon olhou para os outros quatro por um tempo.

— Vocês prometem voltar quando chegar a hora?

— Sim, senhor — disseram os quatro.

— Se vocês morrerem lá, vão ser punidos — disse Amon.

— Sim, senhor.

E eles sumiram em meio à fumaça.

Raisa os viu partir com o coração apertado.

— Jemson — disse ela, virando-se para o orador —, precisamos de baldes, barris, qualquer coisa que possamos usar para molhar as construções. E cobertores para abafar as fagulhas. Vamos começar no lado de Feira dos Trapilhos e recuar pelo rio, se for preciso. Peça aos iniciados que levem as crianças para o pátio do templo, para que nenhuma vá para a ponte. Elas podem ficar observando e darem sinal se alguma fagulha virar fogo.

— Temos bombas que podemos usar para trazer água do rio para os jardins do templo — disse Jemson. — Vou ver o que consigo.

E se afastou.

Raisa se virou para os Klemath, que estavam boquiabertos olhando o outro lado do rio.

— Onde está seu pai? — perguntou ela. — Seria útil ter a ajuda do exército em uma situação dessas.

— Nosso pai? — Um deles, talvez Kip, balançou a cabeça. — Acho que está na fronteira agora. Pelo menos, nosso ferreiro disse que o cavalo dele foi preparado para...

Keith balançou as mãos para calar o irmão.

— Não sabemos onde ele está, Vossa Majestade. Mas vamos ver quem está de serviço no quartel sul.

Os dois Klemath saíram rapidamente.

Raisa ficou olhando para eles, intrigada. Bem, não tinha tempo para se preocupar com os Klemath naquele momento. Ela se virou para Amon.

— Precisamos da ajuda de magos — disse ela, lembrando como Gavan, Micah Bayar e os primos tinham apagado o fogo em Hanalea. — A maioria está em Lady Gris ou nas montanhas, fugindo do calor. Havia algum mago no castelo quando você saiu?

Amon balançou a cabeça.

— Não, mas alguns já podem ter voltado da reunião a esta altura. Deixei recado para que viessem para cá assim que chegassem. — Ele olhou para Raisa com pouca esperança. — Imagino que você não esteja disposta a ajudar com as crianças no pátio do templo. Eu ficaria mais tranquilo.

Raisa balançou a cabeça.

— Às vezes, uma rainha precisa estar com seu povo. Seria errado eu me esconder enquanto Feira dos Trapilhos pega fogo.

— Eu vou — disse Mellony, surgindo de repente ao lado de Raisa. — Vou mantê-las ocupadas.

Segurando as saias dos dois lados, ela seguiu na direção da entrada do templo.

— Poderia ficar perto de mim, então? — pediu Amon. — Para eu não ter que caçar você, se alguma coisa der errado?

Raisa assentiu. Amon não precisava de mais uma preocupação.

— Vamos trabalhar juntos — disse Raisa. Ela ouviu o ruído de metal deslizando sobre metal. — Aí está a bomba de Jemson. Vamos atravessar o rio e ver o que podemos salvar.

CAPÍTULO VINTE

Sangue e cinzas

Com sorte, os Bayar não esperariam que o grupo de Han descesse Lady Gris pela estrada, pois não haviam chegado por lá, nem deixado cavalos no estábulo. Mesmo assim, Han e Dançarino ergueram um escudo contra ataques mágicos. Usavam talismãs, claro, que desviariam qualquer feitiço, menos algum de assassinato extremamente forte ou incomum.

Han respirou com um pouco mais de tranquilidade na metade da montanha, onde a única estrada se tornava uma rede de caminhos levando a casas de magos nas encostas mais baixas. Seria difícil cobrir todos eles.

Os Bayar também deviam estar descendo. Deviam estar ansiosos para chegar a Raisal, para contar sua versão da história primeiro, dar uma chance de suas palavras infectarem-na e crescerem.

Han pressentia o perigo chegando de todas as direções, só não sabia qual golpe o acertaria primeiro. O formigamento incômodo no pescoço dizia que ele estava deixando passar alguma coisa, algum perigo que não antecipara.

Enquanto cavalgavam, ele contou a Willo e Dançarino o que acontecera na reunião do Conselho antes de eles chegarem. Os dois não perguntaram por que estavam descendo a montanha a cavalo,

em vez de voltarem pelo caminho anterior. O que Han deveria dizer, se perguntassem? “Vi um lobo na lareira”? Ele só sabia que não pretendia permitir aos Bayar tempo para nenhuma crueldade.

No desvio para Pinhos Marisa, Dançarino emparelhou com Han e lhe deu um abraço constrangido.

— Você se saiu bem, Caçador Solitário. É a pessoa adequada para liderar o Conselho.

— Você talvez seja o único a pensar assim.

— Dê tempo a eles. Vou para a cidade assim que deixar minha mãe em segurança em Pinhos Marisa.

— Tome cuidado. Lorde Bayar ficaria feliz se vocês desaparecessem.

Os dentes de Dançarino brilharam na luz do fim do dia.

— Sinto o mesmo em relação a ele.

Assim que Han contornou a curva da montanha para começar a descida para a cidade, ele viu. Havia uma linha de chamas cortando Fellsmarch como uma ferida inflamada, consumindo a cidade abaixo.

Ele puxou as rédeas e observou com mais atenção. Incêndios em Feira dos Trapilhos eram comuns e sempre ruins. Todas as construções eram feitas de madeira, algumas com telhados de sapê, e eram tão amontoadas quanto porcos em dia de feira.

Mas aquilo era pior. Mesmo de longe, Han reconheceu os tons sobrenaturais de roxo e verde de chama mágica. Seria quase impossível apagar, principalmente com o vento quente empurrando o fogo por Feira dos Trapilhos e Ponte Austral.

Ossos malditos, pensou ele, lembrando a expressão arrogante de desprezo no rosto de Lorde Bayar quando Han vencera a eleição para Grão-Mago. Gavan Bayar não esperara a votação do Conselho, pois sabia como acabaria. Ele agira enquanto os culpados estavam longe, em Lady Gris. Atacara antes de Han ter tempo de intervir.

Han usou as torres do templo como ponto de referência e percebeu que o fogo avançava mais rápido no local entre o castelo e o rio. Uma torre de fumaça oleosa engolia a lua nascente. Pelo que parecia, as chamas já tinham consumido metade de Feira dos Trapilhos. Se não fosse controlado, pularia o rio e consumiria Ponte Austral também.

Han cavalgou velozmente para Feira dos Trapilhos, arriscando a vida na trilha íngreme e rochosa. Quando chegou à cidade, lutou para passar pela multidão que seguia na direção do castelo. Também precisou lutar contra o cavalo emprestado. Por fim, abandonou-o e seguiu pelos telhados, um caminho mais rápido, até que uma série de praças a céu aberto o obrigou a voltar para o chão.

Enquanto corria, virando e contornando ruas que mal reconhecia por causa da fumaça, sua mente trabalhava. Bayar escolhera aquela vingança de propósito. Primeiro, botara fogo na mãe dele e em Mari. Agora, queimaria o resto do passado de Han, assim como seus sonhos futuros. Suas entranhas se contorceram até ele quase não conseguir mais respirar.

Han encontrou uma brecha na parede de fogo no Templo da Feira abandonado, cujas paredes de pedra enegrecidas resistiam às chamas famintas. Agora, as pessoas estavam correndo para o outro lado, na direção do rio, com embrulhos e bolsas nos braços, arrastando pela mão crianças que gritavam, carregando *lytlings* para impedir que fossem esmagados.

Mas o caminho estava bloqueado de novo. As chamas tinham pulado e estavam consumindo a Campina das Ovelhas, um local que nunca fora uma campina e nunca tivera ovelhas, ao menos durante a vida de Han. Ratos saíam das rachaduras de prédios em chamas, correndo loucamente entre os pés das pessoas e aumentando o pânico e a confusão.

— Alister! — gritou alguém.

Ele se virou e viu Hallie Talbot e Mick Bricker, guiando centenas de pessoas para a praça em frente ao antigo templo. Talia e Pearlle rodeavam o grupo como cães pastores, a fim de impedir que seguissem para as ruas menores.

Hallie tinha uma garotinha agarrada no colo, com talvez três anos e o mesmo queixo teimoso e olhos cinzentos. A criança estava segurando o uniforme de Hallie como se pretendesse não soltar nunca mais.

— Tem como passar? — questionou Hallie, ofegante. O rosto dela estava manchado de fuligem e a túnica do uniforme estava chamuscada. — Foi a rainha quem mandou você?

— A rainha? — O coração de Han disparou. — Por quê? Onde ela está?

— Na última vez que a vi, estava no Templo de Ponte Austral, lutando contra o fogo.

— Você quer dizer que ela está *no meio disso*?

Hallie assentiu.

— O capitão Byrne também.

Não, pensou Han, com a boca seca. *Isso não pode estar acontecendo*. Por que Raisa estaria em Ponte Austral, em vez de em segurança atrás dos muros de pedra do castelo de Fellsmarch?

Talvez Bayar soubesse onde Raisa estaria. Talvez por isso tivesse iniciado o incêndio naquele momento. Era perfeito, do ponto de vista de um Bayar.

A fúria subiu pela garganta de Han como bile. *Se acontecer alguma coisa com ela, eu...*

— Estamos tentando voltar para o rio — disse Hallie, interrompendo os pensamentos dele. — Mas o fogo está nos cercando.

Esse é o plano, pensou Han. Hallie conhecia Feira dos Trapilhos tão bem quanto ele. Se não conseguira achar um caminho, era porque não havia nenhum. Han visualizou centenas de pessoas encurraladas e morrendo queimadas.

— Levem todos para o templo. Para as criptas lá embaixo. Vou armar barreiras mágicas para impedir que o fogo chegue lá.

— Para o templo! — berrou Hallie. — Famílias com crianças primeiro. Não percam ninguém. Andem, não temos o dia todo! Lorde Alister vai desviar o fogo.

Han se sentiu emocionado e ao mesmo tempo culpado pela fé que ela tinha nele. *E se tudo der errado?*, pensou, tentando afastar a lembrança da mãe e de Mari.

As pessoas entraram no santuário — mendigos, ladrões, artistas com roupas cintilantes, bandidos, lavadeiras, vendedores das feiras, todas as camadas de Feira dos Trapilhos se amontoando enquanto as chamas rugiam ao redor.

Enquanto Pearlie e Hallie levavam todo mundo para dentro, Mick e Talia cuidavam da bomba no poço do pátio, derramando água em baldes, molhando as paredes do templo, jogando água em si mesmos quando as roupas começavam a soltar fumaça.

Han os empurrou para a porta.

— É melhor vocês entrarem. Com sorte, tudo vai acabar de queimar e pronto.

— E você? — perguntou Talia.

— Tenho que chegar ao rio — respondeu Han.

Raisa estaria bem no meio da confusão. Ele tinha que tentar impedir que sua destemida rainha acabasse morrendo.

— Mas não tem passagem — protestou Mick.

— Tem para mim. Ninguém contou? Sou um mago e tanto.

Talia puxou Han para si e lhe tascou um beijo intenso na boca.

— Para dar sorte — disse ela. Quando ele a encarou, atordoado, ela acrescentou: — Só estou cuidando dos interesses da rainha Raisa. Ela merece um pouco de felicidade. Se você morrer, Sua Majestade vai virar uma velha amarga, e vou plantar arruda e cardo no seu túmulo.

— Eu nunca acreditei que você fosse um assassino — disse Mick, batendo no ombro de Han. — Só para você saber.

— O quê?

Han fez uma expressão confusa, mas Mick se virou e desapareceu no templo escuro, fechando a porta em seguida.

Alister avaliou a situação. O templo era de madeira e pedra. Poderia resistir a um incêndio normal, mas não àquele. A madeira já estava soltando fumaça, o chumbo ao redor das portas estava derretendo, escorrendo, e as pedras do piso do pátio reluziam por causa do calor. Se Han falhasse, todos morreriam.

Ele andou ao redor do templo, apagando fagulhas das roupas, tirando cinzas do cabelo, com a mão no amuleto. Projetou arcos de magia ao redor do telhado, tecendo uma barreira para desviar as chamas.

Han percebeu de repente que ainda usava as roupas do Conselho; seu melhor casaco estava agora chamuscado em algumas partes, e os corvos de Waterlow caídos sobre os ombros como os restos queimados de seus planos ambiciosos.

Quando o templo estava envolto em um véu de feitiços tremeluzentes, Han concluiu o trabalho com uma camada de magia sobre a porta. Parecia um castelo de contos de fadas, se você ignorasse as chamas ardentes ao redor.

A barreira parecia estar resistindo.

Ele trabalhou até não aguentar mais o fedor do cabelo queimando e começou a construir a própria proteção, tecendo teias de magia nas costas e ombros, se armando como Corvo lhe ensinara quase um ano antes. Adiantaria contra o fogo mágico? Ele logo descobriria.

Han se virou para oeste e foi na direção do rio, ziguezagueando por entre as construções em chamas. A casa de alguém. O negócio de alguém. O ganha-pão de alguém. A raiva o sufocava. Afastou o sentimento com dificuldade. Não tinha tempo para ficar com raiva agora.

À frente, havia um muro sólido de fogo que soltava uma fumaça preta oleosa. Tinha chegado aos abatedouros, onde a gordura da

carne e miúdos alimentavam o fogo. Havia muros de tijolo dos dois lados, bloqueando a passagem. Respirando fundo, sabendo que os pulmões não estavam protegidos, Han fechou os olhos e mergulhou no inferno. O fogo rugiu em seus ouvidos e secou cada gota de umidade que havia nele. Laranja e roxo queimavam por trás de suas pálpebras. A pele temperada pelas chamas parecia prestes a rachar.

Mas ele conseguiu passar e inspirou fumaça em vez de fogo, correndo para se afastar o mais rapidamente possível do incêndio, sabendo que, se perdesse a proteção da armadura mágica, só serviria como combustível. Quando finalmente olhou para trás, não viu nada além de fogo e fumaça. Parecia improvável que qualquer coisa pudesse sobreviver. Ele fez uma prece para todas as famílias abrigadas no templo.

Àquela altura, não podia estar tão longe do rio. À direita ficavam o Beco da Roubalheira e o pequeno reino que Han construía, seu santuário, que abrigava a oficina de Dançarino. Ele resistiu à tentação de se desviar para lá e tentar salvar o que pudesse. Era uma casa. Casas podiam ser substituídas.

Então, de repente, chegou à margem do rio, cercado de pessoas de rostos sérios, lutando contra o fogo. Eram iniciados, artistas, casacos azuis e até alguns soldados das terras altas, afastando barracos e detritos de Feira dos Trapilhos, tentando conter o incêndio, molhando construções, lutando para conter as chamas.

Duas bombas grandes estavam posicionadas na margem e puxavam água do rio Dyrnne para que as pessoas enchessem baldes e barris. Uma até tinha uma mangueira de couro anexada, jorrando água direto nas chamas. Mas era apenas um gotejar contra um inferno, o mesmo que cuspir no fogo.

Han procurou Raisa na multidão. Ali estava o orador Jemson, parecendo um corvo alto e enegrecido, andando de um lado para outro na margem do rio, orientando iniciados e aprendizes. Han

ouviu o capitão Byrne, a voz rouca de tanto gritar. Ele já estava bem vermelho.

Havia até alguns poucos Demonai, inclusive Sabiá Noturna, cujos talismãs ofereciam um pouco de proteção. Eles se moviam como espíritos pela fumaça e pelas chamas.

Han avistou Micah, posicionado de forma proeminente na margem do rio, afastando as chamas com rajadas de poder, criando as próprias barreiras de fogo mágico. Como Micah chegara antes dele? Conhecia algum tipo de atalho?

Não viu Raisa.

Enquanto Han procurava, Micah apoiou o ombro na bomba com rodinhas, para ajudar quatro outros a movê-la para um local melhor. Quando Bayar se afastou, virou-se e viu Han. Foi como se estivesse esperando. Micah andou na direção dele, visivelmente agitado, e Han segurou o amuleto instintivamente.

— Onde *você* estava? — sibilou Micah. — Esperando a cidade toda pegar fogo para aparecer?

Ele estava coberto de fuligem, as roupas sob medida queimadas e chamuscadas em algumas partes.

— O quê? — Han só conseguiu encará-lo.

— Sem dúvida *você* mal pode esperar para dizer à rainha que é minha culpa — disse Micah, quase soltando fagulhas.

— Mas é sua culpa — respondeu Han, erguendo o queixo. — Como pode negar? E é exatamente o que vou dizer.

Micah fechou as mãos em punhos.

— Eu jamais faria nada que ferisse Raisa. Não tive nada a ver com isso e não vou levar a culpa, pode acreditar.

— Não acredito em nada que vem de *você* . Onde ela está? Onde está a rainha? É melhor *você* torcer para ela estar bem.

— Espera mesmo que eu conte? — Micah se virou e voltou a deter as chamas.

Furioso, Han observou a margem do rio e parou um casaco azul que estava passando. O homem apontou para o outro lado da

ponte.

— Acho que ela está no Templo de Ponte Austral. Vendo alguma coisa sobre suprimentos médicos.

O templo era fresco e protegido contra o calor intenso do outro lado do rio. Fora mesmo poucos anos antes que Han o frequentava como aluno, até o chamado das ruas tê-lo atraído?

Ele a viu assim que entrou pela porta. Por um momento, ficou paralisado, absorvendo-a, tomado de alívio. Ela estava usando a roupa elegante de visita ao templo, mas tinha rasgado a saia acima dos joelhos para ter mais liberdade de movimento.

Estava de joelhos no piso de pedra colocando ataduras em uma bolsa enquanto um iniciado esperava, inquieto. Quando a bolsa ficou cheia, ela a jogou nos braços dele.

— A enfermaria está instalada no santuário. Devem estar precisando disto.

O garoto saiu correndo como se ela tivesse acendido uma chama embaixo dele.

Então Raisa ergueu o rosto e viu Han.

— Han! Graças à Lady!

Ela correu até ele e se jogou em seus braços com a força de uma pessoa bem maior, quase derrubando o rapaz.

Han só conseguiu apertá-la mais forte e sentir o calor de Raisa contra o corpo, acalmando-se com o fato de que ela ainda estava respirando e de que os Bayar não haviam conseguido tirá-la dele, ao menos não ainda.

Raisa olhou para ele, os olhos verdes brilhando no rosto sujo. A bochecha estava roxa e inchada, e ela cheirava a fumaça.

— Estava apavorada, porque você não aparecia. As chamas estavam muito densas, e Micah disse que a reunião terminou horas atrás. Ele achou que você estivesse logo atrás dele.

Não passou tanto tempo assim desde o fim da reunião, pensou Han.

— Você está machucada — sussurrou ele, tocando delicadamente a bochecha dela, com a garganta rouca da fumaça e de tanto gritar.

— O cabo da bomba acertou meu rosto — disse Raisal. Seus olhos se encheram de lágrimas. — Isso não é nada. Não sabemos quantos estão mortos, mas temos gente com ferimentos sérios, e não sei onde essas pessoas vão morar. — A voz dela tremia.

Controlando-se, Raisal deu um passo para trás, sem soltar as mãos dele.

— Onde está Dançarino? Achei que estaria com você.

Han balançou a cabeça.

— Nós nos separamos. Ele vem para cá, mas não sei se vai conseguir chegar. Também não vi Cat. Achei que ela estaria no meio disso.

Raisal balançou a cabeça.

— Não sei aonde ela foi. Ela estava aqui antes. E Hallie, Talia e alguns outros foram para Feira dos Trapilhos uma hora atrás e ainda não voltaram.

— Eu os vi. Estão entocados no velho Templo da Feira com algumas centenas de pessoas. Acho que estão em segurança por enquanto.

— Você devia dizer isso a Amon. Ele está se torturando por tê-los deixado ir.

— Vou falar com ele. — Han hesitou. — Micah falou alguma coisa sobre a reunião do Conselho?

Raisal balançou a cabeça.

— Não deu tempo. Estamos lutando por cada centímetro de chão. — Ela fez uma pausa. — Por quê?

— Tem uma coisa que você precisa saber.

— Continue — disse Raisal, cruzando os braços.

— Na reunião, Lorde Bayar prometeu dar uma lição a Feira dos Trapilhos e Ponte Austral que eles jamais esqueceriam. Se referiu aos moradores como "ratos" e disse que, para exterminá-los,

precisávamos tirá-los das tocas. — Han fez o melhor que pôde para sufocar a raiva, para se manter fiel aos fatos.

— É mesmo? Ele falou isso abertamente no Conselho?

Han assentiu.

— O Conselho deu permissão para que ele fosse em frente. Aí, voltamos para a cidade, e Feira dos Trapilhos está em chamas.

Raisa estreitou os olhos.

— Poderia ser coincidência? Como ele conseguiu isso tão rapidamente?

— Ele sabia qual seria o resultado da votação.

— Ninguém votou contra?

— Eu — disse Han. E acrescentou, com relutância: — E Micah.

Raisa observou o rosto dele.

— É mesmo? Micah votou contra? — Ela franziu a testa, pensativa. — Sei que tem mais — disse ela por fim —, mas preciso voltar. Vão me procurar.

Han sabia que Raisa estava certa, mas não queria que ela fosse. Esticou a mão e tirou uma fagulha do cabelo dela. Raisa ficou na ponta dos pés e, de repente, eles estavam se beijando, um beijo longo e doce, coisa que não pareciam fazer o bastante, ultimamente.

O coração dele disparou. Sabia que deviam parar, pois o local era público demais, mas não conseguiu se conter. Abraçou-a com força, pensando: *sou um tolo de dizer não para ela se pareço estar sempre prestes a morrer, e seria mesmo uma pena.*

Alguém limpou a garganta atrás de Han.

Ele e Raisa se separaram, ofegantes. Ela olhou por cima do ombro de Han e arregalou os olhos. Han se virou, e ali estava o orador Jemson, com os braços cheios de lençóis.

— Hanson — disse ele, assentindo com seriedade. — É bom ver que você ainda está vivo. — Ele olhou para Raisa. — Vossa Majestade, lamento interromper, mas há uma briga de jurisdição

entre curandeiros de clã e Lorde Vega que precisa de sua sábia intervenção.

— Obrigada, Jemson — disse Raisa, com as bochechas pegando fogo. — Vamos conversar mais tarde, Han, está bem?

— Vou procurar o capitão Byrne — respondeu ele.

Quando Han contou ao capitão Byrne o que sabia sobre Hallie e os outros, Byrne assentiu bruscamente, e o rosto tenso se aliviou um pouco.

— O que posso fazer?

O capitão manteve Han ocupado por uma hora, afastando chamas, fazendo barreiras e protegendo construções da época da Cisão. Uma vez, ele sustentou uma casa que ameaçava desabar em cima de um grupo de pessoas apagando o fogo.

Estavam lutando em uma batalha perdida. Entre a resistência do fogo mágico e o vento do leste, sempre que eles conseguiam apagar o fogo em um lugar, ele aumentava em outro. Mesmo com as duas bombas funcionando, não conseguiam jogar água suficiente nas chamas para impedir o avanço implacável.

Han imaginou Feira dos Trapilhos depois do incêndio, uma área devastada e queimada com alguns montinhos de pedra, como templos dedicados aos caprichos dos deuses.

Ele podia erguer uma barreira, mas nunca conseguiria ser rápido o bastante para proteger Ponte Austral, pois o incêndio era muito extenso. Se o vento continuasse assim, teriam sorte se conseguissem fazer o fogo parar no rio. E se a ponte queimasse não haveria um jeito fácil de atravessar, acima ou abaixo ao longo do rio. Han revirou a mente em busca de uma solução.

Um grito irrompeu dentre as pessoas que estavam lutando contra o fogo quando Cat e Dançarino surgiram da fumaça como espíritos, abraçados e envoltos em uma cobertura de magia.

Han correu na direção deles.

— De onde vocês vieram? Como passaram?

— Cat foi me buscar — disse Dançarino. — Acho que pensou que eu não conseguiria andar por Feira dos Trapilhos sozinho.

— Não conseguiria — disse Cat, limpando uma mancha do nariz e esfregando os braços como se estivessem coçando. — Tenho que dizer que não gosto de me sentir presa em magia desse jeito.

— Feira dos Trapilhos já era. Exceto... — Dançarino olhou para Cat, e ela balançou a cabeça negativamente. — Bem, com poucas exceções. Sinto muito.

— Vamos perder Ponte Austral também — disse Han, permitindo que o desespero se espalhasse na voz. — Se ao menos esse vento infernal morresse, teríamos uma chance.

Han desviou um pouco do vento com magia, mas era como abanar uma ventania com um leque.

Dançarino olhou para as bandeiras da Rosa Agreste tremulando no alto do Templo de Ponte Austral.

— Tem algum lugar verde ali? — perguntou ele abruptamente, chutando uma pedra quebrada no chão. — Um lugar onde eu consiga tocar o chão?

— Tem o jardim do templo. Vai até o outro lado do rio. — Cat puxou o braço dele. — Posso mostrar onde é.

— O que você tem em mente? — perguntou Han, criando esperanças.

— Vou ver se consigo virar o vento — disse Dançarino. — Sem promessas, mas...

— Virar o vento? — As esperanças de Han murcharam e morreram. — Só não sei se... — Ele mordeu o lábio para não dar voz às dúvidas.

Dançarino olhou para ele, os olhos azuis tão serenos quanto um lago profundo na floresta.

— Me deixe tentar mesmo assim.

Ele e Cat saíram correndo para a ponte.

CAPÍTULO VINTE E UM

Magia da terra

Han não estava otimista sobre as chances de Dançarino. Magos não conseguiam controlar o tempo desde a Cisão. Teoricamente, podia ser feito, mas era preciso uma quantidade enorme de poder só para erguer uma névoa leve. Os amuletos dos dias atuais não conseguiam dar conta disso.

— Aonde Dançarino está indo?

A voz de Raisa assustou Han, soando praticamente no ouvido dele. Micah, claro, estava bem ao lado da rainha.

— Ele e Cat estão indo para o jardim do templo.

— Do templo? — Raisa franziu o cenho. — Precisamos dele aqui. Se o fogo atravessar o rio, é o fim de Ponte Austral.

Han hesitou. Não queria tocar no assunto com Micah ao lado.

— Ele vai tentar deter o vento.

— Como? — disse Micah com deboche. — *Orando?*

Han virou as costas para Micah e olhou para o outro lado do rio. Dançarino e Cat já estavam descendo até a beira da água, onde o jardim cercava as docas do templo.

Dançarino escolheu um ponto perto da sombra da ponte e se sentou de pernas cruzadas na terra. Pegou o amuleto com as duas mãos e fechou os olhos.

O fedor de lã queimando alertou Han de que seu casaco estava pegando fogo de novo. Espanando a manga, ele se virou. Fagulhas e brasas de prédios em chamas em Feira dos Trapilhos choviam ao redor. Cidadãos, soldados, gente de clã: a brigada permanecia na beira do rio, lutando por cada centímetro de terra. Han estreitou os olhos contra o vento quente para tentar ver onde sua magia poderia ser mais bem utilizada.

— Do outro lado da ponte! — gritou Byrne. — Vão! Vão! Vão! Todo mundo. Agora!

Han se virou e viu que a torre da guarda do lado oeste da ponte tinha pegado fogo atrás deles, lançando fagulhas na ponte e nas vigas de madeira que a sustentavam. Se não fossem agora, ficariam presos entre o rio e as chamas. Teriam que pular no rio Dyrnne para fugir, e muitos moradores da cidade não sabiam nadar.

Pessoas em pânico correram pela ponte. Byrne pegou Raisa no colo e a carregou até o outro lado para impedir que fosse pisoteada pela multidão.

Han foi na retaguarda, mas parou no meio da travessia e se virou para olhar para as chamas. Ergueu as mãos e afastou o fogo com uma explosão de magia, jogando toda a sua fúria no gesto. Com o canto do olho, viu Micah surgir a seu lado e atacar o fogo também. Lado a lado, eles foram empurrando as chamas. A frente da roupa de Han estava queimada, e a pele, tão áspera quanto os torresmos que sua mãe preparava na lareira.

Por alguns minutos, as forças se equilibraram, e Han torceu para que eles vencessem. Então as chamas subiram como uma onda, jogadas sobre eles pelo vento implacável. Para cima, para cima, para cima, bloqueando o céu, um dragão se preparando para dar o bote. A multidão do outro lado do rio gritou em aviso.

Ao perceber o perigo, Han ergueu seus escudos e percebeu de repente como estava com pouco *flash*.

E então, como se por magia, as chamas diminuíram e desabaram na margem leste em uma explosão de fagulhas.

O vento sumira.

As pessoas do lado de Ponte Austral demoraram um momento para perceber. Elas ergueram as cabeças, olharam para o oeste e depois para o leste. Limparam o suor do rosto. Esperaram o vento voltar a soprar. E voltou, depois de um momento, mas do oeste desta vez, uma brisa gentil que aumentou aos poucos e afastou o fogo para cima dele mesmo.

Han se virou e procurou Dançarino. Ainda no jardim, ele brilhava, cintilando como um lampião em um beco escuro, iluminando todo o pátio do templo. Cat montava guarda ao lado dele como uma iniciada em um templo.

Ao ver o fogo diminuir e recuar, as pessoas ao longo do rio comemoraram e redobram os esforços.

A luz mudou quando as nuvens se aproximaram, vindas das Espirituais, empurradas pelos ventos de Dançarino, pesadas e negras e carregando muita chuva. A parte inferior brilhava com os relâmpagos, trovões explodiam anunciando a chegada. Elas se acumularam acima da cidade, cada vez em maior quantidade.

Uma gota grande de chuva caiu no píer ao lado de Han. E outra e mais outra, chiando ao bater nas pedras quentes. No começo, evaporavam imediatamente, mas caíam rápido, formando riachos, reverberando em telhados e ensopando Han.

Chuva! Doce Lady da Graça, estava chovendo.

No lado de Ponte Austral, Raisal estava puxando um relutante Amon Byrne em uma dança improvisada, os pés em sapatinhos idiotas de sangue azul afundando em poças.

E os outros entraram na brincadeira, pessoas eufóricas, sujas e queimadas comemorando como espantalhos chamuscados em uma dança macabra.

O incêndio minguou e morreu, deixando uma terra destruída e molhada cheia de pontos de chamas verdes e laranja onde construções ainda ardião. A brigada de incêndio voltou para o lado

de Feira dos Trapilhos, atacando os pontos críticos com vigor renovado.

Han seguiu contra o movimento para Ponte Austral, escorregando na margem enlameada do jardim. Dançarino se apoiava em Cat, os olhos fechados e o brilho diminuído a um cintilar leve.

— Ele está exausto — disse Cat, puxando as tranças molhadas e encarando o rosto de Dançarino com preocupação.

Han se sentou ao lado dos dois, segurou o amuleto de Dançarino e cedeu um pouco de seu minguado poder.

Dançarino abriu os olhos ao sentir a onda de *flash*.

— Foi incrível o que você fez — disse Han. — Nunca vi nada parecido.

Dançarino sorriu.

— Vocês bruxos sempre subestimam o poder da magia da terra — sussurrou ele. — É complicado, mas a essa distância...

— É magia da terra e magia alta juntas — respondeu Han. — Só mostra o que poderíamos fazer se parássemos de atacar uns aos outros.

A chuva estava finalmente parando, embora houvesse poças por toda parte. Raisa e o orador Jemson desciam na direção deles. Jemson segurava uma cesta.

Raisa parou na frente de Dançarino e Cat, uma rainha pequenina e de roupas elegantes ensopadas.

— Dançarino de Fogo. Devo admitir que tinha dúvidas, mas você acabou com elas. Salvou Ponte Austral e talvez o resto da cidade.

— Obrigado, Vossa Majestade — disse Dançarino. Ele assentiu para Jemson, Han e Cat. — Não fui só eu.

— Obrigada, obrigada a todos! — disse Raisa, apertando as mãos de Dançarino, de Han, de Cat e de Jemson.

O orador pegou a cesta e entregou pão, queijo e uma jarra de sidra para Dançarino.

Mas Han não conseguia comer, não com o estômago em um nó de preocupação.

— Cat. Você pode vir comigo até o velho templo? Hallie, Talia e um grupo de pessoas estavam escondidos lá. Talvez precisem de ajuda.

Cat olhou para Dançarino.

— Vá — disse ele. — Estou me sentindo melhor. Só preciso comer e descansar um pouco.

— Vou garantir que isso aconteça — afirmou Raisa. Ela tocou o braço de Han. — Leve alguns guardas com você. E tome cuidado.

Han e Cat levaram seis casacos azuis para as ruínas fumegantes, contornando obstáculos. Eles se afastaram do rio na direção do Templo da Feira. No caminho, apagaram chamas e mandaram sobreviventes irem para a ponte. Han esperava que a magia tivesse aguentado, que tivesse conseguido salvar alguma coisa naquilo tudo.

Passaram por uma área destruída, queimada, ainda soltando fumaça. O otimismo de Han diminuiu, sufocado pela destruição. Cat apontou para um local conhecido atrás do outro, todos devastados pelo fogo. Muitos haviam sido locais de crimes passados e brigas de rua.

— Ferkin já era! — gemeu ela. — O melhor bolinho da região. Tudo bem que foi o velho Ferkin que me entregou para os casacos azuis quando fui para as ruas. Eu devia ter só uns 3 ou 4 anos. Fui marcada aquela vez e acabei marcada para sempre. — Ela ergueu as mãos e mostrou as marcas de ladra nas partes de trás. — Mas mesmo assim o lugar não merecia pegar fogo.

O nervosismo sempre fazia Cat tagarelar.

A feira tinha queimado, e só sobrara uma ruína fumacenta e encharcada. A velha loja de Taz Mackney, onde Han enfrentara Lorde Bayar, o esfaqueara e conquistara sua eterna inimizade, tinha desabado e virado uma pilha de madeira e pedras, marcando para sempre o local onde Han já tinha feito tantos negócios.

Havia também as ruínas do açougue onde, no verão anterior, Han encharcara trapos em sangue, para fingir a própria morte e tirar os casacos azuis de seu pé. Ainda identificava qual era a Rua das Pedras por causa do calçamento, mas as estruturas bambas de madeira que existiam ali tinham sumido. Ele chutou os destroços da ferraria onde certa vez escondera o amuleto Waterlow.

Bayar concluiu o trabalho que começou, pensou Han. É como se eu nunca tivesse existido. Ele me apagou como a uma mancha qualquer.

Tudo bem, pensou Han. Agora posso ser quem ou o que eu quiser.

À frente estava o Beco da Roubalheira, onde ficava o esconderijo de Han e a oficina de Dançarino. Para sua surpresa, o beco estava quase intacto, de pé entre duas quadras destruídas. Ele esfregou os olhos, quase sem acreditar no que estava vendo.

— Como o Beco da Roubalheira se salvou?

Cat tocou o ombro de Han e observou seu rosto.

— Quando Dançarino e eu passamos a caminho do rio, vimos que o fogo tinha contornado o armazém. A gente achou que você tinha colocado uma proteção mágica, alguma coisa para desviar as chamas.

Han balançou a cabeça, intrigado.

— Não fui eu.

Quem teria feito isso? Ele não conseguia pensar em nenhum mago que entraria em Feira dos Trapilhos para salvar algo que pertencia a Han Alister.

A verdade o atingiu como um golpe. As construções do Beco da Roubalheira se destacavam como um dedo acusador entre as ruínas. Ele se lembrou das palavras de Micah: *não vou levar a culpa, pode acreditar.*

Han não sabia exatamente como, mas os Bayar pretendiam acusá-lo pelo incêndio. O que significava que deviam saber sobre

seu esconderijo. Mais uma vez, Han sentiu as mandíbulas da lei se fechando sobre ele, e não havia para onde ir.

Bom, não podia se preocupar com isso no momento. Passou pelo Beco da Roubalheira e foi na direção da praça do templo.

Tanta coisa no caminho havia sido completamente devastada pelo fogo que Han já enxergava o Templo da Feira se destacando no céu manchado da noite. Então estava de pé, embora pudesse ter queimado e não desabado, por ser feito de pedra. Parecia cintilar de forma estranha contra a opacidade da fumaça. Quando se aproximaram, Han percebeu o que era: sua cobertura de magia ainda envolvia o templo como o embrulho de um presente de rebatizado.

Chegaram à enorme porta dupla e olharam para a torre do sino. Enquanto observava, uma garotinha apareceu na janela. A filha de Hallie... qual era o nome dela? A menina enfiou a mão pela janela, tentando pegar a cobertura mágica, mas Hallie a puxou de volta.

— Asha! Não toque nisso! — ralhou Hallie, enquanto a filha reclamava. — Lorde Alister fez isso para nos deixar em segurança. Além do mais, eu falei para você ficar com os outros. Como foi que chegou aqui?

Uma alegria cresceu dentro de Han.

— Hallie! — gritou ele. — Hallie! O fogo apagou. Podem sair em segurança!

Hallie o encarou, deu um sorriso e desapareceu.

Han desfez as malhas de cobertura mágica que cobriam a porta, e Cat a abriu. Talia e Pearlie olharam para eles, atônitas, então abraçaram Han e Cat e uma à outra. Depois, foram ajudar Mick a arrastar a pedra de cima do alçapão que dava na cripta.

As pessoas começaram a sair de lá, andando pela nave e atravessando a porta. Homens e mulheres com bebês nos braços ou puxando crianças pequenas pela mão. Muitos ficaram parados na praça, olhando para os restos do mundo que conheciam.

Não fiz o bastante. Não fui suficiente. De que vale uma vida sem ter onde viver? Sem ter onde trabalhar? Será que eles preferiam ter morrido no incêndio ou morrer de fome daqui a pouco?, pensou Han.

É culpa minha. Bayar pode dizer que fez isso para impedir os assassinatos de magos, mas mirou a flecha direto no meu coração. É culpa minha atrair a atenção dele para cá.

Então uma coisa estranha aconteceu. Alguns dos sobreviventes choravam, sofrendo com as perdas, mas outros sorriam em meio às lágrimas, impressionados por terem sido salvos. Eles andavam até Han em duplas ou trios, curvando a cabeça, esticando a mão timidamente para tocar sua roupa, as mangas, as estolas queimadas com o brasão Waterlow, como se ele fosse algum tipo de santo.

— Obrigado, Lorde Alister. Obrigado por nos salvar.

— Obrigado por salvar meus pequeninos. Eles são tudo que tenho.

— Obrigado.

— Obrigado.

— Obrigado.

Um casal até se jogou no chão e tentou beijar a bainha da calça destruída, mas ele não permitiu.

Han estava constrangido, envergonhado diante da gratidão das pessoas. Tentou desviar a atenção ou compartilhá-la.

— Agradeçam a Hallie e Mick e aos outros, eles trouxeram vocês para cá.

— Hayden Dançarino de Fogo mudou a direção do vento e impediu que o fogo atravessasse o rio — acrescentou Han.

Mas eles sorriam, assentiam, tocavam seu casaco e ofereciam retribuir de alguma forma.

Se precisar de um servicinho, Lorde Alister, qualquer coisa meio escusa, você já sabe quem procurar.

Minha Nancy é excelente costureira. Parece que você precisa de roupas novas, ou ao menos de uns consertos. Quando estivermos com tudo ajustado, venha nos ver, e ela vai tirar suas medidas.

Tenho as melhores moças do mercado. E elas vão ficar orgulhosas de conhecer você, se entende o que quero dizer.

Quando precisar de qualquer serviço de ferraria, me procure. Faço o melhor trabalho deste lado do rio. Sem cobrar.

— Não entendo — murmurou Han para Cat, que estava de pé ao lado dele. — Eles perderam quase tudo.

— Ninguém nunca ligou para o que acontecia com eles — respondeu Cat. — Você imagina Lorde Bayar ou a rainha Marianna arriscando a vida para salvar gente em Feira dos Trapilhos ou em Fundilhos? — Ela riu com deboche.

Han se lembrou do que Bayar dissera sobre Feira dos Trapilhos na reunião do Conselho.

Seria proveitoso para o bem público se deixassem o reino. Ninguém sentiria falta deles. E a terra se tornaria valiosa quando estivesse livre dos maltrapilhos e seus casebres.

Outros residentes começaram a sair de seus refúgios do outro lado do rio, balançando a cabeça, perplexos, comentando sobre os lugares que haviam sumido para sempre. Mas também tinham outras histórias para contar. Estavam falando sobre a rainha.

— Vocês deviam ter visto — disse uma mulher. — Ela ficou de pé no muro, aquela coisinha pequenininha, e saiu dando ordens, e colocou o ombro na roda da bomba e carregou água como o resto de nós. Ficavam tentando fazer a rainha entrar no Templo de Ponte Austral, mas ela não deu ouvidos a ninguém. Estava dando ordens aos magos como se não fosse nada.

— Uma construção quase caiu em cima do capitão Byrne — disse um homem. — A rainha Raisa xingou como um cocheiro de carroças. Não parecia com nenhuma rainha que eu já vi.

— Bem, vai ver a gente não tinha rainhas assim antes — disse a mulher —, mas estou feliz de ela ser a que a gente tem agora.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Cinzas e acusações

Depois que Han e Cat partiram, Raisa mandou Dançarino, Mellony e Missy para o castelo de Fellsmarch em sua carruagem. Lorde Vega chegou com um contingente de curandeiros, e ele e o orador Jemson avaliaram os feridos para decidir quem precisava ir para o Salão dos Curandeiros e quem podia ser atendido pelos iniciados no Templo de Ponte Austral.

Os iniciados também se encarregaram dos mortos.

Raisa fez uma reunião de última hora no Templo de Ponte Austral com o orador Jemson, Amon Byrne e Char Dunedain para coordenar a limpeza de Feira dos Trapilhos. O general Klemath ainda não aparecera, embora alguns de seus oficiais estivessem presentes. Han e Cat ainda não tinham voltado. Raisa sentiu uma pontada de preocupação.

Andarilho da Noite também apareceu. Tinha voltado do Campo Demonai e encontrado metade da cidade em ruínas. E Micah, que ganhara um lugar à mesa pelo que fizera na margem do rio.

Micah deve estar cansado, pensou Raisa. Ela ficou tocada com o esforço dele para lutar contra o fogo, exibindo pouco da arrogância de sempre, parecendo ansioso para expiar os pecados do passado.

Por que ele não vai para casa?, ela se perguntou. E então percebeu: *Ele está esperando para falar comigo.*

Raisa se obrigou a voltar ao assunto em questão.

— Até o general Klemath ser encontrado, a sargento Dunedain vai coordenar a acomodação das pessoas desabrigadas pelo incêndio — disse ela para os oficiais das terras altas. — Vocês estão sob o comando dela.

— Já discutimos o assunto — disse Dunedain. — Temos barracas que podem acomodar umas quinhentas pessoas. Como tiramos os refugiados da beira do rio, podemos montá-las lá enquanto limpamos Feira dos Trapilhos.

Raisa suspirou e massageou a testa.

— Cuide para que haja latrinas suficientes. Não quero imundície no rio de novo.

— Tem algum abrigo viável em Feira dos Trapilhos? — perguntou o orador Jemson. — As pessoas gostariam de ficar perto de casa, se pudessem.

— O velho templo em Feira dos Trapilhos ainda está de pé — disse Pearlie. — Além de algumas construções no Beco da Roubalheira. Só isso.

— É mesmo? — Raisa ergueu o rosto, surpresa. — O templo não foi destruído? Que boa notícia.

— E o Beco da Roubalheira também não? — perguntou Micah, erguendo uma sobrancelha. — Interessante.

Pearlie assentiu, inclinando a cabeça como se estivesse intrigada pelo interesse de Micah.

— Não sei quanto ao Beco da Roubalheira, mas o templo foi coisa de Lorde Alister. Talia, Mick, Hallie e eu reunimos um grupo de pessoas, mas não conseguimos achar passagem em meio às chamas. Ele nos mandou entrar e ergueu uma barreira mágica para proteger o templo.

— Mesmo? — Raisa olhou para Amon a fim de ver sua reação, mas ele continuou impassível, como sempre. — Ele disse que havia

gente no templo, mas eu não tinha me dado conta...

— Se não fosse por ele, centenas de vidas teriam sido perdidas. Inclusive eu, Talia, Hallie e Mick.

— E o Beco da Roubalheira — acrescentou Micah.

Aonde você quer chegar, Micah?, pensou Raisa, irritada.

Pearlie assentiu.

— Ele é um herói, e todo mundo em Feira dos Trapilhos sabe. E o templo pode ser usado como abrigo, é mais perto de casa para alguns.

— Os clãs vão ajudar como puderem — disse Andarilho da Noite.

— Obrigado — respondeu Amon. — Vamos ver de quanta ajuda vamos precisar ao longo do tempo e a melhor forma de utilizá-la.

— Ainda há fundos no Ministério da Rosa Agreste para ajudar a alimentar e vestir os que precisarem — contou Jemson. — Mas não vai ser suficiente, considerando a quantidade de gente.

— Vou organizar uma campanha de emergência para doações ao fundo — afirmou Raisa. Ela se levantou e mexeu na roupa destruída. — Muito bem. Estamos todos exaustos, e nossos problemas ainda estarão aqui amanhã de manhã. Estou dando ordens para todos irem dormir.

Acima, os sinos do Templo de Ponte Austral tocaram avisando que eram quatro da madrugada. Hora de ir para casa. Raisa queria que Han ou Cat tivessem voltado do outro lado do rio, mas não havia sinal deles. Ela se virou para a porta, mas lembrou que tinha enviado a carruagem para o castelo horas antes.

— Quer compartilhar minha carruagem, Vossa Majestade? — perguntou Micah, se materializando logo atrás dela. — Mandei chamar dos estábulos na área do castelo.

— Bem... — Raisa procurou uma alternativa.

— Sua guarda pode nos acompanhar, mas eu gostaria de conversar em particular sobre alguns eventos que aconteceram hoje mais cedo. — Como Raisa hesitou, Micah acrescentou: — Por favor,

Raisa. Tem a ver com a investigação relativa ao incêndio. Tem uma coisa que quero mostrar a você.

Raisa o observou. Micah tinha uma expressão séria, quase suplicante, tenso como um cordão de espartilho. Também estava machucado e queimado, apesar das proteções mágicas que usara. Han dissera que Micah votara contra a proposta de Lorde Bayar. Seria possível que confessasse o papel do pai na destruição de Feira dos Trapilhos?

— Tudo bem.

Chamando a Guarda Lobo Gris, Raisa saiu com Micah. Uma carruagem com os falcões da Casa Aerie na lateral esperava no pátio do templo, com seis cavalos pretos bufando e batendo as patas, nervosos pelo cheiro de fumaça. Micah ajudou Raisa a subir na carruagem, trocou algumas palavras com o cocheiro e se sentou colado nela, apesar de haver espaço suficiente no banco em frente. Raisa estava cansada demais para resistir.

Dois dos Lobos de Amon subiram na carruagem ao lado do cocheiro enquanto mais dois foram cavalgando ao lado.

Raisa se encostou no banco de veludo, perguntando-se se conseguiria tirar o fedor de fumaça da pele.

— E então? — perguntou ela. — O que você quer me contar?

— Sabia que Alister conseguiu ser eleito Grão-Mago na reunião do Conselho hoje? — perguntou Micah, sem rodeios.

Raisa o encarou, intrigada. Han não mencionara isso.

— É sério?

Apesar de ter pedido a Han que tentasse se eleger para Grão-Mago, era difícil imaginar como ele teria conseguido os votos.

— Como isso aconteceu? Quem votou nele?

— Abelard, claro. — Micah limpou um corte no braço.

— Mas por que Abelard não tentou ficar com o posto, se tinha votos?

— É uma boa pergunta. O voto surpreendente foi de Adam Gryphon. Ele votou em Alister.

— Bom. Acho que eles se conhecem de Vau de Oden.

Ela ergueu o rosto, viu os olhos negros de Micah fixos nela e calou a boca. Em seu estado de exaustão, quase tinha falado demais. Micah não sabia que ela e Han tinham se encontrado em Vau de Oden.

— Quer dizer, mestre Gryphon não foi professor de vocês?

— Foi — respondeu Micah. — E isso torna o voto dele em Alister ainda mais surpreendente. Eles viviam se desentendendo na academia. Gryphon até o expulsou da turma. — A voz dele estava baixa e rouca de tanto inalar fumaça. — Raisia, acho que você não percebe quanto seu dito guarda-costas é implacável.

— Não seja condescendente comigo! — retorquiu Raisia, a simpatia por Micah desaparecendo. — Estou tentando governar grupos em disputas, que não conseguem concordar sobre as coisas mais básicas.

— Não foi minha intenção soar condescendente. Mas esta é a questão: Alister vai fazer o que for preciso para conseguir o que quer. Ele deixou isso bem claro na reunião de hoje. — Ele fez uma pausa. — Por exemplo, meu pai acusou Alister de estar por trás dos assassinatos em Feira dos Trapilhos. Alister negou, claro.

— Poderia ser porque ele é inocente? — Raisia procurou uma contraofensiva. — Ele me contou o que seu pai fez, que propôs destruir Feira dos Trapilhos, e que o Conselho concordou. Em outras palavras, o Conselho votou a favor de assassinar centenas de pessoas inocentes. Destruir as casas das pessoas, os locais de trabalho, colocar a cidade inteira em risco.

— Imagino que Alister não tenha mencionado que votei contra.

— Na verdade, ele mencionou isso, *sim* — rebateu Raisia. — Disse que vocês dois foram os únicos.

— É mesmo? — Micah a encarou. — Estou surpreso. De qualquer modo, quando Alister foi eleito Grão-Mago, prometeu que cuidaria pessoalmente do “projeto” Feira dos Trapilhos, nas palavras dele. — Micah engoliu em seco e olhou para ela com ar de desesperança. —

Precisa acreditar em mim, Raisa. Mesmo depois da votação, eu não pretendia deixar que acontecesse. Eu pretendia vir avisá-la diretamente. Não fazia ideia de que ele agiria tão rápido.

Raisa demorou um momento para entender o que Micah estava insinuando. E outro para elaborar uma resposta.

— Você espera que eu acredite que, depois da reunião do Conselho, Han correu montanha abaixo e botou fogo em Feira dos Trapilhos antes de você intervir?

Micah a encarou sem hesitação.

— Não espero que acredite em mim, mas tenho que tentar. É tudo que posso fazer.

— Então me explique o seguinte: qual é a estratégia de Han? O que ele espera conseguir? Você alega que ele está matando magos. Qual é o motivo?

Micah deu de ombros.

— Talvez ele pretenda derrubar o reino, incitar uma guerra civil. Primeiro Lorde deVilliers é assassinado pelos Demonai, depois...

— Pelo que sei, Lorde deVilliers estava sequestrando crianças dos clãs — disse Raisa secamente.

— É o que dizem os cabeças de fogo — replicou Micah com amargura. — Por que sempre acredita na versão dos cabeças de fogo? — Ele fez uma pausa, e como Raisa não disse nada, prosseguiu. — Primeiro, deVilliers, e agora, Lorde e Lady Gryphon. Alister sabia que não tinha como os Gryphon apoiarem e votarem em um ladrão de rua. Então removeu a influência deles e...

— Han Alister jamais botaria fogo em Feira dos Trapilhos — interrompeu Raisa. — E, de qualquer modo, ele estava lá, lutando contra o incêndio. Você viu.

— Só me escute — disse Micah. Ele fez uma pausa para se recompor.

Talvez o cansaço tivesse enfraquecido seus escudos sociais de sempre, mas ela nunca o vira tão emocionalmente abalado. As

mãos tremiam. Ele não estava falando a verdade completa, mas havia alguma coisa sincera no que dizia.

— Assim que Alister venceu a votação, anunciou que o amigo cabeça de fogo o substituiria no Conselho. Disse que tinham conversado e que você concordou. Tinha um documento por escrito. — Ele fitou Raisa com os olhos brilhando de reprovação.

— Eu conversei mesmo com Alister sobre isso, e Dançarino de Fogo é minha escolha. Qual é o problema?

Micah ficou em silêncio, olhando para as mãos, girando o anel, o único som sendo o estalo das rodas nas pedras e o murmúrio das conversas acima.

Por fim, ele ergueu o rosto e disse:

— Parece que Dançarino de Fogo é meu meio-irmão.

Raisa perdeu o fôlego, como se tivesse levado um soco no estômago.

— O quê? — sussurrou ela, as palavras agarradas à garganta.

— Aparentemente, a mãe dele e meu pai tiveram alguma coisa, anos atrás. Eles contam histórias diferentes sobre como aconteceu, sobre quem seduziu quem.

— Seu pai... e Willo? — Raisa balançou a cabeça. — Não. Não é possível.

Mesmo enquanto falava, porém, soube que devia ser verdade, senão Micah nunca teria mencionado.

— Dançarino de Fogo e Alister já sabiam — disse Micah. — E decidiram revelar na reunião do Conselho para desacreditar meu pai. — Ele esticou a mão e tirou o cabelo de Raisa da testa. Ela estava estupefata demais para resistir. — Me diga, Raisa: se confia em Alister, por que ele guarda tantos segredos de você?

Isso é verdade, pensou Raisa, abalada. Han está guardando segredos de mim. O que mais eu não sei?

— De qualquer modo — prosseguiu Micah —, assim que a reunião terminou, Alister desapareceu. O que penso é o seguinte: ele desceu Lady Gris correndo para poder chegar à cidade antes de

mim. Queria incendiar Feira dos Trapilhos antes que eu pudesse alertar você a tempo de impedir. Então apareceu para ajudar a apagar o fogo quando Feira dos Trapilhos estava quase toda destruída.

— Eu não acredito — disse Raisa com teimosia. — Não importa quantas vezes você repita. Era a casa dele. Os amigos dele moram lá.

— E ele salvou a vida de alguns. Não estou negando isso.

A carruagem diminuiu a velocidade e parou.

— Milorde Bayar! — chamou o cocheiro. — Chegamos.

Micah colocou a cabeça para fora da janela e deu uma olhada ao redor. Raisa fez o mesmo.

— Falando sobre a casa de Alister, bem-vinda ao Beco da Roubalheira.

O beco de pedras tinha armazéns que estavam levemente queimados, mas ainda de pé. Era familiar. Uma lembrança voltou a ela, de uma noite em um porão, capturada por Alister Algema.

E ali, acima da porta, havia um símbolo desenhado, uma linha com um zigue-zague por cima. A mesma marca encontrada nos corpos dos magos mortos.

— Este é o esconderijo de Alister em Feira dos Trapilhos. Um armazém velho onde os ladrões de rua dele se reúnem. — Micah olhou nos olhos de Raisa. — A única rua intocada pelo fogo em toda a Feira dos Trapilhos. Interessante, não acha?

Cada acusação era como um golpe acertando pele nua. Raisa queria colocar as mãos nos ouvidos para não precisar mais escutar.

Queria dizer: *Talvez Han esteja guardando segredos, mas não acredito que tenha botado fogo em Feira dos Trapilhos. Ele é esperto demais para deixar o quartel-general dele de pé em um bairro em cinzas. Mas talvez os Bayar tenham feito isso só para criar suspeitas sobre ele.*

Mas o que disse foi:

— São alegações sérias, Micah. Mas, como falei antes, qual é o motivo dele, e onde está a prova?

— De quantas provas você precisa? — sibilou Micah, exasperado. — Você diz que sabe o que está fazendo, que controla os riscos, mas não é possível que pretenda manter Alister como guarda-costas. Devia colocá-lo na prisão, onde é o lugar dele. Ou deixar que seja levado para a Casa Aerie. Alguns dias no calabouço e ele acabará confessando.

— E como o Conselho dos Magos reagiria a isso, se eu jogasse o novo Grão-Mago na prisão e o torturasse até confessar algo que talvez não tenha feito? — Raisa hesitou, mas foi adiante. — Você nunca gostou de perder, Micah. Tem certeza de que não está levando a vitória de Alister muito para o lado pessoal?

— Se eu não lhe conhecesse, diria que *tem* alguma coisa entre vocês — respondeu Micah. — Não sei de que outra forma explicar sua persistência em...

— O estado de direito é a única explicação de que você precisa — interrompeu Raisa. — Não torturo pessoas e não as jogo na prisão sem evidências. Me traga provas ou guarde as acusações para si mesmo.

— Eu pretendo trazer provas, e se você não fizer as acusações formais contra Alister, eu farei.

Eles seguiram pela ponte levadiça e pararam no pátio do castelo. O interminável percurso chegara ao fim.

Micah estava olhando para a frente, o rosto rígido e branco como mármore, com um músculo tremendo no maxilar.

— Obrigada pela franqueza, Micah — disse Raisa. — Vou considerar cuidadosamente tudo que você falou. É só o que posso prometer.

Sem esperar o acompanhante, ela abriu a porta da carruagem e desceu.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Revelações

Corvo encarou Han, os olhos azuis brilhando de admiração.

— Vamos ver se entendi. Você decidiu aceitar minha proposta. Vai me permitir possuir você para que eu me encontre com Lucas.

— Isso mesmo — disse Han, inquieto. — Quanto antes, melhor.

— Talvez eu não devesse insistir nisso, mas por que a mudança radical de opinião?

— Consegui ser eleito Grão-Mago. E Lorde Bayar botou fogo em metade da cidade. Agora estão tentando me culpar por isso.

— Ah, esses Bayar — disse Corvo, baixinho. — São muito bons em colocar a culpa nos outros, não são? — Depois de uma longa pausa, ele acrescentou: — Não tem medo de eu tirar vantagem? De usar você para me vingar de meus inimigos? De espalhar destruição pelo mundo e todas essas coisas?

Corvo chegou tão perto de acertar o alvo que Han hesitou.

— Ah. — Corvo fez uma careta. — Então você *está* preocupado. Eu já lhe traí uma vez. Sou um resquício de homem amargo e vingativo, e minha reputação...

— Cale a boca e vamos acabar logo com isso — resmungou Han. — Não tenho escolha.

Corvo massageou o alto do nariz, olhou para os sinos acima e suspirou.

— Na verdade, tem.

— Como assim? — perguntou Han, intrigado.

— Peço desculpas, Alister. Eu devia ter dito antes. — Corvo fez uma pausa para escolher as melhores palavras. — Não preciso possuir você. É possível trazer Lucas para Aediion.

— Lucas não tem mais o dom, lembra? Ele não pode vir aqui.

— É possível trazer alguém sem o dom a Aediion. Lucas e eu pregávamos peças em cadetes da Academia Wien que tinham enchido a cara. Nós os levávamos para Aediion e os deixávamos em um mundo conjurado.

— É mesmo? — Han olhou para ele com desconfiança. — Tinha se esquecido disso, por acaso?

Corvo ignorou a pergunta.

— O importante é que posso mostrar a você como trazer Lucas até mim.

— E se ele não quiser vir? — perguntou Han, lembrando o estado de agitação de Lucius ao receber a notícia de que Alger Waterlow ainda estava vivo.

— Éramos melhores amigos — disse Corvo, parecendo perplexo com a pergunta. — É claro que ele virá.

— Eu quero estar presente quando você conversar com Lucius. Quero ouvir o que ele tem a dizer.

— Claro que sim — respondeu Corvo, revirando os olhos. — Você vai saber todos os meus segredos sórdidos. Agora, como estamos com pressa, vou mostrar como se faz.

O feitiço era uma variação do que Han usara para levar o grupo de Abelard a Aediion, no que parecia um século atrás. Só que, dessa vez, apenas Han forneceria poder para a viagem.

— Você tem que ter uma quantidade considerável de poder acumulado — disse Corvo. — Preste atenção nisso. Não vai querer deixá-lo preso aqui.

— Vai ser em algum momento de amanhã — respondeu Han. — Lucius não vem nunca para a cidade, então vou ter de ir à casa dele.

— Estarei aqui. Como sempre.

Corvo se virou, dispensando-o.

— Espere — pediu Han, sem sair do lugar. — Ainda não entendi. Por que *você* mudou de ideia? Por que me disse para trazer Lucas a Aediion se eu estava pronto para dar o que *você* queria?

— Quer a verdade?

— Estou esperando por ela.

— Fiquei com medo.

Corvo fixou o olhar em Han.

— Medo?

— Fiquei com medo de tomar controle de *você* e não conseguir resistir à tentação de tirar vantagem. Fiquei com medo de ter a vingança que tanto mereço. Então eu jamais me perdoaria.

Para surpresa de Han, Adam Gryphon concordou imediatamente em vê-lo quando ele mandou uma mensagem pedindo um rápido encontro. A propriedade dos Gryphon ficava na encosta mais baixa de Lady Gris, uma localização socialmente aceitável, ainda que não tão grandiosa quanto a da Casa Aerie. Os portões exibiam o emblema de grifos duplos da Casa.

Quando Han se aproximou da varanda da frente, reparou que havia carpinteiros por toda a parte externa, removendo o contorno elaborado que decorava o telhado como a cobertura de um bolo.

Dentro, havia mais pedreiros e carpinteiros trabalhando, e boa parte da mobília estava empilhada e coberta de lona, como se pronta para ser removida.

O criado de Gryphon o guiou até uma biblioteca abarrotada, no fundo da casa, que dava para uma varanda com vista para o jardim. Gryphon estava lá fora, sentado na cadeira de rodas, lendo.

O ex-professor de Han o cumprimentou com um sorriso e indicou outra cadeira.

— Alister. Bem-vindo. Por favor, sente-se. Quer comer alguma coisa? Beber?

Han balançou a cabeça.

— Acabei de comer, obrigado.

Gryphon dispensou o criado.

— Está de mudança? — perguntou Han, indicando a bagunça na casa.

Gryphon fez que não.

— Não, só estou fazendo algumas mudanças, agora que meus pais se foram. — Ele olhou ao redor de forma crítica. — Não é muito ruim, na verdade — disse ele, mordendo o lábio. — Acho que consigo transformar em um lugar onde eu consiga morar.

— Você não gostava da casa? — perguntou Han. Parecia um palácio aos olhos dele.

Gryphon fez uma careta.

— Meus pais nunca concordaram em... se adaptar ao meu estado aleijado. A casa é cheia de degraus, passagens estreitas e coisas do tipo. Quando as mudanças terminarem, vou poder andar pela propriedade sem precisar de ajuda.

— Entendo.

— Não tenho tanta certeza disso — respondeu Gryphon, esticando os braços acima da cabeça e arqueando as costas. — Imagino que você não tenha pedido este encontro para discutir meus projetos de reforma. Deve estar se perguntando por que votei em você para Grão-Mago.

— Sim. Estou. Sei que sua família é íntima dos Bayar. E, de um ponto de vista político, eu esperava...

— “Íntima dos Bayar” — repetiu Gryphon. — Alguns de nós somos íntimos de alguns Bayar. — Ele olhou para um ponto atrás de Han, para dentro da casa. — Ah, sim. Aqui estamos nós. Tomei a

liberdade de convidar outra pessoa para esta reunião, para poder lhe explicar melhor.

Han se virou na cadeira com a mão no amuleto, os sentidos berrando um alerta de perigo. Fora tudo um artifício para ganhar sua confiança, para conseguir pegá-lo sozinho e vulnerável? Ele não sabia se devia esperar Fiona, Micah ou todo o clã dos Bayar.

Não esperava ver Mordra deVilliers.

Ela saiu para a varanda e ficou de pé atrás da cadeira de Gryphon, apoiando as mãos nos ombros dele. Tinha adquirido mais algumas tatuagens e piercings desde que Han a vira pela última vez, em Vau de Oden. Usava talismãs por todo o corpo e presos no cabelo, e as estolas mostravam o brasão de ondas dos deVilliers em tom dourado.

O cabelo com mechas vermelhas estava mais comprido do que ele lembrava, os fios brilhosos caindo nos ombros. Ela parecia bem — menos magoada, de alguma maneira — e mais feliz do que ele já tinha visto.

— Acredito que vocês já se conheçam — disse Gryphon com um sorriso malicioso.

Mordra jogou a cabeça para trás e riu.

— Ah, Alister. Você devia ver sua cara. Está impagável.

— Mordra — gaguejou Han. — Eu não sabia que você tinha voltado.

— Cheguei ontem. — Ela passou a mão pelas roupas como se ainda pudesse haver nelas poeira da viagem. — Acho que não vou subir em um cavalo nunca mais. Pelo que sei, tenho que lhe dar os parabéns. Preciso chamar você de Milorde Alister, agora que é Grão-Mago?

— Han está bom — disse ele. E limpou a garganta. — Eu não sabia... Não esperava...

Mordra se inclinou e beijou Gryphon na boca, um beijo intenso.

— Você não sabia que *nós* éramos... hã... íntimos, certo? — Ela riu de novo.

— Não — admitiu Han. — Não sabia. Quando... hã... quando isso aconteceu?

— Você achou que eu estivesse apaixonado por Fiona Bayar — disse Gryphon. — O pobre e triste Gryphon, desejando a princesa de gelo que jamais o aceitaria.

— Bem, tenho que admitir que me perguntei...

— Ah, acabe com o sofrimento de Alister, Adam — interrompeu Mordra. — Ele parece um cachorrinho depois de uma surra.

— Todos temos papéis a desempenhar, Alister — disse Gryphon. — Você nasceu nas ruas. Eu nasci na nobreza. Mas alguns de nós não correspondemos às expectativas da família. No meu caso, nem cheguei perto. — Ele deu uma gargalhada amarga. — Eis a versão resumida: eu nasci com uma perna deformada, mas pelo menos conseguia andar, ainda que mancando bastante. Mas isso não era bom o suficiente para meus pais. Eles contrataram um curandeiro mago para fazer os consertos necessários, para produzir o filho perfeito que eles esperavam. Infelizmente — ele olhou para as pernas queimadas —, as coisas deram muito errado.

“Mas eu era tudo o que eles tinham. Embora meus pais tenham sido forçados a diminuir as expectativas, ainda tinham esperanças. Por exemplo, eu poderia me tornar um político poderoso. E poderia me casar com Fiona Bayar.”

Gryphon olhou para a glicínia que florescia no teto de treliças.

— Não importava o fato de os Bayar sempre terem me tratado como... como você chamaria, Alister? Escória?

Han assentiu, surpreso de o ex-professor usar aquela palavra.

— Escória.

— Eu odeio os Bayar, cada um deles — prosseguiu Gryphon. — Vau de Oden foi o primeiro lugar onde me senti valorizado. Mergulhei na vida acadêmica e descobri, para minha alegria, que meu cérebro não tinha limitação nenhuma. Terminei meus estudos e pretendia continuar dando aulas e pesquisando, o mais longe possível dos meus pais.

“Então conheci Mordra, e uma coisa levou a outra, e nos apaixonamos. Estava feliz pela primeira vez na vida.

“Mas meus pais tinham outros planos para mim. Eu precisava me casar com Fiona, e não com Mordra, e teria que voltar a Fellsmarch para assumir meu lugar hereditário no Conselho dos Magos e passar a vida fazendo política com gente que tem pena de mim e me despreza.”

Ocorreu a Han que ele e Gryphon tinham mais em comum do que imaginara. Independentemente de quem você fosse, as expectativas dos pais podiam ser uma maldição. A mãe de Han acreditava que ele era amaldiçoado pelo demônio e nunca conseguira ver além disso. Os pais de Gryphon nunca tinham visto valor nele porque não conseguiam superar a imperfeição física.

— Minha família não tinha nenhum plano específico para mim — disse Mordra, interrompendo os pensamentos de Han. — Só que não incluía um casamento com alguém tão... limitado... quanto Adam. Tivemos que manter nosso relacionamento em segredo. Há muitas línguas soltas, até na academia. Foi pior quando Micah, Fiona e os primos chegaram. Parecia impossível ficarmos juntos.

Han lembrou sua incapacidade de entender Gryphon em Vau de Oden, de perceber o que ele realmente achava dos Bayar.

— Eu... Como posso dizer isso? Quando fui seu aluno, tive a impressão de que você me desprezava.

— Não foi pessoal — respondeu Gryphon. — Eu desprezava todo mundo na época, exceto Mordra. Só que eu tinha que fingir não desprezar os Bayar, o que não era fácil. Mas você? Você era incrivelmente talentoso e diferente de qualquer outro aluno que já tive. Eu não percebia onde se encaixava, só que havia uma tensão entre você e Micah. Então pensei que houvesse algum tipo de romance entre você e Fiona.

— Eu não chamaria de romance — disse Han, fazendo uma careta.

Mordra riu. Ela tinha uma gargalhada deliciosa, Han só não a ouvira muitas vezes em Vau de Oden.

— Ficamos paranoicos achando que você podia ser algum tipo de espião.

Gryphon retomou a história.

— Apesar das precauções, alguém avisou a meus pais que eu não estava seguindo os planos deles. Eles literalmente me sequestraram e me arrastaram para o norte, esperneando e gritando, pouco antes de a rainha ser assassinada e você chegar. Me jogaram na cadeira da família no Conselho e disseram que mandariam matar Mordra se eu resistisse. — Ele esticou a mão e segurou a de Mordra. — E, sim, eles eram capazes disso.

Han soltou um palavrão baixinho e lembrou novamente que os sangues azuis eram os assassinos mais cruéis de todos, e nunca pagavam pelos crimes que cometiam.

— Mas o destino intercedeu — disse Mordra com alegria. — Meu pai foi morto pelos Demonai.

— E meus pais por desconhecidos. De repente, tudo mudou. — Gryphon fez uma pausa e olhou diretamente para Han. — Os Bayar alegam que você matou meus pais. Não sei se é verdade e não vou perguntar. Mas saiba o seguinte: se foi você, tenho uma dívida eterna.

— Nós dois — acrescentou Mordra, apoiando as mãos nos ombros de Adam.

Eles acham que fui eu, percebeu Han. E nada que eu possa dizer vai fazê-los mudar de ideia. Por outro lado... eles são perfeitos um para o outro. Como não percebi?

Isso encorajava a ideia de que um amor impossível podia dar certo. Deixou-o um pouco mais otimista quanto a seu próprio amor impossível.

— Lá estava eu, no Conselho dos Magos, achando que seria obrigado a votar em Micah Bayar como único candidato a Grão-Mago. Teria pela frente uma vida inteira de reuniões lideradas por

um Bayar. E, de repente, ali estava você, se declarando candidato. Acredite, fiquei muito feliz. — Ele riu e limpou lágrimas dos olhos. — Mas você só estava começando. Quando os cabeças de fogo entraram e exigiram que o filho da mãe arrogante se explicasse, eu quase não consegui me controlar.

— Como eu queria estar lá — disse Mordra, rindo. — Mas estarei, de agora em diante. E pode contar com nosso apoio no Conselho.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Uma antiga traição

Han deixou o cavalo a certa distância da casa de Lucius Frowsley. Não que quisesse chegar sorrateiramente... Bem, na verdade, queria. Parecia que Lucius o evitava desde o encontro em que tinham conversado sobre Alger Waterlow. As tavernas de Ponte Austral estavam reclamando de não receber produtos da destilaria de Lucius.

Han seguiu a margem do Riacho da Velha até o ponto onde Lucius pescava, mas não o encontrou lá. O lugar estava com aspecto abandonado, a grama crescida como se ninguém se sentasse ali havia muito tempo.

Preocupação surgiu nas entranhas de Han.

E se Lucius tivesse morrido? Ele tinha mais de mil anos de idade, afinal. Supostamente, Corvo o enfeitiçara para viver para sempre, mas não havia garantia. Quanto tempo um corpo poderia durar, considerando centenas de anos de bebedeira?

Por outro lado, talvez a bebida de Lucius servisse como uma espécie de conservante.

Quando Han se aproximou da velha cabana, Cão o recebeu no pátio, balançando o rabo animadamente, parecendo feliz de ter visita.

— Ele está aí dentro? — perguntou a Cão, que obviamente não respondeu, mas roncões altos ecoavam da cabana.

Han se ajoelhou e fez carinho nas orelhas de Cão. O cachorro estava com uma aparência negligenciada, as costelas visíveis sob o pelo maltratado. Han levou o pote de água até o riacho e encheu-o. Cão tomou alguns goles por educação.

Han bateu na porta.

— Lucius! Sou eu, Han Alister. Você está aí? — Ele esperou e bateu de novo. — Lucius! Preciso falar com você.

O ronco foi interrompido abruptamente. E substituído por xingamentos.

— Lucius!

— Espere! — gritou Lucius. — Você acorda um homem no meio da...

— Estamos no meio do dia — interrompeu Han. — Só para você saber.

Ele ouviu barulho de movimento e o som de alguém urinando em um penico. Por fim, Lucius abriu a porta.

O velho perdera a aura respeitável que tinha adquirido nos últimos tempos. Parecia mais descuidado, mais maltrapilho do que antes, como um jardim abandonado. Estava mais magro do que nunca, combinando com o cachorro, os braços e as pernas ossudos por baixo das roupas. Esticou a mão nodosa e trêmula para Han. Fedia a bebida e a falta de banho.

— Lucius — sussurrou Han. — O que aconteceu?

— Não adianta, garoto — disse Lucius, limpando os olhos enevoados. — Por mais que eu beba, sempre acabo acordando.

Claro que as tavernas não estavam recebendo o produto. Ele estava consumindo tudo.

— Venha — chamou Han, segurando o braço do homem. — Vamos fazer uma limpeza em você.

Lucius se afastou e balançou a cabeça.

— Vá embora. Vá e não volte.

— Quero conversar com você. Ou melhor, outra pessoa quer.

Ao ouvir as palavras de Han, Lucius parou, ofegando.

— É ele, não é? Alger. Ele quer me ver, depois de todos esses anos.

— Isso mesmo. Ele me pediu para levar você a Aediion. Tem algumas perguntas, e achamos...

Mas Lucius se afastou cambaleando pela encosta até o riacho. Depois de um momento de hesitação, Han correu atrás dele, com Cão logo atrás.

Lucius entrou no riacho, seguiu até o meio e afundou.

— Lucius!

Han entrou atrás dele. O riacho não era muito fundo, então não foi difícil encontrá-lo. Han segurou os braços dele e o puxou, gemendo e protestando, até a margem.

— O que está fazendo? Ficou de miolo mole?

Han o prendeu no chão, com Cão tentando se enfiar entre os dois.

— Não se preocupe — disse Lucius, tossindo água e com o cabelo branco e fino caindo no rosto. — Não corro o risco de me afogar, infelizmente.

Aos poucos, ele parou de lutar. Han relaxou o aperto.

— Me desculpe — disse Lucius. — Eu sempre soube que esse dia chegaria, mas você me pegou de surpresa, e acho que entrei em pânico.

O mergulho no riacho parecia ter transformado o homem. Ele ainda estava maltrapilho, mas a voz e a atitude de sangue azul estavam de volta.

— Não vou obrigar você a falar com Waterlow, se não quiser.

Lucius suspirou profundamente e se sentou.

— Não. Está na hora. Vou falar com ele. Alger precisa saber a verdade. Vamos fazer isso logo, antes que eu perca a coragem.

— Não quer voltar para casa? — perguntou Han. — Para se secar um pouco?

— Vamos para a destilaria. A casa não está em condições de receber visitas agora.

Han o ajudou a se levantar, e eles contornaram a casa até a cabana que já visitara muitas vezes.

Grandes barris borbulhavam delicadamente ao fundo, engrossando o ar com a fermentação. Han e Lucius se secaram e se sentaram de pernas cruzadas no chão, os joelhos se tocando. Han colocou uma das mãos no amuleto e segurou a de Lucius com a outra.

Cão observava ansiosamente da porta, ganindo.

Com os dedos úmidos no amuleto, Han entoou o feitiço, e eles entraram em Aediion.

Han se materializou primeiro, com o traje que costumava usar para suas audiências com Corvo.

Corvo tinha preparado o local para aquele encontro histórico. Estava na praça de Mystwerk, à sombra de uma árvore da qual Han não se lembrava. As torres do Salão Mystwerk subiam em direção ao céu. Han estreitou os olhos quando se deparou com a construção, tentando entender o que havia de diferente.

Ah. As novas alas não estavam lá. A Biblioteca Bayar ainda não tinha sido construída.

Corvo parecia esperar havia um tempo. Estava agitado, com expressão apreensiva e ansiosa. As roupas ficavam mudando, de vestes de aluno a trajes elegantes de realeza, terminando em uma roupa sóbria e preta, com os corvos de Waterlow por cima.

Depois de um momento, o ar tremeluziu, e uma terceira pessoa se materializou. Era Lucius, mas ele não tinha se arrumado para o encontro. As roupas estavam maltrapilhas e manchadas, o cabelo e a barba estavam malcuidados. O rosto estava cheio de rugas, como uma cama desarrumada. Mas os olhos estavam diferentes, não mais leitosos e cegos, mas de um castanho vívido e lúcido.

Corvo franziu a testa e olhou para Han como se ele tivesse se enganado.

— Esse é Lucas? Não pode ser.

— Oi, Alger — disse Lucius, com voz trêmula. — Você está exatamente como eu lembro. Antes de que torturassem você até a morte.

Corvo deu um passo à frente e esticou a mão.

— É você. Eu não esperava que os anos tivessem sido tão... cruéis.

— Acho que você nunca pensou nas vantagens de morrer jovem. — Lucius fez uma careta e se virou para Han. — Agora finalmente vejo como você é, garoto. Parece com Alger, de verdade.

— Mas... mas você é um *bêbado* — disse Corvo, olhando para as garrafas aos pés de Lucius. — Não entendo.

— Eu sempre gostei de bebida. Lembra que a gente...

— Não. — Corvo balançou a cabeça. — Não. Não assim. O que aconteceu com você?

— Cuidado com o que deseja — murmurou Lucius. — Eu queria que você visse o preço que paguei pela vida eterna. Tinha esperança de despertar sua piedade. Mas talvez isso torne nossa conversa mais fácil ...

A imagem dele tremeu, mudou, ficou mais alta, mais ereta, mais larga nos ombros, até Han ver diante de si um homem jovem, com cabelo sedoso, castanho-avermelhado, e um corte antiquado. A roupa solene de estudante era como a de Corvo, mas as estolas tinham chaves cruzadas.

No entanto, alguma coisa no rosto dele era familiar: a largura do nariz, o formato do queixo. Era uma versão bem mais jovem e civilizada do homem velho que Han conhecia como Lucius.

— Ah — disse Corvo, com o rosto iluminado. — É assim que me lembro de você. — Ele segurou os ombros de Lucius. — Não dá para explicar quanto é bom vê-lo. Quero fazer tantas perguntas...

O jovem Lucius mexeu no cabelo, agora volumoso, e umedeceu os lábios. Han quase enxergava a coragem dele desaparecendo.

— Tem certeza de que não quer deixar para lá? A verdade vai mesmo fazer diferença, depois desse tempo todo?

— Acho que vai — respondeu Corvo. — Você está vivo há mil anos, e eu estou morto, e nenhum de nós conseguiu seguir em frente. Fui demonizado e Hana foi santificada, e você é a única pessoa viva atualmente que sabe que nenhuma dessas histórias é verdade.

— Não. Hana não era santa e você não era demônio. Você era humano, só isso, e ambicioso, e confiou nas pessoas erradas. — Ele inclinou a cabeça e massageou a testa. Por fim, ergueu o rosto, os olhos marejados. — Vou responder a qualquer pergunta que queira fazer e vou falar a verdade, com uma condição.

Corvo inclinou a cabeça, parecendo intrigado com o desconforto de Lucius.

— Por que você...? — Ele parou e assentiu. — Tudo bem. Qual é?

— Se eu falar a verdade, você tira essa maldição de mim?

— Que maldição? — perguntou Corvo, intrigado.

— Essa maldição de viver para sempre. Já chega para mim. Não quero mais isso.

Corvo deu de ombros.

— Estou morto. Não tenho poder. Não consigo conjurar nada fora de Aediion.

— Você tem o conhecimento. E o garoto tem o poder. Vocês podem trabalhar juntos. Desfaça. Por favor. É tudo que peço.

Era perturbador ouvir a voz de Lucius no corpo daquele jovem.

— Não! — protestou Han. — Não vou ajudar a matar você.

Lucius se inclinou e olhou nos olhos de Han.

— Imagine, garoto, se você tivesse que viver para sempre, com toda a sua culpa e seus arrependimentos, e não houvesse como fugir, nunca. Imagine isso e pergunte a si mesmo: não seria piedoso se alguém lhe desse uma saída?

— Não — disse Han, menos convicto.

Lucius tocou seu braço.

— Por direito, eu devia ter morrido um milênio atrás.

— Tudo bem — concordou Corvo. — Claro que vou retirar o feitiço, se é o que você quer. Depois que conversarmos. Se o “garoto”, como você o chama, concordar.

Ele lançou um olhar de advertência a Han.

Lucius sorriu, parecendo mais feliz do que em qualquer outra ocasião que Han tivesse visto.

— O que você quer saber?

— Venha. Vamos nos sentar — chamou Corvo, como se estivesse tentando se agarrar ao momento e deixar o velho amigo à vontade.

O cenário mudou, e eles estavam na Rua da Ponte, no lado de Mystwerk. Devia ser perto do solstício de inverno, pois o ar estava frio e seco. Corvo seguiu na frente para uma taverna cheia de alunos usando trajes antiquados. Todos magos, supôs Han, pelos amuletos cintilando no pescoço.

Encontraram uma mesa perto da lareira e cada um se acomodou em uma cadeira. Três canecas de cerveja apareceram.

Corvo tomou um longo gole e olhou ao redor.

— Isso traz lembranças, não traz? Às vezes eu desejo nunca ter saído da academia.

Lucius se mexeu na cadeira e limpou as mãos na camisa, sem tocar na cerveja. Obviamente, não tinha intenção de relembrar nada.

Corvo suspirou.

— Muito bem. Só tem uma pergunta que me incomoda desde o cerco a Lady Gris. Por que Hanalea me traiu?

Lucius começou a balançar a cabeça, mas Corvo continuou falando.

— Ela disse alguma vez o que a fez mudar de ideia? Hana disse que me amava, apesar de quase todo mundo importante estar contra nós. E... e teríamos vencido, essa é a questão. Eu *sei* que teríamos.

Parecia que Corvo estava tentando convencer Han e Lucius.

— Estávamos bem fortificados, armados e tínhamos o arsenal a nossa disposição, se precisássemos. Tínhamos expulsado todas as outras pessoas da montanha. Quase todas as vozes jovens do Conselho nos apoiavam. Os Bayar eram inteligentes o bastante para saber que, se ficassem batendo com a cabeça nas paredes de Lady Gris, sairiam machucados. Eles teriam aceitado negociar, mais cedo ou mais tarde.

— Alger — disse Lucius, com voz rouca e estranha. — Você entendeu tudo errado.

— E eu teria negociado com eles — prosseguiu Corvo. — Você sabe disso, não sabe?

— Depois de humilhá-los — disse Lucius, deslizando os dedos pelas estolas. — Depois de ter dado uma lição que eles jamais esqueceriam.

Por um longo momento, Corvo apenas encarou Lucius.

— Acho que isso foi merecido — sussurrou ele. — Mas tudo que eu queria era Hana. Fiz o que fiz porque era o único jeito de ficarmos juntos. E ela me traiu. — A voz dele falhou. — Então... os Bayar a convenceram? Ou a chantagearam, usando alguém de refém... alguém querido dela? Ou eu me enganei completamente sobre ela?

Ele esfregou os olhos, depois olhou para o amigo.

— Você nunca se enganou sobre Hanalea — disse Lucius. — E ela nunca traiu você. Eu traí.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Verdade ou mentira

Por um momento, a cena da taverna sumiu, se dissolveu, quando Corvo perdeu o foco. Trechos de outras imagens surgiram: um salão de baile elegante, uma dança de sangues azuis, uma orquestra tocando ao fundo.

Uma câmara de pedra, não, um calabouço profundo, cheio de instrumentos de tortura, com sangue no chão e nas paredes.

Uma estufa, com pétalas de rosas espalhadas por um caminho de pedras.

As imagens sumiram, e, de forma repentina e perturbadora, Corvo, Lucius e Han se viram sozinhos em uma paisagem desolada e vazia, com vento frio uivando ao redor.

— Você? — Corvo se partiu, espiralou, voltou a tomar forma. — *Você* me traiu? Não acredito.

— Acredite — disse Lucius. — Porque é a verdade. Eu traí você não só uma vez, mas várias.

Corvo encarou Lucius com confusão, dor e raiva surgindo no rosto.

— Mas... você era meu amigo. Eu confiava em você. Eu... eu...

A imagem dele se agitou, aumentou em tamanho, brilho e ameaça até que se tornasse o que poderia ter sido o Rei Demônio

das histórias.

Lucius o fitou, tremendo, mas sem parar de incitá-lo.

— Vamos, Alger. Me mate agora e acabe com isso. Você sabe que quer e sabe que eu mereço.

Corvo segurou Lucius pelo pescoço, erguendo-o até tirá-lo do chão. O rosto de Lucius ficou roxo e os olhos se esbugalharam. Corvo o sacudiu como a uma boneca de pano.

— Eu culpei Hanalea esse tempo todo. Dei crédito aos Bayar. Por que nunca pensei em você?

Ele jogou Lucius no chão com força e o chutou furiosamente. Conjurou uma grande pedra e levantou-a acima da cabeça.

Han estava de pé, paralisado, mas então deu um pulo e derrubou a pedra.

— Alger! Não! Isso é perda de tempo. Você sabe que não pode matá-lo.

O rosto de Corvo estava branco como papel, e os olhos pareciam feitos de carvão.

— Talvez não, mas vou gostar de tentar.

Ele tentou contornar Han, que pulou para o lado e o impediu de chegar a Lucius.

Quando Corvo repetiu o gesto, Han lhe deu uma rasteira, fazendo-o cair de costas. Seu ancestral podia ser um mago talentoso, mas não era bom em luta de rua.

— Estou avisando, Alister — disse Corvo, levantando-se. — Saia do meu caminho.

Lucius inspirou com dificuldade.

— Ajude-o, garoto! Ajude-o a acabar comigo.

Han o ignorou e se concentrou em Corvo.

— Me escute. Você esperou mil anos por respostas. Não quer ouvir o que ele tem a dizer?

— Não! — berrou Corvo. — Não quero ouvir desculpas.

— Então *me* conte — disse Han para Lucius, ainda mantendo os olhos em Corvo. — É meu legado também. Quero saber o que

aconteceu. Nenhum dos dois vai conseguir o que quer enquanto eu não souber.

Os dois olharam com raiva para Han, que se empertigou e cruzou os braços.

— E então? Você disse que contaria a verdade. Como pôde se voltar contra seu melhor amigo?

Lucius suspirou, se sentou e abraçou os joelhos.

— Você venceu. Vou lhe contar sobre o jovem Alger. — Lucius fez uma pausa e organizou os pensamentos. — Ele era o mago mais brilhante que já conheci, e também o mais forte quando o assunto era *flash*. Era bonito e encantador, e quando decidia fazer uma coisa, ninguém era capaz de impedi-lo. — Ele engoliu com dificuldade, como se estivesse tomando um remédio ruim. — Parecia injusto que ele tivesse todos esses dons. Alguns diziam que ele era arrogante, e era mesmo. Outros reclamavam que era impiedoso e ambicioso, e tinham razão.

“Mas eu? Viver à sombra dele me bastava; sentia orgulho de me aproveitar de sua fama. E sempre havia garotas por perto; elas corriam para ele como abelhas para o mel. Algumas até acabavam ficando comigo.”

Han encarou Corvo, que ouvia tudo com olhos estreitados e punhos cerrados.

— Em resumo: Alger era duro com os inimigos, mas eu nunca tive um amigo mais leal. — A voz dele falhou.

— Ao que parece, você não sentiu obrigação de retribuir. — O tom de Corvo era gelado. Ele se sentou e se acomodou, como se estivesse resignado a esperar a longa história.

Lucius deu de ombros.

— Eu *não era* ambicioso, e por isso mesmo nós combinávamos. Só tinha uma coisa no mundo que eu queria, uma coisa que desejava mais do que tudo. Uma coisa que eu sabia que jamais teria. — Ele esfregou o queixo e olhou para Han. — Hanalea. Eu a amava bem antes de eles dois se conhecerem.

— Hanalea! — repetiu Corvo, perplexo. Ele se virou para Han. — É mentira. Eles só se conheceram quando eu os apresentei.

— Meu pai era oficial na corte — disse Lucius, ainda se dirigindo a Han. — Passei a infância em Fellsmarch e via muito a família real. Eu era apaixonado por ela desde que soube o que era amor. A princípio, amor de *lytling*, e depois obsessão adolescente. Sabia que ela estava fora do meu alcance. Ela era a rainha, e todos sabiam que se casaria com Kinley Bayar.

— Ele nunca a mencionou — disse Corvo para Han. — Como eu poderia saber?

— Não havia motivo. Era um sonho impossível, uma fantasia, constrangedora de se contar. Eu não era tolo como ele.

Lucius inclinou a cabeça na direção de Corvo.

— Tolo... como eu? — murmurou Corvo, parecendo um pássaro zozzo depois de bater de cara em um muro.

— Ele não era como as outras pessoas — continuou Lucius. — Não acreditava em coisas *impossíveis*. Vinha de uma Casa menos importante que a minha, mas tinha toda a confiança do mundo. Se havia obstáculos, ele encontrava um jeito de contornar, passar por cima ou atravessar.

É algo que já ouvi gente dizendo sobre mim, pensou Han.

— Quando descobri que Alger estava cortejando Hanalea escondido, eles já estavam completamente apaixonados. — Lucius riu com deboche. — Achei que ele tivesse me traído ao não contar, de algum jeito. Não que eu pudesse concorrer com Alger. Mas eu não estava pensando racionalmente.

— Lucas foi a primeira pessoa para quem contei. A única pessoa que soube, por muito tempo. Precisávamos de um mensageiro, uma sentinela, alguém que nos ajudasse. E ele parecia *querer* ajudar.

— Eu tinha fome de cada migalha do prato dele, qualquer detalhe que quisesse me contar. E tinha muitos, até demais. Mas cada beijo, cada abraço me perfurava como uma flecha. Fiquei louco de ciúmes.

— acredite em mim, Alister, eu não fazia ideia disso.

Corvo massageou o alto do nariz.

— Claro que não sabia — disse Lucius para Han. — Ele estava tão envolvido com Hanalea que não reparou. Além do mais, estava ocupado com outras coisas. Conseguiu ser eleito para o Conselho dos Magos e construiu aquela fortaleza em Lady Gris, com todos aqueles túneis. — Ele fez uma pausa. — Até escondeu o arsenal sem ninguém saber, só eu.

“Alger estava trabalhando em um plano. O Conselho não sabia nem de metade do que ele estava tramando, mas já morria de medo.”

Lucius finalmente olhou para Corvo. — Lembra que nós debochávamos da velha guarda? Havia um grupo de magos jovens e poderosos que eram leais a você. Inclusive eu. Ou era o que você pensava. Mas todo aquele poder estava subindo à sua cabeça, e quem poderia imaginar como terminaria?

— Você era meu melhor amigo. Não lhe ocorreu conversar comigo sobre tudo isso?

— Eu tentei, e várias vezes. Você não queria conselhos. E, depois disso, guardou mais e mais segredos de mim.

Corvo abriu a boca para argumentar, mas balançou a cabeça e fez sinal para Lucius prosseguir.

— Então eu dei a dica aos Bayar de que você e Hanalea estavam juntos. Eles trancaram Hana nos aposentos dela até poderem casá-la com Kinley e você sofrer um acidente infeliz. Mas não, você também tinha se planejado para isso. — Lucius olhou para Han. — Ele já tinha feito um túnel até o quarto de Hanalea para poder entrar e sair, mas não tinha me contado.

— Nós fugimos — explicou Corvo para Han. — Encontramos um orador para nos casar e nos refugiamos em Lady Gris.

— Então nada é verdade — disse Han, pensando na dança em Pinhos Marisa. — Não houve sequestro. Não houve tortura. Nada disso.

— O único torturado foi Alger, depois. — Lucius deu uma gargalhada rouca e amarga. — Eu soube naquele momento que ele tinha vencido, mesmo com os Bayar e seus aliados ainda resistindo. Achei que uma hora descobriria quem tinha traído sua confiança. E não consegui suportar o fato de ele ter o que eu queria tanto.

“Disse a mim mesmo que nenhum mago devia ter tanto poder, que ele era um perigo para os Sete Reinos. E era, mas não da forma que as pessoas esperavam.

“Então eu traí Alger de novo. Levei um pequeno grupo de magos pelos túneis até o coração de Lady Gris, onde eles se esconderam e esperaram anoitecer. Depois, fui até Alger e pedi que ele me tornasse imortal.”

— Por que você pediu isso? — perguntou Han.

— Eu sabia o que podia acontecer a traidores. — Lucius fez uma careta. — E acho que sabia que a única forma de vencer Alger era vivendo mais do que ele.

— Eu não queria fazer — disse Corvo. — Nunca tinha feito antes. Não sabia o que aconteceria, se ele permaneceria jovem e saudável ou viveria velho e infeliz. Supus que precisaria de um fluxo constante de poder para se manter vivo. Achava que seria um erro.

— E foi. Há coisas piores do que a morte, como ficar preso em uma vida que não vale mais a pena ser vivida. Mas eu insisti. — Lucius suspirou. — Quando ele realizou meu pedido, deixei de ser mago, pois todo meu poder era consumido para me manter vivo. Ele foi capturado, preso e jogado no calabouço da Casa Aerie.

Lucius se virou para Corvo.

— Kinley disse que foi Hanalea quem o traiu porque não suportava o fato de ela amar você e não a ele.

— Eu não queria acreditar, mas não imaginava o que mais poderia ter acontecido. Ele me provocou com detalhes sobre nosso... sobre nós, que só Hana poderia ter contado.

— Só Hana e eu, seu melhor amigo. Mas eu não sabia onde estava o arsenal. — Lucius olhou para Han. — Ele foi esperto o

bastante para não me contar.

— Nunca contei a ninguém — disse Corvo. — Ainda tinha esperança de que meu casamento com Hana fosse aceito e pudéssemos ficar em paz.

— Claro — respondeu Lucius. — Ele sempre foi otimista assim. Os Bayar só o mantiveram vivo porque estavam loucos para descobrir onde ele tinha escondido o arsenal. Então, de alguma forma, Alger conseguiu o amuleto de volta.

— Falei para eles que precisava do amuleto para conjurar a passagem até o arsenal. Quando me entregaram, eu me escondi dentro dele, sob proteções tão poderosas que eu sabia que jamais conseguiriam me obrigar a sair. Deixei o corpo para trás, torcendo para que pensassem que eu estava morto.

— Cortaram você em pedacinhos — disse Lucius. — Obrigaram Hanalea a assistir, e ela quase enlouqueceu. De alguma forma, a convenceram de que foi ela quem fez aquilo, que destruiu o demônio que a sequestrou. Os revisionistas já estavam trabalhando.

“Enquanto isso, os Bayar ainda estavam tentando descobrir o segredo do amuleto, para poderem encontrar o arsenal. Mas o que você fez ia além das capacidades deles. Não conseguiram desfazer. No final, as tentativas de quebrar o amuleto Waterlow quase destruíram o mundo.

Corvo assentiu.

— Alister me contou sobre isso. O que exatamente aconteceu?

— A energia liberada deflagrou uma cadeia de eventos. Terremotos, erupções vulcânicas, tempestades e inundações. Milhares morreram, e os desastres só aumentaram. Até o Conselho dos Magos ficou sem saber o que fazer, além de culpar você.

Corvo balançou a cabeça.

— Dá para imaginar. Muita energia, toda a energia que eu tinha, foi colocada naquela barreira. Eu estava determinado a ficar fora do

alcance dos Bayar; a impedir que não tivessem sucesso nisso, pelo menos.

— A Cisão — sussurrou Han, perplexo. — Os Bayar a provocaram? Não você?

— Por que está surpreso? — Corvo voltou os olhos azuis para Han. — Sua experiência já devia lhe dizer; eles são mestres em botar a culpa nos outros.

Han pensou em como devia ter sido para Alger Waterlow, preso em um amuleto por mil anos, vítima de muitas mentiras e incapaz de se fazer ouvir.

— O mundo sobreviveu — observou Corvo. — Como fizeram parar?

— Até os Bayar ficaram com medo, então finalmente permitiram que Hanalea pedisse ajuda aos clãs.

— Aos clãs? Ah, você quer dizer os cabeças de fogo? — Corvo franziu o nariz. — É mesmo? Eles eram... párias... pelo que lembro.

— Marginalizados pelos magos — afirmou Han. — Eles reconquistaram poder por causa da Cisão. Fizeram parar com magia da terra. Sempre tiveram uma ligação mais próxima com o mundo natural do que nós. O preço deles foi o controle do Conselho dos Magos. Hanalea e os clãs das Espirituais chegaram a um acordo, o que chamamos de Naéming. Os magos não mandam mais.

— Mas querem mandar — interveio Lucius. — Ainda querem, e das piores maneiras.

— Você não contou... Como acabou se casando com Hana? — perguntou Corvo. — Por que ela não se casou com Kinley?

— Hanalea desprezava Kinley Bayar. Apesar de se culpar pela sua morte, ela sabia que o verdadeiro responsável era Bayar. E sabia que estava esperando um filho seu. Percebeu que Bayar jamais permitiria que qualquer criança Waterlow sobrevivesse e estava determinada a salvar o filho, ou filhos, na verdade. Eu era seu melhor amigo e ela não sabia o que eu tinha feito. Então, me procurou e pediu que eu matasse Kinley Bayar.

— Hana fez isso? — perguntou Corvo.

Lucius assentiu.

— Ela era forte, mais forte do que qualquer outra pessoa que conheci. Eu concordei na mesma hora, mas com uma condição: que ela se casasse comigo. Eu criaria seu filho como meu e protegeria o segredo dela. A melhor parte era que, se eu matasse Kinley, Hanalea jamais precisaria saber a verdade.

— Mas... você não era mais mago. Como conseguiu?

— Não foi muito difícil. Magos tendem a se concentrar demais em ataques mágicos. Kinley nunca pensou em veneno. — Lucius balançou a cabeça de um jeito arrependido. — Era uma morte bem fácil, mas precisava fazer parecer natural. Os clãs fabricavam venenos excelentes já naquela época.

“Então Hanalea e os clãs acabaram com a Cisão. Ela não sabia sobre o amuleto e não sabia que você não tinha sido a causa. Os Bayar contaram a versão deles da história, e você levou toda a culpa. Eu nunca lhe defendi.

“Mesmo assim, parecia que eu tinha tudo com que havia sonhado. Me casei com Hanalea, era rico e sabia que viveria para sempre. Mesmo que Hanalea desconfiasse de mim, nunca me confrontaria, porque eu sabia um segredo terrível dela: quem era o verdadeiro pai de seus filhos.

“Depois que os bebês nasceram, ela só teve olhos para eles. Eram tudo que ela tinha de você, Alger. Ela nunca me amou. E fiquei de fora de novo.”

Lucius deu um suspiro profundo, como se libertasse os últimos demônios.

— Eu traí você e Hanalea mais uma vez. Falei para os cabeças de fogo quem era o pai de Alister e Alyssa.

Corvo se enfureceu de novo. O calor que ele emanava fez a pele de Han arder, e ele teve de proteger os olhos contra a luz intensa.

— Você diz que amava Hana. Então como pôde fazer uma coisa tão desprezível?

Lucius se encolheu.

— Pensei que se as crianças fossem tiradas dela, Hanalea esqueceria você e os bebês e poderíamos ter nossa própria família. Mas eu estava enganado. — Lágrimas surgiram nos olhos de Lucius. — Hanalea jurou que se mataria se fizessem mal aos filhos. Jurou que jamais teria outro filho, nem comigo nem com mais ninguém. Iniciaria uma guerra civil que destruiria o que tinha sobrado dos Sete Reinos. Ela não hesitou, e os clãs acreditaram. Eu acreditei.

— Então... Hana me amava — disse Corvo, com uma espécie de estupefação melancólica. — Amava mesmo.

— Amava mesmo — confirmou Lucius. — E os clãs finalmente aceitaram que Alyssa seria herdeira do trono Lobo Gris. Alister seria levado, mas bem cuidado. Todo mundo continuaria fingindo que Alyssa era minha filha. Hanalea nunca me perdoou. Nunca mais me recebeu em sua cama. — Lucius olhou para Corvo. — Não há como devolver tudo que tirei de você e Hanalea. Não tem como desfazer o que foi feito, como devolver sua vida. Só posso dizer que sofri pelo que fiz, mais do que você imagina.

— Ah, acho que consigo imaginar — disse Corvo. Ele se levantou e andou de um lado para outro. Parecia mais abalado por aquelas revelações do que por qualquer coisa que vivera antes. — Estou trancado em um amuleto há mil anos, sem meios de escapar, e durante todo esse tempo acreditei que fui traído pela mulher que amava. E agora que sei a verdade, não tenho como recuperar aqueles anos.

— Hanalea nunca deixou de te amar. Ela amou você e seus filhos até morrer. Até de Alister ela sempre cuidou. Se disfarçava para visitá-lo. Cuidava para que tivesse professores e livros. Só depois que ela morreu a linhagem de Alister... hã... entrou em declínio.

— E você não fez nada — disse Corvo, a voz forjada em aço.

— Os clãs se encarregaram dos Alister, eu não. Passei anos tentando beber até morrer, mas seus feitiços sempre foram indestrutíveis. — Lucius riu com amargura. — Por fim, me mudei

para Hanalea, querendo desaparecer, e um dia o garoto bateu na minha porta. Queria saber se eu precisava que ele trouxesse ou levasse alguma coisa da cidade. Soube que ele era seu quando mencionou os braceletes. Estava tentando encontrar alguém que os retirasse.

— Braceletes? — repetiu Corvo, olhando de Lucius para Han. — Como assim?

Han ergueu as mãos e mostrou os pulsos.

— Os clãs colocavam braceletes nos seus descendentes magos para impedir que usássemos o poder para o mal. Foi parte do acordo com Hanalea.

Lucius assentiu.

— Então lá estava ele. E cada vez que abria a boca, eu ouvia sua voz, mesmo com aquele sotaque de Feira dos Trapilhos, mesmo depois de todo o sangue da plebe ter se misturado ao longo dos anos.

“E pensei que talvez eu pudesse ajudar um pouco. Dei um trabalho a ele. Apesar de não conseguir mais ler, comprei livros e o paguei para ler para mim, e ele leu com destreza, como se tivesse sido feito para aprender. Achei que o garoto podia subir na vida. Quando ele recuperou seu amuleto dos Bayar, eu não sabia se ficava feliz ou triste. Mas percebi na hora que as coisas iam mudar. E mudaram.”

Lucius sabia tudo isso e não me contou, pensou Han com amargura. Quantas tragédias poderiam ter sido evitadas, a começar com mamãe e Mari, se eu não estivesse tateando no escuro? Ele me deixou seguir na ignorância enquanto bebia, planejava e guardava segredos.

— E por que não me contou nada? — perguntou Han.

— Fiquei com vergonha — disse Lucius, baixando a cabeça. — Eu era só um velho bêbado, mas você sempre me tratou com respeito. Era leal, o ladrão mais honesto que já conheci. E o mais próximo

que tive de um amigo em muito tempo. Fui fraco demais para abrir mão disso.

— Bem, pelo menos você é consistente — murmurou Han. — Consistente na forma como trata os amigos.

— Não tenho como discutir. — Lucius se voltou para Corvo. — Se não houver mais nada, pode fazer o que prometeu? Pode me deixar partir?

— Por que eu deveria dar o que quer? Você estragou minha vida. Tirou de mim tudo que amei. O que exatamente devo a você agora?

— Nada. Absolutamente nada. Mas tenho esperança de você ainda ser o Alger que eu conheci. E aquele Alger acabaria com meu sofrimento.

— Não. Aquele Alger foi um tolo que confiou nos amigos. Acho que você precisa de mais mil anos para pensar no assunto.

— Esperem — disse Han.

Corvo e Lucius se viraram para olhá-lo.

— Eles só vencem se conseguem mudar você.

— O quê? — Corvo estreitou os olhos.

— Por mil anos, tentaram transformar você em um demônio.

— Com sucesso, ao que parece.

— Não. — Han balançou a cabeça. — Só se você aceitar. A questão não é o que as pessoas pensam, e sim quem você é.

— Quem *você* pensa que é? — perguntou Corvo. Ele apontou com o polegar para Lucius. — Por que o defenderia?

— Porque mantê-lo infeliz não torna minha vida melhor. Mesmo que tornasse, não sei se eu faria essa troca.

— Ah, eu talvez fizesse — disse Corvo.

— Acho que não — respondeu Han.

Os dois se encararam por um longo momento, mil anos de sangue e história entre eles.

A expressão obstinada de Corvo se atenuou gradualmente e virou um sorriso. Ele esticou a mão e tocou a bochecha de Han com

as pontas dos dedos.

— Eu precisaria de sua ajuda para quebrar o feitiço. Como sabe, não tenho mais *flash*.

— Eu sei — disse Han, olhando para Lucius. *Não vou matá-lo*, disse para si mesmo. *Não é bem isso*.

— Se me deixar entrar em sua cabeça, eu posso fazer o feitiço — disse Corvo. — Não precisa ser você. Mas... talvez não queira correr esse risco.

O constrangimento o deixou com as bochechas vermelhas.

Se Alger Waterlow consegue sentir pena de Lucas Fraser depois de tudo que ele fez, pensou Han, *talvez eu possa confiar nele*.

— Acho justo que você faça o feitiço para libertar Lucas. Vamos voltar e fazer juntos.

Ele segurou as mãos de Lucius e falou o feitiço, depois abriu os olhos no interior escuro da destilaria, com o sol entrando pelas rachaduras no telhado e nas paredes. Em frente a ele, Lucius abriu os olhos e sorriu.

Eles saíram para a luz do sol. Cão enfiou a cabeça entre as pernas do homem idoso, e Han o segurou pelo braço e o impediu de tropeçar.

Os dois se sentaram à margem do Riacho da Velha, onde já tinham se sentado várias vezes antes. Cão se deitou aos pés deles, ofegando. Han segurou o amuleto que já tinha sido de Corvo, no qual ele se refugiara muitos anos atrás.

Lucius ficou esperando, como se aguardasse um presente.

Han umedeceu os lábios.

— Você está aí, Alger?

Estou, disse Corvo em sua cabeça.

Han baixou as barreiras mentais e sentiu Corvo se aproximando, como se reocupasse terreno familiar.

Esticou a mão na direção de Lucius e falou um feitiço que nunca tinha ouvido antes.

Poder ondulou entre eles quando os canais se abriram. Um brilho envolveu Lucius Frowsley, deixando-o iluminado como um dos santos nos quadros do templo da catedral. O rosto conhecido do homem idoso parecia arder — o emaranhado de cabelo grisalho e crespo, a pele amarelada coberta de barba. O brilho se apagou e revelou o Lucius mais jovem, com um sorriso ansioso ao olhar para o céu.

Então a imagem se estilhaçou, virou poeira, se dissipou no vento que soprava em Hanalea. Brilhou por um momento no sol poente e sumiu.

Cão ganiu e se escondeu atrás das pernas de Han.

— Lucius — chamou Han, hesitante. Demorou um momento para perceber que tinha falado em voz alta. Estava no controle da própria voz novamente. — Corvo? Corvo, você ainda está aqui?

Eu já disse para me chamar de Alger, disse Corvo em seu ouvido. E sumiu.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Provas e alegações

Raisa andou de um lado para outro da sala de estar.

— Você está pulando como um gato em um fogão a lenha — disse Cat, erguendo o olhar da basilka.

— Se Han Alister trabalha para mim, então onde ele está? — resmungou Raisa.

— Ele *está* trabalhando para você. Só não está trabalhando para você *aqui*.

— Ele disse que tinha coisas a fazer em Hanalea. O que ele poderia estar fazendo lá? Ele é mago. Não pode nem entrar em Hanalea.

— Aonde ele pode ir e aonde ele vai nem sempre são a mesma coisa.

— Tenho sorte se o vejo um dia a cada três.

Han desaparecera no dia seguinte ao incêndio em Feira dos Trapilhos, e Raisa não o via desde então. Precisava falar com ele, contar as acusações de Micah, pensar em algum tipo de resposta.

— Você seria sincera comigo, se eu fizesse uma pergunta? — indagou Raisa.

Cat a olhou por cima da escala. Estava tentando transcrever uma música que compusera. Estava com tinta na ponta do nariz e nos

dedos.

— Não garanto que vou responder, mas, se eu responder, vou falar a verdade.

Raisa se sentou em frente a ela, mexendo no anel de lobo.

— Por que ele ainda está aqui? Sei que ele fez um acordo com os clãs, mas isso não quer dizer que precise cumpri-lo. Han poderia ir para onde quisesse, e nunca ficaria sem dinheiro, sendo um mago. O que ele realmente quer?

— Eu não tenho certeza — respondeu Cat. — Ele nunca mostra as cartas. Mas, se eu fosse tentar adivinhar, diria que o que ele quer é *você*.

— Eu? — Raisa encarou Cat. — Para quê?

Cat estreitou os olhos.

— Talvez a gente precise ter uma conversinha... — disse ela, arqueando as sobrancelhas.

— Mas quase não o vejo desde a coroação. Ele parece tão distante, às vezes. E nós nem... quer dizer... ele não demonstrou nenhum... nem quando eu...

Com as bochechas pegando fogo, Raisa desistiu de falar.

— Nunca vi um dono da rua como Algema, quando o assunto é estratégia — disse Cat, colocando a basilka de lado. — Ele consegue olhar para o futuro e esperar pelo que quer. Por isso que é tão bom nessas coisas. Todo mundo, mais cedo ou mais tarde, se metia em confusão por não ter se planejado. E Algema estava sempre esperando. — Cat franziu a testa. — Jemson falava sobre isso. Chamava de... hã... recompensa adiada, apesar de eu achar que ele não tinha exatamente as guerras de rua em mente.

— Se ele tem planos, não contou para mim — murmurou Raisa.

— Também não contou para mim — disse Cat, flexionando os dedos. — Algema é bom em guardar segredos. Mesmo quando éramos parceiros, eu nunca sabia o que ele ia fazer. Ele não confia em ninguém. Era assim que conseguia sobreviver.

— Mas... Como posso explicar?

Raisa não conseguia decidir como dizer: *Mesmo quando eu o procuro, ele me rejeita.*

Mas Cat entendeu o que ela queria dizer.

— É ele quem se afasta, não é? Sabe que aqui é terreno perigoso para vocês. Não vai agir enquanto não achar que pode vencer.

— Mas e se isso nunca acontecer?

— Ele não vai mudar. Vai esperar para sempre, se for preciso.

Para sempre, pensou Raisa. *Não tenho para sempre. Um de nós vai acabar morrendo.*

Houve uma batida na porta. Não, várias batidas urgentes.

Não atenda, Raisa teve vontade de dizer. *Tem cara de problema.*

Mas Cat foi até a entrada.

— Quem é? — perguntou ela, ainda com a porta fechada.

A voz de Amon respondeu.

— É o capitão Byrne. Preciso falar com a rainha. É importante.

Cat olhou para Raisa.

— Deixe-o entrar, claro — disse Raisa, de mau humor. — Ele não viria aqui a essa hora da noite se não fosse importante.

Cat abriu a porta e revelou Amon. Atrás dele estava um garoto magro e pequeno com roupas maltrapilhas. E atrás do garoto estavam Pearlie Greenholt e mais três guardas.

Amon parecia sério e infeliz, como se estivesse em missão oficial, uma missão da qual não gostava. Raisa já estava lamentando tê-lo deixado entrar.

— Flinn! — disse Cat por cima do ombro de Raisa. — O que você está fazendo aqui?

Flinn arregalou os olhos quando viu Cat. Ele deu um passo atrás e se virou como se fosse fugir, mas Amon o segurou com firmeza pelo braço.

Flinn. Por que aquele nome era familiar? Onde Raisa o tinha visto?

— Você não devia estar aqui — disse Cat para Flinn. — Suas ordens foram de não dar as caras no castelo.

— Vossa Majestade, precisamos conversar em particular sobre um assunto delicado — disse Amon. — Talvez devesse nos ouvir para poder decidir quem deveria ter acesso à informação.

Ele não olhou para Cat, mas ficou óbvio a quem estava se referindo. Raisa sabia que o assunto era Han.

— Caterina, você pode nos dar licença? — pediu Raisa, indicando a porta interna. — Pode ir dormir, se quiser. Vou daqui a pouco.

Cat fez uma reverência, lançou um olhar sério para Flinn, passou pela porta e a fechou.

— Cabo.

Amon inclinou a cabeça na direção da porta e Pearlie foi tomar posição em frente à passagem.

— Eu não devia ter vindo — murmurou Flinn, plantando os pés no chão e tentando se soltar de Amon.

— Ninguém vai machucar você — afirmou Amon, puxando Flinn para o canto mais distante da porta do quarto. — Sua Majestade precisa ouvir o que você tem a dizer. — Ele apontou para o caixilho da janela. — Sente-se.

Flinn obedeceu, tremendo tanto que os dentes batiam.

Raisa se sentou ao lado dele. Embora o coração estivesse dolorosamente apertado no peito, sentia que precisava tranquilizá-lo.

— Não tenha medo. Apenas conte a verdade.

Como Flinn não disse nada, Amon falou.

— Conte para a rainha por que você me procurou. Comece do começo.

— V-vossa Eminência — falou Flinn, olhando para o colo, e Raisa precisou se inclinar para ouvi-lo — Eu era da gangue de Alister Algema, os Trapilhos. E depois que ele foi embora, fiquei com Cat Tyburn. — Ele lançou um olhar rápido na direção da porta do quarto.

Então Raisa lembrou onde tinha ouvido o nome dele.

— Mas... mas você está morto!

Era o que Han tinha contado a ela, que os Trapilhos que salvara da Casa da Guarda de Ponte Austral haviam sido assassinados.

— Eu estaria morto, mas saí da cidade até pararem de matar os Trapilhos.

— Há quanto tempo você voltou? — perguntou Raisa, querendo saber se Han tinha conhecimento disso.

— Logo depois que Algema voltou para Fells. Desde que voltei, trabalho para ele. Espionando para ele em Feira dos Trapilhos, fazendo uns roubos e invasões. Seguindo as pessoas que ele queria.

Flinn olhou furtivamente para Amon, como se estivesse com medo de estar se incriminando.

— Eu queria... eu queria me vingar dos demônios, dos bruxos que assassinaram meus amigos ano passado. E achei que trabalhar para Algema seria um jeito de fazer isso. Achei que estávamos do mesmo lado. Até outro dia. No Cão Sorridente.

— O que aconteceu no Cão Sorridente? — perguntou Amon.

— Algema me mandou buscar a garota de Lorde Bayar. A alta e assustadora, de cabelo branco. Primeiro, me fez arrastar a garota por toda Feira dos Trapilhos e Ponte Austral para não seguirem a gente. Achei que fosse armação. Pensei que ele quisesse matar a bruxa, como fez com os outros.

— O que você quer dizer com “como fez com os outros”? — perguntou Raisa.

— Os outros bruxos que ele matou.

Raisa sentiu gosto de cinzas na língua.

— Que bruxos?

— Ah, você sabe. Aqueles encontrados em Feira dos Trapilhos.

— Você está dizendo que *Lorde Alister* é quem está matando magos? — Raisa lutou para controlar a voz, para mantê-la objetiva. Para afastar a vontade de gritar “Mentiroso!”.

Flinn identificou alguma coisa no tom dela mesmo assim, e hesitou.

— Nenhum de nós estava metido nas mortes, pelo menos que eu saiba. Acho que ele não queria ninguém dando com a língua nos dentes. — Flinn coçou a cabeça. — É isso que não entendo. Ele mata os bruxos em segredo, depois deixa a marca neles. — Remexendo sob a camisa imunda, ele pegou um talismã de cobre batido com um desenho familiar. — Cajado e poder, é assim que ele chama. Se ele está tentando passar despercebido, por que faria isso?

— Por quê, não é? — murmurou Raisa. Ela não olhou para Amon, pois sabia que ele também tinha reconhecido o símbolo. — Você o viu matar alguém?

Flinn balançou a cabeça.

— Ninguém vê nada, ninguém escuta nada, a não ser que ele queira. Achei que como ele estava trabalhando para você, os casacos azuis fariam vista grossa.

— Não é porque ele está trabalhando para mim que... — Então ela percebeu o que Flinn estava sugerindo. — Espere um minuto. Está dizendo que achava que ele estava matando magos seguindo ordens *minhas*?

Flinn pareceu perplexo diante da pergunta.

— Claro. Magos mataram a antiga rainha, sua mãe, e tentaram tirar seu trono e tudo. Achei que Algema, Lorde Alister, estava agindo como a gangue rival.

— Doce Lady das Montanhas! — Raisa se levantou e andou de um lado para outro. — Você achou que Lorde Alister fosse meu assassino de aluguel?

— Foi o que eu *pensei* — disse Flinn, assentindo, parecendo alheio à agitação de Raisa. — Todos nós pensamos. Até eu descobrir que ele estava armando para matar a senhora.

Raisa se virou para encará-lo.

— *O quê?*

— Quando descobri que ele ia se encontrar com Lady Bayar, em vez de apagar ela, quis saber o que eles iam conversar. Tem uma

copa ao lado da cozinha que vai até a sala dos fundos do Cão Sorridente, e me escondi ali com o ouvido grudado na parede.

— O que exatamente você ouviu? — perguntou Raisa, com o coração dolorosamente disparado.

— Eles se encontraram como amantes na surdina, tomaram stingo e comeram sanduíches. — Depois que Flinn pegou o embalo, parecia muito disposto a falar. — Lady Bayar queria saber por que Algema ainda não tinha apagado a senhora, e ele disse que estava correndo todos os riscos e ela também precisava participar, que ele não ia fazer o trabalho sujo dela e se arriscar só para tornar ela a rainha de Fells. Ele disse que precisava que ela conseguisse mais um voto para ele no Conselho dos Magos para impedir... — Ele hesitou nesse momento, ficando vermelho, mas prosseguiu. — Para impedir que o irmão de Lady Bayar fosse para a cama com você e colocasse proteções em você. Não acompanhei direito essa parte.

— Lady Bayar não é do Conselho — disse Raisa. — Não entendo como ela poderia ajudar.

— Ele queria que ela convencesse outra pessoa. Depois, Algema disse que ia ser rei e perguntou a Lady Bayar se ela estava disposta a apagar o irmão e desgraçar o pai para os dois conseguirem o que queriam, e ela disse sim.

Flinn deixou os ombros caírem, infeliz.

— Não dava para acreditar. Não dava para acreditar que ele se apaixonaria por um dos demônios nojentos que torturou e matou Sweets, Velvet, Connor Navalha e o resto.

Mais uma vez, ele olhou para a porta do quarto.

— Agora sou um homem morto, eu acho.

Raisa queria chamar Flinn de mentiroso, mas tudo nele, a linguagem corporal, seu medo óbvio de Han, dizia que estava falando a verdade. Ou acreditava que estava, pelo menos.

— Por que você procurou o capitão Byrne? — questionou Raisa, engolindo sua angústia em seco. — Já perdeu muita coisa. Eu não o culparia se ficasse quieto.

Flinn passou as mãos pelo cabelo sujo.

— Eu estava na Casa da Guarda de Ponte Austral ano passado. Fui um dos Trapilhos presos pelo sargento Gillen. A senhora não deve lembrar, mas eu nunca vou esquecer que nos tirou de lá, que foi direto para a cela com a gente e jogou aquela tocha na cara do velho Gillen. Mesmo sendo sangue azul e tudo. — Seus ombros estreitos estremeeceram. — Arriscou sua vida por mim. Então, quando descobri o que Lorde Alister pretendia fazer, eu tinha que falar.

Quando a terrível entrevista acabou, dois Lobos levaram Flinn para um lugar seguro. Pearlie e dois outros ficaram do lado de fora.

— Ossos — disse Raisa. — Ossos sangrentos. — Ela andou de um lado para outro, enquanto Amon observava em silêncio. — Ele acha que está falando a verdade. Mas... não pode ser. Não pode ser verdade. Não quero acreditar.

Amon finalmente a segurou pelo braço e levou-a até um divã.

— Sente-se. Vai acabar se cansando.

Ele se sentou ao lado dela.

Raisa se inclinou para a frente e apoiou as mãos nos joelhos, com um nó no estômago e a mente acelerada, como um rato em uma gaiola.

— Precisamos conversar com Fiona. Vamos trazê-la e interrogá-la para ver se a história dela bate com a de Flinn... e então vamos procurar outras pessoas que estavam no Cão Sorridente naquela noite.

— Eu já falei com Fiona — disse Amon.

Raisa o encarou, se sentindo traída.

— Você... falou com ela? Sem mim?

Amon suspirou.

— Os Bayar me procuraram antes de Flinn. Lorde Bayar, Micah e Fiona.

— Ah, é? — disse Raisa, tensa. — E o que eles tinham a dizer pelas minhas costas?

— Não faça isso, Rai — pediu Amon. Ele fez uma pausa, mas prosseguiu. — Eles me procuraram preocupados com sua segurança. Fiona disse que Alister a abordou na Casa do Conselho na noite da primeira reunião. Ele alegou ser de linhagem real e disse que tinha uma proposta para ela.

— Linhagem real? Han Alister? — Raisa relembrou o dia em que o conheceu, cheio de hematomas de uma surra, com a faca no pescoço dela, falando no dialeto dos ladrões. — Que linhagem real?

— Eu fiz a mesma pergunta. Depois de enrolar, eles admitiram que ele nunca revelou. Ele só alegou que era mago com sangue real. Que era herdeiro de um legado mágico ainda maior do que o dos Bayar.

Raisa tentou entender. O pai de Han lutara em Arden. Ele podia ter algum parentesco com as famílias reais de Arden ou Tamron? Se sim, por que ele não contara para ela?

Ela balançou a cabeça.

— Não acredito.

Amon não disse nada.

— Então — Raisa se obrigou a dizer — ele fez uma proposta a Fiona...

— Ele ofereceu fazer dela a consorte. Depois que assassinasse você e Mellony e tomasse o trono.

A sensação seria a mesma se Amon lhe desse um golpe na cabeça.

— Amon, você sabe que isso não pode ser verdade — disse Raisa, nervosa. — Eu estaria morta meses atrás se o plano fosse esse. E por que Han se uniria logo a Fiona Bayar? — Ela tremeu.

— Fiona alega que ele está obcecado por ela. Que não fez nada porque queria esperar até ter controle do Conselho dos Magos para agir contra você.

Raisa procurou um contra-argumento.

— Essa conversa supostamente aconteceu no dia da primeira reunião do Conselho de Han?

— Sim — disse Amon, com cautela.

— Quando os Bayar procuraram você?

— Ontem. Por quê?

— Se Han estava falando em traição, por que Fiona não me procurou imediatamente? Por que esperou tanto tempo? Por que foi se encontrar com ele de novo? Ela levou tanto tempo assim para decidir? — A voz de Raisa foi subindo até estar quase gritando.

A expressão de Amon dizia que seus argumentos eram fracos.

— Ela disse que queria mais provas antes de falar comigo. Micah alegou que já tinha avisado sobre Alister, mas que você não quis ouvir. Os Bayar queriam que eu prendesse Alister e o levasse para interrogatório. Quando eu recusei, disseram que fariam queixa por meio do Conselho dos Magos.

— Você recusou? — disse Raisa, com uma fagulha de esperança.

— Isso foi antes de eu falar com Flinn. Eu não agiria baseado em fofoca dos Bayar.

— Os Bayar sabem? Sobre Flinn?

Raisa sabia que era errado, mas não conseguiu deixar de acalantar uma esperança de manter isso em segredo, de manter a maldita evidência longe das mãos dos inimigos de Han até ter a chance de descobrir a verdade.

A esperança frágil desmoronou quando Amon assentiu.

— Eles sabem. Interroguei Fiona de novo depois que falei com Flinn para ver se as histórias batiam. E batem, mais ou menos.

— O que você acha? — perguntou Raisa. — Que fui enganada por um ladrão e assassino? Que avalio mal assim o caráter das pessoas?

— Ele me enganou também. — Amon girou o anel de lobo no dedo, com cara de quem preferia enfrentar o exército ardenino à rainha. — Onde está o talismã que emprestei a você? — perguntou ele, por fim. — O que foi encontrado junto aos corpos dos Gryphon em Feira dos Trapilhos.

O coração de Raisa despencou. Esperara que Amon acabasse lembrando. Sabia que um dia ele perguntaria sobre o talismã. Mas, naquele momento, parecia que ele estivera esperando que ela tocasse no assunto. Que nunca o esquecera.

Ela o encarou, sentindo-se encurralada, tentando pensar em uma resposta.

— Eu já o vi antes, Rai. Sei de quem é. E você também.

Raisa mordeu o lábio.

— Mas você não falou...

— Estava esperando que você dissesse.

— Então estava tentando me enganar?

— Eu queria saber sua opinião, o que... o que você sentia por ele.

— Não quer dizer que ele teve relação com aqueles assassinatos — disse Raisa. — É evidência circunstancial. Qualquer pessoa poderia ter colocado ali.

— Sozinho, não basta. Mas juntando tudo...

— É um pacote bem-feito demais, Amon, e você sabe. Parece evidência fabricada.

— Seu pai também veio me alertar sobre Alister. — Amon balançou a cabeça. — Eu não entendo. Os Demonai o recrutaram, providenciaram o treinamento dele, fizeram com que voltasse para trabalhar para eles. Mas parece que vivem esperando que Han se vire contra eles. — Ele olhou para Raisa. — Parece até que sabem de alguma coisa que nós não sabemos.

Era verdade. A família de Raisa tratava Han como um cão raivoso. Passava da desconfiança habitual com os magos. Gerava mil perguntas sem resposta. Por que o haviam escolhido? Por que tinham acolhido alguém das terras baixas nos campos, um garoto que acabara se mostrando mago? Tinha alguma coisa a ver com a linhagem real que ele alegava ter?

Ela não queria ouvir mais notícias ruins, mas tinha que saber.

— Você sabe se meu pai e minha avó estão na cidade? Precisamos ter uma conversa.

— Vou descobrir e marcar um encontro.

Raisa olhou para as próprias mãos, com lágrimas ardendo nos olhos, lutando para não deixá-las cair.

Amon segurou sua mão, mas isso só fez as lágrimas virem mais rápido.

— Sinto muito, Rai. Pode haver uma boa explicação para isso, só não imagino qual.

Ela assentiu sem falar nada e engoliu em seco. *Não passo de mais uma Hanalea se apaixonando pelo homem errado? Não consigo acreditar*, pensou ela. *Não quero acreditar.*

— Você sabe onde Alister está? — perguntou Amon, observando o rosto dela.

Raisa balançou a cabeça.

— Ele não vem aos aposentos há vários dias. — Ela respirou fundo e firmou os ombros. — Apesar do que os Bayar pensam, vou chegar ao fundo disso. E é melhor começar agora. — Ela se levantou. — Vamos falar com Cat. Ela é a ligação entre Han e Flinn. Precisamos ouvir o que ela tem a dizer.

— Espere — disse Amon, se virando para a porta. — Quero chamar ajuda, antes de você...

— Não preciso de guarda-costas para falar com minha guarda-costas — respondeu Raisa. Ela abriu a porta do quarto. — Cat.

Não houve resposta. Raisa observou o quarto. A janela estava aberta e a basilka não estava lá.

Cat Tyburn tinha sumido.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Delegação Demonai

Os parentes Demonai de Raisa não estavam na cidade, mas sim muito acima do calor do Vale, no Campo Demonai. Raisa também gostaria de fugir para as montanhas, por vários motivos, mas a questão com o general Klemath precisava ser resolvida, e ela não podia ficar muito tempo longe.

Sem querer esperar que Averill e Elena voltassem à cidade, ela mandou um pássaro pedindo a eles que viajassem para leste acompanhando o rio Dyrnne. Se encontrariam no vale do rio, na metade do caminho.

Sabiá Noturna e Andarilho da Noite, parte de sua guarda, a acompanhavam junto com Amon. Raisa se perguntou o que ele dissera aos Lobos, se é que tinha dito alguma coisa. Eles não conversaram muito, e Sabiá Noturna estava quieta, como sempre, os olhos observando constantemente a floresta.

Andarilho da Noite era o único que parecia feliz com a viagem. Conforme subiam para as montanhas, ele ofereceu a Raisa goles de seu cantil de água e tentou puxar conversa. Mas a mente dela estava em outro lugar, e ele acabou desistindo.

Chegaram ao ponto de encontro no fim da tarde e viram que os Demonai tinham estendido peles e cobertores para criar um

pequeno pavilhão sob as árvores. Ali na montanha, os álamos cintilavam, amarelados, quando a brisa soprava de Hanalea; um sinal do outono por vir.

Averill e Elena abraçaram Raisa, cumprimentaram Andarilho da Noite calorosamente e receberam Amon e os outros com cortesia. Os Lobos se afastaram um pouco, enquanto Amon, Raisa e os Demonai se sentavam em círculo nos cobertores. Elena distribuiu xícaras fumegantes de chá das terras altas.

— Gostaria que viajasse conosco para o Campo Demonai, neta — disse Elena. — Faz muito tempo que não nos visita. Esperamos que ainda veja o Campo como sua segunda casa.

— E que seus filhos sejam educados lá, como você — disse Averill, olhando de Raisa para Andarilho da Noite.

Raisa não estava com humor para as cortesias ambíguas dos clãs.

— Obrigada por virem, pai, avó. Pedi um encontro com vocês porque quero saber do acordo que têm com Han Alister. Ou Caçador Solitário, como vocês o chamam.

Averill e Elena trocaram olhares.

— Neta — disse Elena com seriedade. — Nós também temos preocupações a respeito dele.

Expressão de comerciante, pensou Raisa. Vou descobrir mais se ouvir mais do que falar. Não foi isso que papai me ensinou?

— Preocupações? — perguntou Raisa. — Quais?

— Nunca foi nossa intenção que Caçador Solitário ocupasse o quarto ao lado do seu e servisse de guarda-costas para você — respondeu Averill. — *Foi* nossa intenção recrutar um mago capaz de usar alta magia contra os Bayar e, assim, proteger Fells.

— Mas agora concordamos que foi um erro — disse Andarilho da Noite. Estava claro que ele pensara assim desde o começo.

— Então planejam liberar Alister de sua obrigação com os clãs? — questionou Raisa, sabendo qual seria a resposta.

— Caçador Solitário fez um acordo conosco — disse Elena. Ela sempre fora mais comerciante do que o filho, que trabalhava com isso. — Vamos cobrar que mantenha a palavra, mas pretendemos manter a coleira mais curta.

— Na verdade, Caçador Solitário é um perigo para você, filha — acrescentou Averill. — E pode ser um perigo para todos. Andamos acompanhando as atividades dele. Sabia que ele foi eleito Grão-Mago?

— Sabia. Pedi a ele que tentasse conseguir o cargo. Preciso de um Grão-Mago em quem possa confiar.

— E escolheu *Alister*? — Andarilho da Noite cerrou os punhos, e os músculos nos braços se retesaram. — Ele tem que se *opor* ao Conselho dos Magos, não comandá-lo.

— Já lhe ocorreu que meus objetivos podem ser diferentes dos seus? — perguntou Raisa. — Meu objetivo é unir os povos de Fells. Não me oponho ao Conselho dos Magos, a menos que trabalhe contra mim.

— É a natureza deles trabalhar contra você — disse Elena, apontando o dedo para Raisa. — Caçador Solitário deveria estar trabalhando para nós, não... não...

— Não para mim? Isso quer dizer que *vocês* estão trabalhando contra mim?

— Rosa Agreste, como pode dizer isso? — perguntou Averill, magoado. — Você é minha filha, e somos todos Demonai.

— Sou rainha, em primeiro lugar. Se eu dispensar Alister do posto de guarda-costas, vou ficar mais vulnerável do que nunca.

— Posso proteger você — disse Andarilho da Noite. — Se você me der a chance.

— Andarilho da Noite vai ser Patriarca do Campo Demonai quando Averill se for — interveio Elena. — É o guerreiro Demonai mais habilidoso atualmente. Propôs casamento a você, neta, e acho que deveria aceitar.

Averill assentiu.

— Andarilho da Noite ajuda as guardas do capitão Byrne, mas não está de serviço o tempo todo. Como consorte, pode estar sempre por perto.

As palavras de Averill ecoaram nos ouvidos de Raisa. De repente, ela soube: não queria isso. Não queria o que Marianna tivera, um casamento sensato. Pelo menos, Averill amava Marianna, mesmo que ela não retribuísse. Raisa não amava Andarilho da Noite e desconfiava que o interesse dele nela era mais político do que pessoal. Para ele, ela era o meio para chegar a um fim; fosse derrubar os Bayar, influenciar a rainha ou introduzir mais sangue dos clãs na linhagem Lobo Gris.

Era difícil para Raisa passar uma tarde inteira com Andarilho da Noite. Passar o resto da vida com ele seria impossível.

Ela olhou para o pai e para a avó, desejando poder dizer a verdade a eles. Desejando que alguém estivesse totalmente do lado dela. No entanto, mesmo ali, naquele momento, tinha que prosseguir com cautela.

— Reid Andarilho da Noite — disse ela, bem devagar e deliberadamente —, você me honrou com um pedido de casamento. E falei na época que não estava pronta para dar uma resposta. Continuo na mesma situação. Se desejar retirar a proposta, jamais voltaremos a falar no assunto. Se me pressionar para ter uma resposta agora, vou ter que dizer não.

— Neta! — exclamou Elena. — Não tome uma decisão precipitada.

— É exatamente o que estou tentando evitar. Consigo pensar em pelo menos dez mulheres de três Campos que agarrariam na hora a oportunidade de se casar com Andarilho da Noite. Mas não posso correr para um casamento, por mais tentador que seja. Tenho dezessete anos. Como rainha, eu não deveria ter que me casar com alguém só para garantir minha segurança. — Ela se virou para Andarilho da Noite. — E não deveria ter que me casar com alguém só para garantir o serviço leal dessa pessoa.

Ela o encarou, e Andarilho desviou o olhar.

— Eu não vim aqui para ser perturbada sobre casamento — prosseguiu Raisa. — Quero saber por que escolheram Caçador Solitário para servir aos clãs se é óbvio que não confiam nele. Quero saber o que estão escondendo. O que sabem sobre ele que eu não sei?

— Muito bem — disse Averill com um suspiro. — Vamos contar a verdade sobre Caçador Solitário.

— Pés Ligeiros — disse Elena, tocando o braço dele. — Acho que não... — Ela inclinou a cabeça na direção de Andarilho da Noite.

— Andarilho da Noite vai herdar minha posição de patriarca — respondeu Averill. — Merece saber o que está em jogo aqui.

Andarilho da Noite inclinou a cabeça.

— Obrigado pela confiança, Lorde Demonai. Quanto mais eu souber, melhor vou poder proteger nossos interesses. E os de Rosa Agreste.

— Mas o capitão Byrne... — Averill hesitou, constrangido, sem olhar nos olhos de Amon.

— Ele fica — afirmou Raisa, impaciente. — Agora, o que é? Como Han Alister pode trabalhar para vocês, se é tão perigoso assim?

Elena e Averill se entreolharam como se esperassem que o outro assumisse a tarefa. Pareciam quase... culpados.

— Entenda uma coisa — começou Elena. — Este é um segredo guardado pelos anciãos dos clãs há mil anos.

Raisa arrumou a saia sobre os joelhos.

— E então? — perguntou, a preocupação deixando a língua mais afiada do que o normal. — Talvez eu até já saiba esse segredo. Como sabia que Alister foi eleito Grão-Mago.

— Caçador Solitário compartilha sua linhagem — disse Elena de repente.

— A *minha* linhagem?

Raisa balançou a cabeça, certa de que não tinha ouvido direito. Não era o tipo de segredo que esperava descobrir.

— O garoto que você chama de Han também é descendente de Hanalea — continuou Elena.

De repente, ela se deu conta da similaridade entre os nomes.

— Você está dizendo... que Han é meu parente?

— Muito distante. De modo bem tênue — disse Averill rapidamente, como se quisesse voltar atrás no que havia sido dito.

— Mas como isso é possível? — questionou Andarilho da Noite. — Ele é bruxo!

Averill se apressou a continuar, sem responder à pergunta de Andarilho.

— Minha questão é: alguns poderiam dizer que Caçador Solitário tem direito ao trono Lobo Gris. — Ele falou baixinho, como se não quisesse que o mundo ouvisse.

— Espere um minuto! — Raisa ergueu a mão para interrompê-lo. — Mesmo que ele tivesse alguma ligação com a linhagem, não pode ter ascendência direta.

— A rainha Alyssa tinha um irmão gêmeo — explicou Elena.

— Irmão gêmeo? — Raisa balançou a cabeça. — Não. Alyssa foi filha única, filha de Hanalea com aquele consorte com quem ela se casou depois da Cisão. Qual era o nome dele?

Ela devia saber, depois de ter passado tanto tempo estudando essa história.

— O irmão gêmeo de Alyssa se chamava Alister — contou Averill.

— Alister! Por que nunca ouvi falar dele? — Raisa olhou para a avó e para o pai.

— Alister era mago — continuou Elena. — Representava perigo para a linhagem Lobo Gris.

— Mas... Hanalea nunca teve descendentes magos — protestou Raisa. — De qualquer modo, se Han viesse de uma linhagem de magos, não moraria em Feira dos Trapilhos.

— Os poderes dele foram reprimidos — disse Averill.

— O que você quer dizer com "reprimidos"? — perguntou Raisa, desconfiada.

— Aqueles braceletes de prata que ele usava... impediam que a magia se manifestasse. Nem ele sabia que era mago até um ano atrás.

A história era suficientemente suspeita e incoerente para ser verdadeira. Se fosse mentira, eles teriam contado melhor. No entanto, Raisa percebia que eles mediam cada palavra, contando apenas o que servia a seus propósitos, tentando evitar alguma verdade sombria e importante.

— Mas... por que o primeiro Alister teria o dom? — insistiu Raisa. — O gene da alta magia não é compatível com a magia Lobo Gris, então não pode ter vindo de Hanalea, apesar de o pai dela ter sido mago. E o consorte de Hanalea não tinha o dom, isso não teria sido permitido, depois da Cisão.

— Alister e Alyssa eram filhos de Alger Waterlow — disse Elena por fim, como se as palavras tivessem gosto ruim.

— Isso é mentira — disse Raisa, após um longo silêncio perplexo. Ela cruzou os braços sobre o peito, como uma armadura.

— É verdade — respondeu Elena. — Caçador Solitário carrega o sangue do Rei Demônio. — Ela pronunciou as palavras como uma maldição. — Aparentemente, é poderoso o bastante para contrabalançar a magia Lobo Gris.

— Está dizendo que o bruxo que mora no quarto ao lado do de Rosa Agreste é descendente do Rei Demônio? — Andarilho da Noite encarou Elena e Averill. Eles assentiram. — Como puderam deixar isso acontecer? E por que ele ainda está vivo?

— Se o que estão dizendo é verdade, então eu também sou descendente dele — disse Raisa.

— Mas você não é bruxa, Rosa Agreste — rebateu Andarilho, como se isso fizesse toda a diferença.

Raisa massageou as têmporas, tentando aliviar a tensão.

— Escutem. Han não pode ser da linhagem real e ter o dom. A magia Lobo Gris é incompatível com a alta magia. Portanto, a linhagem Lobo Gris continua por Alyssa, não por Alister.

— Sabemos disso, filha, mas alguns talvez ignorem a informação para fins políticos — explicou Averill. — Os bruxos adorariam se livrar da Naéming. Que melhor forma de conseguir isso do que colocando um mago no trono de Fells, alegando que se trata de um herdeiro da linhagem?

— Desconfio que alguns dos Bayar gostariam de se livrar da linhagem — rebateu Raisa. — Mas Han despreza os Bayar, e o sentimento é mútuo. Não consigo imaginá-los como aliados. Os Bayar querem o poder para si. Nunca permitiriam que Han tomasse o que tanto querem.

— Tem certeza disso, Rosa Agreste? — perguntou Elena. — O Rei Demônio era um mentiroso habilidoso. Enganou até Hanalea por um tempo. O descendente dele pode compartilhar o talento da dissimulação.

— Han sabe sobre isso? — indagou Raisa. — Como pode planejar e armar se nem sabe que compartilha o meu sangue?

— Ele sabe — disse Elena, com pesar. — Contamos ao tirar os braceletes de prata que coloquei quando ele era bebê. Fiz isso quando ele aceitou nos servir. Precisei tirar, ou ele não poderia usar magia.

— Você *tirou*? — Andarilho da Noite balançou a cabeça, incrédulo. — Teria sido melhor matá-lo assim que souberam que tinha o dom. Eu falei na época que recrutar um mago para lutar contra magos era uma decisão ruim.

— Falou mesmo — assentiu Averill. — E estava certo.

Não, pensou Raisa. Não-não-não-não-não-não-não-não.

Soava muito como o que Fiona dissera, que Han alegava ser uma junção da linhagem real e mágica. Mas não era possível que ele conspirasse com os Bayar.

Uma voz em sua mente dizia: *Então por que Han contaria a eles e não a você?*

— Então — disse Raisa, com bile subindo pela garganta —, ele sabe disso há um ano e não me contou.

— Nós mandamos que ele não contasse a ninguém, Rosa Agreste — admitiu Averill, a contragosto. — Mas devíamos ter contado a você. Não devíamos ter permitido que encarasse cegamente um perigo desses.

Isso é injusto, pensou Raisa. É injusto com Han, que não está aqui para se defender.

Mas não pôde evitar. Afinal, a história toda a deixara com uma dúvida. Han certa vez dissera que a amava. O fato de ser um parente distante não devia ter aparecido ao menos uma vez em alguma conversa?

Por que ele não me contaria? Se me amasse, por que esconderia isso de mim?

Olhando por esse novo ângulo, enxergava uma série de mentiras que Han Alister lhe contara. E bem pouca verdade.

Cat dissera que Han era bom em guardar segredos. Parecia que tinha razão. Poderia confiar em alguém com tanto a esconder?

Não sei, pensou Raisa. *Não sei, não sei.*

— Independentemente de qual seja a linhagem dele, Alister fez tudo que eu pedi. Fui eu que pedi que ele concorresse a Grão-Mago, e ele concorreu. E não pareceu feliz com isso. Tem alguma evidência de que os Bayar ou qualquer outra pessoa saibam quem ele realmente é?

— Os Bayar não nos repassam informações — respondeu Elena com mau humor.

Preciso ganhar tempo para pensar, para entender isso tudo. Tem que haver uma explicação.

— Ouvi tudo que vocês tinham a dizer — começou Raisa. — O capitão Byrne já iniciou uma investigação sobre as alegações contra Lorde Alister. Enquanto isso, não vou correr riscos tolos.

Como se apaixonar por ele?, disse uma voz irônica em sua cabeça.

— Me escute, filha — pediu Averill. — Precisa dispensar Alister do cargo de guarda-costas. Faça isso agora. Ele não pode ficar alojado

perto de você. Se não agir, nós agiremos.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Raisal, a garganta ficando seca.

— Somos guerreiros Demonai — respondeu Elena. — Sabemos o que fazer com bruxos que oferecem perigo à linhagem Lobo Gris.

Raisal os encarou e só viu rostos implacáveis a olhando de volta. *Eles vão fazer o que dizem, pensou ela. Vão fazer e dizer a si mesmos que estão fazendo por amor a mim.*

De repente, ela não conseguia mais aguentar aquela conversa.

Raisal se ergueu.

— Você é meu pai, você é minha avó e você está ligado a mim por dever. Se agirem contra Caçador Solitário sem minha permissão, entraremos em guerra.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Subindo no cadafalso

Depois do último encontro entre Alger e Lucius, Han ficou mais um dia na cabana perto do Riacho da Velha. Quanto mais tempo ficasse longe, maior era a chance de os Bayar aprontarem alguma, sabia disso. Odiava deixar Cat responsável pela segurança de Raisal, mas havia coisas a resolver antes de voltar à cidade.

Esperava voltar com o arsenal como moeda de barganha. Visitou Aediion mais duas vezes à procura de Corvo, mas ele não estava lá. Ficou preocupado. Han cumprira sua parte do acordo. Corvo cumpriria a dele?

Dançarino o ajudou a organizar os poucos pertences de Lucius. Encontraram um testamento que o orador Jemson preparara para ele, que designava Han Alister como único herdeiro. O homem deixara para Han tudo que tinha: a cabana, a destilaria, o equipamento de pesca, o cachorro e a biblioteca de livros que nunca lera.

O lugar parecia abandonado agora, sem Lucius. Han ficava esperando que o velho entrasse pela porta, gritando "Garoto! É você, garoto? Tenho bebida para você levar para a cidade!".

Lucius fizera coisas horríveis. Traíra o melhor amigo e a mulher que amava, e mentira para Han. Era fraco, mas também fora um

dos poucos apoios que Han tivera na vida.

Havia alguma forma de mudar uma história que era contada há mil anos? Han se imaginou procurando os reitores de Vau de Oden para explicar que ele e seu ancestral morto, o Rei Demônio, haviam entrevistado um ermitão bêbado de Hanalea e descoberto que Alger Waterlow não fora um demônio, afinal. Que a poderosa família Bayar provocara a Cisão e reescrevera a história para culpar o jovem mago apaixonado que não soubera o momento de desistir.

Cão andava de um lado para outro, inconsolável. Han não sabia cuidar de cachorros. Nunca tivera bichos de estimação. Para sua mãe, eram apenas mais uma boca a alimentar. Ele deixou que Cão dormisse ao pé da cama, e acordou de manhã na beirada do colchão, com o focinho do cachorro apoiado em suas costas.

Quando Han e Dançarino voltaram a Pinhos Marisa, levaram Cão junto. No campo, o cachorro se agarrou a Han como hera, rosnando e brigando com os outros cães e defendendo Han contra ameaças imaginárias. Willo foi a única que conseguiu conquistá-lo.

Han aproveitou o abrigo da casa de Willo, pois aquela poderia ser a última vez. Tudo mudaria quando Elena e Averill descobrissem sobre o pai de Dançarino, o que acabaria acontecendo. Passar tanto tempo longe de Cat estava deixando o amigo tenso. Mais e mais, ele falava em voltar para a cidade.

Willo parecia odiar a ideia de deixar Dançarino partir.

— Eu me preocupo sempre que você fica longe de mim. Acho que agimos certo ao confrontar Bayar. E, se isso ajudou Caçador Solitário, foi uma coisa boa. Mas não tenho dúvida de que Lorde Bayar vai encontrar um jeito de se vingar de nós.

Estavam terminando de jantar quando os cachorros do campo começaram uma barulheira que significava visitantes se aproximando. Han saiu com Dançarino, Cão em seus calcanhares, com as orelhas em pé.

Um cavaleiro solitário se aproximava, acompanhado por um Demonai, como sempre. O cavaleiro parou em frente à Cabana da

Matriarca e desceu do cavalo.

Era Cat Tyburn, vestida de forma descombinada, com um vestido amarelo e botas altas, montada em um cavalo desconhecido.

— Cat! — Dançarino correu até ela e a abraçou, girando-a. — Senti sua falta. Obrigado por vir.

Cat apoiou a cabeça no peito de Dançarino e se permitiu apreciar o abraço, antes de se afastar.

— Vamos conversar lá dentro — disse ela, olhando de soslaio para o Demonai.

Dançarino fez sinal para um dos garotos ali perto.

— Sombra, pode cuidar do cavalo de Cat de Fogo?

Tinham passado a chamá-la de Cat de Fogo nos Campos, em homenagem à sua ligação com Dançarino de Fogo e à sua personalidade.

Cat entrou na Cabana da Matriarca. Willo não tinha saído do lugar em frente à lareira, mas então se levantou.

— Cat de Fogo! — disse ela, sorrindo. — Bem-vinda à nossa lareira. Compartilhe tudo que temos. Já comeu?

Cat balançou a cabeça.

— Saí de Fellsmarch de manhã e não parei de cavalgar.

Ela olhou para o aprendiz de Willo e fechou a boca.

Notícias ruins não podem esperar o jantar, pensou Han, lendo a expressão dela.

Mão Hável trouxe carne de veado com batatas-doces e depois saiu para deixá-los conversando em particular.

Eles se sentaram de pernas cruzadas no tapete em frente à lareira, Dançarino ao lado de Cat, a mão no joelho dela. Cão se deitou no tapete com a cabeça no colo de Han, que ficou coçando distraidamente atrás das orelhas do cachorro.

Willo se sentou perto da porta, pronta para interceptar qualquer intruso.

Cat devorou metade da comida antes de se sentir recuperada o bastante para falar.

— Você está encrencado, Algema. — As palavras saíram de uma vez, aos borbotões. — Os Bayar se encontraram com o capitão Byrne e disseram que você alega ser de linhagem real e que pretende subir ao trono. Fiona disse que você quer se casar com ela, coisa em que ninguém com algum juízo acreditaria, mas parece que todos acreditaram.

— Como os Bayar descobriram sobre sua linhagem? — perguntou Dançarino.

— Eu meio que contei para Fiona — disse Han sem rodeios, a mente repassando as implicações desse desastre.

— Você *contou* para ela? Não tem juízo?

— Eu perdi a cabeça, está bem? Cometi um erro — rebateu Han quando Dançarino revirou os olhos. — Acontece.

— Espera... é verdade? — indagou Cat, olhando para os dois. — Algema é sangue azul?

— É uma longa história — murmurou Dançarino.

— Então os Bayar alegam que estou tramando contra a rainha? — perguntou Han, retomando a conversa inicial.

— É, mas essa não é a pior parte. Flinn entregou provas contra você. Ele e o capitão Byrne foram ver a rainha. Flinn contou para ela que ouviu você tramando com Fiona, que pretendia apagar a rainha Raisa e a princesa Mellony e pegar o trono.

— Sangue e ossos — praguejou Han ao ouvir sua frágil estrutura de mentiras e omissões desabar. Flinn levava Fiona ao Cão Sorridente. Deve ter ficado ouvindo, e qualquer pessoa que escutasse a conversa deles suporia o pior. — O que Raisa disse? Ela acreditou em Flinn?

— Tem mais — contou Cat, parecendo apreciar o papel de mensageira de tragédias. — Aquele idiota do Flinn contou a eles sobre os bruxos. A rainha não queria acreditar, mas, depois que ele saiu, o capitão Byrne falou do pingente de flautista que você usava.

Han levou a mão ao pescoço, mas só encontrou o talismã substituto que Dançarino fizera para ele.

— O que tem?

— O capitão Byrne achou o pingente em Feira dos Trapilhos, em um dos corpos. Disse que sabia de quem era, e Raisa disse que também sabia, então...

— Espere um minuto! — Han ergueu a mão. — Ele encontrou o pingente em Feira dos Trapilhos? Como foi parar lá?

— Achei que você tivesse deixado cair enquanto apagava o mago — disse Cat, sem rodeios. — De qualquer modo, o capitão Byrne...

— Enquanto eu apagava o mago? — Han se sentou sobre os calcanhares, estupefato. — Você acha que sou *eu* quem está matando magos?

Sua voz soava mais alta a cada revelação, e agora Han estava praticamente gritando. Cão ficou de pé, os pelos eriçados, e rosnou para Cat.

A garota encarou Han.

— Está dizendo que não foi você?

— Não fui eu! — exclamou Han, horrorizado. — Por que pensaria isso?

— Bom, eu não tinha certeza, mas quem apagou os magos é rápido como vapor e inteligente à beça, o que é compatível. E você tinha motivo para fazer isso, por causa do que aconteceu com sua mãe e Mari e com os Trapilhos. Além do mais, anda pelas ruas todas as noites... — Cat se calou sob o olhar irritado de Dançarino.

— Caçador Solitário não emboscava pessoas nas ruas — disse Willo. — Você devia saber disso.

— Caçador Solitário talvez não, mas Alister Algema, sim — respondeu Cat, na defensiva.

— Vocês todos achavam que era eu? — perguntou Han. — Estavam me protegendo?

Cat deu de ombros.

— Ah, eu, Sarie e Flinn, pelo menos, que conhecíamos você antes.

— Então quando Flinn disse que eu estava por trás dos assassinatos, achava que era verdade — murmurou Han.

Cat prosseguiu, como se estivesse ansiosa para explicar.

— Quer dizer, achamos que não fazia sentido você colocar o símbolo da gangue nos mortos e tal. E podia pelo menos ter tirado as coisas deles para fazer parecer que era roubo. Ficamos nos perguntando se você queria ser pego de propósito, por algum motivo.

— A mim parece que outra pessoa estava tentando fazer parecer que foi Caçador Solitário — disse Dançarino.

O coração de Han deu um nó. Se as pessoas que o conheciam melhor pensavam que era capaz de assassinar pessoas em emboscadas, o que devia esperar dos outros?

— O que a rainha disse? — perguntou, sem querer realmente saber a resposta.

Cat franziu a testa.

— Ela chorou e disse que chegaria ao fundo dessa história, e o capitão Byrne ficou tentando consolar e dizendo que sentia muito.

— Isso tudo aconteceu com você presente? — perguntou Dançarino.

Cat balançou a cabeça.

— Claro que não. Fiquei ouvindo pela porta. A rainha disse que eles deviam falar comigo, já que eu era a ligação entre você e Flinn. Assim que ouvi isso, saí pela janela. Eu queria avisar antes de você voltar para a cidade e ser apagado ou preso.

— Onde está Flinn agora? Você sabe? — perguntou Han.

Cat fez que não novamente.

— Foi embora com os casacos azuis. Espero que seja jogado na prisão. Ele não devia ter entregado você.

— É aí que você se engana — disse Han. — Se ele achou que eu estava matando magos e pretendia matar a rainha, fez a coisa certa. Ele pensou que eu tinha me juntado a quem matou os amigos dele. Não tinha como saber a verdade. E é culpa minha. —

Han balançou a cabeça. — Preciso encontrar Flinn. Preciso falar com ele.

— Não seja tão duro consigo mesmo, Caçador Solitário — interveio Willo. — Você não tinha como saber o que aconteceria.

— Talvez não, mas eu devia aprender a confiar nos meus amigos. — Ele se virou para Cat. — Me desculpe. Pedi que você fizesse um trabalho, mas não confiei em você a ponto de contar o que está acontecendo. Você e Dançarino e todos os meus amigos estão no escuro, só esperando o pior.

— Você sempre ficou de boca calada — respondeu Cat. — Donos da rua têm que ser assim.

— Eu não sou mais dono da rua.

Ele relembrou quanto se sentira traído ao descobrir que a garota que conhecia como Rebecca estava mentindo para ele havia mais de um ano. O que devia estar pensando dele agora?

— Eu preciso falar com ela — murmurou Han, as entranhas se revirando como o rio Dyrnne em época de cheia.

— Com quem? Fiona? — perguntou Cat.

Han balançou a cabeça.

— Com Raisa. Eu devia ter sido sincero com ela antes. Devia ter contado o que pretendia fazer.

— *O que* você pretende fazer? — perguntou Dançarino.

— Eu vou me casar com ela.

— Casar? — Cat o encarou, boquiaberta. — Por quê?

— Eu a amo. E devia ter confiado nela o bastante para contar a verdade. Agora posso já ter perdido Raisa.

— Não — disse Cat. — Alister Algema não vai se casar. Não é possível.

— Caçador Solitário — chamou Willo. — Os Demonai nunca vão permitir um casamento entre você e a rainha, sabe disso. Com Andarilho da Noite soprando as chamas, eles estão com mais raiva do que nunca.

— Acabaram de contar para a rainha Raisa que você está planejando tomar o trono, e agora você vai lá pedir que ela se case com você? — Dançarino esfregou o queixo. — Acha mesmo que é a hora certa para isso?

— É a única hora que eu tenho — respondeu Han. Ele se levantou, e Cão fez o mesmo. — Vou falar com ela. Willo, pode cuidar de Cão enquanto eu estiver fora?

Willo assentiu.

— Claro.

— Se você for para a cidade, vai ser preso — disse Cat.

— Se os Demonai não pegarem você primeiro — acrescentou Dançarino.

— O que você sempre diz mesmo? — perguntou Han. — Tudo é um risco.

— Então vou com você — afirmou Dançarino.

— Se eu der de cara com os Bayar, eles vão ter a desculpa de que precisam para matar você também — respondeu Han. — Você não foi acusado de nada. Fique longe de mim até eu conseguir acertar a situação.

Se isso fosse possível. A única opção que restava a Han era torcer para que houvesse um jeito de consertar as coisas.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

No jardim de Hanalea

— Sangue e ossos! — reclamou Raisa, atirando o aro de bordado do outro lado da sala. O objeto bateu na parede e caiu atrás da cama. — É a quinta vez que me furo hoje, e agora manchei o tecido de sangue. Não sou boa nisso e *nunca* vou ser.

Magret ergueu o rosto do livro que estava lendo.

— Quer que eu leia para você, Vossa Majestade? Tenho poesias que...

— Não — murmurou Raisa. — Não estou com humor para poesia.

— Qual é o problema, Vossa Majestade? — perguntou Magret. — Está tensa desde que voltou da montanha.

— Tensa? O que faz você pensar que estou tensa? Tenho que estar com humor para poesia o tempo todo?

Depois de uma longa pausa reprovadora, Magret disse:

— Eu queria que Caterina estivesse aqui. Se ela tocasse, talvez acalmasse seus nervos.

— Não sei onde ela está. Não a vejo há dias.

Desde que recebera uma sequência de visitantes acusando Han. Cat devia ter entreouvido. E feito o quê? Ido avisá-lo? Dizer para ele escapar do reino?

Talvez ele tivesse ido embora de vez. O pensamento deixava um vazio enorme e faminto em suas entranhas. Mas pelo menos ele não acabaria preso, uma possibilidade que Raisa parecia incapaz de impedir.

Eu já estive na cadeia, dissera ele certa vez. *Não vou voltar.*

— Vossa Majestade — chamou Magret, interrompendo seus pensamentos. — Isso é por causa de Alister Algema? — Ela se levantou, colocou o livro na mesa e pareceu pronta para lutar em favor de Raisa. — O que aconteceu? O que ele fez? Ameaçou você?

As pessoas estão dizendo que ele planeja me matar e roubar meu trono, Raisa poderia dizer. Mas não estava com humor para ouvir um “Eu avisei” de Magret Gray.

De qualquer modo, certo ou errado, Raisa ainda não acreditava.

Ele é inteligente demais para isso. Todo mundo está contra ele. Não tem como Han vencer.

— Vou para a cama — anunciou, cansada de debater consigo mesma. — Não há motivo para eu deixar você infeliz também. Está liberada esta noite.

Magret balançou a cabeça.

— O capitão Byrne não quer que você fique sozinha.

— Não vou ficar sozinha. Tem seis guardas lá no corredor.

— Mesmo assim.

Magret estava com aquela expressão teimosa que dizia que não adiantava resistir.

— Tudo bem. Então fique. Eu vou para a cama.

Ela vestiu a camisola mais leve que tinha e se deitou, mas é claro que não conseguiu dormir. Estava quente demais. Ficou se revirando, de bruços e de lado, até ouvir Magret roncando na sala de estar.

Em algum lugar distante, lobos uivaram. Uivaram para ela. Quando se concentrou nisso, não houve como dormir.

Vou para o jardim lá em cima, pensou ela. *Pelo menos, vou tomar ar fresco. Talvez isso me deixe com sono.*

Ela andou descalça pelo túnel e subiu a escada até o jardim no telhado, com os degraus de metal machucando seus pés. Quando saiu no templo do jardim, andou até a fonte. As janelas da estufa estavam abertas, deixando entrar a brisa da noite, para afastar o calor do dia.

Raisa se sentou na borda da fonte e botou os pés na água, sentindo os peixes dourados mordiscarem seus dedos.

Os lobos uivaram de novo, mais perto desta vez, se aproximando. *Perigo ou mudança, qual dos dois?*, perguntou de volta.

Sentiu a presença dele como um formigar percorrendo a espinha antes mesmo de vê-lo ou ouvi-lo. Ergueu o rosto e encontrou Han Alister à porta da estufa, seu amuleto brilhando como uma estrela no peito. Ele parecia paralisado, com uma expressão de desejo e arrependimento no rosto.

— Graças à Lady você ainda está vivo — disse Raisa, tirando os pés da água e secando-os na barra da camisola. Estava estranhamente calma, como se aquele encontro tivesse sido marcado há muito tempo. — Cat encontrou você?

Han assentiu.

— Mas não a culpe. Ela estava preocupada com o que aconteceria se eu voltasse para a cidade sem saber o que estava acontecendo.

Ele parecia constrangido, se remexendo, inquieto, como se não soubesse por onde começar.

Então um cachorro apareceu ao lado de Han, um pastor magrelo, marrom e branco, com coleira de couro e uma orelha rasgada. Por um momento, Han pareceu em dúvida sobre se devia fingir que ele não estava ali. Por fim, ajoelhou-se ao lado dele.

— Eu mandei você ficar! Você não escuta?

Foi tão ridículo, o cachorro era um invasor tão inesperado, que Raisa não conseguiu evitar uma gargalhada, embora os olhos estivessem embaçados com lágrimas.

— Um *cachorro*? Você é um homem procurado, acusado de traição, e trouxe um cachorro para cá? — Ela balançou a cabeça. — É justo com o cachorro?

— Não foi ideia minha — respondeu Han. Ele olhou para Raisa, cansado, exausto da viagem e desesperado. — Ele não ficou onde mandei. Foi me seguindo, então acabei tendo que dar uma carona, para que ele não corresse até morrer.

O coração de Raisa se contorceu. É este o homem que acusam de matar magos? É este o assassino cruel tramando contra mim? E a convicção dentro dela cresceu mais do que nunca.

Não ligo para quantas testemunhas eles têm. Não ligo para o que as evidências dizem. Não é possível.

— Me escute — pediu Han. — Depois, se quiser mandar me prender, não vou resistir.

Não quero mandar prender você, pensou Raisa. Como pode pensar que eu quero isso? Mas você guardou segredos desde o dia em que nos conhecemos. Não podemos prosseguir assim.

— Vou escutar, se você estiver pronto para me falar a verdade. — Ela bateu com a mão no banco, a seu lado. — Venha se sentar. Imagino que vá ser uma conversa longa.

Han atravessou o jardim com o cachorro logo atrás e se sentou, apoiando as mãos no banco de pedra, a brisa de Hanalea bagunçando seu cabelo. Ele parecia perdido.

— Não sou muito bom nisso — disse ele, com voz tão baixa que Raisa quase não escutou. — Por toda a minha vida, guardei as coisas para mim. Quando todo mundo ao redor quer sua cabeça, é o mais seguro a fazer. — Ele limpou a garganta e a encarou. — Não é desculpa. Só explicação.

Raisa olhou para o jardim, e o silêncio entre eles era denso como mel. Sombras cinzentas andavam em sua direção. As ancestrais de Raisa, as ancestrais *dos dois* formaram um círculo ao redor deles, como se quisessem isolá-los do mundo.

O cachorro se enroscou nas pernas de Han, os pelos eriçados, rosnando baixo do fundo da garganta. Han acariciou a cabeça dele enquanto observava o círculo de lobos.

— Só mais um pouco de pressão, não é?

Um truque do sangue que compartilhamos, pensou Raisa, compreendendo. *Claro que ele consegue ver as antigas rainhas.*

— Eu posso começar a falar. Ou você pode me fazer perguntas.

— Han ergueu o olhar, esperançoso. — E prometo contar a verdade.

Raisa suspirou, perguntando-se se queria mesmo ouvir.

— É verdade que temos parentesco?

— É.

— E seus ancestrais são a rainha Hanalea e Alger Waterlow?

— São.

— Isso é novidade para mim, mas parece que você já sabe há algum tempo. — Era uma afirmação, não uma pergunta, mas Han assentiu mesmo assim. — *Então por que precisei saber por outras pessoas?* — perguntou Raisa rapidamente, com voz baixa e furiosa.

— Eu queria contar, mas tive medo. Eu não sabia... Já tinha muita coisa contra mim. Achei que você talvez me mandasse embora.

— Mas você passou a usar as cores de Waterlow. Por que faria isso, se queria guardar segredo?

— Não tenho como explicar. Só posso dizer que foi a primeira vez que senti que tinha uma história, uma linhagem. Eu queria tomar posse disso.

— *Sangue e ossos!* — explodiu Raisa. — Por que ia querer essa história? Somos descendentes do maior vilão que já existiu.

— Não foi bem assim. Você não conhece a história toda.

— E você conhece?

Ele assentiu.

— Praticamente.

Han a encarou com franqueza, convidando-a a fazer a próxima pergunta.

Raisa não se permitiria ser distraída.

— Mas você contou a Fiona Bayar, não contou? Sobre seu ancestral?

Han deixou os ombros caírem.

— Mais ou menos.

— Mais ou menos?

— Foi um erro. Eu perdi a cabeça. Ela me pediu que a apoiasse, e eu seria recompensado.

— Não foi isso que ela disse.

Han ergueu uma sobrancelha.

— É mesmo? O que Fiona disse?

— Que você afirmou que tinha sangue Lobo Gris e que pretendia se tornar rei. — Ela fez uma pausa e limpou a garganta. — Disse que você tentou convencê-la a ser sua consorte.

— Não é verdade!

— Você nunca disse isso? — Raisa ergueu o queixo.

— Bem. — Han baixou os olhos. — Eu falei algo do tipo.

— E devo confiar em você mesmo assim?

Apesar de seus esforços, a voz de Raisa falhou.

— Fiona queria que eu matasse você e sua irmã para poder tentar ficar com o trono, entende? *Ela* seria rainha, e me ofereceu a posição de consorte. Eu apenas sugeri que talvez devesse ser o contrário. Não queria que nada disso realmente acontecesse.

Os lobos ao redor se mexeram e uivaram baixinho.

— Isso me faz sentir muito melhor — resmungou Raisa. — Micah sabe que Fiona quer ser rainha?

— Não faço ideia do que Micah sabe. Você passa bem mais tempo com ele do que eu.

Raisa se irritou.

— O que isso quer dizer?

— Fiona disse que você deu permissão para Micah Bayar te cortejar. — Han inclinou a cabeça. — Já que estamos pondo os pingos nos is.

Raisa ficou de pé, as bochechas quentes e os punhos fechados.

— Não tenho intenção nenhuma de me casar com Micah Bayar.

— Ah, é? Então você pode acreditar no que Fiona diz sobre mim, mas eu não devo acreditar no que ela diz sobre você.

— Mas você acabou de admitir que disse a ela...

— Eu pensei que, se dissesse não, ela encontraria outra pessoa para fazer o serviço. Queria estar por dentro para ter a chance de impedir. — Han fez uma pausa. — Além do mais, pensei que precisaria de ajuda para ser eleito Grão-Mago. Uma coisa que me *pediu*, Vossa Majestade.

A conversa com Han lhe voltou à mente. *Vamos ser bem claros*, dissera ele. *Você quer que eu faça o que for preciso para que isso aconteça? Coisas das quais pode não gostar?*

— Fiona disse que só se encontrou com você para pegar mais provas e trazê-las para mim.

Han revirou os olhos.

— acredite no que quiser. Na minha opinião, ela estava falando sério até eu levar Dançarino e Willo à reunião do Conselho. Ela me enfrentou, furiosa, e eu a mandei passear. Aí ela procurou você.

— Mesmo assim... alguém estava planejando me matar e você não achou prudente me dizer?

Han abriu o primeiro sorriso da noite.

— Vossa Majestade, tem uma fila de gente planejando matá-la. Que diferença faz mais uma? — O sorriso sumiu. — Mas tem razão. Me desculpe. Eu devia ter contado. Eu... estou acostumado a resolver tudo sozinho.

— Você também foi implicado nos assassinatos dos magos. Foi visto em Feira dos Trapilhos na noite em que os Gryphon morreram, inclinado sobre os corpos deles.

— Mick e Hallie, certo? — Han massageou os olhos. — Ossos. Eu esperava que eles não tivessem me reconhecido.

— E então?

— Eu *estava* em Feira dos Trapilhos naquela noite — admitiu Han. — Conteí a você. Fiquei andando pelas ruas, tentando atrair o assassino. Ouvi dizer que havia mais dois corpos, corpos recentes, e fui dar uma olhada à procura de provas. Foi quando os casacos azuis apareceram. — Ele abriu as mãos, como se pedisse que ela compreendesse. — Eu saí correndo. Eu... Os instintos agem nessas horas, entende? Nas ruas, se você parar para pensar, está morto.

— Por que não me contou sobre essas coisas?

— Tive medo de você pensar que eu era culpado. Por que não pensaria? Tenho um passado, talvez até um motivo, e tem um monte de gente sussurrando no seu ouvido, dizendo que sou perigoso. Era por isso que eu estava tão desesperado para saber quem realmente matou aquelas pessoas.

— Encontraram um talismã debaixo de um dos corpos — disse Raisa. — Um flautista dos clãs, feito de sorveira e carvalho, entalhado com turquesa.

— Cat me contou — respondeu Han, com rosto sério e pálido.

— E então?

— É meu.

— Eu sei. Já vi você usando.

— Perdi uma semana antes dos assassinatos, mais ou menos. Não sabia o que tinha acontecido com ele, então pedi a Dançarino que fizesse outro.

— Você sabe onde perdeu?

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Eu uso para... um objetivo específico. Então não percebi que tinha sumido. Não imediatamente. Não faço ideia de como foi parar lá.

Raisa respirou fundo.

— Cat contou sobre Flinn?

Han assentiu e massageou o pescoço.

— É culpa minha. Eu não devia ter colocado Flinn na minha gangue. Por causa do meu passado, ele realmente achou que eu estava matando os magos. E depois que ouviu minha conversa com

Fiona, não posso culpá-lo por pensar que eu queria matar você. Ele fez a coisa certa.

— Então ele *estava* trabalhando para você?

— Só como olhos e ouvidos. Não posso estar em toda parte ao mesmo tempo. — Han fez uma pausa. — Onde ele está agora?

O rosto de Raisa ficou quente.

— Não sabemos. Estamos procurando.

— Como assim, não sabem?

— Quando ele e Amon foram me ver, Cat estava lá, e isso pareceu deixar Flinn nervoso. Tentamos acalmá-lo, mas ele ficava dizendo que era um homem morto, agora que tinha contado. Os Lobos o acompanharam até a Casa Kendall para que ficasse em segurança, mas ele fugiu de lá.

Han soltou um palavrão baixinho.

— Vou tentar adivinhar: eles acham que eu o apaguei também.

— Algumas pessoas acham — admitiu Raisa. — Se eu não fizer uma denúncia, Micah planeja prosseguir por meio do Conselho dos Magos. A situação parece ruim. Você tem motivo, oportunidade e reputação de violência, e eles estão montando um caso.

— Eu não matei ninguém — disse Han, olhando nos olhos dela. — Não fui eu.

— Ser inocente pode não ser o bastante para salvar você.

Ela respirou fundo e soltou o ar, trêmula. Estava acontecendo de novo, ela estava caindo nos encantos de Han Alister. Apesar de tudo, acreditava nele.

Raisa se recompôs.

— Vou lhe dar um aviso claro: se *estiver* atrás do meu trono, vai ter que encarar uma briga feia.

— Eu não quero seu trono.

— Então *o que* você quer?

— Você.

— Eu?

Raisa passou a mão pelo cabelo enquanto sufocava as perguntas que lhe subiram aos lábios como bolhas em xarope.

— Então você tem um jeito estranho de cortejar uma garota. Quer dizer, houve momentos nos últimos meses em que você poderia... nós poderíamos... — Raisa engoliu em seco, constrangida. — Foi *você* quem pulou fora.

— Eu não quero isso — disse Han baixinho, com as bochechas vermelhas. — Quer dizer, eu quero, mas não só isso. — Ele limpou a garganta. — Eu não queria que fosse apenas luxúria. Eu amo você. Quero me casar com você.

Raisa o encarou.

— Casar comigo? Mas isso é...

— Impossível. É o que todo mundo diz. — Han deu uma gargalhada amarga. — Não consigo pensar em uma única pessoa que ache boa ideia.

— Mas por que você não...?

— Eu devia ter falado antes. Eu falei, mais ou menos... quando dançamos na sua festa de coroação. Em Pinhos Marisa.

Raisa tinha dançado como Hanalea e Han como o Rei Demônio. As palavras dele voltaram a ela. *Raisa. Eu te amo. Case-se comigo. Por favor. Prometo que vou encontrar um jeito de fazer você feliz.*

— Eu achei... Sabia que você não estava seguindo o texto, mas...

— Eu só estava bêbado o bastante para falar a verdade. Sabia que seu pai queria que você se casasse com Andarilho da Noite. E por que não? Eu servia para uns amassos escondidos, mas quando o assunto era casamento, por que alguém como você se casaria com uma pessoa como eu? Fiquei meio maluco.

— Não é assim. Quer dizer... Eu não vou poder escolher de verdade.

— Exatamente — disse Han, como se tivesse vencido a discussão. — Você deixou claro que não pretendia se casar por amor. Que pretendia fazer uma união política, pelo bem do reino e tudo o mais. Por esse ângulo, eu não passo de um estorvo.

— Não passa de um... Eu não penso isso de você! — As bochechas dela ficaram quentes de remorso.

— Pois então. Eu... eu tinha escolha. Podia sair do reino e tentar encontrar um jeito de esquecer você. Podia ficar, usar minha expressão de rua e ver você se casar com Andarilho da Noite, com Micah, com um Klemath, ou até com um príncipe sangue azul de alguma província do sul. Poderíamos nos encontrar escondido, e seria questão de tempo até que alguém me enfiasse uma faca nas costelas. Eu talvez até gostasse quando acontecesse. — Ele abriu um sorriso leve. — Ou eu podia lutar por você. Podia me estabelecer. Mostrar que consigo nadar no lago dos sangues azuis. Se eu fosse eleito Grão-Mago, superasse os Bayar e encontrasse um jeito de ajudar você a impedir que o reino se estilhaçasse, talvez você me desse uma chance. — Ele balançou a cabeça. — É mais fácil falar do que fazer. Está difícil demais.

— Por que você não me contou tudo isso desde o começo?

— Porque não queria dar a você a chance de dizer não.

— E agora os tubarões estão nadando ao redor — murmurou Raisa.

Han deu uma gargalhada amarga.

— Não ligo para o trono, essa é a ironia. Nunca liguei. Para ser sincero, eu queria que você não fosse rainha, porque só atrapalha meus desejos. — Ele olhou para as estrelas com lágrimas cintilando nas bochechas. — Egoísta, eu sei.

Ele esticou a mão e segurou a dela; a primeira vez que ousava tocá-la. Han a encarou.

— Isso pode soar arrogante, e lamento, mas você está muito sozinha, Raisa, e eu também. Nunca desejou poder ter um... parceiro? Um amigo? Alguém para quem pudesse dizer qualquer coisa, com quem não precisasse ficar escolhendo palavras como um comerciante na feira? Alguém que queira você por quem é?

Raisa olhou para as mãos unidas, para o anel que Han lhe dera na coroação.

— Eu adoraria, mas parceiros não guardam segredos um do outro. Um amigo é alguém para quem você pode contar a verdade.

— Eu sei. Estou me esforçando. Isso também é novidade para mim. — Han respirou fundo. — Eis a verdade: eu te amo. Amo tudo em você. O jeito como defende as pessoas mesmo à própria custa. O jeito como fica tentando fazer a coisa certa mesmo quando não tem certeza de qual é a coisa certa. Amo como você fala. Tem tanto talento com as palavras quanto qualquer lutador com uma faca. Consegue derrubar um inimigo ou estimular as pessoas até que elas encontrem o que têm de melhor. — Ele fez uma pausa. — Você mudou minha vida. Me deu as palavras que eu precisava para me tornar o que eu quiser.

— Eu quase custei a sua vida. — Raisa se sentiu obrigada a dizer. — Não sei se...

— Amo como você fala com *lytlings* — interrompeu Han. — Não fala como se eles fossem bobos. Você os respeita, e qualquer um percebe que está mesmo interessada no que eles têm a dizer.

Levantando a mão para impedir qualquer contestação, ele continuou:

— Amo o jeito como você cavalga, ereta como grama alta e uivando como uma Demonai. Amo como joga a cabeça para trás e bate os pés quando dança. Amo como corre atrás do que quer, sejam beijos ou um reino.

Então por que é tão raro eu conseguir o que quero?, pensou Raisa. *Mas talvez seja melhor correr atrás de alguma coisa e não conseguir do que nem tentar.*

Han virou a mão dela com a palma para cima e a aninhou na dele.

— Amo sua pele, como cobre polvilhado de ouro. E seus olhos... são da cor de um lago na floresta rodeado de sempre-vivas. Um dos lugares secretos que só os Demonai conhecem.

Ele soltou suas mãos e colocou o cabelo dela para trás.

— Amo seu cheiro depois que você andou ao ar livre e também o perfume que você passa atrás das orelhas, às vezes.

Ele tocou os pontos onde dava para sentir a pulsação e fez a pele dela se arrepiar.

Raisa não fazia ideia de que ele tinha reparado. E adorou saber que sim. *É isso que se faz quando se ama alguém, você repara e repara e repara.*

Han sorriu como se lesse seus pensamentos.

— acredite se quiser, eu amo até seu cheiro de estrada, de suor e cavalos, de couro e lã.

Ele fechou os olhos, inspirou e os abriu de novo, como se quisesse ter certeza de que ela ainda estava lá.

— Quero sentir seu cheiro para o resto da vida.

Ele pousou as mãos com leveza nos ombros dela.

— Lembra a noite antes da sua coroação, quando você estava com dúvidas? Eu falei que você não precisava fazer aquilo, que podíamos fugir para onde você quisesse. — Ele a olhou diretamente. — Falei sério. A proposta ainda está de pé. Eles que briguem pelos restos como abutres.

A cabeça de Raisa girou, arrastando lembranças e emoções, até que alguns poucos pensamentos pousaram como pedrinhas no fundo de um lago límpido.

Um coro de vozes estivera gritando que ela não podia ter o que queria, que precisava aceitar que o amor não estava em seu destino. A cacofonia em sua cabeça a distraíra e a impedira de enxergar a verdade.

Raisa se inclinou na direção de Han, até que apenas poucos centímetros separassem suas bocas. Não conseguiu se impedir de encarar os lábios dele.

— Naquela noite antes da minha coroação, quando eu estava com dúvidas... — começou Raisa. Han assentiu. — Não foi por eu estar com medo de ser rainha, embora devesse. Não foi por estar relutante em me meter na confusão que minha mãe deixou. Por

anos, fiquei frustrada, porque via o reino desabando e não podia mudar as coisas. Pela primeira vez, eu teria a oportunidade, para o bem ou para o mal.

Ela fez uma pausa, mas Han não disse nada, apenas esperou que prosseguisse.

— A verdade é que tive dúvidas porque lá no fundo eu sabia que aceitar a coroa seria o mesmo que perder você.

Os olhos azuis de Han observaram o rosto de Raisa, como se quisessem confirmar o que ele tinha acabado de ouvir.

— E, mesmo assim, você aceitou — disse ele com cautela.

Raisa assentiu.

— Aceitei porque pensei que nunca teria você, então pelo menos assim eu conseguiria uma das coisas que desejava.

Lágrimas arderam nos olhos dela e escorreram pelo rosto.

E, de repente, eles estavam se beijando. Os lábios de Han eram intensos e quentes contra os dela. Raisa passou os braços pelo pescoço dele, suas lágrimas molhando o rosto de Han.

— Eu te amo — sussurrou contra o pescoço dele, sentindo a barba por fazer arranhando sua pele. — Que Hanalea me ajude, mas amo.

— Hanalea — murmurou Han, a boca no cabelo dela. — Tem que ter um jeito de reescrever isso.

— O quê? — Raisa se afastou, segurando o rosto dele com as mãos e olhando-o nos olhos. — O que você disse?

— Deixe pra lá. Não quero perder nosso tempo juntos falando de outras histórias de amor complicadas. — Ele abriu um sorriso selvagem, feroz. — Se você abrir mão do trono, eu vou fazer o que puder para que nunca se arrependa. Qualquer vida que você queira ter, nós poderíamos construir juntos.

— Eu *tenho* a vida que quero — respondeu Raisa. — Ah, sei que não é perfeita, e tem gente tentando me matar, e ninguém no reino se entende, e provavelmente vamos ser invadidos em breve, mas, fora isso...

Inesperadamente, absurdamente, os dois começaram a rir, mesmo que não houvesse nada de engraçado naquilo.

Eles se beijaram e riram e se beijaram de novo, como o pior tipo de tolos. A lua subiu e se pôs, e eles ficaram abraçados, como amantes que têm todo o tempo do mundo. A brisa soprando de Hanalea tocou suas peles quentes como uma bênção. Sombras cinzentas se reuniam ao redor, com olhos e dentes brilhantes — uma proteção contra intrusos.

— O sol está nascendo — disse Raisa quando o alvorecer avermelhou o céu a leste.

Estavam deitados, braços e pernas entrelaçados, em um canteiro de flores, aninhados um ao outro, olhando pelo vidro da abóbada para o céu acima. Não tinham dormido. Para que desperdiçar um único momento do tempo que tinham juntos?

Raisa foi surpreendida pela voz em sua cabeça dizendo que aquele podia ser o único tempo deles juntos.

De manhã céu vermelho, toma cuidado, marinheiro, pensou ela.

O cachorro reapareceu de onde quer que estivesse, cutucou o braço de Han, lambeu o rosto dele e ganiu, inquieto.

— Qual é o nome do seu cachorro? — perguntou Raisa, esticando a mão para que o animal pudesse cheirá-la. Ele pareceu gostar dela, porque se sentou ao seu lado.

— Cão.

— Cão?

— Não fui eu quem escolheu o nome. Herdei do meu antigo empregador.

Tantas perguntas, tantas histórias que precisavam ser contadas. E a própria história, que precisavam escrever. Com final feliz.

Quanto tempo podiam ficar ali sem serem descobertos, naquele pequeno santuário no telhado?

Raisa achava que não muito. Uma lista infinita de coisas a fazer passou por sua mente.

Apoiando a cabeça no braço de Han, ela se virou para olhá-lo.

— Escute. Vou mandar uma mensagem para Amon e pedir que venha aqui. Podemos conversar com ele juntos. Vamos convencê-lo de que você é inocente.

Han fez que não.

— Você só tem minha palavra. E muitas evidências do contrário. Minha palavra nunca bastou antes quando o assunto era me deixar fora da prisão. — Ele se soltou delicadamente do abraço dela e se levantou. Inclinando a cabeça, Han avaliou o ângulo do sol. — Tenho que ir antes que fique claro demais. Agora é o momento ideal, mudança de turno dos casacos azuis.

— Eu sou a rainha. Não vou deixar você ser preso.

— Você é rainha, mas diz para todo mundo que governa seguindo a lei. Não pode abrir exceção no meu caso.

— Quando você virou político? — resmungou Raisa.

— Todo mundo neste reino tem que ser político. Vai demorar um tempo até que tudo seja resolvido, e, enquanto isso, meu destino é a prisão. Não posso provar que sou inocente se estiver preso. E, se eu for para a cadeia, os Bayar vão garantir que eu não saia vivo.

Voltou à memória de Raisa como argumentara com Alister Algema, o dono da rua, sobre a justiça da rainha. Ela não era mais a garota ingênua que insistira que ele teria um julgamento justo.

— Mas... estou com medo de os Demonai ou os Bayar encontrarem você, se estiver por aí sozinho. — Raisa mordeu o lábio para que parasse de tremer.

— Você não ouviu falar de mim? — disse Han com um sorrisinho.

— Sou muito perigoso. — E ele parecia mesmo perigoso. Até dizer:

— Pode cuidar de Cão enquanto eu estiver fora? Não posso levá-lo para onde estou indo.

Cão tinha rolado e deixado a barriga exposta para que fosse coçada. Raisa fez a vontade dele.

— Claro, mas não quero perder você de vista. Tenho medo de nunca mais vê-lo.

— É só por um tempo. — Han ficou de joelhos, segurou suas mãos e disse: — Raisa *ana'*Marianna, rainha de Fells, você quer se casar comigo?

Ela observou o rosto dele, mas não havia sinal de humor.

— O que está planejando fazer? — perguntou Raisa.

— Casar com você, se me quiser. — Ele a olhou nos olhos. — Prometo que, se aceitar se casar comigo, vou fazer acontecer.

— Isso não vai deixar ninguém feliz.

— Só nós dois — disse Han, e sorriu. — E, talvez, Cão.

Casamentos reais não aconteciam assim. Casamentos reais eram negociados entre embaixadores em cortes distantes, ao longo de meses e anos, discutindo assuntos difíceis, como dotes e sucessões. Não havia espaço para promessas e juras de amor em jardins.

Raisa pensou em todos os poderes voltados contra eles. Uma alegria agriçosa e inconsequente tomou conta dela.

— Eu *quero* me casar com você, Hanson Alister.

Ele se levantou e a beijou intensamente, de um jeito que mais uma vez fez o sangue de Raisa ferver.

— Mas ainda quero saber o que está planejando — disse ela assim que se separaram. — Chega de segredos, lembra?

— Chega de segredos — concordou ele, com um suspiro profundo. — Tudo bem. Você já ouviu falar do Arsenal dos Reis Magos?

Raisa o encarou.

— É uma lenda. Não existe.

— Existe. Nosso ancestral, Alger Waterlow, roubou, e não é visto desde então. Sei de uma pessoa que sabe onde está. Quando o arsenal estiver em minhas mãos, tudo mudará. — Ele a beijou de novo. — Encontro você aqui no jardim daqui a uma semana, à meia-noite.

Ele saiu da estufa, pulou a mureta do telhado e desapareceu.

CAPÍTULO TRINTA

Música mortal

— Por que você está em dúvida? — questionou Han. — Fizemos um acordo e agora você tem que honrá-lo.

Corvo andava de um lado para outro, o corpo ondulando feito uma chama.

— Tem mil anos, Alister. Eu não pretendia que ninguém o encontrasse, então está muito bem protegido. Um errinho e você e minha linhagem já eram.

— Desde quando você se preocupa tanto com a linhagem?

Corvo o encarou por um longo momento.

— Desde que descobri que tenho uma — disse ele, por fim, com um dar de ombros constrangido.

Han tinha voltado para a cabana de Lucius, na encosta mais baixa de Hanalea, depois da visita a Fellsmarch.

Era muito provável que uma flecha Demonai o encontrasse se tentasse voltar a Pinhos Marisa. Estava bastante consciente do prazo que se impusera. Tinha uma semana para encontrar o arsenal, confrontar os clãs e o Conselho dos Magos e voltar a Raisa com o resultado.

— Os Demonai, a Guarda e os Bayar querem minha pele. Os Bayar me acusam de traição. A Guarda só quer me prender e me

manter sob proteção durante o inquérito. — Han revirou os olhos. — E o Conselho dos Magos planeja me acusar de assassinatos que não cometi.

— Isso é um problema — respondeu Corvo. — Não uma solução. Se você vai correr esse tipo de risco, precisa ao menos ter uma ideia clara do que vai fazer com o arsenal.

— Preciso de uma vantagem. Não sou político, mas aprendi nas ruas que se negocia de uma posição de força. Tenho que mostrar poder. Todos os magos do reino querem tomar posse do arsenal. Todos os clãs morrem de medo de isso acontecer. O arsenal é a única coisa que vai chamar a atenção de todo mundo.

— E a rainha? O que ela diz?

— Ela acredita em mim — disse Han, lembrando a noite anterior, no jardim de Hanalea. *Tenho isso, pensou. Mesmo que não tenha mais nada.* — Ela está do meu lado.

— Que bom — respondeu Corvo, colocando a mão no ombro de Han. — Isso é importante. — O ancestral de Han parecia ter perdido o gosto por sermões sobre a perfídia das mulheres. — É só que... construí as barreiras do arsenal há muito tempo, anos antes de fortificar os túneis por quase toda Lady Gris. Os detalhes não estão tão claros em minha memória.

Han não pôde deixar de se perguntar como alguns anos poderiam importar, frente a um milênio.

Corvo conjurou uma cadeira e se sentou.

— O que lembro é que as maldições eram letais e as mais complicadas possíveis. Eu era um jovem mago me exibindo. — Uma grande caneca de metal se materializou na mão dele, e Corvo a ergueu em um brinde. — Se quiser se lembrar de tudo que fez quando jovem, fique longe da bebida. — Ele tomou um bom gole. — Se eu pudesse ver a disposição, talvez pudesse ajudar minha memória.

— Venha comigo, então — disse Han.

— Como assim?

Corvo segurou a caneca com as duas mãos.

— Como quando você desfez o feitiço em Lucas. Juntos. Não me possuindo. Para você poder olhar pelos meus olhos, ver o que vejo e me dar instruções.

— Tem certeza? Mesmo isso é arriscado.

— O que é mais arriscado: fazer isso sozinho ou com sua ajuda?
— Han fez uma pausa. — Estou dizendo que confio em você.

— Ah, Alister — disse Corvo, os olhos azuis marejados com lágrimas inesperadas. — Não tem jeito. Você herdou de mim essa natureza confiante. — Ele secou os olhos com as costas da mão e assentiu. — Tudo bem. Eu ficaria mais seguro se pudesse estar com você.

Han limpou a garganta, que estava estranhamente embargada.

— Pois então. Precisamos voltar a Lady Gris?

Isso seria difícil e perigoso.

— Na verdade, há duas entradas para os túneis — esclareceu Corvo. — Eu sempre gosto de ter uma porta dos fundos.

Han ergueu a cabeça, um arrepio percorrendo a nuca. *Somos mais parecidos do que você imagina*, pensou.

— Podemos entrar por Lady Gris ou pelo Monte Marisa — disse Corvo. — Sugiro irmos por Marisa, onde é menos provável que nos vejam.

— Monte Marisa? — Han encarou Corvo, o coração despencando. E se Corvo estivesse falando de um lugar que não existia mais? — Nunca ouvi falar.

— Deve ter ouvido. É o pico mais alto da região, não muito longe da capital. — Ele esticou a mão de forma imperiosa. — Onde está o mapa?

Han o desdobrou e entregou a ele. Corvo estudou o desenho com a testa franzida.

— Bem aqui — disse ele, apontando com o indicador.

Han olhou por cima de seu ombro.

— Você quer dizer Hanalea? É o maior pico daqui.

— Ah — murmurou Corvo, assentindo. — Eu conhecia como Marisa. Quando... quando Hanalea ainda estava viva.

A dor surgiu no rosto dele, mas logo desapareceu.

— Então você está dizendo que tem uma entrada para o arsenal em Hanalea? — Han balançou a cabeça. — Que ironia. Magos são proibidos de ir lá atualmente.

— Na *minha* época, os magos podiam ir aonde quisessem.

— Na *sua* época, os magos quase destruíram o mundo.

Han viajou em meio à vegetação, envolto em glamour, desviando das trilhas que os clãs mais usavam para ir da cidade ao Campo Pinhos Marisa e além. Esperava evitar patrulhas Demonai. Desde a noite no jardim de Hanalea com Raisa, também estava mais interessado no futuro.

Durante o caminho até Hanalea, Corvo falou pouco. Ou estava perdido em pensamentos ou com medo de sua voz na cabeça de Han distraí-lo. Mas Alister sentia a presença dele como uma espécie de pressão leve, como se realmente ocupasse espaço.

A entrada do arsenal ficava na encosta sudeste de Hanalea, de frente para Lady Gris, do outro lado do Vale. Era uma área pouco frequentada, cheia de gêiseres, fontes quentes e poças de lama borbulhantes. A superfície era uma camada fina de lama endurecida que poderia desabar sob passos menos cautelosos. Han já tinha estado lá, procurando por plantas para vender nas feiras.

Ele guiou Ragger para bem longe das fissuras emitindo vapor e seguiu pela superfície imprevisível na direção de uma fenda que cuspiu uma névoa sulfurosa.

— Chegamos — anunciou Corvo. — Vamos entrar por aquela fumarola.

— É de verdade ou é glamour?

— É de verdade. Eu não queria deixar nenhum resíduo mágico que pudesse chamar atenção.

Han olhou para o ponto de entrada com desconfiança.

— Parece que vou ser queimado vivo.

— Você tem que entrar no intervalo entre as erupções. Se me lembro bem, são a cada vinte minutos.

— Isso pode ter mudado em mil anos. Willo diz que gêiseres e fontes vêm e vão e mudam de hábito com o tempo. Nem sabemos quando foi a última erupção.

Portanto, precisaram sentar e esperar até que o gêiser cuspsisse, depois observar até acontecer de novo e marcar o tempo de intervalo no velho relógio de bolso de Lucius.

Quinze minutos.

— Espero que seja regular — disse Han. — Talvez devêssemos contar o tempo de novo.

Dezesseis minutos da segunda vez.

Han se sentou na beirada da fissura e balançou os pés no vão. Espiou abaixo entre os joelhos, encarando a escuridão fumegante.

— Qual é a profundidade?

— Uns 3 metros — respondeu Corvo. — Não é fundo o bastante para quebrar um osso.

— E como eu saio?

— Supondo que não queira sair montado no gêiser, tem que ser por Lady Gris.

— Então é só entrada.

— Tinha uma escada de corda. Já deve ter apodrecido. Devíamos ter trazido uma.

— Eu teria trazido, se você tivesse falado.

— Faz mil anos. Eu esqueci.

Han não tinha como argumentar contra isso.

— O que tem embaixo? Água fervente?

— No fundo da fenda, um túnel segue em duas direções. Uma leva ao lago do gêiser. Você precisa ir para esse lado primeiro.

— Espere um minuto — disse Han, pensando que tinha ouvido errado. — Tenho que ir na *direção* do lago?

— É. Na metade do túnel, você vai encontrar uma pedra entalhada na parede. Atrás dela tem uma chave. Pegue essa chave e volte na outra direção o mais rápido possível. O outro túnel leva ao arsenal. — Ele fez uma pausa, e como Han não se mexeu, disse: — É melhor você ir. Já devem ter se passado uns quatro minutos, e quando a água começa a esquentar, fica muito desagradável lá embaixo.

Virando-se para ficar de frente para a parede da fissura, Han deslizou o corpo pelo buraco, segurando a beirada com os dedos e se abaixando até os braços estarem esticados. Então se soltou e caiu de pé no piso lodoso de pedra, quase escorregando.

Se eu cair e quebrar a cabeça, vou ser queimado vivo, pensou Han. Então conseguiu continuar de pé.

— Parece mais fundo do que antes — murmurou Corvo.

À direita, o túnel descia. Estava bem quente, cuspidos filetes de névoa sulfurosa. Han se apressou naquela direção, observando as paredes dos dois lados.

Encontrou uma pedra do tamanho de sua cabeça exibindo os corvos de Waterlow, no alto, à esquerda. Han enfiou os dedos ao redor da rocha e a empurrou, deixando-a rolar pelo chão para enfiar a mão no nicho que foi revelado.

Seus dedos se fecharam em um objeto de metal e ele puxou uma grande chave dourada.

Sem se dar ao trabalho de colocar a pedra no lugar, Han se virou para o outro lado. Depois de passar pela fissura do gêiser, o túnel era baixo demais para sua altura, então ele se inclinou e correu o mais rápido possível, Tateando, gerando luz nas pontas dos dedos para enxergar o caminho. Han abençoou cada curva e esquina, torcendo para que o protegesse quando o gêiser soprasse.

Quando achou que seus pulmões explodiriam, ouviu um rugido atrás de si. Han pressionou o corpo contra a parede e se cobriu com magia enquanto uma explosão de vapor ameaçava esmagá-lo.

Parecia não ter fim, e quando diminuiu, ele se sentia assado como um pedaço de carne dura.

— Estou feliz de não ter que voltar por aqui — murmurou ele.

Depois disso, o túnel se alargou e ficou reto, e prosseguiu assim pelo que pareceram quilômetros. De tempos em tempos, entrava luz por alguma fenda acima dele.

— Já estamos chegando? — questionou Han, como uma criança pequena em uma viagem longa.

— Quase — respondeu Corvo. — Na verdade, estamos atravessando o Vale, de Hanalea até Lady Gris, por uma rota bem direta. Essa rede de túneis permitia que eu e meus aliados atravessássemos o Vale sem sermos vistos.

Han pensou nos campos de fazendas e nos vilarejos acima, na cidade com suas ruas cheias tortuosas e gente pilantra. Aqueles túneis poderiam ter sido úteis para ele. Parecia que estivera sempre fugindo de alguém.

Depois de um tempo, o túnel começou a se inclinar para cima, e Han soube que estavam recomeçando a longa subida para as terras altas.

Seguiu em frente, consciente da passagem do tempo, perguntando-se o que seus inimigos estariam tramando. Comeu frutas secas enquanto caminhava e bebeu água do cantil. Pelo menos não havia mais gêiseres a enfrentar. Mesmo assim, estava com os pés doendo e com fome quando entrou na rede de cavernas e túneis que formavam o covil do Rei Demônio debaixo de Lady Gris.

— Me desculpe, Alister — disse Corvo, escutando seus pensamentos. — Sem um corpo, acabo esquecendo a necessidade de comer. E a distância é menor vindo de Lady Gris do que de Hanalea. Deve ser bem acessível de sua nova moradia.

Nova moradia? Certo. Ele era Grão-Mago agora, pelo menos até ser preso e executado.

Passaram a encontrar barreiras e armadilhas mágicas. Corvo sussurrava instruções enquanto Han seguia pelo perigoso labirinto.

— Estranho — murmurou Corvo. — Não me lembro de algumas dessas barreiras.

Mesmo assim, ele não tinha dificuldade em lhe dizer os feitiços que as desarmavam.

— Qual é a sensação de voltar aqui, depois de tanto tempo? — perguntou Han.

Após uma longa pausa, Corvo respondeu:

— Agora que chegamos, parece que foi ontem que eu tinha sonhos e aspirações. Esperanças no futuro. Uma mulher que eu amava mais do que a mim mesmo.

Depois disso, Han ficou quieto.

— Estamos chegando — avisou Corvo. — À frente tem uma porta, se você desfizer o feitiço.

Han obedeceu, e a porta surgiu, mergulhada em magia e coberta de runas.

— Espere. Não abra — acrescentou Corvo rapidamente quando Han estendeu a mão na direção da tranca. — Acabei de me lembrar de uma coisa. Você canta bem?

— Cantar? — indagou Han, confuso. — Não muito, para falar a verdade.

— Canta alto, pelo menos? Consegue sustentar uma melodia?

— Por que isso é importante neste momento? — perguntou Han, exasperado.

— A próxima câmara é cheia de pássaros canoros, se lembro bem. A música é como alga-do-sono. Vai fazer você dormir, se escutar. Eles dormem a maior parte do tempo, então o melhor é passar sem acordá-los. Se acordarem, aí você precisa cantar alto o bastante para não ouvir a música deles.

— Que ótimo. De quem foi essa ideia?

— Pareceu boa, na época — respondeu Corvo. — Eu era um ótimo cantor.

— Não posso só colocar as mãos nos ouvidos?

— Faça isso também, mas sempre tem o risco de o som passar. Se você adormecer, não vai acordar nunca.

— E esse é o caminho mais fácil? Foi o que você disse, não foi?

— Shhh. Não fale tão alto.

Han tentou pensar em uma música longa o bastante para acompanhá-lo por toda a câmara de pedra. A única que lhe veio à mente foi uma música de taverna sobre Hanalea e o Rei Demônio.

Ele abriu a porta.

Havia poleiros por todo o cômodo, cada um ocupado por vários pássaros coloridos como pedras preciosas e com caudas longas e extravagantes. Estavam encolhidos juntos, as cabeças debaixo das asas: rubi, esmeralda, safira e topázio.

São lindos, pensou Han. Que pena que estão escondidos aqui embaixo.

De olho nos pássaros, Han caminhou com passos leves pela sala, na direção de uma porta do outro lado. Na metade do caminho, pisou em alguma coisa que rolou sob seu pé e bateu na parede com um estalo, quase fazendo-o escorregar.

Corvo soltou um palavrão dentro de sua cabeça. Han se virou para olhar em que tinha pisado e percebeu que era um crânio. Foi quando reparou que o chão estava coberto de pilhas de ossos, totalmente limpas, sem carne.

Ele ergueu o rosto e viu que vários pássaros tinham erguido as cabeças e aberto os olhos.

Sentindo-se um tolo, Han tapou os ouvidos e começou a cantar em voz alta, enquanto corria pela sala.

*Ah, as rainhas Lobo Gris são fogosas, amantes sem igual.
Se você é homem nascido de mulher, vai padecer desse mal.*

Hanalea Guerreira os exércitos do norte liderou,

*Mas foi na cama que sua maior vitória conquistou.
Ah, o Rei Demônio foi até ela com a espada longa e dura...*

Ciente de que Corvo estava prestando atenção, Han hesitou, constrangido, e esqueceu os versos seguintes. Foi quando escutou... Escutou a música mais maravilhosa do mundo, uma música que alentou seu coração. Ele baixou as mãos e olhou para cima, hipnotizado. Os pássaros abriram os bicos, os pescoços cor de rubi vibrando com a doce música que enevoava sua mente e aplacava suas preocupações.

Ele caiu de joelhos, encantado, hipnotizado, embriagado de prazer. Esqueceu o Arsenal dos Reis Magos. Não conseguia nem lembrar mais o próprio nome.

— Alister! Alister, o que eu falei? — gritou Corvo em seu ouvido, mas era como o zumbido de uma vespa desagradável junto àquela bela melodia.

Han queria segui-la aonde quer que o levasse. Caiu para a frente até se deitar, aninhando a cabeça nos braços, sabendo que, o que quer que acontecesse, independentemente de por quanto tempo dormisse, seus sonhos seriam doces.

Ouviu o leve sussurro de asas quando os pássaros pousaram em suas costas e nos ombros. Encolheu-se um pouco quando os bicos afiados rasgaram sua roupa e pele. *Ah, bem, pensou ele de forma sonhadora, o preço precisa ser pago, afinal.*

CAPÍTULO TRINTA E UM

O Arsenal dos Reis Magos

Então, de repente, Han estava se erguendo do chão e correndo, balançando os braços desesperadamente para afastar os pássaros do corpo.

— Mas é lindo — tentou dizer, mas percebeu que não estava mais no controle da voz. *Por favor*, pensou ele. *Quero ficar e ouvir.*

As súplicas, no entanto, não chegaram aos lábios. Uma onda de náusea tomou conta dele.

Corvo estava no comando de seu corpo mais uma vez.

Han cambaleou por pilhas de ossos e trapos de roupas, os restos de antigos visitantes, até a porta do outro lado da câmara.

Gritando protestos silenciosos, Han abriu a passagem e atravessou-a aos tropeços. Virando-se, puxou a maçaneta e bateu a porta, prendendo vários pássaros entre ela e o batente, espalhando penas brilhantes que espiralaram até caírem como cacos de vidro colorido no chão de pedra.

Um par de pássaros se agarrara às suas roupas, e ele os espanou e pisoteou. Por fim, eles ficaram em silêncio, montinhos de sangue e penas. A música enfeitiçante parou.

Sangue escorria de suas costas, onde os pássaros haviam perfurado a pele. Como uma marionete cujas cordas haviam sido

cortadas, Han se apoiou na parede, ofegante, horrorizado.

— Eu falei para você não acordar os pássaros — disse Corvo, com voz baixa, séria e assustada. — Falei para cantar alto. Não precisava cantar bem. Você não consegue seguir instruções simples?

De repente, Han conseguiu falar.

— Eu... esqueci a letra — gemeu, sentindo-se um pouco tonto. — Você não me disse que eles fariam picadinho de mim.

— Eu tinha me esquecido disso até que vi os ossos.

— Você *esqueceu*. Certo. Muito compreensível — murmurou Han.

— Tudo está voltando agora — disse Corvo. — Eles são chamados de comedores mágicos. Comem qualquer tipo de carne, mas gostam especialmente de magos. Não adianta usar magia contra eles; é como combustível. Conseguem comer um corpo inteiro em minutos. E imagino que estejam com fome, depois de mil anos. Se bem que, pelos restos, parece que algumas pessoas conseguiram chegar lá.

Han tremeu.

— Onde você encontrou? Os pássaros?

— Comprei de um pirata de Carthis. Ele parecia ansioso para se livrar das aves.

Quando o coração de Han desacelerou um pouco, ele olhou ao redor pela primeira vez. Estavam em outra câmara de pedra, menor e quase redonda. A única entrada parecia ser pela porta que haviam usado.

— É um beco sem saída? — perguntou Han, a boca ficando seca com a ideia de passar pela câmara dos pássaros de novo.

— Não. Use o feitiço de revelação.

Segurando o amuleto, Han obedeceu. Uma parede de magia surgiu do outro lado, encobrindo outra porta, menor e simples.

— Vá em frente. Desfaça a magia.

— Não tem mais pássaros comedores de carne atrás dessa porta, tem?

— Nada de pássaros — respondeu Corvo. — Eu juro.

Delicadamente, Han desfez a magia que cobria a parede e expôs uma porta de madeira em arco, reforçada com metal, incrivelmente sólida depois de mais de mil anos. Ele encostou a palma da mão na superfície, como se pudesse abri-la com o toque.

— Use a chave — instruiu Corvo.

Han tirou a chave do bolso e enfiou na tranca. O mecanismo se moveu com facilidade, sem sinal de ferrugem ou de estrago. Ele abriu a passagem, lançando à frente um fecho de luz que subiu até o teto e revelou uma cintilante câmara do tesouro subterrânea.

Han deu um passo à frente, e mais outro, estreitando os olhos contra o brilho de centenas de superfícies que refletiam. Varinhas, cajados e óculos. Espadas ornamentadas, adagas, armaduras, amuletos e talismãs. Cálices e copos com runas inscritas.

O Arsenal dos Reis Magos.

Havia outras joias mágicas, faz-feitiços de todos os tipos, de tiaras a cintos, de colares a anéis e pulseiras. Mesas carregadas de bolas de cristal enevoadas. Prateleiras lotadas de máscaras, capas e roupas. Espelhos e painéis pintados e gaiolas elaboradas sem nada dentro se alinhavam na parede. Rolos de tecidos entremeados com ouro e prata ocupavam cestos ao lado de prateleiras de livros e pergaminhos, que Han supôs conter caóticos segredos mágicos.

Jarros de cristal guardavam poções misteriosas de cores exóticas, junto a potes de pós e pastas. As poções ainda funcionariam, depois de mil anos? Ou seriam perigosas demais para serem experimentadas?

— Não toque em nada sem me perguntar — disse Corvo, ouvindo os pensamentos de Han. — A maioria é algum tipo de arma, ou objetos e aparatos usados para a guerra. Boa parte foi reunida antes da minha época, então tem algumas coisas das quais nunca tive certeza para que funcionavam.

Parecia o bastante para armar um exército mágico. Os velhos amuletos por si só valeriam uma fortuna. Se Han vendesse aquele

lote, poderia construir um palácio para cada residente de Feira dos Trapilhos e Ponte Austral e ainda ter o suficiente para se aposentar em seu castelo em Grotta de Fogo.

Pensou nos Bayar, em seus colegas do Conselho dos Magos, e no quanto ficariam ansiosos para botar as mãos naquele tesouro.

— O que você planejava fazer com tudo isso? — perguntou Han, pensando que seu ancestral era tão ladrão quanto ele.

— Peguei o arsenal principalmente para mantê-lo fora do alcance dos meus inimigos. Deixei guardado para o caso de as coisas darem errado. No fim das contas, não tive oportunidade de usar, pois fui pego de surpresa. — Ele parou de falar. — Eu tinha muitos planos, e então... nada.

— Vou usar para fazer todo mundo recuar e me deixar em paz.
Corvo riu.

— Boa sorte. Não funcionou muito bem para mim.

Han observou a câmara, impressionado com o que tinha ali.

— Preciso de alguma coisa pequena que eu possa levar e usar para provar que encontrei o arsenal, mas sem revelar a localização. Tem alguma peça famosa aqui? Uma coisa tão específica que não poderia haver confusão?

Han acenou na direção dos objetos ao redor.

— Eu não contaria a ninguém que você sabe onde está o arsenal — aconselhou Corvo. — Não se quiser ficar vivo.

— Vou escolher a hora e o local. Vou fazer no meu terreno, nos meus termos.

— Esse também era meu plano.

Han andou ao redor, examinando cuidadosamente as armas reunidas ao longo de séculos de governo mago.

— Tem uma coisa. Não é muito importante magicamente, mas de uma perspectiva histórica... Olhe para a esquerda, naquela prateleira, um pouco acima da sua cabeça. Aquela caixinha de prata.

Han tirou a caixa da prateleira com cuidado e colocou no chão.

— Por que isso é importante?

— Olhe dentro — respondeu Corvo.

Han levantou a tampa cuidadosamente entalhada e encontrou uma coroa elaborada, de ouro vermelho, cravejada de rubis, granadas e opalas de fogo, como uma coroa de chamas. Ele passou o dedo por uma das pedras maiores. Não havia sinal de magia.

— Isso deve valer uma fortuna.

— É um objeto chamativo — disse Corvo, indiferente. — Mas sem dúvida reconhecível.

Com cuidado, Han ergueu a coroa do nicho de veludo puído. Era pesada; só o ouro já devia valer uma nota.

— De quem é?

— Chamam de Coroa Escarlate. Foi usada por todos os reis magos desde que chegamos ao continente. É pesada demais para ser usada diariamente, então guardavam com o arsenal. Peguei para não poderem coroar Kinley Bayar enquanto eu estava preso em Lady Gris. Os anciãos do Conselho dos Magos chiaram bastante quando sumiu. Imagino que ainda seja lembrada. Se quiser uma prova de que esteve aqui, seria essa coroa. — Ele fez uma pausa. — Experimente.

— Hã-hã. — Han a colocou na bolsa. O objeto deixou-a volumosa e pontuda. — Tudo bem. Isso é tudo que vou levar agora. E como volto para Lady Gris?

Corvo tinha razão: a distância era menor do arsenal até Lady Gris do que até a entrada de Hanalea. Han subiu até as entranhas da montanha. Corvo o guiou por mais barreiras, armadilhas e truques.

Chegaram a uma espécie de cruzamento, e Corvo o direcionou para a direita, por um caminho que acabava em uma parede.

— Deve haver uma porta aí — instruiu ele. — Encontre-a.

Han desfez as camadas de magia e revelou uma porta de madeira com contornos de metal, feita para se encaixar em uma passagem arqueada aberta na pedra. Tinha uma tranca enorme.

— Hum. Eu não esperava que estivesse trancada.

— Você não botou essa tranca aí?

— Não. — Depois de uma breve pausa, Corvo disse: — Não estou gostando disso.

— Bem, não podemos voltar pelo caminho por onde viemos — ponderou Han.

Ele puxou a faca, enfiou a ponta no buraco da fechadura e cutucou até ouvir o clique satisfatório do mecanismo cedendo.

— Seus talentos não têm fim? — perguntou Corvo.

Han abriu a porta, que se deslocou com facilidade em dobradiças lubrificadas e deu em outro corredor de pedra.

Enquanto atravessava outra passagem tortuosa, Han sentiu um aroma de piche queimado, como se alguém tivesse passado com tochas momentos antes. Quem mais poderia estar ali embaixo?

Os pelos de sua nuca ficaram arrepiados. Seguiu com cautela, prestando atenção a intrusos, a mão no amuleto.

Corvo o guiou para um corredor lateral. Estavam em terreno desconhecido, andando por um túnel pouco maior do que a largura dos ombros de Han. Ele colocou a bolsa nas costas, para não arrastá-la na parede. Para sua surpresa, o túnel não tinha barreiras nem armadilhas mágicas e o ar estava relativamente fresco.

Depois de mais uns 30 metros, o corredor cruzava com outro. Han virou para a direita e deu de cara com outra porta trancada. Ao puxar a adaga, um som baixo atrás dele o fez se virar parcialmente. Alguma coisa bateu em sua nuca, e ele caiu de cara no chão. A faca bateu na parede.

Mãos seguraram seus braços, unindo os pulsos nas costas e amarrando-os, de forma que ele não conseguiu pegar o amuleto. Ouviu uma voz de mulher, baixa, ofegante e empolgada, entoando um feitiço.

Han arqueou o corpo e sua cabeça acertou alguma coisa, com um estalo satisfatório. Alguém gritou atrás dele e as mãos o soltaram. Ouviu uma voz familiar dizendo:

— Cuidado... eu o quero vivo.

Eles o viraram, e Han deu de cara com os rostos de Fiona e Gavan Bayar. O nariz perfeito de Fiona estava um pouco torto e pingando sangue.

Han ergueu os pés para tentar outro golpe, mas ela se lançou sobre a barriga dele e o prendeu no chão. Então Gavan Bayar acabou com suas chances ao fazer um feitiço de imobilização.

Fiona se ajoelhou ao lado dele e segurou as correntes ao redor de seu pescoço. Metal derretido escorreu para sua pele, e Han mordeu o lábio para não gritar.

Ela lhe tirou os amuletos, deixando-o com uma sensação de vazio. Ao enfiar a mão nos bolsos de Han, Fiona encontrou o talismã.

— Tão poderoso que precisa de dois amuletos, Alister? — questionou ela, guardando o amuleto de Caçador Solitário e o talismã.

Han permaneceu deitado de costas, como um pedaço de carne servido para o jantar, com dois Bayar olhando-o de cima como se estivessem prestes a atacar. Fiona apertava a corrente do amuleto de serpente e balançava de um lado para outro sobre o rosto dele, provocativamente perto.

Han fechou os olhos, mas isso fez sua cabeça girar, então os reabriu, estreitados, para esconder ao máximo a vista.

As palavras de Corvo voltaram a ele. *Eu tinha muitos planos, e então... nada.*

— Bem-vindo às profundezas, Alister — disse Gavan Bayar, com os lábios se retorcendo em um sorriso frio. — Que... fortuito estarmos aqui para receber você. Estávamos voltando de uma reunião na Casa do Conselho. Você foi assunto de discussão, e agora aqui está.

Bayar fez uma pausa, e então, como se Han tivesse feito uma pergunta, disse:

— Ah, sim, sabemos sobre esses túneis há muito tempo. Tem uma entrada diretamente em nossos aposentos, na Casa do

Conselho, que nos permite viajar de lá até a Casa Aerie sem sermos vistos. Percebemos que devia haver outro caminho quando você começou a aparecer e desaparecer misteriosamente de Lady Gris. Parece que há partes destes túneis que ainda não exploramos.

Fiona segurou a adaga de Han pela ponta.

— Planejando matar alguém? É por isso que está aqui?

Sem esperar resposta, ela levantou a bolsa de Han e virou no chão o que tinha dentro.

— Pai! — Ela se ajoelhou e segurou a Coroa Escarlate com as duas mãos. — Sangue do Demônio! Onde você pegou isso? De quem roubou?

Ela olhou da coroa para Han e para a coroa de novo, passando os dedos pelo entalhe de chamas.

— Me deixe ver isso — disse Gavan Bayar, esticando a mão.

Fiona entregou a coroa. Lorde Bayar a virou e examinou de todos os lados, inclinando-a sob a luz das tochas, observando a parte interna em busca da marca do artesão. Em seguida, olhou para Han, os olhos azuis brilhando como um sol invernal refletido em gelo.

— Ora, ora. Somos ambiciosos, não é?

— Isso é o que parece ser? — perguntou Fiona. — É autêntica?

Lorde Bayar assentiu.

— É a coroa dos reis magos, que pertence a nós por direito. Um tesouro que está desaparecido há mil anos. — Ele devolveu para Fiona. — Ficava guardada com o arsenal e foi roubada pelo Rei Demônio logo antes da Cisão.

— A Coroa Escarlate? — Fiona a pesou nas mãos. — Mas como ele poderia...

— Parece que Alister arrancou o segredo do amuleto do Rei Demônio e encontrou o arsenal — disse Gavan Bayar com imensa satisfação. — Agora, só precisamos arrancar dele.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Traição

A esperança é uma coisa perigosa, pensou Raisal. Quando acende, é difícil de ser apagada. Transforma pessoas sábias em tolas.

Raisal nunca pensara em si mesma como uma pessoa frívola. Na verdade, as pessoas frívolas sempre a irritaram. Mas nos dias seguintes a seu encontro com Han Alister no jardim, ela chegou perto disso.

Em alguns dias, se pegou escrevendo o nome de Han repetidamente no diário, com letras variadas. Pedia a seus instrumentistas que tocassem músicas de amor. Acariciava o anel de Hanalea, polindo-o com os dedos. Permitiu que Cão dormisse ao pé da cama, depois de tomar um banho caprichado.

Nas intermináveis reuniões, sua atenção divagava. Era uma luta se concentrar nas tarefas do momento, com a lembrança de beijos para distraí-la. Recordou a jura de casamento de Han, examinando as palavras em sua mente até desgastá-las.

Prometo que, se aceitar se casar comigo, vou fazer acontecer, dissera ele. Han Alister sempre conseguia o que queria. Não era o que todos diziam?

Eu não sou assim, pensou Raisal. *Faço as coisas acontecerem. Não fico esperando que outra pessoa faça.*

Na noite em que haviam marcado de se reencontrar, Raisa e Cão esperaram no jardim até o alvorecer surgir acima do Portal Oriental, pulando a cada som, mas Han não apareceu. Ela voltou ao jardim nas duas noites seguintes, mas ele não deu sinal de vida.

A preocupação era um nó em suas entranhas, tão opressiva quanto o calor. Para onde ele poderia ir, com os Demonai e o Conselho dos Magos caçando-o? Han dissera que ia procurar o Arsenal dos Reis Magos. Onde estaria?

Há muitos motivos para ele não vir, pensou ela. Muitas coisas podiam tê-lo atrasado. Então às vezes ficava esperançosa e às vezes, desanimada.

Mellony reparou.

— O que deu em você ultimamente? — perguntou ela, apoiando o baralho na mesa e inclinando a cabeça. — Está diferente. Tem certeza de que não está doente?

— Estou bem — disse Raisa rapidamente, constrangida por ter divagado.

Tinha tornado prioridade passar mais tempo com a irmã, desde o incêndio em Feira dos Trapilhos. Cinquenta pessoas haviam morrido naquela noite, e isso a lembrara de quanto a vida humana podia ser frágil.

— É que está muito quente.

Raisa tirou o cabelo suado da testa. Desejava poder deixar aquela corte meio vazia para trás e seguir para as montanhas. Os magos estavam em suas casas de veraneio nas montanhas do sul. Os clãs estavam nos fortes, nas Espirituais. Todo mundo tinha um lugar para ir, menos ela.

Naquela tarde, encararia a temida reunião com o general Klemath, para informá-lo de que estava livre do dever como general do Exército das Terras Altas. Em seguida, faria uma reunião com os principais comandantes, para apresentá-los a Char Dunedain como nova comandante.

— Pela forma como anda agindo, acho que deve estar apaixonada.

Raisa levantou a cabeça, assustada, incapaz de conjurar a tempo sua expressão de comerciante.

— Eu sabia — disse Mellony, infeliz. — Você está apaixonada. É por Micah, não é?

— Não é por Micah — respondeu Raisa.

— Não precisa mentir. — Mellony cobriu os olhos. — Você sente falta dele, está preocupada, e é por isso que está tão mal-humorada e... e distraída.

— Você está enganada. É só que...

— Sei que você não quer que ninguém saiba porque papai é contra e vovó também. Eu pensei que ele talvez reparasse em mim se... se não estivesse concentrado em você, mas...

— Eu não estou apaixonada por Micah Bayar! — Raisa praticamente gritou.

Mellony a encarou, confusa.

— Se não é por Micah, então por quem? — indagou ela, intrigada.

Raisa hesitou, procurando uma forma de voltar atrás no que havia dito. Mas então resolveu contar, sem pensar nas consequências.

— Han Alister. Estou apaixonada por Han. Não por Micah.

Mellony arregalou os olhos.

— É mesmo? — sussurrou ela, o rosto deixando transparecer surpresa e alívio.

Raisa assentiu.

— Então, se acha que papai e vovó não aprovam Micah, acredite que eles vão achar isso bem pior.

— Ah, Raisa! — Mellony abraçou a irmã, molhando sua bochecha com lágrimas. — Estou muito feliz por você! Não se preocupe. Tenho certeza de que vai dar certo, de algum jeito.

Raisa a apertou contra si.

— Obrigada, Mellony — disse quando finalmente se separaram.
— Espero que tenha razão.

— É claro que tenho. Eles vão ter que ser sensatos. Afinal, foi um escândalo quando mamãe se casou com papai. Terão que abandonar o velho jeito de pensar.

Mas eles se agarram a esse velho jeito de pensar há muito tempo, ponderou Raisa. Mesmo assim, o otimismo de Mellony era contagiante.

A irmã se levantou e andou de um lado para outro.

— Ah, eu devia ter percebido. Como não vi? Ele é muito bonito e... e malicioso, ao mesmo tempo. Dá para ver que é experiente, com aquela cicatriz e tudo. Missy, Alicia e Caroline estão flertando com ele há meses. Ele é sempre educado, mas nunca dá em nada, e elas não entendiam por quê. Nós nunca adivinhamos.

Que bom, pensou Raisa. *Fico feliz de não termos sido tão óbvios.*

Mellony se sentou novamente a seu lado, segurou suas mãos e chegou mais perto.

— Quem mais sabe?

— Ninguém. Só nós três. E ninguém *pode* saber, é perigoso demais. Temos que guardar segredo por enquanto. Promete?

— Eu nunca vou contar — disse Mellony, exibindo as covinhas. — Vocês são amantes? Não, não responda, não precisa. Mas isso é muito romântico, uma rainha e o guarda-costas, como em uma história. — Ela tocou o anel que Han dera a Raisa na coroação. — Esse anel é dele? Vocês estão comprometidos?

Raisa assentiu e sorriu, a contragosto.

— Acho que sim.

Ela se sentiu culpada ao ver a alegria de Mellony com aquele segredo compartilhado. Nunca contara muitas coisas para a irmã mais nova; a diferença de idade e de personalidade sempre fora uma barreira. Isso e o papel de Mellony como favorita de Marianna.

Raisa sabia que as esperanças de Mellony tinham se reacendido. A irmã via aquilo como uma brecha para um futuro com Micah,

dando certo ou não. Ela esperava que a irmã mais nova não acabasse se magoando.

Mellony ainda estava avaliando as implicações da confissão de Raisa.

— Vai fazer um casamento grandioso ou vai fugir para se casar? Ah, espero que vocês não fujam! Eu adoraria ir a seu casamento. — Ela mordeu o lábio. — Se você me convidasse, claro.

— É claro que eu gostaria que você fosse ao meu casamento, mas é prematuro fazer qualquer plano — respondeu Raisa. — Nada disso vai ser fácil e rápido.

Uma batida na porta interrompeu a conversa. Cão ergueu a cabeça e rosnou.

— Eu atendo — disse Mellony com um sorriso conspiratório.

Ela abriu a porta e deu de cara com Cat Tyburn, suja de viagem e com aparência cansada, o rosto contorcido de preocupação.

— Cat! Você voltou! — Raisa se levantou. — Graças à Lady.

Cat encarou Mellony, parecendo surpresa por encontrá-la ali, depois olhou para Raisa e ergueu as sobrancelhas. A mensagem era clara: *Precisamos conversar.*

— Mellony, preciso falar com Caterina antes da reunião com o general Klemath e os outros. Vejo você no jantar?

Mellony assentiu.

— Até o jantar, então. Espero que a reunião corra bem.

Ela fez uma reverência e partiu, com um andar animado que Raisa não vira antes.

Quando a porta se fechou, ela abraçou Cat, que enrijeceu o corpo e se soltou o mais rápido que conseguiu.

Ela acha que eu devia ter defendido Han Alister para os Bayar e Amon Byrne, pensou Raisa, a culpa pesando nos ombros como um xale. Percebeu que se importava muito com o que Cat pensava dela.

— Senti sua falta — disse Raisa, constrangida. — Fico feliz de você ter voltado. Eu estava preocupada... Não sabia aonde você

tinha ido.

Cat deu um passo para trás, de cara feia, unindo as sobrancelhas.

— Lorde Alister... está aqui?

Raisa balançou a cabeça, um frio incômodo na barriga.

— Não. Eu não o vejo há mais de uma semana. Pensei que estivesse com você.

Cat fez que não.

— Na última vez que vi Alister, ele estava vindo para cá ver você. Isso foi... hã... dez dias atrás. Não soube mais dele. — Ela apontou para Cão. — Este cachorro é dele — acrescentou, de modo acusatório.

— Eu sei. Ele veio mesmo aqui. Me ver. — Raisa limpou a garganta. — E foi embora. Disse que você avisou que... o capitão Byrne pretendia prendê-lo.

— Bem. Alguém tinha que avisar — disse Cat, sem soar arrependida. Ela observou o rosto de Raisa como se pensasse que a rainha trancara Han em algum lugar. — Ele... estava bem quando foi embora?

— Estava. Ele... nós... tivemos uma longa conversa. — Raisa pigarreou e sentiu as bochechas arderem. — E nós... hã... chegamos a um entendimento.

Cat estreitou os olhos.

— Conversa?

Raisa assentiu e mordeu o lábio.

A boca de Cat se retorceu e quase abriu um sorriso.

— Ha! Ele é bom de conversa, é mesmo. Todas as garotas dizem.

— É mesmo? — questionou Raisa, sem sorrir de volta. — Bem, não sei para onde ele foi depois que partiu. Disse que voltaria três dias atrás, mas não apareceu.

— Não estou gostando nada disso. Tem gente demais atrás dele.

— Ele falou que ia procurar o Arsenal dos Reis Magos — explicou Raisa, observando Cat.

— *O quê?* — A garota franziu a testa.

— Ele não mencionou? Você não sabe onde está?

Cat balançou a cabeça.

— Hã-hã. Nunca ouvi falar.

Han Alister continuava guardando segredos.

— Onde está Dançarino de Fogo? Será que estão juntos?

— Eu estava com Dançarino. Algema não estava em Pinhos Marisa nem no esconderijo de Feira dos Trapilhos.

O coração de Raisa parou.

— Se ele tivesse sido preso, eu saberia. Mas, Cat, é possível que os Demonai ou os Bayar tenham encontrado Han primeiro?

Então, subitamente, as lágrimas vieram, e Cat abraçou Raisa, dando tapinhas em suas costas.

— Nunca se envolva com um dono da rua — murmurou Cat. — Era o que minha mãe dizia. Não tem futuro. Mas eu ouvi?

— Cat, se acontecer alguma coisa com ele, não sei o que vou fazer. — Raisa limpou os olhos. — O que quer que aconteça vai ser minha culpa. Eu devia ter fugido com ele ou mandado que fosse embora. Não devia ter encorajado a... a...

— Algema nunca precisou de encorajamento quando o assunto era correr riscos. Vocês são um bom par nisso, pelo menos.

Uma batida na porta interrompeu as duas.

Cat olhou para Raisa de modo questionador.

— Veja quem é — pediu a rainha.

Cat foi até a porta, resmungando.

— Vossa Majestade — disse Amon do outro lado. — Nós tínhamos uma reunião.

Malditos ossos sangrentos, pensou Raisa. *Eu não quero ser rainha agora.*

— Me dê um minuto — respondeu ao capitão.

Ela correu ao quarto, passou pó no nariz vermelho e secou os olhos úmidos. Depois de ajeitar o cabelo, empertigou os ombros e voltou para a sala. *Expressão de comerciante.*

Cat encarou sua transformação com ar surpreso. Raisa assentiu, e a garota abriu a porta.

Amon Byrne e Char Dunedain surgiram, os dois com expressão séria e bem-arrumados, apesar do dia abafado. Fizeram uma reverência para Raisa.

— Capitão Byrne, general Dunedain — cumprimentou ela. — Pedi que o general Klemath se encontrasse conosco na câmara de audiências.

Amon assentiu, mas seus olhos cinzentos não desgrudaram do rosto de Raisa.

— Aconteceu alguma coisa, Vossa Majestade? Se quiser adiar...

— Não. A situação não vai melhorar com espera. Vamos? — De impulso, ela se virou para Cat. — Lady Tyburn, por favor, venha conosco.

Raisa guiou os oficiais para a câmara de audiências, a guarda logo atrás, dentre eles Reid Andarilho da Noite. Cat seguiu na frente, vigiando os corredores laterais e as janelas.

— Onde está todo mundo? — perguntou ela, esfregando os braços tatuados. — Parece Feira dos Trapilhos antes de uma luta de donos da rua.

Mas, aos olhos de Raisa, os corredores não estavam desertos. Lobos vagavam pelo caminho, latindo, os pelos eriçados. Reuniam-se à frente dela, se dissipavam e reapareciam conforme ela e o grupo avançavam. As vozes ecoavam em seus ouvidos. *Cuidado!*

Ela se esforçou para não reagir à presença deles, temendo que a nova general pensasse que estava maluca. *Sei que isso é arriscado,* respondeu ela em pensamento. *Mas não tenho escolha.*

Atravessaram a barbacã, passaram por uma torre, caminhando por uma passarela até outra, onde ficava a câmara circular de audiências.

Estavam quase na porta quando Cat parou abruptamente, olhando por uma das altas janelas na passarela da Torre da Rainha.

— Tem muitos cães de guerra aqui, Vossa Majestade — disse ela quando Raisa a alcançou.

A rainha se virou para ficar ao lado de Cat na janela. Andarilho da Noite parou atrás de Raisa, também atento. Havia *mesmo* muitos cães de guerra — como os soldados mercenários eram chamados —, um verdadeiro mar deles, dos dois lados do rio, cercando o muro externo.

— General Dunedain — chamou Raisa, fazendo sinal para Char se aproximar da janela. — Você pretendia falar com as tropas, além de com os oficiais?

— Em algum momento — respondeu Char. — Mas não hoje.

Ela olhou para os milhares de soldados, baixando o queixo e examinando a cena com apreensão. Murmurando um xingamento das terras altas, ela se virou; seus olhos encontraram os de Amon, e alguma informação foi trocada entre os dois. Andarilho da Noite se aproximou, os olhos escuros fixos nos dois como se esperasse um sinal.

— Cabo Greenholt, quantos guardas estão de serviço no palácio hoje? — perguntou Amon, com voz baixa e firme.

— Trinta, capitão — disse Pearlie na mesma hora. — E mais cinquenta na casa da guarda, do outro lado da ponte levadiça.

— Mande alguém atravessar a ponte e ir até a casa da guarda para trazer todo mundo que estiver lá para o terreno do castelo. Seja discreta, está bem? Depois, levante a ponte — comandou Amon, como se estivesse falando sobre o tempo.

— Sim, senhor — concordou Pearlie.

— Eu vou — ofereceu-se Hallie.

— Eu também — disse Mick.

Os três saíram correndo.

— Vossa Majestade — disse Amon baixinho, inclinando a cabeça para o outro lado da Torre da Rainha. — Volte para a Torre da Rainha, coloque a tranca na porta e nos espere lá. Tyburn, vá com ela e não deixe ninguém entrar.

Raisa olhou para a porta fechada da câmara de audiências. Lobos se reuniam na frente, as orelhas rentes ao crânio, mostrando os dentes como se pudessem bloquear a passagem.

Ela deu um passo atrás, e mais outro. Ao se virar para correr, a porta da câmara se abriu e um monte de cães de guerra uniformizados saiu.

— Vai! Vai! Vai! — gritou Amon, puxando a espada. Houve tinidos de metal quando espadas foram desembainhadas ao redor dela.

Raisa correu. Atrás, ouviu Klemath gritar:

— Ali está ela! Está fugindo!

A Guarda tomou o corredor, um bloqueio de casacos azuis e espadas. Andarilho da Noite tinha subido em um dos parapeitos amplos das janelas, com o arco já entoando sua canção mortal enquanto executava o movimento fluido de mirar e disparar.

Raisa e Cat correram para a outra torre, fecharam e trancaram a porta. Então empurraram a mobília para bloquear a passagem.

Magret Gray saiu do quarto, e Cat quase a enforcou antes de reconhecê-la.

— Doce Lady sagrada! — exclamou Magret. — O que estão fazendo com os móveis? O que está acontecendo?

— Não tenho certeza — disse Raisa, ofegante. — Mas acredito que o antigo general Klemath esteja liderando uma rebelião contra a coroa.

— Klemath! — rebateu Magret com desprezo. — Que patife! O que ele espera conseguir?

— Acho que o boato da dispensa dele vazou.

— Vá para o quarto, Vossa Majestade. Lady Tyburn e eu vamos cuidar de tudo aqui.

Ela procurou por uma arma e pegou um grande abajur de cobre.

Raisa sabia que Magret estava pensando no túnel para o telhado, por onde Raisa poderia fugir, se os renegados arrombassem a porta externa. Ela balançou a cabeça.

— Vou ficar aqui, por enquanto. Tem vista melhor da ponte levadiça.

Pegou o arco, apoiou no pé, puxou a corda e ouviu um estalo satisfatório.

Raisa pendurou a aljava no ombro, se posicionou em frente a uma das janelas e espiou o pátio abaixo.

— Volte, Majestade — sibilou Magret atrás dela. — Não é seguro aparecer na janela.

Guardas casacos azuis corriam pela ponte levadiça para o pátio do castelo. A vista dos mercenários estava bloqueada pela muralha. Se tudo corresse bem, os reforços de Raisa chegariam e a ponte seria erguida antes de os cães de guerra saberem o que estava acontecendo.

Mas, nesse momento, Raisa ouviu um grito da torre oposta, onde Amon e os outros mantinham Klemath e seus mercenários. Um dos soldados de Klemath tinha subido na janela e estava gritando e acenando para os mercenários lá embaixo.

— A ponte levadiça! — rugiu ele. — Para a ponte levadiça!

Os soldados abaixo olharam para cima e protegeram os olhos, tentando entender as palavras do homem.

Raisa se preparou, mirou com cuidado e disparou. Sua flecha afundou no peito do homem e ele caiu para trás na torre.

Do outro lado do pátio, três cães de guerra escalaram a muralha do castelo até o topo. Lá do alto, eles tinham uma boa visão da ponte levadiça. Um se virou e começou a gritar para os camaradas no chão. Os outros dois prepararam flechas e miraram nos reforços atravessando a ponte.

Raisa puxou a corda do arco e mirou, mas seu alvo cambaleou para trás e caiu do muro com uma flecha de pena preta cravada na garganta. Ela olhou para a outra torre a tempo de ver Andarilho da Noite atirar no segundo arqueiro.

Mas era tarde demais. Do lado de fora do muro, um contingente de cavaleiros se afastou do exército principal e disparou para a

ponte levadiça.

— Eles estão vindo! — gritou Raisa para Hallie, ainda na ponte, orientando os últimos que atravessavam. — Corra!

Assim que os últimos guardas subiram na ponte, as correntes estalaram no guincho e ela começou a se erguer, quase derrubando os últimos guardas. A ponte levadiça se fechou na hora em que os primeiros cavaleiros apareceram do outro lado do rio. Eles pararam na margem e sacudiram os punhos, gritando xingamentos por sobre a água.

— Graças à Lady — disse Magret atrás dela.

Por mais duas horas, que pareceram muitos dias, Raisa e suas criadas ficaram escondidas na Torre da Rainha. Nos corredores, ouviam gritos, o estalo de aço, pés correndo.

Elas ficaram vigiando pela janela o tempo todo, mas havia pouco para ver e nada em que atirar. Os soldados do lado de fora pareciam estar esperando um sinal ou que as portas se abrissem.

Finalmente, Raisa ouviu a voz de Amon no corredor.

— O castelo está seguro, Vossa Majestade. Pode abrir a porta.

Cat fez sinal para Raisa recuar e abriu a porta.

Amon Byrne apareceu, a espada da Lady na mão direita com a lâmina manchada e escura. Talia Abbott estava logo atrás dele.

Havia um corte acima do olho direito de Amon, e o uniforme estava manchado e sujo de sangue. Talia também estava ensanguentada.

— Como... Há muitos mortos? — perguntou Raisa. *Algum Lobo? Alguém que eu amo?*, acrescentou em pensamento.

Amon balançou a cabeça.

— Ninguém, graças à Lady. No corredor estreito, eles não conseguiram tirar proveito da quantidade de soldados. Só podiam se aproximar de dois em dois. Quando os reforços chegaram da casa da guarda, os cães de guerra ficaram no meio. Isso fez a diferença.

— E Klemath?

— Fugiu — disse Amon, com o rosto rígido. — O que significa que temos um problema maior lá fora. A general Dunedain foi investigar. Agora que está tudo seguro no castelo, mandei equipes contarem quantas pessoas há aqui dentro e avaliarem quanto de mantimentos temos na despensa e na cozinha.

— Então estamos sofrendo um cerco? Pelo nosso próprio exército? — perguntou Raisa, a voz falhando de descrença.

— É o que parece. Acho que logo vamos descobrir o que eles querem.

— Só espero que ele não queira que eu me case com Kip — murmurou Raisa, tremendo. — Eu prefiro pular da torre.

Cat riu, e isso fez Magret rir, e logo estavam todas às gargalhadas.

— P-pior ainda — gargalhou Cat, chorando de rir. — Talvez ele queira que você se case com os d-d-dois.

— Eu faço uma corda, Vossa Majestade, para você poder se enforcar — acrescentou Magret.

Talia andou de um jeito gingado pelo cômodo, projetou o quadril e colocou a mão em uma arma imaginária.

— Vossa Majestade, case comigo. Não tenho cérebro, mas tenho uma espada... muito... grande. — Ela fez uma expressão perplexa. — Só espero que possa me ensinar a usar.

Amon apenas as encarou, como se estivessem todas loucas.

Ou atordoadas.

Raisa não se importou. Estava feliz porque ninguém que amava tinha morrido. Ainda. Mas sabia que não continuaria assim por muito tempo.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

No calabouço

Han acordou à luz de tochas, com dor em todas as partes imagináveis do corpo e em algumas que desconhecia.

A dor não era novidade para ele. Já tinha suportado o toque delicado dos carcereiros da rainha no passado, e sabia que dava para sobreviver. A vida nas ruas trouxera sua parcela de facadas, surras e lições dos donos da rua, ao menos até conseguir se impor.

— Alger — chamou, procurando a presença do ancestral.

— Estou aqui — respondeu Corvo, com voz baixa e reconfortante.
— Volte a dormir, se puder.

Lorde Bayar não perdera tempo para começar o serviço de arrancar segredos de Han. Claramente, pretendia mantê-lo vivo o suficiente para fazer um interrogatório detalhado. E capaz de se mover o bastante para levá-los ao arsenal, se necessário. Portanto, até o momento, ele tinha sido cuidadoso e usado apenas instrumentos familiares, como o anjinho, a pinça de arrancar unhas e o chicote. De vez em quando, provocava bolhas com fogo mágico, mas não ia mais fundo que isso.

Han usara por horas uma coleira que o obrigava a manter o pescoço esticado, ou furaria o próprio queixo e o peito. Ficara pendurado na parede por algemas enquanto os dias e noites

passavam. Bayar quebrara dois dedos de sua mão direita. Por que parara em dois, Han não sabia.

Uma coisa tinha que ser dita sobre os Bayar: não se importavam de sujar as mãos. Era incomum para sangues azuis.

Haviam lhe dado água e um pouco de comida. Han comia e bebia quando estava consciente o bastante para isso.

Podem me chamar de otimista, pensou Han. Sempre acho que, com o tempo, vou encontrar um jeito de vencer. Foi o que me fez parar aqui. Toda vez que tento conseguir meu lugar no mundo, chamo a atenção de deuses vingativos. Ele se lembrou das palavras que dissera a Raisa.

Prometo que, se aceitar se casar comigo, vou fazer acontecer.

Elas pareciam debochar dele agora.

Ninguém sabe que estou aqui. E posso contar nos dedos de uma só mão quem se importaria. Contara a Raisa sobre o arsenal como parte de sua decisão de confiar nos amigos. Mas ela só sabia que ele fora atrás das armas. Não teria ideia de onde procurá-lo.

Micah não fora ao calabouço nenhuma vez, nem mesmo para se gabar. *Onde ele está?*, perguntou-se Han. Estaria ocupado cortejando Raisa agora que seu rival estava acorrentado?

Mas Micah não via Han como um rival. Não de verdade.

Tenho que sobreviver. Senão Raisa vai se casar com Micah.

No começo, Fiona passava bastante tempo no calabouço, as mãos entrelaçadas, vendo o pai trabalhar em Han, o rosto pálido e pétreo. Parecia estar tentando tirar prazer da situação e não conseguindo.

Han não se esforçou para bancar o corajoso. Na maior parte do tempo, gritava até ficar rouco, embora algumas vezes tivesse se divertido gritando o nome de Fiona como se estivesse no clímax da paixão. *FIIII-OOO-NAAAA!* Lorde Bayar o fizera pagar por isso, mas, depois, Fiona não descera mais, o que Han achava bom.

Quando Bayar usava feitiços da verdade nele, Corvo assumia o controle e falava um monte de baboseiras por horas. Bayar parara

com isso, provavelmente com medo de Han estar enlouquecendo. Não haveria como arrancar informações de um maluco.

Corvo está preso na minha cabeça, pensou Han. Sem amuleto para onde fugir. Está sofrendo de novo, agora junto comigo.

Conforme Han foi enfraquecendo, Corvo passou a assumir o controle dele mais e mais, substituindo-o e aguentando horas de tortura em seu lugar. Han tentou impedi-lo, mas estava fraco demais, e isso deu a ele um tempo para dormir. Quando Corvo devolveu seu corpo, Han o explorava com cautela, em busca de todos os novos lugares doloridos e conferindo se nada estava faltando.

Han se esforçou para se sentar. Os olhos estavam tão inchados que ele precisou virar a cabeça para ver trechos dos arredores. Percebeu que havia sido transferido para uma cela diferente, que fedia a fezes, sangue e desespero.

Não estava mais pendurado na parede, mas deitado sobre uma pilha de cobertores imundos no chão de pedra. Seus pulsos e tornozelos ainda estavam algemados, mas os Bayar tinham liberado um pedaço suficiente de corrente para que ele conseguisse se mover da cama até o penico e o cantil.

— O que está acontecendo? — perguntou Han a Corvo.

— Não sei — respondeu Corvo. — Eles trouxeram você para cá correndo, acorrentaram e foram embora. — Ele fez uma pausa. — Você tem companhia.

Han reparou em gemidos e uma respiração pesada vindos do outro lado do aposento. Olhou naquela direção e discerniu uma pilha de roupas encostada à parede do outro lado.

— Olá! — chamou Han. — Quem é você?

Os grunhidos pararam abruptamente e a cabeça se levantou.

— Algema?

— Flinn? — disse Han, atônito. Perguntas surgiram em seu cérebro confuso.

Flinn se sentou apoiado na parede. Sempre fora pequeno, mas agora parecia ter encolhido ainda mais, um punhado de trapos sangrentos sobre ossos, quase irreconhecível. Mesmo de longe, Han via que ele estava mal. O tronco estava enrolado em ataduras sujas de sangue, e dava para sentir o fedor de carne em putrefação.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Han delicadamente.

— Eu ia perguntar a mesma coisa quando trouxeram você para cá e vi o que tinham feito. — Flinn tossiu, um ruído pesado e úmido que soou agourento. — Sabe, fui eu que delatei você. Achei que estivesse com eles.

— Eu sei. Me desculpe. O que você ouviu no Cão Sorridente... Eu estava jogando com os Bayar e tudo deu errado. Não culpo você por pensar que eu estava do lado deles. — Ele fez uma pausa. — Agora me fale de você. Pensei que estivesse com o capitão Byrne. Ele não entregaria você para os Bayar.

— Eu fugi. Quando fui ver a rainha, Cat estava lá. Eu sabia que ela ia falar com você e achei que viria atrás de mim por contar tudo. Então, me livrei dos casacos azuis e corri até o Roubalheira para pegar minhas coisas, mas os Bayar estavam vigiando, acho que esperando você, e me pegaram.

“Mas tentei lutar com eles, e saí bem machucado. Me trouxeram para cá, e primeiro chamaram curandeiros para me manter vivo, mas de repente desistiram e me largaram aqui.”

— Flinn, sinto muito — disse Han, com a voz pesada de remorso. — É culpa minha você estar aqui.

— Eu devia saber que você não se meteria com eles — respondeu Flinn, a respiração sibilando por entre dentes quebrados. — Não sou dedo-duro, Algema, você sabe, né? Mas a rainha Raisa... ela é boa, e eu não queria que se machucasse.

— Ela é boa — concordou Han, baixinho. Ele limpou a garganta. — Se você achava que eu ia assassinar a rainha, foi certo me entregar. Agora descanse e não pense mais nisso.

Mas Flinn parecia querer continuar falando.

— Você vai sair, vai ver só — disse ele, nervoso. — Eu vou morrer logo, e não posso testemunhar contra você se estiver morto.

— Apenas descanse. Poupe suas forças.

Ele via o que Flinn não podia ver, em seu estado febril. Com Han nas mãos, os Bayar não precisavam mais dele, pois não pretendiam levar Han a julgamento. Havia acorrentado Flinn e o deixado para morrer.

Mais uma vez, a raiva de Han ardeu, e, junto com ela, sua vontade de sobreviver.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Concordando em discordar

Foram necessários dois dias para combinar uma reunião com Klemath sob bandeira de trégua. Compreensivelmente, nenhum dos dois lados confiava muito no outro.

— Ele pode enviar exigências por escrito — argumentou Amon. — Não quero aquele homem nem a 100 metros de você.

— Não — respondeu Raisa. — Quero olhar nos olhos dele. Quero entender por que fez isso, discernir as verdades das mentiras.

— Ótimo, ele que venha aqui — rebateu Cat, a cabeça inclinada sobre uma pedra de amolar, afiando as facas. — Vou cortar esse homem em pedaços pequenos demais até para os vermes encontrarem.

— Não — disse Raisa. — Como governante, a única coisa que tenho é minha palavra. E se isso não inspira confiança, então...

— Me deixe fazer só essa coisinha — implorou Cat. — Depois de Klemath, nunca mais peço outro favor. Você pode ser extremamente de confiança, depois disso.

Não havia nenhum mago na área do castelo. Os mais proeminentes tinham se reunido em Lady Gris logo antes do ataque, para iniciar a investigação sobre Han. O resto tinha ido para as casas de veraneio nas montanhas do sul, fugindo do calor incomum do Vale.

Onde estava Han? Poderia estar em alguma parte da cidade de Fellsmarch, fora da área do castelo? Estava fugindo pelas montanhas? Sabia que o castelo estava sob cerco?

Raisa se dividia entre desejá-lo a seu lado e torcer para que estivesse em algum lugar seguro. Han Alister tinha talento para atrair problemas, e atualmente havia problemas de sobra a serem atraídos.

Também não sabia onde estavam o pai e a avó. Provavelmente nos campos das terras altas, de olho em Lady Gris, esperando alguma decisão sobre Han. Será que sabiam o que estava acontecendo no Vale?

Fazia diferença? Os clãs não eram treinados para guerras nas planícies, para enfrentar um exército a postos. Mas poderiam impedir que os mercenários e seus aliados atravessassem qualquer coisa para dentro ou para fora do Vale.

Infelizmente, Raisa e seus aliados ficariam sem recursos antes do exército amotinado.

Então eles se reuniram, a rainha e o traidor, sob um pequeno toldo em frente à casa da guarda de Fellsmarch, no final da ponte levadiça. Raisa usava a armadura mágica feita por Dançarino de Fogo. Amon insistira nisso, e, de qualquer forma, passava a imagem de uma rainha em guerra.

Estava acompanhada da general Dunedain, do capitão Byrne, de quatro casacos azuis e de Cat Tyburn. Klemath liderava um grupo de mercenários junto com um padre malthusiano de nariz comprido e expressão arrogante. O padre estava todo de preto, exceto pelo pingente de sol nascente pendurado no pescoço e pelas chaves douradas na cintura.

Quando Cat viu o padre, estreitou os olhos. Olhou do clérigo para Klemath e de volta ao clérigo, com expressão intrigada. E assustada.

Ela o conhece, pensou Raisa. Por que Klemath viria com um padre, e um das terras baixas, ainda por cima? Notou Keith Klemath

na parte de trás do grupo (ou seria Kip?) e, por uma fração de segundo, se perguntou se o homem fora até lá para officiar um casamento. Mas o Klemath *lytling* parecia incrivelmente infeliz para que fosse o dia de seu casamento.

— Klemath — disse Raisa, encarando o antigo general. — Não posso lhe dar boas-vindas, mas estou interessada em ouvir uma explicação para esta... aventura mal-intencionada.

— Vossa Majestade. Não vim aqui explicar. Vim discutir os termos de rendição.

— Fico feliz em ouvir isso. Não posso prometer clemência, mas prometo justiça.

À sua direita, ela viu Cat piscar para o general e passar o dedo pela garganta.

Klemath pareceu constrangido. E, depois, irritado.

— Estou aqui para discutir os termos de *sua* rendição, Vossa Majestade, não da minha. — Ele bateu com as luvas na palma da mão para dar ênfase.

— Por que pensa que pretendo me render? — perguntou Raisa, inclinando a cabeça.

— Você está em número infinitamente menor — respondeu Klemath, como se explicasse a situação para uma criança pequena. — Tem o quê? Algumas dezenas de guardas? Tenho milhares de soldados ao redor do castelo.

— São muitas bocas famintas para alimentar — pontuou Raisa, fazendo um som de reprovação. — Temos boas provisões aqui no castelo, mas quanto a você... bem, espero que esteja preparado para um longo cerco. — Ela olhou para além dele, para as montanhas ao redor do Vale. — Não recomendo tentar trazer suprimentos pelas montanhas.

— Vamos dominar os passos em pouco tempo — disparou Klemath, o rosto ficando vermelho como um morango.

O padre se inclinou para ele e murmurou algumas palavras.

— Eu gostaria de apresentar o Santíssimo Padre Cedric Fossnaught, líder da Igreja de Malthus — anunciou Klemath.

Fossnaught se inclinou para a frente e esticou o pingente, como se esperasse que Raisa o beijasse.

A rainha ergueu as mãos e deu um passo atrás quando Cat se posicionou entre ela e Fossnaught, com uma expressão de desprezo no rosto e a faca mais comprida em punho.

— Fique longe, seu corvo maltrapilho das terras baixas, senão...

Fossnaught cambaleou para trás e quase caiu, parecendo apavorado.

Raisa tocou o braço de Cat para contê-la.

— Acho que ele entendeu o que você quis dizer, Lady Tyburn. E então, Fossnaught. Ah... O que o traz ao reino de Fells? Imagino que tenha muito a fazer no sul.

— Trago cumprimentos de Sua Majestade, o rei Gerard Montaigne de Arden — disse Fossnaught.

É sempre assim, pensou Raisa. *Quando você pensa que as coisas não podem piorar, elas pioram.*

— O rei Gerard está ciente das dificuldades que Vossa Majestade tem de controlar os selvagens e os demônios que infestam este reino — continuou o padre. *Meu reino*, pensou Raisa, mas não disse nada. — Uma guerra civil em nossas fronteiras pode causar instabilidade em Arden, logo quando estamos em paz pela primeira vez em décadas.

Vocês estão em paz porque Gerard conseguiu matar o último irmão. Mas continuou sem dizer nada, preferindo escutar e aprender.

— Por isso o rei Gerard está enviando o exército para o norte, para apoiá-la contra os que desafiam sua soberania.

— O rei Gerard *o quê?* — Raisa deu um passo à frente e segurou a veste clerical do homem.

— O rei Gerard está marchando pelos passos de Fells — disse Fossnaught, o rosto pálido brilhando de suor. — Estará aqui em

poucos dias. Enquanto isso, me enviou, o religioso mais proeminente de todo o reino de Arden, para oferecer proteção e garantir que tem boas intenções. Ele ainda tem esperanças de que um casamento ajude em seu objetivo de juntar Arden e Fells.

E quanto tempo eu duraria em um casamento desses? Montaigne não está procurando uma parceira.

— Arden comprou os contratos dos soldados que estão à sua frente — acrescentou Klemath com certa afobação. — Eles vão manter tudo sob controle até o exército ardenino chegar.

Ossos sangrentos. Então é improvável que eu consiga ajuda dos campos. Com o exército de Montaigne marchando pelo Passo de Pinhos Marisa, os clãs vão estar bem ocupados. Se sobreviverem.

Ela lutou para se concentrar na confusão atual e afastar a preocupação com seus amigos e família em perigo.

— Eu devia saber que os ardeninos estavam metidos nisso — disse Raisa com voz gelada, soltando Fossnaught e se virando para enfrentar Klemath. — Há quanto tempo trama contra sua rainha? Há quanto tempo está na cama com Montaigne? — Ela fez uma pausa, girando o anel de lobo na mão, e ergueu o queixo. — Melhor você do que eu.

O rosto de Klemath escureceu de morango a vinho. Raisa continuou:

— A resposta é não para os dois. Não vou me render e não procuro aliança alguma, muito menos um casamento com Gerard Montaigne. E quanto à proteção, vou contar com o Criador e a Lady para me defenderem de mentirosos desprezíveis como vocês.

Fossnaught fez o sinal de Malthus, proteção contra a bruxa de Fells.

— Hanalea não vem em sua ajuda, Vossa Majestade — disse Klemath. — Nem mais ninguém. Peço que seja realista e aceite graciosamente o que aconteceu.

— Sou uma rainha Lobo Gris. Nunca fomos de perder graciosamente. Então — Raisa olhou cada um deles nos olhos —,

não pretendo perder. Vou lutar até que o último sopro de ar saia do meu corpo. Vocês não vão me levar viva.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Enganação

Han não sabia há quanto tempo haviam sido largados ali pelos Bayar. Perdera a noção do tempo naquele calabouço escuro. Não havia janelas, as tochas estavam apagadas e ele só se deslocava tateando o espaço ao redor. O vazio no estômago e o fedor do penico diziam que um tempo considerável tinha se passado. Chegou uma hora em que a água acabou e ninguém foi levar mais. Ele foi ficando fraco de fome e sede. Mesmo assim, os Bayar não voltaram.

Quando estava acordado, procurava se movimentar para não ficar totalmente rígido. Mas tinha que tomar cuidado. As algemas eram aparatos mágicos de tortura. Seus pulsos estavam cobertos de bolhas, queimados por suas tentativas anteriores de tirá-las ou de arrombar a fechadura.

Dormia cada vez mais, apesar da condição de imundície e dos muitos ferimentos. Mas o sono sem sonhos passava muito rápido, e logo estava acordado de novo. Han gostava de sonhos, sonhos que o levavam para longe daquela situação. Em geral, sonhava com Raisa, com beijos e abraços sob as estrelas, com os olhos verdes com pontinhos dourados, com o corpo pequeno e musculoso contra o seu.

Às vezes, sonhava com verões da infância nas Montanhas Espirituais, que estava andando em trilhas cobertas de sombras verdes, com Dançarino e Sabiá, tomando banho no rio Dyrnne e colhendo cogumelos depois da chuva.

Quando acordava, não havia ninguém e nada ali para ver. *Os Bayar devem estar ocupados com outra coisa, pensou Han. Com pessoas mais importantes para torturar, talvez.*

Era possível que tivessem encontrado o arsenal sozinhos e não precisassem mais de Han. Ou tivessem decidido abandoná-lo junto com Flinn para que morressem de fome. Diziam que não era um jeito ruim de morrer, mas provavelmente quem dizia isso nunca passara fome.

Han não ouvia mais Flinn, acorrentado do outro lado do calabouço. Pensou em chamá-lo, mas não queria acordá-lo, caso tivesse conseguido dormir.

Até Corvo falava pouco, mas o silêncio dentro da cabeça de Han era denso, como se o ancestral estivesse refletindo.

Um brilho de luz perpassando suas pálpebras o acordou. Estreitando os olhos, ele esperou, medindo o progresso da pessoa com o barulho de chave e o gemido de metal em metal quando o intruso abriu as portas para alcançá-lo.

Era Fiona, e estava sozinha. Parecia estranhamente acuada, quase com medo, o nariz vermelho como se tivesse chorado. Carregava uma jarra grande e um saco no ombro.

Quem morreu?, perguntou-se Han. *Micah?* Ele se animou um pouco com a ideia.

Fiona colocou a tocha em um dos apoios de metal na parede, acendeu outra e a colocou do outro lado. Em seguida, se ajoelhou na frente dele.

— Ah, Alister — disse ela, segurando seu queixo coberto de barba por fazer com dedos quentes e virando seu rosto de um lado para outro. — Você já esteve melhor. — Ela franziu o nariz. — E já teve cheiro melhor.

— E de quem é a culpa? — sussurrou Han. Sua garganta estava seca demais para permitir mais do que um sussurro. — Decidiu entrar para o negócio da família, afinal? E eu achando que tínhamos um futuro juntos.

— Cale a boca — cortou ela. — Foi você que...

Mas ela se controlou, sem dúvida lembrando que a última coisa que queria era que ele calasse a boca.

Han se concentrou na jarra que Fiona colocou no chão ao lado.

— Isso é água?

Fiona assentiu. Tirou a rolha com os dentes, encheu um copo e entregou a ele. Han bebeu rapidamente, achando que era melhor aproveitar ao máximo a visita antes que ela contasse o que pretendiam fazer com ele.

— Vá devagar, Alister — disse Fiona, servindo mais. — Tem bastante água, e eu trouxe comida também.

Ela lambeu os lábios e tentou dar um sorriso.

Será que ela está tentando me seduzir, por algum motivo?

Depois de beber todo o segundo copo, ele ergueu as mãos com algemas e apontou para a bolsa de Fiona.

— Você mencionou comida?

Ela pegou um embrulho, desamarrou e entregou um bolo de carne a ele. Han se sentou, recostado na parede, e devorou metade do bolo em poucas mordidas.

— Achei que vocês não fossem voltar — disse ele, bebendo mais água para descer com a carne.

Como se em resposta, Fiona pegou outro pedaço de bolo.

— E Flinn? — perguntou Han.

— Quem?

Ele indicou o amigo largado contra a parede oposta.

— Dê alguma coisa para ele também.

Fiona estremeceu.

— Ele está morto — disse ela, cobrindo o nariz com a manga do vestido. — Não sente o cheiro?

Bem, não, não sentia. Não com o fedor do penico e do próprio corpo imundo.

Ossos. Lágrimas quentes arderam nos olhos de Han. O pobre Flinn escapara do massacre de Feira dos Trapilhos para acabar morrendo sozinho no escuro. Han recitou uma oração mental, uma que sua mãe o fizera decorar quando ainda acreditava nele.

Han pegou o outro pedaço de bolo e comeu mais devagar.

— Uma coisa desastrosa aconteceu — disse Fiona, e todo o seu incômodo pela perda de uma testemunha da qual já não precisavam desapareceu.

Han ergueu o rosto. Qualquer coisa desastrosa para os Bayar devia ser boa notícia para ele. Mas ele achou que não precisava dizer isso.

— Um exército mercenário fez um cerco ao castelo de Fellsmarch e exige rendição. O exército ardenino invadiu pelo sul. Os cabeças de fogo não estão conseguindo detê-los.

Han já estava perdido.

— Que exército mercenário? Como chegaram a Fellsmarch sem serem detidos?

O rosto de Fiona se contorceu de asco.

— Os cães de guerra do exército de Fells se viraram contra nós. O general Klemath se uniu a Montaigne e traiu a rainha.

Raisa! Han deu um pulo, mas parou quando as algemas estalaram, e tentou não demonstrar quanto estava ansioso por notícias.

— E a rainha? Onde ela está?

— Ao que parece, está encurralada no castelo de Fellsmarch com um punhado de guardas e alguns cabeças de fogo.

— Nenhum mago?

Fiona balançou a cabeça.

— Estavam todos nas montanhas ou aqui, na Casa do Conselho... ah...

— Tentando me condenar por causa de alguma coisa? — adivinhou Han.

Ela assentiu.

— Micah foi para a cidade. Vai tentar encontrar um jeito de entrar.

Típico de Micah, pensou Han. *Sempre tentando encontrar um jeito de entrar*. Ele observou o rosto de Fiona. Estaria falando a verdade ou seria apenas uma história que criara para convencê-lo a contar tudo?

Se tivesse que dar um palpite, diria que não estava mentindo. Ou que estava mentindo só um pouco.

— E o Conselho dos Magos? O que estão tramando?

— O exército das terras baixas invadiu as propriedades nas montanhas, mais ao sul. Eles estão... Eles capturaram muitos magos e... — Fiona engoliu em seco. — Queimaram vivos — sussurrou ela. — Trouxeram um padre que queima qualquer mago que não aceitar uma coleira.

Han sabia qual era o padre.

— Quantos? — perguntou ele.

— Uma dúzia, até agora. Exceto pelos que estão em Lady Gris, a maioria dos magos está escondida nas casas de veraneio fortificadas ou fugindo para leste, na esperança de pegar um navio. Estão relutantes em desafiar um exército daquele tamanho sem uma quantidade maior de armas melhores.

E é aí que eu entro, pensou Han.

— Então você entende por que é mais importante do que nunca que encontremos o arsenal. Senão Fells vai virar um estado vassalo de Arden, e os magos vão ser escravizados ou destruídos.

Han primeiro terminou o bolo de carne e outro copo de água. Só então falou o que tinha em mente.

— Por que eu deveria acreditar em você? E, se acreditasse, por que deveria me importar?

— Como assim? — gaguejou Fiona. — Estão queimando magos, Alister! Estão tomando o país. Vamos ficar sob os pés dos zelotes de Malthus.

Não vou estar aqui para ver, Han quis dizer. Saber que os Bayar vão ser queimados faz tudo valer a pena.

Mas a questão era que Han ligava, sim. Tinha visto a expressão no rosto de Gerard Montaigne quando Raisa rejeitara publicamente seu pedido de casamento. Sabia que, se ela caísse em mãos sulistas, pagaria caro por aquela humilhação. Han podia estar condenado, mas talvez pudesse salvá-la.

Se entregasse o arsenal, resolveria o problema?

Uma semente de ideia surgiu em sua cabeça. Não era uma grande ideia, mas mendigos não podiam ser seletivos.

— Tudo bem. Vou contar o que você quer saber.

Os olhos de Fiona se encheram de triunfo.

— Vou buscar meu pai — disse ela, se levantando.

Han balançou a cabeça.

— Não. Quero fazer um acordo. Quero contar para *você*. Só... você. Se eu conseguir lhe convencer, aí pode falar com seu pai e fazer com que ele concorde em... poupar minha vida.

Fiona voltou a se ajoelhar.

— Claro — disse ela, mexendo na trança. — Tenho certeza de que podemos dar um jeito.

Agora ela está mentindo, sem dúvida, pensou Han.

— Vocês tinham razão. A chave para o arsenal está no amuleto Waterlow.

— Continue — disse Fiona, os lábios abertos.

— O arsenal está nos túneis, como seu pai desconfiava. Waterlow escondeu no amuleto um mapa que mostra onde.

— Você já foi lá — argumentou Fiona. — É só contar. Se precisar de caneta e papel, eu...

— Não basta saber *onde* está. Vai precisar de feitiços para destrancar o arsenal, para deixar o ambiente seguro para entrar.

Senão nunca vai chegar lá viva.

— E você sabe quais são?

Han balançou a cabeça.

— Estão incorporados ao amuleto.

— Tudo bem — disse Fiona, ficando impaciente. — Então me diga como usar o amuleto.

— A questão é essa. Você não pode. Waterlow queria ter certeza de que sua família jamais botaria as mãos no arsenal. Então colocou uma proteção poderosa no faz-feitiço.

— Nós *sabemos* disso, Alister — sibilou Fiona. — O amuleto foi nosso por mil anos.

— Ninguém pode usar, apenas alguém com sangue Waterlow. Alguém como eu.

— Como você sabe de tudo isso? — perguntou Fiona, com desconfiança.

Ossos. Aquela era uma história que só os Bayar sabiam, que eles eram a causa real da Cisão. Conheciam a história e sabiam quem era o traidor do Rei Demônio. Han não podia contar que ouvira direto de Lucius Frowsley.

— A história estava no amuleto — sibilou Corvo, invadindo os pensamentos de Han. — A história.

Claro, pensou Han. Corvo já escapara dos Bayar uma vez, convencendo-os a devolverem seu amuleto.

— Também estava no amuleto — disse Han em voz alta. — A história.

Péssimo, Alister, pensou ele. *Terrível.* Ele não estava em condições de criar histórias complicadas.

— Mas... Waterlow não tinha família — murmurou Fiona, franzindo a testa. — Você diz que é descendente dele, mas...

— Tem mil anos, Fiona. Como você sabe que ele não tinha família? Que não teve um filho bastardo, pelo menos?

Fiona se levantou e andou de um lado para outro.

— Não sei.

— Então me diga por que consigo usar o amuleto Waterlow e você, não. Se quer encontrar o arsenal, vou precisar do amuleto para levar você até lá. É o único jeito.

Fiona continuou andando.

— Poderíamos ir eu e você — disse Han baixinho. — Só nós dois. Aí vai ser *você* a controlar o arsenal. Vai ser *você* a ter o poder. Não gostaria disso?

Isso a fez parar. Fiona foi até a parede e puxou a corrente, obrigando-o a ficar de pé. Esticou as mãos dele até estarem acima da cabeça.

Ela segurou a corrente no pescoço de Han, puxou-o para si e o beijou intensamente. Depois beijou de novo, mais demorado, e uma fagulha de esperança se acendeu dentro dele... até que Fiona riu e bagunçou seu cabelo.

— Esqueça, Alister. Já caí no seu charme antes. Não sou burra o bastante para que aconteça duas vezes.

Ah, que pena. Havia um velho ditado que dizia: "Me engane uma vez, e a culpa é sua. Me engane duas vezes, e a culpa é minha."

— Eu só disse a verdade — disse Han. — Se não acredita em mim, vá em frente e me mate.

Remexendo na bolsa, Fiona pegou o amuleto de serpente e o segurou pela corrente.

Se Han esperava que ela fosse lhe entregar, estava enganado. O que Fiona fez foi esticar o amuleto na direção dele até encostá-lo em seu peito nu. O amuleto se iluminou ao sugar *flash* de Han. Ele não podia pegar o faz-feitiço com as mãos acima da cabeça, mas suspirou profundamente de alívio ao sentir novamente a liberação de sua magia, aquela conexão.

— Vamos ver se isso funciona — sussurrou Fiona.

Segurando a corrente com uma das mãos, ela se encostou em Han, prendendo o amuleto entre os dois. Em seguida, deslizou a mão e agarrou o faz-feitiço.

— Sangue do Demônio! — gritou ela, pulando para trás e deixando o amuleto cair no chão.

Ela sugou os dedos queimados e olhou para Han com ressentimento.

— Muito bem, Alister. Vou falar com meu pai. Considerando as circunstâncias, tenho certeza de que ele vai considerar um acordo.

Ela pegou o amuleto, tomando cuidado para não tocar no feitiço e guardou. Deixou Han pendurado na parede.

Ele tentou não se concentrar no ponto do peito em que o amuleto encostara por aquele pouco tempo. Ficara surpreso de o objeto ter reagido a Fiona. Achava que, com Corvo ausente, o amuleto... Uma desconfiança surgiu em sua mente.

Corvo, chamou ele em pensamento. E de novo: *Corvo!* Não houve resposta. Corvo tinha sumido.

O amuleto. Corvo devia ter voltado para lá durante a breve conexão. Era por isso que queria que Han o pegasse de novo, para poder fugir? Sabia que testemunhar Han ser torturado pelos Bayar, depois de já ter passado por aquilo, era insuportável para ele. Quem podia culpá-lo?

Mesmo assim, Han não pôde deixar de se sentir abandonado.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Nos passos

Dançarino acordou de um sono profundo no silêncio abafado precedente à aurora. Tinha passado a dormir fora do Campo, em uma rede bem alta nas árvores, por causa das noites abafadas com aquela lua vermelha de agosto.

Ficou deitado por um momento, ainda conectado à vida da floresta. De repente, uma brisa tocou seu rosto, trazendo junto o odor de metal e cavalos das terras baixas, especiarias desconhecidas e suor sulista.

Ele pulou da rede, caiu no chão com leveza e voltou correndo para o Campo.

Foi recebido pelo som de pés correndo, cachorros latindo e gritos de alarme.

O Campo fervia com gente enchendo trouxas e empilhando nos cavalos tudo que era possível carregar. Comerciantes colocavam suas mercadorias em trenós, com os aprendizes enchendo cestos até a boca.

Os guerreiros Demonai montados, os arcos preparados e os rostos sérios e determinados.

Mão Hábil passou correndo, carregando ataduras e com bolsas nos ombros.

— O que está acontecendo? — perguntou Dançarino, entrando no caminho dele.

— As sentinelas Demonai trouxeram a notícia de que tem um exército das terras baixas passando pelo passo. Vão chegar aqui em uma hora.

— Das terras baixas? Quem?

Com todas as outras preocupações, aquilo parecia uma brincadeira cruel.

— Não sabemos. E não temos tempo de descobrir. Willo Canção d'Água mandou o Campo ser evacuado.

— Evacuado?! Eles não podem ser detidos?

— Não sem sermos invadidos. São muitos, e fomos pegos de surpresa.

Dançarino procurou a mãe e localizou sua figura alta e magra ao lado dos cercados, orientando a distribuição dos cavalos para quem não tinha nenhum. Ele correu e contornou grupos de crianças com arcos de treinamento.

— O que posso fazer? — perguntou quando Willo o viu.

— Atribua cavalos a pessoas. Faça com que entendam que não podem levar tudo que têm. Os cavalos não conseguem avançar com muita bagagem no local para onde vamos. Bens podem ser substituídos.

— Tem ajuda a caminho? — indagou Dançarino.

— Mandamos cavaleiros a Fellsmarch e ao Campo Demonai, mas isso não vai nos salvar. — Willo se afastou. — Fio de Prata! Você vai ter que deixar seu tear. Não dá mesmo para usar nas terras altas.

Ela avançou com determinação em direção a uma jovem tecelã que estava tentando prender um tear a um cavalo com expressão infeliz.

Pessoas que haviam acordado mais cedo já estavam deixando o Campo; todas, até as crianças pequenas, carregando alguma coisa.

Era arriscado usar magia em Hanalea, sob os olhos dos Demonai, mas Dançarino usou um pouco para acalmar os cavalos, fazer bebês

agitados dormirem, amarrar nós rapidamente e instruir ovelhas confusas na direção das trilhas. Enquanto trabalhava, sua mente divagava para Cat, perguntando-se onde estaria e se sabia o que estava acontecendo. Pelo menos, era provável que ela estivesse mais segura na cidade do que ali.

E onde estava Caçador Solitário? Com a rainha, em Fellsmarch? Acorrentado em algum calabouço? Ou entre uma coisa e outra?

Dançarino manteve um contato leve com a pulsação de magia que perpassava as pedras e a terra e todas as coisas vivas. Quando os últimos habitantes do Campo partiram, ele sentiu o rasgo no tecido da natureza que indicava que um número grande de homens se aproximava. Sentiu o cheiro do sangue que logo seria derramado e o gosto de alta magia não canalizada.

Magos? Das terras baixas?

Ele abriu os olhos e viu o rosto de Sabiá Noturna.

— O que está fazendo? — perguntou ela, franzindo a testa.

— Eles chegaram — respondeu Dançarino, apontando para o sul na direção do passo.

Então desamarrou as rédeas do cavalo e montou.

Acamparam nas montanhas naquela noite, onde a neve diminuía no verão, mas nunca sumia completamente, e só os clãs conheciam os caminhos. Bem abaixo, dava para ver a fumaça que significava que Pinhos Marisa estava em chamas.

— Pelo menos, é improvável que sigam para o Campo Demonai — disse Shilo Desbravadora, jogando um osso em uma pilha de lixo orgânico. — São das terras baixas; vão querer tomar as cidades e as fazendas do Vale.

— Devíamos ter detido os soldados nas montanhas, onde temos vantagem — argumentou Sabiá Noturna. — Quando chegarem ao Vale, vão avançar até Fellsmarch. Devíamos ter previsto isso. A rainha nos avisou que poderia acontecer.

— Nós *previmos* — retorquiu Desbravadora. — Mas não podemos estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

— Tem guerreiros Demonai demais na cidade, vigiando os bruxos — disse Sabiá Noturna. — Sobram poucos patrulhando as montanhas.

— Você não acha que os bruxos precisam de vigilância? — perguntou Desbravadora, sem olhar para Dançarino.

— Talvez precisem. Mas este é o problema: gastamos recursos lutando uns contra os outros. Se não aprendermos a trabalhar juntos, vamos acabar nos curvando a reis das terras baixas.

— Pelo menos, os sulistas podem nos livrar dos bruxos — rebateu Desbravadora, ainda olhando para o fogo. Ela e Andarilho da Noite eram farinha do mesmo saco.

— Cuidado com o que deseja — recomendou Sabiá Noturna. — Lembre que os habitantes das terras baixas nos chamam de selvagens e consideram nossas rainhas bruxas.

— De qualquer modo — disse Dançarino, interrompendo a discussão —, o povo das terras baixas trouxe os próprios magos.

— Como você sabe disso? — indagou Desbravadora, com ceticismo. — O povo das terras baixas odeia bruxos.

— Parece que encontraram um jeito de trabalhar com eles.

— É o que devíamos fazer — acrescentou Sabiá.

Dançarino gostava das mudanças que via na prima. Embora ainda fascinada por Andarilho da Noite, ela não repetia mais as opiniões dele como um papagaio. Estava pensando por si mesma.

Durante todo o dia seguinte, os residentes do Campo Pinhos Marisa esperaram notícias, enquanto os guerreiros Demonai vigiavam e atormentavam o exército em avanço. Os vigias voltaram para relatar que os invasores eram ardeninos e mercenários contratados por Arden. Como esperado, o exército desceu as montanhas e marchou direto para Fellsmarch.

Mais tarde, chegaram reforços do Campo Demonai, dentre eles Averill e Elena. Os cavaleiros que haviam descido para Fellsmarch,

no entanto, voltaram para contar que não conseguiram chegar à cidade. Tinha outro exército no caminho.

— De onde veio esse exército? — perguntou Willo durante o Conselho de Guerra improvisado que se reuniu. — Como passou sem ser visto?

— É nosso próprio exército — respondeu Averill. — O general Klemath virou traidor junto com seus mercenários. Eles fizeram um cerco ao Castelo de Fellsmarch. — Ele fez uma pausa, o rosto tomado de preocupação. — Portanto, não temos exército para lutar contra o de Montaigne, exceto pelos Demonai. Rosa Agreste sabia que isso aconteceria. Ela queria substituir Klemath como general, mas parece que agiu tarde demais.

— E a rainha? — questionou Willo. — Onde está agora?

Averill balançou a cabeça. Parecia ter envelhecido anos em questão de dias.

— Como cercaram o castelo, suponho que ela esteja dentro, mas não temos certeza. Se ela estiver na cidade, pelo menos Andarilho da Noite está com ela — acrescentou ele baixinho, a voz embargada.

— E o Conselho dos Magos? — continuou Willo. — Estão sob cerco na cidade, com a rainha? Estão em Lady Gris?

Ninguém sabia.

Willo fixou o olhar em Dançarino, e ele soube que compartilhavam a dúvida: *Onde está Caçador Solitário?* Uma ideia brotou em sua mente. *Se ele estiver na cidade, eu talvez consiga descobrir o que está acontecendo. Talvez consiga descobrir se Cat está lá... e se está bem.*

Quando a reunião terminou, Dançarino carregou seu saco de dormir para longe e o abriu no chão. Pensou em pedir que a mãe o vigiasse, mas ela ainda estava conversando com Averill. Ele se deitou, segurou o amuleto e...

— O que está fazendo? — perguntou Sabiá Noturna, assomando sobre ele, o corpo bloqueando a rede de galhos acima.

— Magia — respondeu Dançarino, se apoiando nos cotovelos.

Ela se agachou ao lado.

— Este não é o amuleto que Elena *Cennestre* fez para Caçador Solitário?

Ela esticou a mão e quase tocou o faz-feitiço. Dançarino não viu motivo para negar.

— É. Nós... hã... trocamos.

Sabiá Noturna se sentou sobre os calcanhares. Dançarino esperou que ela o avisasse que magia era proibido em Hanalea. Para tomar cuidado com o que fazia, que os Demonai estavam de olho nele.

Mas o que ela disse foi:

— Eu queria falar com você sobre como podemos trabalhar juntos.

Ele a encarou, sem conseguir esconder a surpresa.

— Quem? Você e eu?

Ela assentiu.

— Para começar. Mas... no futuro, espero que os Demonai, ao menos *alguns* de nós, aprendam a trabalhar com os brux... os magos, ao menos com *alguns* deles.

Dançarino se sentou, soltou o amuleto e abraçou os joelhos.

— Estou surpreso. O que fez você mudar de ideia?

— Estou aprendendo que as coisas não são tão simples quanto pareciam. Que existe bondade em pessoas que eu pensava que eram más. E maldade em... algumas outras. — Ela se inclinou para a frente e apoiou as mãos nos joelhos. — Pense no que poderíamos fazer juntos, em vez de lutarmos uns contra os outros. — Ela esfregou o nariz. — Considerando o que aconteceu, acho que não temos escolha.

— Andarilho da Noite concorda?

Ela balançou a cabeça.

— Ele ficaria furioso se soubesse que falei uma coisa dessas — respondeu ela com sinceridade, olhando por cima do ombro como

se ele pudesse estar por perto, de alguma forma, vindo direto da cidade.

Embora Dançarino conseguisse pensar em várias coisas para dizer, não falou nada. Sua prima estava se arriscando, e ele honraria isso.

— Tudo bem. Quer começar hoje?

Ela inclinou a cabeça.

— O que você...?

— Vou tentar falar com Caçador Solitário usando magia. Vou entrar em uma espécie de transe e ficar indefeso. Pode cuidar de mim?

Os olhos escuros de Sabiá se arregalaram.

— Você confiaria em mim para isso?

— Eu sempre confiei em você, prima.

Ele se deitou, aninhou o amuleto entre as mãos e atravessou para Aediion.

Sabia que as chances de Han estar em Aediion procurando-o eram infinitesimais. Mas as chances de conseguirem derrotar dois grandes exércitos em um ataque surpresa também.

Escolheu a Torre Mystwerk, onde haviam se encontrado antes, supondo que Han estaria lá, se estivesse em Aediion.

A torre do sino estava poeirenta, vazia, as cordas imóveis, e fazia calor. Era um princípio de noite de fim de verão, com trovões soando ao longe. Dançarino inspirou o ar úmido e sentiu cheiro de chuva.

Ele esperou, inquieto e impaciente. Ao olhar para baixo, viu que estava usando trajes dos clãs, com o amuleto por cima e as estolas dos Bayar. Franzindo a testa, fez as estolas desaparecerem.

— Han — chamou ele em voz alta, como se isso fosse atrair o amigo. — Caçador Solitário.

O ar cintilou e se aglutinou, como gotas de chuva captando raios de sol. Mas não foi Han Alister quem apareceu na frente dele. Foi Corvo, com aparência pálida, desgrenhada e ansiosa.

— Você! — exclamou Dançarino. — O que está fazendo aqui?

— Estou quase sempre aqui, lembra? — rebateu Corvo com rispidez. — Na verdade, eu estava esperando você. Alister precisa de ajuda.

— Precisa? — Dançarino não conseguiu evitar olhar ao redor. — Onde ele está?

— No calabouço da Casa Aerie — respondeu Corvo, fazendo uma careta, como se lhe doesse dizer isso.

— O quê? Como isso aconteceu? E como você sabe?

Corvo fez uma expressão evasiva.

— É uma longa história, mas eu estava... hã... com ele, quando foi levado.

— Como assim, estava com ele? — Uma desconfiança horrível surgiu na mente de Dançarino. — Você quer dizer que o *possuiu*?

Imaginou Corvo usando Han para se vingar dos Bayar e o plano dando errado.

O homem balançou a cabeça.

— Não, ele se meteu em confusão sozinho. Eu estava... guiando Alister pelos túneis sob o Vale.

— O que ele estava fazendo lá? — perguntou Dançarino, cruzando os braços.

— Estava se escondendo nos túneis, e os Bayar o pegaram.

A imagem de Corvo se dissolveu em filetes, mas voltou a se solidificar.

Para um demônio, Corvo não mente muito bem, pensou Dançarino. Ele estava omitindo detalhes. Han dissera que era difícil mentir em Aediion porque as emoções tinham mais chance de transparecer no rosto conjurado.

— Não tenho tempo para tantas perguntas — disse Corvo, se inquietando quando Dançarino não respondeu. — Estão torturando Alister. Vão torturá-lo até ele contar o que querem saber, depois vão matá-lo. Você *precisa* salvá-lo. — Corvo parou de repente,

como se tivesse percebido a ironia. — Não acredito que estou pedindo a um Bayar para salvar um Waterlow de um Bayar.

Dançarino hesitou. Talvez Corvo não estivesse contando a verdade completa, mas parecia genuinamente perturbado. No entanto, mesmo que quisesse ir atrás de Han, como entraria na Casa Aerie? Supondo que conseguisse evitar os dois exércitos no caminho.

Como se lesse seus pensamentos, Corvo disse:

— Posso ajudar você a entrar na Casa Aerie.

— Assim como ajudou Caçador Solitário? — Não resistiu a dizer.

Corvo se encolheu, como se tivesse levado um golpe.

— Olhe, imploro para que você faça isso. Alister... ele é tudo que tenho de uma vida que acabou em desastre. É tudo que sobrou do que tive com... com Hanalea. Vê-lo... — Corvo se interrompeu. — Não tenho *flash*. Só posso oferecer conhecimento. Vou ensinar qualquer coisa que você queira saber sobre magia. Nada fica de fora.

Dançarino balançou a cabeça.

— Não preciso negociar para ir ajudar meus amigos. A parte difícil é decidir se confio em você. — Ele suspirou. — Como entro na Casa Aerie?

— Você pode entrar pelos túneis perto de Pinhos Marisa — respondeu Corvo com ansiedade. — Vão levar você pelo Vale até Lady Gris. Mas... — Ele hesitou e desviou o olhar. — Há muitos truques e armadilhas no caminho. Vai ser difícil passar com segurança, sem ajuda.

— E o que isso significa? — indagou Dançarino, com uma sensação ruim na boca do estômago.

— Quer dizer que posso ajudar, mas você teria que aceitar...

— Não. Não vou tirar o talismã. Não vou permitir que você me possua.

— Não quero possuir você — afirmou Corvo rapidamente. — Só estar presente na sua cabeça e falar com você. Ser... uma espécie

de guia.

Dançarino balançou a cabeça.

— Não. Risco é uma coisa, tolice é outra.

Corvo andou de um lado para outro.

— O caminho é perigoso e fui eu quem o preparou. Não tem como você se lembrar de tudo, e não tem como levar anotações de Aediion para o mundo real. — Ele se virou e encarou Dançarino, lágrimas escorrendo pelo rosto. — Por favor. Eu estava ajudando, dando um pouco de alívio a ele, e não sei quanto tempo ele vai durar sozinho.

— *Ajudando?* Como assim?

— Possuindo Han, tomando o lugar dele e dando um pouco de alívio para a dor — respondeu Corvo, os olhos vazios e assombrados. — Não é muito, mas...

— Você... tomou o lugar dele — repetiu Dançarino.

— Imagine que você esteja em um calabouço, prisioneiro dos seus inimigos, sabendo que ninguém vai salvá-lo. Eu não queria abandoná-lo, mas aproveitei a primeira chance que tive, torcendo para encontrar você aqui e poder convencê-lo a ajudar Alister. Agora, não posso voltar.

Esse homem, pensou Dançarino, deve saber como é. É um dos poucos que gostaria que eu conseguisse resgatar Caçador Solitário.

— Tudo bem. Você pode vir como meu guia. Com uma condição.

— Que o Criador me proteja dos comerciantes das terras altas — murmurou Corvo. — Qual é sua condição?

— Quero levar uma pessoa junto.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Sob cerco

Nos dias seguintes ao início do cerco, houve muito a fazer: garantir a segurança do perímetro, fazer inventário de suprimentos, organizar equipes de trabalho e estabelecer turnos de serviço.

Raisa convocou reuniões estratégicas com as pessoas de seu Conselho que estavam lá dentro. Seu tio, Lassiter Hakkam, parecia ter esquecido que já tinha apoiado um casamento entre Raisa e Gerard Montaigne. Estava compreensivelmente nervoso em relação à sua mansão luxuosa fora do terreno do castelo. Não entendia por que essa questão não era parte das negociações.

Enviaram pássaros a Lady Gris, mas sem resposta. Pássaros chegaram do Campo Demonai dizendo que o exército de Montaigne atravessara o Passo, mas os Demonai estavam fazendo o possível para segurá-los nas montanhas. Não havia menção a Han.

Char Dunedain era uma general sem exército, exceto pelos poucos soldados das terras altas que estavam dentro do castelo na hora do ataque. Ela reuniu todos os homens e mulheres capazes e começou a treiná-los para defenderem o local de modo eficiente. Estabeleceu uma estação de produção de flechas e uma de fundição de armas no pátio. Quem não estava patrulhando ou dormindo estava derretendo panelas e ferramentas para fazer pontas de

flechas. Crianças reuniam penas para as flechas e trabalhavam nas cozinhas para liberar os mais velhos para o treinamento. Dunedain e Amon eram o tipo de equipe militar que Raisa sempre desejara. Pena que aquele fosse o primeiro desafio deles.

Andarilho da Noite e os outros Demonai também trabalhavam arduamente, reforçando a reputação de lutadores incansáveis. Andarilho da Noite, em especial, fazia jus ao nome. Parecia jamais dormir.

Felizmente, o exército de cães de guerra tinha pouco equipamento de cerco em mãos, já que não era trabalho deles invadir fortalezas. Em determinado ponto, começaram a construir uma torre rudimentar, mas desistiram quando os Demonai dispararam flechas flamejantes e queimaram tudo. No entanto, Raisa desconfiava que o exército de Gerard Montaigne estaria mais bem equipado para essa modalidade de guerra quando chegasse.

Com objeções da parte de Amon, ela insistiu em participar dos turnos de vigília na muralha.

— Sou boa com o arco. Além do mais, é encorajador para o meu povo me ver lá em cima.

— Você pode ao menos ficar fora do campo visual do inimigo? — pediu Amon. — Seria *desencorajador* para seu povo se você acabasse morta.

— Klemath me quer viva, lembra? É provável que eu seja a pessoa em maior segurança aqui em cima.

— Se reconhecerem você. Se não mudarem de ideia de repente. Se um soldado qualquer não se perguntar como seria matar uma rainha do norte.

Por isso, Raisa usava a armadura Lobo Gris quando ia para a muralha, junto com a capa brilhante que Willo fizera para ela. Se a matassem, teria que ser de propósito. E teriam que mirar muito bem.

Raisa ordenou que fossem feitos concertos musicais no jardim do telhado, para qualquer um que quisesse assistir. A noiva de Amon,

Annamaya Dubai, organizou os eventos e os músicos, inclusive Cat Tyburn. Mesmo quem estava de serviço conseguia ouvir a música ecoando enquanto montava guarda nas muralhas ou trabalhava nas fundições. Raisa fazia concursos com prêmios para as melhores músicas e histórias patrióticas. Muitas ainda contavam os feitos de Hanalea Guerreira, mas algumas pessoas logo compuseram músicas sobre Raisa *ana* Marianna, a Rainha Guerreira.

As candidatas também incluíam uma balada deliciosamente profana sobre como o General Klemath concebera seus filhos, que envolvia o erro de achar que um celeiro era um bordel. Raisa se viu cantarolando-a em momentos aleatórios ao longo do dia. Tentou sustentar um otimismo alegre, mas seus olhos se desviavam sempre para o sul, esperando a chegada do exército de Montaigne.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Um acordo com o diabo

Micah Bayar levou três dias para viajar da capital até Lady Gris, fazendo desvios, contornos e recuos.

As estradas antigas não eram mais seguras, nem mesmo para um mago. Longe da capital, fazendas e fortalezas haviam se tornado ruínas fumegantes. Havia corpos pendurados em árvores, girando lentamente na brisa quente. Várias vezes, Micah foi obrigado a contornar acampamentos ardeninos, e uma vez quase deu de cara com um grupo de batedores. Passaram direto, com um jovem mago cavalgando entre eles, uma coleira pesada de prata no pescoço.

Aquilo fez Micah se lembrar de Arden durante a guerra civil e Tamron depois da invasão. Agora, era a vez deles. Só que a situação era ainda pior do que no sul.

Todo mundo aqui é inimigo, pensou Micah, porque não temos exército próprio. Arden pode marchar direto para a capital. Como deixamos isso acontecer?

Atrás dele estava o Castelo de Fellsmarch, cercado de soldados com os familiares lenços listrados. Comprados por Arden. Raisa estava presa lá dentro, e Micah não tinha como alcançá-la. Seu coração latejava dolorosamente. Precisava de ajuda e pretendia conseguir.

Seguiu viagem sem usar a estrada, de noite, percorrendo trilhas de caça e caminhos cobertos de vegetação, dando liberdade ao cavalo para escolher o caminho no terreno irregular. Mantinha uma das mãos no amuleto, os olhos na floresta ao redor. Não pretendia ser recrutado como um dos magos encoleirados de Montaigne.

Ao subir para Lady Gris, teve que enfrentar vigias de três casas de magos antes mesmo de percorrer 2 quilômetros. O progresso foi lento porque precisava desarmar barreiras mágicas a cada poucas centenas de metros. Passou pelos restos destruídos da Casa Darnleigh e da Mansão Kinley nas encostas mais baixas. Não era surpresa a aristocracia de magos estar tensa. Ficou agradecido pelos ancestrais Bayar terem decidido construir a casa mais no alto.

A propriedade Bayar era bem fortificada com camadas de magia e protegida por grupos de homens armados com as cores do Falcão.

— Onde está meu pai? — perguntou Micah a Riverton, o mordomo, que o recebeu no Grande Salão.

— Ele e a jovem Lady Bayar estão no solar.

O mordomo sempre tivera a aparência sorrateira e saudável de um gato de estimação, mas agora parecia tenso, quase assustado.

— Não se preocupe — disse Micah, dando um tapinha constrangido no ombro de Riverton. — Vai dar tudo certo.

— Ah, não estou preocupado, meu senhor — respondeu Riverton, soando preocupado. — Tenho total confiança e fé no seu pai.

Eu gostaria de poder dizer o mesmo, pensou Micah.

Quando entrou no solar, ainda coberto de poeira e suor da estrada, encontrou o pai e Fiona sentados a uma pequena mesa, as cabeças próximas, parecendo conspiradores. Não gostou disso. E gostou menos ainda quando eles o viram e interromperam abruptamente a conversa murmurada.

— Micah — disse o pai com um aceno breve. — Que bom que você voltou bem. Sua mãe passou esses dias quase histérica.

— Você está *imundo* — observou Fiona, esticando as longas pernas. — Devo mandar Albert preparar um banho?

Ela usava seda vermelha impecável e couro preto, com o cabelo preso em uma trança cintilante.

— Isso pode esperar — disse Micah. — Precisamos conversar agora.

Servindo-se de uma garrafa na bancada lateral, ele tomou um longo gole de coragem. Em seguida, se sentou à mesa, aninhando o copo entre as mãos.

— Ouvimos todo tipo de rumores — disse Lorde Bayar. — O que *está* acontecendo?

É isso que quero saber, pensou Micah, observando os dois. Fiona parecia um gato com a boca cheia de penas e o pai estava quase triunfante. Não. *Totalmente* triunfante.

Micah umedeceu os lábios.

— Em resumo... O general Klemath virou um traidor e fez um cerco ao Castelo de Fellsmarch. Enquanto isso, Gerard Montaigne comprou os contratos dos mercenários e está vindo para cá com um exército sulista, capturando ou matando magos e gente do Vale no caminho. Algumas das casas nas encostas mais baixas de Lady Gris foram destruídas.

— Foi o que ouvimos. — Lorde Bayar inclinou a cabeça para trás como se fossem notícias interessantes de um país distante. — Se o exército mudou de lado, quem está protegendo o castelo?

— Um grupo de pessoas leais, até onde eu sei. Não consegui chegar perto.

— Tem algum mago na cidade? — perguntou Fiona.

Micah balançou a cabeça.

— Se tem, está escondido. Não consegui fazer contato com nenhum. E não há sinal de defesas mágicas no Castelo de Fellsmarch.

— Nós ouvimos sobre as fogueiras — disse Fiona, estremecendo suavemente. — É horrível.

— Eles não queimam os magos que concordam em usar a coleira — observou Micah. — O que nos salva é que não há amuletos

suficientes por aí, então eles não podem usar todos os magos que têm.

Lorde Bayar lançou um olhar a Fiona.

— Então é importante que eles não consigam mais magos *nem* amuletos.

Alguma coisa no jeito como o pai falou deixou Micah tenso. Entretanto, não podia se preocupar com isso agora. Estava perdendo tempo.

— Quantos integrantes do Conselho estão em Lady Gris? — perguntou Micah, a mente trabalhando em planos. — Em quanto tempo poderíamos nos reunir e discutir uma estratégia para romper o cerco?

Os olhos azuis e gelados do pai pousaram nele, encarando-o longamente, com ar avaliativo.

— Não estou com pressa nenhuma de fazer isso.

Surpreso, Micah olhou para o pai e para Fiona. Será que eles não estavam entendendo?

— Nós temos que agir *agora* — afirmou, pressionando as palmas das mãos na mesa, contra o aço fundido. — O exército sulista vai estar aqui em poucos dias. Se pudermos dispersar os cães de guerra antes que o exército de Montaigne assuma posição, podemos libertar a rainha e dividir os alvos.

— Por que eu iria querer libertar a rainha? — perguntou Lorde Bayar, polindo o amuleto na manga.

— Como assim, pai? — Os dedos de Micah apertaram a mesa de metal, antes que recuperasse o controle. — Você receberia de braços abertos os açougueiros do sul em Fells?

— Claro que não. Estou dizendo que libertar a rainha não é necessariamente a melhor coisa para nós.

— Talvez... — Micah parou e respirou fundo, lutando para manter a voz firme, para se impedir de demonstrar sua fúria. — Talvez você possa me explicar seu raciocínio.

— Desde a Cisão, tentamos encontrar um jeito de trabalhar com as malditas rainhas Lobo Gris. Suplicamos, buscando perdão por algo que aconteceu há mil anos. Imploramos para compartilhar suas camas, enquanto os cabeças de fogo nos julgam como abadessas do jardim do templo. Para mim, já chega.

Micah desviou o olhar para Fiona, que tentava manter a expressão neutra, sem sucesso.

— Isso foi ideia sua? — perguntou Micah.

— Não, mas eu concordo com ele.

— Não preciso de sua irmã para me dar aula de política. — Lorde Bayar abriu um sorriso tenso. — A situação mudou dramaticamente enquanto você estava no Vale.

— É exatamente por isso que temos que agir rápido.

— Não estamos falando da situação da capital — explicou Fiona.
— Estamos falando do Arsenal dos Reis Magos.

Micah se recostou na cadeira, apertando os braços, a frustração aumentando.

— O que tem? Essa velha ameaça seria bem mais potente se soubéssemos onde o arsenal está.

— Essa é a questão — disse o pai, tocando o braço de Fiona. — Nós sabemos.

Os olhos da irmã se arregalaram um pouco e ela abriu a boca como se fosse falar, mas voltou a fechá-la. A maioria das pessoas não teria reparado, mas Micah a conhecia muito bem.

Tinham pretendido esconder isso dele? Micah se empertigou na cadeira, cauteloso.

— Continue.

— Na volta da reunião do Conselho, Alister nos surpreendeu nos túneis perto da Casa Aerie — contou o pai. — Ou talvez o correto seja dizer que nós o surpreendemos.

Micah olhou de Fiona para o pai.

— O que aconteceu?

— Ele me atacou com uma faca. Sem dúvida, pretendia terminar o que começou naquele dia na feira.

— Por que ele usaria uma faca? — perguntou Micah, reparando que o pai não parecia nem um pouco ferido. — Um amuleto seria...

— Talvez meu corpo devesse ser o próximo a aparecer em Feira dos Trapilhos. Ou em Ponte Austral, considerando que Feira dos Trapilhos foi reduzida a cinzas. Felizmente, conseguimos dominá-lo.

Ele enfiou a mão em um cofre ao lado da cadeira e ergueu um objeto.

— Para nossa surpresa e deleite, ele estava carregando isto.

Gavan entregou o objeto a Micah.

O metal cor de sangue ondulou como uma chama em suas mãos. Ele passou a ponta dos dedos pelos contornos afiados, tocou os rubis dilapidados elaboradamente.

— A Coroa Escarlata? Onde ele conseguiu isso? E por que levaria a coroa dos reis magos na hora de cometer um crime?

— Supomos que foi porque tinha acabado de vir do arsenal — disse Fiona. — E não teve tempo de guardá-la.

— Então *Alister* tem o arsenal? — perguntou Micah, perplexo.

— Tinha — disse Lorde Bayar, com sorriso felino. — E agora *nós* temos.

— Onde está? — questionou Micah, a mente dando um salto. Com o arsenal, talvez houvesse um jeito de...

— Não vou permitir que você ponha o arsenal em risco para resgatar nossa rainha promíscua — disse Lorde Bayar sem rodeios.

Antes que Micah se desse conta do que estava fazendo, pulou da cadeira e ficou de pé em frente ao pai, os punhos fechados para não tocar o amuleto.

— O quê? Você não pode estar falando sério.

Gavan esticou a mão.

— Sente-se.

Furioso, Micah obedeceu.

— Não vê como é perfeito? — continuou Lorde Bayar. — Enquanto consolidamos nosso poder entre os magos, os sulistas vão acabar com a linhagem Lobo Gris. Nossas mãos estarão perfeitamente limpas. Isso abre o caminho para voltarmos ao poder, sozinhos desta vez. Vamos estabelecer uma linhagem permanente de reis magos.

— E rainhas — disse Fiona, olhando de cara feia para o pai.

— E os cabeças de fogo? — perguntou Micah. — O que vai acontecer com eles?

— Não precisamos mais deles — respondeu Lorde Bayar, esfregando as mãos. — Com sorte, vão escolher morrer defendendo nossa rainha mestiça.

Micah tentou engolir o gosto metálico na língua, todas as palavras que surgiam e imploravam para serem ditas.

Não. É a vida de Raisa, pensou ele. *Tenho que encontrar um jeito.* Para ganhar tempo, se levantou e foi se servir de mais bebida. Então apoiou o quadril na bancada e encarou o pai e a irmã. Se exibisse algum sinal de fraqueza, seria seu fim.

— Você acha? — perguntou Micah, girando a bebida no copo. — Você acha que os sulistas vão acabar com a linhagem Lobo Gris? Ou Gerard Montaigne vai se casar com ela, como propôs no verão? Isso vai dar a ele direito legítimo ao trono, o que pode conquistar o povo do Vale.

— Você acha que nossa rainha cabeça-dura vai se casar com Montaigne depois de ter se recusado a casar com você? — O pai balançou a cabeça. — Ela cortaria a própria garganta primeiro.

Provavelmente, pensou Micah, mas não admitiu em voz alta.

— Você ficaria surpreso com quanto Raisa pode ser prática quando a situação exige.

Não prática o bastante para se casar com você, disse uma voz em sua cabeça. Mas isso podia mudar.

— Se Montaigne se casar com Raisa, quem sabe o que os cabeças de fogo farão? — continuou Micah. — Eles fazem comércio

com os sulistas e os dois gostam da ideia de magos usando coleiras. Foram os cabeças de fogo que inventaram a ideia. Aposto que estariam dispostos a fazer mais.

Micah fez uma pausa para deixar que as palavras fossem absorvidas. Estava fazendo progresso com o pai. Dava para perceber pela tensão no rosto dele.

— Eu não vi o arsenal, mas aceito sua palavra de que é um recurso inestimável. Pode conquistar todos os magos para o seu lado, mas não vai ser o bastante.

Apoiando o copo intocado na mesa, Micah andou de um lado para outro, batendo com o punho na palma da mão a cada observação.

— Os magos sofreram muito com ataques ardeninos. Nossos números atuais são os mais baixos em anos. Se queremos expulsar os sulistas, precisamos de um exército, mas não temos. Nem temos como conseguir um da noite para o dia. Arden comprou todos os soldados.

“Lembrem-se do ditado dos cabeças de fogo: flechas são mais rápidas do que feitiços. Podemos não precisar dos clãs, mas precisamos de *alguém* entre nós e o exército ardenino pegando em arcos enquanto lançamos nossos feitiços. Assim que o exército conseguir o controle da cidade, vai se virar contra nós.”

— Estamos em segurança aqui em Lady Gris — afirmou Fiona. — Os sulistas que tentem passar por nossas barricadas com uma dúzia de magos despejando feitiços em suas cabeças.

— Uma dúzia de magos — disse Micah com sarcasmo. — É essa a quantidade que tem aqui? Nesse momento, Arden tem pelo menos isso também. Podemos ter armas melhores, mas os números vão determinar a vitória. Além do mais, quanto tempo podemos durar aqui? O que temos de comida? Algum de vocês sabe?

Depois de um longo silêncio carregado, o pai balançou a cabeça.

— Não guardamos muita comida porque raramente ficamos aqui. Não sei quanto as outras famílias possuem, mas tenho certeza de

que...

— Tem certeza de que todo mundo vai dividir com você? — Micah riu. — Talvez possa trocar amuletos por comida.

— Talvez possamos — rebateu Fiona com acidez.

— Eu não apostaria minha vida nisso. Magos não trabalham bem juntos e odeiam serem liderados por nós. Quanto tempo vai demorar para que a história de seu filho cabeça de fogo bastardo comece a surgir de novo? Não esqueça: o Rei Demônio tinha o arsenal, e isso não o salvou.

— As coisas são diferentes agora — argumentou Fiona, com uma confiança meio desesperada. — Considerando a ameaça dos sulistas, os magos vão fazer o que for melhor para nós.

— Precisamos que todas as partes de Fells sobrevivam. O Vale é de onde vem a comida, principalmente agora que estamos em guerra com o sul. Não só isso, a rainha Raisa é amada no Vale. Talvez vocês não tenham reparado, mas eu reparei. Se formos aliados, eles vão lutar por ela. Se nos retirarmos para as montanhas, vamos ser os cabeças de fogo do regime sulista, marginalizados, nos esgueirando pelas terras altas, desviando de um feitiço ou de outro.

Lorde Bayar bateu com as mãos na mesa e se levantou.

— Você não pode deixar seu desejo por uma mulher enevoar sua mente!

Micah encarou o pai.

— Como se você nunca tivesse deixado... — respondeu ele com voz baixa e venenosa.

Lorde Bayar ficou com os lábios brancos, os olhos azuis como safiras sobressaindo na pele pálida.

— Vou fazer isso com ou sem você. Vou negociar com os malditos cabeças de fogo, se for necessário. — Micah fez uma pausa. — Eles têm o próprio mago, graças a você.

Micah se empertigou e encarou o olhar sério do pai, que o fizera recuar tantas vezes no passado.

Lorde Bayar desviou o olhar primeiro. Andou até a bancada lateral e derramou três dedos de conhaque em um copo. Então se virou para Micah com um ar de admiração ressentida nos olhos.

— Muito bem, então. Você deixou sua opinião bem clara. Mas não vou arriscar nosso *recurso* mágico limitado, como chama, para romper o cerco a Fellsmarch sem um comprometimento da rainha.

— Pai — implorou Fiona, de forma acalorada —, não escute Micah. É só mais um...

— Cale a boca, Fiona. — Lorde Bayar lançou um olhar de advertência a ela e voltou para a mesa. — Tudo bem, Micah. Vamos ver quanto você consegue ser persuasivo. Vá até a capital. Diga à rainha que volte com você a Lady Gris para se casarem, se quiser salvar a própria pele. Vamos estabelecer uma corte aqui e usar todos os nossos recursos para afastar os sulistas e os aliados deles de Fells.

— E se ela se recusar?

— Então estará por conta própria. — Os olhos do pai brilharam. — Mas tenho certeza de que você não vai deixar isso acontecer.

Micah o encarou com cautela.

— Onde está o arsenal? Preciso de algum tipo de prova, se quiser convencer a rainha.

— Você vai ver quando voltar. *Se* voltar. É melhor ir logo, se quiser chegar antes do exército sulista. Supondo que seu charme não consiga ganhar o dia, leve a Coroa Escarlata como prova. — Ele fez uma pausa e abriu um sorriso debochado. — Vamos dizer para sua mãe preparar um casamento. Aquela mulher precisa de alguma coisa para fazer.

A conversa estava encerrada, Micah percebeu. Ele se levantou, nervoso com a reviravolta nos acontecimentos. O pai e Fiona tinham se reunido na ausência dele. Podia confiar que ele cumpriria a promessa?

Não tinha escolha. Quando os ardeninos estabelecessem um cerco, com seus magos, seria duas vezes mais difícil tirar Raisa de

lá.

Micah ficou ainda mais determinado. O pai cumpriria a promessa, de um jeito ou de outro. Micah colocou a Coroa Escarlata na bolsa, ainda pensando em qual seria a melhor cartada. Estava claro que Gavan não lhe mostraria o arsenal. Haveria um jeito de encontrá-lo por si mesmo? Não que fosse ajudar muito, estando sozinho, mas...

— E Alister? — perguntou Micah casualmente, colocando as luvas de montaria. — Ainda está lá embaixo?

— O ladrão? — Lorde Bayar inclinou a cabeça, como se estivesse surpreso pela pergunta. — Está morto, claro.

Ele esticou a mão e tateou o cofre ao lado da cadeira, puxando um saco de tecido que jogou na direção de Micah, e que caiu na mesa com um estalo.

— Aqui estão os pertences de Alister, exceto pelo amuleto Waterlow. Sinta-se à vontade para levar para a rainha.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Conselheiro da rainha

O Conselho dizimado de Raisa esperava no salão onde o general Klemath pretendia emboscá-la.

O grupo incluía Char Dunedain, Lassiter Hakkam, Amon, Cat e Andarilho da Noite, ocupando o lugar de seu pai.

Não havia nenhum mago entre eles. Mas duas mulheres, pelo menos. Era um progresso, não era?

Amon estava abatido, com olheiras profundas de preocupação. Levantou-se quando Raisa entrou, mas quando ela fez sinal para todos voltarem aos assentos, ele se sentou e apoiou as mãos nos joelhos.

Cat se acomodou na cadeira mais perto da porta.

O tio de Raisa, Lorde Hakkam, se sentou o mais longe possível de Cat, irradiando reprovação pela presença dela.

— Vamos começar com a general Dunedain — disse Raisa. — Char, pode nos atualizar?

— A soldado Abbott voltou — começou Dunedain. — Entrou ontem à noite, depois que você já tinha ido dormir.

— Graças à Lady — murmurou Raisa. Por ser uma nadadora habilidosa, Talia se oferecera para atravessar o rio e fazer contato

com os aliados da rainha, do lado de fora. — Você falou com ela? O que ela disse?

— Eu queria ter melhores notícias. Os Demonai deram trabalho aos sulistas durante todo o percurso das montanhas, mas não os pararam. Depois, um grupo de jovens magos emboscou as forças de Montaigne quando estavam descendo para o Vale. Tiveram um pouco de sucesso, mas os magos de Montaigne fizeram um contra-ataque, e nosso grupo recuou. Alguns foram capturados e se renderam ou foram queimados vivos. O exército ardenino atravessou dois dias atrás e agora está marchando pelo Vale sem nada para atrasá-los, exceto alguns fazendeiros leais.

“Esperamos que Montaigne chegue depois de amanhã; em três dias, no máximo. Também recebemos um pássaro de Penhascos de Giz. Um pequeno exército das terras altas se reuniu lá, vindo de fortalezas mais distantes, e espera ordens. Não há o suficiente para desafiar os mercenários de Klemath, muito menos o exército que se aproxima.”

— Recebemos notícias do Portal Oriental — comunicou Amon. — Aparentemente, Montaigne enviou um pequeno exército por Tamron até os Pântanos, tentando tomar a fortaleza e impedir a fuga por ali. — Um leve sorriso apareceu e sumiu de seu rosto. — Dimitri Fenwaeter relata que os soldados de Montaigne desapareceram misteriosamente nos pântanos enevoados.

Mais uma vez, devo gylden a Dimitri, pensou Raisa. Espero viver o bastante para pagar.

— Tivemos notícias de Lady Gris? — perguntou ela.

Amon balançou a cabeça.

— Acho que não podemos contar com ajuda de lá. Não estão nem respondendo a nossas mensagens.

— Por que eles não vêm? — Raisa passou os braços ao redor do corpo. — Por que não vêm agora, antes de o exército ardenino chegar?

Amon cerrou o maxilar.

— Imagino que estejam com medo de que, se deixarem Lady Gris indefesa, Montaigne possa fazer um desvio para tirar vantagem. Se os magos de Montaigne ainda estiverem mal-equipados, ele pode querer pegar amuletos na Casa do Conselho. Com armas melhores, conseguiria o controle de todos os Sete Reinos.

— Nós também precisamos de armas melhores agora. — Raisa fez uma pausa e engoliu em seco antes de prosseguir. — E o Grão-Mago? Lorde Alister? Há alguma notícia dele?

Amon balançou a cabeça.

— Nada. Talvez esteja em Lady Gris com os outros.

— Talvez o Conselho dos Magos aja quando os ardeninos estiverem ocupados — disse Lorde Hakkam.

— Quando tiverem nos cercado, você quer dizer? — cortou Raisa. Não conseguiu evitar.

— Ou... — Hakkam estendeu as mãos. — Talvez ainda possamos negociar com o rei Gerard.

— Negociar? — indagou Andarilho da Noite. — Ele que leve o exército de volta para as terras baixas e dispense os mercenários. Aí poderemos conversar.

— Ele pode ter pensado que não tinha escolha além de invadir, considerando o custo de uma guerra civil em Arden e sua necessidade de capital — argumentou Hakkam. — Homens desesperados fazem coisas desesperadas. Arden, Tamron e Fells já foram unidos, para a vantagem de todos. Desde que a nobreza mantenha seus bens e títulos, pode ser que a vida não...

— Fomos unidos pelo governo das rainhas Lobo Gris de Fells — interrompeu Raisa. — Não oprimidos por Arden.

— Poderíamos propor uma confederação flexível — persistiu Hakkam. — Em que cada reino é independente, exceto por assuntos internacionais. O rei Gerard continua solteiro. Um casamento entre a rainha Raisa e Gerard melhoraria nosso perfil entre...

— Fells não é seu para que abra mão dele assim, Lorde Hakkam — disse Andarilho da Noite. — É solo sagrado.

— Não estou dizendo para abrir mão — respondeu Lorde Hakkam apressadamente. — Só para... emprestar por um tempo, até podermos recuperar o equilíbrio.

— Abriria mão de sua rainha? Ou ela também seria só um empréstimo? — Andarilho da Noite bufou com desdém.

Abençoado seja, Andarilho da Noite, pensou Raisa.

— Ninguém gosta dessa situação, mas temos que ser realistas. — Hakkam contou nos dedos cheios de anéis. — Não temos exército. O Conselho dos Magos está desordenado. Montaigne tem dois exércitos, inclusive com mercenários que conhecem este reino e suas fortalezas tão bem quanto nós. Eles também têm apoio de magos, embora não saibamos que tipo de apoio.

— Baseado no que sabemos sobre o rei Gerard, não podemos supor que a rainha fosse sobreviver por muito tempo a uma rendição — observou Amon. — E se negociarmos de uma posição desvantajosa, é improvável conseguirmos qualquer coisa.

Raisa sorriu por dentro. Amon estava falando mais nas conferências, se ajustando ao papel de conselheiro que o pai ocupara. Ele já não era o garoto solene e quieto que voltara de Vau de Oden.

Sua voz interrompeu os pensamentos de Raisa.

— Vossa Majestade. Acho que está na hora de discutirmos tirá-la daqui para um lugar mais seguro, se isso ainda for possível.

Raisa se enrijeceu. Amon tinha tocado naquele assunto duas noites antes, em particular, e não gostara de sua resposta. Agora, estava falando em público, torcendo para encontrar aliados no Conselho. Ele estava ficando malicioso demais para um Byrne.

Ela ergueu o queixo.

— Está sugerindo que eu fuja?

— Prefiro chamar de retirada estratégica, Vossa Majestade — disse Amon. Ele a estava tratando por *Vossa Majestade*, o que

significava que estava tentando deixar seus sentimentos fora da conversa, mas ela reparou que Amon abria e fechava o punho direito. — Andarilho da Noite acredita que ainda haja tempo para levar você e Mellony pelas linhas de ataque seguindo pelo rio. Quando chegarem às montanhas, vocês podem se refugiar com Lorde Averill no Campo Demonai e estabelecer seu governo lá. É o lugar mais inexpugnável de Fells. Se Montaigne chegar àqueles refúgios, é o fim de qualquer jeito. Mas, mesmo que isso aconteça, você pode escapar pelo Portal Oriental e pelos Pântanos.

Andarilho da Noite se aproximou e se ajoelhou ao lado da cadeira de Raisa, olhando-a nos olhos.

— Por favor, considere a possibilidade de sair da cidade antes de os sulistas chegarem, Vossa Majestade. Tenho capas camufladas que vão nos esconder. Prometo que este aparente exílio vai ser temporário. Vai voltar ao trono, eu juro. O exército das terras baixas vai lamentar ter colocado o pé aqui.

Raisa se levantou e foi até a janela, inclinando-se no parapeito, tentando formular uma resposta aceitável. Não podia dizer: “Não quero estar sob o controle dos Demonai”. Eles eram sua família, afinal.

Ela se virou e encostou o quadril no parapeito.

— E o que você faria durante esse tempo, capitão Byrne? — perguntou ela. Podia responder com *capitão* a cada *Vossa Majestade* dele.

Amon mexeu os ombros.

— Eu faria o melhor para a rainha e o reino, que é ficar aqui e defender o Castelo de Fellsmarch. Se eu for com você, é muito provável que sejamos vistos. Ainda podemos vencer, mas, se esperar até Montaigne chegar, vai ser mais difícil sair, se depois mudar de ideia.

— O que acontecerá com o resto de nós quando o rei Gerard perceber que a rainha fugiu? — protestou Hakkam.

— Lorde Hakkam está certo — disse Raisa, surpresa por concordar com ele. — Já fugi antes, e Fells ainda está pagando o preço disso. Como posso esperar que meu povo sofra no meu lugar?

— Já está sofrendo — rebateu Amon. — O povo vai sofrer quer a rainha sobreviva ou não. Mas, se ficar livre, Vossa Majestade e os Demonai podem liderar uma contraguerrilha contra Montaigne.

— Cansei de ser uma fugitiva — respondeu Raisa. — Estamos nesta encrenca porque somos um povo dividido desde a Cisão. Se todos trabalhássemos juntos, teríamos chance. Pretendo vencer ou morrer tentando. Se não conseguirmos nos unir e derrotar um exército das terras baixas, talvez não mereçamos existir como nação soberana.

Alguém bateu na porta da câmara de audiência.

O que foi agora?, resmungou Raisa em pensamento, mas gritou:

— Entre!

A porta se abriu e revelou Mick e Hallie, e, atrás deles, uma figura alta e familiar. O coração de Raisa pulou.

— Peço desculpas por interromper, Vossa Majestade — disse Hallie. — Mas quando este aqui soube que o Conselho estava reunido, insistiu em ser anunciado.

— Micah! — exclamou Raisa, dando um passo na direção dele.

— Bayar! — Lorde Hakkam ficou de pé, visivelmente animado. — Você traz notícias de Lady Gris? O Conselho pretende nos ajudar? — Ele espiou atrás de Micah como se esperasse ver um exército de magos logo atrás.

Micah Bayar fez uma reverência, as estolas roçando o chão de pedra.

— Vossa Majestade — disse ele, ignorando a explosão de Hakkam. — Eu queria ter vindo antes, mas está mais difícil do que nunca conseguir visitá-la.

Ele se empertigou, e seu olhar intenso avaliou Raisa de alto a baixo.

— É mesmo? — rebateu Andarilho da Noite, esticando a cabeça para olhar de cima para Micah. — Alguns de nós nunca deixamos a rainha.

Micah o encarou.

— Alguns de nós temos outros papéis e responsabilidades.

— Como você conseguiu entrar? — insistiu Hakkam, talvez querendo usar o mesmo caminho para sair.

— Usei um glamour — respondeu Micah. — Acho que eles estão menos preocupados com pessoas entrando do que saindo. Mesmo assim, precisei matar duas sentinelas.

Se Micah nadara pelo fosso ou seguira por túneis subterrâneos para entrar no Castelo de Fellsmarch, tinha se limpado antes de aparecer. A camisa de linho sob o casaco estava impecável, a calça estava recém-passada e o cabelo brilhava sob a luz das tochas. Mesmo assim... Raisa olhou bem para ele. Sim. Micah havia levado um soco. Havia um hematoma na bochecha e o nariz estava um pouco inchado de um lado.

— Eu trago notícias de Lady Gris, mas infelizmente são ruins — prosseguiu Micah. Ele indicou a mesa. — Posso me sentar?

— Por favor — disse Raisa, recuperando-se o bastante para fazer sinal para que ele ocupasse uma cadeira vazia.

Ela se sentou à cabeceira da mesa. Micah se acomodou. Parecia nervoso, abalado, tenso como uma corda de arco.

— Tenho que admitir que o Conselho dos Magos estava despreparado para essa sequência de eventos — começou ele. — Devíamos ter ficado mais alertas para a possibilidade da traição do general Klemath. Quando os sulistas invadiram, perdemos muitos magos nas montanhas. Alguns foram levados prisioneiros. Outros, queimados vivos.

— Montaigne vai pagar por isso, prometo — garantiu Raisa. Não sabia como cumpriria a promessa, mas ele pagaria.

Micah acenou com a cabeça.

— O fato de que Montaigne está usando magos prisioneiros na campanha torna a situação mais terrível. Lady Gris é um campo armado.

— A situação aqui também está terrível! — exclamou Lassiter. — O Conselho vai enviar ajuda antes que seja tarde demais?

— Não — disse Micah sem rodeios. — Não vai.

Todo mundo começou a falar ao mesmo tempo, fazendo perguntas, expressando descrença e consternação.

— Deixem que ele termine! — gritou Raisa, e o burburinho sumiu. — O que está acontecendo, Micah? Por que ninguém vem?

Com um olhar grato para Raisa, Bayar continuou.

— Isso não podia ter acontecido em pior momento. O Conselho está uma confusão. A liderança... — Ele limpou a garganta. — Isso é... difícil — disse ele, olhando para as próprias mãos. — Alguns de vocês já sabem que o Conselho iniciou uma investigação interna sobre o novo Grão-Mago, Lorde Alister, que foi implicado nos assassinatos recentes de magos na cidade.

— O quê? — Lorde Hakkam olhou ao redor da mesa. — Eu não sabia disso!

— Caçador Solitário? É mesmo? — Andarilho da Noite se inclinou para a frente, atento. — E vocês estavam *nos* culpando esse tempo todo.

Micah encarou Andarilho da Noite com uma expressão neutra.

— Me deixe falar. Você vai ter sua oportunidade daqui a pouco. — Ele fez uma pausa, e, como ninguém respondeu, prosseguiu. — Alister descobriu as acusações sobre ele. Quando meu pai e minha irmã voltaram para a Casa Aerie, depois da audiência do Conselho, ele estava esperando. Ele atacou e tentou matar meu pai.

Depois de um momento de silêncio perplexo, Raisa soltou uma única pergunta engasgada.

— O quê?

Micah assentiu, os olhos negros brilhando contra a pele pálida.

— Ele quase conseguiu. Como alguns de vocês sabem, é a segunda vez que ele ataca Lorde Bayar. — Ele fixou o olhar em Raisal, como se tentasse fazê-la acreditar. — Meu pai não teve escolha. Nenhuma escolha.

Raisal encarou Micah. Em pensamento, uma voz gritava *não-não-não-não*. Ela se levantou e se apoiou na beirada da mesa. Quando abriu a boca, as palavras sumiram na garganta, então Amon Byrne teve que fazer a pergunta.

— O que está dizendo, Bayar? O que aconteceu?

— Alister está morto — respondeu Micah. — Meu pai o matou.

CAPÍTULO QUARENTA

Sonhos febris

A sala explodiu em uma cacofonia de vozes.

— Alister está morto? — perguntou Lorde Hakkam, parecendo ofendido pela inconveniência. — Já?

Amon segurou os ombros de Raisa e a manteve ereta para que não caísse.

— Você tem provas disso?

Micah assentiu.

— Tiramos isso do corpo de Alister.

Ele enfiou a mão no casaco, pegou um saco de pano e virou dois objetos na mesa, com as correntes tilintando. Um era o amuleto do Caçador Solitário. O outro era o talismã de cobre com o símbolo de dono da rua, o que Dançarino fizera para substituir o que ele perdera.

Raisa ficou olhando, horrorizada. O desespero tomou conta dela e afastou todo o resto.

— Alister usava dois amuletos. — Micah cutucou o do Caçador Solitário com a ponta do dedo. — Este e outro, um amuleto de serpente que roubou de nós. Aquela é um amuleto antigo, herança de família. Ficamos com ele, pois vamos precisar de todos os amuletos antigos que conseguirmos.

— Bayar, seu mentiroso! — gritou Cat com desprezo. — Algema nunca tentou assassinar você!

Ela pulou por cima da mesa para cima de Micah, que se jogou para o lado e saiu rolando ao cair no chão. Ele ficou de joelhos, uma das mãos no amuleto e a outra esticada na direção de Cat.

— Não, Micah! — gritou Raisa por reflexo, soltando-se de Amon e se jogando entre os dois.

Amon segurou Cat em um abraço de urso, prendendo os braços dela nas laterais do corpo e puxando-a para longe de Micah. Talia tomou as facas dela e Amon a entregou para Mick e Hallie. Ela continuou a lutar para tentar atacar Micah, gritando xingamentos cada vez mais virulentos.

Bayar ficou de pé, os olhos fixos em Cat.

— A próxima vez que você vier para cima de mim vai ser a última — disse ele, com voz baixa e furiosa. — Estou cansado de ter que ficar alerta enquanto...

— *Você* está cansado? — gritou Raisa. — *Você* está *cansado*, Bayar? Pois eu estou exausta!

Todos se viraram para encará-la.

Raisa se levantou com as mãos em punhos e o rosto coberto de lágrimas.

— Talvez a gente mereça ser tomado por Arden — disse ela, com voz embargada de desespero. — Vocês podem todos... se matar, no que depender de mim. Não esperem que eu limpe tudo depois. Ou que tente governá-los. De agora em diante, estão por conta própria.

Andarilho da Noite ficou paralisado na cadeira, olhando de Micah para Raisa.

Bayar deu um passo na direção dela, as mãos esticadas, as sobrelhas escuras unidas em perplexidade.

— Vossa Majestade. Raisa. Eu...

Raisa se virou e saiu da sala, deixando um silêncio mortal para trás.

No corredor, apertou o passo, depois correu pela passarela, pela torre do barbacã, passando pelos casacos azuis de serviço na porta do quarto dela. Depois de abrir a porta, disparou pela sala de estar até o quarto no lado oposto.

Magret ergueu o rosto do livro.

— Vossa Majestade? A reunião já acabou?

— Não deixe ninguém entrar — gritou Raisa por cima do ombro.

— Não importa quem seja.

Raisa bateu a porta e se jogou na cama, afundou o rosto no travesseiro e agarrou as cobertas com punhos bem fechados.

Inúmeras lembranças lhe vieram à mente: Han Alister no Templo de Ponte Austral, machucado e ferido pela vida nas ruas, debatendo rendição com o orador Jemson. *Já estive na cadeia*, dissera ele, com o aço da faca na garganta dela. *Não vou voltar*.

Han em Vau de Oden durante as aulas que Raisa lhe oferecia, debatendo algum detalhe sobre política ou bons modos, fazendo perguntas, sempre indo mais fundo do que Raisa gostaria. A pressão quase física daqueles olhos azuis.

O dia em que ele falou das mortes da mãe e da irmã, com voz rouca de fúria.

O corpo alto e magro de Han jogado na cadeira de uma taverna na Rua da Ponte, as botas apoiadas no piso gasto de madeira e as mãos entrelaçadas sobre a barriga. O jeito como ele fazia Hallie e Talia caírem na gargalhada com suas observações das aulas e da vida no campus.

O fato de ele sempre se sentar de frente para a porta.

O jeito como juntava as palavras, mudando facilmente entre as gírias da rua e o discurso da corte.

Beijos e carícias, um amor mais inebriante do que gim.

O sorriso torto e cínico que já sabia demais sobre o mundo, mas ao mesmo tempo cheio de esperança.

Por fim, Han no jardim do telhado, prometendo que daria um jeito de voltar e se casar com ela, dizendo: *Você não ouviu falar de*

mim? Sou muito perigoso.

Fora essa a solução dele, matar os Bayar? Será que vira isso como única opção? Ou era mais uma mentira sobre Han Alister, conjurada pelos inimigos para encobrir os assassinatos cometidos?

Não importava. Fosse como fosse, ele morreria. E toda esperança desapareceu de Raisa, como se alguém tivesse aberto uma torneira em sua alma.

Soluços percorreram o corpo dela, ondas enormes de dor que ameaçavam arrastá-la para o mar. Por um tempo, ela resistiu, mas por fim se rendeu à dor e ao desespero.

Dois dias depois, o exército de Gerard Montaigne, sob o comando de Marin Karn, marchou para a cidade de Fellsmarch, para se unir desconfortavelmente aos mercenários do general Klemath.

Não havia muito espaço na cidade para acomodar tantos soldados. As ruas estreitas, sinuosas e muito íngremes não ofereciam lugar para montar barracas. O único espaço disponível era em uma favela queimada abaixo da colina do castelo, ao lado do rio poluído.

O exército de Klemath entregou a cidade às tropas de Karn, assumindo posições fora dos muros que rodeavam Fellsmarch. Os mercenários pareciam mais do que felizes em deixar o local.

Karn logo descobriu por que eles estavam tão ansiosos para partir. Assim que suas tropas se acomodaram, começaram os ataques. Pessoas desconhecidas surgiam das ruínas, de noite, como baratas. E, como baratas, elas entravam e saíam dos acampamentos do exército quando queriam. Comida, armas e outros suprimentos desapareciam como se por magia.

Pior ainda: soldados desapareciam e os corpos surgiam dias depois, enrolados em rosas agrestes e pendurados nos muros de templos pagãos ou empilhados em becos escuros. Em pouco tempo, os soldados do exército de Arden começaram a invejar os cães de guerra fora das muralhas, acampados em relativa segurança.

Karn fazia o que podia. Por ter participado há pouco tempo do saque à Corte de Tamron, ele ordenou aos soldados que não fossem piedosos com os ladrões e bandidos que conseguissem pegar. Quanto a destruir os esconderijos deles, bem, não havia sobrado muito para ser feito nesse sentido.

As torres do Castelo de Fellsmarch se erguiam contra o céu, pouco guarnecidas, mas ainda inexpugnáveis. Os espiões de Montaigne relataram que a maioria dos magos do norte que haviam sobrevivido estava reunida nas fortalezas de Lady Gris ou escondida em suas casas de campo. Mas os muros do castelo cintilavam sob uma camada de magia, então a rainha devia ter pelo menos um mago por perto.

Enquanto isso, os magos sob o comando de Karn não conseguiam fazer muitos feitiços, tendo poucas ferramentas mágicas à disposição. Alguns foram acometidos de doenças misteriosas e caíram de cama, sem conseguir lançar um feitiço que fosse.

Karn exigiu uma reunião com a rainha, mas a resposta foi de que ela não estava disponível. Eles já tinham se encontrado uma vez, na fronteira entre Tamron e Arden, em meio a uma batalha. Ela estava vestida de serva, e ele não prestara atenção até seu rei identificá-la. Era pequena e bonita, com pele da cor de cerveja de Bruinswallow, olhos verdes impressionantes e queixo teimoso.

Fossnacht a chamava de bruxa e queria queimá-la. Ele já fizera isso com os magos que se recusaram a aceitar a coleira e se aliar a Montaigne. Para falar a verdade, o padre fanático deixava Karn tenso. Gostava demais de fogo.

As ordens que Karn recebeu eram de levar a rainha para Gerard ainda viva. Ele discordava disso. Seria bem mais fácil torcer o pescoço da garota e acabar logo com tudo. Um cadáver não poderia organizar rebeliões.

Defendera seu ponto de vista, mas não por muito tempo. Gerard parecera obcecado pela bruxa do norte. Ela ferira o orgulho dele, e

o rei de Arden pretendia fazê-la pagar.

Mais cedo ou mais tarde, a rainha e seus defensores teriam que ceder, claro. Mas Karn queria que isso fosse resolvido antes de as neves do outono bloquearem os passos para o sul. Os magos do norte pareciam estar desorganizados, e ele não queria dar tempo para que se reagrupassem e recrutassem mais gente.

Marin Karn não tinha intenção de passar o inverno no maldito norte. Então continuou procurando uma forma de invadir o castelo.

Raisa abriu os olhos inchados e viu Magret Gray de pé perto dela. Apertou-os de novo, mas não rápido o bastante.

— Eles voltaram, Vossa Alteza — disse Magret com um suspiro pesado.

— Quem voltou? — sussurrou Raisa por entre lábios rachados.

Por três dias, ela fora perturbada por vívidos sonhos febris. Era quase um alívio estar acordada.

— O capitão Byrne e os outros — respondeu Magret, sentando-se na cadeira ao lado da cama, o lugar onde passara a maior parte dos últimos dias.

Cão estava ao lado dela com o queixo apoiado na cama. Magret fez carinho na cabeça dele, distraída.

— O Bayar parece um demônio assombrando sua porta. Tentei expulsá-lo, mas ele insiste que precisa falar com você. Pela Rainha Santificada, como se eu fosse deixar aquele lá chegar a cem metros de você.

Que bom, pensou Raisa, fechando os olhos. Que bom.

— A princesa Mellony está doente de preocupação. Passou horas ao seu lado. Acabei tendo que mandá-la para longe por medo de ela pegar a febre.

— Não quero ver ninguém — sussurrou Raisa sem abrir os olhos.

— Lamento, Vossa Majestade, mas precisa falar com eles. Doente ou não, é a rainha, e aquele verme do sul não vai esperar.

Raisa abriu os olhos com relutância. Magret encostou as costas da mão em sua testa e balançou a cabeça, os lábios apertados de reprovação e o rosto transtornado de preocupação e dor. O nariz estava vermelho, como se ela tivesse chorado.

O estômago de Raisa estava embrulhado e a cabeça latejava, pesada demais para se erguer. Ela não comera nada por três dias e tivera febre alta por quase todo esse tempo. Era possível morrer por causa de um coração partido? Até então, ela diria que isso só acontecia nos romances lidos por gente como Missy Hakkam.

O amor nos deixa vulneráveis, pensou Raisa. À dor e à perda e talvez a febres também.

Ela se sentou, a cabeça apoiada na cabeceira da cama. Magret ajeitou seu cabelo com dedos frios e lhe entregou um copo de água com casca de salgueiro.

— Vá com calma, Vossa Majestade. A casca de salgueiro pode ser pesada ao estômago.

Raisa bebeu com obediência.

— Não há curandeiros no castelo, nem dos clãs, nem magos — prosseguiu Magret. — Aquele maldito Klemath nos pegou de surpresa. O único mago aqui dentro é o maldito Bayar.

Micah. Micah e o pai assassinaram Han Alister. Ou o mataram para impedir que ele os matasse. Uma chama ardeu nas entranhas de Raisa, e ela respirou fundo várias vezes, conseguindo evitar cuspir a casca de salgueiro que tinha acabado de tomar.

— Não quero vê-lo — disse Raisa, para o caso de Magret ter esquecido.

— O Bayar tem trabalhado com o capitão Byrne, com a general Dunedain e com os outros para manter os sulistas longe — explicou Magret, a contragosto. — O capitão Byrne estava desesperado para tirar você daqui antes de o exército de Montaigne chegar. O Bayar queria ajudar, mas com você tão doente, nós... — A voz dela morreu.

— Sinto muito — disse Raisa, a voz aflita. — Isso tudo é um desastre.

Lágrimas surgiram nos olhos de Magret e ameaçaram escorrer. Ela fez menção de se levantar, mas Raisa a segurou pelo braço.

— Onde está minha adaga, Magret? — perguntou Raisa, de repente desesperada para encontrá-la. — A do capitão Byrne?

Magret estreitou os olhos.

— Por quê?

— Onde está? — repetiu Raisa. — Eu a quero.

Magret a encarou intensamente.

— Sobre o jovem Alister... — disse ela, por fim. — Sei que você e ele... sei que havia alguma coisa... — A voz dela falhou por um momento, mas de repente ela explodiu: — Nenhum homem vale que você se mate, Vossa Majestade!

— Eu não vou me matar. A não ser que não tenha escolha. Quero ficar com minha adaga por precaução, para o caso de os sulistas entrarem. Não vou ser capturada com vida.

Magret observou o rosto de Raisa. Em seguida, se levantou e atravessou o quarto até o baú encostado na parede. Revirou os pertences no fundo, encontrou a adaga e a entregou para Raisa, que a enfiou debaixo do travesseiro. Magret colocou um xale pesado de lã sobre a cama.

— Enrole-se bem, Vossa Majestade. A chaleira está fervendo, vou fazer um chá.

Ela desapareceu na sala externa.

Por um momento, Raisa hesitou e pensou em fazer a reunião deitada. Mas então, com um suspiro, virou as pernas e se ergueu, apoiando-se na cama até a tontura passar. Depois de se enrolar no xale, cambaleou até o divã em frente à lareira, onde uma vez ela e Han Alister haviam se beijado e se abraçado. Raisa se acomodou em um canto e puxou uma colcha sobre as pernas. Cão se deitou a seus pés. Ela esticou a mão e virou-a para que o anel captasse a luz

do fogo. Pedras da lua, pérolas e ametistas, o presente de Han para sua coroação. Inspirado no anel de noivado de Hanalea.

Outro tremor a percorreu e ela esticou as mãos para a lareira.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Uma nova geração

A porta da sala foi aberta, primeiro uma brecha e depois por completo, revelando apenas uma pessoa: Amon Byrne.

— Vossa Majestade? — chamou ele, olhando primeiro para a cama e depois pelo resto do quarto.

— Amon. Entre e se sente.

Raisa não sabia se tinha falado alto o bastante para ser ouvida.

Amon foi até a lareira e se ajoelhou ao lado do sofá, com uma expressão de choque e consternação.

— Rai — disse ele com voz rouca, fechando a mão sobre a dela.

— Eu não fazia ideia de que você estava tão mal.

Querido. Sincero. Byrne. Devo parecer a um passo do túmulo.

— Aqui — falou ela, apoiando a mão no divã ao lado. — Sente-se aqui.

Ele se acomodou e continuou olhando para ela.

— Você precisa de um curandeiro. — Amon engoliu em seco. — Temos que conseguir trazer um para você.

— Não sei se um curandeiro pode ajudar — respondeu Raisa, apoiando a cabeça no ombro firme dele.

— É por causa de Alister — disse Amon. Não foi uma pergunta.

Raisa assentiu.

— Não só Alister, todo o resto também, mas isso foi a gota d'água. Eu falei sério na câmara de audiências. Talvez a gente não mereça existir como nação.

Ela secou os olhos com as costas da mão.

Amon limpou a garganta.

— Não sei bem como agir quanto a isso... a morte de Alister. Não posso investigar o que realmente aconteceu enquanto estivermos encurralados aqui. E Micah... tenho que admitir que ele tem sido prestativo nos últimos dias. Ergueu barreiras mágicas que permitem que nossos soldados tenham descanso merecido sem se preocupar com um ataque surpresa. — Ele fez uma pausa. — Então, pode parecer uma decisão fria e calculista, mas acho que não podemos lidar com a... a situação... até sairmos desta confusão. — Ele falou como se tivesse certeza de que sairiam.

— Não vai trazer Han de volta, vai? E, quando chegar a hora de apontar os culpados, vou começar comigo mesma. O fato é que eu o amava e não queria abrir mão dele. Então coloquei Han em uma posição impossível. Não tinha como ele se sair bem. E agora está morto.

— Alister tomou as próprias decisões — disse Amon. — Você não mandou que ele fizesse nada. Foi escolha dele.

— Eu devia ter feito a coisa certa. Sabia que não tínhamos futuro juntos e devia tê-lo mandado embora. Logo depois que ele descobriu quem eu era de verdade, ficou com raiva suficiente para partir. Eu devia ter dado o empurrão que faltava.

— Você não tinha como saber o que aconteceria. E, de qualquer modo, aqui também é o lar dele. Por que ele iria embora?

— Eu podia ter fugido com ele — prosseguiu Raisia, falando tanto para si mesma quanto para Amon. — Podíamos ter deixado tudo isso para trás. — Ela balançou a mão na direção do castelo, do reino. — Em retrospectiva, talvez tivesse sido a melhor decisão. Eu perdi tudo de qualquer jeito.

Ela olhou para Amon, focando-se nele novamente.

— Fiz a mesma coisa com você. Eu queria você, e não importava se isso lhe magoasse ou... a qualquer outra pessoa.

— Tenho 18 anos — rebateu Amon. — Tenho idade para fazer minhas escolhas, também.

Raisa balançou a cabeça.

— Mas é a minha posição. As pessoas não podem dizer não para mim porque sou a rainha. E quando estou errada... — Ela fez uma pausa, mas logo prosseguiu. — Ah, Amon, não posso fazer isso. Não sou forte o bastante.

Ele estendeu a mão, hesitante, e acariciou o cabelo dela.

— Consegue, sim. É a pessoa mais forte que conheço.

— O pior é que não sei *por que* estou fazendo isso. Se sou incapaz de salvar as pessoas mais próximas a mim, se não consigo impedir que meus aliados pulem no pescoço uns dos outros, de que sirvo? Eu criticava minha mãe. O que me fez pensar que eu podia me sair melhor?

Amon ponderou por um tempo, a testa franzida. Finalmente, ergueu o rosto, os olhos tão cinzentos quanto o oceano no inverno.

— Acho que você começa com alguns e vai aumentando a partir daí.

— Como assim?

Amon ficou de pé, foi até a porta e enfiou a cabeça para fora. Depois de alguns minutos de conversa abafada, ele voltou, seguido por um grupo de pessoas.

Primeiro, veio Cat Tyburn, uma dona da rua e lutadora com facas transformada em guarda-costas real, vinda das Ilhas Setentrionais. Tinha conseguido um olho roxo e um lábio inchado desde que Raisa a vira pela última vez. Ela se sentou no espaço antes ocupado por Amon e abraçou Raisa apertado. A rainha ficou com o rosto pressionado contra os cachos de Cat, que esfregou suas costas em pequenos círculos.

— Não se preocupe — sussurrou Cat no ouvido dela, com voz baixa e feroz. — Vamos resolver isso, eu prometo.

Por algum motivo, isso emocionou Raisa mais do que qualquer outra coisa.

Cat por fim a soltou e se sentou no braço do sofá ao lado de Raisa.

Em seguida, vieram Mick Bricker e Hallie Talbot, nascidos e criados na cidade de Fellsmarch.

O orador Roff Jemson e Magret Gray entraram juntos e assumiram posições perto da parede.

Talia Abbott, que era mestiça com a lua invertida, entrou com Pearlie Greenholt, a ruiva ardenina que era mestre de armas, se apaixonara por Talia e voltara com ela para Fells. As túnicas azuis do uniforme diziam que elas estavam de serviço.

Micah entrou, os olhos negros fixos em Raisa e se estreitando de dor e consternação ao notar a aparência dela. Cão rosnou no fundo da garganta e se enroscou nas pernas da rainha.

Por fim veio Char Dunedain, mais um soldado mestiço, comandante do que sobrara do exército de Fells.

Quando Dunedain foi fechar a porta, Reid Andarilho da Noite passou por ela e entrou no quarto para se juntar aos outros.

Eles formaram um círculo constrangido ao redor dela, exceto por Jemson e Magret, que mantiveram as posições perto da parede.

— O que é isto? — perguntou Raisa, olhando de rosto em rosto em busca de pistas. — Estamos tendo uma reunião?

— Mais ou menos — disse Amon.

— Outros estariam aqui, se pudessem — afirmou Cat. — Sei que Dançarino de Fogo estaria.

Ela inclinou a cabeça para trás e olhou com raiva para Micah.

— Há outros magos que estariam aqui, se tivessem liberdade para isso — acrescentou Micah.

— E muitos dentre os Demonai — ofereceu Andarilho da Noite, como se não quisesse ficar para trás.

— Há pessoas de serviço nas muralhas que gostariam de estar aqui — disse Hallie. — Muita gente de Feira dos Trapilhos e Ponte

Austral também.

— Tudo bem — disse Raisa, impaciente, cansada. — Estão dizendo que metade do reino estaria neste quarto, se pudesse. E vocês estão todos aqui porque...?

— Alguns de nós não se dão bem — disse Cat, olhando para o teto.

— Não concordamos sobre muitos assuntos — emendou Talia, com a voz grave e rouca que adquirira desde que um assassino cortara sua garganta na frente da porta de Raisa.

— E acreditamos em coisas diferentes — acrescentou Micah.

— Mas tem uma coisa em que todos nós acreditamos — disse Mick. — Em você.

Pega de surpresa, Raisa ergueu o olhar.

— Em mim?

Mick assentiu.

— Eu falei uma vez que sentia orgulho de lutar a seu lado. Isso ainda vale, mais do que nunca, com os sulistas lá fora.

— Eu sou ardenina — disse Pearlie —, mas aqui é o primeiro lugar onde me senti em casa. — Ela segurou a mão de Talia. — Vim por amor, mas pegarei em armas e darei a vida por minha rainha e meu país adotivos.

— Aqui é solo sagrado — afirmou Andarilho da Noite. — E o sangue dele corre nas suas veias. Vamos derramar nosso próprio sangue, se necessário, para afastar os invasores.

Magret deu um passo à frente.

— Sou uma Virgem de Hanalea. Entrei para a ordem para poder servir à linhagem Lobo Gris. Eu amava a rainha Marianna. Servi até seu último minuto. Preparei o corpo dela para o funeral e fiz vigília no templo, porque a princesa-herdeira não podia. — Ela fez uma pausa, como se quisesse se certificar de que tinha a atenção integral de todos. — Mas *você* — ela apontou para Raisa — é a rainha de que precisamos agora. E vou servir a você e à princesa Mellony até meu último suspiro.

— Você é rainha há poucos meses — disse a general Dunedain —, e, mesmo assim, já fez as mudanças de que este reino precisava há muito tempo: no exército, no Conselho, no trato dos refugiados das terras baixas. Essa é minha opinião, Vossa Majestade — acrescentou ela rapidamente, como se percebesse que podia soar presunçosa. — Mas não sou a única a pensar assim. Vossa Majestade tem apoio considerável entre os nativos do exército.

— Pena que não haja mais deles — disse Raisa secamente.

— Há várias centenas reunidas nos Penhascos de Giz, esperando ordens — disse Dunedain. — É um começo. E, se pudermos encontrar um jeito de os habitantes das terras altas e os Demonai trabalharem juntos...

Ela olhou para Andarilho da Noite, que assentiu e desviou o olhar de Dunedain para Raisa.

Também precisamos de magos, pensou Raisa. E, exceto por Micah, os magos estão ausentes desta reunião.

— Arrisquei tudo por você — disse Micah, como se adivinhasse os pensamentos dela. Os olhos dele falavam mais do que as palavras.

— Sei que pode estar pensando que tentou fazer coisas demais em muito pouco tempo — prosseguiu a general Dunedain. — Mas não teve escolha. Klemath pretendia nos trair. Vossa Majestade pode até ter adiantado o processo, mas não podia permitir que ele continuasse desafiando suas ordens.

Raisa assentiu e secou o rosto com a manga. Em algum momento, começara a suar frio.

Magret atravessou o quarto e parou ao lado dela. Afastou o cabelo úmido de Raisa e tocou sua testa.

— A febre sumiu, Vossa Majestade — disse ela com um meio sorriso.

Jemson se pronunciou pela primeira vez.

— Exceto pela srta. Gray e eu, todo mundo neste quarto é mais ou menos da sua idade. Acho isso significativo. Você e sua geração são o novo reino. Você representa a esperança de que as coisas

possam ser diferentes. — Ele fez uma pausa. — Sei que sofreu muitas perdas. Ninguém aqui a culparia se desistisse... de tudo isso. Mas esperamos que fique mais um pouco conosco e nos dê uma chance melhor de avançar, de salvar este pedacinho precioso de terra que chamamos de Fells.

O que ele quer dizer com isso?, perguntou-se Raisa. *Acha que posso tentar escapar, fugindo ou tirando minha própria vida? Ou que posso enlouquecer de sofrimento?*

Raisa puxou o xale sobre os ombros como se pudesse se defender da pressão de tantos olhos. Como se pudesse se esconder do peso da fé que tinham nela.

Eles estavam pedindo que ela os colocasse novamente em risco, quando já tinha tantas mortes na consciência. O quarto estava cheio de fantasmas e também de lobos gris.

Os sussurros deles enchiam sua cabeça, talvez um resquício dos sonhos febris. *Vá em frente, Raisa ana'Marianna,* diziam eles. *Escolha o amor.*

Escolha o amor, pensou ela com amargura. *Essa peça foi pregada em todas as rainhas Lobo Gris desde Hanalea.*

Amor, pensou de novo, uma chama se acendendo nas entranhas. *Você ama estas montanhas. Ama esta cidade, com suas ruas tortas e escadarias de pedra. Você ama as pessoas neste quarto, ao menos na maior parte do tempo.*

Não preencheria o abismo no coração dela. Mas já era alguma coisa.

— Tudo bem. Não vou a lugar algum.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Andando com os Bayar

Han não sabia dizer por quanto tempo ficara pendurado na parede até Fiona voltar. Tempo o bastante para seus braços e pulsos arderem de dor. Não chegara a perder as esperanças, mas passara perto.

Ele acordou com o brilho de chamas nas pálpebras. Os Bayar, pai e filha, carregavam tochas e bolsas, como se previssem uma longa jornada. Bayar soltou Han da parede, e ele caiu no chão, sem forças.

— Fiona e eu discutimos muito sobre isso — disse Bayar, olhando para Han. — Vamos fazer um acordo, Alister, considerando nossa situação desesperada. Precisaremos de todas as nossas armas e de todas as mãos mágicas para vencer esta guerra. Nos leve ao arsenal e vamos soltar você sem machucá-lo. Resolveremos nossa briga quando os sulistas tiverem sido expulsos de Fells.

E se você acreditar nisso, Alister, é um trouxa de primeira, pensou Han. Sabia que eles não estariam ali se não fosse pela invasão ardenina.

Ele esticou os pulsos algemados.

— Pode tirar isto, então? — perguntou ele, achando que não havia mal nenhum em tentar. — Vai ser mais fácil com as mãos

livres.

Lorde Bayar riu.

— Você tentou me matar uma vez, Alister — respondeu Bayar, como se as próprias mãos não estivessem cobertas de sangue. — Vou devolver seu amuleto, mas suas mãos ficam presas até chegarmos ao arsenal. Você não pode tocar no amuleto sem permissão. Cada vez que for tocar, vai nos contar exatamente o que estiver fazendo. Se esquecer, Fiona vai ajudá-lo a se lembrar.

— Não me teste, Alister — disse Fiona. Ela prendeu uma corrente às algemas dele e enrolou a outra ponta no próprio pulso, de forma que ficaram ligados. — Se você tentar qualquer coisa, vou arrancar suas mãos.

— Tudo bem — disse Han. — Vou me esforçar.

Han se apoiou na parede e ficou de pé, andando devagar para parecer mais decrepito do que estava. Sentia-se rígido, dolorido e fraco, mas andara se fortalecendo enquanto esperava a volta dos Bayar.

Eles andaram em fila indiana, com Han no meio. Desceram outro lance de escadas de pedras estreitas e gastas para um andar ainda mais profundo do que o calabouço, onde o ar era fétido, úmido e bolorento. Deviam ter passado por ali ao levar Han para o calabouço, mas na ocasião ele estava encapuzado e imobilizado. Era estranho descer os degraus irregulares e quebrados com as mãos presas e ligadas a Fiona.

Se eu me jogasse escada abaixo, eles cairiam junto?, perguntou-se Han. *Poderia dar certo, supondo que eu não acabasse inconsciente.* O que parecia provável, do jeito que estava fraco de fome e da perda de sangue, com as mãos algemadas. Decidiu esperar uma oportunidade melhor. E seguiu mancando, com Fiona cutucando-o, fazendo-o seguir em frente.

Eles pararam em um cruzamento de túneis. Lorde Bayar tirou um saco de veludo de dentro do casaco e o jogou para Han, que pegou por reflexo com as duas mãos, mesmo com os dedos machucados.

Com certa dificuldade, soltou a corda e puxou um volume enrolado em couro.

— Vou tocar no meu amuleto agora — anunciou Han em voz alta.
— Tenho que dar poder a ele.

Bayar assentiu brevemente, e Han começou a desembrolhar o amuleto de serpente.

Quando desdobrou o couro, luz se espalhou, uma resposta do amuleto ao seu toque. Ele aninhou o faz-feitiço nas mãos como um bêbado tomando o primeiro gole do dia. A libertação da magia era como acabar com uma dor de dente que o incomodava havia tempo.

Han estava fisicamente exausto, mas vibrando com a magia não canalizada. O amuleto ainda estava carregado desde antes de ter sido tomado pelos Bayar. Obviamente, não haviam tentado mexer nele depois da tentativa falha de Fiona.

Han passou a corrente pelo pescoço enquanto os Bayar observavam, invejosos. Ele agiu devagar, revirando o cérebro em busca de uma estratégia, de um lugar aonde pudesse levá-los que não fosse o Arsenal dos Reis Magos. De um jeito de criar oportunidade de fugir.

Seria possível levá-los de volta para a cidade e sair em terreno familiar? Quando chegasse lá, seria possível se libertar. Principalmente com uma guerra acontecendo. Se é que *estava* acontecendo.

— Você disse que o arsenal é acessível pelos túneis — disse Lorde Bayar, como se ouvisse os pensamentos de Han. — Considerando a luta que está acontecendo no Vale, é melhor ficarmos aqui embaixo.

— Desde que a gente não se perca — disse Han. — Não conheço estes caminhos subterrâneos.

— Meu conselho é que você não deixe isso acontecer — disse Bayar, cada palavra soando como uma ameaça. — Nossa família

usa os túneis desde a Cisão. Quando eu tinha a idade de Micah, explorei-os minuciosamente em busca do arsenal.

— Mas não encontrou.

— Eu pensei que ficasse no Pico Hanalea, e que fosse por isso que magos eram proibidos de ir lá. Encontrei a entrada do túnel em Hanalea, mas não encontrei o arsenal.

Então Han se deu conta do que Gavan Bayar estava fazendo em Hanalea no dia em que atacara Willo. Ele devia ter seguido pelos túneis e conseguido evitar as patrulhas Demonai.

O arsenal ficava na direção de Hanalea. Se Han levasse os Bayar naquela direção, poderia perdê-los na fumarola ou queimá-los em uma fonte de água quente. As chances eram ínfimas, mas, ainda assim, melhores do que nada.

— Tudo bem — disse Han. — Me levem de volta para onde começamos. Vou guiar vocês a partir de lá.

Eles caminharam pelo túnel particular dos Bayar até uma porta de madeira com contorno metálico, coberta de feitiços. Lorde Bayar os desfez com a facilidade da prática. Eles passaram, e Bayar aplicou os feitiços de dissimulação para que a porta se integrasse à parede de pedra do corredor principal.

— Atenção — avisou Han. — Vou tocar no meu amuleto agora.

Ele fechou a mão sobre o amuleto de serpente, sussurrou um feitiço fingido e espiou nas profundezas, desejando haver mesmo um mapa ali para seguir. Desejando que Corvo estivesse presente para servir de guia.

— Tudo bem — disse ele, franzindo a testa. — É por aqui, eu acho.

— Você vai primeiro — mandou Lorde Bayar.

Han soltou o amuleto e seguiu na frente, tomando o cuidado de não fazer nenhum movimento repentino que assustaria Fiona e a faria botar fogo nele.

Sim. Han suspirou de alívio quando começou a reconhecer alguns locais. Era o caminho certo. Metodicamente, ele usou o amuleto

para desarmar barreiras e armadilhas. Lorde Bayar sabia onde estavam, pois tinha erigido algumas. Han tocava o amuleto com frequência, sempre avisando antes, torcendo para os Bayar ficarem impacientes e descuidados.

Passou pela entrada do arsenal, escondida atrás de uma parede de magia.

— Alister — chamou Bayar, a voz áspera.

Fiona puxou Han com força e o fez se virar, tentando não gritar devido à dor nos pulsos.

— Você não passou direto, talvez? — perguntou Bayar.

Han encarou os olhos azuis e frios do homem.

— Achei que este *fosse* o caminho certo. Me deixe olhar de novo. Vou tocar no meu amuleto agora. — Aninhando o amuleto nas mãos, ele olhou para o objeto com olhos apertados. — Ah. Você tem razão. Tem *mesmo* uma virada aqui. Que bom que você percebeu.

— Se nos levar pelo caminho errado de novo, vamos encerrar esta farsa aqui — avisou Bayar. — Vamos voltar para a Casa Aerie, onde vou matar você tão lenta e dolorosamente quanto puder. Entendeu?

Ossos, pensou Han. *Quanto ele sabe? Quão perto chegou no passado?*

Han usou o amuleto Waterlow para desfazer uma camada mágica, o que revelou uma porta de madeira robusta. Ele a destrancou e abriu. Em seguida, parou, xingando baixinho.

O túnel à frente estava tomado de uma névoa densa e sulfurosa, tanto que quando Han esticou as mãos à frente, não conseguiu vê-las.

— Que diabos é isso? — perguntou Bayar.

— Eu... eu não sei — gaguejou Han. — Não estava assim antes.

Cuidadosamente, ele inspirou, achando que podia ser algum tipo de fumaça venenosa sobre a qual Corvo se esquecera de avisar.

Nada. Era úmida e fedida a enxofre. Só isso.

— Há fumarolas e fontes nesta direção — explicou Han. — Talvez uma tenha entrado em erupção.

Bayar empurrou Han para a névoa. Em seguida, recuou, esperando que alguma coisa acontecesse com ele. Nada aconteceu. A umidade grudou no cabelo de Alister e escorreu por dentro da gola.

— É melhor esperarmos até sumir — sugeriu Han, sabendo que os Bayar fariam o contrário de qualquer coisa que ele sugerisse.

— Não — disse Fiona. — Vamos em frente. Você primeiro.

Han seguiu na frente com cautela. Tudo parecia diferente na névoa, e as tochas não ajudavam muito, pois a transformavam em uma gosma branca e opaca. *Não estou em condições de fugir deles correndo, pensou Han. Mas, se conseguir me afastar por uma fração de segundo, posso desaparecer.*

Mas Fiona mantinha a corrente esticada e baixa, de forma que ele não tinha como tocar o amuleto sem pedir primeiro.

De repente, Han ouviu um som, um sacolejar de pedra em pedra. Os Bayar também ouviram, porque os dois se viraram na mesma hora e olharam na direção do ruído.

— Quem é? — perguntou Bayar a Han, a voz tensa. — Quem mais andou por aqui?

— Ninguém.

Bayar gritou:

— Mostre-se, senão Alister morre!

Nada. Nenhuma resposta, só silêncio e uma brancura flutuante.

Fiona disparou um jato de chamas pelo corredor.

Isso foi respondido pelo inconfundível estalar de um arco em algum ponto à frente. Fiona cambaleou para trás e caiu no chão com os olhos arregalados de surpresa, segurando uma flecha com pena preta cravada no peito.

Uma flecha Demonai. *Um Demonai dentro de Lady Gris?*

Han arrancou a corrente mágica das mãos frouxas de Fiona e a enrolou no braço enquanto Bayar disparava um feitiço na direção do

arqueiro oculto. Ele ouviu um grito abafado quando uma flecha errática bateu na parede. Em seguida, o som de um corpo atingindo o chão. E mais nada. O arqueiro fora atingido.

Han segurou o amuleto e esticou a mão ferida, os dedos formigando de magia.

— Estou lhe dando uma chance — disse ele. — Pegue a garota e vá.

Ele inclinou a cabeça na direção de Fiona. Ela estava deitada de costas, o peito subindo e descendo, a respiração alarmantemente úmida.

— Talvez ainda consiga salvá-la, se chegar a um curandeiro.

— Você me acha tolo? — perguntou Bayar, com desprezo. — Espera que eu deixe você aqui para limpar o arsenal antes de eu voltar?

Ele manteve os olhos em Han, sem nem um relance para a filha no chão de pedra.

Pobre Fiona, pensou Han. Eu preferia ser órfão a ter um pai como este.

A voz de Bayar interrompeu os pensamentos de Han.

— Você vai me levar ao arsenal agora, senão vai morrer aqui embaixo. Uma coisa ou outra.

— Tem uma terceira opção — disse Han, com voz baixa e firme. — *Você* vai morrer aqui.

Bayar esticou o braço e disparou um feitiço, uma luz voando pelas pontas dos dedos. Han ergueu uma barreira, e o míssil mágico de Bayar se estilhaçou em fragmentos cintilantes. Eles trocaram disparos, com raios de chamas ricocheteando pela câmara de pedra como se fosse meio-dia, fazendo morcegos saírem dos esconderijos.

Quando as magias colidiam, a de Han quase sempre prevalecia. Ele avançou, forçando o mago a recuar, conjurando feitiços de distração que pareciam atacar de todos os lados. Bayar se virou,

disparando chamas como os fogos de artifício em espiral que soltavam no solstício.

O duelo continuou. O rosto de Bayar exibia uma camada de suor e uma expressão confusa. Seus ataques ficaram mais esporádicos, desorganizados e desesperados, e as defesas, mais inseguras. Han já tinha participado de lutas de rua suficientes para saber quando estava vencendo.

— Como é estar do lado perdedor? Nós, Waterlow, sempre fomos mais inteligentes do que vocês, Bayar. Não é surpresa nos odiarem tanto. A começar por Alger Waterlow. Vocês contam mentiras sobre ele há mil anos.

Bayar encarou o rosto de Han com os olhos pretos apertados e os lábios repuxados em um esgar de raiva.

— Isto é pela minha mãe e pela minha irmã, Mari — disse Han, lançando sobre ele mais um ataque chamejante, cada golpe como um soco. — Se lembra delas? Você queimou as duas vivas. E Jonas e Sweets e Jed e Flinn. Eles eram meus amigos, e você assassinou todos.

Bayar lançou um jato ondulante de chamas, e Han o anulou com facilidade.

— E as pessoas de Feira dos Trapilhos, que perderam as casas quando você botou fogo nelas? E todos aqueles assassinos que você mandou atrás da rainha?

Bayar se virou e desapareceu na névoa.

Han foi atrás. Quando os passos pararam, Han também parou, depois seguiu em frente lentamente, alerta a cada som. A névoa pressionava de todos os lados. Sua nuca formigava. Bayar poderia estar a centímetros de distância e Han poderia passar por ele sem saber.

Ousaria voltar para ver o arqueiro misterioso? Conseguiria encontrá-lo?

Não. Não com Bayar solto nas passagens. Precisava resolver isso primeiro, se queria escapar do labirinto.

Um brilho leve no corredor à frente avisou Han de que Bayar estava disparando outra saraivada. Acima de sua cabeça, a pedra estalou e se partiu, fazendo chover pedaços nele. Uma bateu em sua têmpora e o deixou atordoado. Ferimentos na cabeça jorravam sangue profusamente, chegando a cair em seus olhos. Ele limpou com a manga para tentar enxergar melhor e quase pisou em uma fenda. Caiu para trás e bateu a cabeça em uma pedra, com as pernas penduradas no vazio.

A gargalhada fria de Bayar ecoou pela câmara. Ele saiu da névoa com as vestes balançando e a mão esticada.

Han congelou a névoa sulfurosa que cobria o chão sob os pés de Bayar. O mago escorregou, quase caiu, e Han disparou uma torrente de chamas. Acertou-o no ombro direito, fazendo-o se virar. Segurando o ombro ferido, Bayar sumiu de vista.

Han se levantou e cambaleou por uma esquina antes que Bayar pudesse se recuperar. Mesmo ferido, o homem era perigoso.

Quando conseguiu pôr certa distância entre si e o inimigo, Han tirou a camisa e rasgou uma tira de tecido da manga. Amarrou com força ao redor da cabeça para impedir que o sangue caísse nos olhos. Mas sua cabeça estava doendo, e o corpo estava ferido de dias de tortura. Magicamente, ele tinha vantagem, mas fisicamente estava quase exausto.

Um pouco de areia caindo de cima o fez dar um pulo para trás na hora em que Bayar disparou um feitiço de imobilização. Han lançou chamas parede acima, na plataforma lá no alto, mas que já estava vazia.

Feitiço de imobilização. O significado disso foi absorvido lentamente, lembrando a Han que Bayar ainda tinha assuntos a tratar com ele. O poderoso mago o queria vivo (aparentemente, ferido era aceitável). Como tirar vantagem disso?

Mais passos, mais curvas na névoa, até Han perder a noção de onde eles estavam nos túneis e cruzamentos.

Cedo ou tarde, Bayar daria de cara com uma das barreiras mágicas de Corvo, uma que não seria capaz de desarmar. Então ficaria preso. Enquanto isso, Han precisava evitar uma emboscada. Ele se concentrou, procurando a mancha de luz que indicaria que Bayar estava segurando o amuleto e se preparando para lançar um feitiço.

Eles pareciam estar voltando pelo caminho que haviam percorrido. Mais uma vez, Han seguiu por um campo minado de fontes quentes e poças de lama borbulhantes. Ou Bayar queria voltar para a Casa Aerie ou...

Um corpo se chocou contra ele e quase o derrubou em uma fissura fervente. Os dois lutaram no chão de pedra, na beirada de um penhasco, os vapores ferventes grudando o cabelo de Han e fazendo seus olhos arderem. Bayar segurou a corrente ao redor de seu pescoço para tentar arrancar o amuleto que Han segurava em uma das mãos enquanto enfiava os dedos da outra nos olhos do homem. O mago gritou e o soltou, quase rolando para a fumarola. Depois se levantou e desapareceu de novo na névoa.

Han o seguiu, com mais cautela desta vez. Não conseguia ouvir os passos de Bayar, e a névoa parecia amplificar e redirecionar qualquer som, então era difícil dizer de que direção vinham. Ele estreitou os olhos e tentou enxergar movimentos no ar turvo.

Achava que eles estavam quase de volta ao ponto em que Fiona caíra. Han aumentou a velocidade, querendo interceptar Bayar antes que ele pudesse voltar para a entrada do calabouço da Casa Aerie. Dobrou uma esquina e quase deu de cara com uma tocha acesa.

Ele cambaleou para trás, temporariamente cego, então sentiu um puxão no pescoço e viu o amuleto rolar pela escuridão como uma estrela cadente, apagando-se ao bater no chão com um estalo.

Os dois pularam atrás do faz-feitiço, mas Bayar chegou primeiro, segurando a corrente e puxando o amuleto do chão. Han tentou

pegá-lo, mas o homem o atacou com a tocha, queimando seu braço e deixando a manga fumegando.

Bayar guardou o amuleto, que, para decepção de Han, não explodiu nem botou fogo nele. Corvo não estava em seu interior.

— Agora, sim — disse Bayar, segurando o amuleto entalhado com os dois falcões. — Vamos parar com esta tolice. Me diga o que quero saber e talvez eu mate você rápido. — Mas o sorriso no rosto dele dizia outra coisa.

— Solte o amuleto, Bayar.

A voz veio de trás de Han. Tanto ele quanto Bayar se viraram, assustados, e viram uma aparição fantasmagórica em trajes dos clãs, com o amuleto no peito brilhando como uma estrela na névoa.

— Eu disse para soltar — repetiu Dançarino de Fogo, a voz estranhamente abafada pelo ar denso.

— Que perfeito — sussurrou Bayar. — O cabeça de fogo mentiroso parido pela bruxa aparece em pessoa.

Han viu na mesma hora que Dançarino não teria como disparar contra Bayar com ele no caminho, mas o amigo fazia de si mesmo um alvo fácil.

— Não! — gritou Han. — Volte! Ele vai...

Um jato de chamas brotou da mão esticada de Bayar, atingindo Dançarino no peito, atravessando-o até atingir a parede do outro lado da caverna.

A chama sumiu. Dançarino desaparecera, mas a visão estava impressa nas pálpebras de Han, e mesmo de olhos fechados ele via o corpo de Dançarino partido ao meio.

— Dançarino — sussurrou Han, uma vida inteira de lembranças espiralando pela mente, terminando naquele lugar horrível.

Ele disparou na direção do amigo, apesar de saber que era tarde demais. Não adiantava. Ninguém conseguiria sobreviver a um golpe daqueles.

— Volte, Alister — chamou Bayar. — Ainda não terminei com você.

Han pulou para longe e rolou para trás de um pilar de pedra na hora em que torrentes de chamas vieram em seu encalço. Ele cobriu a cabeça com os braços quando o pilar explodiu em escombros. Não havia como chegar a Dançarino... ao que tivesse sobrado dele.

Uma fúria fria tomou conta de Han. *Tudo bem, pensou ele. Faça seu melhor, Bayar. Quando me alcançar, vai se arrepender.*

Han cambaleou pela passagem, sabendo que seria seguido, e sabendo para onde precisava ir. Um réquiem soou em sua mente por todas as vidas perdidas; de sua mãe e Mari a Flinn e os outros Trapilhos que haviam morrido, e agora Dançarino e o arqueiro misterioso. Não sentia mais dor nos pulsos, não se preocupava mais com o arsenal ou com qualquer outra coisa. De alguma forma, sempre soubera que tudo terminaria em uma briga de rua, e esse era um jogo que ele podia vencer.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Impasse

Raisa se sentou sobre os calcanhares e massageou os joelhos doloridos. Quando chegara ao templo, os últimos raios de sol banhavam de vermelho os pináculos ao redor da cidade, deslizando sob uma camada de nuvens pesadas. Agora, o sol tinha se posto, e trovões ecoavam sobre Hanalea, ameaçando chuva pela terceira noite seguida.

Com um suspiro, ela tirou a pesada túnica do templo e a colocou em uma prateleira de livros. Ia com frequência ao pequeno templo no conservatório.

Fantasmas a assombravam no jardim, mas, ao mesmo tempo, as lembranças a tranquilizavam. Não adiantava orar, no entanto. Ela não conseguia se concentrar, com a mente repassando as preocupações mais recentes.

Quanto tempo até que envenenem o rio?, perguntou-se ela. No momento, os próprios soldados de Arden estavam bebendo dele, mas eles sempre podiam ir um pouco mais longe em busca de água, se necessário. Os encurralados no castelo não podiam. Antecipando essa estratégia, ela ordenara que cisternas enormes fossem enchidas e exigira que a água fosse testada diariamente.

Por que os magos deles não atacaram os muros?, questionava-se. As barreiras de Micah podiam oferecer alguma proteção, mas Raisa achou que àquela altura eles já teriam invadido as muralhas.

Tinha se recusado a encontrar Marin Karn, o comandante de Montaigne no acampamento. Não via nenhuma vantagem nisso e não queria dar a Lorde Hakkam e aos outros a oportunidade de discutirem e debaterem, demonstrando quanto estavam divididos.

Por que o tempo não esfriava? O beijo frio do outono lembraria a Karn e aos oficiais dele que estavam em uma terra que ficaria inóspita, até mesmo perigosa, com a aproximação do inverno.

Raisa saiu do templo e seguiu pelo jardim do telhado até a beira do terraço, de onde podia olhar a cidade.

Se estreitasse os olhos, conseguia quase ignorar as fogueiras acesas em meio aos destroços de Ponte Austral, os soldados em todas as esquinas, reunidos para se defenderem contra as coisas que saíam do escuro. Erguendo o rosto, ela olhou para além da cidade, para a muralha de montanhas cercando o Vale. Relâmpagos brilhavam entre as Espirituais, e o vento esfriou, trazendo o aroma de chuva e terra.

A febre dela partira tão rapidamente quanto chegara, deixando para trás um cansaço profundo. Mas se era físico, emocional ou uma combinação dos dois, Raisa não fazia ideia.

Uma brisa vinda de Hanalea tocou seu rosto e afastou o cabelo suado do pescoço. O tempo ainda não virara, como se os invasores tivessem trazido o calor sulista com eles.

— Raisa.

Ela se virou, fechando os dedos em volta da adaga que carregava para todos os lados.

Ele estava na porta que levava ao jardim, no alto da escadaria principal.

— O que está fazendo aqui?

— Sabe que quero falar com você — respondeu Micah. — Mas me afastou todas as vezes em que tentei me aproximar.

Ele estava parcialmente nas sombras, e Raisa não conseguia ver seu rosto.

— Você teve muitas oportunidades de falar comigo. Estamos juntos o dia todo.

— Em reuniões — disse Micah, fazendo um gesto de descaso.

— Todo o meu tempo é ocupado por reuniões. Ou resolvendo brigas sobre gastos com suprimentos. Ou servindo nos muros. Às vezes, até dormindo.

— E agora? — perguntou Micah, olhando ao redor em busca de pessoas entreouvindo. — Vamos conversar agora.

Raisa respirou fundo.

— Micah, estou tentando ser diplomática, considerando nossa situação, mas não quero falar com você.

Ela se virou para o templo, mas percebeu que não podia seguir pelo túnel com Micah ali.

— Quero falar sobre assuntos críticos à sobrevivência do reino — disse ele para as costas dela. — Alguns críticos à *sua* sobrevivência.

Raisa se virou e cruzou os braços.

— Estou ouvindo.

Micah deu um passo na direção dela.

— Qual é o seu problema? O que eu fiz? Por que está com raiva de mim?

— Por que você acha que...?

Raisa se interrompeu. Percebeu que não havia sentido em negar. Não queria negar.

— Tudo bem — disse ela, sentando-se em um banco de pedra. — Estou com raiva de você.

Sentia-se mais no controle agora do que quando Micah chegara, trazendo a notícia da morte de Han.

Micah se sentou na outra ponta do banco, a uma distância cuidadosa. Tirou uma bolsa grande do ombro e a acomodou no colo. Parecia pesada.

Raisa olhou para a bolsa e se perguntou o que podia haver dentro.

— Você está com raiva de mim porque...?

Raisa respirou fundo, e as palavras saíram em um turbilhão.

— O reino está em crise, a pior desde a Cisão. O Castelo de Fellsmarch está sob cerco não de um, mas de dois exércitos. Os magos já foram chamados de Espada de Hanalea, a arma mais potente contra nossos inimigos. Não podemos nos dar ao luxo de perder um único aliado. E o que o Conselho dos Magos está fazendo? Assassinando uns aos outros.

Micah estreitou os olhos.

— Entendo. Então Alister lança um ataque assassino, acaba morto e de alguma forma o culpado sou eu.

— Só tenho a sua palavra sobre isso, de mais ninguém. Depois de tudo o que aconteceu, por que eu deveria acreditar em você? Eu indiquei Alister para o Conselho dos Magos, uma estratégia à qual vocês, Bayar, se opuseram com veemência, e agora ele está morto. Quem é o próximo? Dançarino de Fogo?

Micah apertou os lábios à menção do meio-irmão.

— Talvez você veja isso como uma oportunidade para livrar o reino de seus inimigos, enquanto eu enfrento os sulistas sozinha.

O rosto de Raisa estava quente, e ela sabia que as bochechas estavam vermelhas.

— Eu não escolhi meu pai e não sou o responsável pelo mundo em que vivemos. Mesmo assim, estou fazendo o melhor que posso para proteger você.

— É o que você vive repetindo, Micah, mas eu não vejo isso na prática. Por exemplo, eu achava que os magos tinham o mesmo interesse que eu em manter o reino livre da interferência ardenina, considerando o fato de que eles queimam magos vivos no sul. Ainda assim, os sulistas estão no Vale e os magos estão escondidos nas montanhas.

— Assim como os cabeças de fogo — respondeu Micah, com raiva brilhando nos olhos negros. — Não estamos parados, Raisa. Muitos dos magos foram surpreendidos em suas casas de veraneio. Muitos já morreram.

— Inclusive Han Alister.

— Eu não o matei — disse Micah. — Eu nem estava lá.

— Então como sabe o que aconteceu?

Micah a encarou.

— Eu não sei exatamente.

— Mas você tem certeza de que ele está morto. E está feliz.

Ele revirou os olhos.

— Sim para as duas coisas. Não posso controlar o que sinto. E ele sentiria a mesma coisa, se eu estivesse morto.

— Mas você não está.

— Você *queria* que eu estivesse? — A voz de Micah tremeu, e ele desviou o rosto, a respiração ofegante.

Ossos, pensou Raisa. Ela tocou o braço dele.

— Não. Eu não queria que você estivesse morto.

— Nós nos conhecemos a vida toda. Sei o que você tem que enfrentar, e você sabe com o que eu convivi. Somos sobreviventes. Nós sabemos ser práticos.

Havia uma súplica escondida ali, mas pedindo o quê?

Os lábios dele estavam retorcidos em um sorriso sem alegria.

— Eu desprezo meu pai, mas tenho de admitir que ele resolve os problemas. Em pouco tempo, vamos estar em posição de afastar os sulistas de volta para Bruin swallow.

— Em pouco tempo? Quanto? — questionou Raisa. — Depois de Karn e seus capachos terem derrubado os muros? Espero que me avisem no calabouço da Corte de Arden.

Micah encarou as próprias mãos por alguns momentos, a testa franzida. Por fim, soltou um suspiro exasperado e olhou para ela.

— Meu pai está com o Arsenal dos Reis Magos.

O arsenal? Han disse que sabia onde estava. Que o encontraria. Será que ele pretendia tomá-lo de Gavan Bayar? Por isso fora até Lady Gris?

— Raisa — chamou Micah.

— *O quê?* — disse ela com rispidez.

— Você entende o que estou dizendo? Não dá para se opor a ele agora. Você vai ver as brigas no Conselho morrerem quando os outros integrantes se unirem ao meu pai. Os cabeças de fogo vão ficar impotentes. O monopólio sobre amuletos vai ser irrelevante.

— Você viu? — perguntou Raisa, com ceticismo. — O arsenal?

— Tenho provas.

Micah abriu a fivela da bolsa, ergueu um objeto cintilante e colocou no banco entre os dois.

Era uma coroa, mais pesada até do que a da cerimônia de coroação das rainhas Lobo Gris, feita de ouro vermelho e platina, cravejada de pedras flamejantes.

A coroa cintilava, iluminando o rosto de Micah. Raisa esticou a mão na direção da joia, mas a recolheu rapidamente. *Cuidado com os presentes dos Bayar.*

— Não morde — disse Micah secamente. — Não tem magia na coroa.

Raisa observou o objeto. Era assustadoramente familiar, mas não imediatamente identificável.

— O que é isso? — perguntou ela, desviando o olhar para observar Micah.

— Um mago reconheceria na mesma hora. É a Coroa Escarlata, a Coroa dos Reis Magos. Perdida há mil anos, desde a morte do Rei Demônio. Até agora.

A história lhe voltou à mente. Todos os traços de governo dos magos tinham sido apagados do palácio e dos templos séculos antes. Mas os quadros antigos ainda exibiam as lembranças dos reis.

No salão de baile da Casa Aerie, retratos dos ancestrais Bayar cobriam as paredes. Os que haviam se casado com a linhagem Lobo Gris se chamavam de reis. Nos quadros, alguns usavam aquela coroa, ou a exibiam ao fundo. Alguns dos retratos eram cenas de coroação, nas quais as rainhas Lobo Gris, cativas, coroavam os maridos magos.

Ela vira quadros do Rei Demônio em ataques de fúria com a Coroa Escarlata na cabeça. Ele fora um impostor, como todos os reis magos.

A esperança aqueceu o coração de Raisa. Se fosse verdade, se os Bayar tinham mesmo descoberto o arsenal, seria possível expulsar os sulistas? Ofereceria uma saída para aquele dilema terrível?

A voz de Micah interrompeu seus pensamentos.

— Você também não vai conseguir derrotá-lo.

Raisa ergueu subitamente a cabeça.

— O que você está dizendo?

Micah não respondeu, apenas a encarou com firmeza.

A esperança recém-nascida se transformou em medo. Poderia haver futuro para Fells, mas ela não faria parte dele. Talvez fosse a última das rainhas Lobo Gris.

A coroa estava entre os dois, chamando a atenção de Raisa como uma bola de cristal. *Este é o futuro*, ela parecia dizer.

— Agora *eu* estou em um dilema — disse Raisa, lutando para controlar a voz. — A quem devo me render? Ao seu pai ou ao general Montaigne? Não sei como escolher.

Ao reparar no olhar temeroso de Raisa para a Coroa Escarlata, Micah a colocou na bolsa e a deixou de lado.

— Sei o que motiva meu pai — disse Micah. — O orgulho Bayar foi ferido mil anos atrás, e ele pretende recuperar a honra da família. Ele quer restaurar a linhagem de reis magos. — Micah fez uma pausa e balançou o cabelo preto. — E eu quero você.

Eles se encararam, e um oceano de silêncio fluiu entre os dois.

— O que está propondo? — perguntou Raisa por fim, a boca seca. — Que eu entregue o trono para seu pai e você e eu nos recolhamos a um ninho de amor no campo? Quanto tempo vai demorar para que ele envie assassinos atrás de mim? Ou você propõe encontros amorosos no calabouço da Casa Aerie?

Micah balançou a cabeça.

— Meu pai tem certa... bagagem, como você sabe. Os inimigos dele se aproveitaram do escândalo sobre meu meio-irmão cabeça de fogo.

— Então agora você admite que é verdade — disse Raisa, procurando um ponto de ataque.

— Não posso dizer o que é verdade e o que não é, e quais circunstâncias atenuantes podem ter acontecido. — Micah travou o maxilar. — Meu pai é capaz de... coisa pior do que isso. Só estou surpreso de o filho da mãe calculista ter corrido esse tipo de risco. — Ele abriu um meio sorriso e girou no dedo o anel com a insígnia da família. — Talvez meu pai e eu sejamos mais parecidos do que eu tinha percebido. Motivados pela luxúria a tomarmos decisões ruins. Fiona também se permitiu... se meteu onde não devia.

Ele está falando sobre Fiona e Han, pensou Raisa com amargura.

— Ande logo com isso, Micah — disse ela, sem se dar ao trabalho de esconder a irritação. — Já perdi há tempos a paciência para enigmas.

Micah inclinou a cabeça.

— Vou falar abertamente, então. Meu pai pretendia se livrar de você e tomar o trono para si. Eu o convenci a não fazer isso.

— Deve ter sido um trabalho e tanto de persuasão, até mesmo para você.

— Meu pai quer estabelecer uma dinastia, uma dinastia que dure séculos. O controle do arsenal lhe dá um poder tremendo, mas ele entende as limitações. Alger Waterlow controlava o arsenal e isso não o salvou.

“Ele vai precisar de todos os aliados magos que puder ter, pois terá que enfrentar os sulistas sem a ajuda dos cabeças de fogo. Vai precisar conquistar os habitantes do Vale também. Isso não deve ser difícil, eles já desprezam os clãs. Mas você é muito popular com o povo, principalmente aqui na cidade. Normalmente, ele não ligaria, mas é um momento vulnerável para consolidar o poder.”

— E as maquinações políticas do seu pai são importantes para mim por que motivo?

— Meu pai precisa de legitimidade, urgentemente, e de aliados. Então concordou que a gente se case. Você vai permanecer no trono, na condição de eu ser coroado o próximo rei mago e nossos filhos serem herdeiros.

Um relâmpago brilhou e foi seguido pelo estrondo do trovão. Gotas grandes de chuva caíram sobre a estufa, poucas, a princípio, aumentando rapidamente. Raisal olhou ao redor e viu olhos lupinos brilhando na escuridão, cinzentos, verdes e azuis.

Ela estremeceu, grata pelo ruído da chuva que dificultava a conversa. Mexeu no anel de pedras da lua e pérolas que Han lhe dera como presente de coroação. Isso e o vazio em seu peito eram as únicas coisas que haviam sobrado do romance proibido.

E se ela tivesse aceitado se casar com Micah, um ano antes? Quantas pessoas ainda estariam vivas? Sua mãe? Han Alister? Os guardas que morreram defendendo-a no Passo de Pinhos Marisa? Trey Archer e Wode Mara? Todas aquelas pessoas tinham morrido, e o que ela ganhara? Agora, estava em posição pior do que antes.

Quando finalmente falou, sua voz soou tão baixa que Micah precisou se inclinar para escutar.

— E assim... um ano depois... estou onde comecei. Contemplando um casamento forçado entre nós. — Ela olhou para Micah e piscou para afastar as lágrimas. — Dando as costas para meu legado dos clãs.

Micah teve a dignidade de parecer desconfortável.

— Eu queria que fosse diferente. Queria que você me amasse.

— Não se trata de amor, Micah. Não tem nada a ver com amor.

— Da sua parte, talvez. — Ele pareceu pensar em como prosseguir, sabendo que ela desdenharia dos flertes de sempre. — Sou arrogante o bastante para esperar que você passe a me amar. E, no momento, estou disposto a fazer o que for preciso para tê-la.

Alguma coisa no jeito como ele falou despertou um aviso na mente de Raisa. Ela ergueu o rosto rapidamente, mas ele estava olhando para as próprias mãos.

Que importância tem?, pensou Raisa, cansada. *Por que eu deveria me importar com o futuro? Neste momento, nem tenho muito futuro pela frente. Sou um soldado na véspera de uma batalha que não tenho como vencer. Casar-me com um mago? Já atravessei esse limite. Estava disposta a fazer isso, desde que fosse Han Alister. Agora, ele está morto, e outro mago entrou em seu lugar, oferecendo uma esperança frágil de sobrevivência.*

Fells governada por magos é melhor do que Fells governada por Gerard Montaigne. Se a linhagem sobreviver, vamos encontrar um jeito de recuperar o poder.

— Tudo bem, Micah. Imaginemos que eu aceite me casar com você. Tem algum tipo de plano para isso?

Micah se empertigou, parecendo um pouco perplexo, como se nunca tivesse esperado que ela dissesse sim. Em seguida, assentiu.

— Eu atravessei as linhas de Klemath usando glamoures. Está mais difícil agora, com os magos de Montaigne, mas acho que consigo tirar nós dois daqui. Vamos para Lady Gris, pois o arsenal está lá. Nos casamos e minha coroação virá em seguida. Isso vai botar todos os magos do nosso lado.

Mais uma vez, Raisa foi tomada por uma inquietação. Não queria ir para Lady Gris, onde ficaria sob o controle dos Bayar. Qualquer poder de negociação que tivesse sumiria na mesma hora. Micah fora convincente, mas como saber o que Gavan Bayar tinha planejado?

— Vamos governar de Lady Gris até conseguirmos recuperar a cidade — disse Micah, querendo sair logo do assunto do casamento e da coroação. — Com sorte, os cabeças de fogo vão perceber que é vantajoso para eles se juntarem a nós. De qualquer modo, com o arsenal à nossa disposição, vamos...

— Espere um minuto, Micah. — Raisa ergueu as mãos. — Não tenho motivo algum para confiar no seu pai. Como vou saber que ele não vai voltar atrás quando eu estiver sob o controle dele?

— Eu vou fazer com que ele cumpra a palavra — respondeu Micah, com voz baixa e mortal. — Ele vai cumprir, senão vai se ver comigo.

— Não vou viajar para Lady Gris por essa promessa frágil — disse Raisa, baixando as mãos para o colo. — Você me acha tola?

— Então o que propõe? — rebateu Micah, a voz cheia de frustração.

— Volte para Lady Gris. Reúna-se com os clãs das Espirituais e peça a ajuda deles na organização de um contra-ataque. Me mostre do que é capaz de fazer.

— Os cabeças de fogo nunca vão aceitar um casamento entre nós. Você sabe disso.

— Não precisa dizer que planejamos nos casar. Eles podem não aceitar ajudar você, mas quero que tente. Com ou sem a ajuda deles, use o arsenal para romper o cerco e libertar a cidade. Quando fizer isso, eu me caso com você, com ou sem a aprovação dos clãs.

Ela colocara Micah em uma posição delicada. Ele pedira que ela confiasse nele e agora teria que admitir que não confiava nela para cumprir a promessa, ou então teria que fazer o que fora pedido.

Micah olhou com raiva para o vidro molhado de chuva, um músculo se contraindo no maxilar.

— Raisa, por favor. Eu imploro. Venha comigo agora. Tenho medo de nunca mais ver você, se a deixar.

— Não.

Ele suspirou e assentiu, olhando para ela de soslaio.

— Tudo bem. Preciso de um objeto seu, alguma coisa que prove para a minha família e para o Conselho dos Magos que estamos noivos. Alguma coisa que mostre aos cabeças de fogo que estou agindo em seu nome.

Enquanto Raisa pensava em alguma coisa, Micah esticou a mão e a fechou no pulso dela.

— Que tal este anel? — perguntou ele, tocando o anel que Han lhe dera.

— Não! — disse ela, puxando a mão. — Este, não.

Micah a encarou com as sobrancelhas franzidas. Em um impulso, Raisa tirou o anel de lobo, o talismã que já tinha sido de Hanalea. O que a avó Elena lhe dera.

— Use este — disse ela, oferecendo o anel para Micah. — Vai ser imediatamente reconhecível. Vão saber que eu não abriria mão dele exceto como promessa a você.

Ele o pesou na palma da mão.

— Está ficando quente — disse, depois de um momento.

— É um talismã, lembre-se. Reage à magia. Não deve fazer nenhum mal, se você estiver usando seu amuleto.

Micah o colocou no dedo.

— Como estamos noivos, acho que devíamos trocar anéis — disse ele, de repente. Ele tirou o anel com a insígnia do falcão e o ofereceu a ela.

— Depois do que aconteceu da última vez, você espera mesmo que eu coloque isso? — perguntou Raisa, cruzando os braços.

— Um dia espero que você encontre um jeito de me perdoar. E de confiar em mim. E, depois disso, talvez de me amar. — Ele deu um leve sorriso. — É só um anel, Raisa. Mais nada. Não tem magia nele.

Raisa olhou do anel para o rosto de Micah. Que importância tinha, afinal? Ela o pegou e colocou no indicador, onde antes ficava o anel de lobo.

Micah se inclinou na direção dela, passou os braços ao redor de seus ombros e a puxou para perto.

— Agora, me dê um beijo — disse ele. — Para dar sorte.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Um encontro subterrâneo

Han desejava seu amuleto como um usuário de capim-navalha desejava uma dose. Sem ele, não conseguia nem conjurar luz direito. Então se manteve um pouco à frente de Bayar, usando a luz suave que fluía do inimigo, mantendo-o perto o bastante para ser seguido.

Às vezes, perto demais. Uma vez, Bayar dobrou uma esquina e lançou um feitiço de imobilização nele, o brilho do amuleto iluminando a expressão arrogante em seu rosto. Han se jogou para o lado e bateu de cabeça em uma parede de pedra. Viu estrelas por um momento, mas cambaleou para trás e evitou por pouco outro ataque. Então se virou e correu, mantendo pedras entre eles para que Bayar não conseguisse mira para outro disparo.

— Renda-se, Alister — gritou Bayar atrás dele, a gargalhada horrível seguindo Han pelo túnel. — Por quanto tempo quer continuar esta dança no escuro? Não quero que você se machuque muito enquanto não me contar o que desejo saber.

Han precisava recuperar o amuleto, ou não sobreviveria. O que significava que teria de arrancá-lo do cadáver de Bayar. Então seria necessário um terreno melhor para essa luta. E sabia onde encontrar.

Ele seguiu correndo na direção do arsenal, em um ritmo que permitia que o mago o acompanhasse, fazendo barulho e desarmando barreiras mágicas no caminho. Não era um terreno familiar para o homem, o que era vantajoso para Han.

Ele seguiu pelo corredor lateral até a porta de madeira no fundo. A única não protegida por magia.

Esperou, fingindo dificuldade para abrir a porta, até a luz do amuleto de Bayar banhar a parede de pedra na direção dele.

Quando Bayar se preparou para lançar o feitiço, Han abriu a passagem e entrou, atravessando a sala até a porta do outro lado.

— Não prolongue isto — disse Bayar, abrindo a porta e seguindo-o. — Acabou, Alister.

Ele conjurou luz nas pontas dos dedos e procurou Han pela sala.

— Olhe para cima — disse Alister, apontando para o teto.

Bayar olhou, ainda o vigiando com cautela.

Acima, dezenas de pássaros abriram os olhos, inclinaram a cabeça e eriçaram as penas coloridas.

— Pássaros, Alister? Isso é tudo que você tem?

Com desprezo, Bayar ergueu a mão e lançou um jato de fogo em uma fileira de pássaros empoleirados perto da porta. Eles explodiram em todas as direções, como fogos de artifício, depois voltaram aos poleiros. Tinham absorvido a magia de Bayar e pareciam maiores e mais coloridos do que antes.

Então os pássaros começaram a cantar.

Han cobriu os ouvidos e berrou uma música sobre piratas de Carthis que sua mãe lhe ensinara quando era pequeno. Era uma das favoritas de Mari. Ele cantava até ela dormir, quando a irmã estava com fome demais para pegar no sono.

*Três irmãos velejaram da Baía de Baston
Da Baía de Baston três velejaram.
A bela Ailen chorou ao vê-los partir
Dizendo "Vocês não voltarão para mim".*

*Os irmãos riram quando viram as lágrimas,
Dizendo "Moça, seja corajosa.
Nenhum pirata nascido em Carthis
Vai me transformar em escravo".*

Bayar encarou Han com as sobrancelhas franzidas. Depois olhou para os pássaros e esticou a mão para eles como se pretendesse lançar outro jato de fogo. Lentamente, baixou o braço e ficou olhando para os bichos, hipnotizado.

Enquanto os pássaros cantavam, Bayar caiu de joelhos como um acólito em um templo, erguendo as mãos em devoção. As pálpebras se fecharam, o rosto ficou relaxado como o de alguém nocauteado. Ele ficou ali, ajoelhado, os olhos fechados e um sorriso beatífico no rosto.

Os pássaros desceram delicadamente na direção dele, circulando até pousarem nos ombros, braços, costas.

Um grupinho cercou Han, mas ele espantou todos que se aproximaram. O tempo todo, continuou cantando o mais alto que conseguiu, desesperado para bloquear a música mortal.

*Eles tinham velejado por três noites longas
E três dias curtos de inverno
Quando o Dragão veio nadando do oeste
E transformou o barco em um inferno.
Agora, Ailen assombra a Calçada das Viúvas
E lamenta pelos três irmãos.
Pois há sangue no Índio
E, debaixo do mar, mais de um caixão.*

Era meio triste para uma canção de ninar, mas Mari sempre gostara.

Bayar caiu de cara no chão, com os braços esticados à frente do corpo, o amuleto de serpente ainda na mão direita. Estava tão coberto de pássaros que ele mesmo parecia ter penas.

Ainda cantando como um louco, Han foi até o homem. Tirou a mão da orelha direita e pegou o amuleto Waterlow. Os pássaros nem prestaram atenção nele de tão ocupados que estavam com Bayar.

Sangue se espalhava no piso de pedra ao redor do corpo e se acumulava sob ele. Os pássaros se erguiam, os bicos sujos de sangue e carne, depois voltavam e brigavam por espaço.

Diga oi para o Destruidor, pensou Han. É hora de responder por Dançarino e todos os outros.

Tremendo, ele cambaleou porta afora e a bateu ao passar. Então caiu de joelhos e vomitou violentamente.

Quando não tinha mais nada no estômago, ele se sentou sobre os calcanhares. Agora que a batalha estava acabada, não sentia alegria pela vitória. Balançou-se, com lágrimas nos olhos, tonto de sofrimento e desespero. Bayar morrera, mas Dançarino também, seu melhor amigo. Dançarino fora ajudá-lo e agora estava morto.

Como contaria para Cat? Se ela cortasse sua garganta, seria merecido. Partiria o coração de Willo, que passara uma vida tentando proteger o único filho.

Com cuidado, ele tocou a cabeça e encontrou o galo de quando batera na parede. Perguntas ainda incomodavam sua mente tomada de dor. Como Dançarino chegara àquela área? Como passara pelas barreiras feitas para mantê-lo longe?

Ele se levantou e disparou pelo corredor, o amuleto iluminando o caminho. Carregaria o corpo de Dançarino até a entrada de Hanalea, perto do Campo Pinhos Marisa, depois procuraria Willo e contaria a ela o que acontecera. De alguma forma, tinha que avisar Cat; mas, se fosse para a cidade, corria o risco de ser preso.

Mas os Bayar haviam dito que a cidade estava sitiada. Seus passos hesitaram, seus planos se despedaçaram. Ele tinha quase se esquecido da história contada para tentar fazer com que ele dissesse onde ficava o arsenal.

Não, decidiu Han. Não era verdade. Não podia ser.

À frente, viu um brilho suave que poderia ser uma tocha. Estava perto de onde tinha deixado Fiona, de onde Dançarino tinha morrido. Han seguiu adiante, parando para espiar por trás de uma pedra, e viu uma pessoa em trajes dos clãs ajoelhada ao lado de um corpo. A pessoa parecia brilhar, iluminada como um anjo que viera recolher uma alma.

— Dançarino.

Han inspirou e achou que devia estar tendo uma alucinação.

Dançarino ergueu o rosto ao ouvir a voz dele. Os dois se encararam por um longo momento, assustados e sem fala.

— Caçador Solitário! — exclamou Dançarino, ficando de pé. — Graças ao Criador você está vivo! Preciso da sua ajuda. — Ele olhou com mais atenção. — Você está péssimo!

Han recuperou a fala.

— Você está morto! Eu vi Bayar destruir você.

Dançarino balançou a cabeça.

— Era uma sombra. Uma projeção que Corvo sugeriu que mandássemos na frente para atrair o fogo dos Bayar, porque não sabíamos exatamente onde vocês estavam. Funcionou, mas aí...

— Corvo? — Cada vez mais confuso, Han se aproximou e olhou para o corpo. Era Sabiá Noturna.

Por um momento terrível, Han desconfiou ainda estar acorrentado à parede, sofrendo de alucinações. Ele apertou as mãos nos olhos, mas, quando as retirou, Dançarino e Sabiá ainda estavam ali.

Han abraçou Dançarino, aliviado por encontrá-lo em carne e osso e respirando.

Dançarino apertou seu ombro de forma tranquilizadora.

— Fui a Aediion procurar você, e Corvo estava lá. Ele me disse que você estava preso na Casa Aerie. Sabiá e eu viemos salvá-lo e demos de cara com vocês nos túneis.

Dançarino se ajoelhou de novo e acariciou a testa de Sabiá.

— Sabiá disparou em Fiona, mas Bayar a acertou antes de ela poder sair do caminho. Ela tem pulsação e está respirando, mas não consigo fazê-la acordar. Você consegue fazer alguma coisa?

Han se ajoelhou ao lado de Dançarino.

— Estou perdido — disse ele, deslizando as mãos acima de Sabiá, procurando um ferimento ou ponto de entrada, buscando o lugar frio que significava que a morte estava chegando. — Como ela se envolveu nisso?

— Eu pedi que ela viesse — respondeu Dançarino. — Sabia que precisaria de ajuda.

Os dedos de Han encontraram o ponto de entrada, logo abaixo da caixa torácica. O frio estava centralizado ali. Mas estava fraco e espalhado pelo corpo.

Estranho, pensou Han. Mas o diagnóstico lhe ocorreu de repente, e ele se sentou nos calcanhares, sorrindo como um tolo.

— Bayar se confundiu.

— Como assim? — perguntou Dançarino.

— Ele estava disparando feitiços de imobilização em mim. Estava obcecado em me manter vivo por tempo suficiente para... — Han hesitou, mas prosseguiu. Não queria mais guardar segredos dos amigos. — Ele queria me torturar até que eu o levasse ao Arsenal dos Reis Magos.

— O quê? — sussurrou Dançarino.

— É uma longa história. Eu explico depois. Tenho certeza de que ele queria matar Sabiá, mas acabou usando um feitiço de imobilização.

Segurando uma das mãos de Sabiá, Han pegou o amuleto e desfez o feitiço.

Sabiá se mexeu, apertou os olhos e os abriu, encarando Han com uma expressão vaga no rosto.

— Como está se sentindo? — perguntou ele, afastando os cachos da testa dela e revelando um hematoma que devia ter se formado quando ela caiu.

— Minha cabeça está doendo — disse ela, grogue. Então sou irritada. — Por que você está sorrindo, Caçador Solitário? O que está acontecendo? — Ela recuou das mãos dele, que tinham magia. — O que você fez comigo?

— Nada. Desfiz uma coisa, só isso.

Sabiá tentou se sentar. Han a ajudou, soltando-a quando se certificou de que estava firme.

— O que aconteceu com a...? — Ela olhou para o corpo de Fiona e parou de falar. — Ela está...?

Fiona estava no lugar onde caíra, os olhos abertos e o cabelo prateado espalhado ao redor da cabeça, a mão segurando a haste da flecha.

Han se ajoelhou ao lado dela e procurou pulsação.

— Está morta.

Pobre Fiona, pensou ele, passando os dedos pelas pálpebras para fechá-las. *O próprio pai não quis fazer nada para salvar a vida dela.*

Esperava que o Destruidor tivesse um lugar mais ameno e especial para os filhos de pais como Gavan Bayar.

Inclusive para Micah?, disse uma voz irônica em sua mente.

— E o outro? — perguntou Sabiá. — O Grão-Mago?

Dançarino olhou para Han e ergueu as sobrancelhas.

— Se está falando de Lorde Bayar, ele também está morto — respondeu Han, tremendo ao lembrar o horror da câmara dos pássaros. E então, ao se lembrar do que sofrera na Casa Aerie, ignorou o arrependimento. — Eu... Ele teve o que mereceu. Eu só queria que estivesse acordado para apreciar.

Dançarino encarou Han como se esperasse uma explicação. Quando percebeu que nada mais viria, disse:

— Tentei seguir você, mas desapareceu tão rápido que o perdi de vista, então voltei para ajudar Sabiá.

Dançarino inclinou a cabeça, parecendo se concentrar nos próprios pensamentos.

— Dançarino — chamou Han.

O amigo o encarou, depois olhou para seus pulsos.

— Corvo quer saber o que aconteceu com você — disse ele, virando delicadamente os braços de Han, cobertos de bolhas.

— Corvo?

Dançarino pareceu quase constrangido. Ele deu uma batidinha na testa.

— Ele está aqui. Como estava com você, quando passou pelos túneis. Ele nos guiou por todo o caminho. Ele me disse como conjurar aquela sombra que enganou Bayar. E você, aparentemente.

Isso respondia a algumas perguntas, mas gerava outras.

— Mas você quer dizer... que deixou Corvo entrar?

— Eu não tinha muita escolha — respondeu Dançarino, fazendo uma careta. — Mandei Sabiá disparar em mim se eu virasse um demônio. — Ele fez uma pausa, como se escutasse novamente, e falou para Han: — Seus braços?

— Foram os ferros... as algemas — disse ele, a respiração tensa quando o metal tocou a pele sensível.

Dançarino esticou a mão e segurou o amuleto de serpente. Han sentiu uma onda de consciência quando Corvo passou de volta para o faz-feitiço.

Dançarino segurou as algemas, envolvendo-as. Elas brilharam por um momento, depois tremeram e viraram poeira.

Os pulsos de Han estavam horríveis, pareciam pertencer a alguém que morara nas prisões da rainha por décadas, acorrentado à parede.

— Talvez Willo possa fazer alguma coisa quanto a isso — disse Han, trincando os dentes de dor.

— Se conseguirmos encontrá-la — respondeu Dançarino. — Não sei ao certo onde está agora.

— Como assim? — Han olhou de Sabiá para Dançarino. — O que aconteceu?

— O Campo Pinhos Marisa foi destruído — contou o amigo. — Os clãs foram para terras mais altas. E o exército de Gerard Montaigne cercou a capital.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Serviço sorrateiro

Depois de mais de um ano planejando e elaborando estratégias, sonhando com uma luta mano a mano com Bayar, Han achou a morte do inimigo curiosamente insatisfatória.

O mago estava morto, mas parecia que havia hordas de novos inimigos se acotovelando, ansiosos para tomar o lugar dele. Han não estava mais perto de seu objetivo do que antes. Na verdade, agora havia um exército entre ele e Raisa.

O que desejava mais do que tudo era voltar correndo para o Castelo de Fellsmarch e libertá-la, mas não podia fazer isso sozinho. Precisava de ajuda. E, para isso, precisava recuperar o item que os Bayar haviam tirado dele.

Se a Coroa Escarlate não estivesse na Casa Aerie, teria que voltar ao arsenal e procurar outra coisa. A coroa, no entanto, era o item mais reconhecível de lá, a chave para convencer magos e clãs a trabalhar juntos.

Han enviara Sabiá e Dançarino para começar a convencer os clãs. Agora tinha que fazer sua parte.

Ele só conhecia um caminho de entrada na Casa Aerie, que era pelos túneis até o calabouço.

Apesar de não gostar de seguir por lá novamente, havia vantagens. Parecia que os residentes da Casa Aerie estavam mais preocupados em manter pessoas dentro do calabouço do que em impedi-las de entrar.

Desta vez, não havia nenhum Bayar no caminho. Protegido por glamoures, Han subiu pelo porão até os corredores dos empregados.

Era madrugada, e eles estavam desertos. Teria que ficar atento a servos e outras pessoas retornando de passeios noturnos. Evitaria a cozinha, onde os ajudantes de padeiros estariam preparando o pão para o dia seguinte.

A pergunta era: onde Bayar teria guardado um prêmio daqueles? Algumas pessoas deixavam seus bens de valor em cofres debaixo da cama; outros, em cofres maiores, sob as escadas. Han torceu para não ter que se arrastar para debaixo de uma cama enquanto alguém dormia em cima.

Onde estaria Micah Bayar? Onde estivera durante as sessões de tortura no calabouço? Por que não fora com Fiona e Gavan procurar o arsenal? O que estivera tramando enquanto Han era mantido preso lá embaixo?

Ele fez uma busca rápida nas áreas comuns. Não havia cofre no porão, muito menos nos cômodos principais. Não havia escolha além de seguir para a ala dos quartos. No entanto, ao entrar naquele corredor, viu luz por baixo de uma das portas. Alguém estava acordado.

No mesmo instante, ouviu passos se aproximando rapidamente por trás. Han se espremeu na parede e criou um glamour para se esconder.

Era Micah Bayar, em roupas de viagem, com uma bolsa pendurada no ombro. Ele bateu com força na porta de onde vazava luz. Uma voz de mulher disse para ele entrar, e ele obedeceu.

Sem parar para pensar, Han entrou no quarto ao lado, que, felizmente, estava vazio. Encostou o ouvido na parede, mas era

grossa demais. Não conseguiu ouvir nada.

A lareira chamou sua atenção. Han entrou nela, apoiou os pés nas laterais e subiu. As lareiras eram ligadas a uma chaminé comum por uma passagem horizontal. De quatro, ele seguiu pela passagem até chegar à lareira do aposento adjacente.

Vozes abafadas vinham de baixo. Depois de hesitar por um momento, Han encaixou os pés em reentrâncias dos dois lados e desceu quase até o chão. Pendurado de cabeça para baixo como um morcego, ele se esticou todo até conseguir espiar pela abertura da lareira.

Micah e Lady Bayar estavam ali perto, quase o suficiente para Han esticar a mão e beliscar alguém. Lady Bayar segurava uma taça de vinho. Havia uma garrafa vazia na mesa.

— A suíte de convidados foi preparada para a chegada da rainha, como seu pai instruiu — disse Lady Bayar. A fala arrastada deixou claro que ela já tinha bebido muito. Ela olhou para além de Micah, na direção da porta. — Onde está ela? É meio tarde para recebê-la formalmente, mas...

— Ela não veio — respondeu Micah, interrompendo a falação. Ele largou a bolsa no chão com descuido e afundou em uma cadeira.

— Ela não veio? — Lady Bayar pareceu chateada. — Por que não?

— Não queria correr o risco de passar pelas linhas sulistas — explicou Micah, parecendo ansioso por encerrar o assunto. — Onde está papai? Preciso falar com ele agora.

Lady Bayar franziu a testa, como se a ausência de Raisa fosse uma ofensa pessoal.

— O orador Redfern já está aqui. Ele ficou mais do que satisfeito de sair da cidade quando os sulistas chegaram. E as flores... você acha que é fácil conseguir flores com o país todo nesta situação? Elas não vão durar para sempre, sabe? Quantas vezes vamos ter que planejar esse casamento?

O coração de Han congelou no peito. Ele quase se soltou e caiu.

Lady Bayar bufou.

— Ela nem é bonita, Micah. É tão pequena e morena, como uma filha bastarda de ciganos. Espero que seus filhos herdem sua pele. E sua altura.

— Cale a boca, mãe — disse Micah, fechando os olhos, como se estivesse exausto. — Você está falando da minha noiva.

Micah ergueu a mão, e Han reconheceu o anel de lobo que pertencia a Raisa no dedo mindinho dele. O anel que ela não tirava nunca.

— Então ela aceitou?

— É claro que aceitou. Eu falei que aceitaria.

Ele massageou a testa, como se estivesse doendo.

— Bom, eu acho que ela devia estar muito feliz de se casar com você. Você também tem sangue real, sua linhagem é tão antiga quanto a dela. E, considerando os boatos sórdidos sobre a rainha e aquele ladrão de rua, eu diria que ela...

— Já chega! — interrompeu Micah, levantando a voz para superar a da mãe. — Você não acredita mesmo que ela ficaria com Alister, acredita? De verdade?

— Não me surpreenderia, considerando que a mãe dela era o pior tipo de vagabunda promíscua.

Micah fechou os olhos, parecendo não querer mais olhar para a mãe.

— Onde está papai?

— Eu esperava que você pudesse me dizer. Não vejo Gavan nem Fiona há três dias, e eu com um casamento para planejar. Esta família está desmoronando.

Micah abriu os olhos e franziu a testa.

— Três dias! Onde eles poderiam estar? Para onde iriam?

— E eu vou saber? — disse Lady Bayar. — Ninguém me conta nada.

Micah se levantou.

— Preciso verificar uma coisa.

— Mas você acabou de chegar — protestou Lady Bayar. — Deve estar morrendo de fome. Vou mandar Molly trazer um jantar leve e um pouco daquele conhaque que você gosta. Não esqueça, os alfaiates precisam ver você hoje no fim da manhã para os ajustes finais.

Micah pegou a bolsa e entregou para a mãe.

— Guarde isto no cofre. Não devo demorar.

Ele se virou e saiu pela porta.

Com certeza está indo para o calabouço, pensou Han. E quando o encontrasse vazio, iria para os túneis. *Eu poderia ir atrás dele e garantir que nunca voltasse.* A palma de sua mão coçou, desejando o beijo frio do aço.

Mas era tarde demais. O anel de lobo dava a Micah uma espécie de proteção. Se houvesse alguma chance de Raisa tê-lo escolhido, Han teria que deixá-lo em paz.

Se quisesse salvar a vida da rainha, precisaria de todos os magos disponíveis. Gavan Bayar e Fiona estavam mortos. Não ajudaria apagar uma pessoa tão poderosa em magia quanto Micah.

Ele podia estar mentindo para a mãe, mas por que faria isso? E havia o anel como prova.

Por que Raisa faria isso? Por que diria sim para Micah depois de tudo que acontecera? Depois de dizer sim para Han?

Se fosse para salvar o reino, ela faria em um piscar de olhos, pensou ele. *O reino sempre vem primeiro.*

Todas as dúvidas de Han voltaram, as mesmas que tinham sido silenciadas pela noite no jardim de Hanalea. A maior dentre elas: Raisa aceitaria se casar com alguém como ele?

Para evitar pensar no assunto, voltou a atenção para Lady Bayar. Ela estava olhando para a porta, com a alça da bolsa em uma das mãos e o vinho na outra. Por fim, virou o resto do vinho, colocou a bolsa na cadeira e cambaleou na direção do que Han supôs ser o quarto de dormir.

Han ficou ali por vários minutos, até ouvir roncos vindo do quarto adjacente. Então desceu silenciosamente para o chão. Pegou a bolsa, ergueu a aba e olhou dentro, confirmando que Micah andara carregando a coroa por aí. Han tinha o que fora buscar, mas não parecia mais tão importante.

Depois de pegar a bolsa, Han saiu pela porta para o corredor. Momentos depois, estava voltando pelos túneis.

Seu lado de dono da rua torcia para encontrar Micah nos túneis debaixo de Lady Gris, para ser obrigado a matá-lo em legítima defesa. Mas foi até a entrada de Hanalea sem topar com ninguém.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Do lado de dentro

Na tarde depois da conversa com Micah, Raisa procurou Mellony na suíte da Torre da Rainha. Uma hora ou outra precisaria falar com a irmã sobre Micah, uma conversa que ela temia.

Deixando a guarda no corredor, Raisa entrou nos aposentos ensolarados da irmã e encontrou Mellony e Missy Hakkam jogando cartas a uma mesa ao lado da janela.

Ossos, pensou Raisa. Não estava com paciência para lidar com Missy.

— Vossa Majestade! — disseram elas em coro, se levantando e fazendo uma reverência.

Missy voltou para a cadeira, mas Mellony foi até Raisa e lhe deu um abraço e um beijo na bochecha. Desde a notícia da morte de Han, a irmã mais nova tratava Raisa como uma frágil peça de vidro de Tamron.

— Quer jogar com a gente, Raisa? — perguntou Mellony, animada. — Pode ajudar a distrair a mente de... tudo.

— Magret não quer mais jogar — comentou Missy, botando as cartas na mesa. — E se chamarmos Caterina, ela vai roubar.

— Que diferença faz, se não estão jogando por dinheiro? — perguntou Raisa.

— É o princípio — respondeu Missy.

— Todo mundo está cansado. Magret e Caterina estão fazendo plantão no muro. Se alguém tem tempo livre, usa para dormir.

— Eu trabalhei na cozinha ontem — anunciou Missy, com ar de martírio. — Meu pai insistiu, disse que eu tinha que dar o exemplo. Estava quente demais, e quebrei uma unha esfregando cevada queimada de uma panela. Não tem como deixar a cevada palatável.

Raisa ficou tão irritada que respondeu com franqueza:

— Bem, você não vai precisar se preocupar com isso por muito mais tempo. Está quase acabando.

— Graças à Lady. Não ligo se nunca mais comermos cevada.

Até você começar a passar fome, pensou Raisa. Tinha acabado de ouvir uma série de relatos ruins sobre o suprimento de comida. Talvez durasse mais uma semana, se fossem cuidadosos. E depois?

— Eu gosto de trabalhar na cozinha — comentou Mellony. — Nunca cozinhei muito e estou aprendendo várias coisas. A srta. Barkleigh é uma boa professora, se você mostrar que está disposta a trabalhar. Ela diz que qualquer pessoa que cuida de uma casa precisa saber cuidar de uma cozinha.

Missy revirou os olhos.

— A srta. Barkleigh é uma bruxa mal-humorada. De qualquer modo, talvez a rendição não seja uma coisa tão ruim assim. Arden é um país civilizado, não muito diferente de nós. O rei Gerard talvez honre os nobres daqui. Ele vai precisar de homens para cuidar do...

— Quando Montaigne tomou a Corte de Tamron, houve um massacre — disse Raisa com rispidez. — Os soldados dele invadiram a cidade e saíram estuprando e pilhando. A atitude sulista em relação às mulheres é diferente do que você está acostumada.

Missy arregalou os olhos.

— Não acredito nisso! De qualquer modo, o general Klemath vai impedir que isso aconteça. Ele não poderia...

— O general Klemath é um traidor. Além do mais, quem está no comando é Marin Karn. Já nos encontramos. Não tenho vontade nenhuma de encontrá-lo de novo.

— Bem, eles já estão na cidade — retrucou Missy, irritada. — É de esperar que a pilhagem já tenha sido feita.

E era verdade. Fellsmarch não era uma cidade murada. As montanhas eram as muralhas com as quais sempre haviam contado. Raisa tentou não pensar no que poderia estar acontecendo fora do castelo. O que a fez se lembrar da tarefa do momento.

— Lady Hakkam, obrigada por fazer companhia à minha irmã. Você está dispensada pela tarde.

— Fico feliz em continuar, Vossa Majestade — gaguejou Missy. — Não tenho nenhum...

— Talvez a srta. Barkleigh precise de ajuda.

Raisa indicou a porta.

Missy se levantou e afofou a saia.

— Sinceramente, mal posso esperar para este cerco acabar. Estou farta de ver as mesmas pessoas todos os dias.

Com uma reverência para Raisa, ela saiu.

Nisso nós concordamos, pensou Raisa. *Também estou farta de algumas pessoas.*

— Colhi algumas flores para você, Raisa — disse Mellony. Ela foi até a janela e voltou com um vaso de estrelas-negras e lírios-de-outono já murchando. — Lady Hakkam tem um jardim à sombra que ainda está florido, mesmo neste calor.

— Obrigada.

Ela levou as flores ao nariz e inspirou o doce aroma do apodrecimento. Colocou o vaso na mesa mais próxima.

Mellony se sentou ao lado de Raisa e apoiou um pesado livro de capa de couro no colo.

— Quer que eu leia para você? O orador Jemson me emprestou mais um livro de poesia. Também posso tocar harpa. Lady Dubai

me ensinou uma canção nova. Ainda não sei toda, mas posso tentar.

Pela forma como as palavras saíam sem parar, parecia que Mellony sabia que viriam más notícias e não estava pronta para ouvi-las. Ou talvez fosse apenas a consciência pesada de Raisa.

— Preciso conversar com você sobre Micah.

— Estava me perguntando onde ele foi — disse Mellony, colocando as mãos sobre o livro no colo. — Não o vi o dia todo. Você sabe se ele está de serviço?

— Micah foi embora.

— Embora? Para onde? — Mellony pareceu abalada.

— Foi para as montanhas — respondeu Raisa, passando as mãos pelo cabelo. — Ele vai tentar organizar um resgate.

— Por que ele iria embora?

— Porque eu mandei. Era isso ou rendição. Ele não pode vencer dois exércitos sozinho.

— Ele devia ter ficado aqui — sussurrou Mellony, os olhos azuis se enchendo de lágrimas. — E se alguma coisa acontecer com ele?

Doce Lady acorrentada, pensou Raisa. *Eu queria não ter que lidar com isso agora, além de todo o resto.*

— Tem mais.

Ela mostrou a mão em que usava o anel de Micah. Mellony segurou seu pulso.

— É o anel de Micah — disse ela, puxando a mão de Raisa para perto. — O anel com a insígnia dele. Não é?

Raisa assentiu.

— O que isso quer dizer? — perguntou Mellony, o lábio inferior tremendo. — Vocês trocaram anéis?

— Quer dizer que estamos noivos. Eu aceitei me casar com ele.

Mellony arregalou os olhos.

— Mas... mas você nem o ama! Você me disse que não o amava. Ou estava mentindo?

— Não foi mentira. Eu disse a verdade. Eu não o amo. — Toda a amargura da escolha que fora obrigada a tomar cresceu dentro dela. — Você queria ser rainha, não queria? Pois então, é assim. Não se pode casar por amor.

— Mas... mas... você está *usando* Micah! Está usando para seus objetivos egoístas. Você só quer que ele arrisque a vida para romper o cerco. E isso está errado!

A culpa afiou a língua de Raisa.

— Não seja ingênuo, Mellony. Todo mundo usa todo mundo. O mundo é assim. Não fui eu quem inventou isso.

— E papai? — perguntou Mellony. — Ele sabe disso?

— Não, ele ainda não sabe. Como poderia? — Ela se controlou e segurou as mãos de Mellony. — É importante a gente guardar segredo. Algumas pessoas dos clãs não vão entender por que tomei essa decisão.

Mellony puxou as mãos.

— Eu também não entendo. Se papai estivesse aqui, eu contaria na hora. Ele acabaria com isso de uma vez.

— Mellony, você não entende? É importante trabalharmos juntas se quisermos ter alguma chance de...

— Não me venha com sermão! — interrompeu Mellony, a voz dura e fria como mármore de We'enhaven. — Podemos trabalhar juntas desde que você dê as ordens. Seu amante, Lorde Alister, está morto, então você decidiu tirar Micah de mim!

— Mellony, você tem catorze anos — cortou Raisa. — Não sabe nada sobre o amor.

— E você sabe? — retrucou Mellony. Ela ficou de pé e se empertigou. — Eu cresci, Raisa, já tenho idade suficiente para me casar. Quando vai reparar nisso? Por que *você* teve que ser a irmã mais velha?

Ela se virou e foi embora.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Comerciante

Sabiá e Dançarino estavam esperando Han na cabana de Lucius Frowsley. Era pouco depois do amanhecer, e a luz ainda estava fraca e oblíqua, com gotas de orvalho na grama.

— Graças à Lady — comentou Sabiá, quando Han saiu do meio das árvores, afastando a vegetação.

— O que foi? — perguntou Dançarino, observando-o. — Você não encontrou?

— Não foi nada — respondeu Han. Não percebera que sua expressão de rua falhara. Ele bateu na bolsa pesada. — Eu peguei, viu?

Sabiá apertou o ombro dele.

— Bom trabalho, Caçador Solitário.

— Você marcou uma reunião? — perguntou Han, querendo mudar de assunto.

Sabiá assentiu.

— Vai ser a alguns quilômetros do campo provisório. Eles concordaram em se encontrar assim que você chegasse. — Ela estreitou os olhos para o céu cada vez mais claro.

— Teremos que nos reunir debaixo das árvores. Nenhuma das cabanas portáteis comporta tanta gente.

Um corredor de guerreiros Demonai ladeava a entrada do campo. Eles estavam de pé em fileiras dos dois lados da trilha, de lábios apertados, pintados, com o cabelo trançado para a guerra e os arcos nas mãos.

Pelo número de barracas e fogueiras, parecia que o Campo Pinhos Marisa inteiro estava ali. Todo mundo que sobrevivera à chegada dos sulistas, pelo menos. Mais guerreiros chegavam do Campo Demonai todos os dias. Aquela seria a área de concentração para qualquer retomada da capital, já que o Campo Pinhos Marisa fora destruído.

Batedores seguiram à frente para anunciar a chegada deles. Sabiá e Dançarino haviam levado uma muda de roupas para Han usar no lugar das fedorentas e ensanguentadas, e ele lavou o sangue e a sujeira em um córrego no caminho. Sabiá pôs talas em seus dedos quebrados e tratou os outros ferimentos da melhor forma que pôde. Ao menos, os que conseguia ver.

Han escondeu o amuleto de serpente por baixo da camisa de couro de cervo. O amuleto de Caçador Solitário que Dançarino fizera para ele ficara com os Bayar, junto com o talismã de sorveira.

Ele seguiu mancando, ainda com sinais da tortura dos Bayar e da batalha subterrânea com Gavan.

Han sabia que devia ter ido a Aediion agradecer a Corvo por ter salvado sua vida. Mas não estava ansioso para explicar ao ancestral vingativo por que talvez fosse deixado de lado e permitisse que seu inimigo, Micah Bayar, se casasse com a rainha — se ela assim escolhesse. Também não mencionara isso aos amigos vivos. *Ainda guardando segredos*, pensou.

Sabiá carregava a pesada bolsa no ombro. Ela estava particularmente solícita com Han, como se quisesse compensar erros passados.

Willo os esperava na entrada do campo. Quando viu Han e Dançarino, correu até eles. Chegou a Han primeiro e abraçou-o, e seu toque foi um alívio para o corpo maltratado e o espírito ferido.

Ela deu um passo atrás e olhou nos olhos dele, pousando a mão em sua bochecha.

— Vai ficar tudo bem, Caçador Solitário — sussurrou ela, como se ouvisse seu coração partido.

Então se virou para Dançarino, que segurou os ombros da mãe.

— Ele morreu, Willo *Cennestre*. Meu pai morreu.

Ela encarou Dançarino, quase olho a olho.

— Bayar morreu? Achei que... Você...?

Dançarino balançou a cabeça.

— Ele encontrou a morte que mereceu, mas eu não o matei. Caçador Solitário pode contar melhor.

Willo e Dançarino se abraçaram, se balançando de leve, e Willo acariciou o cabelo do filho, sorrindo e chorando ao mesmo tempo.

Pelo menos isso, pensou Han. Bayar está morto. O causador de tanta dor e sofrimento. Talvez Willo fique mais tranquila agora.

Por fim, ela e Dançarino se separaram. Ela secou o rosto com a manga.

— Estão esperando vocês. — Willo fez uma pausa e acrescentou com voz baixa: — Tomem cuidado.

Os outros anciãos estavam de pé com rostos rígidos e cautelosos ao redor de uma lareira de pedra improvisada em uma pequena clareira. Vários líderes de clãs tinham ataduras, evidência de combates recentes.

Lorde Averill estava um pouco afastado dos outros, usando os trajes Demonai de batalha. O cabelo grisalho estava trançado e a roupa, manchada de sangue, embora Han não soubesse se dele ou de outra pessoa.

Elena *Cennestre* também usava um vestido de batalha e múltiplos talismãs pendurados em uma corrente no pescoço e no meio das tranças.

— Caçador Solitário — cumprimentou ela, os olhos negros como obsidianas. — Bem-vindo à nossa lareira.

A postura e a linguagem corporal contradiziam as palavras.

— Por quem você fala, Alister? — perguntou Averill, a voz esbanjando sarcasmo. — Pelo Conselho dos Magos, como Grão-Mago?

— Eu falo por mim.

Ele se sentou no chão, com Sabiá e Dançarino a seu lado. Willo assumiu seu lugar com Elena e Averill, o restante da realeza dos clãs presente, e Shilo Desbravadora se sentou com um grupo de guerreiros alertas, com as mãos nas armas.

— Lorde Bayar e a filha, Fiona, estão mortos — anunciou Han, sem preâmbulos.

— Como isso aconteceu? — perguntou Elena, depois de um momento de silêncio perplexo. — Quem é o responsável por essas mortes?

Han hesitou e olhou para Sabiá e Dançarino, sem saber se eles queriam ser citados ou não.

— Sabiá Noturna Demonai matou Fiona para salvar a vida de Caçador Solitário — explicou Dançarino. — Caçador Solitário matou Lorde Bayar.

Isso evocou reações variadas, de aprovação pelas mortes dos Bayar e de reprovação pelo contexto.

Han levantou a mão.

— Na verdade, é uma pena ainda estarmos matando magos, porque vamos precisar de todas as mãos mágicas que tivermos para afastarmos os sulistas.

A aprovação virou reprovação em quase todos os rostos.

— Que ajuda os seus ofereceram até agora? — perguntou Shilo, as sobrancelhas erguidas e o olhar direcionado para Han e Dançarino. — A maioria está escondida nas casas de campo.

— Dançarino de Fogo, Sabiá e eu temos um plano para acabar com o cerco ao Castelo de Fellsmarch e mandar os sulistas de volta para o lugar de onde vieram.

— Vamos ouvir, então — disse Averill, cruzando os braços.

— Vai exigir que vocês trabalhem junto com magos — avisou Han. — Conseguem fazer isso? Senão é perda de tempo.

— O que você quer dizer com “trabalhar com magos”? — perguntou Elena.

Han se empertigou.

— Os magos precisam de armas melhores, que vocês podem fornecer.

— Armas que eles vão usar contra nós — afirmou Elena.

— Deixe-o falar, Elena *Cennestre* — pediu Willo. — Você vai ter a sua vez.

Han seguiu em frente.

— Vocês precisam trabalhar com o Conselho dos Magos, e não só no sentido de fornecer amuletos poderosos. Os clãs não têm habilidade para lutar nas planícies, e só temos um pequeno grupo de soldados das terras altas. Vocês vão ter que lutar ao lado dos magos para termos qualquer chance de romper o cerco.

— Não podemos unir forças com bruxos, Caçador Solitário, e você sabe — retrucou Elena. — A Naéming...

— Você não teve problema nenhum em mandar Caçador Solitário contra os Bayar — interrompeu Willo.

— A Naéming nos limitou por mil anos — disse Han. — Ou deixamos isso de lado, ou nos curvamos a Arden.

Averill fez uma expressão de desprezo.

— Isso me parece um plano dos magos para conseguir acesso aos amuletos que negamos a eles desde que ameaçaram a linhagem Lobo Gris.

— Olhe, eu tenho uma única prioridade: resgatar a rainha — afirmou Han. — E estou disposto a fazer o que for preciso. Se você não está, bem...

Averill hesitou, e Han soube que o golpe fora certo.

— Você acha que não queremos expulsar os sulistas? — Elena se levantou sobre os joelhos. — Sabe quantos de nós já morreram nas montanhas?

— Você não pode estar sugerindo que resgatar minha própria filha não seja importante para mim — rebateu Averill. — Mas não podemos fazer o que você pede. Não podemos armar nossos inimigos.

— Se vocês não fizerem isso, eu faço — declarou Han, fazendo sinal para Sabiá, que entregou a bolsa a eles. — Já ouviram falar do Arsenal dos Reis Magos?

O rosto de Elena ficou sombrio.

— É claro que ouvimos falar. Felizmente, não existe mais.

Han enfiou as mãos na bolsa e tirou a Coroa Escarlata.

— Na verdade, existe. Sei onde está, e eis a prova.

Percebeu, pelas expressões, que todos reconheceram a peça que ele tinha em mãos.

— Onde você conseguiu isso? — perguntou Averill. — Devia ter sido destruída séculos atrás.

— Como falei, veio do arsenal.

— Me dê isso aqui — mandou Elena, esticando a mão imperiosamente.

Depois de um momento de hesitação, Han entregou a coroa. Elena passou o dedo pelo metal, ergueu o objeto com as duas mãos e o virou de um lado para outro sob a luz do sol.

Por fim, ela assentiu, a expressão revelando o veredito antes mesmo de falar.

— É autêntica.

Com óbvia relutância, ela devolveu a coroa.

— Como podemos saber que veio do arsenal? — argumentou Shilo. — Talvez os Bayar tenham escondido esse tempo todo. Talvez ele esteja trabalhando com eles.

— Dançarino de Fogo e eu estávamos lá quando os Bayar morreram, lembra? — disse Sabiá, tocando o braço de Dançarino. — A não ser que você pense que estamos todos trabalhando para eles.

Os olhos de Elena estavam fixos em Han.

— E por que você exige que deixemos a Naéming de lado? — perguntou ela. — Qual é a troca?

— Vocês fazem o que eu digo ou entrego o arsenal para o Conselho dos Magos, para armá-los contra os sulistas — explicou Han. — Quando o gato sair do saco, não terá como botar de volta. E eles não vão ter vínculo nenhum com vocês.

Averill se levantou, os olhos brilhando de fúria.

— Como ousa nos dar ordens, seu bruxo com sangue de demônio? — Sua expressão de comerciante tinha sumido. Ele era um guerreiro Demonai, sem tirar nem pôr.

— Ele é o que você e Elena *Cennestre* criaram, Pés Ligeiros — disse Willo, se levantando — Está dando a vocês o mesmo tipo de escolha que vocês deram a ele.

— Há outra escolha — afirmou Elena, cada fibra do corpo exalando hostilidade, a mão no talismã Demonai. — Flechas são mais rápidas do que feitiços.

Os guerreiros Demonai prepararam flechas e ergueram os arcos. De repente, todos estavam de pé. Dançarino e Sabiá ladeando Han.

Ele se obrigou a não segurar o amuleto. O que fez foi balançar a cabeça, como se estivesse decepcionado, mas não surpreso.

— Se qualquer coisa acontecer comigo, uma mensagem segue para Lady Gris, dando ao Conselho a localização do arsenal. Portanto, pensem antes de disparar.

Ele estava blefando, mas era muito bom nisso. Os Demonai, mantendo os arcos posicionados, olharam para Averill e Elena. Depois de uma pausa tensa, Averill baixou a mão lentamente, e eles afrouxaram as cordas dos arcos.

— Essa é a minha oferta. É pegar ou largar — disse Han. — Vocês colaboram com os magos, fornecem amuletos e lutam com eles, ou eu dou a eles acesso ao arsenal.

— Caçador Solitário não precisava nos procurar com essa proposta — interveio Sabiá. — Poderia ter dado o arsenal para o Conselho dos Magos e nos deixado de fora.

— Precisamos de tempo para pensar a respeito — disse Averill.
— Vamos comunicar nossa decisão amanhã.

— O Conselho está reunido. — Han indicou o círculo de pessoas.
— Decidam agora. Partirei para Lady Gris em seguida.

Sabiá Noturna falou primeiro.

— Eu sou Sabiá Noturna Demonai — anunciou. — E voto a favor de Caçador Solitário.

— Eu sou Willo Canção d'Água, Matriarca do Campo Pinhos Marisa — disse Willo. — E voto a favor de Caçador Solitário.

— Sou Hayden Dançarino de Fogo, filho de Willo Canção d'Água. Eu voto a favor de Caçador Solitário.

Averill e Elena se entreolharam.

— Eu concordo com a proposta — cedeu Elena, o rosto idoso contorcido de raiva.

— Como patriarca do Campo Demonai, também concordo — acrescentou Averill.

Shilo suspirou.

— Eu também concordo.

Murmúrios de assentimento percorreram o círculo.

— Que bom. — Han assentiu. — Dançarino de Fogo será o responsável pela transferência de amuletos.

Isso foi sugestão de Dançarino. Ele parecia preocupado com alguma sabotagem da parte dos Demonai.

Averill e Elena se entreolharam outra vez e assentiram.

— Mais uma coisa. Só para ficar claro: quando digo que estamos deixando a Naéming de lado, não estou falando só do fornecimento de amuletos. Se tivermos sucesso, se conseguirmos libertar a rainha, ela vai poder se casar com quem quiser. Mago, dos clãs, morador do Vale, pirata, quem quiser. Confio nela para fazer uma boa escolha, com a ajuda da família e de seu Conselho. Vocês também deveriam confiar.

Os olhos de Averill se encheram de suspeita.

— Por quê? Para que isso? O que você pretende fazer?

Han ergueu o queixo e olhou Averill nos olhos.

O homem deu um passo na direção dele, se inclinou para a frente e falou, em uma voz baixa e séria que só Han podia ouvir:

— Ela não é para você, bruxo. Isso nunca vai acontecer. Eu mataria você antes disso.

Han o encarou com sua expressão de rua.

— Como saberemos se os bruxos estão dispostos a trabalhar conosco? — perguntou Shilo.

— Eles não vão ficar mais felizes do que vocês — disse Han com um sorriso torto. — Mas eu cuido dessa parte. Gostariam de visitar Lady Gris?

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Persuadindo magos

Hammersmith cumprimentou Han ao encontrá-lo na área de recepção do lado de fora da câmara do Conselho como se o rapaz tivesse renascido dos mortos.

— Estou muito feliz em vê-lo, Lorde Alister — disse ele, fazendo uma reverência exagerada. — Eu não sabia que Lorde Bayar tinha convidado você para a reunião. Me disseram que você havia... hã... falecido.

— Ainda não — respondeu Han. Na verdade, Han convocara a reunião, mas em nome de Lorde Bayar. Ele inclinou a cabeça. — Estão todos lá dentro?

Hammersmith fez que não.

— Não temos quórum, infelizmente, meu senhor Grão-Mago. A reitora Abelard, Lorde Gryphon, Lorde Mander e Lady deVilliers estão aqui. O cabeça... Lorde Hayden... hã... Dançarino não está — explicou. — O jovem Bayar está, mas Lorde Bayar não. O jovem Bayar perguntou pelo pai. Parece que não o vê desde que voltou a Lady Gris. É muito peculiar.

E nem vai ver, pensou Han. Parecia que uma década se passara desde a primeira vez que fora ao Conselho, quando Lorde Bayar

planejara que ele fosse assassinado no caminho. Bayar informara Hammersmith, incorretamente, que Han não compareceria.

Han franziu a testa, como se estivesse confuso.

— Se Lorde Bayar convoca uma reunião, seria de esperar que chegasse na hora. Vamos começando, então. Dançarino de Fogo está vindo, mas vai se atrasar. Vai trazer algumas pessoas junto. Quando ele chegar, nos interrompa e me avise que estão aqui. Dependendo do tópico em pauta, vou recebê-los. Ou não.

— Sim, senhor — concordou Hammersmith, parecendo confuso. — Devo anunciar sua chegada?

Han fez que não com a cabeça.

— Eu mesmo me anuncio, obrigado.

Ele fez uma pausa diante da porta e organizou os pensamentos. Abelard precisaria ser persuadida. Abelard, Gryphon e deVilliers. Micah não gostaria de nada que ele dissesse. E Mander não gostaria de nada de que Micah não gostasse.

É melhor ter pessoas entre mim e Micah, pensou Han. *Para impedir que qualquer um de nós aja de forma precipitada.* Quando tocou a maçaneta, ouviu vozes do outro lado da porta. Uma voz em particular.

— Sua Majestade queria voltar comigo para Lady Gris, mas decidimos não correr o risco — dizia Micah Bayar. — Vamos nos casar assim que o cerco for rompido. É desnecessário dizer que essa informação não deve sair desta sala.

Alguém falou alguma coisa que Han não conseguiu entender.

— Não precisamos esperar meu pai — prosseguiu Micah. — Vamos discutir estratégias e formas de conseguirmos romper o cerco na capital.

Expressão de rua, pensou Han, respirando fundo. Depois de desabilitar as trancas mágicas na porta, ele a abriu. Quando entrou, cabeças se viraram em sua direção.

A cadeira do Grão-Mago, na cabeceira da mesa, estava vazia. Micah estava de pé ao lado, e parou de falar no meio da frase.

Atrás dele, preso a um quadro, havia um grande mapa de Fells.

Micah estava desgrenhado, como se não tivesse dormido, a pele bem pálida sobre o rosto magro. Ele olhou para Han, depois para a bolsa em seu ombro, e balançou a cabeça de leve, como se pudesse negar a presença dele. Ao esticar a mão para o amuleto, algo cintilou no dedo mindinho da mão esquerda. O anel de lobo de Raisa.

Tensão e magia estalaram entre os dois. Han respirou fundo, o coração disparado, preparando-se para uma batalha. Mas ergueu as mãos e disse:

— Não vim matar você, Micah, apesar de ser merecido. E você também não vai querer me matar enquanto não ouvir o que tenho a dizer.

Mina Abelard estava paralisada no meio de um gesto, como se palavras tivessem se amontoado na boca. Ela olhou de Micah para Han com uma expressão de intenso interesse.

— Minha nossa, Alister — comentou ela secamente. — Você é... resiliente. Embora pareça ter sido o convidado de honra em uma briga e tanto.

Adam Gryphon sentava-se ao lado de Mordra deVilliers. Estivera recostado na cadeira de rodas, massageando a testa como se tivesse uma dor de cabeça horrível. Quando Han entrou, ele se empertigou na mesma hora, parecendo levemente surpreso. Mordra aparentava estar satisfeita. Mexeu no cabelo preto-azulado, a língua aparecendo para tocar a argola que tinha no lábio.

Como sempre, Lorde Mander demorou um pouquinho mais para entender o que estava acontecendo. Esticou uma das mãos para o amuleto e a outra, trêmula, na direção de Han.

— Você... você... não é Gavan! — exclamou, o rosto da cor de um tomate maduro.

Han balançou a cabeça.

— Não. Não sou.

— N-n-nós não queremos confusão, Alister — gaguejou Mander, apertando o amuleto e olhando de lado para Micah em busca de orientação.

— Então tire a mão do amuleto — disse Han. — Já temos confusão suficiente.

— Mas... mas... você devia estar morto! — resmungou Mander, soltando rapidamente o amuleto e apoiando as mãos na mesa. Ele olhou para Micah de forma acusatória. — Você *disse* que ele estava morto!

— Me enganei — respondeu Micah, imóvel, os olhos brilhando. — Alister, estou surpreso de ver você dar as caras por aqui, considerando as acusações.

— Para as quais você não tem testemunhas nem evidências — rebateu Han. — Sente-se, Bayar. Temos coisas a resolver, mas vim aqui com um propósito, e não quero desperdiçar o tempo de ninguém.

Micah se manteve de pé por um tempo, olhando fixamente para Han, a boca se contorcendo com palavras não ditas. Então deu de ombros em um movimento sutil e voltou para a cadeira.

Han esperou Micah se sentar e foi para a cadeira de Grão-Mago, na cabeceira da mesa. Era a primeira vez que tomava seu lugar como chefe do Conselho dos Magos.

— Por que está usando roupas de cabeças de fogo? — questionou Mordra, de repente.

— Tive alguns problemas — respondeu Han, olhando diretamente para Micah.

— O jovem Bayar aqui estava nos dizendo que a rainha Raisa aceitou se casar com ele, se conseguirmos romper o cerco no Castelo de Fellsmarch — explicou Abelard, de olhos fixos em Han, como se estivesse esperando que o rapaz tirasse uma solução do bolso.

— É mesmo? — perguntou Han, como se não fizesse a menor diferença para ele.

— Estávamos esperando Lorde Bayar chegar para podermos discutir uma estratégia para retomar a cidade — prosseguiu Abelard, disparando um olhar rápido para Micah.

— Onde você acha que ele está? — perguntou Mander, ansioso para ver outra pessoa tomar o controle.

— Não sei — mentiu Han. — Mas Hayden Dançarino de Fogo vai chegar daqui a pouco com uma delegação de anciãos dos clãs.

— Cabeças de fogo? — Abelard balançou a cabeça. — Aqui?

Han assentiu.

— Vamos nos juntar a eles para expulsar os sulistas de volta.

— Eles concordaram com isso? — perguntou Gryphon, parecendo incrédulo.

— Eles não tiveram escolha. Nós também não temos.

Han soltou a fivela da bolsa, puxou a Coroa Escarlata e ergueu-a bem alto. Ao olhar ao redor, percebeu que os magos tinham reconhecido a peça.

— A Coroa dos Reis Magos? — Abelard esticou a mão, e Han entregou a ela. A reitora a examinou, girando para que captasse a luz. — Não é uma réplica.

Por fim, ela olhou para Han.

— Eu sempre soube que você era um rapaz ambicioso, Alister, mas...

— Onde você conseguiu isso? — perguntou Mordra, inclinando-se para a frente e apoiando as pontas dos dedos na mesa. — Apesar de eu ter visto descrições e imagens dela, a maioria dos estudiosos acredita que foi destruída na época da Cisão.

— Mas outros dizem que ficava no Arsenal dos Reis Magos — acrescentou Gryphon, obviamente esperando a conclusão inevitável.

Han assentiu.

— Estava escondida com o arsenal há mil anos. Foi lá que eu peguei.

— Você roubou de nós! — sibilou Micah. — O arsenal é nosso.

— Ora, por favor! — retrucou Han, revirando os olhos. Ele olhou ao redor da mesa, para cada integrante do Conselho. — Se os Bayar sabiam onde o arsenal estava, por que não contaram para todos? Principalmente agora?

— É uma boa pergunta — concordou Abelard, apreciando a virada na conversa.

— Eles tentaram atribuir todos aqueles assassinatos a mim porque sabiam que eu possuo o arsenal. Queriam para eles. — Han fez uma pausa. — Se você sabe onde o arsenal está, Micah, por que não nos leva lá?

Han notou que Micah estava furioso, pego entre várias mentiras diferentes.

— Meu pai sabe onde está — disse, por fim.

— Então onde está seu pai? — perguntou Han, olhando ao redor. — Ele não convocou esta reunião?

Micah se ergueu parcialmente da cadeira.

— *Você* sabe onde ele está. Me diga onde eles estão, Alister.

— Não posso ajudar — respondeu Han, com uma pontada de culpa. — O importante é o seguinte: eu detenho o controle do arsenal e pretendo usá-lo para libertar a rainha e a cidade.

— Imagino que você vá fazer isso sozinho — murmurou Abelard.

— Tenho um plano, mas vou precisar da ajuda de todo mundo. Tanto dos clãs quanto dos magos.

— Então... *você* vai nos levar ao arsenal — disse Mordra, sorrindo.

— Não. — Han balançou a cabeça. — Vou usar o arsenal para forçar vocês e os clãs a trabalhar juntos. Os clãs já concordaram. Se vocês não cooperarem, vou entregar as chaves do arsenal para eles fazerem o que quiserem. Derreter tudo, talvez, não ligo. A verdade é que vocês precisam uns dos outros, se queremos nos livrar do exército de Montaigne.

— Poderíamos obrigar você a nos dizer onde está — disse Abelard.

— Isso mesmo! — gritou Mander. — É melhor você nos contar, senão vamos obrigar você.

— Perguntem a Micah se isso funciona — rebateu Han, puxando as mangas.

Todos encararam os pulsos queimados e cheios de bolhas de Han.

— Sangue do Demônio — sussurrou Mordra.

Han encarou Micah de novo.

— Você sabe a verdade. Eu sei onde está o arsenal. Você sabe como eu descobri. Você alega que quer salvar a rainha. Se quiser mesmo, é melhor me apoiar. Esse é o acordo. É pegar ou largar.

Ele encarou Micah com firmeza, sem fazer ideia se aquele tipo de estratégia teria algum efeito. Mas lhe diria algo sobre Micah que Han precisava saber.

Os dois se encararam por um longo momento. Por fim, Micah assentiu.

Ele olhou ao redor.

— Alister está falando a verdade. Ele sabe onde está o arsenal. Eu, não. É melhor vocês ouvirem o que ele tem a dizer.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Aliança suspeita

A batida na porta fez todos se calarem.

— Entre! — gritou Han.

A porta se abriu um pouco e Hammersmith colocou a cabeça no vão.

— O... o... ah... Lorde Dançarino está aqui. Com os colegas.

— Talvez devêssemos esperar Lorde Bayar para prosseguirmos — gaguejou Mander. Estava claro que as coisas estavam avançando rápido demais para o gosto dele.

— A reunião é agora — afirmou Han. — Não foi fácil convencê-los a vir para o território de vocês. Lorde Bayar não é mais do Conselho. Você pode ficar ou partir.

Ele fez sinal para Hammersmith chamar Dançarino e os outros.

Eles entraram: Dançarino e Willo, que já tinham estado ali, com Averill e Elena, Sabiá e Shilo Desbravadora, que nunca teriam colocado os pés naquele local por vontade própria.

Automaticamente, Han fez uma contagem de cabeças, como faria com qualquer encontro entre gangues rivais. Seis dos clãs, se contasse Dançarino com eles, e seis magos.

Os Demonai observaram o aposento, tensos de desconfiança, as mãos nos cabos das facas. Micah e Dançarino evitaram se olhar.

Depois de um momento de silêncio constrangedor, Abelard falou:
— Talvez fosse melhor se os convidados deixassem as armas de lado antes de nos sentarmos juntos — sugeriu, olhando para Han com as sobrancelhas erguidas.

— E talvez os bruxos devessem tirar os amuletos — retorquiu Elena, olhando para o teto.

— Não teremos como lutar lado a lado se não tivermos confiança nem para fazer uma reunião sem nos desarmar — declarou Sabiá.

Ela escolheu uma cadeira vazia e se sentou na beirada. Willo sentou-se ao lado dela, olhando diretamente para os outros.

Averill escolheu a cadeira mais perto da porta. Elena fez uma expressão de reprovação para as cadeiras elaboradas ao redor da mesa, mas por fim se sentou de pernas cruzadas em uma.

Quando todos estavam sentados, Han assentiu para Dançarino.

— Hayden Dançarino de Fogo é o representante da rainha neste Conselho. Pedi que ele falasse primeiro.

— Sou dos clãs... e também tenho o dom da alta magia — começou Dançarino. — Me ensinaram que essas duas coisas eram incompatíveis. No começo, eu me sentia uma criatura alienígena, dividida de um jeito impossível, incapaz de funcionar. — Ele deu um meio sorriso. — Depois aprendi que minha natureza dupla me permite fazer coisas que ninguém mais consegue. Acho que o mesmo vale para uma aliança entre magos e clãs. A divisão criada pela Naéming nos tornou fracos e vulneráveis, incapazes de tirar vantagem de nossos diferentes talentos. Unidos, somos mais fortes e mais capazes do que separados.

“Antes da Cisão, o povo do Vale e os magos cooperavam nas guerras. O exército das terras baixas trouxera magos também. Mas o povo dos clãs e os magos nunca colaboraram antes. Os sulistas não vão estar esperando por isso.”

— Os Demonai são lutadores habilidosos — disse Han. — Vocês estão acostumados a trabalhar juntos, usando terreno e estratégia a seu favor. Os magos não são bons nisso, não nos damos bem o

bastante. Lembram o que aconteceu quando magos invadiram um vilarejo de vocês? Todos morreram.

Desbravadora sorriu com indolência.

— Os bruxos são arrogantes, não planejam. Esperam sempre ser salvos por magia.

— E isso funcionaria — interrompeu Abelard —, se tivéssemos as armas de que precisamos.

— Não há magos suficientes para romper o cerco, mesmo com todo o arsenal à disposição — continuou Han. — Temos que ser inteligentes. Precisamos da ajuda dos Demonai. Mas não vou pedir que eles se juntem a vocês sem um compromisso por parte do Conselho.

— Não podemos discutir isso em particular? — perguntou Mander, tentando não olhar para os habitantes das terras altas presentes.

Han balançou a cabeça.

— Não. Se você tiver alguma coisa a dizer, diga agora. Então, votaremos.

No fim da reunião, a votação foi unânime. Todos eram a favor. Inclusive os Lordes Bayar e Mander.

— Agora, vamos discutir como podemos trabalhar juntos — sugeriu Han. — Como podemos ajudar uns aos outros?

— Nós dos clãs não somos bons de luta em planícies — disse Sabiá. — Não há cobertura no Vale. Podemos matar sulistas, mas não rápido o bastante para romper o cerco e libertar a cidade. Só podemos atacá-los aos poucos. Não temos número para vencer desse jeito. Muitos de nós vamos morrer. Em geral, o Exército das Terras Altas preencheria essa lacuna, mas ele não existe mais.

— No passado, os magos envolviam os soldados em glamoures para permitir que se aproximassem dos alvos sem serem notados — contou Gryphon. — Poderíamos fazer alguma coisa similar com os guerreiros dos clãs, para que eles possam chegar perto o bastante e fazer seu trabalho.

— Se vocês confiarem o bastante em nós para aceitarem receber um feitiço — acrescentou Mordra.

A expressão de Elena revelava suas dúvidas a respeito disso.

— Existem feitiços que vocês possam usar para deixar nossos inimigos mais vulneráveis a ataques? — perguntou Averill. Estava claro que ele preferia feitiços direcionados aos sulistas.

Depois que começou, a discussão prosseguiu por várias horas, tornando-se acalorada de vez em quando. Os beligerantes Demonai gostavam de demonstrar seus conhecimentos de estratégia e tática.

Como especialistas em armas históricas e batalhas antigas, Gryphon e deVilliers sugeriram armas mágicas que os Demonai poderiam produzir. Dançarino de Fogo tinha algumas ideias criativas sobre como sua mistura de alta magia com a magia dos clãs poderia ser utilizada.

Hammersmith levou comidas e bebidas, parecendo um tanto impressionado por eles não terem se matado... ainda.

Acabaram chegando ao esboço de um plano, que precisava ser polido em uma reunião subsequente em território dos clãs, no campo provisório nas terras altas.

Han ainda tinha muitas dúvidas. Eles atravessariam o Vale aberto e surpreenderiam o exército ardenino usando distrações mágicas, glamoures e subterfúgios. Mas Karn também tinha magos, e estaria de olho nesse tipo de ataque. Podia acabar sendo um massacre, e com Han no comando.

— Seria melhor se pudéssemos coordenar nossa ação com a de quem está dentro — concluiu Han. — Eles poderiam criar uma distração para afastar os olhares ardeninos de nós.

— Eu já consegui entrar e sair do palácio uma vez — disse Micah. — Vou voltar para contar o que estamos planejando.

— Os magos das terras baixas já estão posicionados, e você pode ser pego — rebateu Shilo. — Vários de nós devíamos ir por caminhos diferentes, talvez um ou dois consigam passar.

Han não gostou do plano. *Podemos acabar com cinco mortos em vez de um*, pensou. Mas não tinha ideia melhor. Ficou combinado que Micah, Han, Sabiá, Mordra e Shilo tentariam, sozinhos, passar pelo cerco e entrar no palácio poucas horas antes do ataque.

Ao fim de tudo, Han se sentia tão exausto quanto depois de uma longa sessão de feitiços. Ele permaneceu na sala, fingindo repassar as anotações enquanto os outros partiam, torcendo para fugir de qualquer conversa de corredor.

Mas, quando finalmente saiu, Micah o esperava. Hammersmith não estava por perto, e os feitiços de privacidade nas paredes indicavam que Micah queria ter uma conversa com ele.

— Então, Alister, você conseguiu o que queria — disse ele com os punhos fechados, inquieto. — Agora, preciso de algumas respostas.

Han apenas o observou, tentando não deixar o olhar se desviar para o anel na mão dele. *Eu não tenho o que quero*, pensou. *Só para você saber.*

— Onde estão meu pai e minha irmã? — Micah deu um passo na direção de Han. — O que aconteceu? O que você fez com eles?

Estão mortos, Han queria dizer, mas não conseguiu encontrar as palavras. Sabia como era estar do outro lado daquele tipo de notícia.

— Como recuperou a coroa? — Micah indicou a bolsa pendurada no ombro de Han. — Você *matou* os dois, não foi? *Não foi?*

Não peça desculpas. Não admita nada. Eram suas antigas regras de rua. De alguma forma, ele e Micah teriam que passar os próximos dias juntos.

— Lamento — disse Han baixinho. — Não tenho respostas para você.

— Eles eram minha família — insistiu Micah, com a voz embargada. — Eram tudo que eu tinha. Fiona e eu... nós nos protegíamos, quando pequenos. E ela gostava de você. Ela cometeu erros, mas não merecia morrer por eles.

Isso o atingiu. A imagem do corpo queimado de Mari surgiu na mente de Han.

— Minha irmãzinha também não merecia morrer. E tenho que agradecer a seu pai por isso.

Han tentou passar por Micah, mas ele segurou seu braço e o puxou.

— Me deixe ver seu amuleto — sibilou Micah. — Aposto que é o de Waterlow. A única forma de você tê-lo recuperado é se meu pai estiver morto.

Han se soltou da mão de Micah sem grandes esforços e o empurrou contra a parede, o braço pressionado no pescoço do rapaz. Sentia o latejar da pulsação do outro no antebraço. Dor e fúria afloraram, e ele precisou de todo o esforço do mundo para não agir.

— Se tocar em mim outra vez, vou esquecer que decidi não matar você. Considerando de onde venho, eu não tenho esse tipo de autocontrole.

Por um longo momento, eles ficaram se encarando com os narizes quase se tocando. Então Han recuou um passo, se virou e saiu andando sem olhar para trás.

CAPÍTULO CINQUENTA

Escolhas ruins

O problema de ter amigos, pensou Raisa, é que eles tendem a se juntar contra você. Normalmente com a desculpa de que é para seu próprio bem.

Ultimamente, parecia que todo mundo, Amon, Cat, Hallie, Talia e Andarilho da Noite, estava cantando a mesma música. Tinha chegado ao ponto em que Raisa evitava ficar sozinha com seus amigos mais íntimos, pois sabia qual seria o assunto da conversa.

— Não podemos esperar mais — disse Andarilho da Noite. — Se Bayar saiu, eu e você também podemos sair.

— Não sabemos se Micah saiu — respondeu Raisa. — Não tivemos notícias dele. De qualquer modo, ele tinha a magia para ajudar. Eu não tenho.

— Nós sabemos o que vai acontecer se você ficar aqui — argumentou Amon. — Se você for embora, pelo menos há uma chance.

— É uma chance pequena — rebateu ela. — Karn está esperando que eu tente fugir. Prefiro morrer defendendo a cidade a levar um disparo nas costas como uma covarde. — *Ou ser levada viva,* pensou.

Amon tentou uma abordagem diferente.

— Com você e Mellony enfiadas aqui, Karn pode concentrar todos os esforços na cidade e ignorar o que está acontecendo nas montanhas. Se você estiver nas terras altas, ele vai ter que dividir as forças e a atenção.

Raisa tinha que admitir que fazia sentido. Bem, na verdade ela não *tinha* que admitir.

Seria mais fácil contemplar a ideia de ir embora se não estivesse convencida de que boa parte dos problemas atuais haviam sido causados por sua fuga anterior. E não ansiava por viajar com uma irmã que não estava falando com ela. Desde a conversa sobre Micah, Mellony se trancara no quarto e se recusara a ver qualquer um.

Eu parti o coração dela, pensou Raisa. *Talvez não tivesse escolha, mas não precisava ser tão dura com ela. Mais uma coisa pela qual me culpar.*

A voz de Amon interrompeu seus pensamentos.

— Quando você for, vamos nos certificar de que Karn descubra. Ele pode desistir do cerco ao castelo e nos dar algum alívio.

— Tudo bem — disse Raisa, por fim, cansada demais para resistir. — Vamos elaborar um plano, pelo menos. Preciso de ideias. Qual deve ser a melhor maneira de sair da cidade sem ser notada?

Alguém bateu na porta. Mick botou a cabeça para dentro.

— Capitão Byrne, aconteceu uma coisa.

Amon fez uma expressão irritada, sem querer recuar antes de garantir a vitória.

— Vamos demorar pelo menos mais uma hora, soldado Bricker. Você poderia...

— Senhor. É o jovem Klemath. Kip. Ele quer falar com Sua Majestade. Disse que tem uma mensagem para ela.

O que foi agora?, pensou Raisa. *Por que Kip viria aqui? Será que o pai está repensando seu novo aliado?*

— Onde ele está? — perguntou Amon.

— Está... está no calabouço, senhor — respondeu Mick.

— No calabouço? — Raisa massageou a nuca e tentou aliviar a tensão. — Era mesmo necessário? Ele pode ser um traidor, mas nunca pensei nele como perigoso.

— É para a proteção dele, Vossa Majestade — disse Mick. — Os ânimos estão alterados na Guarda. Algumas pessoas têm família na cidade. E, considerando o que está acontecendo por lá...

— Como assim? — perguntou Raisa. — O que está acontecendo?

Mick mordeu o lábio e olhou para Amon em busca de orientação.

— Uma coisa ruim.

Raisa e Amon seguiram Mick para fora da câmara de audiências, com os outros atrás. Percorreram o barbacã até um ponto em que era possível olhar por cima da muralha.

O que ela viu gelou seu coração.

Na área externa, um círculo de soldados ardeninos envolvia por volta de sessenta cidadãos — homens, mulheres e crianças —, com as mãos amarradas nas costas. Ali perto, soldados haviam erigido uma plataforma rudimentar com duas colunas idênticas e uma trave. Raisa reconheceu o que era, o que Han Alister chamaria de “plataforma da morte”.

— Um cadafalso — sussurrou. — Doce Lady das montanhas.

Ela olhou para a cena, horrorizada, até Amon segurar seu cotovelo.

Ela se virou.

— Vamos falar com Klemath — declarou, seguindo para a escada.

Kip Klemath estava mesmo no porão, embora em uma cela no nível mais alto e mais agradável. Os filhos do general renegado sempre tinham lembrado Raisa cachorrinhos de raças grandes em idade de crescimento, sociáveis, simpáticos, grandes o bastante para machucar e nada inteligentes.

Agora, Kip parecia um cachorrinho que recebera muitos chutes. Estava sentado no canto mais distante da cela, com a cabeça baixa, como se estivesse com medo de chegar perto das grades. Dois

guardas de cara feia saíram do caminho quando Raisa e Amon se aproximaram.

— Klemath! — gritou Raisa, assustando-o. — Estou aqui. O que você quer?

Ele se levantou e se aproximou.

— Vossa Majestade — disse o rapaz, tentando dar um sorriso. — A armadura lhe cai bem. Parece uma guerreira.

— Disseram que você tinha uma mensagem para mim.

Raisa cruzou os braços.

Kip olhou para Amon e novamente para ela.

— O comandante Karn me mandou aqui. Pediu que dissesse que ele está perdendo a paciência.

— Eu também — retrucou Raisa, em tom ameaçador.

Kip umedeceu os lábios.

— Eu... eu não fazia ideia de... em que estávamos nos metendo — disse. — Os sulistas... não são como nós.

— Se está insinuando que nós dois somos parecidos, tenho que discordar — rebateu Raisa. Não tinha intenção de facilitar nada.

Kip assentiu, aparentemente aceitando a avaliação sem discutir.

— O comandante Karn me mandou dizer que, de hoje em diante, vai executar um homem, uma mulher e uma criança por dia na área externa, que pode ser vista do castelo. E vai continuar assim até Vossa Majestade se render.

Raisa enfiou a mão pelas grades da cela, segurou a túnica do uniforme de Kip e o puxou, forçando a cabeça dele para baixo e ficando nas pontas dos pés para encará-lo.

— E aqui está uma mensagem para o comandante Karn — disse ela, sentindo gosto de metal e cinzas na boca. — Vou fazer Arden sangrar por cada vida inocente que ele tirar.

Com centímetros entre os dois, Kip colocou alguma coisa na mão de Raisa, um envelope gordo e volumoso.

— Mande o capitão Byrne sair para podermos conversar em particular.

Surpresa, Raisa hesitou, depois colocou o envelope entre a armadura e a vestimenta. Soltou Kip e deu um passo atrás.

— Deixe-nos a sós, capitão Byrne.

— Vossa Majestade, não acho que seja uma boa ideia — respondeu Amon, os olhos cinzentos indo de Kip para a rainha com desconfiança.

— Eu mandei sair! — insistiu Raisa, erguendo a voz. — Estarei perfeitamente segura.

Amon inclinou a cabeça.

— Como desejar, Vossa Majestade — respondeu, a desconfiança se transformando em reprovação. Amon saiu do aposento e fechou a porta.

Quando ele se foi, Raisa pegou o envelope e abriu a aba. Dentro, havia um bilhete escrito a mão e um colar, uma joia familiar de ouro branco e diamantes azuis. Era o favorito de Marianna. E, mais recentemente, de Mellony.

Um fio gelado de medo desceu pela coluna da rainha e se acumulou em suas entranhas. Ela desdobrou o bilhete e passou os olhos pelo papel. A caligrafia curva era familiar e estava manchada de lágrimas.

Raisa, me perdoe. Fiquei com tanta raiva de você e com tanto medo por Micah que fiz uma estupidez. Tentei ir atrás de Micah para avisá-lo, mas fui capturada depois de passar pela muralha. Agora, o capitão Karn diz que vai me torturar até a morte se você não se render. E vai honrar sua palavra, sei que vai. Ele tem olhos de demônio.

Ele diz que é só questão de tempo até que o castelo seja invadido. Se você se render, será feita refém no sul. Vão me casar com alguém da nobreza ardenina e Fells será estado vassalo de Arden. Talvez isso não seja tão ruim.

Se não for assim, vou morrer agora, e você será executada quando o castelo for tomado.

Qualquer que seja sua decisão, vou compreender. Não tenho direito de pedir, mas espero que me perdoe, de coração. Estou com muito medo. Sua irmã, SAR Mellony ana' Marianna.

P.S. Se eu morrer, diga a Micah que o amo. Também amo você e espero que ore por mim.

O coração de Raisa vacilou, depois disparou em uma cadência dolorosa. Ela sabia que era verdade; que, se fosse ao quarto de Mellony, o encontraria vazio.

Uma imagem voltou à sua mente, de Mellony quando criança, ajoelhada no templo ao lado de Marianna, com a cabeça baixa, a luz do sol refletida em seu cabelo. A irmãzinha sempre acreditara que, se seguisse as regras, nada de ruim poderia acontecer.

É assim que deveria ser, pensou Raisa. A fé simples de Mellony era uma coisa frágil e preciosa. Mas ela perdera a mãe e Micah, e agora estava prestes a sofrer uma morte horrível. Raisa não podia, não queria deixar isso acontecer.

Kip pareceu compelido a preencher o silêncio.

— O comandante Karn fez Keith e eu ficarmos vigiando qualquer pessoa que tentasse sair do castelo, porque sabia que reconheceríamos você mesmo que estivesse disfarçada. A princesa Mellony estava vestida de menino, mas não tem uma aparência muito masculina. Eu a reconheci na mesma hora.

— Então você traiu minha irmã para os sulistas? — A voz de Raisa tremeu de dor e raiva.

Kip pareceu reparar tardiamente que a confissão tinha seus riscos.

— Eu não fazia ideia do que ele pretendia. Só queria que isso tudo acabasse. Você já sabe o que vai acontecer, no fim disso tudo. Por que não salvar dezenas de vidas e semanas de... confusão? — Ele ergueu as mãos com as palmas para cima. — Por que não pode ser sensata?

— Sensata? — Raisa sentiu o rosto esquentar quando o sangue se espalhou pelas bochechas. — Sensata? Seria *sensato* mandar cortar sua cabeça como traidor. Seria *sensato* pendurar você na muralha em resposta à proposta de Karn.

Kip ficou pálido.

— Não se precipite, Vossa Majestade. Sei que está com raiva, mas pense no que é melhor para todos.

— Você tem mesmo um dom, Klemath. Cada palavra que diz torna mais provável que eu mande arrancar seus membros um a um.

Kip fechou a boca de forma quase cômica. *Quase.*

— Estou um pouco confusa — disse Raisa. — Karn está com Mellony e espera que eu me renda para ficar com nós duas. O que eu ganho?

Kip olhou para ela como se quisesse se certificar de que Raisa desejava mesmo uma resposta.

— Ele não está pedindo que você entregue o castelo. Só quer você.

A mente de Raisa girou. Por que Karn estaria oferecendo aquele acordo? Por que não pedir a rendição do castelo em troca de Mellony? Por que era tão importante pôr as mãos nela?

Montaigne, pensou Raisa. *Montaigne quer me capturar viva. Ele não esqueceu a humilhação no dia da minha coroação.* Uma rainha martirizada defendendo o reino seria um símbolo de rebelião que perseguiria o rei de Arden por anos. Uma rainha capturada fugindo do palácio, abandonando seus defensores à morte, seria uma história melhor para os propósitos dele. Uma rainha carregada para Arden e torturada até a morte como aviso para os outros seria melhor ainda.

Mellony disse que se casaria com alguém da nobreza ardenina. Talvez Montaigne, por meio de Karn, tivesse feito uma proposta a ela: o trono de Fells e a mão dele em casamento. Uma oferta que Mellony poderia ser ingênua o bastante para aceitar.

Raisa se inclinou na direção de Kip.

— Tudo bem. Os termos da minha rendição são os seguintes: você vai voltar para o comandante Karn com uma mensagem. Vou me render a ele, e só a ele. Não vou me entregar para um grupo de soldados sulistas para que se divirtam à minha custa.

Kip abriu a boca, mas a fechou antes que qualquer palavra saísse.

— Diga a Karn para vir ao portão de trás amanhã à meia-noite com minha irmã. Só os dois. Quando eu tiver certeza de que minha irmã está ilesa, vamos fazer a troca. Mellony volta para o castelo e eu vou com Karn.

Kip umedeceu os lábios de novo.

— Ele não vai trazer a princesa Mellony para tão perto da muralha. Vai ficar com medo de traição. Vossa Majestade terá que se afastar mais para fazer a troca.

— *Ele* tem medo de traição? — Raisa abriu um sorriso, apesar da situação. — Pobre Karn. Que mundo é este?

— Vossa Majestade — chamou Kip depois de um momento de hesitação. — Não tente enganá-lo. É de Karn que estamos falando. Ele tem espiões aqui dentro. Estão sempre de olho. Portanto, faça o que fizer...

— Tudo bem — cortou Raisa. — Vamos fazer a troca no Templo da Feira. Fica no meio da área queimada, ao sul do castelo. É fácil encontrar, é a única construção ainda de pé. Mas Karn tem que tirar as tropas do caminho entre o castelo e o templo. Precisa esvaziar a área toda, entendeu? Vou carregando uma bandeira de trégua e vou levar um guarda.

— Um guarda. — Kip franziu a testa. — O comandante Karn disse para ir sozinha.

— O comandante Karn deve pensar que sou idiota. Ele acha que eu mandaria minha irmã de volta ao castelo sozinha?

— Vossa Majestade não está em posição de barganhar — rebateu Kip.

— Enquanto Karn quiser alguma coisa de mim, terá que fazer uma troca. O castelo não caiu, não ainda. Diga a ele que terá pessoas vigiando. Diga para não tentar *me* enganar, porque eu vou saber. — Ela encarou Kip por um tempo, depois se virou. — Adeus, *lytling* Klemath. Darei ordens para que seja libertado e devolvido a seus aliados sulistas.

— Vossa Majestade!

Ela parou, sem se virar.

— Devo trazer a resposta dele de volta? — perguntou ele.

Raisa balançou a cabeça.

— Não quero mais ver você. Se ele concordar, mande que pendure uma bandeira no alto daquele cadafalso nojento. Se não colocar, nenhuma resposta é necessária.

— Raisa — disse Kip, em um tom mais suave. — Lamento que tudo tenha acontecido assim. Já tive esperanças de que você e eu... de que pudéssemos nos casar.

Raisa não confiava em si mesma para dar uma resposta sensata, então foi até a saída, passando por Amon, que estava praticamente com a orelha na porta.

— Dê passagem livre para Klemath voltar — mandou, sem parar de andar. — Já acabei de conversar com ele.

— Vossa Majestade! — disse Amon. — Raisa! Espere!

Ela continuou andando, subiu a escada, percorreu a sala de serviço, saiu para o pátio, todo o caminho com Amon logo atrás.

— Você não está pensando em rendição — disse Amon às costas dela. — Não me diga que está pensando nisso.

Baixando a cabeça como um touro em posição de ataque, Raisa atravessou o pátio e subiu os degraus para a Torre da Rainha, com Amon seguindo-a como uma sombra de casaco azul, o maxilar projetado, o rosto sério.

Apesar de ter a certeza cega de que Kip estava falando a verdade, ela tinha que confirmar.

Uma guarda desconhecida estava posicionada em frente à porta de Mellony. Ela fez posição de sentido quando viu Raisa se aproximando.

— A princesa Mellony está? — perguntou Raisa, sem cumprimentar a mulher.

— Não, senhora — gaguejou a guarda. — Não vejo Sua Alteza desde que entrei de serviço. Somerset disse que ela não voltou para o quarto desde a noite de ontem.

— Quem deveria estar protegendo minha irmã?

— Bem, hã, Vossa Majestade, não podemos desperdiçar guardas escoltando-a dentro do palácio.

Raisa sabia disso. Claro que sabia. Ela abriu a porta da suíte de Mellony. Os aposentos da irmã eram uma mistura estranha de objetos de infância e um gosto mais adulto. Havia as bonecas de porcelana enfileiradas na penteadeira, dadas pelo pai depois das viagens de trabalho a Tamron. Suas tintas, algumas abertas e já secas. Brindes de algum torneio presos no espelho. E potes de tintas, pós, pincéis e acessórios de cabelo, tudo pronto para uso.

Raisa olhou o quarto. A cama estava feita, os vestidos, ainda pendurados no armário. Ela abriu a caixa de joias na mesa de cabeceira. Vazia.

Pegou a escova de cabelo, puxou alguns fios cintilantes e secou os olhos com as costas da mão.

Ela se virou para a porta e encontrou Amon.

— O que foi, Rai? O que está acontecendo? O que Klemath disse?

Raisa sentia o volume do bilhete dentro do corpete, o peso do colar.

— Karn está com a princesa Mellony. Está disposto a fazer uma troca, ela por mim. Se eu não me render, vai torturá-la até a morte. Se eu for, ele diz que vai me manter como refém no sul.

— Você não acredita nele, acredita? — perguntou Amon. Raisa sentia a pressão dos olhos dele mesmo estando em lados opostos do aposento.

— Que importância tem em que eu acredito? — murmurou Raisal, as lágrimas fazendo os olhos arderem de novo.

Arrogantemente, desafiara o destino, tentara manipular os eventos de acordo com sua vontade. Tentara fazer uma pequena exigência ao mundo, se casar por amor.

Por isso, Han estava morto e Mellony estava em risco.

Seria necessário sacrificar tudo, todas as pessoas que amava, por aquele maldito trono?

Ao que parecia, a resposta era sim.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Uma entrada

— Alister! — Corvo atravessou a sala poeirenta da torre para abraçá-lo assim que Han entrou em Aediion. — Você está bem? Por onde andou? Fiquei preocupado quando você não apareceu.

— Me desculpe — disse Han, emocionado pela recepção entusiasmada de Corvo. — Eu estou bem. É que... tem muita coisa acontecendo.

— Estou louco para saber o que aconteceu entre você e Bayar. Vou querer todos os detalhes.

Aquela história já parecia velha, ficara para trás em vista dos problemas atuais de Han.

— Vou contar tudo, não se preocupe. Mas agora preciso de um conselho.

Enquanto falava, Han se deu conta de que podia ser sua última oportunidade de conversar com Corvo. O plano de romper o cerco já tinha começado a ser posto em prática. O pequeno exército tinha se reunido nas terras altas e estava descendo na direção do Vale. Alguns outros o esperavam no pé de Lady Gris, de onde iniciariam a tentativa de atravessar as linhas ardeninas.

— Pode falar — disse Corvo.

— Em resumo: o exército ardenino cercou o Castelo de Fellsmarch com a rainha Raisa dentro. Um segundo exército de mercenários está esperando fora da cidade.

Corvo o observou, a testa franzida.

— Qual é o seu problema? Você parece desanimado, por algum motivo.

— O que você quer dizer com “por algum motivo”? Eu acabei de *falar...*

— Não, não, não. — Corvo balançou a cabeça. — Por mais desesperadora que fosse a situação, você nunca pareceu desanimado. Aconteceu alguma coisa?

Han não contaria para Corvo sobre o noivado de Raisa e Micah. Ele diria para Han matar Micah, o que já era tentador demais.

— Talvez eu tenha finalmente percebido que não há como vencer. Precisamos entrar no Castelo de Fellsmarch, passando pelo exército. Vamos usar glamoures, claro, mas sei que eles vão ter magos de plantão à nossa espera. Se não provocarmos algum tipo de distração, não espero que muitos de nós sobrevivamos à travessia do Vale. Com nossos números, não podemos perder ninguém.

— Por que você não usa os túneis? — perguntou Corvo. — Ou eles foram bloqueados?

Han balançou a cabeça.

— Os túneis vão nos levar ao Pico Hanalea ou ao pé de Lady Gris, mas precisamos entrar na cidade.

A expressão de Corvo dizia que Han estava sendo burro.

— Não, estou falando dos que passam por baixo do Vale, que vão de Lady Gris até o Castelo de Fellsmarch.

— Há túneis que vão até o castelo de Fellsmarch?

— Bom, claro que sim. Como acha que Hanalea e eu escapamos para Lady Gris para nos casarmos? Pensou que eu tivesse usado magia?

Ele riu com deboche.

— Eu... eu não fazia ideia de como tinham feito — confessou Han.

— Como acha que conseguimos manter nosso relacionamento em segredo por tanto tempo? Há olhos e ouvidos demais em um palácio, muitas línguas dando nos dentes. Os Bayar cuidavam para que eu nunca chegasse perto da rainha. Então, claro, criei meu próprio caminho.

Han lembrou o que Lucius dissera, que Alger Waterlow e Hanalea *ana*’Maria se encontravam no jardim do telhado. Ele supusera que Alger morasse em algum lugar do palácio, na época.

— Onde o túnel sai? Do lado do castelo? — perguntou Han, com uma pontada de esperança.

— No quarto da rainha, claro — disse Corvo, as roupas cintilando ligeiramente. — Pelo menos, era o quarto da rainha, na época. Debaixo do conservatório, como falei. É claro que não dá para saber se ainda existe.

— O quarto da rainha Raisa ainda é debaixo do conservatório — disse Han. — Ela disse que gostava do acesso ao jardim.

Ele nunca a vira chegando e saindo do jardim. Raisa apenas aparecia lá, como se por magia. Isso significava que o túnel ainda existia?

Mas será que estaria ligado ao túnel maior, o que Corvo estava descrevendo? Ou estaria fechado há séculos?

— O túnel ficava escondido? Mais alguém sabia sobre ele? Havia armadilhas mágicas nele também?

— Era bem escondido. Eu contava com isso, em vez de com barreiras mágicas. Hana e eu tínhamos um acordo de que, se tentassem obrigá-la a se casar com Kinley, ela fugiria pelo túnel até minha casa em Lady Gris. Então não dava para ter proteções mágicas no caminho, com as quais ela não poderia lidar.

A mente de Han fervilhou com planos. Se o túnel ainda existisse, Raisa e Mellony poderiam ser retiradas do castelo até Lady Gris antes mesmo de a batalha começar.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Madrugada

Qual é o traje apropriado para uma troca de reféns?, perguntou-se Raisal. Deveria se vestir para viajar? Usar plumagens reais intimidadoras? Vestes do templo, como uma mártir das histórias antigas?

Dependia de quanto tempo esperava viver depois que a troca fosse feita. Se Karn pretendia matá-la no momento em que pusesse as mãos nela ou depois. Se ele realmente levaria Mellony ao encontro.

No fim das contas, colocou uma roupa leve por baixo, vestiu a armadura mágica que Dançarino fizera para ela e a capa Lobo Gris que Willo Canção d'Água bordara para a coroação. Cão estava tão perto que ela quase pisou nele.

Raisal se vestiu para a batalha e levou a adaga e o bastão.

Evitou Magret e os guardas em frente à porta indo pelo túnel até o jardim do telhado. Cão a seguiu até a base da escadaria de metal, depois se sentou ali e ficou ganindo, enquanto ela subia. Ao sair do templo, ela contornou o telhado, olhando para a cidade cercada.

As proximidades do castelo estavam cobertas de uma camada densa de névoa, perfurada apenas pelas construções mais altas,

que pareciam flutuar magicamente acima de nuvens baixas. Acima, nuvens de tempestade pairavam sobre Hanalea, obscurecendo a lua minguante iluminada por relâmpagos. Raisa franziu a testa. Era estranho ver névoa com um tempo tão quente.

Ao sul e a oeste, o Templo da Feira furava a névoa. Era o prédio mais alto entre o castelo e o Templo de Ponte Austral, onde Raisa conhecera o dono da rua Han Alister.

Pelo que conseguia ver, Karn cumprira a promessa de tirar os soldados ardeninos da área entre o palácio e o templo. Mas podia haver um exército escondido sob aquela camada de neblina.

Karn tinha magos. Será que eles haviam conjurado aquela cobertura para ocultar alguma traição?

Virando-se de costas, Raisa desceu a escada para o térreo.

Um trovão soou sobre as Espirituais enquanto ela atravessava o pátio deserto. Talvez o calor opressivo finalmente cedesse, no que poderia ser o último dia de sua vida.

Ela chegou às sombras da muralha externa sem ser abordada e seguiu até o portão dos fundos. Mesmo assim, seus ombros formigaram como se estivesse sendo observada. Era provável que sim, mas... seria por um amigo ou por um inimigo? Ou os dois?

Raisa viu movimento entre as sombras quando seus olhos se ajustaram à escuridão.

— Vossa Majestade.

Era Amon. Os outros murmuraram cumprimentos. Ela os reconheceu pelas vozes, embora todos estivessem com capas. Mick. Talia. Pearlie. Cat. Andarilho da Noite. Até Hallie, desafiando as tentativas de Raisa de dissuadi-la. Hallie era mãe solteira de uma garota de três anos. Raisa tentara convencê-la a não ir no que provavelmente seria uma missão suicida.

— Muitos na guarda têm *lytlings* — respondera Hallie. — Não vou recuar por causa de Asha. Estive com Vossa Majestade até agora. Vou continuar até... até isso acabar.

— Vossa Majestade — disse Amon, fazendo uma tentativa final de mudar os planos. — Andarilho da Noite e Mick deram uma volta. É difícil ver na escuridão, mas parece que Karn tirou os soldados da área, como prometido. Essa pode ser sua melhor chance de sair da cidade. O restante de nós vai para o templo. Talia vai fingir que é você. Acho que vai conseguir enganar, se alguém estiver olhando, pois estamos todos com capas. É provável que nenhum dos ardeninos a tenha visto pessoalmente.

Raisa olhou para Talia, que se encolhia, tentando parecer mais baixa.

Talvez encorajado pela falta de objeção de Raisa, Amon prosseguiu.

— Pode esperar aqui com Andarilho da Noite até termos passado, depois seguirem em direção oposta. — Ele esticou uma trouxinha de roupas na direção dela. — São túnicas do uniforme ardenino. Basta vestir e passar pelas linhas do exército enquanto ainda estiver escuro.

Raisa não se mexeu para pegar a trouxinha.

— E a minha irmã?

— Vai ser como planejamos — disse Amon. — Os arqueiros vão se separar e assumir posições no telhado do templo. Quando tentarem tirar Talia e a princesa de lá, vamos libertá-las e levá-las de volta ao castelo. Quando Vossa Majestade estiver longe e em segurança, é provável que Karn desista do cerco. — Ele não olhou nos olhos dela.

Ou que mate todo mundo atrás das muralhas do castelo, pensou Raisa. Inclusive sua noiva, Annamaya.

— Mick — chamou Raisa, de repente.

— Vossa Majestade — respondeu ele, claramente assustado, inquieto.

— Meses atrás, quando assassinos entraram nos meus aposentos e quase mataram Talia, você disse que se sentia honrado de lutar ao meu lado. Certo?

Mick assentiu, como se reconhecesse uma armadilha.

— Ce-certo.

— Bem, eu me sinto honrada de lutar lado a lado com todos vocês — disse Raisa. — E não colocaria vocês em perigo se não tivesse esperança de resgatar minha irmã. Não vou mandá-los ao perigo e ficar em segurança. Eu vou com vocês.

Ela ergueu a mão para abafar um murmúrio crescente de objeções.

— Rosa Agreste — chamou Andarilho da Noite, segurando seu braço. — Não tome uma decisão precipitada. Ainda não fomos vencidos.

— Não foi uma decisão precipitada, Andarilho da Noite. — Ela tentou se soltar, mas ele não deixou; em vez disso, puxou-a para perto e envolveu sua cintura com o braço musculoso.

Andarilho da Noite olhou para os outros.

— Me escutem — pediu ele. — Devemos levar a rainha para fora da cidade, ela querendo ou não. Quando chegarmos às montanhas, sei que ela vai recuperar o bom senso.

— Andarilho da Noite — disse Amon, com voz inflexível. — Tire as mãos da rainha. Agora.

Andarilho da Noite olhou para o círculo de rostos e aparentemente não encontrou apoio. Ele soltou Raisa e balançou a cabeça, as tranças balançando junto.

— Você realmente vai permitir que ela jogue a vida no lixo, capitão Byrne?

— Ela não encara dessa forma — rebateu Amon. — Você deveria se dirigir diretamente à rainha, se quer fazê-la mudar de ideia. Eu vou fazer o que ela mandar.

Os dois se encararam por um longo momento, então Andarilho da Noite assentiu.

— Muito bem — disse, olhando para Raisa e levando o punho ao peito. — Derramarei até minha última gota de sangue defendendo você dos sulistas, da forma que decidir.

— Obrigada, Andarilho da Noite — respondeu Raisa. E então, virando-se para Amon: — Capitão Byrne. Uma palavrinha, por favor.

Ela segurou o braço dele e puxou-o alguns passos para o lado. Os outros viraram de costas, como se isso pudesse impedir que ouvissem. Ela esticou a mão e puxou a cabeça de Amon para perto, falando ao ouvido dele.

— Tenho um favor a pedir, como sua amiga e rainha.

Ele sabia o que viria a seguir, Raisa leu isso em seus olhos.

— Rai...

— Não pretendo ser levada viva para Arden. Se tudo der errado e eu for capturada, tirarei minha própria vida. — Ela colocou a mão na adaga que trazia na cintura. — Se eu não puder fazer isso, por qualquer motivo, estou pedindo que me ajude.

Amon engoliu em seco.

— Raisa. Não me peça para fazer isso. — A voz dele tremeu levemente. Lágrimas se acumularam nos olhos. — Você sabe que eu faria qualquer coisa por você. Mas não isso.

— Estou pedindo a você porque sei que cumpre suas promessas. É uma responsabilidade terrível, mas você é meu melhor amigo, e sempre exigi muito dos meus amigos.

— Mas... meu juramento é de proteger a linhagem — disse Amon, com voz embargada. — Não sei se eu...

— Se eu cair nas mãos de Arden, não será bom para a linhagem nem para Fells me manter viva — respondeu Raisa, fechando as mãos sobre as dele. — Só posso pedir que faça seu melhor. E vou fazer meu melhor para evitar colocar você nessa situação.

Ela ficou nas pontas dos pés e beijou a bochecha dele.

— Para dar sorte — disse, sorrindo em meio às lágrimas.

Amon a abraçou com força. Depois, soltou-a e deu um passo para trás, os olhos fixos no rosto de Raisa, desesperados, como se estivesse guardando a lembrança para um futuro sem ela.

— É melhor irmos logo — declarou Raisa, alto o suficiente para os outros ouvirem.

Ela parou na escuridão, atrás do enorme portão de madeira, perguntando-se o que havia do outro lado. Repassou mentalmente a série de eventos que a levava até ali. E se perguntou o que poderia ter feito de diferente.

Não. Tomara as melhores decisões possíveis; correria os riscos necessários. E agora estava correndo mais um.

Fez uma oração para o Criador, levantou a barra que travava o portão, abriu-o e saiu, com os outros logo atrás.

Eles andaram pelas ruas úmidas e desertas na direção do templo.

Quando chegaram a Feira dos Trapilhos, a névoa opressiva estava tão densa que Raisa mal conseguia ver a bandeira de trégua tremulando acima. A neblina se transformou em formas lupinas, as rainhas ancestrais fazendo com ela a difícil jornada. *Como tudo vai terminar?*, queria perguntar, mas sabia que não teria uma resposta clara.

Raisa relembrou a primeira vez que andara por Feira dos Trapilhos a caminho de Ponte Austral, com um Amon sombrio e reprovador ao lado, para se encontrar com o orador Jemson e falar sobre o Ministério da Rosa Agreste.

Embora na época não soubesse, estava indo conhecer Han Alister.

Por reflexo, tocou o anel de pedras da lua e pérolas que ele lhe dera. O anel de Hanalea. O símbolo de mais um relacionamento condenado.

As construções desapareceram dos dois lados, e Raisa soube que eles tinham chegado à praça do templo. Um relâmpago iluminou brevemente a escuridão à frente, seguido de um estalo de trovão. A guarda se espalhou para revistar a área enquanto Raisa esperava na beira do pátio, até eles dizerem que ela podia prosseguir.

As primeiras gotas gordas de chuva caíram quando estavam atravessando as pedras até a porta da frente. Não saía luz pelas janelas do templo, que parecia tão deserto quanto a praça.

Raisa chegou para o lado quando Amon foi abrir a porta, que se deslocou sem maiores problemas com um empurrão. Eles fizeram uma pausa na entrada, esperando que os olhos se ajustassem à escuridão. Amon murmurou alguma coisa para Cat e Andarilho da Noite, que desapareceram nas sombras dos dois lados da construção.

A cadência da chuva aumentou até virar um rugido abafado. A luz filtrada pelas janelas molhadas de chuva não era suficiente para iluminar o santuário.

Raisa deu alguns passos hesitantes à frente, ladeada pelos Lobos. Seria possível que Karn a tivesse atraído até ali para nem aparecer?

Então ouviu um grito abafado na frente da igreja, em algum lugar perto do altar. Soou como o nome dela, abafado rapidamente.

— Mellony? — gritou Raisa. — É você?

Logo à frente, uma tocha se acendeu, quase cegando-a. Raisa não conseguiu ver quem a segurava.

— Karn — disse ela, protegendo os olhos com o braço.

— Aproxime-se, Vossa Majestade. Vá para longe da porta.

Raisa só tinha ouvido a voz de Karn uma vez, na fronteira entre Tamron e Arden, mas o sotaque rouco das terras baixas era inconfundível.

— Mostre minha irmã primeiro — exigiu, sem se mover.

— Ela está aqui, como prometido.

Ele chegou para trás e para o lado. Tochas se acenderam no santuário principal, de cada lado do altar, para que Raisa enxergasse o que não tinha visto antes.

Pilares altos sustentavam o altar, quase no centro da igreja. Mellony estava presa a um deles, cercada por pilhas de lenha, os olhos arregalados e apavorados. Raisa sentiu o aroma acre de piche.

Os lábios de Mellony formaram a palavra *Raisa*, mas ela não emitiu som.

Ao lado dela havia um homem alto e magro com vestes de um padre das terras baixas, o sol nascente de Malthus pendurado em uma corrente no pescoço, as chaves do reino balançando na cintura. A tocha na mão dele iluminava a expressão fanática do rosto.

Raisa deu um passo à frente e esticou a mão para a irmã, como se pudesse alcançá-la mesmo com a distância entre as duas. Então fechou os dedos em punho.

— Explique-se, Karn!

— Acha que sou burro para acreditar que você pretendia trocar uma rainha em exercício pela irmã mais nova? — questionou Karn com deboche. — Senti o cheiro de traição desde o começo. Agora, todos vocês! Abaixem as armas e se rendam, senão vou queimar a garota viva.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

Sob o Vale

Micah Bayar não estava tornando mais fácil para Han fazer a coisa certa. Desde que haviam começado a viagem pelos túneis, não parava de questionar tudo. Sem dúvida, estava pensando no pai e na irmã desaparecidos. E se perguntando se Han não queria fazer com que ele desaparecesse também.

— Dois dias atrás, você não fazia ideia de como entrar no Castelo de Fellsmarch — disse Micah. — Hoje, sabe. Onde conseguiu essa informação?

Han resmungou. Não queria falar sobre isso. Preferia dizer o mínimo possível a Micah. Já era bem difícil passar tanto tempo na companhia dele.

— E então? — insistiu Bayar. — Como vamos saber que você não está nos levando para uma armadilha?

— Já falei. Ouvi de uma fonte confiável que o túnel existia. Se não queria fazer nada arriscado, não devia estar aqui.

Isso fez Micah se calar por abençoados dois ou três quilômetros.

Ninguém mais falou muito. Com o peso dos perigos à frente, alertas por causa dos diferentes companheiros de viagem, Shilo e Sabiá caminhavam a passos leves, como os Demonai sempre faziam. Até Mordra parecia acuada.

De acordo com o plano, Han, Mordra e Micah deflagrariam um ataque mágico vindo de dentro da área do castelo. Algo espetacular o bastante para distrair as forças inimigas na cidade para que os Demonai e o povo das terras altas pudessem atravessar o Vale e surpreendê-los. Sabiá e Shilo ofereceriam cobertura.

Primeiro, Han deixaria Raisa e a irmã fora de perigo, para poder se concentrar no trabalho que estavam indo executar. Ele direcionara suas esperanças para uma única coisa: que Raisa sobrevivesse àquele desastre e ficasse no trono de Fells, casada com quem quisesse.

Gryphon queria ir também, mas não tinha como seguir pelos túneis na cadeira de rodas. Então ficara com as forças principais, pronto para usar seu poder para ajudar no ataque. Dançarino também ficara com o exército que se reunia no pé das montanhas. Ele ofereceria cobertura mágica ao ataque e usaria seu conhecimento de armas e magia verde para aumentar as chances de sucesso.

Han e seu grupo seguiram primeiro pela rede um tanto familiar de túneis de Lady Gris na direção de Hanalea. Até que, seguindo instruções de Corvo, Han passou direto pela entrada na montanha. Em um ponto onde vários túneis convergiam, virou para o leste.

Quando chegaram a outra interseção de túneis, Han pegou um mapa que desenhara de memória, depois de voltar de Aediion. Quando percebeu, Micah estava inclinado por cima do ombro dele, tentando espiar.

Han se virou e guardou o mapa no casaco.

— Quem lhe deu essas instruções? — perguntou Micah. — Com quem falou? Você não saiu de Lady Gris nos últimos dias. Não há bibliotecas nem oradores aqui, e os cabeças... — Micah olhou para Sabiá e Shilo. — Os clãs não conhecem esse tipo de história.

— Dá para parar, Micah? — pediu Mordra, exasperada. — Alister deixou claro que não vai contar para você, e o restante de nós está cansado de ouvir isso.

Micah sossegou, mas manteve a mão no amuleto e os olhos em Han. Àquela altura, Han calculava que eles estivessem saindo do terreno mais alto e caminhando sob o Vale. Estimara que seriam vários quilômetros de caminhada, mesmo que os túneis seguissem em linha reta.

— Por aqui — disse, virando em um corredor lateral e quase dando de cara com uma pedra.

— Talvez você devesse verificar as direções com sua fonte de novo — disse Micah secamente. — Vamos esperar aqui.

A decepção cresceu dentro de Han. O que era aquilo? Seria o ponto onde o túnel fora fechado, mil anos antes? Ele esticou as mãos e iluminou a parede com magia. Parecia ser uma parede natural de pedra, não algo construído pelo ser humano.

Ele se aproximou com a intenção de dar um empurrão na parede, mas cambaleou para a frente e quase caiu quando a mão passou direto. Era uma ilusão, embora não houvesse evidência de uso de magia.

Han lembrou-se de que Corvo já esquecera mais sobre magia do que ele viria a saber em toda a vida. Encarou Micah desafiadoramente, empinando o queixo, e seguiu em frente, atravessando a parede. Os outros foram atrás.

Não houve mais barreiras mágicas no caminho. Os túneis daquele lado passavam uma sensação de abandono, como se ninguém pisasse ali havia mil anos. O corredor se estendia adiante, plano e reto, a menor distância entre dois pontos. Que tipo de amor levaria um homem através de quilômetros de pedra sólida?

Extremamente conscientes dos eventos que aconteciam acima da cabeça deles, os viajantes mantiveram um ritmo rápido, comendo e bebendo enquanto andavam. Em certo momento, o chão de pedra se inclinou para cima. Han esperava que isso significasse que estavam perto do destino.

A chegada ao fim do túnel foi abrupta e anticlimática. De repente, não estavam mais andando em pedra sólida, mas em

seixo e alvenaria. Então o túnel acabou de repente em outra aparente parede sólida do castelo.

Han esticou a mão. Como antes, passou direto. Ele fechou os olhos e entrou em um túnel estreito e escuro, com um teto tão baixo que precisou se curvar para conseguir andar.

Por sorte, não demorou a sair em um pequeno cômodo circular. Uma escada de metal subia em um lado e havia um grosso painel de madeira no outro.

Han olhou ao redor. Corvo dissera que o túnel levava ao quarto da rainha, mas obviamente não era lá que estavam.

Micah passou por Han e subiu a escada. Metal raspou em metal, e ele desapareceu por uma abertura circular no alto.

Momentos depois, olhou pela passagem.

— Entramos — disse, sorrindo pela primeira vez. — Aqui é a estufa acima dos aposentos da rainha. Tem uma abertura no piso do templo.

Han lembrou seus encontros com Raisa no jardim do telhado. Foi assim que ela chegara e saíra tão facilmente. Ele se virou para o painel de madeira e empurrou. Deslizou silenciosamente para dentro, e Han atravessou.

Ele cambaleou, emboscado pelo aroma familiar de Raisa, uma combinação de seu perfume favorito, de ar da montanha e pele fresca. Han ficou paralisado, o coração disparado, inspirando a fragrância dela. Tomado pela lembrança de beijos, demorou um momento para se recuperar e seguir em frente.

Saiu em uma floresta de vestidos pendurados em cabides forrados de cetim. Empurrando veludo e seda, quase tropeçou em uma pilha de sapatos e botas. Chutou-os para o lado e andou na direção da luz que passava nas frestas ao redor de uma porta.

Ele a empurrou, mas estava bloqueada por algo grande e pesado. Usando o ombro, Han forçou a abertura, afastando um guarda-roupa grande entulhado de mais vestidos.

A luz repentina deixou claro que finalmente estava no quarto de Raisa. Ali fora onde ela lutara contra assassinos com o bastão. Ali, eles haviam se beijado, se abraçado, discutido e planejado.

Talvez ela tivesse feito o mesmo com Micah. Talvez fosse ali que ele a tivesse pedido em casamento, e ela dissera sim.

Acredite nela, disse Han para si mesmo. *Acredite nela, se for acreditar em alguma coisa*. Mas quantas vezes fora traído pelas pessoas em quem acreditava?

Um movimento leve atraiu sua atenção, e então algo bloqueou sua passagem em um frenesi de alegria canina.

— Cão! — Han quase não conseguiu ficar de pé. — Estou tão feliz em ver você!

Havia lampiões acesos ao lado da cama de Raisa, e ele via pelas janelas altas que ainda era madrugada, não tinha amanhecido. *Que bom*, pensou Han.

— Alister. — A voz de Mordra soou atrás dele.

— É aqui — murmurou Han, acalmando Cão. — Espere e me deixe ver se tem alguém aqui dentro.

O que faria se ficasse cara a cara com Raisa?

Mas quando abriu a porta para a sala de estar, não era Raisa quem estava ali para vê-lo. Era a srta. Magret Gray, com o braço erguido e um lampião apagado na mão.

Eles se encararam por um longo momento.

— Amada Lady das Montanhas! — exclamou Magret. — Me proteja de fantasmas e espíritos do mal.

Ela jogou o lampião em Han.

Han desviou, e o lampião se espatifou na parede atrás dele.

— Srta. Gray! Sou eu, Han Alister — exclamou, enquanto ela procurava outras armas.

Cão olhou de Han para Magret como se não soubesse que lado tomar.

— Sei quem você é, ou pelo menos quem era — resmungou Magret. — Que boa hora para aparecer como sombra, depois de

trair minha senhora e partir o coração dela.

Han segurou as mãos dela para impedir que se armasse novamente.

— Eu não sou um fantasma. O que fez você pensar que...

— Tire as mãos de mim, seu demônio maligno — disse Magret. Ela inspirou e olhou para as mãos dele. — Você *parece* de carne e osso — concedeu. — Mas deve ter passado pelas paredes para entrar aqui.

Han balançou a cabeça.

— Na verdade, tem um túnel que leva a...

— O túnel! — Magret se soltou das mãos de Han com uma expressão profundamente ofendida no rosto. — Você não devia saber sobre isso!

— *Você* sabe sobre o túnel? — perguntou Han, surpreso.

— Foi por ele que Sua Majestade fugiu daquele verme do Bayar, na última v... — Magret estreitou os olhos enquanto espiava por cima do ombro de Han, para o quarto atrás. — Sangue e ossos! O que *ele* está fazendo aqui?

Han se virou e viu Micah e os outros saindo no quarto.

— Onde estão a rainha e a princesa Mellony? — perguntou Han, reencontrando as palavras. — Preciso falar com ela.

Magret balançou a cabeça, distraída pelos acompanhantes de Han.

— A princesa Mellony está desaparecida há dois dias, e agora também não consigo encontrar a rainha. O bastão dela sumiu. Achei que pudesse estar no pátio de treino com o capitão Byrne. Lady Tyburn também sumiu.

— Você acha que elas foram a algum lugar?

Magret passou o dedo pela tatuagem do Lobo Gris que tinha no braço.

— Bem que eu queria saber. — Ela fez uma pausa e acrescentou, esperançosa: — Talvez tenham encontrado um jeito de sair da cidade.

— E Andarilho da Noite? — perguntou Sabiá, franzindo a testa. — Onde está?

— Não tomo conta daquele lá — rebateu Magret. — Mas, agora que estou pensando, não o vi o dia todo. — Ela empertigou os ombros e perguntou: — O que é isso tudo?

— Srta. Gray — disse Han. — Os Demonai se juntaram ao Conselho dos Magos para acabar com o cerco. Estão rodeando a cidade, esperando o sinal.

— Cabeças de fogo e bruxos, juntos? — Magret balançou a cabeça. — Seja lá qual for seu tipo de bruxaria, Alister, é poderosa.

— Vamos ver — disse Han, não querendo provocar o Destruidor com confiança exagerada. — Preciso encontrar a rainha antes de darmos o sinal de ataque, para que ela saiba o que está acontecendo e possamos garantir que fique longe do perigo. — Ele olhou para as janelas e avaliou a hora. — Não podemos esperar muito, senão vai clarear. Quem está encarregado das defesas do castelo?

— A general Dunedain. É provável que você a encontre na torre do portão a essa hora da noite.

Han andou até a janela e olhou para um mar de névoa. Trabalho de Dançarino, para esconder o avanço em Fells. Eles estavam esperando lá fora pelo sinal. O tempo estava passando. Tinham que agir.

Sufocando a preocupação, Han se virou para os outros.

— Vamos acordar os sulistas.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Uma distração espetacular

Han Alister olhou para a cidade onde nascera.

Fogueiras inimigas ardiam na escuridão da madrugada, queimando até virarem brasas. Mesmo de longe, Han sentia o fedor das latrinas sobrecarregadas.

Os ardeninos tinham derrubado algumas das casas perto do castelo para abrir espaço para o acampamento do exército.

O Gavião Vermelho de Arden era exibido em várias casas de sangues azuis fora do castelo. Oficiais sulistas dormiam à vista do palácio.

Os ardeninos tinham montado um cadafalso na área externa, grande o bastante para enforcar duas pessoas de uma vez.

Quem eles enforcariam? Desertores? Espiões? *Seria mais eficiente enfiar uma espada neles*, pensou Han. A não ser que estivessem tentando passar uma mensagem.

O terreno do castelo e a área externa estavam vazios; mais além, a névoa feita por Dançarino pairava perto do chão. Han pensou no amigo, em algum lugar na escuridão da madrugada. Os clãs e seus aliados magos deviam estar se aproximando dos limites da cidade sob a cobertura da névoa.

Tropas ardeninas estavam acampadas em três lados, mas tinham saído da área imediatamente ao sul e a oeste do palácio. Han franziu a testa. Por quê?

As armas de cerco estavam no limite da área externa, prontas para serem levadas aos muros, deixadas perto do cadafalso e do que parecia uma pequena prisão. Candidatos a enforcamento?

Han recuou e entrou na torre do portão.

A general Dunedain tinha acordado todo mundo que não estava de serviço. Não eram muitas pessoas, menos de cem no total, a maioria casacos azuis, além de alguns habitantes das terras altas e alguns criados mais robustos.

— Tudo bem — disse Han, reunindo seu pequeno grupo de lutadores. — Somos só três magos, então queremos provocar a maior distração que pudermos usando o mínimo de *flash*. Queremos passar a impressão de que somos um exército mágico. Chama mágica e feitiços mortais são magicamente dispendiosos, enquanto glamoures são simples.

— Infelizmente, não dá para matar ninguém com glamour — respondeu Micah secamente. — A não ser, claro, que você esteja lutando contra um exército conjurado.

— Podemos usar glamoures para torná-los mais vulneráveis a nossas outras armas — argumentou Han. — Queremos que o máximo de ação aconteça perto dos muros. Não quero lançar chamas nessa região. Os sulistas estão misturados com gente nossa, e mataria inocentes demais. Vamos precisar usar uma abordagem direcionada. Acho que devemos agir assim...

Quinze minutos depois, Han, Sabiá e Shilo saíram pelo portão dos fundos para as ruas. Han estava envolto em glamoures e Sabiá e Shilo em capas Demonai. Eles atacaram as sentinelas ardeninas e se espalharam pela área externa, caminhando entre barracas e soldados adormecidos.

Conforme passavam, Han lançava feitiços em portas e toldos de barracas — coisas que Corvo ensinara a ele em Vau de Oden. Fez

tudo com uma determinação severa, lembrando a si mesmo de que aqueles soldados tinham ido matar Raisa, queimar magos e colocar Gerard Montaigne no trono.

Aquilo exauriu Han mais do que esperava, emocional e fisicamente. Micah poderia ter ajudado, mas ele não queria ensinar aquele tipo de feitiço a um Bayar.

Shilo e Sabiá cortavam metodicamente a garganta de soldados dormindo a céu aberto para fugir do calor opressivo. Não podiam matar todo mundo, mas apagaram uns seis em cada acampamento, inclusive dois magos com coleiras que estavam parcialmente adormecidos depois de semanas trabalhando como sentinela.

Depois de percorrerem quase todo o acampamento, eles seguiram para a prisão e o cadafalso, deixando corpos no caminho.

Onde está o restante dos magos?, perguntou-se Han. Os relatos sobre magos ardeninos foram exagerados? Ou eles não tinham coleiras suficientes para todos os magos?

— Onde está Karn? — murmurou, baixinho, depois de dar duas voltas pelo acampamento à procura dele. Não gostava do fato de o comandante estar desaparecido. O que estaria fazendo?

Na pequena prisão, Shilo e Sabiá se separaram e trabalharam rapidamente nas sentinelas posicionadas para protegê-la. Han usou um feitiço para acalmar os *lytlings* e mantê-los em silêncio enquanto Sabiá e Shilo despertavam os prisioneiros, libertando-os e guiando-os para fora. Eles não fizeram perguntas e não reclamaram de cabeças de fogo aparecendo no meio da noite, apenas sumiram nas ruas, encontrando esconderijos no terreno familiar.

Enquanto isso, Han se aproximou da base do cadafalso. Segurou o amuleto e lançou chamas mágicas na estrutura de madeira, que queimou com um ruído satisfatório.

Esse era o sinal para Mordra e Micah lançarem ataques de chamas nas barracas que circundavam os muros do castelo. O ataque era em parte real, em parte glamour, extremamente

barulhento e brilhante. Seria também o sinal para os que estavam ao redor da cidade se aproximarem.

Os soldados ardeninos despertaram. Ou, ao menos, alguns deles.

Eles saíram das barracas já pegando em armas. Então começaram a gritar quando os feitiços cruéis de Han fizeram efeito. Alguns ficaram cegos. Outros se abriram em pústulas e bolhas. Alguns ficaram loucos, alucinando com monstros.

Eles não tinham talismãs, não tinham acesso a eles, portanto estavam despreparados para um ataque mágico. Os ardeninos provavelmente haviam concluído que não havia magos na cidade de Fellsmarch, pois não tinham visto sinal deles desde a partida de Micah.

Sabiá e Shilo subiram no telhado de uma cabana junto à área exterior ao castelo. Dali, fizeram bom uso dos arcos, acertando soldados ardeninos cambaleando apavorados pelo acampamento. E também os oficiais, que saíam das casas que haviam tomado perto das muralhas. Han não tinha feito nada naquelas portas, pois não queria ferir nenhum inocente que pudesse estar lá dentro.

Ele fez sua parte, usando magia de modo prudente para ajudar na matança, embora àquela altura não tivesse mais muito poder estocado.

Ouvia sons de luta nas ruas das redondezas. As nuvens de tempestade mais baixas eram iluminadas por chamas mágicas. As forças de Fells haviam chegado e estavam lutando contra os mercenários nos limites da cidade. O que sobrou do exército ardenino parecia mais interessado em escapar do que em qualquer outra coisa.

— Caçador Solitário!

Han se virou e viu Dançarino, materializado ao seu lado.

— Vim assim que pude, mas parece que você não precisa de ajuda aqui. A luta está intensa em outras partes da cidade. Conseguiu levar a rainha para um lugar seguro? Viu Cat?

Han balançou a cabeça.

— Não sabemos onde elas estão.

Algo chamou sua atenção e o distraiu. Han os enxergou no lado sul do acampamento: sombras cinzentas com olhos brilhantes. Ao olhar melhor, viu as sombras erguerem os focinhos e começarem a uivar de modo apavorante.

Raisa está em perigo, pensou Han, o coração em disparada.

— Está me ouvindo? — perguntou Dançarino, tocando seu braço.
— O que foi?

— Tenho que encontrar a rainha. Agora. Ela está com problemas.

— Como você sabe? — perguntou Micah, ao lado de Han.

De onde ele veio?, perguntou-se ele.

Sabiá e Shilo também tinham se aproximado para saber as notícias de Dançarino.

Han balançou a cabeça.

— acredite em mim, está bem? Vamos nos separar. Temos que procurar na cidade. Ela deve estar em algum lugar por aqui.

Mesmo enquanto falava, o desespero o consumia. Como poderiam encontrá-la no caos que os rodeava?

— Espere — disse Dançarino, erguendo a mão. — Tem um jeito melhor. — Ele pôs algo na mão de Han, um objeto pequeno e sólido, envolto em camurça. — Você pode encontrá-la, Caçador Solitário. Se ela estiver usando seu anel, claro.

Han o encarou, atônito, mas logo abriu o embrulho. Era um anel largo, para um homem, de ouro branco, com uma pedra da lua. Ele olhou para Dançarino em busca de uma explicação.

— Quando fiz o anel para a coroação de Rosa Agreste, fiz um para você também. Formam um par. Se você colocar este e ela estiver usando o outro, conseguirá encontrá-la.

Han sentiu o peso do anel na palma da mão.

— Está dizendo que são enfeitados?

Dançarino assentiu.

Qual era a chance de Raisa ainda estar usando o anel de Han, agora que estava noiva de Micah Bayar?

Han olhou para Micah, que tinha os olhos fixos no anel, com uma espécie de fascinação doentia. Ele desviou o olhar para Han.

— Aquele anel, o que tem as pedras da lua e as pérolas, foi *você* quem deu?

Han assentiu. Com medo de alimentar esperanças falsas, experimentou o anel para testar o tamanho. Deslizou facilmente sobre o nó do dedo e se acomodou. Ele fechou os olhos.

Imagens surgiram em sua mente, uma cacofonia visual que tornou mais difícil se concentrar em uma coisa só. O interior abobadado de um templo, vagamente familiar, com paredes altas de pedra. Ele viu movimento no centro da nave, figuras encapuzadas ao redor de um pilar de pedra, pegando e carregando coisas. Pareciam meio furtivas, como se estivessem tramando algo ruim.

Que lugar era aquele e por que era familiar? Não era o Templo de Ponte Austral, onde Han estudara quando pequeno. Não era o Templo da Catedral, onde Raisal fora coroada rainha.

Devia ser fora do terreno do castelo. Será que Raisal estava mesmo na cidade, em meio ao exército ardenino? O anel teria caído em mãos inimigas? Ele não queria pensar em como isso poderia ter acontecido.

Han se virou e observou a cidade, torcendo para encontrar uma pista. A névoa de Dançarino tinha finalmente se dissipado. O instinto levou seu olhar para o sul, onde os lobos ainda formavam uma matilha infeliz, uivando para dar seu aviso. Atrás dele, o velho Templo da Feira se erguia sozinho em meio à favela queimada. Uma vida atrás, Han colocara pessoas ali dentro enquanto Feira dos Trapilhos ardia em chamas.

De repente, percebeu: aquele era o templo de suas visões. Só tinha ido lá uma vez; estava fechado desde antes de ele nascer.

Por que Raisal estaria lá?

Han se virou para Dançarino.

— O anel está no Templo da Feira. Vou procurar por ela lá. O restante de vocês, espalhem-se e procurem na cidade, só por garantia. Não podemos supor que a rainha ainda esteja usando o anel que eu dei a ela.

— Ela está usando, Alister — afirmou Micah.

Han se virou para encará-lo.

— Como você sabe?

O rosto de Micah se contorceu em uma expressão dolorida. Por um momento, ele não disse nada. Então respirou fundo, como se soubesse que as palavras custariam caro.

— Se ela estiver viva, sei que está usando. Ela não queria tirar.

Han observou Micah e decidiu acreditar nele.

— Todos vocês, venham comigo — disse ele, ciente do pouco suprimento mágico que tinha. — Talvez eu precise de ajuda.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

De volta às chamas

Lobos uivavam ao redor deles, formas que cintilavam à luz das tochas.

Os olhos de Amon encontraram os de Raisal.

Tomando uma decisão rápida, ela balançou a cabeça. Havia poucas chances de vencerem dessa forma, mas, se eles se rendessem, não havia nenhuma.

Soldados ardeninos inundaram o santuário do Templo da Feira, saindo das capelas laterais. Os Lobos formaram um círculo ao redor de Raisal, as espadas formando um muro cortante.

— Por Hanalea Guerreira! — gritou Raisal.

Acima, vidro se quebrou. Estilhaços voaram neles, estalando no piso de pedra.

Houve o som de arcos. Os dois soldados ardeninos mais próximos de Raisal cambalearam para trás, segurando hastes de flechas cravadas no peito. Eles tropeçaram e desabaram no chão.

Os arcos soaram de novo e mais dois caíram. Os soldados ardeninos voltaram para as capelas, sob proteção do telhado de pedra.

Andarilho da Noite se inclinou da janela alta na lateral da nave e prendeu outra flecha, mirando em Karn. Cat estava do outro lado,

com o arco mirado em Fossnacht.

— Você falou em espadas? — gritou Cat. — Engano meu. Achei que fossem flechas. — A voz dela ficou séria. — Se algum porco das terras baixas mexer um músculo, você está morto.

— Que tranquilizador saber que sempre posso contar com traição quando Arden está envolvida — disse Raisa, limpando sangue da bochecha. — Agora libertem minha irmã, e mais ninguém precisa morrer hoje.

Os olhos dela estavam grudados em Fossnacht. Raisa o viu desviar o olhar, a expressão no rosto dele mudar, e soube na mesma hora o que pretendia fazer. O padre se virou para Mellony com a tocha na mão.

Tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. O arco de Cat soou enquanto Raisa disparava e acertava o bastão em Fossnacht com um ruído satisfatório, derrubando-o no chão. Mas a tocha voou da mão dele e caiu aos pés de Mellony, que soltou um grito, tentando chutar a tocha para longe.

Karn pulou sobre Raisa, as mãos gordas ao redor de seu pescoço enquanto ela se contorcia para pegar a adaga. Magia queimou sua pele, entrando nela e não sendo canalizada, mas atordoante mesmo assim.

Karn era mago?

Amon arrastou Karn de cima dela e grunhiu ao jogá-lo contra a parede mais próxima.

Raisa ouviu mais vidro se quebrando. Mais arcos soaram. *Mais arcos?*

Ela ficou de pé, inspirou com dificuldade e gritou:

— Ajudem minha irmã!

As chamas haviam se espalhado pelo piche e já estavam lambendo ao redor dos tornozelos de Mellony. Amon pegara um galho comprido e estava tentando desesperadamente afastar a madeira em chamas. Mas precisou se virar e usar a espada quando

os soldados ardeninos voltaram, sabendo que os arqueiros acima não poderiam disparar naquela confusão de amigos e inimigos.

Raisa pegou o bastão e atacou ao redor, abrindo caminho até Mellony.

A irmã estava gritando, lutando para se soltar. Raisa bateu nas chamas, mas elas só arderam mais alto, alimentadas pela madeira encharcada de piche. Ela puxou a adaga e cortou desesperadamente as cordas que prendiam a irmã, mas elas eram muito espessas para sua pequena faca.

Raisa percebeu um leve movimento com o canto do olho. Uma pessoa em quem não tinha reparado antes, um jovem com coleira de metal no pescoço. Ele partiu para cima deles, a mão enfiada na gola da camisa. Um mago com as cores ardeninas.

— Cuidado!

Amon deu um pulo e correu para interceptá-lo, mas um enorme soldado ardenino surgiu na frente dele com uma maça. A arma acertou-o, e Amon foi lançado longe.

— Amon! — gritou Raisa quando uma parede de chamas subiu com um chiado, envolvendo a irmã e ela.

Ela percebeu, horrorizada, que Karn e seus comparsas tinham feito uma segunda linha de fogo ao redor do pilar, com a intenção de impedir que qualquer pessoa fugisse ou fosse ajudá-los. E aquela chama era verde. Fogo mágico, quase impossível de apagar.

As chamas explodiam, quase atingindo o teto. Estavam encurralados.

Se Gerard Montaigne não podia torturá-la por prazer, a queimaria viva.

— Lady do Campo de Batalhas, me ajude! — gritou Raisa, acertando o bastão na madeira em chamas, tentando abrir um espaço ao redor dela e de Mellony.

Como se em resposta às orações dela, alguém surgiu no teto da catedral, pulando de um suporte a outro, encontrando apoios onde

eles nem existiam. Ele se pendurou acima de sua cabeça, com flechas voando ao redor, e caiu no chão ao lado de Raisa.

Era Han Alister.

Raisa o encarou, perplexa e sem palavras. Os olhos azuis se destacavam no rosto enegrecido por hematomas e fuligem, o cabelo claro cintilando à luz do fogo. Vestido todo de preto, delineado contra as chamas, ele parecia um demônio surgido dos mortos, negociando almas do outro lado.

— Mas... mas você... você está... morto — sussurrou ela, tocando o anel no dedo como um talismã.

— Você está pegando fogo — disse ele, e puxou-a com força contra si, erguendo-a um pouco, apertando suas costas e encaixando sua cabeça sob o queixo.

Raisa demorou um momento para se dar conta de que ele queria dizer *literalmente* pegando fogo. Sentiu cheiro de lã queimada quando Han apertou a jaqueta fumegante dela contra o peito. Sentia o coração dele batendo freneticamente, mesmo com o metal entre eles.

— Raisa — murmurou ele, a voz falhando. — Me diga que está bem.

Ela sentiu o formigar familiar da magia dele, mais leve e tênue do que o habitual.

— Estou bem — gaguejou ela. — Estou com a armadura de Dançarino.

Ele se afastou e a segurou pelos cotovelos, a expressão mais intensa e faminta que ela já tinha visto.

— Por que é sempre fogo? — perguntou ele a ninguém em particular, com voz rouca e estranha.

Raisa balançou a cabeça, sem palavras, enquanto mil perguntas surgiam em sua mente.

— Solte sua irmã. Vou afastar o fogo.

Soltando-a, ele se virou com a mão no amuleto, balançou o braço em um arco amplo e afastou as chamas que lambiam a

madeira sob os pés deles. Se o fogo pegasse ali, seria o fim dos três.

Raisa chutou violentamente os gravetos empilhados ao redor de Mellony e sibilou quando uma chama queimou sua calça e a pele. A cabeça de Mellony pendeu e ela desabou contra o pilar. Raisa a princípio achou que a irmã tivesse desmaiado, mas os lábios ainda se moviam em oração.

A cada respiração, Raisa parecia inspirar fogo para os pulmões. Ela cortou as cordas enquanto soltava palavrões. As fibras não cediam à lâmina.

As cordas devem estar enfeitiçadas, pensou ela, à beira das lágrimas. Ela olhou para Han, mas ele estava ocupado afastando as chamas.

A capa de Mellony pegou fogo e soltou fumaça, e Raisa apagou a chama desesperadamente.

Mellony abriu os olhos de repente.

— Corte minha garganta e vá — disse ela, a voz vazia e sem esperança. — Corte minha garganta. Não quero morrer queimada.

— Não — disse Raisa. — Vou sair daqui e vou levar você comigo.

Alguém atravessou a parede de fogo, uma figura alta e angulosa envolta em magia protetora. Ele pousou no chão e quase deslizou para as chamas do outro lado.

Micah Bayar se levantou com a graça de sempre e segurou o braço de Raisa.

— Venha — disse ele, puxando-a. — Vou proteger nós dois. Vamos, antes que Alister fique sem *flash*.

Raisa o encarou. *Você é desprezível. Mentiu para mim. Você me disse que Han estava morto.*

Micah olhou para ela de modo arrogante e um pouco desesperado, como se soubesse o que Raisa estava pensando.

— Venha, por favor — implorou ele. — Vou voltar para pegar Mellony quando tirar você daqui.

— Não. — Raisa balançou a cabeça. — Não vou deixar Mellony pegando fogo. As cordas estão enfeitiçadas e não consigo cortá-las. Vá soltá-la.

Os lábios de Micah se apertaram de frustração, mas ele se afastou de Raisa e segurou as cordas que prendiam Mellony ao pilar. Entoou um feitiço atrás de outro. Nada aconteceu.

Xingando, ele fechou as mãos sobre os nós. Finalmente, relutantes, os nós se soltaram e as cordas caíram no chão como cobras.

Mellony desabou para a frente, e Micah a segurou e a pegou no colo.

— Leve-a — disse Raisa.

— Volto logo.

Envolvendo os dois em uma camada de magia, Micah desapareceu nas chamas.

— Mellony está livre. Vamos — disse Raisa, se aproximando de Han.

Ele ainda estava lutando furiosamente contra as chamas, mas parecia esgotado, quase abatido, com gestos cada vez mais desordenados.

— Micah vai voltar para buscar você — disse ele, sem olhar para ela. — Vá com ele. Eu vou depois.

— Vamos agora.

Han não respondeu, e a desconfiança brotou dentro dela.

— Você não tem *flash* suficiente para passar, tem? Não acha que consegue erguer um escudo.

— Eu consigo passar, mas não consigo proteger nós dois — respondeu Han. — Quando eu souber que você está em segurança, prometo que vou também.

Ele normalmente mentia bem. Era uma evidência do cansaço ela conseguir enxergar por trás daquela mentira.

Micah reapareceu, suas proteções mágicas já desmoronando sob o ataque do fogo.

— Vá com Micah — repetiu Han. — Eu vou atrás.

— Não — respondeu Raisa. — Micah, leve Han agora e volte para me buscar.

— Bayar! — chamou Han, a voz tensa. — Faça com que ela vá com você, certo? Já fez isso antes. Não vá ficar de frescura agora.

Micah olhou de Han para Raisa, depois atacou como uma cobra, tomando Raisa nos braços e apertando-a contra si. Ela chutou e lutou, mas sentiu a vibração da magia na pele, imobilizando-a.

Não estou mais usando o anel de Hanalea, percebeu. Micah está usando. E eu estou usando o dele. Ela olhou para a própria mão, depois ergueu o rosto a tempo de ver os olhos de Han seguirem os dela, apertando-se de dor.

Não. Ah, não. Han deve pensar que Micah e eu...

Micah passou a capa por cima de seu rosto e eles mergulharam na parede de fogo. O calor tocou sua pele, o brilho atacou suas pálpebras. Ela prendeu a respiração para evitar inspirar fogo, e então tinham atravessado, e ela estava arfando em ar um pouco mais frio.

Micah avançou para longe da torrente de fogo que envolvia Han Alister. Foi andando pela nave para sair do templo, mas se viu cara a cara com Andarilho da Noite.

— Coloque a rainha no chão, bruxo — disse Andarilho da Noite. — Já esvaziamos o templo, mas todo o exército de Arden está lá fora, e precisamos de você na porta.

Micah pareceu relutante em soltá-la, como se soubesse que seria a última vez que teria Raisa nos braços. Por fim, a contragosto, colocou-a no chão e desfez o feitiço.

Ela se soltou dos braços dele.

— Volte para buscar Han — ordenou ela, com voz baixa e furiosa. — Faça isso. Agora. Não vou deixar que ele morra queimado.

— Ele disse que viria sozinho — disse Micah. — Você escutou.

— Ele não tem *flash* suficiente para passar. Estava lutando contra as chamas mágicas, mantendo a mim e Mellony vivas.

— Bom, eu não tenho *flash* suficiente para voltar e sair de novo e ainda trazer outra pessoa. Alister sabe disso. Foi por isso que me mandou sair com você.

— É mentira — acusou Raisa, a boca com um gosto metálico de desespero. — Você é uma cobra desprezível e mentirosa.

— É verdade — respondeu Micah, esticando as mãos, abrindo os dedos de forma suplicante.

— Eu não vou precisar disto.

Raisa tirou o anel de Micah do dedo e jogou nele. Micah desviou, e o anel caiu no chão e rolou para longe.

— Raisa — sussurrou ele, o rosto branco como papel. — Por favor.

Ela abriu a mão.

— Devolva o meu anel.

Por um momento, ela achou que ele recusaria, mas acabou tirando o anel de lobos do dedo e pôs na mão dela.

— Eu vou. Vou tirá-lo de lá.

Micah se virou e desapareceu no caos.

Cat Tyburn surgiu do nada.

— Onde está Algema? — perguntou ela, olhando ao redor. — Achei que estaria com você.

Raisa balançou a cabeça sem dizer nada, apontando para o inferno na parte da frente da igreja.

Naquele momento, um grito soou entre as pessoas protegendo as portas. Raisa olhou para cima, esperando ver todo o exército ardenino invadindo. Mas o que viu foi... água.

Água?

A onda encontrou passagem por baixo e pelas rachaduras da enorme porta de madeira, bem como pelas pequenas fendas nas paredes de pedra. Avançou pelo piso como uma mancha escura. Raisa ouviu gritos e berros e pedidos de ajuda vindos de fora do templo, misturados com o som de água corrente.

De onde veio e como chegou aqui? Estamos a quarteirões do rio.

— Afastem-se da porta! — gritou Amon, e os defensores se espalharam em todas as direções.

Ele está vivo, pensou Raisa, procurando Amon no meio do emaranhado de gente.

A porta estava sendo empurrada, se curvando para dentro sob o peso da água. Mais ondas entravam pelos parapeitos de pedra das janelas e quebravam no chão. As janelas eram altas, então a água devia ter subido pelas laterais da catedral.

Com um estalo alto, a porta cedeu e explodiu para dentro, soltando uma torrente no santuário, seguindo na direção do altar. Quem estava dentro da catedral procurou algum lugar mais alto.

— Venha — disse Andarilho da Noite, segurando a mão de Raisa. — É melhor a gente subir.

— É água do rio Dyrnne — murmurou Raisa, firmando os pés conforme a água subia até seus joelhos. — O rio Dyrnne está dentro da catedral.

— Hayden! — gritou Cat com prazer, apontando. — Hayden está chamando o rio.

Raisa viu Dançarino de Fogo com água do rio até a cintura, em cima da pia batismal, à esquerda do altar. Seus olhos estavam fechados, e ele segurava o amuleto com as duas mãos e movia os lábios silenciosamente, como um deus da água saído das histórias.

Dançarino de Fogo. De onde ele viera? Chamando o rio? O que isso significava?

A parede de fogo mágico cercando Han Alister sibilou e reclamou, resistindo ao ataque da água. Vapor subiu até o telhado e se reuniu lá.

Raisa avançou, ignorando os avisos de Andarilho da Noite. A água estava na cintura dela agora, rugindo para dentro das criptas, derrubando velas do altar. Acabando com as chamas.

Mas quando Raisa chegou ao pilar onde Mellony fora amarrada, a água ondulava ao redor. A cabeça escura de Micah Bayar surgiu na

superfície. Ele olhou ao redor, espalhando água, e mergulhou de novo.

As chamas estavam apagadas, mas Han Alister não estava em lugar algum. Raisal andou ao redor do pilar em círculos cada vez mais amplos, mergulhando repetidamente, procurando com as mãos. Micah ficava submerso o máximo que conseguia e inspirava profundamente cada vez que subia à superfície.

Tanto Andarilho da Noite quanto Amon surgiram de repente.

— Vossa Majestade — disse Amon. — Raisal. A água está subindo. Você precisa ir para algum lugar mais alto.

— Han está em algum lugar aqui. Não vou embora enquanto não encontrá-lo.

— Han! — Amon franziu a testa. — Mas achei que você tivesse dito que Alister estava...

— Talvez ele já tenha ido embora — interrompeu Andarilho da Noite.

Raisal balançou a cabeça.

— Não. Ele está aqui. Sei que está.

Nesse momento, o pé dela esbarrou em alguma coisa mais macia do que pedra. Um corpo.

— Me ajudem — disse ela, sem fôlego, e mergulhou, pegando punhados de tecido e puxando, se impulsionando com os pés.

O tecido queimado e encharcado se desfez nas mãos dela. Raisal mergulhou de novo e enfiou as mãos sob o corpo. O desespero lhe deu forças e, desta vez, ela arrastou o peso morto para cima, até a superfície.

Amon e Micah seguraram os braços de Han e ajudaram Raisal a erguer a cabeça e os ombros dele acima da água. Os olhos de Han estavam fechados, as pálpebras azuladas no rosto pálido, cheio de hematomas, e o cabelo estava grudado na cabeça como palha.

Raisal inclinou a cabeça de Han para a frente, e água saiu da boca.

— Ele não está respirando — disse ela, em pânico.

Cat e Dançarino puxaram Han para o altar, fora da água. Dançarino abraçou Han pelas costas e apertou sua barriga. Água jorrou da boca do rapaz, e ele tossiu fracamente. Depois, soltou uma série de xingamentos e tentou se soltar.

Raisa tremeu, tonta de alívio. Segurou as mãos de Han e apertou-as com força, como se ele pudesse escapar. O formigar da magia estava leve, mas presente. Ela enfiou a mão de Han sob o casaco dele, para que pudesse tocar o amuleto. Os dedos se fecharam com força ao redor do faz-feitiço, que brilhou em resposta ao toque.

— A água deve estar baixando — disse Dançarino. — Mandei o rio de volta.

Amon assentiu.

— Graças a Dançarino de Fogo, o que restou do exército ardenino está um caos. Boa parte do equipamento de cerco foi levado pela água. Os cães de guerra desapareceram.

Eles ouviram berros e o trovejar de cascos de cavalo, os gritos de guerra inconfundíveis dos Demonai.

— É Averill Pés Ligeiros — disse Dançarino, com um sorriso cansado. — Eles conseguiram passar.

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

Uma revanche

A invasão de Fells por Gerard Montaigne foi uma grande derrota. O exército ardenino pegou a estrada para o sul pelas montanhas, perdendo soldados pelo caminho. Com uma ajudinha de Dançarino, a própria natureza se virou contra eles, atacando-os com neve e chuva, lama e rios transbordando. Se eles dormiam no chão, ficavam com bolhas e alergias. Pedras cediam sob os pés deles, vaus e locais de travessia desapareciam.

A maioria dos mercenários foi com eles, assim como a família Klemath. Prisioneiros sulistas balbuciavam histórias apavorantes sobre o Grão-Mago de cabelo claro, que surgia com frequência no meio do exército das terras altas, disparando feitiços terríveis contra eles, sem ligar para a própria segurança. Às vezes, tudo que Han tinha que fazer era aparecer, e os sulistas davam meia-volta e fugiam.

Alguns o chamavam de Rei Demônio renascido, embora a maioria hesitasse em nomeá-lo. Todo mundo sabia que nomear um demônio podia atraí-lo.

Enquanto isso, Micah, Mordra, Gryphon e Abelard faziam chover seu próprio caos mágico sobre o exército em retirada. Andarilho da

Noite, Sabiá, Shilo e outros Demonai tinham prazer em perturbar os soldados sulistas, atacando-os a seu bel-prazer.

De alguma forma, Marin Karn escapou de todas as forças que o caçavam. Um boato acabou chegando dos espiões no sul, de que ele tinha voltado à Corte de Arden. Até o momento, conseguira evitar a costumeira recompensa ardenina para o fracasso.

Han pretendia ficar por tempo suficiente para garantir que os sulistas tivessem mesmo ido embora e que a permanência de Raisa no trono estivesse garantida. Depois, também iria embora. Só não sabia para onde. Talvez seguisse o exemplo de Sarie e Flinn e velejasse pelo Indio. A desolação de Carthis poderia combinar com a desolação em sua alma.

Então, certo dia voltou para a cabana perto do Passo de Pinhos Marisa e encontrou fogo na grelha e Raisa esperando por ele.

Ela não o viu, a princípio. Estava olhando para as chamas com mau humor, os braços ao redor dos joelhos, em uma postura que era meio de menina de rua e meio de guerreira, com a armadura de Dançarino e botas dos clãs feitas sob medida.

Ele parou à porta, pensando em ir embora, mas então Raisa se virou e o viu, em toda sua glória encardida, exausta e barbuda.

— Aí está você. Está péssimo. Perdeu peso.

— Vossa Majestade — disse Han. — Que surpresa.

Ela ficou de pé e andou até ele, silenciosa como uma Demonai.

— Mandeí chamar várias vezes, mas você não foi.

— Eu... ando ocupado — respondeu Han com voz rouca.

— Foi o que me disseram. — Raisa parou a poucos centímetros e o encarou, as mãos nos quadris. — Como pôde ir embora daquele jeito, sem falar comigo?

Han não queria responder, então fez outra pergunta.

— Você veio mesmo sozinha até aqui?

— Você não quis ir a mim, então eu vim até você — respondeu Raisa com voz baixa e intensa, estreitando os olhos verdes. — Precisamos conversar.

Ela esticou as mãos, segurou a frente da jaqueta dele e o puxou para si. Raisa o beijou lenta e demoradamente, apertando o corpo ao dele.

Han se esforçou para não reagir, mas o corpo cansado o traiu. Ele passou os braços ao redor dela e retribuiu o beijo, dedicado a obter o máximo que pudesse de Raisa. Não importava para onde fugisse, jamais esqueceria, jamais poderia esquecer, aquilo.

Por fim, ela recuou, mas continuou segurando a jaqueta dele, como se Han pudesse tentar fugir.

— Então — disse ele, as palavras arrastadas, a respiração entrecortada. — Já está traindo Micah? A maioria das pessoas ao menos espera a cerimônia no templo. — Ele fez uma pausa, e como ela não disse nada, acrescentou: — Quando é o grande dia? — Uma possibilidade terrível lhe ocorreu. — Você já não está casada...

— Você é um idiota se pensa que eu me casaria com Micah Bayar — disse Raisa, parecendo um pouco sem fôlego também.

— Bem, eu ouvi Micah contando para a mãe que pediu você em casamento e você aceitou. — Ele inclinou a cabeça. — Está dizendo que não é verdade?

— Bom, essa parte é verdade — concedeu Raisa.

— Além do mais, ele estava usando seu anel. E você estava usando o dele.

Raisa soltou a jaqueta dele e levantou a mão a centímetros do nariz de Han. O anel dourado de lobos estava de volta ao indicador dela, ao lado do anel de pérolas e pedras da lua que Dançarino fizera e Han lhe dera na coroação. O anel Bayar não estava lá.

— Me desculpe — disse Han depois de um momento. — Estou meio perdido aqui. Está dizendo que você e Bayar estão brigados?

Raisa suspirou.

— Micah me procurou no Castelo de Fellsmarch quando estávamos encurralados lá. Me disse que você tentou matar o pai dele em Lady Gris e que Bayar tinha matado você.

A mente de Han disparou, mas então cambaleou e retrocedeu.

— Micah falou que eu estava morto? E você acreditou?

Raisa assentiu e piscou para afastar as lágrimas.

— Lembre que na época você era procurado por suspeita de assassinato. Dava para imaginar o Conselho usando isso para tirar você do caminho.

Han lembrou o que Micah dissera ao Conselho dos Magos, que ele estava morto, antes que fizesse sua aparição surpresa. E a reação de Magret Gray quando ele aparecera no quarto de Raisa, chamando-o de espírito do mal.

— Micah também disse que o pai tinha encontrado o Arsenal dos Reis Magos — continuou Raisa. — Me mostrou a Coroa Escarlata como prova.

Ela esperou, e como Han não disse nada, prosseguiu.

— Eu acreditei nele — disse ela, secando os olhos. — Você tinha me dito que o arsenal existia e que estava indo atrás dele. Então pensei que, bem, talvez eles tivessem matado você quando tentou tomar o arsenal deles. Ou que eles tinham tomado o arsenal de você. De qualquer forma, a história de Micah era plausível.

“Ele disse que o arsenal daria a Bayar poder indiscutível sobre o Conselho. Ele teria poder de fogo para tirar o exército de Montaigne de Fells, derrotar os clãs e tirar o trono de mim. Mas se eu aceitasse me casar com ele e coroá-lo rei, eu poderia ficar viva e continuar sendo rainha.”

Raisa cruzou os braços.

— Se eu não podia ter você, não me importava com quem me casaria. Pelo menos daquele jeito, eu me livraria dos sulistas. E, enquanto estivesse viva, encontraria um jeito de me livrar dos Bayar.

Ela ergueu o queixo, e Han soube que os Bayar teriam tido muito com que se preocupar.

Ela é durona, para uma sangue azul, pensara certa vez. Talvez durona o bastante para ficar comigo. Até que descobrira que a garota que conhecia como Rebecca era a princesa-herdeira. Foi

quando pensou, pela primeira vez, que talvez ele não fosse durão o bastante para ficar com ela. Mesmo assim, uma fagulha de esperança nasceu nele.

A voz de Raisa invadiu seus pensamentos.

— E agora eu soube pelo meu pai que *você* tem o arsenal. Ele disse que foi o argumento que usou para persuadir os magos e os clãs a lutarem juntos.

— É verdade — disse Han. Vendo as perguntas surgirem no rosto dela, ele acrescentou: — É uma longa história.

— Eu tenho tempo — disse Raisa, sentando-se com as pernas cruzadas no tapete e batendo no espaço a seu lado. — Já contei minha história, agora conte a sua.

Ele se sentou ao lado dela, os joelhos dos dois se tocando.

— É... Talvez você ache difícil de acreditar.

— Experimente.

Han lembrou o que dissera para Raisa no jardim de Hanalea.

Nunca desejou poder ter um... parceiro? Um amigo? Alguém para quem pudesse dizer qualquer coisa, com quem não precisasse ficar escolhendo palavras como um comerciante na feira? Alguém que queira você por quem é?

Então, ele começou.

— Bem, primeiro de tudo, a maior parte do que você sabe sobre Alger Waterlow e a rainha Hanalea não é verdade.

Demorou mais de uma hora e várias xícaras de chá. Quando terminou, o restante do acampamento estava dormindo e o fogo estava baixo.

— Como você pôde achar que eu escolheria Micah em vez de você? — perguntou Raisa, passando as pontas dos dedos pelos pulsos feridos dele.

— É difícil mudar tudo em que você sempre acreditou sobre sangues azuis. Acho que tinha uma parte de mim que estava só esperando que tudo desse errado, que você percebesse o erro. — Ele deu de ombros, constrangido. — Me desculpe.

Depois disso, houve muitos beijos e nenhuma conversa. Eles acabaram deitados em um canto, Raisal com a cabeça no peito de Han e o braço sobre o corpo dele.

— O que vai acontecer agora? — perguntou Han. — Já que você não vai se casar.

— Ah, eu *vou* me casar — disse Raisal com voz sonolenta. — Você me prometeu que, se eu aceitasse me casar com você, faria com que acontecesse. — Ela esticou a mão que tinha o anel que Han lhe dera e balançou na frente do nariz dele. — Está na hora de cumprir.

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

Bênçãos e maldições

Amon segurou Raisa pelos ombros, estudando os olhos dela.

— Tem certeza, Rai? Tem certeza de que quer isso?

— Tenho. Eu o amo e vamos nos casar.

Amon se virou para examinar com grande interesse as cinzas frias na lareira. Raisa tinha decidido ignorar o protocolo e o procurara nos aposentos dele no quartel, dentro da área do castelo. Deixara a guarda do lado de fora e se encontrara sozinha com o amigo.

— Se você ainda está preocupado com os assassinatos em Feira dos Trapilhos, Han Alister não é o responsável.

— Eu sei — disse ele, dando de ombros em concordância. — Não sei se cheguei a acreditar que fosse. Ele é inteligente demais para matar pessoas e deixar pistas para todo lado. — Ele se virou para ela, o rosto rígido de preocupação. — Mas você precisa anunciar agora? Não dá para esperar até as coisas ficarem mais estáveis?

Raisa balançou a cabeça.

— Acho que pode haver vantagem em agir enquanto a situação ainda está confusa, antes de todo mundo voltar aos padrões antigos.

Ela realmente acreditava nisso ou só estava tentando se convencer?

— O que seu pai diz? — perguntou Amon.

— Ele ainda não sabe. Parto para o Campo Pinhos Marisa esta tarde. Sei que os Demonai em particular vão ficar furiosos comigo, mas não tem nada que eu possa fazer além de me preparar para isso.

— Pode colocar sua vida em risco — disse Amon, sem rodeios.

— E já não está? — Raisa revirou os olhos. Mas, ao ver o sofrimento no rosto dele, atravessou a sala e segurou suas mãos. — Talvez as coisas melhorem, se não estivermos todos envolvidos nessa dança marital implacável. Quem sabe?

Seus olhos se encontraram; olhos de duas pessoas que já haviam feito parte da dança. Agora, noivos de outras pessoas.

— Você mesmo vai se casar em breve — disse Raisa delicadamente. — Na próxima primavera, certo?

Amon assentiu.

— Supondo que os ardeninos fiquem no sul e não estejamos em guerra. — Ele engoliu em seco. — Ainda não escolhemos a data.

Raisa sorriu para ele.

— Eu nunca esperei ser a primeira de nós a casar.

— Nem eu — respondeu Amon, conseguindo sorrir. Ele respirou fundo. — Desejo todas as bênçãos ao seu casamento, Rai. E bênçãos aos seus filhos também.

— Compartilhe nossa lareira e tudo que temos — disse Willo Canção d'Água.

Embora a maioria das lareiras em Pinhos Marisa tivesse sido quebrada e destruída pelo exército de Arden, o povo de Willo tinha voltado para o lar ancestral e estava começando a reconstruir.

Willo abraçou Han, Dançarino e Sabiá e levou o punho ao peito para saudar Raisa.

— Bem-vindos à nossa lareira, Caçador Solitário, Dançarino de Fogo, Sabiá Noturna e Rosa Agreste. Compartilhem tudo que temos.

— Bem-vinda, neta — disse Elena *Cennestre*, envolvendo Raisa nos braços. — Apesar de os problemas não terem terminado, temos muito a comemorar.

Han foi para a frente da lareira e aproximou as mãos para afastar o frio matinal. O outono havia chegado nas terras altas. Ele estava com trajes dos clãs, uma calça de couro de cervo e o casaco que Willo fizera para ele, com o amuleto escondido. O faz-feitiço não o ajudaria a conquistar amigos ali. Ele ficou de olho nos Demonai. Sua última interação com Averill e Elena fora carregada, para dizer o mínimo.

Por um longo momento, Raisa descansou a cabeça no ombro da avó, como se temesse ser a última vez. Em seguida, se afastou e se virou para Averill.

Ele também a abraçou.

— Rosa Agreste. É bom ver você em segurança. Vivemos momentos difíceis.

Com o cabelo trançado e decorado com contas, o talismã Demonai no pescoço e o corpo vigoroso vestido para a guerra, Averill Demonai parecia em forma e feliz.

Eles vibram com isso, pensou Han. Estão lutando há tanto tempo que está no sangue e nos músculos deles. Será que algum dia conseguiriam parar?

— Andarilho da Noite está aqui? — perguntou Raisa.

Averill sorriu.

— Está ansiosa para vê-lo, é? Esperamos que chegue a qualquer momento. Enviamos um aviso ao Passo, onde os Demonai estão encorajando os habitantes das terras baixas a continuarem rumo ao sul.

Averill finalmente notou a presença dos outros e acenou para Han, Dançarino e Sabiá.

— Caçador Solitário, Dançarino de Fogo, Sabiá Noturna. Vocês fizeram um bom trabalho expulsando os sulistas.

Mas o olhar que ele dirigiu a Han estava sério e cauteloso.

Não fiz por você, pensou Han. Ele atravessou a sala até Raisa, passou o braço ao redor dela e a puxou para perto. Sabiá e Dançarino se posicionaram um de cada lado deles. Era um desafio de dono da rua.

Elena estreitou os olhos e apertou os lábios, sinalizando reprovação.

— Avó, pai, temos uma coisa para contar — disse Raisa.

Lobos se moveram nas sombras, fora do círculo de luz da lareira, feras com olhos e dentes brilhando.

Averill Pés Ligeiros levantou as mãos, como se quisesse impedir as palavras dela.

— Rosa Agreste. Não.

— Caçador Solitário e eu pretendemos nos casar. Esperamos ter sua bênção, mas vou prosseguir com ou sem ela.

Elena lançou um olhar acusador para Han.

— Neta, isso não pode acontecer. Você sabe que é impossível. A Naéming proíbe.

— Algumas semanas atrás, você teria dito que era impossível magos e clãs lutarem lado a lado — argumentou Han. — Mas aconteceu.

Elena ergueu um dedo para Han.

— Admita. Você a enfeitiçou, não foi?

Raisa levantou a mão, mostrando o anel de Hanalea no dedo indicador, com o anel de Han ao lado.

— Ainda estou usando o talismã de Hanalea, o anel que você me deu. Estou tomando essa decisão por livre e espontânea vontade.

— Você não tem liberdade para tomar essa decisão! — explodiu Averill. — Bem quando estamos à beira da vitória, você quer jogar tudo fora se casando com esse... esse... — A expressão dele

indicava todo tipo de conclusão possível. — ... esse aí, que carrega o sangue do Rei Demônio.

— Assim como eu — disse Raisa secamente. — Assim como minha mãe carregava. E você ignorou isso quando foi do seu interesse, pai.

Averill virou olhos furiosos para Han.

— Sem dúvida você acredita ser o herdeiro de Waterlow, digno de restabelecer a linhagem de reis magos. Já tem a Coroa Escarlata.

— Eu não quero ser rei. Quanto à coroa, pode derreter para fazer amuletos, no que me diz respeito. Eu quero sua filha, só isso.

— Já é demais — resmungou Averill.

Ele respirou fundo e lutou para recuperar sua expressão de comerciante. Abriu a boca para prosseguir, mas Elena falou primeiro.

— Tenho uma troca para oferecer, bruxo. Saia de Fells, vá para onde quiser e não volte nunca mais. Faça isso e permitiremos que você viva.

Averill observou Raisa, franzindo a testa, como se tentasse avaliar quanto tempo demoraria para ela superar a morte de Han.

Han sentiu Dançarino e Sabiá se movendo, ao lado. Dançarino enfiou a mão na túnica.

— Eu não vou a lugar algum — disse Han, com voz baixa e mortal. — Pense duas vezes antes de me enfrentar.

— Se acontecer alguma coisa com Han Alister, nunca vai haver paz entre nós — afirmou Raisa. — Nós, rainhas Lobo Gris, temos uma excelente memória.

Averill e Elena se entreolharam, alguma mensagem secreta sendo transmitida entre os dois. Elena assentiu.

Han não gostou.

— Muito bem, filha — disse Averill com um suspiro. — Se é isso que você realmente quer, parece que não temos escolha. Mas imploro que reconsidere antes de dar esse passo.

Foi fácil demais, pensou Han, franzindo a testa.

Dançarino os interrompeu.

— Pés Ligeiros. Elena *Cennestre*. Espero que não estejam pensando em usar isto contra Caçador Solitário.

Ele puxou o amuleto de Caçador Solitário de dentro da túnica.

Bem poderia ter puxado uma cobra, considerando as reações de Elena e Averill. Eles pareceram surpresos, como se alguém tivesse acabado de roubar o que tinham nos bolsos.

— O que você está fazendo com isso? — perguntou Elena. Ela inclinou a cabeça para Han. — Isso era para ele.

— Pode ser — respondeu Dançarino. — Mas está comigo agora.

— Dançarino de Fogo — chamou Willo. — Qual é a questão com o amuleto?

— Eu sabia que havia alguma coisa estranha nisto desde que veio parar nas minhas mãos. — Dançarino bateu com a ponta do dedo no amuleto. — Tinha alguma coisa escondida dentro que eu não conseguia tocar.

— Dançarino de Fogo! — disse Averill intensamente. — Não faça isso. É assunto dos clãs.

Ele deu um passo na direção de Dançarino, mas Han se pôs entre os dois.

— Eu quero ouvir o que ele tem a dizer — disse Han, uma das mãos no amuleto escondido sob o casaco e a outra esticada para o patriarca.

— Eu também, pai.

Raisa assentiu para Dançarino continuar.

— Só quando li os livros de Firesmith foi que percebi — prosseguiu Dançarino. — E aí soube que sua barganha com Caçador Solitário tinha sido uma fraude.

— Não dê ouvidos a ele, Rosa Agreste — pediu Elena. — Lembre-se de quem é seu pai.

— Durante as guerras mágicas, os Demonai às vezes deixavam amuletos onde magos pudessem encontrá-los — contou Dançarino.

— Ou permitiam que fossem roubados dos campos. Os magos não percebiam que eram amuletos especiais. Se um mago usasse magia contra qualquer pessoa usando um talismã Demonai, o amuleto mataria o mago que lançou o feitiço.

— Pelos ossos sangrentos de Hanalea — sussurrou Raisa. — Você está dizendo que... que...

— Imagine uma batalha entre magos e os Demonai — disse Dançarino. — Com magos caindo mortos às dezenas assim que lançassem um ataque.

— Os bruxos mataram milhares quando invadiram os Sete Reinos — rebateu Elena. — Foi legítima defesa.

— Pai? — disse Raisa, dando um passo na direção deles. — Vó? É verdade?

Mãe e filho ficaram em silêncio, encarando-a com expressões de comerciantes.

Han lançou um olhar para Sabiá, que estava encostada na parede, balançando a cabeça e com os lábios bem apertados.

O rosto de Raisa estava pálido e duro e a voz, inflexível.

— Eu me lembro de você ter dito, pai, que tinha tomado cuidado para que Han não traísse você, mas não quis me dizer o que tinha feito. Era *isso*?

Elena revirou os olhos.

— Alister sabia desde o começo qual seria o preço da traição. Deixamos bem claro.

— Estou achando que eram *vocês* que planejavam trair Han — rebateu Dançarino. — Quando os Bayar fossem derrotados, vocês não iam querer um descendente de Alger Waterlow solto em Fells. Assim, colocaram a solução no amuleto que deram para ele. Quando Caçador Solitário tivesse cumprido sua função, vocês o matariam. Se ele se defendesse, morreria.

— Você não tem como provar isso — disse Elena.

— Não precisamos provar — rebateu Han. — Não pelas regras da rua, que parece ser o que estão usando aqui.

Ao ouvir isso, Sabiá se empertigou.

— Caçador Solitário. Rosa Agreste. Eu apoiarei o casamento de vocês como puder.

Ela saiu da cabana com as costas rígidas de reprovação.

Han a viu deixar o cômodo e se virou para Dançarino.

— Há quanto tempo você sabe disso?

Dançarino balançou a mão.

— Não muito. Só descobri quando voltei e tive tempo de ler um pouco.

— Mesmo assim. — Han balançou a cabeça. — Você *sabia* e anda carregando o amuleto mesmo assim? Devia ter destruído. Poderia ter feito um novo.

— Por que eu faria isso? — Os olhos azuis de Dançarino brilharam. — Elena Demonai é a melhor artesã de talismãs que existe. Isto é um belo trabalho. — Ele passou as pontas dos dedos pela pedra. — Claro que *foi* necessário que eu fizesse algumas *modificações*.

— Está dizendo que não funciona mais como deveria? — perguntou Elena.

— Estou dizendo que agora *funciona* como deveria — respondeu Dançarino com um leve sorriso.

— Pai, vó, isso é desprezível — murmurou Raisa, as bochechas vermelhas de raiva. — Estou muito decepcionada com vocês.

— Rosa Agreste — chamou Averill, com voz suplicante. Ele esticou as mãos para ela. — Só queríamos proteger você. Conhecemos magos há mais tempo do que você. Sabemos do que eles são capazes. — Ele inclinou a cabeça para Han. — Esse aí é mais perigoso do que você imagina.

— Já chega — interrompeu Raisa com amargura. — Estamos presos pela história e repetimos os erros do passado. Se eu cometer erros, vão ser erros meus.

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

Caos e uma reviravolta

Raisa e seu grupo recusaram o convite de ficar em Pinhos Marisa até Andarilho da Noite voltar. A atmosfera fora envenenada pelas revelações da traição Demonai e pela oposição de Averill e Elena ao casamento. Raisa tinha medo de que eles tentassem tirar a vida de Han mais uma vez. A morte dele era um argumento ao qual ela não poderia se opor.

De volta a Fellsmarch, eles seguiram com planos de um pequeno casamento, adequado a um país em guerra. Nada como a extravagância que os pais dela haviam feito.

Han queria que Dançarino anunciasse o casamento no Conselho dos Magos, como representante da rainha.

Raisa foi contra.

— Quando confrontei os Demonai, você foi comigo. Você e Dançarino não deviam ter que encarar o Conselho sozinhos.

— Você já fez o trabalho difícil — disse Han. — A maioria nos apoia. Se você aparecer no Conselho, vai parecer que está pedindo permissão, e não é o caso.

— Está me ensinando política, Alister? — Raisa bateu o pé.

No final, ela aceitou que Han e Dançarino fossem sozinhos, com apoio de Gryphon e Mordra.

— Vamos por Feira dos Trapilhos — sugeriu Han. — Dançarino e eu ainda mantemos nossos cavalos lá, e assim posso trocar umas palavras com meus espões. Preciso falar com Jemson também. Sobre um casamento. — Han sorriu e ergueu o rosto dela para um beijo. — Depois eu conto como foi.

Quando ele saiu, pareceu levar a luz do dia junto.

Não posso protegê-lo o tempo todo, pensou Raisa. Assim como ele não pode me proteger.

Não que Raisa não tivesse muito o que fazer. Encarou uma montanha de papéis e pedidos de suprimentos do novo contramestre e acordos de comércio com Carthis e outros países do outro lado do mar, pois o comércio com o sul se tornara difícil em função da guerra.

Até que soou uma batida na porta.

— Vossa Majestade, é Mick.

— Entre — disse Raisa, apoiando a caneta na mesa.

Cat estava na metade do caminho até a porta quando Mick entrou, balançando um envelope.

— Isto acabou de chegar da Casa da Guarda. Uma mensagem de Lorde Alister. Disseram que é urgente.

Já? É cedo demais para haver resposta do Conselho, pensou Raisa. Ela ficou de pé e esticou a mão.

Mick entregou o envelope. Estava selado com o símbolo de dono da rua de Han, uma linha vertical com um relâmpago cruzando-a. O cajado e o poder.

— Espere lá fora, caso precisemos mandar resposta.

Mick fez uma reverência e saiu.

O bilhete estava escrito com a letra grande e espalhada de Han.

Raisa, estou no armazém. Tenho informações sobre os assassinatos de magos. Entendemos tudo errado. Venha agora mesmo. Traga Cat, não faça alarde e tome cuidado. H. Alister.

— O que é? — Cat estava tentando ler de cabeça para baixo. — Dançarino está com ele? Está bem?

Raisa balançou a cabeça e olhou novamente para a mensagem.

— Não sei. Não diz. Ele está em Feira dos Trapilhos, no armazém. — Ela olhou para Cat. — Mas que armazém?

— Sei onde é — disse Cat, com voz baixa e tensa. — Dançarino tem uma ferraria lá. Fica no Beco da Roubalheira, onde era a antiga casa de Han. É onde ele se encontra com os espiões.

O Beco da Roubalheira. Na noite em que Feira dos Trapilhos incendiara, Micah Bayar lhe mostrara um armazém que descrevera como quartel-general de Han, um dos poucos prédios poupados em todo o bairro.

— Tudo bem. Vamos.

Ela colocou a capa e pegou o bastão, depois abriu a porta e quase acertou Mick.

— Mick, procure o capitão Byrne. Dê este bilhete a ele. Não dê para mais ninguém além dele. Diga que fui me encontrar com Lorde Alister.

Mick esfregou o queixo.

— Vossa Majestade, por que não espera aqui e vê se o capitão Byrne quer...?

— Não se preocupe. Minha guarda-costas vai comigo. Venha, Cat.

Ignorando os protestos murmurados de Mick, Raisa avançou pelo corredor.

Durante todo o caminho até o Templo do Mercado, Raisa tentou imaginar os possíveis significados da mensagem de Han. *Entendemos tudo errado.*

Cat seguiu na frente e foi abrindo caminho entre as pessoas que voltavam para casa, para suas lareiras e seus jantares.

Quando chegaram à praça do templo, Cat guiou Raisa para leste, por um labirinto de ruas estreitas e vielas. As habitações ainda não tinham sido reconstruídas nem reocupadas, e as ruas estavam praticamente desertas, exceto por aqueles que preferiam o escuro.

Estes davam vida à penumbra. Mais de uma vez, Cat espantou espiões e ladrões.

À frente, Raisa via o armazém de dois andares, despontando acima das ruínas ao redor. Quando se aproximaram, não conseguiu ver sinal de atividade nas redondezas. Acima da porta, havia o desenho do cajado e do poder.

Impulsivamente, Cat pegou a mão de Raisa e a apertou.

Lobos se amontoavam em frente à porta, ganindo e mordendo o ar. As vozes gritavam na cabeça dela: *Cuidado, Raisa ana'Marianna.*

Eu sei, Raisa grunhiu para si mesma. *Estamos em perigo ou alguma coisa ruim está para acontecer ou alguma coisa está prestes a mudar. Essa é minha vida. Saiam do caminho.*

Ela e Cat seguraram as maçanetas e abriram a porta dupla.

Raisa estreitou os olhos para a escuridão. A única luz entrava por janelas estreitas cobertas de fuligem. Quando seus olhos se ajustaram, ela divisou as formas de móveis e equipamentos, como feras agachadas, prontas para atacar.

— Han! — gritou Raisa, a voz ecoando no espaço amplo. — Dançarino!

Nenhuma resposta.

— Han — repetiu Raisa, e esperou. Nada. — Onde ele pode estar? — Ela olhou para Cat. — Não poderíamos ter chegado mais cedo.

— Não sabemos quanto tempo o bilhete demorou para chegar — respondeu Cat. — Tem um segundo andar. Han gosta de entrar pelo telhado.

— Tudo bem. Você procura aqui e eu olho lá em cima. Grite se os encontrar.

Raisa subiu a escadaria larga, tropeçando ao atravessar o patamar rachado. O segundo andar não ocupava toda a área e consistia de tábuas largas sobre as vigas, ligadas por passarelas. Ela se obrigou a seguir devagar. Não ajudaria Han em nada se ela escorregasse e quebrasse o pescoço.

— Han?

Abaixo, ela ouviu um grito abafado e um baque, como o de um corpo batendo no chão.

Sua nuca ficou arrepiada.

— Cat — chamou ela. Não houve resposta. — Han!

Nada. Mas ela ouviu uma tábua estalar ao pé da escada. Alguém estava subindo. E ela tinha a sensação de que não era alguém que quisesse ver.

Raisa seguiu a passos leves pela passarela, até o outro lado do prédio. A pessoa que a estava perseguindo sabia que ela estava ali em cima. Teria que se esconder por tempo suficiente para Amon chegar ou encontrar um jeito de sair pelo telhado.

A passarela tremeu sob seus pés. Ele estava chegando. Era melhor escapar.

Raisa entrou em um aposento lateral, cheio de caixas e cestos. Uma luz pálida entrava no cômodo pelo alto. *Deve haver uma janela lá em cima*, pensou ela. Esperava que fosse grande o bastante para passar.

Foi até o canto, apoiou o bastão na parede e começou a subir, encontrando apoios para as mãos onde o reboco tinha rachado e pedaços haviam caído e impulsionando os pés nas pilhas instáveis de caixas. Mas, quando chegou à janela, seu coração despencou. Tinha grades; claro que tinha, considerando a localização.

Ela olhou novamente para a porta. Uma silhueta alta ocupava a passagem, e Raisa ficou paralisada, os pés apoiados na parede de pedra, as costas na pilha de caixas, prendendo a respiração. De repente, aconteceu. Um pedaço de reboco, desalojado pelo pé dela, se soltou e bateu no chão com um estalo.

— Rosa Agreste, é você? — Uma voz familiar, com sotaque das terras altas.

Ela soltou o ar com alívio. Era Andarilho da Noite. Mas... o que ele estava fazendo ali? Por que não respondera quando ela chamara? E onde estava Cat?

Tinha alguma coisa errada. Todos os instintos de Raisa gritavam que estava em perigo. E, se os instintos não fossem o bastante, lobos circulavam no piso abaixo. A mente dela trabalhou furiosamente. Andarilho da Noite sabia que ela estava ali, não havia chance de não ter notado sua presença. E seria fácil para ele arrastá-la de seu posto no alto da parede. Bem... talvez não tão fácil.

Ela tomou uma decisão rápida.

— Andarilho da Noite! Graças à Lady! Eu não sabia que era você.

Ela o viu logo abaixo, olhando para cima, com o rosto obscurecido pelas sombras.

— Desça antes que você caia.

— Acho que estou presa. Com medo de me mexer. Amon e os outros estão a caminho. Você pode ir encontrá-los e pedir que tragam uma corda?

Ela viu o brilho dos dentes dele na escuridão, como se achasse a situação divertida.

— É só soltar — respondeu Andarilho, esticando os braços. — Não se preocupe. Eu pego você.

— Onde está Cat? Você não a viu?

— Sua criada de pele negra? — Ele hesitou por um momento. — Sim. Eu vi.

O estômago de Raisa se contraiu. Cat! Não era possível que ele...

— Ela não vai nos incomodar — disse Andarilho da Noite. — Se acordar, não vai ser em breve. Temos todo o tempo de que precisamos.

E Raisa soube, com certeza arrasadora, o que ele pretendia fazer. De alguma forma, conseguiu manter a voz firme.

— Então você soube que pretendo me casar com Caçador Solitário.

— Sim, eu soube. Por Lorde Averill.

Ela limpou a garganta.

— Eu esperava que você estivesse em Pinhos Marisa. Queria falar com você pessoalmente.

— Mas não me esperou. Cheguei um dia depois de você partir.

— Vamos conversar agora — sugeriu Raisa, tentando ganhar tempo. Assim que Mick encontrasse Amon, ele estaria a caminho.

— Desça e vamos conversar.

— Como você me encontrou? — perguntou Raisa, sem fazer menção de descer. — Eu não sabia que você conhecia Feira dos Trapilhos tão bem.

— Passei bastante tempo em Feira dos Trapilhos desde que cheguei à cidade — respondeu Andarilho, a voz tomada de desprezo. — Agora já me sinto em casa.

O trabalho dele era permanecer no palácio. Por que passaria tempo em Feira dos Trapilhos?

A mente de Raisa estava disparada. Andarilho da Noite a atraía até ali com um bilhete, com o selo de Han. O cajado e o poder. O símbolo que fora pintado nos corpos dos magos mortos.

O coração de Raisa deu um salto e disparou.

— Sangue e ossos! Foi você quem matou os magos!

— Eu odeio a cidade, mas é um bom lugar para caçar bruxos.

Ela devia ter percebido. E, conhecendo Andarilho da Noite, sabia que ele ia querer falar sobre o assunto.

— Como você conseguiu? — perguntou ela, tentando ganhar tempo. — Ninguém nunca viu você. Todo mundo desconfiou de Caçador Solitário.

— Como eu pretendia. Averill e Elena nunca deviam ter feito aquele acordo com ele. Então matei magos e coloquei a marca dele nos corpos. Até peguei o talismã de sorveira debaixo da cama dele em Pinhos Marisa e deixei na cena de um dos assassinatos. E, mesmo assim, ele continua livre — disse Andarilho da Noite com amargura. — Sabendo o que sei agora, imagino que você tenha se metido.

Faça com que ele continue falando, pensou Raisa.

— Como você soube qual era a marca da gangue dele? Eu não reconheci, no começo.

— Sabiá ouviu Caçador Solitário falando a respeito, na Cabana dos Visitantes. Ela me contou.

Isso foi como um soco no estômago de Raisa.

— *Sabiá Noturna* está envolvida?

Sabiá Noturna, que ela pensava ser da nova geração, alguém que poderia aprender a conviver com os antigos inimigos.

Andarilho da Noite riu baixinho.

— Ela é Demonai e minha parceira de cama. Faz o que eu mando, claro.

Sabiá Noturna. Raisa estremeceu. Mais uma decepção em uma vida cheia delas, e que agora poderia estar chegando ao fim.

— Se você me matar, Mellony sobe ao trono. É isso que você quer?

Andarilho da Noite descartou a menção a Mellony com um gesto casual.

— Sua irmã pálida não vai viver muito mais que você.

Raisa tinha mais uma carta para jogar. Não achava que pudesse vencer a rodada, mas queria ver qual seria a reação de Andarilho.

— Han e Dançarino não vão se deixar enganar. *Você* também não vai viver muito mais do que eu.

Andarilho da Noite riu.

— Você é mais lenta do que eu pensava. Caçador Solitário escreveu o bilhete chamando você para esta armadilha, não foi? Ele vai cortar sua garganta e pintar a marca dele no corpo com seu sangue. E, desta vez, você não vai estar aqui para salvá-lo.

Funcionaria? Talvez. Han tinha inimigos que ficariam felizes de lhe atribuir o assassinato dela. E Andarilho da Noite saíra impune de todos os assassinatos até o momento.

— Você devia ter aceitado meu pedido de casamento. Nós teríamos estabelecido uma dinastia de realeza dos clãs que substituiria os usurpadores que governam há milhares de anos.

Poderíamos ter expulsado os magos das casas nas montanhas. Agora, vou ter que fazer isso sozinho.

Raisa não respondeu, de tão perplexa que estava.

— Eu tinha tantas esperanças em você — continuou Andarilho da Noite. — Você tem o sangue de Averill e andava pelos campos das terras altas como uma verdadeira princesa dos clãs.

“Então tudo desmoronou. Sua mãe foi uma tola, seduzida pelas palavras melosas de Lorde Bayar. O Grão-Mago pôs chifres no seu pai enquanto planejava restabelecer o governo bruxo. Desonrou Lorde Averill, um Demonai. Isso não podia ser tolerado.”

Raisa respirou fundo. O que ele estava dizendo?

Andarilho da Noite continuou, como se compelido a se explicar.

— Com Marianna fora do caminho, eu esperava que você fosse a rainha das terras altas que desejávamos, a primeira rainha dos clãs desde a Invasão. Eu errei. Você era dos clãs só na superfície, mas das terras baixas por dentro.

Ele cuspiu as palavras *terras baixas* como um xingamento.

— *Você* matou minha mãe — disse Raisa, apoiando a cabeça na parede de pedras. Sentia-se vazia, esquentada por dentro, despida de mil teorias e crenças.

— Eu não pretendia. Quando descobri que ela queria alterar a sucessão, eu a procurei para persuadi-la a mudar de ideia.

— Ah, não. Você foi para matá-la, Andarilho da Noite. Não entrou pela porta da frente como um homem. Entrou pelo telhado ou por uma janela, para que os guardas no corredor não o vissem. — Isso não teria sido difícil para um Demonai.

— Eu só queria falar com ela — insistiu Andarilho da Noite. — Mas ela me mandou sair. Disse que não cabia a mim questionar as decisões dela. Eu fiquei com raiva. Nós lutamos e ela caiu.

A incapacidade — ou o desinteresse — de Andarilho da Noite de controlar a raiva era famosa.

— Minha mãe pegou seu talismã Demonai, não foi? A corrente quebrou.

Raisa lembrou a reunião em Pinhos Marisa, Sabiá desembrulhando o amuleto que o assassino supostamente deixara para trás. Lembrou-se do comportamento estranho de Sabiá ao fazer isso.

— E Sabiá Noturna encobriu você. Mentiu. Fingiu ter encontrado o amuleto no jardim.

— Ela *encontrou* o amuleto no jardim. Eu coloquei lá depois que Averill nos mostrou a corrente quebrada. Acho que ela desconfiou de alguma coisa, pois já tinha revistado o jardim antes. Mas não disse nada, claro.

Raisa já imaginava a mentira sendo perpetuada pelos tempos. Han seria culpado pelo assassinato dela, e ela seria culpada pela invasão das terras baixas. Diriam que ela fora mais uma rainha Lobo Gris estúpida no amor. Que cedera à luxúria e quase destruía o reino.

Não. Ela não deixaria que isso acontecesse.

Raisa tocou o cabo da adaga. Ele era Demonai. Ela não tinha ilusões de lutar melhor do que Andarilho da Noite. Mas, se conseguisse deixá-lo com raiva, talvez ele cometesse um erro fatal. Ou pelo menos a matasse de um jeito que Han não pudesse levar a culpa.

— Tenho que dizer uma coisa. Você é consistente, Reid Andarilho da Noite Demonai. É um covarde que persegue mulheres. Ganhou seu nome de Andarilho da Noite entre as cobertas, e não nos campos de batalha.

— Cale a boca. Isso não vai ajudar você.

Raisa ergueu a voz.

— Em vez de enfrentar Gavan Bayar, que era o verdadeiro vilão da situação, você assassinou minha mãe. Isso era, sem dúvida nenhuma, mais fácil e mais seguro.

— É mentira. — Andarilho da Noite bateu a mão na parede. — Cale a boca e desça. Não quero mais conversar.

— E agora vai me assassinar — continuou Raisa, como se não tivesse ouvido. — E por quê? O que acho é o seguinte...

— Eu *mandei* calar a boca — rebateu Andarilho da Noite, empurrando violentamente a pilha de caixas. — Cale a boca, senão vou subir atrás de você.

Ele contornou a base de apoio de Raisa, procurando um caminho para subir.

— O que penso é o seguinte! — Raisa praticamente gritou, como se estivesse falando em um templo. Ela encheu a voz com o máximo de escárnio que conseguiu. — Minha mãe foi infiel ao meu pai, o que era problema dela, não seu. E eu cometi a temeridade de dizer não para você.

Andarilho da Noite começou a subir, murmurando palavras. Mas ele era maior, e quando tentou usar as caixas empilhadas como apoio, elas oscilaram perigosamente.

Raisa tocou a adaga, pensando no que fazer. Se jogasse e errasse, ficaria sem arma. Mas também não queria ficar ao alcance dele.

Quando Andarilho estava perto demais para ela continuar esperando, Raisa lançou a adaga. Ele se jogou para o lado, agarrando-se à parede, mas derrubando a pilha de caixas.

A lâmina bateu no chão com um estalo.

Não foi o suficiente. O braço de Andarilho da Noite estava sangrando, mas fora superficial. Ele mostrou os dentes em um sorriso e continuou se aproximando.

Raisa subiu mais alto, até bater com a cabeça no teto, depois uniu os calcanhares e pulou, mirando os pés na cabeça de Andarilho da Noite. Se os dois morressem ali, Han não levaria a culpa.

Desta vez, ela acertou, e os dois caíram quase um andar inteiro até o chão. Raisa tentou pousar com algum controle, mas bateu com o ombro. A dor foi cegante. Mesmo assim, ela se levantou e cambaleou até o bastão na parede. Pegou-o com o braço bom e se virou.

Andarilho da Noite também estava de pé. Ele pegou a adaga de Raisa e andou na direção dela como o predador que era, uma lâmina em cada mão.

— Agora, você vai pagar por ter me desrespeitado. Mas vou garantir que ainda esteja reconhecível quando encontrarem o corpo.

Raisa tentou levantar o bastão, mas foi difícil com o braço esquerdo pendendo inutilmente na lateral do corpo. Estava basicamente indefesa.

— Andarilho da Noite! — Uma voz soou alta e clara atrás dele. — Deixe Raisa em paz. Muito sangue já foi derramado.

Andarilho da Noite parou e se virou para olhar.

— Sabiá Noturna, é você? — Ele pareceu perplexo. — O que está fazendo aqui?

Ela estava em cima de uma pilha de madeira, os pés separados e uma flecha posicionada no arco, puxado até a orelha.

— Estou aqui para impedir que você mate mais gente. Ando observando você desde que a rainha Raisa anunciou o noivado.

— Qualquer coisa que você pense que escutou, posso explicar — disse Andarilho da Noite.

— Mais mentiras? — Sabiá Noturna riu com desdém. — Poupe seu fôlego. Quando encontrei o amuleto no jardim da rainha, achei que você tinha plantado lá, pois eu já tinha revistado a área minuciosamente no dia anterior. — Ela balançou a cabeça. — Achei que você tinha feito isso para fortalecer o caso contra os magos, para aqueles que ainda duvidassem. Achei que os Bayar fossem culpados e que os fins justificariam os meios.

Andarilho da Noite abriu a boca para falar, mas Sabiá Noturna prosseguiu antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

— Eu nunca quis nada além de ser Demonai. Jamais teria acreditado que um guerreiro Demonai entraria em um quarto e mataria uma mulher desarmada. E depois ainda botaria a culpa em outra pessoa.

— Sabiá Noturna — disse Andarilho da Noite, os olhos fixos em Raisa. — Não seja tola. Saia daqui. Vou procurar você depois e vamos conversar.

— Não quero mais conversar. E já decidi deixar de ser tola. Não vou esperar que você venha me matar na minha cama. Estou aqui para restaurar o que sobrou da honra Demonai. Elena e Averill traíram Caçador Solitário quando pediram a ajuda dele contra o Conselho dos Magos. E agora isso. — Ela fez uma pausa, e sua voz falhou. — Quando fui chamada para os Demonai, não sabia se era boa o bastante. Agora, acho que os Demonai não são bons o bastante para mim.

Raisa segurava o bastão frouxamente, apoiado para que conseguisse girá-lo para um lado ou outro, quase desmaiando de dor no ombro.

Andarilho da Noite desviou o olhar para Sabiá, como se estivesse avaliando se ela realmente agiria. Ele se virou, recuou o braço e jogou a faca com força na direção de Sabiá. Em seguida, pulou até Raisa segurando sua adaga.

O arco de Sabiá soou, mas Andarilho continuou se aproximando. Raisa bateu com o bastão usando o máximo de força que conseguiu. Acertou Andarilho da Noite na barriga e o impediu de avançar por um segundo, mas não foi um golpe incapacitante. Por um momento, ele ficou parado, esticando a faca na direção dela como se pudesse cobrir a distância entre os dois. O arco soou de novo e ele fez uma careta, arregalou os olhos e caiu no chão, com duas flechas de penas pretas cravadas no meio das costas.

Raisa estremeceu ao se lembrar da reação furiosa de Sabiá à traição de Elena a Han. *Você é o tolo, Andarilho da Noite, pensou ela. Nunca se deu ao trabalho de conhecer sua "parceira de cama".*

Ela olhou para Sabiá, que observava Andarilho da Noite, como se quisesse garantir que ele não se levantaria. Seus olhos se desviaram para Raisa, e ela apertou o punho contra o peito em uma saudação dos clãs.

Então Raisal viu o que não tinha visto antes. A faca de Andarilho da Noite acertara Sabiá Noturna, bem na base do pescoço.

— Sabiá! — gritou Raisal. — Doce Lady martirizada!

Sabiá oscilou, arregalou os olhos e levou as mãos ao pescoço. Sangue saiu por sua boca e ela caiu como uma boneca de pano no piso do armazém.

Quando Amon Byrne as encontrou, Raisal estava sentada no chão sujo de sangue, aninhando Sabiá nos braços, cantando um réquiem dos clãs.

CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

Reconstruir

Han descobriu que estar em guerra podia servir como desculpa para quase qualquer coisa, inclusive para um casamento pequeno e um tanto apressado.

Ele nunca imaginara entrar no templo aos dezoito anos; e por pouco, uma vez que tinha acabado de fazer aniversário. Mas, por outro lado, durante quase toda a vida, não esperara *viver* até os dezoito anos. Vendo por esse ângulo, ele estava se casando tarde.

Han estava ansioso para acabar logo com isso antes que a oposição pudesse se organizar ou alguma calamidade acontecesse. Não conseguia afastar a preocupação irritante de que Raisa poderia mudar de ideia. Ou de que os oradores do templo pudessem decidir que primos de 95º grau não podiam se casar.

Ele se lembrou do que dissera à garota que conhecia como Rebecca, em uma noite em Vau de Oden.

Cada vez que tento guardar alguma coisa para o futuro, ela é tirada de mim.

Embora os Demonai continuassem reclamando um pouco, Averill e Elena haviam abandonado a oposição ativa ao casamento deles. O orgulho Demonai levara um golpe severo. Lorde Averill, particularmente, ficara arrasado com as revelações sobre Andarilho

da Noite. O guerreiro era protegido dele, filho adotivo, sua escolha para dar a mão da filha em casamento. A notícia de que ele matara Marianna o atingira. Apesar dos problemas no casamento, apesar da infidelidade da rainha, Averill a amava.

Portanto, apesar de nem Elena nem Averill estarem felizes de Han entrar para a família, não era fácil fazer sermão sobre os perigos dos magos, na situação em que se encontravam.

Os Demonai homenagearam Sabiá Noturna com uma cerimônia de ábeornan, uma pira funerária reservada para os guerreiros mais corajosos e valorosos. Afinal, ela salvara a vida da rainha e provavelmente impedira uma guerra civil.

Han e Raisa decidiram se casar no templo do jardim do telhado, o mesmo lugar que testemunhara tantos segredos. Onde Alger Waterlow e Hanalea se encontravam em segredo. Onde Han tentara e não conseguira convencer Raisa a fugir com ele.

Telhados têm algo de especial, pensou Han, sorrindo.

Dançarino aceitara ficar ao lado de Han e Mellony, de Raisa. O orador Jemson faria a leitura da bênção.

Magret Gray leria o Livro do Templo. Ela não manifestara aprovação a Han, exatamente, mas orquestrara muitos dos detalhes do casamento, até as roupas da igreja.

Cat tocaria basilka. O ataque de Andarilho da Noite no armazém a deixara com uma concussão e uma perna quebrada, mas ela estava determinada a testemunhar o espetáculo de Alister Algema entrando no templo.

A lista de convidados foi um desafio. Han e Raisa queriam se casar cercados de familiares e amigos, pois já passariam tempo suficiente com inimigos, no futuro. Algumas escolhas eram óbvias: Averill e Elena, Amon e Annamaya, Char Dunedain, Willo, Gryphon e Mordra. Han acrescentou Sarie Dobbs. Ele a conhecia desde que era um *lytling*, então ela era o mais próximo que ele tinha de família.

Raisa, claro, tinha legiões que poderia ter convidado, apesar de eles terem decidido não fazer convites políticos para pessoas de

fora do reino. Ela convidou os Lobos Gris: Mick, Hallie, Talia e Pearlie, que haviam apoiado a primeira fagulha do relacionamento deles, em Vau de Oden.

Han e Raisa concordaram em convidar Missy e Jon Hakkam e o pai deles, Lassiter, tio de Raisa. Embora não fossem as pessoas favoritas dos dois, eles se encaixavam na categoria família.

Eles discordaram sobre Micah Bayar.

— Eu não quero Bayar lá — disse Han. — E ele também não quer ir. Acha que sou culpado pelas mortes do pai e da irmã. Vai pensar que estou esfregando isso na cara dele.

— Eu quero que ele vá — respondeu Raisa — Ele precisa ver e aceitar que estamos casados, e que um casamento entre mim e ele não vai acontecer. — Ela fez uma pequena pausa. — Além do mais, Mellony quer que ele vá.

— Quando Mellony se casar, ela pode convidar quem quiser — resmungou Han.

Ele não tinha nenhum desejo de se exhibir para Micah, o que era uma surpresa. Eles todos já tinham sofrido perdas demais. Embora a pequena capela fosse estar cheia, Han ainda veria os lugares vazios onde os entes queridos deveriam estar. E Micah também veria.

Não queria aqueles olhos negros acusadores fixos nele. Não queria se sentir culpado no dia do casamento.

— Han — disse Raisa, segurando suas mãos. — Precisamos de Micah. Ele é um dos magos mais poderosos que temos, além de você e Dançarino. Perdemos muitos magos no último ano, talento insubstituível. Montaigne vai voltar, você sabe que vai. Ele foi derrotado por uma mulher que recusou sua proposta de casamento e não vai conseguir viver com isso. Tem todo o exército de Arden e Tamron à disposição. Vamos precisar usar todas as nossas forças para estarmos prontos quando ele voltar.

No final, claro, Raisa teve o que queria.

Han se vestiu no quarto adjacente ao dela, distraído pela imagem de Raisa fazendo o mesmo do outro lado da porta. A rainha tinha Cat, Magret, Missy e algumas outras ajudando-a. Han tinha Dançarino, que, vestido com roupas confortáveis dos clãs, ficou sentado achando graça enquanto Han lutava com as roupas das terras baixas.

Raisa dera a Han uma camisa de linho tão delicada que acariciava sua pele como pétalas de flores. Willo dera a ele um casaco marrom-escuro e belas botas de couro. Os alfaiates contribuíram com estolas de mago em dourado e castanho, com o desenho dos corvos de Waterlow, e uma calça justa. Não era tão elegante quanto algumas pessoas poderiam querer para um casamento real, mas estava bom para ele.

Dançarino fizera para Raisa e Han anéis trançados de platina, combinando com os anéis de noivado, que eram talismãs.

Houve uma batidinha na porta.

— Está na hora — anunciou Magret Gray.

Eles seguiram Magret pelo corredor, os passos ecoando no mármore. Segurando as saias com as duas mãos, Magret subiu a escada até o jardim do telhado, com Han e Dançarino atrás.

Dois casacos azuis ladeavam o portão. Eles se afastaram para deixar Magret passar, como um grande navio atravessando um canal apertado. Han e Dançarino a seguiram.

O jardim estava cheio de luzes mágicas e flores de outono: crisântemos, álamos e lírios. Quando eles se aproximaram do pequeno templo, Han ouviu as notas da basilka de Cat.

Raisa estava esperando por eles logo depois da porta.

Usava um vestido de seda com uma mistura sutil de tons da floresta que deixavam os ombros cor de caramelo expostos. A peça envolvia seu corpo até a cintura, depois se abria feito folhas, balançando ao redor dos quadris sempre que ela se movia. O cabelo estava cheio de flores, e esmeralda e ouro cintilavam nos pulsos e tornozelos.

Ela andou descalça até Han, como uma fada saída de um caramanchão na floresta, uma mistura enfeitiçante de beleza dos clãs e das terras baixas. A pulsação de Han acelerou quando seu desejo foi despertado. Ele só conseguia pensar que queria beijar aquela boca de novo. Que queria pressionar os lábios na tatuagem de rosa logo abaixo da clavícula dela.

Raisa segurou as mãos dele e sorriu com malícia, como se soubesse o efeito que tinha sobre Han. Mellony e Dançarino seguiram logo atrás.

— Lorde Hanson Alister e Sua Majestade Raisa *ana*’Marianna chegaram ao templo — disse Magret, a voz reverberando no vidro e na pedra.

Han observou o local, todo iluminado com velas e luzes mágicas. Os convidados estavam espalhados dos dois lados de um corredor central que seguia direto até o altar. Cat estava sentada na frente com a basilka, a perna esquerda amarrada em uma tala aparecendo debaixo das camadas de saia.

O orador Jemson ao lado do altar, com suas melhores vestes do templo.

— Aproximem-se, Raisa *ana*’Marianna e Han Alister — disse ele.

Raisa puxou a mão de Han, despertando-o do devaneio, e eles avançaram, com Dançarino e Mellony a uma pequena distância. Han teve vislumbres dos espectadores com os cantos dos olhos: os casacos azuis, todos sentados juntos de uniforme, Talia e Pearlie de mãos dadas com expressão sonhadora.

Amon e Annamaya estavam na fileira da frente, também de mãos dadas.

O que ele está pensando?, perguntou-se Han, observando a expressão séria e compenetrada de Amon. Ele e Raisa já tinham estado apaixonados. Será que ele ainda tinha sentimentos por ela?

Do outro lado do corredor, o pai e a avó de Raisa estavam sentados rigidamente com as melhores roupas dos clãs e a expressão de comerciante.

No final da primeira fileira, perto da parede, Micah Bayar estava relaxado na cadeira, as pernas compridas dobradas à frente, os ângulos intensos do rosto iluminados pelo brilho do amuleto. Sem dúvida, pretendia parecer relaxado, até mesmo entediado pela cerimônia, mas estava apertando os braços da cadeira até os nós dos dedos ficarem brancos.

Por que ele tinha que vir?, perguntou-se Han. *Podia ter dito não.*

Han se virou decididamente e encarou o orador Jemson.

— Hanson Alister — disse Jemson, sorrindo para os dois. — O que traz você ao templo esta noite?

— Eu vim me unir a Raisa *ana'*Marianna como marido e consorte — respondeu Han. — Para me unir em frente ao Criador e aos nossos amigos, no espírito e na carne.

— E você, Raisa *ana'*Marianna? — perguntou o orador. — O que traz você ao templo?

— Eu vim me unir a Han Alister como esposa e rainha. Para me unir em frente ao Criador e aos nossos amigos, no espírito... e na carne.

As bochechas dela ficaram rosadas ao dizer isso.

— E vocês dois fazem isso de livre e espontânea vontade?

— Ah, sim! — disseram eles, juntos, despertando risadinhas por toda a capela.

— Então vamos falar sobre o que isso significa — disse Jemson, e continuou guiando-os pela cerimônia de casamento, pelos juramentos e afirmações e perguntas e respostas que constituíam a cerimônia na Velha Igreja.

Han conseguiu acertar as falas mesmo quando distraído por uma confusão de pensamentos. Queria que sua mãe e Mari pudessem estar ali. Mari adoraria as velas e luzes mágicas, o romance e a cerimônia. Sem mencionar os doces na recepção, depois.

E Lucius. Lucius fora fonte de dor considerável, mas por fim contara a verdade a Han, quando todo mundo se recusava a isso.

Ele viu movimento no canto e Cão apareceu, o rabo balançando como uma bandeira. Ele conseguiu ir ao casamento, apesar das tentativas de Magret de trancá-lo. Então Lucius estava representado.

E Corvo. Ele fora o autor de muito do que acontecera, pagara um preço alto demais pelo amor, e devia estar presente na conclusão.

Han olhou para trás do altar e viu lobos cinzentos sentados em círculo, os rabos ao redor das patas, e isso deu a ele a semente de uma ideia.

Então sentiu a vibração de pés batendo e de aplausos, ergueu o rosto e viu todo mundo esperando o primeiro beijo. Ele tomou Raisal nos braços e a beijou como se fosse a primeira, a última e a única vez.

Mas, na verdade, eles estavam apenas começando.

EPÍLOGO

— Foi *isso* que você vestiu? — perguntou Corvo. Ele tentou parecer irritado, mas não conseguiu. — Vire-se.

Han girou, obedientemente, e esticou os braços para mostrar o traje.

— Acho que é bem parecido — disse Han sobre as roupas conjuradas. — Pelo que eu me lembro.

— Não é meio simples para um casamento? — Corvo franziu a testa.

— Não parece certo exagerar quando ainda estamos em guerra com Arden, tanta gente morreu e outras pessoas ainda lutam para sobreviver. — Han apontou para o templo do jardim, que ele conjurara como local de encontro em Aediion. — Fizemos a cerimônia aqui. Onde você e Hana se encontravam. Estava assim.

Corvo observou o jardim, analisando os crisântemos, os álamos, os lírios, os antúrios e as hidrângeas com um toque de geada.

O telhado do templo estava coberto de hera florida.

— Hummm. — Corvo esfregou o queixo. — Está bom, Alister. Eu só teria acrescentado uma coisa. — Ele conjurou a Coroa Escarlate entre as mãos e a ergueu. — Isto teria sido um bom detalhe.

Han balançou a cabeça.

— Já falei. Não *quero* ser rei. Eu nem queria ser o consorte oficial, mas, se me caso com a rainha, não tenho escolha. O amor e a política não deviam andar juntos.

Corvo revirou os olhos, mas a coroa desapareceu.

— Nós, Waterlow, sempre viramos uns bobos por causa de mulheres. Infelizmente, parece ser um traço dominante. — Ele fez uma pausa. — Não houve derramamento de sangue nesse casamento? Nenhuma emboscada Demonai? Nada de traição dos Bayar?

Han balançou a cabeça.

— Ainda pode acontecer, mas não.

E, se acontecer, ainda vai valer a pena. A lembrança tomou conta de Han, as longas horas passadas na cama de Raisa, os corpos entrelaçados. Depois, na cama dele. Depois, no jardim do telhado.

Há muitos aposentos no palácio, pensou Han. E sete reinos para explorar.

Voltando ao presente, ele viu que Corvo também estava distraído, com o olhar distante. Han imaginou que ele talvez estivesse relembrando o próprio casamento, mil anos antes, que precipitara tantos desastres.

— Se você já terminou de criticar minhas roupas, Dançarino e eu planejamos uma surpresa para você — anunciou Han. — Não sabemos se vai dar certo, se vamos conseguir, mas... queremos tentar.

Corvo pareceu intrigado.

— O quê?

— Lembra quando eu trouxe Lucius a Aediion comigo? Vamos tentar uma coisa parecida.

— Não, não, não me diga — disse Corvo com sarcasmo. — Você vai encenar o casamento em Aediion.

Han balançou a cabeça.

— Não. Na verdade, nós...

Nesse momento, o ar começou a ondular e dançar. Duas formas ficaram visíveis, se solidificaram e se tornaram nítidas. Era Dançarino de Fogo e um lobo com olhos cinzentos e límpidos.

Corvo inclinou a cabeça, observando.

— O que é isso, Alister? O que você...?

A voz dele sumiu quando o lobo ficou turvo e ondulou, depois se esticou verticalmente e mudou em frente aos olhos dele. Por fim, uma jovem graciosa apareceu, usando uma calça e um casaco de couro de estilo antiquado, com o cabelo claro preso em uma trança comprida. Ela usava um anel de ouro que pareceu familiar a Han. Era o que Raisa usava, com os lobos ao redor.

Han observou a mulher, em busca de sinais de que ela tinha consciência própria. Conjurar uma imagem em Aediion era bem diferente de transportar um espírito que não era mago.

Corvo também encarava a mulher, a boca literalmente aberta. Ele engoliu em seco.

— Alister. Isso é... é algum tipo de piada cruel?

— As rainhas Lobo Gris vivem como lobos — explicou Han, torcendo desesperadamente para que aquilo não acabasse sendo um desastre. — Me disseram que só os descendentes de Hanalea conseguem vê-las, mas criei um feitiço para que Dançarino também pudesse. As rainhas têm sangue mago, de antes da Cisão, e pensei que talvez...

Mas Corvo não parecia estar ouvindo.

— Hana — sussurrou ele, com o rosto tomado de dor, esperança e desejo.

Ela sorriu, e foi como tirar a cobertura de um lampião. Hanalea deu um passo à frente e esticou os braços.

— Alger — disse ela, com voz baixa e musical. — Eu não acreditei quando disseram que você ainda estava vivo. — Ela engoliu em seco, lágrimas escorrendo pelo rosto. — Eu tenho tanto para lhe dizer.

Corvo andou na direção dela com os braços esticados, como se estivesse preso em um sonho, o que, de certa forma, estava mesmo.

Às vezes, um sonho bastava.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus primeiros leitores, que não reclamam (na minha presença) quando criticam alguma coisa, mas eu descarto a ideia: Marsha McGregor, Pam Daum, Jim Robinson, Dawn Fitzgerald, Jeff Harr, Don Gallo, Julianne Montville e Leonard Spacek.

Àqueles que estão comigo desde o começo, os YAckers Jody Feldman, Debby Garfinkle, Mary Beth Miller, Martha Peaslee Levine e Kate Tuthill. A Eric, que nunca me deixa escapar de nada, mas de vez em quando eu engano até você! E a Keith, meu criativo lado esquerdo/lado direito do cérebro.

À maravilhosa equipe da Hyperion: minha editora, Abby Ranger, que é sempre a adulta presente, mas continua encorajando as partes mais sensuais; a Laura Schreiber pelas dicas maravilhosas e olhos atentos; à equipe de marketing e publicidade: Ann Dye, Dina Sherman, Jennifer Corcoran, Hallie Patterson e Nellie Kurtzman. Ao designer Tyler Nevins e ao ilustrador Larry Rostant: suas capas fazem promessas visuais muito lindas.

Ao meu agente extraordinário, Christopher Schelling, e ao meu representante de direitos internacionais, Chris Lotts: espero que o ano que vem seja menos interessante do que este.

E sempre a Rod, pelo amor, apoio técnico e benefícios de todos os tipos.



PAMELA Z. DAUM

CINDA WILLIAMS CHIMA se formou na Universidade de Akron, onde lecionou até 2009, quando decidiu ser escritora em tempo integral. Autora best-seller do *New York Times* e do *USA Today*, Chima mora em Ohio com a família e está sempre trabalhando em seu próximo livro.

Copyright © 2012 by Cinda Williams Chima

Todos os direitos reservados. Publicado por Disney • Hyperion Books, um selo de Disney Book Group. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou retransmitida em qualquer formato ou meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou sistemas de informação e armazenamento, sem autorização escrita da editora. Para mais informações: Disney • Hyperion Books, 114, Fifth Avenue, New York, 10011-5690.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Crimson Crown

Capa

Marianne Lépine sobre design original

Imagem de capa

De "The Crimson Crown" de Cinda Williams Chima. Ilustração de capa © 2012 por Larry Rostant. Reimpressa com permissão da Disney • Hyperion Books. Todos os direitos reservados.

Mapa

Da série "Os Sete Reinos" de Cinda Williams Chima. Ilustração © 2009 by Disney Enterprises, Inc. Reimpresso com permissão da Disney • Hyperion Books. Todos os direitos reservados.

Copidesque

Beatriz D'Oliveira

Revisão

Flora Pinheiro

Rachel Rimas

Eduardo Carneiro

ISBN 978-85-438-0505-4

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br